

BERLÍN

ALEXANDERPLATZ

Alfred Döblin

InfoLivros.org



SINOPSE DE BERLIM ALEXANDERPLATZ

A Berlin Alexanderplatz de Alfred Döblin é considerada por muitos como o romance mais importante da literatura alemã e um dos bastiões do modernismo. Conta a história de Franz Biberkopf, um ex-presidiário libertado de uma sentença de quatro anos em Berlim. Embora seu objetivo seja ser reabilitado, seu caminho está novamente retorcido.

O trabalho inclui elementos que romperam com os padrões narrativos do romance tradicional, como o monólogo interior, os diferentes pontos de vista, a estrutura cronológica da história e a intensidade expressiva, entre outros. É uma história cheia de emoção, intensidade e ação do começo ao fim, apresentada na gíria coloquial da capital alemã.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link [Berlin Alexanderplatz por Alfred Döblin em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [Berlin Alexanderplatz author Alfred Döblin](#)
- Espanhol InfoLibros.org: [Berlin Alexanderplatz autor Alfred Döblin](#)

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

PRIMEIRO LIVRO

Aqui, no começo, Franz Biberkopf deixa o presídio de Tegel, onde foi parar devido à sua insensata vida anterior. Só com dificuldade finca o pé novamente em Berlim, mas finalmente com êxito. Isto o enche de alegria e então faz a si mesmo a promessa de ter uma vida decente.

Com o 41 até a cidade

Estava diante do portão da prisão de Tegel, livre. Ontem ainda passava o ancinho na horta de batatas lá de trás com os outros, com uniforme de presidiário; agora andava com um casaco amarelo de verão, lá atrás eles catavam batatas, ele estava livre. Deixou bondes e mais bondes passarem, pressionava as costas contra o muro vermelho e não saía do lugar. O guarda do portão passou algumas vezes por ele, apontava-lhe seu bonde, ele não ia embora. O momento horrível chegara [horrível, Franze1, por que horrível?], os quatro anos acabaram. Os batentes de ferro preto

do portão que observava há um ano com crescente repulsa [repulsa, por que repulsa?] estavam fechados atrás dele. De novo o rejeitaram. Lá dentro, os outros cumpriam pena, carpintejavam, envernizavam, selecionavam, colavam, ainda tinham

dois anos, cinco anos. Ele estava parado no ponto do bonde.

A pena começa.

Estremeceu, engoliu em seco. Tropeçou no próprio pé. Então tomou impulso e sentou-se no bonde elétrico. No meio das pessoas. Adiante. Primeiro foi como no dentista, quando este agarra a raiz de um dente com o boticão e o arranca, a dor aumenta, a cabeça ameaça explodir. Voltou a cabeça na direção do muro vermelho, mas o bonde disparou com ele sobre os trilhos, então só sua cabeça continuou virada para o lado da prisão. O vagão fez uma curva, árvores e casas intercalavam-se. Ruas animadas surgiam, a Seestrasse, pessoas subiam e desciam. Dentro dele, o grito soava terrível: atenção, atenção, vai começar. A ponta de seu nariz gelou, sua bochecha vibrava. “Jornal vespertino do meio-dia”, “B. Z.”², “A mais nova revista”, “a Funkstunde”³, “subiu mais alguém?”. Os policiais agora usam uniformes azuis. Desceu do vagão sem que ninguém percebesse,

estava no meio das pessoas. E daí? Nada. Olhe a postura, seu porco esfomeado, controle-se, vai sentir o cheiro do meu punho no nariz. Formigueiro, que formigueiro. Como tudo se movimentava. Meu miolo parece que não tem mais banha, deve ter secado por completo. O que era tudo isso? Lojas de calçados, lojas de chapéus, lâmpadas, lojas de bebidas destiladas. As pessoas precisam de sapatos se andam tanto de um lado para outro, nós também tínhamos uma sapataria, vamos manter isso em mente. Cem vidraças luzidas, deixe que brilhem, elas não vão amedrontar você, pode então quebrá-las, o que há com elas, é que foram polidas. Quebravam o calçamento da Rosenthaler Platz, caminhou entre os outros sobre pranchas de madeira. A gente se mistura aos outros, aí tudo passa, daí você não percebe nada, cara. Manequins posavam

nas vitrines com ternos, casacos, saias, meias e sapatos. Do lado de fora, tudo se movimentava, mas – lá atrás – não havia nada! Nada parecia ter vida! Tinham rostos alegres, riam, aguardavam na ilha, diante do Aschinger, em dois, ou em três, fumavam cigarros, folheavam jornais. Ficavam como os postes – e – cada vez mais imóveis. Faziam par com as casas, tudo branco, tudo madeira.

O susto percorreu-o por dentro quando desceu a Rosenthaler Strasse, e num pequeno boteco um homem e uma mulher

estavam sentados perto da janela: vertiam cerveja em canecos goela abaixo, sim era isso, bebiam, tinham garfos e espetavam com eles pedaços de carne, levando-os à boca, retiravam então novamente os garfos e não sangravam. Oh, como seu corpo se contraía, não consigo me livrar disso, para onde ir? A resposta: a pena.

Não podia voltar, viera de bonde de tão longe até aqui, fora solto da prisão e precisava entrar aqui, bem mais fundo.

Bem sei, engoliu o suspiro, que tenho de entrar aqui e que fui solto da prisão. Tiveram de me soltar, a pena tinha acabado, tudo dentro da ordem, o burocrata cumpre sua obrigação. Também vou entrar, mas não quero, meu Deus, não consigo.

Percorreu a Rosenthaler Strasse, passando pela loja de departamentos Tietz, e virou a esquina, entrando na estreita Sophienstrasse. Pensou, esta rua é mais escura, onde está escuro vai ser melhor. Os detentos, incomunicáveis, são alojados em celas individuais e comuns. Na cela, o preso incomunicável é mantido ininterruptamente, dia e noite, separado dos outros presos. Na cela individual, o preso é detido numa cela, contudo, na caminhada ao ar livre, na aula, na missa, fica reunido com os

outros. Os carros continuavam a roncar e a buzinar, fachadas e mais fachadas de casas corriam velozes. E sobre as casas havia telhados, que pairavam sobre elas, seus olhos vagueavam para cima: que os telhados não escorreguem e desabem, mas as casas estavam firmes e retas. Para onde vou eu, pobre diabo, arrastava-se beirando a parede das casas, que não tinha fim. Sou um grande tolo, vai dar para a gente se virar por aqui, cinco minutos, dez minutos, depois a gente toma um conhaque e vai se sentar. Ao toque de sino correspondente, é hora de começar o trabalho imediatamente. E este só pode ser interrompido na hora determinada para as refeições, passeio, aula. Durante o passeio, os presos têm de manter os braços estendidos e movimentá-los para frente e para trás.

Lá estava uma casa, afastou o olhar da calçada, abriu uma porta e de seu peito soou um triste e rouquenho oh, oh. Jogou os braços contra o peito, isso seu moço, aqui você não sente frio. A porta do pátio se abriu, alguém passou

por ele arrastando os pés, postou-se atrás dele. Agora gemeu, fazia-lhe bem gemer. Em sua primeira cela incomunicável, sempre gemia assim e ficava contente de ouvir a própria voz, aí se possui alguma coisa, nem tudo está perdido. Muitos faziam isso nas celas, alguns no início, outros mais tarde, quando se sentiam solitários. Então começavam, era algo ainda humano, isso os

consolava. Assim o homem ficou parado no vestibulo da casa, não ouvia o terrível barulho da rua, as casas malucas não estavam aí. Grunhiu fazendo um bico e tomou coragem, os punhos cerrados nos bolsos. Seus ombros sob o casaco de verão amarelo estavam encolhidos para a defesa.

Um estranho se colocara ao lado do presidiário libertado, olhava para ele. Ele perguntou: “O cavalheiro está sentindo alguma coisa, não está bem, alguma dor?”, até que o outro o notou, parando imediatamente de grunhir. “O cavalheiro está se sentindo mal, mora aqui nesta casa?” Era um judeu de barba ruiva, um homem pequeno, de casaco, um chapéu de veludo negro, uma bengala na mão. “Nada, não moro aqui.” Precisava sair do vestibulo, o vestibulo já tinha sido bom. E então a rua recomeçava, as fachadas das casas, as vitrines, as figuras apressadas de calças ou meias claras, todas tão rápidas, tão despachadas, a cada instante uma outra. E como estava decidido, entrou novamente no vestibulo de uma casa, onde os portões se abriam para deixar passar um carro. Depois, depressa para a casa vizinha, num vestibulo estreito ao lado de uma escadaria. Aqui nenhum carro podia entrar. Segurou a haste do corrimão. E enquanto a segurava, sabia que queria fugir da rua [oh, Franz, o que você quer fazer, não vai conseguir], certamente o faria, já sabia onde havia uma saída. E baixinho começou de novo sua

música, o grunhido e o resmungo, e não voltou para a rua. O judeu ruivo tornou a entrar na casa, a princípio não descobriu o outro junto ao corrimão. Ouviu-o cantarolar. “Diga lá, o que o cavalheiro está fazendo aqui. Não está se sentindo bem?” Ele soltou a haste do corrimão, andou em direção ao pátio. Quando tocou o batente do portão, viu que era o judeu da outra casa. “Siga seu caminho! O que deseja da gente?” “Ora, ora, nada. O cavalheiro geme e suspira, e então a gente se pergunta como o cavalheiro está.” E pela fresta da porta, do outro lado, de novo as benditas casas, as pessoas formigando, os telhados escorregadios. O ex-presidiário abriu a porta do pátio, o judeu atrás dele: “Ora, ora, o que pode acontecer, não vai ser tão ruim assim. Não se morre disso. Berlim é grande. Onde moram milhares, um a mais também vai conseguir viver”.

Um pátio alto e sombrio estava lá. Ao lado da lata de lixo, lá ficou parado. E de repente começou a cantar aos brados, dirigiu o canto para as paredes. Tirou o chapéu da cabeça como um tocador de realejo. As paredes ecoavam e devolviam o som. Era bom. Sua voz enchia seus ouvidos. Cantou com voz tão alta como nunca pudera cantar na prisão. E o que cantava a ponto de ecoar pelas paredes? “Ressoa um clamor como um trovão.” Firmemente marcial e vigoroso. E depois: “Viva, aleluia”, lançado do meio da música. Ninguém lhe deu atenção. O

judeu recebeu-o no portão. “O cavalheiro cantou bem. O cavalheiro realmente cantou muito bem. O cavalheiro poderia ganhar ouro com a voz que tem.” O judeu o acompanhou pela rua, tomou-lhe o braço, envolveu-o numa conversa interminável até dobrarem a esquina da Gormannstrasse, o judeu e o sujeito forte, grande, de casaco de verão, que cerrava os lábios como se quisesse cuspir bile.

Ainda sem chegar

Foi para um cômodo que ele o levou, onde havia um aquecedor de ferro aceso, sentou-o no sofá: “Pois bem, aqui está o cavalheiro. Pode sentar-se tranquilo. Pode manter o chapéu na cabeça ou tirá-lo, como quiser. Só

vou buscar uma pessoa de quem vai gostar. É que eu mesmo não moro aqui. Só sou hóspede como o cavalheiro. Ora, como é costume, um convidado traz o outro, contanto que o quarto esteja aquecido”.

O ex-presidiário ficou sentado sozinho. Ressoa um clamor como um trovão, como o tinido de espadas e o ribombar das ondas. Andou de bonde, olhou para o lado, os muros vermelhos eram

visíveis entre as árvores, chovia folhagem colorida. Os muros estavam diante de seus olhos, observava-os no sofá, observava-os sem parar. É uma grande sorte morar nestes muros, a gente sabe como o dia começa e como ele avança. [Franz, você não vai querer se esconder, você já se escondeu os quatro anos, tenha coragem, olhe em volta, um dia essa coisa de se esconder vai ter um fim.] Cantar, assobiar, fazer barulho, tudo isso é proibido. Os presos têm de ficar de pé imediatamente ao sinal de levantar, arrumar o alojamento, lavar-se, pentear-se, limpar as roupas e vestir-se. Sabão é disponível em quantidade suficiente. Bum, um toque de sino, levantar, bum, cinco e meia, bum, seis e meia, destrancar, bum bum, para fora, tomar o café da manhã, horário de trabalho, hora de recreação, bum bum bum, almoço, rapaz, não torça a fuça, aqui não há regime de engorda, os cantores devem apresentar-se, apresentação dos cantores cinco e quarenta, anuncio-me com voz rouca, seis horas, cerrar portas, boa noite, conseguimos. Uma grande sorte morar nestes muros, arrastaram-me para a lama, quase me tornei assassino, mas só foi homicídio culposo, agressão seguida de morte, nem foi tão grave, tornei-me um grande canalha, um patife, pouco falta para chegar a vagabundo.

Um judeu alto, velho, de cabelos longos, solidéu negro no topo da cabeça,

já estava há muito sentado diante dele. Na cidade de Susa, viveu um dia um homem de nome Mordoqueu, que criou Esther, filha de seu tio, jovem que tinha uma bela figura e era linda de se ver. O velho desviou os olhos do homem, voltou a cabeça para o ruivo: “Onde arranjou esse aí?”. “Ele corria de casa em casa. Parou num pátio e pôs-se a cantar.” “Cantar?” “Canções de guerra.” “Ele deve estar com frio.” “Talvez.” O velho o observava. No primeiro dia de festa religiosa, os judeus não devem ocupar-se com um cadáver, no segundo dia, tampouco os israelitas, isto vale até para os dois dias do Ano-Novo. E quem é o autor do seguinte ensinamento dos rabis: se alguém comer da carniça de uma ave pura, não é impuro; mas, se comer das tripas ou do papo, será então impuro? O velho estendeu sua longa mão amarela, tentando apalpar a mão do ex-presidiário pousada sobre o casaco: “O cavalheiro deseja tirar o casaco? Está quente aqui. Somos pessoas de idade, sentimos frio o ano inteiro, para o cavalheiro deve ser demais”.

Ele estava sentado no sofá, olhou de viés para sua mão, tinha andado de pátio em pátio pelas ruas, era preciso ver onde encontrar alguma coisa neste mundo. E quis levantar-se, sair pela porta, seus olhos procuraram a porta no cômodo escuro. O velho então o empurrou de volta ao sofá: “Ora, fique, o que o cavalheiro deseja afinal?”. Ele queria sair. O velho, porém, segurou-o pelo

pulso e o apertou, apertou: “Vamos ver quem é mais forte, o cavalheiro ou eu. Queira ficar sentado quando eu assim disser”. O velho gritou: “Ora, o cavalheiro vai ficar sentado. O cavalheiro já vai ouvir o que digo, ó sangue jovem. Controle-se, malvado”. E para o ruivo que agarrava o homem pelos ombros: “Saia, o cavalheiro deve ir embora. Por acaso eu o chamei? Eu me viro com ele”.

O que essa gente queria dele? Queria sair, tentou erguer-se, mas o velho o empurrava de volta. Então gritou: “O que vocês estão fazendo comigo?”. “Xingue à vontade, logo não vai xingar mais.” “Vocês têm de me largar. Preciso ir embora.” “Quem sabe para a rua, quem sabe para os pátios?”

Então o velho levantou-se da cadeira, andou de um lado para o outro no cômodo, rumorejando: “Deixe-o gritar o quanto quiser. Que grite ou faça o que lhe der na cabeça. Mas não aqui comigo. Abra a porta para ele”. “E por quê, sempre há gritaria por aqui.” “Não me traga gente barulhenta aqui para casa. As crianças da filha estão doentes, estão deitadas lá atrás, já tenho barulho que chegue.” “Ora, ora, que desgraça, não sabia, o cavalheiro que me perdoe.” O ruivo segurou o homem pelas mãos: “Venha comigo. O rabi está com a casa cheia. Os netos estão doentes. Vamos

andando”. Mas ele não queria se levantar. “Venha.” Teve de levantar-se. Então sussurrou: “Não puxe. Deixe-me ficar aqui”. “Ele está com a casa cheia, o cavalheiro ouviu.”

“Deixe-me ficar aqui.”

Com olhos faiscantes, o velho encarou o estranho que implorava. Disse, Jeremias, queremos curar a Babilônia, mas esta não se deixou curar. Deixem-na, cada um de nós quer seguir para sua terra. Que a espada caia sobre os caldeus, sobre os habitantes da Babilônia. “Se ficar quieto, pode ficar com o cavalheiro. Se não ficar quieto, terá de ir embora.” “Está bem, está bem, não faremos barulho. Fico sentado ao lado dele, o cavalheiro pode confiar em mim.” O velho saiu apressado, sem dizer nenhuma palavra.

Ensino a partir do exemplo de Zannovich

Então o ex-presidiário de casaco de verão amarelo estava novamente sentado no sofá. Suspirando e meneando a cabeça, o ruivo andava pelo quarto: “Ora, não fique zangado porque o velho estava tão bravo. O cavalheiro chegou de viagem?”. “Sim, cheguei - estive.” Os muros vermelhos, lindos muros. Celas, teve de observá-las cheio de saudade, grudara as costas no

muro vermelho, um homem inteligente as construía, ele não ia embora. E o homem escorregou como um boneco do sofá para o tapete e empurrou a mesa para o lado ao cair. “O que é?”, gritou o ruivo. O ex- presidiário contorceu-se sobre o tapete, o chapéu rolou ao lado de suas mãos, enfiou a cabeça para baixo, gemeu: “Para dentro do chão, para dentro da terra onde está escuro”. O ruivo puxou-o pela roupa. “Pelo amor de Deus. O cavalheiro está em casa de estranhos. E se o velho chegar. Levante-se.” Ele, porém, não se deixava puxar para cima, agarrou-se ao tapete, continuava a gemer. “Fique quieto, pelo amor de Deus, se o velho ouve. Nós dois juntos vamos nos arranjar.” “Cara nenhum me tira daqui.” Como uma toupeira.

E, como o ruivo não conseguia levantá-lo, cofiou os cachos das fontes, fechou a porta e, resolutamente, sentou-se no chão, ao lado do homem. Dobrou os joelhos, olhou para as pernas da mesa diante de si: “Ora. Muito bem. Fique tranquilo aí. Sento-me aqui também. Não é muito confortável, mas por que não. O cavalheiro não vai falar o que está acontecendo, eu vou contar uma coisa”. O ex- presidiário gemeu, a cabeça sobre o tapete. [Por que ele então suspira e geme? Agora se trata de tomar uma decisão, há que seguir um caminho – e você não sabe qual, Franze. Aquela merda antiga você não quer mais e na cela você também só suspirava e

se escondia, e não pensava, não pensava, Franze.] O ruivo disse enraivecido: “Não se deve dar tanta importância a si mesmo. É preciso ouvir os outros. Quem diz que o cavalheiro é tão importante? Deus bem que não deixa ninguém escapar assim de sua mão, mas há outras pessoas por aí. O cavalheiro não leu o que Noé colocou em sua arca, em seu navio, quando veio o grande dilúvio? Um casal de cada.

Deus não esqueceu nenhum deles. Nem mesmo os piolhos da cabeça ele esqueceu. Todos lhe eram caros e preciosos”. Embaixo, o outro choramingava. [Choramingar é de graça, também um rato doente é capaz de choramingar.]

O ruivo deixou-o choramingar, coçou as bochechas. “Há muita coisa na terra, dá para contar muita coisa quando se é jovem e quando se é velho. Contarei ao cavalheiro, pois, a história de Zannovich, Stefan Zannovich. O cavalheiro ainda não deve tê-la ouvido. Quando se sentir melhor, fique um pouco sentado. O sangue sobe à cabeça, não é saudável. Meu falecido pai contava-nos muitas coisas, viajou por toda parte como as gentes de nosso povo, viveu até os setenta anos, morreu depois da saudosa mãe, sabia muitas coisas, um homem erudito. Éramos sete bocas famintas e, quando não havia o que comer, contava-nos histórias. Isso não mata a fome, mas ajuda a esquecer-la.” O gemido surdo lá embaixo continuava. [Gemer até um camelo doente consegue.]

“Ora, ora, sabemos que no mundo não existe apenas ouro, beleza e alegria. Pois então, quem foi Zannovich, quem foi seu pai, quem foram seus pais? Mendigos, como a maioria de nós, merceeiros, negociantes, comerciantes. Da Albânia veio o velho Zannovich e foi para Veneza. Já sabia por que ia a Veneza. Uns vão da cidade para o campo, outros do campo para a cidade. No campo há mais tranquilidade, as pessoas viram e reviram cada coisa, pode-se falar por horas e, quando se tem sorte, ganha-se uns tostões. Na cidade, então, também é difícil, as pessoas ficam mais perto umas das outras e não têm tempo. Se não for este, será aquele. Não se tem nenhum boi, têm-se cavalos velozes com carruagens. Perde-se e ganha-se. Isto o velho Zannovich sabia. Primeiro vendeu o que trazia consigo e depois pegou um baralho e jogou com as pessoas. Não era um homem honesto. Fez disso um negócio, pois as pessoas na cidade não têm tempo e querem ser entretidas. Ele as entretinha. Custou a elas um bom dinheiro. Um caloteiro, um embusteiro, o velho Zannovich, mas tinha uma boa cabeça. Os camponeses tornaram sua vida difícil, aqui era mais fácil viver. Ia bem de vida. Até que alguém de repente achou que lhe tinham feito injustiça. Ora, o velho Zannovich não tinha pensado nisso. Houve brigas, a polícia, e por fim o velho Zannovich precisou fugir às pressas com seus filhos. A justiça de Veneza correu atrás dele; com a justiça, pensou o velho, é melhor nem conversar, eles não vão me entender, e eles também não conseguiram apanhá-lo. Tinha cavalos e dinheiro consigo e se

instalou novamente na Albânia e comprou uma propriedade no campo, uma aldeia inteira, os filhos, estes ele mandou para escolas superiores. E quando estava bem velho, morreu tranquilo e respeitado. Essa foi a vida do velho Zannovich. Os camponeses choraram sua morte, mas ele não gostava deles, pois sempre pensava no tempo em que ficava diante deles com suas bugigangas, anéis, pulseiras, colares de coral, e eles os reviravam nas mãos de um lado para o outro, apalpando tudo, e, no fim, iam embora e o deixavam ali parado.

“Sabe, quando o pai é uma plantinha, ele deseja que o filho seja uma árvore. Quando o pai é uma pedra, o filho deve ser uma montanha. O velho Zannovich disse aos filhos: não fui ninguém aqui na Albânia, enquanto vendia de porta em porta, durante vinte anos, e por que não? Porque minha cabeça não estava onde devia estar. Mando vocês para a grande escola, para Pádua, peguem cavalos e carroças e, quando tiverem terminado os estudos, pensem em mim que padeci sofrimentos com sua mãe e com vocês e que dormia à noite com vocês na floresta como um varrão: eu mesmo fui o culpado. Os camponeses secaram-me como se eu fosse um ano de vacas magras, e eu teria me acabado, misturei-me às pessoas e então não me acabei.”

O ruivo riu para si mesmo, balançou a cabeça, sacudiu o tronco. Estavam sentados no chão sobre o tapete: “Se alguém entrar aqui agora, vai pensar que somos malucos, temos um sofá e sentamos diante dele no chão. Ora, cada qual como quiser, por que não, basta que lhe agrade. O jovem Zannovich, Stefan, foi um grande orador mesmo quando jovem, com vinte anos. Sabia se virar e conquistar a estima das pessoas, sabia ser carinhoso com as mulheres e educado com os homens. Em Pádua, os nobres aprendiam com os professores, Stefan aprendia com os nobres. Todos eram bons para ele. E quando voltou para casa na Albânia, seu pai ainda vivia; este se alegrou, também gostava dele e disse: ‘Olhem para este aqui, é um homem do mundo, este não ficará lidando com os camponeses durante vinte anos como eu, ele está vinte anos à frente de seu pai’. E o rapazinho acariciou suas mangas de seda, afastou os lindos cachos da testa e beijou seu velho pai feliz: ‘Mas, pai, vós me poupastes os vinte anos ruins’. ‘E eles devem ser os melhores anos de tua vida’, afirmou o velho, acariciando e afagando seu menininho.

“E as coisas foram acontecendo para o jovem Zannovich como um milagre e, no entanto, não foi um milagre. E por toda parte as pessoas voavam ao seu encontro. Possuía a chave certa para cada coração. Foi para Montenegro, para um passeio como cavalheiro com carruagens e cavalos e criados, seu pai ficava

contente de ver o filho crescido – o pai, uma plantinha, o filho, uma árvore –, e em Montenegro tratavam-no de conde e príncipe. Ninguém acreditaria se dissesse: meu pai se chama Zannovich, moramos em Pastrovich, numa aldeia, o que orgulha muito meu pai! Ninguém teria acreditado, apresentava-se, pois, como um aristocrata de Pádua, tal parecia e conhecia todos eles. Dizia Stefan, rindo-se: ‘Seja feita vossa vontade’. E fez-se passar por um rico polonês, um Barão Warta, justamente o que pensavam que fosse, e se alegravam, e ele ficava contente”.

O ex-presidiário sentara-se com um movimento repentino. Ficou apoiado sobre os joelhos e espreitava o outro de cima. Dizia agora com um olhar gélido: “Macaco”. O ruivo retrucou com desdém: “Pois então serei um macaco. Mas então o macaco sabe bem mais do que muita gente”. O outro foi empurrado de volta para o chão. [Arrepende-se é o que você deve fazer; reconhecer o que aconteceu; reconhecer o que é necessário!]

“Assim, pode-se continuar a falar. Ainda há muito que aprender das outras pessoas. O jovem Zannovich estava neste caminho e assim as coisas prosseguiram. Não o conheci e meu pai não o conheceu, mas pode-se muito bem imaginá-lo. Se pergunto ao cavalheiro, ao cavalheiro que me chama de macaco – não se deve

desprezar animal algum nesta terra de Deus, eles nos dão sua carne e fazem muitas boas ações para nós, pense num cavalo, num cachorro, num pássaro, macacos só conheço da quermesse, precisam fazer graça na corrente, uma dura sina, homem nenhum tem uma sina tão dura -, ora, quero perguntar-lhe, não posso chamá-lo pelo nome se não me disser como se chama: como Zannovich progrediu, tanto o jovem quanto o velho? O cavalheiro deve pensar que tinham cabeça, eram espertos. Outros também eram espertos, e não chegaram tão longe aos oitenta anos como Stefan aos vinte. Mas a coisa principal no ser humano são seus olhos e seus pés. É preciso poder ver o mundo e caminhar até ele.

“Ouça então o que fez Stefan Zannovich, esse que viu os homens e sabia o quão pouco se deve temê-los. Veja como eles nos aplainam os caminhos, como quase apontam o caminho ao cego. Exigiram dele: você é o Barão Warta. Pois bem, disse ele, sou o Barão Warta. Mais tarde, isso não lhe bastou, tampouco a eles. Já que é barão, por que não ser mais. Existe uma celebridade lá na Albânia que já havia muito tinha morrido, mas eles o cultuam como o povo cultua heróis, ele se chamava Skanderbeg. Se Zannovich pudesse, teria dito: sou o próprio Skanderbeg. Estando morto Skanderbeg, disse que era um descendente de Skanderbeg e gabou-se, denominou-se Príncipe Castriota da Albânia, devolveria a grandeza à Albânia, seus seguidores o aguardam.

Deram-lhe dinheiro para que pudesse viver como vive um descendente de Skanderbeg. Fez bem às pessoas. Elas vão ao teatro e ouvem coisas inventadas que lhes são agradáveis. Pagam por isso. E podem pagar por isso quando as coisas agradáveis lhes acontecem à tarde ou pela manhã e quando elas próprias podem tomar parte nelas.”

E novamente se levantou o homem de paletó de verão amarelo, tinha um

rosto sombrio, enrugado, olhou de cima para o ruivo, pigarreou, sua voz estava mudada: “Diga-me, homenzinho, o senhor deve ser transtornado, não? Não será meio doido?”. “Transtornado, talvez. Uma hora sou um macaco, na outra sou maluco.” “Diga, senhor, por que fica aqui sentado dizendo bobagens para mim?” “Quem é que fica sentado no chão e não quer se levantar? Eu? Tendo um sofá atrás de mim? Ora, se o incomoda, paro já de falar.”

O outro, então, olhando em volta do quarto, esticou as pernas e sentou-se de costas contra o sofá, as mãos apoiadas no tapete. “Assim o cavalheiro está mais confortável.” “Agora o senhor pode parar aos poucos com as bobagens.” “Se o cavalheiro assim desejar. Já contei a história muitas vezes, a mim não interessa. Se o cavalheiro não tem interesse.” Depois de uma pausa, o outro

virou a cabeça para ele novamente: “O senhor pode continuar a contar a história”. “Ora, veja. A gente conta coisas e conversa, o tempo passa mais ligeiro. Só queria abrir os olhos do cavalheiro. O Stefan Zannovich, do qual o senhor me ouviu contar, recebeu dinheiro, tanto dinheiro que pôde viajar para a Alemanha. Não foi desmascarado em Montenegro. Dá para aprender com o Stefan Zannovich que ele conhecia a si mesmo e os homens. Nisso era inocente como um passarinho a gorjear. E veja, ele tinha tão pouco medo do mundo: os grandes homens, os mais violentos que havia, os mais terríveis, eram seus amigos, o príncipe da Saxônia, o príncipe herdeiro da Prússia, que foi mais tarde um grande herói da guerra e diante do qual a austríaca, a imperatriz Therese, tremia em seu trono. Diante dele, o Zannovich não tremia. E quando Stefan foi uma vez a Viena e deparou com pessoas que o espionavam, a própria imperatriz então ergueu a mão e disse: ‘Deixem o rapazola em paz!’”.

Complemento da história de maneira inesperada e com isso o almejado fortalecimento do ex- presidiário

outro riu, gargalhava junto ao sofá: “O senhor é uma figura. Poderia trabalhar como palhaço de circo”. O ruivo riu também,

acompanhando- o: “Ora veja o cavalheiro. Mas silêncio, os netos do velho. Melhor talvez

que nos sentemos no sofá. O que acha?”. O outro ria, rastejou até levantar-se e se sentou na ponta do sofá, o ruivo na outra ponta.

“Aqui é mais macio, assim o casaco não amassa tanto.” De seu lado do sofá, o homem de paletó de verão fixou os olhos no ruivo:

“Faz tempo que não deparo com um tipo esquisito como o senhor”. O ruivo, indiferente: “Quem sabe o cavalheiro não olhou direito, ainda há outros por aí. O cavalheiro sujou o casaco, aqui não se

limpam os sapatos”. O ex-presidiário, um homem de trinta e poucos anos, tinha olhos vivos, seu rosto estava mais disposto:

“Diga-me, o que o senhor negocia afinal? Será que vive na lua?” – “Ora, essa é boa, agora vamos falar da lua”.

Parado na porta há uns cinco minutos estava um homem de barba castanha e crespa. Ele caminhou até a mesa, sentou-se numa cadeira. Era jovem, usava um chapéu de veludo preto como o outro. Desenhou um arco no ar com a mão, soltou a voz

estridente: “Quem é o fulano? O que você está fazendo com esse daí?”. “E o que você está fazendo aqui, Eliser? Não conheço o

homem, ele não diz como se chama.” “Você lhe contou histórias.”

“Ora, não é de sua conta.” O castanho para o presidiário: “O Aich

andou lhe contando histórias, hein?”. “Ele não fala. Fica andando por aí e canta nos pátios.” “Então, deixe-o ir embora.” “O que faço não é de sua conta.” “Fiquei ouvindo da porta o que se passava aqui. Contou para ele do Zannovich. O que você pode fazer além de contar e recontar histórias?” O estranho que olhava fixamente para o castanho resmungou: “Afim, quem é o senhor, como veio parar aqui? Por que se mete nos assuntos dele?”. “Ele contou ou não a história do Zannovich ao cavalheiro? Ele contou sim. Meu cunhado Nachum anda por toda parte e conta histórias e mais histórias e não sabe o que fazer consigo mesmo.” “Nunca exigi nada de você. Não está vendo que ele não está bem, homem malvado.” “E se ele não está bem, Deus não deu uma incumbência a você, olhe só, Deus ficou esperando até que ele chegasse. Deus sozinho não conseguiu ajudar.” “Homem malvado.” “Fique longe de Aich, cavalheiro. Ele deve ter lhe contado como Zannovich, ou seja lá quem for, teve sorte neste mundo.” “Você não quer ir embora?” “Escute só o farsante, o homem caridoso. Quer falar comigo. Por acaso aqui é sua casa? O que andou contando novamente sobre o seu Zannovich e as coisas que se podem aprender com ele? Você devia ter se tornado rabino aqui entre nós. Nós teríamos forrado o seu estômago muito bem.” “Não preciso de suas boas ações.” O castanho gritou novamente: “E não precisamos de nenhum parasita que fique pendurado na aba de nossos casacos. Ele lhe contou também o que aconteceu no fim com o Zannovich?”. “Miserável, homem ingrato.” “Ele lhe

contou?” O detento, piscando os olhos, cansado, voltou-se para o ruivo, que sacudia o punho cerrado, e foi em direção à porta, rosnou às costas do ruivo: “Ó senhor, não corra daqui, não se irrite, deixe-o tagarelar”.

O castanho, então, já falava com veemência, as mãos nervosas, movendo-se de um lado para o outro, estalando a língua e movendo a cabeça, a cada instante uma nova expressão no rosto, dirigindo-se ora para o estranho, ora para o ruivo. “Ele deixa as pessoas malucas. Ele deve contar ao cavalheiro o

fim que teve o seu Zannovich Stefan. Ele não conta, e por que não conta, por quê, pergunto eu.” “Porque você é um homem mau, Eliser.” “Melhor do que você. Expulsaram [o castanho ergueu as duas mãos com asco, os olhos esbugalhados] o seu Zannovich de Florença como um ladrão. Por quê? Porque o desmascararam.” O ruivo postou-se ameaçador diante dele, o castanho afastou-o com um gesto: “Agora sou eu quem falo. Ele escreveu cartas aos príncipes, um príncipe recebe muitas cartas, não se pode ver pela letra que tipo de pessoa enviou. Então ele estufou o peito e foi para Bruxelas como príncipe da Albânia e se meteu na alta política. Foi um anjo mau que lhe falou isso. Foi para o governo, imagine o cavalheiro o Zannovich Stefan, o rapazola, e promete-lhes para uma guerra, sei lá contra quem, cem mil ou duzentos mil homens, não importa, o governo escreve

uma cartinha, obrigado, não se envolveriam em negócios arriscados. O anjo mau então ainda disse ao Stefan: pegue a carta e use-a para conseguir dinheiro emprestado. Pois tens uma carta do ministro assim endereçada: ao Senhor Príncipe da Albânia, Ilustríssimo, Alteza. Eles lhe emprestaram dinheiro, e esse foi o fim do impostor. Até que idade viveu? Trinta anos, não mais, como castigo por seus crimes. Não conseguiu saldar a dívida, denunciaram-no em Bruxelas e então tudo veio à tona. O seu herói, Nachum! Você contou do fim negro que teve na prisão onde cortou as próprias veias? E quando estava morto – bela vida, belo fim, é preciso contar – veio o carrasco, o verdugo com uma carroça para os cães, os cavalos e os gatos mortos, jogaram-no lá dentro, o Stefan Zannovich, atiraram-no lá fora junto à forca e despejaram o lixo da cidade sobre ele”.

O homem de casaco de verão ficou de boca aberta: “Isto é verdade?”. [Gemer até um rato doente consegue.] O ruivo enumerara cada palavra que seu cunhado gritara. Aguardava com o dedo indicador levantado diante do rosto do castanho como à espera de uma deixa e tocou-lhe o peito de leve e cuspiu no chão diante dele; pu, pu: “Isto é para você. Por ser como é. Meu cunhado”. O castanho saltitou inquieto até a janela: “Pois bem, agora fale você e diga que não é verdade”.

Os muros não mais estavam lá. Um pequeno cômodo com uma lâmpada dependurada no teto, dois judeus andando de um lado para o outro, um castanho e um ruivo, usando chapéus de veludo preto, brigavam entre si. Foi atrás do amigo, o ruivo: “Ouça o senhor, é certo o que esse aí contou sobre aquele homem, como se perdeu e como o mataram?”. O castanho berrava: “Mataram, eu disse mataram? Ele matou a si mesmo”. O ruivo: “Ele deve ter mesmo se matado”. O ex-presidiário: “E o que fizeram eles, os outros?”. O ruivo: “Quem, quem?”. “Ora, deve ter havido outros como ele, como o Stefan. Nem todos eram ministros e algozes e banqueiros.” O ruivo e o castanho trocaram olhares. O ruivo: “Ora, o que podiam fazer? Olhando, ficaram olhando”.

O ex-presidiário de casaco amarelo de verão, o sujeito grandalhão, andou para trás do sofá, pegou seu chapéu, espanou-o, colocou-o sobre a mesa, tirou seu casaco, tudo em silêncio, desabotoou o colete: “Aqui, olhem, minha calça. Eu era gordo assim e ela ficou larga deste jeito, cabem dois punhos grandes juntos, de tanto passar fome. Foi-se tudo. A pança toda para o diabo. É assim que vem a ruína, porque nem sempre a gente é como deveria ser. Não acredito que os outros sejam muito melhores. Nada, não acredito não. Querem é enlouquecer a gente”.

O castanho cochichou para o ruivo: “Pronto, aí está”. “Está o quê?” “Ora, um presidiário.” “E daí?” O egresso: “Aí dizem: a gente está livre e vai preso de novo no meio da sujeira e é ainda a mesma sujeira de antes. Não há razão alguma para rir”. Voltou a abotoar o colete: “Estão vendo o que fizeram. Tiram o homem morto da toca, vem o patife com a carrocinha de cachorro e atira para dentro um morto que se matou, que patife maldito, por que não o mataram logo, cometer um pecado desses com um ser humano, não importa quem seja”. O ruivo, consternado: “Não há o que dizer”. “É, será que não somos nada só porque fizemos algo errado? Todos podem se erguer de novo, todos que cumpriram pena e podem ter feito o que for.” [Arrepende-se o quê! É preciso desafogar-se! Sair batendo! Depois tudo fica para trás, depois tudo passa, o medo e o resto.] “Só queria mostrar ao cavalheiro: não dê atenção a tudo que Aich, meu cunhado, diz. Às vezes não se pode fazer tudo o que se quer, às vezes não tem jeito.” “Não é justo jogar alguém no estrume como um cão e ainda despejar lixo por cima, e essa é a justiça feita a um homem morto. Diabos. Mas agora quero despedir-me dos senhores. Estenda cá essa mãozona. O senhor é um bom sujeito e o senhor também [apertou a mão do ruivo]. Meu nome é Biberkopf, Franz. Bonito de sua parte ter me acolhido. Meu passarinho já cantou no pátio. Ora, viva, tudo vai passar.” Os dois judeus lhe apertaram a mão,

sorriam. O ruivo reteve sua mão por um tempo, radiante: “Ora, o cavalheiro está mesmo melhor? E será um prazer, se o cavalheiro tiver tempo, passe por aqui”. “Obrigado, farei isso, tempo é fácil de achar, só dinheiro não. E cumprimentem o senhor idoso de antes. Que força ele tem nas mãos, digam-me, não terá sido açougueiro antigamente? Ai, vamos rápido arrumar o tapete, está todo fora do lugar. Não, vamos fazer isso nós mesmos, e a mesa, assim.” Ele ajeitava tudo no chão, sorria para o ruivo: “E ficamos sentados aqui embaixo, contando histórias. Um belo lugar para sentar, desculpe”.

Acompanharam o homem até a porta, o ruivo ficou preocupado: “O

cavalheiro pode mesmo andar sozinho?”. O castanho deu-lhe uma cotovelada: “Não lhe dê ouvidos”. O ex-presidiário, caminhando ereto, sacudiu a cabeça, balançou os braços no ar [a gente precisa de ar, ar, muito ar e mais nada]: “Não se preocupem. Podem me deixar seguir adiante, fiquem tranquilos. O senhor falou sobre os pés e os olhos. Esses ainda tenho. Ainda não foram arrancados por ninguém. Dia, senhores”.

E lá se foi caminhando sobre o pátio estreito, atulhado, os dois ficaram olhando para ele do alto da escada. Tinha o chapéu-coco

enterrado sobre o rosto, resmungou quando meteu o pé numa poça de gasolina: “Droga de veneno. É hora de um conhaque. Quem se aproximar vai levar um soco na cara. Vamos ver onde se consegue um conhaque”.

Tendência: desanimada, mais tarde acentuados recuos no câmbio, Hamburgo, melindres, Londres, mais fraco

Chovia. À esquerda, na Münzstrasse, reluziam letreiros que eram de cinema. Não conseguiu passar na esquina, as pessoas estavam junto a uma grade, de onde se abria um buraco bem fundo, os trilhos do bonde

elétrico circulavam livres no ar sobre tábuas de madeira, havia pouco, um bonde passara lentamente. Olhe só, estão construindo o metrô, então deve ter trabalho em Berlim. Ainda havia um cinema, entrada proibida para menores de 17 anos. Sobre o enorme cartaz, havia um senhor em vermelho vivo sobre uma escada e uma moça jovem e formosa abraçava as pernas dele, ela estava deitada sobre a escada, e ele em cima tinha uma expressão atrevida no rosto. Lia-se abaixo: Orfandade, destino de uma criança órfã em seis atos. Sim, senhor, vou ver sem falta. O orquestrino zoava. Entrada, sessenta pfennigs⁴.

Um homem para a bilheteira: “Senhorita, não é mais barato para um velho soldado sem barriga?”. “Nada, só para crianças com menos de cinco meses, com chupeta.” “Feito. É a idade certa. Recém-nascidos a prestação.” “Pois bem, cinquenta, vá entrando.” Atrás dele, esgueirava-se um jovem, esbelto, de cachecol: “Senhorita, quero entrar, mas não pagar”. “E daí? Peça para sua mãezinha pôr você no penico.” “E então, posso entrar?” “Onde?” “No cinema.” “Aqui não é cinema.” “Ora, aqui não é cinema?” Pela janela do guichê, gritou para o guarda na porta: “Maxe, venha até aqui. Esse aí quer saber se aqui é cinema. Dinheiro ele não tem. Mostre para ele o que é aqui”. “O que é aqui, jovem cavalheiro? Ainda não percebeu? Aqui é a Caixa dos Pobres, seção da Münzstrasse.” Empurrou o magrelo da bilheteria, mostrou-lhe o punho: “Se quiser, faço já o pagamento para você”.

Franz avançou para dentro. Era hora do intervalo. O longo espaço estava lotado, noventa por cento dos homens de boné, e não o tiravam da cabeça. Três lâmpadas no teto revestidas de vermelho. À frente, um piano amarelo com embrulhos em cima. O orquestrino não para de fazer barulho. Então escurece e o filme começa. Uma mocinha do interior deve aprender boas maneiras, a razão não fica clara no filme. Ela limpava o nariz com a mão, coçava o traseiro na escada, todos riam no cinema. Uma sensação maravilhosa tomou conta de Franz quando as gargalhadas irromperam em torno dele. Um monte de gente,

peessoas livres, divertiam-se, ninguém se mete com eles, lindo, maravilhoso, e eu no meio delas! E o filme continuou. O distinto barão tinha uma amante que se deitava numa rede, esticando as pernas para o alto. Vestia calças. Uma coisa. Como era possível que as pessoas se entusiasmassem com aquela mocinha desleixada que ainda por cima lambia os pratos. De novo ela tremulava as pernas esbeltas para cima. O barão deixara-a sozinha, agora ela tombava da rede e voava para cima da grama, ficou ali estendida. Franz fixava os olhos na tela, já havia outra imagem, ele ainda a via tombar e ficar estendida. Ele mordida a língua, raios, o que era isso. E quando um sujeito que era o amante da mocinha abraçou essa mulher tão pura, uma sensação de calor percorreu-lhe o peito, como se ele mesmo a abraçasse. Aquilo se apossou dele, provocando uma sensação de fraqueza.

Um mulherão. [Existem ainda mais coisas do que o aborrecimento e o medo. Para que toda essa bobagem? Ar, homem, uma mulher!] Como não havia pensado nisso? Fica-se parado junto à janela da cela, olhando o pátio pelas grades. Às vezes, passam mulheres, ou esposa ou filha em visita ou, ainda, o serviço de limpeza onde mora o velho. De vez em quando, eles – os presidiários – ficam junto às janelas, olhando por todo o lado e devorando cada mulher. Um guarda recebeu certa vez por 14 dias a visita de sua mulher de Eberswalde, antes ele viajava a cada 14

dias para vê-la, agora ela aproveitou o tempo para valer, durante o trabalho a cabeça dele pende de sono, mal pode andar.

—

Franz já estava lá fora na rua, na chuva. O que vamos fazer? Estou livre. Preciso arranjar uma mulher. Uma mulher é de que preciso. Belo prazer, linda é a vida aqui fora. É só ficar firme sobre o chão para poder andar. As pernas pareciam de borracha, não tinha mais chão debaixo dos pés. E lá estava uma na esquina da Kaiser-Wilhelm-Strasse, atrás do carroção do mercado, e logo parou ao lado dela, não importava como fosse. Raios, de onde veio de repente o gelo nas pernas. Seguiu adiante com ela, mordiscou o lábio inferior, que

calafrio, se você morar longe, não vou. Era só atravessar a Bülowplatz, passando pelas grades, por um vestíbulo, para o pátio, seis degraus para baixo. Ela virou-se para ele, riu: “Homem, não fique aí babando, assim vai logo cair em cima de mim”. Mal ela fechou a porta atrás de si, ele a agarrou. “Homem, deixe primeiro eu me livrar do guarda-chuva.” Ele apertava, agarrava, beliscava, esfregava as mãos no casaco dela, ainda o chapéu na cabeça, irritada, ela deixou cair o guarda-chuva: “Largue-me, homem”, ele gemia, sorriso amarelo e sonso: “O que há?”. “Vai

rasgar minha roupa. Vai pagar por ela. Pois então. Ninguém nos dá nada de presente.” Como não a soltasse: “Não consigo respirar, imbecil. Você não deve ser bom da cabeça”. Era gorda e vagarosa, pequena, primeiro teve de dar a ela os três marcos, estes ela colocou cuidadosamente na cômoda, a chave, na bolsa. Ele a seguia sempre com os olhos: “É que cumpri uns aninhos, gorducha. Aqui fora, Tegel, pode bem imaginar”. “Onde?” “Tegel. Pode bem imaginar.”

A mulher balofa desatou a rir. Desabotoou os botões de cima da blusa. Era uma vez dois filhos do rei, eles se amavam muito. Quando o cão pula sobre a sarjeta com a salsicha. Ela o agarrou, apertou-o contra si. Pi, pi, pi, minha franguinha, pi, pi, pi, meu galinho.

Logo depois, gotas de suor cobriam-lhe o rosto, gemia. “Ora, gemendo por quê.” “Que cara é esse andando aí do lado?” “Não é um cara, é minha senhoria.” “E o que ela está fazendo?” “E o que deve estar fazendo? Ali é a cozinha dela.” “Pois bem. Ela que pare de andar. Por que tem de andar? Não aguento isso.” “Calma, já estou indo lá e digo a ela.” Que sujeito difícil, será um alívio livrar-me dele, droga de vagabundo, logo vou botá-lo para fora. Bateu à porta vizinha: “Senhora Priese, fique quieta por alguns minutos,

tenho de conversar com um cavalheiro. Coisa importante”. Pronto, resolvido, pátria amada, podes sossegar, achegue-se ao meu coração, porém você vai para o olho da rua.

Ela pensava, a cabeça sobre o travesseiro: os sapatos amarelos bem que podem ganhar meia sola, o novo noivo de Kitty faz isso por dois marcos se ela não tiver nada contra, não vou roubá-lo dela, ele pode tingi-los de marrom para combinar com a blusa marrom, já está um trapo velho, só serve para cobrir o café e mantê-lo quente, os laços precisam ser passados a ferro, logo direi à senhora Priese, ela ainda deve ter o fogo aceso, o que estará cozinhando hoje. Farejou o ar. Arenques frescos.

Versos rolavam pela cabeça dele, em círculo, difíceis de compreender: fazes caldo, senhorita Stein, ganho um bocado, senhorita Stein, fazes massa, senhorita Stein, como de graça, senhorita Stein. Caio para baixo, caio para cima. Suspirou alto: “Você não está gostando de mim?”. “Por que não amor, venha cá, por uns tostões.” Ele escorregou da cama, resmungou, gemeu. Ela esfregou o pescoço: “Vou me acabar de tanto rir. Fique deitado quieto. Não me incomoda”. Ela ria, levantou seus braços roliços, estendeu os pés ainda cobertos por meias para fora da cama: “Não tenho culpa”.

Fora, para a rua! Ar! Ainda chove. O que está acontecendo?
Preciso arranjar uma outra para mim. Primeiro, pôr o sono em dia.
Franz, o que está acontecendo com você?

A potência sexual ocorre pela ação conjunta 1. do sistema endócrino 2. do sistema nervoso e 3. do aparelho genital. As glândulas que contribuem para a potência são: hipófise, tireoide, suprarrenal, próstata, vesícula seminal e testículos. Neste sistema, prevalece a glândula seminal. Através do material segregado por ela, todo o aparelho genital é ativado, do córtex cerebral aos órgãos genitais. O estímulo erótico desencadeia a tensão erótica do córtex cerebral, o fluxo desloca-se como excitação erótica do córtex cerebral até o centro de comando do diencefalo. Então a excitação desce pela medula. Não sem interrupções, pois antes de deixar o cérebro, deve passar pelos freios de inibições, aquelas inibições primordialmente psicológicas que representam um papel importante, como escrúpulos morais, falta de autoconfiança, medo do fracasso, temor de contágio e gravidez, e assim por diante.

E à noite, vaguear, descendo pela Elsasser Strasse. Nada de titubear, mocinho, nada de cansaço como pretexto. “Quanto custa

a diversão, senhorita?” A morena é boa, tem quadril, um biscoito crocante. Se a moça tem um homem que ama e quer bem. “Você é tão divertido, docinho. Ganhou alguma herança?” “E como. Mais um táler⁵ para você.” “Por que não?” Mas bem que está com medo.

E depois no quarto – flores atrás da cortina, um quartinho limpo, uma graça de quartinho – a moça possui até um gramofone, canta para ele, usando meias de seda artificial da marca Bemberg, sem blusa, olhos muito pretos: “Sou cantora de ocasião, sabe, sabe onde? Onde calhar. No momento, não tenho contrato, sabe. Vou aos lugares bonitos, então pergunto. E então: o meu sucesso musical. Tenho uma música de sucesso. Ei, não faça cócegas”. “Ora, deixe, menina.” “Nada, tire as mãos, isso me estraga o negócio. Minha canção de sucesso, docinho, faço leilão no local, nada de passar o pires: quem dispuser de grana pode me beijar. Loucura, hein. Num lugar público. Ninguém por menos de cinquenta pfennigs. Ganho sim, ora se não. Aqui no ombro. Aqui, você também pode.” Coloca uma cartola de homem, grasna-lhe na cara, sacode os quadris, os braços apoiados neles: “Theodor, o que pensavas ao sorrir ontem para mim? Theodor, o que querias ao convidar-me para o Joelho de Porco com champanhe?”.

Sentada no colo dele, enfia no bico um cigarro que habilmente tirara do colete dele, mira-o fielmente nos olhos, esfrega carinhosamente as orelhas nas dele, sussurra: “Sabes o que quer dizer saudade? Como dilacera a saudade o coração? Tudo ao redor parece frio e vão”. Ela cantarola, estende-se no divã. Solta baforadas, acaricia-lhe os cabelos, cantarola, ri.

O suor na testa! O medo outra vez! E, de repente, ele enfia a cabeça para fora. Bum, toque de sino, levantar, cinco e meia, seis horas, abrem-se as celas, bum bum, depressa, escovar o casaco caso o velho venha revistar, hoje ele não vem. Logo serei solto. Psiu, hoje à noite um cara escapuliu, Klose, a corda ainda está pendurada lá fora sobre o muro, fazem a ronda com cães policiais. Ele geme, sua cabeça se ergue, vê a moça, seu queixo, seu pescoço. Como vou conseguir sair da cadeia. Não vão me libertar. Ainda não saí. Ela solta anéis azuis de fumaça pelo canto da boca em sua direção, dá risadinhas: “Você é um doce, venha, vou servir-lhe um licor Mampe, trinta pfennigs”. Ele permanece deitado, comprido como é: “De que me serve o Mampe? Eles acabaram comigo. Cumpri pena em Tegel, e para quê? Primeiro com os prussianos na trincheira e depois em Tegel. Não sou mais gente”. “Ora essa. Não comece a chorar aqui comigo. Venha, abra o biquinho, nenê gande pixiza tomá mamá. Aqui temos bom

humor, aqui a gente se diverte, aqui damos risada, da noite até a madrugada.” “E em troca disso, a merda. Deveriam logo de cara ter cortado o pescoço da gente, esses cachorros. Deveriam ter me despejado num monte de lixo.” “Venha cá, nenê gande, mais um licor. Abra os olhos, pegue um Mampe e tome bastante.”

“As moças correndo atrás da gente feito carneirinhos, e a gente nem bem cuspia nelas e já estava de nariz no chão.” Ela pega mais um dos cigarros que rolaram diante dele no chão: “Sim, você tem de ir à polícia e contar para eles”. “É, já vou.” Procura seus suspensórios. E não diz mais nenhuma palavra nem olha para a moça, babona, ela fica fumando e sorrindo e olhando para ele, empurra ainda depressa uns cigarros para debaixo do divã. E ele agarra seu chapéu e, escada abaixo, com o 68 para a Alexanderplatz, fica caraminholando no bar diante de um copo de cerveja.

Testifortan, marca registrada n. 365.695, tratamento sexual segundo os médicos sanitaristas dr. Magnus Hirschfeld e dr. Bernhard Schapiro, Instituto de Ciências Sexuais, Berlim. Os principais motivos da impotência são: A. carga insuficiente devido a perturbações funcionais das glândulas endócrinas; B.

resistência muito grande devido a fortes inibições psicológicas,

esgotamento do centro de ereção. O momento em que o impotente deve retomar as tentativas só pode ser determinado individualmente, dependendo da evolução de cada caso. Um intervalo pode muitas vezes ser benéfico.

Ele se farta de comer e dorme até pôr o sono em dia e, no dia seguinte, na rua, pensa: essa eu quero ter para mim, essa quero para mim, mas não aborda nenhuma. E essa na vitrine, que carne rija, bem que serviria para nós, mas não chego perto de nenhuma. Aboleta-se outra vez no boteco, e não olha para a cara de ninguém, farta-se novamente e entorna. Agora não vou fazer nada o dia inteiro, a não ser comer e beber e dormir, e a vida acabou para mim. Acabou, acabou.

Vitória em toda a linha! Franz Biberkopf compra um filé de vitela

E como é quarta-feira, o terceiro dia, veste o paletó. De quem é a culpa de tudo isso? A Ida, sempre. Quem mais? Naquela ocasião, quebrei as costelas daquela safada, por isso fui parar no xadrez. Agora ela teve o

que queria, a peste está morta e agora aqui estou eu. E sai choramingando e correndo pelas ruas no frio. Para onde? Onde ela morava com ele, na casa da irmã. Pela Invalidenstrasse, entrando na Ackerstrasse, correndo para dentro da casa, segundo pátio. Nada de prisão, nada de conversa com os judeus na Dragonerstrasse. Onde está a bisca, ela é a culpada de tudo. Não viu nada na rua, mas achou o caminho. Um ligeiro tremor no rosto, um ligeiro tremor nos dedos, vamos até lá, um, dois, feijão com arroz, três, quatro, feijão no prato.

Trim, trim. “Quem é?” “Eu.” “Eu quem?” “Abra logo, mulher.” “Meu Deus, você, Franz.” “Abra.” Cinco, seis, arroz japonês. Fiapos na língua, é bom cuspir. Ele está no corredor, ela abre a porta atrás dele. “O que você quer aqui? Imagine se alguém viu você na escada.” “Azar. Que ‘vão tomar no cu’. Amanhã.” Entra sozinho à esquerda na sala. Sete, oito, comer biscoito. Droga de fiapo na língua, não sai. Esfrega o dedo na língua. Não tem nada, é só uma sensação esquisita na pontinha. Então esta é a sala, o sofá estofado, o imperador pendurado na parede, um francês de calças vermelhas estende-lhe a espada, eu me rendo. “O que você quer aqui, Franz? Você deve estar doido.” “Vou me sentar.” Eu me rendi, o imperador estende a espada, o imperador precisa devolver-lhe a espada, é assim que o mundo caminha. “Homem, se não for embora, grito por socorro, grito que é um assalto.” “E

por quê?” Nove, dez, comer pastéis, corri tanto de tão longe, estou aqui, estou sentado aqui. “Mas então eles já soltaram você?” “Sim, acabou.”

E arregala os olhos para ela e se levanta: “Por isso estou aqui, porque me

deixaram sair. Sim, me deixaram sair, mas como”. Como, é o que ele quer explicar, mas mordisca o seu fiapo, a trombeta se quebrou, acabou-se, e treme e não consegue chorar e procura a mão dela. “O que você quer, homem. Está acontecendo alguma coisa?”

Há montanhas que estão ali há milênios, que estavam ali, e exércitos e canhões passaram por elas, há ilhas, gente em cima delas, superlotadas, negócios firmes, sólidos, bancos, fábricas, dança, puteiros, importação, exportação, questão social, e um belo dia começa: rrrrr, rrrrr, não do navio de guerra, esse vai à breca sozinho – vem de baixo. A terra dá um salto, rouxinol, rouxinol, teu canto é mavioso, os navios voam aos céus, os pássaros caem na terra. “Franz, vou gritar, o que é isso, me solte. Karl logo vai chegar, deve chegar a qualquer instante. Com a Ida, você também começou assim.”

O que vale uma mulher entre amigos? O Tribunal de Família de Londres, por solicitação do capitão Bacon, proferiu o divórcio motivado pelo adultério de sua esposa, cometido com seu camarada, o capitão Furber, e concedeu-lhe uma indenização de 750 libras. O capitão parece não ter feito uma alta avaliação de sua esposa infiel, que se casará dentro em pouco com seu amante.

Oh, ali estão montanhas que tiveram uma existência tranquila durante milênios, e exércitos com canhões e elefantes atravessaram-nas, o que se deve fazer se começarem a ir à breca, porque lá de baixo se ouve: rrrrr, rrrmm. Não vamos dizer nada, vamos deixar quieto. Minna não consegue soltar sua mão, e os olhos dele estão diante dos dela. Uma cara de homem como essa está coberta de trilhos, agora um trem a atravessa, olhe só como ele solta fumaça, ele anda, fb, Berlim/Hamburgo-Altona, 18h05 até 21h35, três horas e 35 minutos, não se pode fazer nada, esses braços de homem são de ferro, ferro. Grito por socorro. Ela gritou. Ela já estava estendida no tapete. Suas bochechas de barba malfeita junto às dela, sua boca aproximando-se da dela, sugando-a, ela vira o rosto. “Franz, ó Deus, tenha piedade, Franz.” E – ela viu tudo direito.

Agora ela sabe, ela é irmã de Ida, era assim que às vezes ele olhava para Ida. Tem Ida nos braços, é ela mesma, por isso ele fechou bem os olhos e tem o ar feliz. E não há mais a terrível pancadaria e a bebedeira, não existe mais a prisão! Isto é Treptow, o Jardim Paraíso, com foguetório brilhante, onde ele a encontrou e a levou para casa, a costureirinha, ela ganhara um vaso nos dados, no vestibulo da casa, chave dela na mão, ele primeiro a beijou, ela ficou na ponta dos pés, usava sapatos de linho, e as chaves lhe caíram da mão, depois não pôde mais ficar longe dela. Este é o velho e bom Franz Biberkopf.

Agora ele a cheira novamente, no pescoço, é a mesma pele, o odor provoca tonturas, onde vai parar. E ela, a irmã, que coisa estranha se passa com ela. Dá para sentir no rosto dele, ao deitar-se quieto ao lado dela, ela precisa ceder, ela resiste, mas algo se apodera dela como uma metamorfose, o rosto dela perde a tensão, os braços não conseguem mais empurrá-lo, a boca em desamparo. O homem nada diz, ela deixa, abandona-se, abandona-lhe a boca, ela amolece como no banho, faça comigo o que quiser, ela esvai-se como água, tudo bem, venha, sei tudo, eu também sou boa para você.

Magia, espasmos. O peixinho dourado no aquário brilha. O quarto cintila, não é a Ackerstrasse, nada de casa, nada de força da gravidade, força centrífuga. Desapareceu, submergiu, apagou-se

a refração vermelha da radiação no campo de força do sol, a teoria cinética do gás, a transformação de calor em trabalho, as oscilações elétricas, os fenômenos de indução, a densidade dos metais, líquidos, dos corpos sólidos não-metálicos.

Ela estava estendida no chão, jogava-se de um lado para o outro. Ele ria e se espreguiçava. “Ora, me estrangule, fico bem quieto se você conseguir.” “Bem que você merece.” Ele engatinhou para levantar-se, ria e girava de felicidade, delícia, prazer. O que sopram as trombetas, hussardos fora, aleluia! Franz Biberkopf está de volta. Franz foi libertado! Franz Biberkopf está livre! Levantou as calças, saltitava de uma perna para a outra. Ela sentou-se numa cadeira, queria choramingar: “Vou dizer ao meu marido, vou dizer ao Karl, deveriam ter deixado você preso por mais quatro anos”. “Diga a ele, Minna, fique à vontade.” “É o que vou fazer, vou logo chamar um guarda.” “Minna, Minnazinha, controle-se, estou tão contente, voltei a ser gente outra vez, Minnazinha.” “Homem, você está louco, eles viraram mesmo a sua cabeça lá em Tegel.” “Não tem nada para beber, uma caneca de café ou algo assim.” “E quem vai me pagar o avental, olhe só, um trapo.” “O Franz, o Franz! Franz está vivo de novo, Franz voltou!” “Pegue o seu chapéu e dê o fora. Se ele encontrar você, vou ganhar um olho roxo. E não apareça mais aqui.” “Adeus, Minna.”

Mas na manhã seguinte voltou com um embrulhinho. Ela não quis abrir a porta, ele meteu o pé na soleira. Ela sussurrou pela fresta: “Siga seu caminho, homem, já falei isso”. “Minna, são só os aventais.” “Que aventais.” “É para você escolher alguns.” “Fique você com essas coisas roubadas.” “Não roubei. Abra.” “Homem, os vizinhos vão ver você, vá embora.” “Abra a porta, Minna.”

Então, ela abriu a porta, ele jogou o pacote na sala e, como ela não queria vir até o aposento com o cabo de vassoura na mão, ele saltitava sozinho pela

sala. “Estou alegre, Minna. Fiquei alegre o dia inteiro. Sonhei com você à noite.”

Então, ele abriu o pacote sobre a mesa, ela se aproximou, apalpou o tecido, escolheu três aventais, mas ficou firme quando ele agarrou sua mão. Ele refez o embrulho, ela estava novamente com a vassoura na mão, insistiu: “Agora, depressa, suma”. Ele acenou da porta: “Até logo, Minnazinha”. Ela empurrou a porta com o cabo da vassoura e a fechou.

Uma semana depois, estava novamente diante da porta: “Só queria saber do seu olho”. “Está tudo bem. Nada aqui é da sua

conta.” Ele estava mais forte, vestia um casaco de inverno azul e um chapéu-coco marrom. “Só queria mostrar como vou indo, como estou.” “Não me interessa.” “Mas me deixe ao menos tomar uma xícara de café.” Ouviram passos descendo a escada, uma bola de brinquedo rolava pelos degraus, a mulher abriu a porta assustada, puxou a criança para dentro. “Venha para cá, são os Lumkes, agora você pode ir.” “Só uma xícara de café. Você deve ter um restinho no bule.” “Você não precisa de mim para isso. Aliás, com certeza você já arranjou alguém, do jeito que você está.” “Só uma xícara de café.” “Você só traz desgraça.”

E quando ela ficou junto ao cabide do corredor e ele a olhava suplicante da porta da cozinha, ela levantou o bonito avental novo, sacudiu a cabeça e chorou: “Você me deixa infeliz, homem”. “Mas o que é isso.” “Karl também não acreditou no olho roxo. Como é que me machuquei desse jeito no guarda-louças. Isso eu devo mostrar para ele. Mas bem que é possível machucar o olho no guarda-louças se a porta estiver aberta. Ele que tente. Mas, não sei por quê, não acredita.” “Não entendo, Minna.” “É que também tenho uns vergões aqui, no pescoço. Nem tinha percebido. O que devo dizer se ele aponta as marcas e a gente olha no espelho e não sabe de onde vieram.” “Ah, a gente pode se arranhar, a gente pode estar com coceira. Não deixe que o Karl aborreça você. Eu daria um jeito nele.” “E você também sempre

aparece de novo. E os Lumkes devem ter visto você.” “Ora, eles que não fiquem ouriçados.” “Vá embora, Franz, e não volte, você me deixa infeliz.” “Ele também perguntou pelos aventais?” “Eu já estava querendo comprar alguns.” “Pois então vou indo, Minna.”

Ele a apertou junto de si, ela não se esquivou. Depois de uns instantes, como não a largasse, sem machucá-la, ela percebeu que ele a acariciava, olhou para cima surpresa: “Pois vá, Franz”. Ele a puxou suavemente para a sala, ela resistiu, mas o seguiu passo a passo: “Franz, vai começar tudo de novo?”. “Mas o que há, só quero sentar-me ao seu lado na sala.”

Ficaram sentados por um tempo tranquilos, conversando. Depois ele se

levantou e foi embora por si mesmo. Ela o acompanhou até a porta. “Não volte, Franz”, chorou, apoiando a cabeça no ombro dele. “Que diabos, Minna, o que você está fazendo comigo. Por que não devo voltar. Pois então não volto.” Ela segurou sua mão: “É isso mesmo, Franz, não volte aqui”. Então ele abriu a porta, ela ainda segurava a mão dele e a apertava com força. Ainda a segurava quando ele já estava do lado de fora. Ela então a soltou, fechou a porta depressa e sem ruído. Ele lhe mandou dois grandes filés de vitela da rua.

E agora Franz jura ao mundo e a si próprio manter- se decente em Berlim, com ou sem dinheiro

Ele já estava estabelecido em Berlim – passara nos cobres a antiga mobília de seu quarto, de Tegel trouxera ainda uns trocados, sua senhoria e seu amigo Meck lhe adiantaram alguma coisa – então sofreu um outro golpe, dos bons. Mas depois viu que foi coisa de nada. Numa certa manhã nada ruim, lá estava um papel amarelo sobre sua mesa, oficial, impresso e escrito a máquina.

O comissário de polícia, seção 5, referência n. tal, solicita em caso de eventuais informações relativas ao assunto aqui especificado mencionar o número de referência acima. Conforme documentação em meu poder, V. Sa. foi condenado por crimes de ameaças, ofensas violentas e lesões corporais seguidas de morte, devendo por isso ser considerado um indivíduo perigoso para a segurança e a moral públicas. Nesse sentido, com base na competência conferida a mim pelo parágrafo 2 da Lei de 31 de dezembro de 1842 e pelo parágrafo 3 da Lei do direito de ir e vir de 1o de novembro de 1867, assim como pelas Leis de 12 de junho de 1889 e 13 de junho de 1900, deliberei, por ofício da Polícia

Estadual, expulsar V. Sa. de Berlim, Charlottenburg, Neukölln, Berlim-Schöneberg, Wilmersdorf, Lichtenberg, Stralau, bem como dos distritos de Berlim-Friedenau, Schmargendorf, Tempelhof, Britz, Treptow, Reinickendorf, Weissensee, Pankow e Berlim-Tegel, portanto, intimo V. Sa. a abandonar a área de restrição no prazo de 14 dias, com a notificação de que, caso V. Sa. ainda se encontre na citada área de restrição após o prazo outorgado, ou para lá retornar, ser-lhe-á determinada e aplicada, com base no parágrafo 132, n. 2 da Lei referente à Administração Estadual, de 30 de julho qii e, de 1883, uma multa inicial de cem marcos ou, em caso de insolvência, uma pena de prisão de dez dias. Ao mesmo tempo, chamamos sua atenção para o fato de que V. Sa., caso venha a fixar residência nos arredores de Berlim e adjacências, como Postdam, Spandau, Friedrichsfelde, Karlshorst, Friedrichshagen, Oberschöneweide e Wuhlheide, Fichtenau, Rahnsdorf, Carow, Buch, Frohnau, Cöpenick, Lankwitz, Steglitz, Zehlendorf, Teltow, Dahlem, Wannsee, Klein-Glienicke, Nowawes, Neuendorf, Eiche, Bornim e Bornstedt, deverá contar com sua expulsão das referidas localidades. I. Ve. Impresso n. 968a.

Foi um soco no estômago. Havia uma boa casa junto à linha urbana, Grunerstrasse 1, junto a Alex, assistência social a presidiários. Olham para Franz, fazem-lhe perguntas e mais perguntas, assinam: o senhor Franz Biberkopf colocou-se sob

nossa proteção, investigaremos se o senhor tem um trabalho e o senhor deve se apresentar todos os meses. Feito, ponto, tudo em ordem.

Esquecido o medo, esquecido Tegel e o muro vermelho e os gemidos e o resto – foram-se com sequelas, começamos uma vida nova, a velha ficou para trás, Franz Biberkopf está aqui outra vez, e os prussianos são alegres e gritam viva.

—

Então, durante quatro semanas, encheu a pança de carne, batata e cerveja e foi mais uma vez até os judeus na Dragonerstrasse para agradecer. Nachum e Eliser novamente estavam discutindo. Não o reconheceram quando entrou todo enfatiotado, gordo e exalando aguardente, o chapéu respeitosamente diante da boca, sussurrando se os netos do senhor idoso ainda estavam doentes. Na taverna da esquina, onde os convidou para uma bebida, perguntaram-lhe a que tipo de negócios se dedicava. “Eu, negócios? Não faço negócios. Conosco as coisas funcionam assim.” “E de onde vem o seu dinheiro?” “De antigamente, economias, a gente foi poupando.” Cutucou Nachum na cintura, inflou as narinas, olhou com olhos espertos e misteriosos:

“Lembram-se da história do Zannovich. Que sujeito! Gente fina! Depois o mataram. Cada coisa que vocês sabem. Também gostaria de sair por aí como príncipe e estudar. Nada, estudar é coisa que não fazemos. Talvez casar”. “Felicidades.” “Daí vocês aparecem por lá, vai ter comida, homem, e bebida.”

Nachum, o ruivo, observava-o, coçou o queixo: “Quem sabe o cavalheiro possa ouvir uma outra história. Um homem tinha uma vez uma bola, sabe, uma dessas de criança, mas não de borracha, de celuloide, transparente, e dentro havia pequenas bolinhas de chumbo. Aí as crianças podem chocalhar e também jogar. Então o homem pegou a bola, jogou-a e pensou: há bolinhas de chumbo dentro, posso jogar e a bola não sai rolando, fica parada no lugar que eu quiser. Mas quando jogou a bola, ela não voou como ele pensara, ela deu um salto, rolou um pouquinho, assim uns dois palmos”. “Deixe-o em paz, Nachum, com suas histórias. O homem precisa de você?” O gordo: “O que

aconteceu com a bola e por que estão brigando de novo. Olhe só para estes dois, taverneiro, desde que os conheço estão sempre brigando”. “É preciso deixar as pessoas serem como são. Brigar é bom para o fígado.” O ruivo: “Vou lhe dizer, vi o cavalheiro na rua, no pátio, e ouvi o cavalheiro cantar. Canta muito bem. É uma boa pessoa. Mas não seja tão exaltado. Fique bem tranquilo. Tenha paciência neste mundo. Sei como são as coisas aí dentro e o que

Deus pretende com o cavalheiro. A bola, veja, ela não voa quando é jogada como se quer, ela voa mais ou menos assim, mas ela voa mais um pouquinho para adiante e talvez uma distância maior, a gente sabe, e um pouquinho para o lado”.

O gordo jogou a cabeça para trás, riu, estendeu os braços, atirou-se ao pescoço do ruivo. “Como sabe contar histórias, o homem sabe contar. O Franz tem suas experiências. O Franz conhece a vida. O Franz sabe quem ele é.” “Só quero deixar claro que o cavalheiro um dia cantou de um jeito muito triste.” “Um dia, um dia. O que passou, passou. Agora nosso colete está mais justo. Minha bola voa bem, senhor. Ninguém pode comigo. Adeusinho, e, se me casar, vocês dois estarão lá!”

—

Assim, o operário de construção e, mais tarde, de transporte de móveis, Franz Biberkopf, um homem rude, grandalhão, de aparência repulsiva, voltou a Berlim e às ruas, um homem a quem se apegara uma bonita moça de uma família de serralheiros, a qual transformou em prostituta e a qual, no fim, foi ferida mortalmente numa briga. Jurou a todo o mundo e a si mesmo levar uma vida decente. E, enquanto teve dinheiro, manteve-se

decente. Mas então o dinheiro se foi, momento pelo qual estava esperando para enfim mostrar a todos o homem que era.

SEGUNDO LIVRO

--

Trouxemos assim nosso homem feliz de volta a Berlim. Ele fez seu juramento, e a questão é se não devemos simplesmente parar por aqui. O desfecho parece amistoso e sem ardis, já parece um epílogo, e o todo tem a grande vantagem da concisão.

Mas não é um homem qualquer este Franz Biberkopf. Não o chamei aqui para um jogo, e sim para viver sua dura, verdadeira e esclarecedora existência.

Franz Biberkopf foi bem escaldado, agora está satisfeito e cheio de pose em terras berlinenses, e, quando diz que quer ser decente, podemos acreditar nele, assim o será.

Vocês verão como se manteve decente durante semanas. Mas isso de certa maneira é apenas um adiamento.

--

Certa feita, viveram no paraíso duas pessoas, Adão e Eva. Haviam sido colocadas ali pelo Senhor, que também criara animais e plantas e o céu e a terra. E o paraíso era o esplêndido Jardim do Éden. Flores e árvores

cresciam aqui, os animais brincavam, ninguém atormentava ninguém. O sol nascia e se punha, a lua fazia o mesmo, era essa a única alegria durante todo o dia no paraíso.

Comecemos assim alegremente. Vamos cantar e girar: palma, palma, palma, pé, pé, pé, roda, roda, roda, para lá, para cá, não é difícil.

Franz Biberkopf entra em Berlim

Comércio e indústria Limpeza e transportes urbanos Serviço de saúde

Construção subterrânea Arte e educação Trânsito

Caixa econômica e Banco municipal

Companhia de gás Corpo de bombeiros Finanças e impostos

Divulgação de um projeto para o terreno na Spandauer Brücke, 10.

O projeto para a instalação de uma roseta ornamental na parede da casa situada à rua Spandauer Brücke, 10, uma área de construção permanentemente restrita, localizada no distrito de Berlim-Mitte, encontra-se à disposição para consulta pública, juntamente com a respectiva planta. Durante este período, qualquer das partes, no âmbito de seu interesse, pode apresentar objeções ao projeto. Também a diretoria do distrito municipal tem o direito de apresentar objeções. Estas, para constarem do protocolo, devem ser encaminhadas por escrito ao distrito de Berlim-Mitte, endereçadas a Berlim C2, Klosterstrasse 68, sala 76, ou sob forma de declaração oral.

- Concedi ao senhor Bottich, arrendatário de área de caça, com aquiescência do Exmo. senhor Comissário de Polícia, permissão para o abate de lebres selvagens e outros animais de rapina na área do Fauler Seepark, válida para os seguintes dias do ano de 1928: o abate é permitido no verão, de

1o de abril a 30 de setembro, até as 7h; no inverno, de 1o de outubro a 31 de março, até as 8h. Por meio desta, a presente determinação torna-se de conhecimento público. Proíbe-se o acesso à área em questão durante o citado período de caça. O Prefeito na qualidade de responsável pelos assuntos de caça.

- O mestre peleiro, Albert Pangel, que deixa atrás de si uma carreira de quase trinta anos como funcionário honorário, renunciou a seu cargo honorífico devido à idade avançada e à mudança de endereço para longe da área de comissionamento. Durante este longo tempo, exerceu ininterruptamente as funções de presidente da comissão assistencial, mais precisamente a de assistente social. A administração distrital deixou expressos os méritos do senhor Pangel numa nota de agradecimento.

A Rosenthaler Platz se diverte.

Tempo agradável, com períodos amenos, um grau abaixo de zero. Alastra-se por toda a Alemanha uma zona de baixa pressão que põe um fim às condições meteorológicas atuais em todo o território. As ligeiras alterações de pressão vigentes indicam lenta expansão da baixa pressão em direção ao sul, de modo que o tempo continuará sob sua influência. Durante o dia, as temperaturas deverão ser mais baixas do que até agora. Previsões meteorológicas para Berlim e arredores.

O elétrico 68 percorre a Rosenthaler Platz, Wittenau, Nordbahnhof, Heilanstalt, Weddingplatz, Stettiner Bahnhof, Rosenthaler Platz, Alexanderplatz, Straussberger Platz, Bahnhof Frankfurter Allee, Lichtenberg, Manicômio Herzberge. As três empresas de transportes de Berlim – bondes, metrô de superfície e subterrâneo, ônibus – formam uma comunidade tarifária. O bilhete para adultos custa vinte pfennigs e o bilhete escolar, dez. Redução de tarifa para crianças de até 14 anos completos, aprendizes e crianças em idade escolar, estudantes sem recursos, mutilados de guerra e pessoas com dificuldade de locomoção com atestado da assistência social do distrito. Informe-se sobre a

rede de transportes. Durante os meses de inverno, a porta dianteira do veículo não pode ser aberta para embarque ou desembarque de passageiros, 39 deles sentados, 5.918, quem quiser descer deve avisar a tempo, o condutor do veículo está proibido de conversar com os passageiros, embarque ou desembarque com o veículo em movimento representa perigo de vida.

No meio da Rosenthaler Platz, um homem carregando dois pacotes amarelos pula do 41, um táxi vazio passa raspando por ele, o policial segue-o com o olhar, um controlador do bonde aparece, policial e controlador dão-se as mãos: esse aí com seus pacotes teve uma sorte danada.

Diversas aguardentes de frutas a preço de atacado. Dr. Bergell, advogado e

tabelião, Lukutate, remédio indiano de rejuvenescimento para elefantes, preservativos Akt, a melhor esponja de borracha, para que se precisa de tantas esponjas de borracha.

Da praça sai a longa Brunnenstrasse, na direção norte, a aeg situa-se a seu lado esquerdo diante do bosque Humboldt. A aeg é

uma empresa gigantesca que segundo a lista telefônica de 1928 compreende: companhias de eletricidade, luz e força, administração central, nw40, Friedrich-Karl-Ufer 2-4, comunicação local, comunicação de longa distância, seção norte 4.488, diretoria, portaria, Banco de Valores Elétricos S/A, setor para itens de iluminação, setor Rússia, setor fábricas de metais Oberspree, fábrica de aparelhos Trepkow, fábricas Brunnenstrasse, fábricas Henningsdorf, fábrica para materiais isolantes, fábrica Rheinstrasse, fábrica de cabos Oberspree, fábrica de transformadores Wilhelminenhofstrasse, Rummelsburger Chausee, fábrica de turbinas nw87, Huttenstrasse 12-16.

A Invalidenstrasse serpenteia à esquerda. Segue em direção a Stettiner Bahnhof, onde os trens chegam do Mar Báltico: estão cobertos de fuligem – aqui há poeira. – Bom-dia, até logo. O senhor tem bagagem, cinquenta pfennigs. – O senhor se recuperou bem. – Ah, o bronzeado logo some. – Onde as pessoas arranjam tanto dinheiro para viajar. – Num pequeno hotel ali numa rua escura, um casal de namorados se matou a tiros, um garçom de Dresden e uma mulher casada que se registraram com nomes falsos.

Do lado sul, a Rosenthaler Strasse desemboca na praça. Do outro lado, a loja Aschinger serve comida e cerveja às pessoas, oferece concertos e pães em geral. Peixes são nutritivos, alguns ficam contentes quando tem peixe para comer, outros, por sua vez, não podem comer peixe; comam peixe e fiquem esbeltos, saudáveis e dispostos. Meias femininas, pura seda, aqui os senhores têm uma caneta-tinteiro com excelente pena de ouro.

Na Elsasser Strasse, toda a rua foi cercada, à exceção de uma pequena passagem. Atrás do tapume da construção, uma máquina a motor fumega. Becker-Fiebig Construtora S/A, Berlim W35. Rumorejo, basculantes posicionados até a esquina onde se localiza o Commerz- und Privatbank, Caixa de Depósitos L., Custódia de Ações, depósitos em contas de poupança. Cinco homens de joelhos diante do banco, operários encaixam pedrinhas no chão.

Na parada da Lothringer Strasse, acabaram de embarcar na linha 4 do elétrico quatro pessoas: duas senhoras idosas; um homem simples, angustiado; e um jovem de gorro e tapa-orelhas. As duas mulheres estão juntas, são a senhora Plück e a senhora Hoppe. Querem adquirir para a

senhora Hoppe, a mais velha, uma cinta abdominal, pois tem predisposição a hérnia de umbigo. Foram à loja de artigos ortopédicos na Brunnenstrasse, depois as duas querem buscar seus maridos para o almoço. O homem é o cocheiro Hasebruck, sofrendo revezes com um ferro elétrico de passar que comprou usado e barato para seu chefe. Deram-lhe um ferro ruim, o chefe testou-o por alguns dias, depois deixou de esquentar, ele deve trocá-lo, as pessoas se recusam, está indo até lá pela terceira vez, hoje deve pagar um adicional. O jovem, Max Rüst, se tornará encanador mais tarde, pai de sete outros Rüst, será sócio da firma Hallis & Co., Instalação, Reformas de telhados em Grünau, aos 52 anos, ganhará um quarto do prêmio da loteria prussiana, em seguida se aposentará e morrerá aos 55 anos durante um processo de indenização contra a firma Hallis & Co. Seu anúncio fúnebre dirá: em 25 de setembro, faleceu repentinamente em consequência de um ataque cardíaco meu estimado esposo, nosso querido pai, filho, irmão, cunhado e tio Paul Rüst, ao completar 55 anos de idade. Inconsolável, Marie Rüst participa o falecimento em nome dos familiares. Os agradecimentos após o funeral seguirão o seguinte texto: agradecimentos! Na impossibilidade de agradecer pessoalmente pelas demonstrações de etc., expressamos nosso agradecimento sincero a todos os parentes, amigos, assim como aos inquilinos da casa situada a Kleistrasse 4 e a todos os conhecidos. Agradecemos especialmente ao senhor Deinen por suas calorosas palavras de

consolo. – Agora este Max Rüst tem 14 anos, acabou de concluir a escola municipal, deve passar no caminho de ida pelo local de aconselhamento para deficientes de fala, audição, visão, retardamento mental e escolar, onde já esteve várias vezes, pois gagueja, mas já apresentou melhoras.

Pequeno botequim na Rosenthaler Platz.

À frente, jogam bilhar, atrás, num canto, dois homens fumam e tomam chá. Um deles tem o rosto flácido e os cabelos grisalhos, veste uma pelerine. “Vamos, desembuche. Mas fique quieto na cadeira, não se mexa tanto.”

“A mim não pegam para o bilhar hoje. Não estou com a mão firme.” Mordisca um pãozinho seco, não toca no chá.

“Nem precisa. Estamos bem, sentados aqui.”

“É sempre a mesma história. Agora deu certo.” “Quem deu certo?”

O outro, jovem, loiro, rosto firme, corpo firme: “Eu também, naturalmente. O senhor achava que era só eles? Agora estamos nos entendendo”.

“Em outras palavras, o senhor está fora.”

“Falei com o chefe em bom alemão e ele me xingou. À noite já tinha minha carta de demissão para o dia 1o.”

“Nunca se deve falar bom alemão em certas situações. Se o senhor tivesse falado francês com o homem, ele não teria compreendido e o senhor ainda estaria dentro.”

“Ainda estou dentro, o que o senhor pensa. É agora que estou indo. O senhor acha que vou deixar as coisas fáceis para eles. Todos os dias, pontualmente às duas da tarde, lá estou eu e vou azedar a vida deles: o senhor pode confiar.”

“Homem de deus, homem de deus. Pensei que o senhor fosse casado.”

Ele apoia a cabeça: “Esse é o ruim da história, ainda não contei a ela, não posso contar a ela”.

“Quem sabe as coisas se arranjam.” “Ela está em estado interessante.” “O segundo?”

“É.”

O da pelerine aperta o casaco contra o corpo, sorri com ironia para o outro, depois acena com a cabeça: “Ora, isso é muito bom. Filhos dão coragem. O senhor bem que está precisando agora”.

Este se aproxima: “Não preciso disso. Para quê. Tenho dívidas até o pescoço. As eternas prestações. Não posso dizer a ela. E depois pôr alguém no olho da rua. Estou acostumado à ordem e aquilo é uma fábrica de merda de cima a baixo. O chefe tem uma fábrica de móveis e se eu consigo pedidos para a seção de calçados não faz diferença para ele. É assim. Somos a quinta roda da carroça. Ficamos à toa no escritório e pergunta daqui e dali: afinal, as ofertas já saíram? Que ofertas? Falei com eles seis vezes, para que eu corra atrás dos clientes. Fazem a gente de bobo. Ou ele deixa a seção ir para o brejo ou não”.

“Tome um gole de chá. Por enquanto ele vai deixar o senhor se ferrar.”

Um senhor em mangas de camisa vem da mesa de bilhar, toca o ombro do jovem: “Uma partida?”.

O mais velho responde em seu lugar: “Ele levou um soco no queixo”. “Bilhar faz bem para socos no queixo.” Depois se afasta.

O da pelerine

toma chá quente; é bom tomar chá quente com açúcar e rum e ouvir o outro jogar conversa fora. É aconchegante aqui no botequim. “O senhor não vai para casa hoje, não é, Georg?”

“Não tenho coragem, não tenho coragem. O que vou dizer. Não posso olhá-la na cara.”

“Vá, vá sim, olhe para ela bem tranquilo.” “O que o senhor entende disso.”

O outro, com as pontas da pelerine entre os dedos, se esparrama sobre a mesa: “Beba, Georg, ou coma e não fale. Entendo bem isso. Conheço essa história bem demais. Quando o senhor era deste tamanho, eu já tinha ido e voltado”.

“Que alguém se ponha em meu lugar. Uma boa posição e, então, eles estragam tudo.”

“Fui professor de ginásio. Antes da guerra. Quando a guerra começou, já estava como estou hoje. O botequim era assim como hoje. Não me convocaram. Não precisam de gente como eu. Gente que se pica. Ou melhor: me convocaram, pensei, vou ter um troço. Naturalmente, tiraram a seringa de mim e também a morfina. E lá vou eu para o serviço. Aguentei dois dias, era a conta de minhas reservas, em seguida, adeus Prússia e eu no hospício. Depois me liberaram. Ora, o que eu queria dizer, daí a escola também me chutou, morfina, às vezes a gente fica dopado, no começo, agora não acontece mais, infelizmente. Ora, e a mulher? E a criança? Adeus, pátria amada. Georg, homem, podia lhe contar umas histórias românticas.” O grisalho bebe, as duas mãos segurando o copo, toma devagar, compenetrado, olhando para o chá: “Uma mulher, uma criança: parece que isso representa o mundo. Não me arrependi, não me sinto culpado; é preciso conformar-se com os fatos, consigo mesmo. Não se deve pavonear com o destino. Sou inimigo do destino. Não sou grego, sou berlinense. Por que o senhor deixa esfriar um chá tão bom? Ponha um pouco de rum”. O jovem coloca a mão sobre o copo, mas o outro a empurra, despeja no copo algo de um pequeno frasco de metal que tira do bolso. “Preciso ir embora. Obrigado. Preciso andar bastante para aliviar a minha raiva.” “Fique aí bem calmo, Georg, tome um pouquinho, depois jogue

bilhar. É só não deixar a desordem tomar conta. Esse é o começo do fim. Quando não encontrei minha mulher e a criança em casa, só havia uma carta, casa da mãe na Prússia Ocidental, e assim por diante, existência fracassada, um homem desses e a vergonha, e assim por diante, fiz um corte, aqui no braço esquerdo, que parece uma tentativa de suicídio. Nunca se deve abrir mão de aprender alguma coisa, Georg; eu sabia até provençal, mas em anatomia, confundi o tendão com o pulso. Até hoje ainda não estou bem orientado, mas não é mais o caso. Em resumo: a dor, o remorso, foi uma bobagem, continuei vivo, a mulher continuou viva, a criança também, teve até mais filhos, lá na Prússia Ocidental, dois filhos, trabalhei a distância; estamos todos vivos. A Rosenthaler Platz me alegra, o policial na esquina da Elsasser me alegra, o bilhar me alegra. Que venha então alguém e diga que sua vida é melhor e que não entendo nada de mulheres.”

O loiro olha-o com repulsa: “O senhor é uma ruína, Krause, o senhor bem sabe disso. Que exemplo é esse o do senhor. O senhor se apresenta para mim com todo esse azar, Krause. Foi o senhor mesmo que contou como é obrigado a passar fome com suas aulas particulares. Não quero acabar desse jeito”. O grisalho esvaziou o copo, encosta-se na cadeira de ferro com sua pelerine, fixa hostilmente o olhar no jovem, então explode em riso

convulsivo: “Nada disso, nada de exemplo, aí o senhor tem razão. Nunca pretendi. Não sou exemplo para o senhor. A mosca, veja só, pontos de vista. A mosca senta-se sob o microscópio e imagina ser um cavalo. A mosca que se ponha diante de meu telescópio. Quem é o senhor, sr. Georg? Imagine só: senhor Representante Regional da firma xy, seção de calçados. Não, deixe de piadas. Contar o seu desgosto para mim, desgosto: soletrando, d de débil, e de energúmeno, s de sabichão, o de otário, t de toupeira, e assim por diante. E errou o número, fez a ligação errada, senhor, completo engano”.

—

Uma moça desceu do 99, Mariendorf, Lichtenrader Chaussee, Tempelhof, Hallesches Tor, Hedwigskirche, Rosenthaler Platz, Badstrasse, Seestrasse esquina Togostrasse, nas noites de sábado para domingo, circulação ininterrupta entre Uferstrasse e Tempelhof, Friedrich-Karl-Strasse, com intervalos de quinze minutos. São oito horas da noite, ela tem uma pasta de partituras sob o braço, a gola de pele levantada sobre o rosto, na esquina da Brunnenstrasse-Weinbergsweg, caminha de um lado para o outro. Um homem de casaco de pele a aborda, ela se assusta, anda rapidamente para o outro lado da rua. Está parada debaixo do

poste alto, observa a esquina do outro lado. Um senhor de mais idade, baixo, de óculos de aro de tartaruga, surge do outro lado, ela logo vai ter com ele. Soltando risinhos, anda a seu lado. Sobem a Brunnenstrasse.

“Não devo chegar muito tarde em casa, não mesmo. Nem deveria ter vindo. E não posso telefonar.” “Não, só excepcionalmente, se for necessário. No escritório, os outros escutam. É por sua causa, pequena.” “Sim, tenho medo,

mas não vão descobrir, o senhor certamente não dirá a ninguém.”

“Com certeza.” “Papai, se ele ouvir algo, e mamãe, meu Deus.” O senhor mais velho segura-a alegremente pelo braço. “Ninguém vai descobrir. Não direi palavra a ninguém. Aprendeu muita coisa na aula?” “Chopin. Toco os Noturnos, o senhor gosta de música?”

“Claro, se for preciso.” “Gostaria de tocar um dia para o senhor, se puder. Mas tenho medo do senhor.” “Ora, ora.” “Sim, sempre sinto medo do senhor, um pouquinho, não muito. Não, muito não. Mas não preciso sentir medo do senhor.” “Nem de longe. Que coisa. Você já me conhece há três meses.” “Na verdade, só tenho medo do papai. Se descobrem.” “Menina, mas você bem pode dar uns passos sozinha à noite. Não é mais um bebê.” “Sempre disse isso à mamãe. E eu saio, claro.” “Vamos, menina mimada, lá para onde queremos ir.” “Não me chame de mimada. Só lhe disse isso, assim – por dizer. Onde vamos hoje. Preciso estar em casa às

nove.” “Aqui em cima. Já chegamos. Mora um amigo meu. Podemos subir sem cerimônia.” “Tenho medo. Será que seremos vistos? Vá na frente. Subo sozinha atrás.”

Lá em cima, sorriem um para o outro. Ela está parada no canto. Ele tirou o chapéu e o casaco, ela permite que ele pegue a pasta de partituras e o chapéu. Ela corre então até a porta, apaga a luz: “Mas só um pouco hoje, tenho tão pouco tempo, preciso ir para casa, não vou tirar a roupa, o senhor não vai me machucar”.

Franz Biberkopf sai à procura, é preciso ganhar dinheiro, sem dinheiro o homem não vive. Sobre a feira de louças de Frankfurt

Franz Biberkopf sentou-se com seu amigo Meck a uma mesa onde já estavam vários homens ruidosos e esperou pelo início da reunião. Meck explicou: “Você não vai receber auxílio-desemprego, Franz, e também

não vai para a fábrica e para a obra, está frio demais. O comércio é a melhor coisa. Em Berlim ou no campo. Você pode escolher. Mas dá para sobreviver”. O garçom gritou: “Cuidado, afastem as cabeças”. Tomaram sua cerveja. Nesse instante, soaram passos acima deles, o senhor Wünschel, o gerente do primeiro

andar, corria para o pronto-socorro, a mulher sofrera um desmaio. Então, Meck voltou a explicar: “Tão certo quanto meu nome é Gottlieb, olhe só para esta gente aqui. A cara delas. Será que estão famintas. Será que não são decentes”. “Gottlieb, você sabe, decência, não brinco com esse assunto. Com toda franqueza, é uma profissão decente ou não?” “Olhe só para essa gente, não digo nada. Beleza, olhe só para elas.” “Uma existência estável, é isso o que importa, estável.” “É a coisa mais estável que existe. Suspensórios, meias femininas, masculinas, aventais, talvez lenços de cabeça. O lucro está na compra.”

Na tribuna, um homem corcunda falava da feira de Frankfurt. Em relação à feira, não é demais alertar insistentemente contra a participação de fora. A feira está mal localizada. Principalmente a feira de louças. “Minhas senhoras e meus senhores, caros colegas, quem participou da feira de louças de Frankfurt no último domingo poderá concordar comigo, não se pode exigir isso do público.” Gottlieb cutucou Franz: “Ele está falando da feira de louças de Frankfurt. Certamente, você não vai lá”. “Não tem importância, é um bom homem, ele sabe o que quer.” “Quem conhece a Magazinplatz, em Frankfurt, não volta lá outra vez. Isto é tão certo quanto dizer amém na igreja. Era um lixo, um lamaçal. Gostaria ainda de mencionar que o magistrado de Frankfurt se deu ao luxo de esperar três dias antes do prazo final. Depois disso:

a Magazinplatz para nós, não a Marktplatz como de hábito. Por quê? Isso eu queria submeter ao furo apurado dos colegas: porque a feira semanal acontece na Marktplatz e, se nós também formos lá, o resultado será um caos no trânsito. Isso é descabido por parte do magistrado de Frankfurt, é um tapa na cara. Uma desculpa dessas como motivo. Durante quatro dias e meio por semana, há a feira semanal e nós devemos ir embora? Por que justamente nós? Por que não o homem das hortaliças e a mulher da manteiga? Por que Frankfurt não constrói um mercado? Os comerciantes de frutas, legumes e alimentos são tão maltratados pelo magistrado quanto nós. Todos nós sofremos com as medidas descabidas do magistrado. Mas agora basta. Os lucros da Magazinplatz foram magros, não foram nada, não valeu a pena. Com a lama e a chuva, ninguém apareceu. Os colegas que lá estiveram, em sua maioria, não fizeram grana suficiente para tirar seus carros da praça. Despesas com o transporte, barraca, depósito, descarregamento, carregamento. E eu queria igualmente mencionar e enfatizar ao grande público que em Frankfurt o estado dos toaletes é indescritível. Quem lá esteve, pode bem confirmar isso. Tais condições higiênicas são indignas de uma cidade grande, e o público precisa criticar energicamente esteja onde estiver. Tais condições não podem atrair visitante algum a Frankfurt e prejudicam os comerciantes. E além disso as barracas são apertadas, como sardinhas em lata.”

Após a discussão na qual a diretoria também foi atacada por sua inércia até o momento, tomou-se a seguinte decisão por unanimidade:

“Os feirantes receberam a mudança da feira para a Magazinplatz como um tapa na cara. O resultado comercial para os feirantes ficou significativamente muito aquém daquele de feiras anteriores. A Magazinplatz é totalmente inadequada como local de feira, pois nem de longe pode comportar o número de frequentadores, e do ponto de vista sanitário é decididamente motivo de vergonha para a cidade de Frankfurt às margens do rio Oder, sem mencionar o fato de que, em caso de perigo de incêndio, tanto os feirantes quanto suas mercadorias estariam perdidos. Os participantes da assembleia esperam, por parte do magistrado da cidade, a recondução da feira para a Marktplatz, pois apenas desta maneira seria concedida uma garantia para a continuidade da feira. Ao mesmo tempo, os participantes exigem urgentemente uma redução da taxa de aluguel da barraca, por não estarem em condições, nas circunstâncias atuais, de cumprir seus compromissos e tornar-se-iam um peso para a assistência social da cidade.”

Biberkopf sentiu-se irresistivelmente atraído pelo orador. “Meck, esse aí é um orador, um homem feito sob medida para o mundo.” “Experimente então pisar nos calos dele, quem sabe sobra alguma coisa para você.” “Isso não dá para você saber, Gottlieb. Sabe, foram os judeus que me levaram para fora. Já estive pelos pátios e cantei a música da guarda do Reno, tão atordoada estava minha cabeça. Então, os dois judeus me pescaram de lá e contaram histórias. Palavras também são boas, Gottlieb, assim como o que a pessoa diz.” “A história do polaco, o Stefan. Franz, você está com um parafuso a menos.” O outro encolheu os ombros: “Gottlieb, parafuso a mais, parafuso a menos, ponha-se primeiro no meu lugar para depois falar. O homem lá em cima, o baixote corcunda é bom, é o que eu digo, de primeira, de primeira”. “Ora, por mim, que seja. Você deve se preocupar mais com os negócios, Franz.” “Vou cuidar disso, uma coisa depois da outra. Não estou falando contra os negócios.”

E esgueirou-se até aproximar-se do corcunda. Respeitosamente, pediu-lhe uma informação. “O que o senhor quer?” “Gostaria de uma informação.” “Não há mais discussão. Acabou, agora chega. Nós também estamos fartos, até aqui.” O corcunda estava virulento: “Mas o que o senhor quer de fato?”. “Eu -. Aqui se fala muito da feira de Frankfurt, e o senhor cumpriu sua tarefa de forma magnífica, de primeira, senhor. Isso é o que eu queria lhe

dizer da parte de minha pessoa. Concordo inteiramente com sua opinião.” “Fico contente, colega. Qual é sua graça?” “Franz Biberkopf. Vi com alegria o senhor cumprir a sua tarefa e vi como deu o troco ao pessoal de Frankfurt.” “Ao magistrado.” “Maravilha. Foi uma lição com brilho. Eles nem vão soltar um pio. Nessa cadeira o senhor não se senta mais.” O baixote ajuntou seus papéis, desceu do pódio para o salão enfumaçado: “Muito bonito, colega, beleza”. E Franz ficou radiante, curvou-se reverentemente atrás dele.

“Gostaria de mais uma informação? O senhor é membro da associação?” “Não. Lamento muito.” “Pode fazer isso comigo agora mesmo. Venha até a nossa mesa.” Franz sentou-se à mesa da diretoria lá embaixo, ao lado de rostos vermelhos, bebeu, cumprimentou, recebeu um cartão. Prometeu o pagamento da filiação para o próximo dia primeiro. Aperto de mão.

De longe, acenou para Meck com o cartão: “Agora sou membro, sim, senhor. Sou membro do grupo regional de Berlim. Pode ler aqui, está escrito: grupo regional de Berlim, Associação do Reich, e como diz: vendedor ambulante de produtos industriais da Alemanha. Coisa fina, hein”. “E o que você é, vendedor de produtos têxteis? Aqui está escrito produtos têxteis. Desde quando, Franz? O que são os seus produtos têxteis?” “Mas não falei produtos têxteis. Falei meias e aventais. Ele insistiu, produtos

têxteis. Não faz mal. Só vou pagar no dia primeiro.” “Ora, homem de Deus, primeiro você sair por aí com pratos de porcelana ou com baldes de cozinha ou talvez negociar gado, como os senhores aqui: meus senhores, não é bobagem que este homem pegue um cartão de filiação para produtos têxteis e negocie bois?”

“Desaconselho bois. Bois estão em baixa. Faça negócio de animais de pequeno porte.” “Mas ele ainda não vai sair por aí vendendo o que quer que seja. É fato. Meus senhores, esse aí fica só sentado e querendo coisas. Podem muito bem lhe dizer, sim, senhor, Franz, saia a vender ratoeiras ou bustos de gesso.” “Se tiver que ser, Gottlieb, se isso dá para alimentar a gente. Nem tanto as ratoeiras, aí as farmácias fazem muita concorrência com venenos, mas bustos de gesso: por que não levar bustos de gesso para as cidades pequenas?” “Ora, vejam: ele pega um cartão para aventais e sai por aí com bustos de gesso.”

“Gottlieb, pare com isso, meus senhores, vocês têm razão, mas não destorçam as coisas. É preciso colocar as coisas no devido lugar e explicar direito, assim como fez o baixote corcunda com a história de Frankfurt, mas você não prestou atenção.” “Porque não tenho nada a ver com Frankfurt. E os senhores também não.”

“Bem, Gottlieb, bom, meus senhores, não quero censurar ninguém, eu prestei atenção por minha pessoa, minha humilde insignificância, e foi muito bonito como ele explicou tudo, com

calma, mas cheio de energia, com sua voz fraca, e o homem é fraco do peito, e como tudo seguiu sua ordem e depois veio a resolução, ponto por ponto, tudo claro, uma coisa fina, uma cabeça, e tudo certo, até os banheiros que não lhes agradaram. Eu tive lá aquela história com os judeus, você já sabe. Certa vez, meus senhores, em que eu, em que as coisas estavam desesperadoras para mim, dois judeus me ajudaram, contaram histórias para mim. Eles falaram comigo, e nem me conheciam, são gente decente, e então me contaram a história de um polaco ou coisa parecida, era só uma história, no entanto, foi muito boa, muito instrutiva para mim na situação em que estava. Pensei: um conhaque teria tido o mesmo efeito. Mas quem sabe. Em seguida, estava em pé novamente cheio de energia.” Um dos negociantes de gado soltava baforadas e sorria, irônico: “Será que antes você não levou uma pedrada bem grande na nuca?”. “Nada de piadas, meus senhores. Além disso, o senhor tem razão. Foi uma pedrada e tanto. Também pode acontecer na sua vida que lhe chovam canivetes sobre a cabeça e o senhor fique com as pernas bambas. Pode acontecer com qualquer pessoa, um enguiço desses. E o que se faz depois com as pernas bambas? O senhor anda a esmo pela rua, Brunnenstrasse, Rosenthaler Tor, Alex. Pode acontecer que o senhor fique andando a esmo e não consiga ler as placas das ruas. Pessoas inteligentes me ajudaram, disseram-me e contaram coisas, gente de cabeça, e por aí o

senhor fica sabendo: não se deve fiar no dinheiro ou no conhaque ou na contribuição de uns míseros tostões. O mais importante é ter cabeça, fazer uso dela e saber o que está acontecendo com a gente, que a gente não beije a lona logo de cara. Então tudo deixa de ter importância. Assim são as coisas, meus senhores. Este é meu modo de ver.”

“Assim sendo, senhor, ou seja, colega, vamos beber e brindar. À nossa associação.” “À associação, saúde meus senhores. Saúde, Gottlieb.” Este ria e ria: “Homem, agora só resta a pergunta: de que jeito você vai pagar a contribuição no próximo dia primeiro?”. “E preste atenção no seguinte, jovem colega, agora que o senhor tem o cartão de filiação e é membro de nossa associação, certifique-se de que ela lhe consiga um ganha-pão de verdade.” Os negociantes de gado juntaram-se a Gottlieb para ver quem ria mais. Um dos negociantes: “Experimente ir com seu cartão para Meiningen, na semana que vem há feira por lá. Eu fico do lado direito, o senhor do outro lado, à esquerda, e eu fico olhando como anda o seu negócio. Imagine você, Albert, ele tem a filiação e é membro da associação e está na sua barraca. Aqui do meu lado, gritam: salsichas vienenses, legítimos pãezinhos de Meiningen, e ele berra do outro lado: aqui, aqui, nunca houve igual, membro da associação, a grande sensação da feira de pãezinhos de Meiningen. E aí as pessoas vêm aos bandos. Jacó,

Jacó, você é um bocó”. Batiam as mãos sobre a mesa, Biberkopf também. Meteu cautelosamente o cartão no bolso interno do paletó: “Se alguém quer sair andando, tem de comprar um par de sapatos. Ainda não disse que vou fazer grandes negócios. Mas também não sou tão bobo assim”. Levantaram-se da mesa.

—

Na rua, Meck envolveu-se numa discussão acirrada com os dois negociantes de gado. Os dois defendiam seu ponto de vista numa disputa legal travada por

um deles. Fizera negócios de bois na região de Brandenburg, mas só tinha licença para Berlim. Um concorrente o encontrara depois numa aldeia e o denunciara à polícia. Mas então os dois, que viajavam juntos, armaram a coisa de maneira astuta: o acusado declarou em juízo que é apenas o acompanhante do outro e que fez tudo por ordem deste.

Os comerciantes explicaram: “Não pagamos multa alguma. Juramos. Agora é preciso prestar juramento diante do tribunal. Ele jura, era apenas meu acompanhante e já fez isso outras vezes, presta-se o juramento disso e ponto final”.

Meck ficou fora de si, agarrou os dois pelo casaco: “Aí é que está, vocês são loucos, vocês deviam estar no hospício. Vão jurar uma bobagem dessas para agradar àquele malandro para que ele possa enganar vocês direitinho. Isso precisa ser publicado no jornal, que o tribunal apoie uma coisa dessas, isto não está certo, aqueles senhores de monóculo. Mas agora vamos falar de justiça”.

O segundo negociante mantém seu ponto de vista: “Juro, ora, por que não? Gastar dinheiro, três instâncias, e o malandro fica se divertindo? Morto de inveja. Para mim, negócio é negócio”.

Meck bateu o punho na testa: “Alemão bobão, seu lugar é na merda onde você já está enfiado”.

Separaram-se dos negociantes de gado, Franz pegou o braço de Meck, vagaram sozinhos pela Brunnenstrasse. Meck esbravejava para os negociantes: “Que sujeitos esses. É deles a culpa por nossa situação. É deles a culpa pela situação do povo inteiro”. “O que você está dizendo, Gottlieb?” “Cagões, é o que são, em vez de mostrar os punhos no tribunal; cagões, o povo todo, os comerciantes, os operários, todos sem exceção.”

De repente, Meck estacou e postou-se diante de Franz: “Franz, precisamos ter uma conversa. Do contrário, não posso deixar você me acompanhar. De jeito nenhum”. “Pois então comece.” “Franz, preciso saber quem é você. Olhe-me nos olhos. Diga-me honestamente e me dê sua palavra, você sentiu o gostinho aqui em Tegel, você sabe o que é justo e o que é justiça. Então justo tem de ser justo.” “É verdade, Gottlieb.” “Então, Franz, seja franco: o que foi que eles fizeram com você lá dentro?” “Pode ficar tranquilo. Pode acreditar: se você tem chifres, então tem de deixá-los do lado de fora. Lá liam livros e aprendiam estenografia, e também jogavam xadrez, inclusive eu.” “Você também sabe jogar xadrez?” “Ora, nós continuamos nosso joguinho de cartas, Gottlieb. Pois é, você fica à toa por ali, não tem muita cabeça para refletir,

para nós, operários do transporte, a coisa está mais nos músculos e nos ossos, e então você diz um belo dia: maldição, não se envolva com as pessoas, siga seu próprio caminho. Fique longe das pessoas. Gottlieb, por que gente como nós vai se meter com tribunais e a polícia e a política? Tínhamos um comunista por lá, era mais gordo do que eu, ele participou da coisa de 1919 em Berlim. Não o pegaram, mas depois disso ele ficou comportado, conheceu uma viúva e entrou nos negócios dela. Um rapaz esperto, veja você.” “E como ele foi parar lá dentro com vocês?”

“Deve ter tentado algum golpe. Lá dentro, nós sempre ficamos unidos, e quem dedurava os outros podia contar com uma boa surra. Mas o melhor é não se meter com os outros. É suicídio. É melhor deixar quieto. Ficar na sua e cada um para si. Essa é minha palavra.”

“Pois bem”, disse Meck e olhou-o fixamente: “Então estão todos ferrados, isto é covardia de sua parte, assim vamos todos à breca”. “Ferre-se quem quiser, não é problema nosso.” “Franz, você é um covarde, mantenho minha opinião. Isto vai ter consequências, Franz.”

—

Franz Biberkopf passeia descendo pela Invalidenstrasse, sua nova namorada, a polonesa Lina, caminha com ele. Na esquina da Chausseestrasse há uma banca de jornal num vestibulo, pessoas ficam por ali, jogando conversa fora.

“Atenção, não fiquem parados aqui.” “Mas podemos olhar as fotos, ou não”. “Ora, pode comprá-las. Não atrapalhe a passagem.” “Idiota.”

Suplemento de turismo. Quando em nossa fria região norte chega a época desagradável que ocorre entre os dias de inverno reluzentes de neve e o primeiro verde de maio, somos atraídos – um impulso milenar – pelo sul ensolarado, além dos Alpes, para a Itália. Feliz de quem pode seguir este ímpeto de pegar a estrada. “Não se aborreça com as pessoas. Veja como as pessoas estão embrutecidas: um cara desses ataca uma moça no bonde e quase a mata de tanto bater por causa de cinquenta marcos.” “Por esse dinheiro, faço a mesma coisa.” “O quê?” “E o senhor sabe o que são cinquenta marcos. O senhor nem sabe, cinquenta marcos. É um monte de dinheiro para gente como nós, um montão, meu senhor. Pois então, quando souber o que são cinquenta marcos, continuamos a nossa conversa.”

Discurso fatalista do chanceler do Reich, Marx: o que acontecerá, segundo minha visão de mundo, está nas mãos da providência de Deus, que tem suas intenções determinadas para cada povo. Em relação a isso, a ação humana seguirá sendo apenas fragmentária. Cabe a nós apenas trabalhar incessantemente com o melhor de nossas forças, de acordo com nossas convicções, e assim cumprirei fiel e honestamente a função que agora assumo. Encerro aqui, prezados senhores,

com os melhores votos para um trabalho bem-sucedido em sua atividade empenhada e abnegada em prol da linda Baviera. Boa sorte em seus projetos futuros. Viver como tu, quando morreres, deseja ter tido uma bela refeição.

“Então senhor, agora já acabou de ler?” “Por quê?” “Devo tirar o jornal do pregador? Um dia, um senhor me pediu uma cadeira para poder ler mais à vontade.” “Acho que o senhor pendura as fotos aqui fora só para –” “O que faço com as fotos é problema só meu. O senhor não paga pela minha banca de jornal. Tem gente que só sabe se aproveitar da situação, não preciso de nenhum espertinho na minha banca, só espantam os fregueses.”

Ele se afasta, é melhor que mande engraxar as botas, deve passar a noite no abrigo Palme da Fröbelstrasse, sobe no bonde. Este, por certo, viaja com o bilhete errado ou achou algum na rua, ele que tente. Se o apanharem, terá perdido o bilhete certo. Sempre estes espertalhões, e mais dois agora. Qualquer hora mando fazer uma grade aqui na frente. Vou tomar o café da manhã.

Franze Biberkopf de chapéu-coco vem marchando, pega a polaca gorducha, Lina, pelo braço. “Lina, olhos para o lado direito, para dentro do vestíbulo. O tempo não está para desempregados.

Vamos olhar as fotos. Belas imagens, mas aqui dentro tem vento encanado. Colega, diga-me como estão indo os negócios. Aqui dentro a gente morre de frio.” “Também não estamos em nenhum aquecedor.” “Lina, você gostaria de estar num troço desses?” “Venha, o sujeito está com um sorriso esquisito.” “Senhorita, só estou querendo dizer, muitos iriam gostar que a senhorita ficasse num vestíbulo como este e vendesse jornais. Mãos delicadas a atender o público.”

Rajadas de vento, os jornais voam sob os pregadores. “Colega, você tem de colocar um guarda-chuva aqui fora.” “Para que ninguém veja nada.” “Então você manda colocar uma vidraça.” “Venha, Franz.” “Ora, espere um momentinho. Um instante só. O homem fica aqui durante horas e também não sai voando. Não se deve ter tantos fricotes, Lina.” “Não, é porque ele fica com um risinho esquisito.” “Mas essa é a expressão do meu rosto, são os meus traços, senhorita. Não posso fazer nada.” “Ele fica o tempo todo sorrindo assim, ouviu, Lina, o pobre sujeito.”

Franz empurrou o chapéu para trás, olhou bem no rosto do jornalista, não se conteve, riu, a mão de Lina segurava a sua. “Ele não tem culpa, Lina. Traz isso do berço. Sabe, colega, que cara você faz quando sorri assim? Não, não

assim, como você ficou sorrindo antes? Sabe, Lina. Como se ainda estivesse junto ao peito da mãe e o leite ficasse azedo.” “Para mim isto não vale. Fui criado na mamadeira.” “Quanta besteira.” “Colega, diga, quanto se ganha com este negócio?” “A Rote Fahne6, obrigado. Deixe o homem passar, colega. Olhe a cabeça, cuidado com a caixa.” “Você está aqui bem no meio do vaivém.”

Lina o puxou, perambulando, desceram a Chausseestrasse até o Oranienburger Tor. “Isto serve para mim. Eu não fico resfriado com facilidade. Mas a chateação de ficar à espera no corredor.”

—

Dois dias depois, está mais quente. Franz vendeu seu casaco, usa roupas de baixo mais grossas, que Lina arranhou em algum lugar, está parado na Rosenthaler Platz diante da loja de confecções Fabisch, Fabisch & Co., roupa masculina fina sob medida, acabamento cuidadoso e preços baixos são as características de nossos produtos. Franze apregoa presilhas de gravata:

“Por que então o homem elegante faz uso delas aqui no oeste e o proletário não? Senhoras e senhores, aproximem-se; a senhorita também, mais o senhor seu esposo; aos jovens é permitida a entrada, aqui nada custa mais para os jovens. Por que o proletário não usa gravatas? Porque não sabe colocá-las. Para isso ele precisa então comprar uma presilha de gravata e depois de comprá-la percebe que é ruim e não consegue prender a gravata. Isto é enganação, isto deixa o povo amargurado, empurra a Alemanha ainda mais fundo na penúria em que já está. Por que, por exemplo, não se usavam estas grandes presilhas de gravata? Porque ninguém quer pendurar uma pá de lixo no pescoço. Nem o homem nem a mulher, nem mesmo o bebê de colo, se pudesse responder. Não se deve achar graça, senhores e senhoras, não riam, não sabemos o que se passa na doce cabecinha da criança. Meu Deus, a linda cabecinha, uma cabecinha tão pequena e os cabelinhos, não é, é bonito, mas pagar pensão alimentícia, aí não há motivo de riso, isto leva à miséria. Comprem uma gravata assim no Tietz ou no Wertheim ou, se não quiserem comprar no judeu, em outro lugar. Sou um homem de origem ariana.” Ergue o chapéu, cabelos loiros, rubras orelhas de abano, alegres olhos arregalados. “Os grandes magazines não têm motivo para pedir que eu faça propaganda para eles, eles também sobrevivem sem mim. Comprem uma gravata como a que tenho aqui e depois pensem em como vão prendê-la.

“Senhoras e senhores, quem tem tempo hoje em dia de fazer o nó na gravata de manhã e não prefere ter um minuto a mais de sono. Nós todos necessitamos de muito sono porque precisamos trabalhar muito e ganhamos

pouco. Uma presilha dessas torna o sono mais leve para os senhores. Faz concorrência às farmácias, pois quem comprar uma dessas presilhas não precisará de nenhum veneno para dormir ou de um gole para apressar o sono ou coisa que o valha. Ele dorme sem ser embalado, como a criança no peito da mãe, porque sabe: pela manhã não haverá nenhuma correria; aquilo de que precisa está sobre a cômoda prontinho e só precisa ser enfiado no colarinho da camisa. Os senhores gastam dinheiro com muita porcaria. Devem ter visto, no ano anterior, os pilantras no Crocodilo, na frente havia salsichas quentes, no fundo, Jolly estava deitado num caixote de vidro, deixando a barba crescer em volta da boca. Todos vocês viram isto – cheguem aqui pertinho, para que eu possa poupar minha voz, não pus minha voz no seguro, ainda está faltando o primeiro pagamento –, como Jolly ficava na vitrine, os senhores viram isso. Mas como eles lhe passavam chocolate escondido, isso os senhores não viram. Aqui, os senhores adquirem mercadoria honesta, não é celuloide, é borracha prensada, uma por vinte pfennigs, três por cinquenta.

“Saia do meio-fio, meu jovem, senão um carro o atropela e quem vai varrer o lixo depois? Explicarei aos senhores como se dá um nó na gravata, não será preciso quebrar a cabeça. Vão compreender bem rápido. Deste lado aqui, os senhores pegam de trinta a trinta e cinco centímetros, depois dão uma dobrada na gravata, mas não assim. Dá a impressão de que um percevejo amassado está grudado na parede, um peixe no papel de parede, um homem elegante não usa essas coisas. Depois os senhores pegam minha engenhoca. É preciso economizar tempo. Tempo é dinheiro. O romantismo passou e não volta mais, a gente precisa contar com isso hoje em dia. Os senhores não precisam todos os dias amarrar devagarzinho a mangueira do gás no pescoço, os senhores necessitam deste confiável produto pronto. Observem aqui, este é seu presente de Natal, isto é do seu gosto, meus senhores, é para o seu bem-estar. Se o plano econômico Dawes ainda permitiu que sobrasse algum dinheiro para vocês, então é sinal de que ainda existe uma cabeça debaixo do chapéu e esta vai lhes dizer que isto está de encomenda para você, você compra e leva para casa, vai ser um consolo.

“Minhas senhoras e meus senhores, precisamos de consolo, todos nós, e se formos bobos, vamos procurar consolo no boteco. Quem tem juízo não faz uma coisa dessas, até mesmo por causa da carteira, pois quanta aguardente ruim se vende nos botecos, é de

gritar aos céus, e a boa aguardente é cara. Por isso, levem esta engenhoca, enfiem um cordão estreito por aqui ou podem também colocar um mais largo, como os tipos aveadados usam nos sapatos quando viajam por aí. Enfiem por aqui e peguem esta ponta. Um alemão só compra mercadoria genuína, como esta daqui.”

Lina dá o recado aos boiolas

Mas isto não basta a Franz Biberkopf. Ele revira os olhos de um lado para o outro. Observa com a cordial e desleixada Lina o movimento das ruas entre a Alex e a Rosenthaler Platz e decide vender jornais. Por quê?

Contaram-lhe sobre isso, Lina pode ajudar, e cai como uma luva para ele. Pra lá e pra cá, vamos dançar, não é difícil.

“Lina, não sei fazer discursos, não sou orador. Quando apregoo meus reclames, eles me entendem, mas não é a coisa certa. Sabe o que é espírito?” “Hã?”, murmura Lina, olhando para ele com expectativa. “Veja só os jovens na Alex e aqui, nenhum deles tem espírito. Mesmo aqueles que têm barracas e empurram os carrinhos, ali não tem nada. São espertos, rapazes espertos, jovens cheios de energia, nem me fale que eu sei. Mas imagine um orador desses no parlamento, Bismarck ou Bebel, que agora

não são nada, ser humano, esses têm espírito. Com espírito, quero dizer cabeça, e não um coco vazio. De mim não vão herdar nada com seus miolos moles. Um orador é um orador.” “Mas isso você é, Franz.” “A mim você não precisa dizer nada, eu, orador? Sabe quem foi bom de discurso: ora, nem vai acreditar, sua senhoria.” “A Schwenk?” “Nada, a de antes, onde fui apanhar aquelas coisas, lá da Karlstrasse.” “Aquela do circo. Nem me venha com essa.”

Franz inclina-se para frente cheio de mistério: “Essa era uma oradora, Lina, como manda o figurino”. “De jeito nenhum. Entra no meu quarto quando ainda estou na cama e quer levar a minha mala só por causa de um mês.” “Está bem, Lina, preste atenção, não foi bonito da parte dela. Mas quando estive lá em cima e perguntei o que há com a mala, ela começou.” “Conheço bem as bobagens dela. Nem prestava mais atenção. Franz, não se deixe enrolar por uma pessoa assim.” “Ela começou a falar, foi o que eu disse! Lina, dos parágrafos do código civil e de como ela conseguiu espremer uma aposentadoria para seu velhote já falecido, em que a praga velha teve um derrame, o que não tem nada a ver com a guerra. Desde quando um derrame tem a ver com a guerra. Ela mesma diz. Mas conseguiu, com sua cabeça. Essa aí tem espírito, gorducha. O que ela quer, consegue, isto é mais do que ganhar os míseros tostões. Aí dá para ver o que você

é. Aí dá para respirar. Homem, eu ainda estou pasmo.” “Você ainda visita essa mulher?” Franz nega com as duas mãos: “Lina, vá você até lá. Vá buscar uma mala, você chega pontualmente às onze, ao meio-dia você tem um compromisso e às quinze para as duas você ainda está por lá. Ela fala e fala e nada de pegar a mala, e talvez depois você vá embora sem ela. Essa sabe falar”.

Ele reflete inclinado sobre o tampo da mesa, desenha com o dedo numa

poça de cerveja: “Faço a inscrição em algum lugar e vou vender jornais. É

uma coisa boa”.

Ela fica sem fala e um pouco amuada. Franz faz o que quer. Um dia, por volta do meio-dia, ele está na Rosenthaler Platz, ela lhe leva sanduíches, então ele dá no pé, põe-lhe o caixote com o suporte e a caixa de papelão nos braços e vai atrás de informações sobre jornais.

—

Primeiro, junto ao Hackescher Markt diante da Oranienburger Strasse, um homem mais velho aconselha-o a lidar com educação sexual. Agora é praticada em larga escala e dá bons lucros. “O que é educação sexual?”, pergunta Franz, não muito à vontade. O cabeça-branca aponta para o seu cartaz: “Olhe aqui, ó, assim você não faz perguntas”. “São moças nuas, pintadas.” “Só assim, não tenho de outro jeito.” Fumam em silêncio, um ao lado do outro. Franz fica parado, observa espantado as imagens de cima para baixo, assopra a fumaça para o ar, o homem olha para ele. Franz olha-o nos olhos: “Diga, colega, você gosta disso, essas moças aí e essas ilustrações? Vida risonha. Eles então pintam uma moça nua aí em cima, com um gatinho. O que ela vai fazer com um gatinho na escada. Tipinho suspeito. Você se incomoda, colega?”. Suspira resignado em sua cadeira dobrável e se encolhe: existem burros da altura de torres, como os camelos de verdade; eles andam pelo Hackescher Markt e se plantam à frente de uma pessoa caso se tenha azar e só falam bobagens. Quando o cabeça-branca se cala, Franz pega algumas revistas dos grampos: “Se me permite, colega. O que significa Figaro. E isto, O Casamento. E aqui está o Casamento Ideal. Já é uma coisa diferente daquela do casamento. O Amor entre mulheres. Pode-se comprar tudo avulso. A gente pode conseguir ótimas informações, quando se tem dinheiro, mas é bastante caro. E tem um problema aqui”. “Gostaria de saber que problema é esse. Tudo isso é permitido. Não há nada proibido. Tenho permissão para tudo o

que vendo e não existe problema algum. Não meto minha mão nessas coisas.” “Posso lhe dizer, só quero lhe dizer que olhar as fotos não traz nada. Posso lhe contar histórias sobre isso. Isto acaba com um homem, sim, senhor, isto leva-o à ruína. Tudo começa quando se olha uma dessas fotos e depois, se você está a fim de alguma coisa, aí você fica paralisado, nada mais funciona de maneira natural.” “Não entendo, o que quer dizer isso. E não cuspa nas minhas revistas, custam um bom dinheiro, nem fique mexendo nas capas. Aqui, leia: Os Solteiros. Tem de tudo, uma revista especial só para isso.” “Solteiros, nada de casamento, ora, por que não, eu também não sou casado com a polaca Lina.” “Pois então, aqui: o que está escrito, se não estiver certo, só é um exemplo: regular a vida sexual dos cônjuges com um contrato, decretar obrigações conjugais relativas a isso, como manda a lei, significa a escravidão mais terrível e humilhante que se pode imaginar. E então?” “Por quê?” “Ora, está certo ou não?” “Não acontece comigo. Uma mulher que exige isso da gente, não, que coisa, mas isso é possível? Existe isso?” “Ora, leia, está escrito.” “Ora, é demais. Essa bem que deveria me aparecer pela frente.”

Franz relê a frase, espantado, depois se sobressalta, mostra ao cabeça-branca: “Veja, continua assim: quero dar um exemplo da obra de d’Annunzio, Prazer, preste atenção, d’Annunzio é o nome

desse porco, um espanhol ou italiano ou da América. Aqui os pensamentos do homem estão tão repletos da amada distante que numa noite de amor com uma mulher que lhe serve de substituta para a outra, contra sua vontade, escapa-lhe o nome da verdadeira amada. Aí já é demais. Não, colega, uma coisa dessas, aí não brinco mais”. “Primeiro, onde está escrito isso, mostre para mim.” “Aqui. Serve de substituta. Caucho como borracha. Nabos em vez de comida de verdade. Já ouviu isso, como substituta, uma mulher, uma moça? Pega uma outra porque a sua não está por ali, e a nova percebe e tudo bem e esta não deve reclamar? E ele manda imprimir isso, o espanhol. Eu, como tipógrafo, não imprimiria uma coisa dessas.” “Ora, nada de exageros, cara. Não pode acreditar que você com seu pouco juízo vá compreender o que um homem desses, um escritor de verdade, e ainda mais espanhol ou italiano, está querendo dizer, bem aqui no burburinho do Hackescher Markt.”

Franz continua a ler: “Um grande vazio e silêncio preencheu-lhe então a alma. Isto é de arrancar os cabelos. Que alguém me prove o contrário. Que venha de onde vier. Desde quando vazio e silêncio. Posso muito bem falar o que quiser, tanto quanto ele e as moças também não devem ser diferentes do que em qualquer outro lugar. Uma vez tive uma e ela percebeu alguma coisa, um endereço na minha agenda, aí você pensa: ela percebe alguma

coisa e depois silêncio? Até parece, aí você fica conhecendo as mulheres, meu rapaz. Devia tê-la ouvido. A casa inteira soou e ecoou. De tanto que ela gritava. Nem pude dizer a ela o que estava acontecendo de verdade. E ela continuava como se a estivessem matando. Veio gente correndo. Fiquei aliviado quando caí fora”. “Homem, você nem está percebendo, duas coisas.” “Quais?” “Se alguém pega um jornal, compra e fica com ele. Se há besteiras escritas, não tem importância, a ele só interessam as fotos.” O olho esquerdo de Franz Biberkopf desaprovou isso. “E aqui temos o Amor entre mulheres e a Amizade, e elas não falam besteiras, elas lutam. Sim, senhor, pelos direitos humanos.” “Mas o que falta a elas?” “Parágrafo 175, caso você não saiba.” Há hoje uma palestra na Landsberger Strasse, Alexanderpalais, aí Franz poderia ouvir algo sobre a injustiça que se comete diariamente a um milhão de pessoas na Alemanha. É de arrepiar os cabelos. O homem ainda lhe empurrou uma pilha de revistas velhas debaixo do braço. Franz suspirou, olhou a pilha em seu braço; sim, provavelmente acabará indo. O que devo fazer lá, vou mesmo até lá, será um bom negócio com essas revistas. Os boiolas; ele só me pôs isto debaixo do braço, devo levar para casa e ler. Os rapazes até que dão pena, mas na verdade não tenho nada a ver com eles.

Saiu dali num grande alvoroço, a história parecia-lhe tão pouco católica que não disse uma palavra a Lina e à noite não cumpriu o compromisso. O velho jornaleiro enfiou-o no pequeno salão onde quase só havia homens sentados, na maioria muito jovens, e algumas mulheres, mas também como casais. Por uma hora, Franz não disse uma palavra, por trás de seu chapéu, soltava risadinhas. Após as dez horas, não pôde mais se conter, teve de sair, as pessoas, a coisa toda, eram engraçadas demais, vários homossexuais num monte só, e ele no meio deles, saiu às pressas e gargalhou até chegar à Alexanderplatz. Por último, ouviu ainda de lá de dentro o palestrante falar de Chemnitz, onde haveria uma ordem policial de novembro de 1927. Segundo ela, os casais do mesmo sexo não podiam andar pela rua nem usar os banheiros públicos, e caso fossem pegos, a multa seria de trinta marcos. Franz procurou Lina, mas esta saíra com sua senhoria. Deitou-se para dormir. No sonho, ria e xingava muito, brigava com um cocheiro idiota que o levava e girava em círculos em volta da fonte Roland junto à Siegesallee. O policial de trânsito também já estava no encalço do veículo. Aí, finalmente, Franz pulou do veículo e então o carro correu desgovernado em torno da fonte e dele, sempre em círculos, e isso não parava e não parava e Franz lá estava junto ao policial e eles confabulavam: o que faremos com esse sujeito, ele é louco.

Pela manhã, no dia seguinte, ele aguarda Lina como sempre no botequim, trazia consigo as revistas. Quer dizer a ela o quanto aqueles rapazes devem sofrer, Chemnitz e o parágrafo com os trinta marcos e, no entanto, nada tem a ver com isso, eles que resolvam seus parágrafos entre si, Meck também poderia vir e ele deve fazer algo pelos comerciantes de gado. Nada, ele quer paz, não quer saber nada deles.

Lina logo percebe que ele dormiu mal. Então ele empurra hesitante as revistas na direção dela, as fotos voltadas para cima. Lina põe a mão na boca de susto. E ele outra vez começa a falar do espírito. Procura sobre a mesa a poça de cerveja da véspera, mas não há mais nada. Ela se afasta dele; e se ele tivesse alguma coisa parecida com aquilo que se vê nos jornais. Ela não entende, ele não tinha sido assim até então. Ele se mexe e remexe, desenha linhas na madeira branca com o dedo seco, ela pega então toda a pilha de

jornais da mesa, atira-a sobre o banco, primeiro fica parada como uma mênade, olham fixo um para o outro, ele debaixo para cima como um garotinho, então ela sai às pressas. E ele fica lá sentado com seus jornais, pode refletir sobre os homossexuais.

Um careca sai para passear uma noite e encontra no Tiergarten um jovem bonito que logo lhe dá o braço, caminham por uma hora, então o careca sente a vontade, ó o ímpeto, ó o desejo colossal de, naquele instante, ser muito meigo com o rapaz. É casado, já percebera algo várias vezes, mas tem de ser agora, é maravilhoso. “Você é meu raio de sol, você é meu torrão de ouro.”

E ele é tão suave. Que exista algo assim. “Venha, vamos a um hotelzinho. Você me presenteia com cinco marcos ou dez, estou totalmente liso.” “O que você quiser, meu sol.” Dá a ele a carteira inteira. Que exista algo assim. É a coisa mais bonita de todas.

Mas no quarto há orifícios na porta. O senhorio vê algo e chama a senhoria, que também vê algo. E mais tarde dizem que não admitem tal coisa em seu hotel, viram aquilo, e ele não pode negar. E não iriam admitir, e ele deveria envergonhar-se de seduzir rapazes, iriam denunciá-lo. O criado e uma arrumadeira aparecem também e sorriem ironicamente. No dia seguinte, o careca compra duas garrafas de Asbach Uralt, dá início a uma viagem de negócios e quer viajar a Helgoland para afogar-se depois de bêbado. E ele se embebeda, viaja de navio e volta depois de dois dias para a patroa como se nada tivesse acontecido.

Não acontece absolutamente nada durante o mês todo, o ano todo. Apenas uma coisa acontece: ele herda três mil dólares de um tio americano e pode se permitir alguns luxos. E, certo dia, quando for à piscina pública, a patroa tem de assinar uma intimação por ele. Ela abre o envelope e lá está escrito tudo sobre os orifícios e a carteira e o rapaz simpático. E quando o careca retorna do relaxamento, todos estão chorando por causa dele, a patroa, as duas filhas crescidas. Ele lê a intimação, isso não pode ser verdade, é a burocracia atrasada inventada por Carlos Magno, e que chegou até ele agora, mas é a pura verdade. “Senhor Juiz, o que foi que eu fiz? Não provoquei nenhum aborrecimento. Fui para um quarto e lá me fechei. Que culpa tenho eu se lá puseram furos. E não aconteceu nada de condenável.” O jovem confirma. “Portanto, o que fiz eu?” O careca de casaco de pele chora: “Será que roubei? Cometi algum assalto? Apenas assaltei o coração de uma pessoa querida. Disse a ele: meu raio de sol. E isso ele era”.

É absolvido. Em casa, era um choro só.

A Flauta Mágica, palácio de danças com um salão de danças americano no térreo. O cassino oriental para festividades de caráter restrito, livre. O que darei à minha namorada como presente de Natal? Travestis, depois de anos de tentativas, encontrei finalmente um remédio radical contra os tocos de barba com raízes. Qualquer parte do corpo pode ser depilada. Ao mesmo

tempo, descobri o caminho de conseguir um verdadeiro peito feminino em tempo surpreendentemente curto. Nada de remédios, um meio absolutamente garantido e inofensivo. Prova: eu mesmo. Liberdade para o amor em todas as frentes.

Um céu claro e estrelado brilha nas sombrias moradas da humanidade. O castelo de Kerkauen jazia em profunda quietude noturna. No entanto, uma mulher de cachos loiros revolvia a cabeça nos travesseiros, e não encontrava o sono. Amanhã de manhã, uma criatura querida, a mais cara ao coração, queria abandoná-la. Um suspiro ressoou [perpassou] a noite sombria, impenetrável [escura]: Gisa, fique, fique [não se vá, não parta, não caia, por favor, sente-se]. Não me abandone. Todavia, o silêncio inconsolável não tinha ouvidos nem coração [nem pé nem nariz]. E do outro lado, separada apenas por uns poucos muros, havia uma mulher pálida, esbelta de olhos abertos. Seus cabelos escuros e bastos pousavam em desalinho sobre a seda da cama [o castelo de Kerkauen é famoso por suas camas de seda]. Calafrios a faziam estremecer. Seus dentes rangem uns contra os outros na intensa friagem, ponto. Mas ela não se mexia, vírgula, não puxou o cobertor sobre o corpo, ponto. Imóveis estavam suas mãos esguias, enregeladas [como na intensa friagem, tremores de frio, mulher esguia de olhos abertos, famosas camas de seda] sobre ele, ponto. Seus olhos brilhantes percorriam bruxuleantes a

escuridão, e seus lábios tremiam, dois pontos, aspas, Lore, travessão, travessão, Lore, travessão, aspas, travessa, travessinha, travessão.

--

“Não, não, não vou com você, Franz. Risquei você da minha lista. Pode dar o fora.” “Venha, Lina, vou devolver esta porcaria para ele.” E quando Franz tirou o chapéu e o colocou sobre a cômoda – era o quarto dela –, fez alguns avanços convincentes em direção a ela, ela primeiro o arranhou na mão e chorou, depois saiu com Franz. Cada um deles pegou uma metade das revistas duvidosas e se aproximaram da frente de batalha na linha da Rosenthaler Strasse, Neue Schönhauser Strasse, Hackescher Markt.

Na frente de batalha, Lina, a gentil, desmazelada, miúda, mal-lavada, chorosa Lina, fez uma investida por contra própria à la Príncipe de Homburg: meu nobre tio Friedrich von der Mark! Natalie! Deixe, deixe! Ó Deus do

universo, ele está perdido, pouco importa, pouco importa! Ela correu depressa, direto para a banca do cabeça-branca. Lá, Franz Biberkopf, o nobre sofredor, conseguiu dominar-se para ficar em

segundo plano. Na posição dois, postou-se diante da tabacaria Schröder Importação e Exportação e de lá observava, levemente prejudicado pela neblina, pelo bonde e os transeuntes, o curso da operação militar. Os heróis estavam prontos para o ataque, literalmente. Mediam suas fraquezas e seus pontos vulneráveis. Lina Przyballa de Cernowitz, única filha legítima do lavrador Stanislaus Przyballa

- após o aborto espontâneo de dois bebês prematuros que também deveriam ter o nome Lina - a senhorita Przyballa atirou com força e gosto o pacote de revistas. O resto se perdeu na barulheira do trânsito. “Que comediante, que comédia”, assim suspirou embevecido o alegre sofredor escondido, Franz. Aproximou-se como soldado da reserva do centro da operação militar. Diante do boteco de Ernst Kümmerlich, já lhe sorria a heroína e vencedora, a senhorita Lina Przyballa, desleixada e deliciada, gritando: “Franz, ele teve o troco!”.

Franz já sabia. No botequim, na ponta dos pés, ela se apoiou nele, junto à região do corpo que ela supunha ser seu coração, mas que, sob a camisa de lã, era na verdade seu esterno e o lóbulo superior do pulmão esquerdo. Ela estava triunfante enquanto tomava o primeiro trago de aguardente Gilka: “E então agora se quiser ele pode catar da rua a porcaria de revistas”.

Ó, imortalidade, és todo meu, amado, quanto brilho se irradia, salve, salve, o Príncipe de Homburg, o vencedor da batalha de Fehrbellin, salve! [Damas da corte, oficiais e tochas surgem na rampa do castelo.] “Mais uma Jilka.”

Hasenheide, Novo mundo, se não é isto, é aquilo, não se deve tornar a vida mais difícil do que é

Franz está sentado no quarto da senhorita Lina Przyballa, sorri para ela: “Sabe, Lina, o que é uma repositora?”. Ele lhe dá um empurrão. Ela o olha, espantada: “Ora, a Fölsch, ela é repositora, tem de repor os discos

para o cara da loja de música”. “Não estou falando disso. Se eu lhe dou um empurrão e você cai deitada no sofá e eu caio ao lado, então, você é uma

‘repousitora’ e eu um ‘repousitor’.” “É até parece.” Ela soltou gritinhos.

E então vamos nós, vamos nós, olê, olê, olá, alegria, alegria, olê, olá. E

assim vamos nós, alegria, alegria, olê, olê, olá.

E ficam de pé sobre o sofá – cavalheiro, o senhor não está doente, do contrário, vá ao tio doutor – e caminhe alegre até a Hasenheide, até o Novo

Mundo, onde há animação e onde ardem as fogueiras da alegria, premiação das canelas mais finas. A música no palco vestia roupa de tirolês. Suavemente soava: “Beba, beba, irmãozinho, beba, deixe os problemas pra trás, fuja da dor, fuja da tristeza, daí a vida é uma beleza, fuja da dor, fuja da tristeza, daí a vida é uma beleza”.

E aquilo lhes percorria as pernas a cada compasso e entre canecas de cerveja, eles sorriem, cantarolam, movimentam os braços no ritmo da música: “Beba, beba, irmãozinho, beba, deixe os problemas pra trás, beba, beba, irmãozinho, beba, deixe os problemas pra trás, fuja da dor, fuja da tristeza, daí a vida é uma beleza.

Charles Chaplin em pessoa estava lá, sussurrava em alemão do nordeste, claudicava com as calças largas, com os sapatos gigantescos, lá em cima sobre a balaustrada, agarrou uma senhora não muito jovem pela perna e voou com ela escorregador abaixo. Inúmeras famílias iam pingando em torno da mesa. Você

pode comprar por cinquenta pfennigs um bastão longo com pompons de papel na ponta e com ele fazer contato com qualquer pessoa, o pescoço é sensível, a parte interna do joelho também, depois a gente levanta a perna e dá um giro. Quem é esse pessoal todo que está aqui? Civis de ambos os sexos, além disso, um punhado de soldados do exército do Reich em boa companhia. Beba, beba, irmãozinho, beba, deixe os problemas pra trás.

Fuma-se, nuvens de fumaça dos cachimbos, charutos, cigarros fazem com que aquele recinto enorme fique enevoadado. Quando o ambiente fica enfumaçado, a fumaça procura, por conta de sua leveza, escapar por cima, encontrar por si frestas, buracos e ventiladores dispostos a expeli-la. Lá fora, porém, é noite escura, fria. Então a fumaça, com remorso de sua leveza, rebela-se contra sua constituição, mas nada mais pode ser revertido devido à rotação unilateral dos ventiladores. Tarde demais. Ela se vê envolvida pelas leis da física. A fumaça não sabe o que lhe acontece, leva a mão à testa e esta não está lá, quer pensar e não consegue. O vento, o frio, a noite, pegam-na para si, e ela nunca mais é vista.

Em uma mesa, dois casais estão sentados e olham para quem passa. O senhor em terno sal-e-pimenta inclina seu rosto

bigodudo sobre o peito saliente de uma morena gorda. Seus doces corações estremecem, seus narizes farejam um ao outro, ele, sobre seu peito, ela, sobre a nuca engordurada.

Ao lado, uma de xadrez amarelo ri. Seu cavalheiro coloca o braço em torno da cadeira dela. Ela é dentuça, usa monóculo, o olho esquerdo aberto está quase apagado, sorri, fuma, sacode a cabeça: “Cada coisa que você pergunta”. Uma jovem franguinha de ondas louras está sentada na mesa ao lado, ou seja, ocupa com seu traseiro bem avantajado, mas encoberto, o assento de ferro de uma cadeira baixa de jardim. Tem voz nasalada e cantarola feliz a música sob efeito de uma bisteca e três copos de cerveja. Papagueia e papagueia, coloca a cabeça no pescoço dele, o pescoço do segundo instalador de uma firma de Neukölln, de quem esta franguinha é o quarto caso neste ano, enquanto ele é o décimo dela, ou melhor, o décimo primeiro se contarmos seu primo de segundo grau que é seu noivo, porém permanente. Ela arregala os olhos, pois Chaplin pode cair de lá de cima a qualquer momento. O instalador estende as duas mãos para o escorregador onde também está acontecendo alguma coisa. Eles pedem roscas salgadas.

Um senhor de 36 anos, coproprietário de uma pequena mercearia, compra seis grandes balões por cinquenta pfennigs cada, solta um por um no corredor diante da banda, na falta de outras atrações, chamando para si a atenção de mocinhas, mulheres, virgens, viúvas, divorciadas, fiéis e adúlteras que andam por ali sozinhas ou aos pares, para assim comodamente encontrar companhia. Pagam-se vinte pfennigs para levantamento de peso no corredor de passagem. Um olhar em direção ao futuro: molha-se o dedo no preparado químico no círculo entre dois corações e esfrega-o, bem umedecido, algumas vezes sobre a folha superior em branco e surge a imagem do prometido. Você está no rumo certo desde a infância. Seu coração não conhece falsidade e, no entanto, consegue perceber com fina sensibilidade qualquer armadilha que amigos invejosos lhe preparam. Continue a confiar em sua arte de viver, pois sua estrela, sob cujo brilho você pisou neste mundo, será seu guia constante e a ajudará a encontrar o companheiro ideal que lhe trará a felicidade completa. Seu parceiro merecedor de sua confiança terá o mesmo caráter que você. Sua corte não será impetuosa, contudo será mais duradoura a tranquila felicidade a seu lado.

Perto da chapelaria, no salão lateral, uma banda tocava na sacada. Esta banda usava coletes vermelhos e gritava sempre que não tinha o que beber. Embaixo, havia um homem corpulento de

casaca, com jeito educado. Usava um curioso chapéu de papel listrado e, enquanto cantava, queria colocar um cravo de papel na lapela, o que não conseguia em razão de oito cervejas, dois ponches e quatro conhaques. Cantava na balbúrdia na direção da banda, depois se pôs a dançar valsa com uma pessoa velha, totalmente desengonçada, com quem girava em círculos como num carrossel. Ao dançar, a pessoa ficou ainda mais desconjuntada, mas teve instinto suficiente para sentar-se em três cadeiras antes de desabar.

Franz Biberkopf e este homem de casaca se defrontaram num intervalo sob a sacada, onde a música gritava por cerveja. E um olho azul brilhante fixou-se

em Franz, lua graciosa, caminhas tão quieta, o outro olho era cego, levantaram seus canecos brancos, este inválido grunhiu: “Você também é um traidor, os outros estão sentados junto à manjedoura”. Engoliu: “Não me olhe fundo no olho, olhe para mim, onde foi que você serviu?”.

Beberam à saúde um do outro, acordes da banda, não temos o que beber, não temos o que beber. Senhores, deixem disso, rapazes, cordialidade, sempre cordialidade, saúde, um brinde, um brinde à cordialidade. “Você é alemão, alemão da gema? Como é

seu nome?” “Franz Biberkopf. Gorda, esse não me conhece.” O inválido sussurrava, a mão diante da boca, arrotava: “Você é alemão, jure por Deus. Você não anda com os vermelhos, senão é um traidor. Quem for traidor não é meu amigo”. Abraçou Franz: “Os poloneses, os franceses, a pátria pela qual perdemos sangue, este é o agradecimento da nação”. Depois se aprumou, continuou a dançar com a pessoa espaçosa, novamente composta, sempre valsas antigas, não importando a música. Cambaleava e procurava. Franz berrou: “Aqui”. Lina foi buscá-lo, dançou então primeiro com Lina, de braços dados com ela apareceu diante de Franz junto ao balcão do bar: “Desculpe, com quem tenho o prazer, a honra. Sua graça, por favor”. Beba, beba, irmãozinho, beba, deixe os problemas pra trás, fuja da dor e fuja da tristeza, então a vida é uma beleza.

Dois joelhos de porco, uma porção de carne na salmoura, a dama pediu raiz- forte, a chapelaria, sim, em qual delas o senhor entregou, existem aqui duas chapelarias, por acaso prisioneiros podem usar alianças durante a detenção? Digo que não. O clube de remo durou até as quatro horas. As estradas para os carros ali estão abaixo de crítica, você bate a cabeça no teto do carro, pode até tomar banhos de imersão.

O inválido e Franz estão abraçados, sentados junto ao balcão do bar: “Posso dizer a você, eles diminuíram minha aposentadoria, vou passar para o lado dos vermelhos. Quem nos expulsa do paraíso com espada flamejante é o arcanjo, por isso não voltamos para lá. Ficamos sentados lá em cima no pico Hartmannsweilerkopf, digo a meu capitão, esse é de Stargard como eu”. “Storkow?” “Nada, Stargard. Agora perdi meu cravo, não, está aqui.” Quem algum dia beijou a beira do mar, quem escutou a dança das ondas, então provou a beleza do mundo, teve uma conversa com o amor.

—

Franz agora vende jornais nacional-populistas. Não tem nada contra os judeus, mas é a favor da ordem. Pois é preciso haver ordem no paraíso, isto qualquer um tem de reconhecer. E o capacete-de-aço, ele bem que viu os rapazes e seus líderes também, é uma coisa e tanto. Ele está na saída do metrô da Postdamer Platz, junto à passagem da Friedrichstrasse, sob a estação da Alexanderplatz. Ele compartilha a mesma opinião do inválido do Novo Mundo, com o sujeito de um olho só, aquele com a madame gorducha.

Ao povo alemão no primeiro domingo do Advento: destruam finalmente suas imagens enganosas e castiguem aqueles que os embalam em fantasias! Chegará então o dia em que a verdade emergirá do campo de batalha para abater os inimigos com a espada da justiça e o escudo refulgente.

“Enquanto são escritas estas linhas, acontece a audiência do processo contra os cavaleiros da bandeira do Reich que, devido a uma superioridade de 15 a

20 vezes maior, podiam fazer manifestações tanto de seu pacifismo programático quanto da coragem forjada por suas convicções, permitindo-se atacar um punhado de nacional-socialistas, surrando-os e matando nosso companheiro de partido Hirschmann de maneira brutal. Até mesmo os depoimentos dos réus que, de acordo com a lei, possuem a prerrogativa e, de acordo com o partido, provavelmente, a ordem de mentir, evidenciam claramente a crueldade premeditada subjacente ao sistema que regeu essas ações.”

“Federalismo verdadeiro é antissemitismo, luta contra o judaísmo e, igualmente, luta pela autonomia da Baviera. Muito antes do início, o grande salão de festas do Mathäuser estava densamente ocupado e cada vez mais visitantes tentavam entrar. Até a

abertura da reunião, nossa vigorosa banda da sa alegrava o público com a briosa execução de marchas e melodias ligeiras. Às oito e meia, o companheiro de partido Oberlehrer abriu a reunião com uma cordial saudação e passou então a palavra ao companheiro de partido Walter Ammer.”

Na Elsasser Strasse, os rapazes caem na gargalhada quando ele entra no botequim à hora do almoço com a faixa cuidadosamente guardada no bolso; eles a tiram de lá. Franz desvencilha-se deles.

Ao jovem serralheiro desempregado, ele diz algo e este, de espanto, deposita o grande caneco de cerveja: “Então você se diverte às minhas custas, Richard, e por que isto? Por que você é casado? Você tem 21 anos e sua mulher, 18, e o que você conhece da vida? Nada vezes nada. Para você, Richard, digo, quando conversarmos um dia sobre mocinhas, você que tem um filho pequeno, aí você pode ter razão sobre o bebê chorão. Mas sobre o resto? Ora, ora”.

O amolador Georg Dreske, 39 anos, agora desempregado, balança a faixa de

Franz. “Na faixa, Orge, olhe bem para ela, não tem nada escrito que não se possa aceitar. Lá fora, eu também escapei, homem, fiz assim como você, exatamente igual, mas o que aconteceu depois. Caso se tenha uma faixa vermelha ou uma dourada ou uma preta, branca e vermelha, isso não torna o charuto mais gostoso. O que interessa é o tabaco, meu velho – folha de cima, folha de baixo, enrolado direitinho e seco –, e de onde vem. O que foi que fizemos, Orge, diga.”

Este coloca a faixa calmamente diante de si sobre o balcão, engole sua cerveja, fala de modo muito hesitante, às vezes gagueja, umedece os lábios com frequência: “Eu só fico olhando para você, Franz, e digo apenas que conheço você bem antes de Arras e Kowno e eles enrolaram você direitinho”. “Por causa da faixa, é o que você acha?” “E por causa de tudo. Deixe para lá. Você não precisa disso, ficar andando assim no meio das pessoas.”

Agora Franz se levanta, empurra o jovem amolador de colarinho verde aberto, Richard Werner, no momento em que este quer lhe fazer uma pergunta: “Não, nada disso, meu pequeno Richard, você é um bom sujeito, mas isto aqui é assunto para homens. Só

porque você tem direito de votar, não significa que você pode se meter na minha conversa com o Orge”. Fica então parado, pensativo, ao lado do amolador, junto ao balcão, o dono vestido com o grande avental azul se posta atento diante deles, a prateleira de conhaque atrás de si, as mãos gordas dentro da pia. “Pois então, Orge, o que aconteceu em Arras?” “O que pode ter acontecido? Você bem sabe. E também por que você deu no pé. E depois essa faixa. Homem, Franz, prefiro me enforcar com ela. Eles enrolaram você direitinho.”

Franz tem um olhar bem firme, fixa os olhos longamente no amolador, que gagueja e gira a cabeça: “A história de Arras, é essa que quero saber. Ainda vamos apurar isso. Se você esteve lá!”. “Você está delirando, Franz, retiro o que disse, você deve ter bebido além da conta.” Franz aguarda, reflete, logo vou lhe pregar uma peça, esse aí faz de conta que não está entendendo nada, dá uma de espertinho. “Pois, naturalmente, Orge, é evidente que estivemos em Arras com Arthur Böse e Bluhm e o pequeno primeiro-sargento, como se chamava mesmo, era um nome esquisito.” “Esqueci.” Deixe esse cara falar, ele bebeu além da conta, os outros também percebem isso. “Espere aí, o nome dele é Bista ou Biskra, ou coisa que o valha, o pequeno.” Deixe esse cara falar, não digo nada, logo ele vai se embaraçar, daí não vai dizer mais nada. “Sim, conhecemos todos eles. Só que não estou

querendo dizer isso. Onde estivemos depois, em Arras, quando tinha acabado, depois de 1918, quando a outra história explodiu, aqui em Berlim e em Halle e em Kiel e onde...”

Georg Dreske, decidido, refutou, esta coisa está idiota demais, não venho

aqui ao botequim para uma bobagem dessas: “Que nada, pare com isso, vou logo embora. Conte essa história para o pequeno Richard. Venha, Richard”. “Na minha frente ele se faz de tão grandioso, o senhor Barão. Ele só circula com barões. Um milagre que ainda venha conosco aqui para o boteco, o nobre senhor.” Olhos claros nos olhos inquietos de Dreske: “Pois é isso que quero dizer, exatamente isso, Orge, quando estávamos em Arras, depois de 1918, artilharia ou infantaria ou antiaéreos ou telegrafistas ou cavadores de trincheiras ou o que você quiser. E onde estávamos depois quando já havia paz?”. Agora estou vendo tudo claro, espere só, rapaz, isso você sequer deveria mencionar. “Agora vou saborear minha cerveja com toda a tranquilidade, e você, Franzezinho, onde você esteve depois, andando ou não, parado ou sentado, veja isso nos seus documentos, caso você os tenha consigo. Um comerciante deve trazer sempre seus documentos consigo.” Agora você me entendeu, com toda certeza, e vai se lembrar. Olhos calmos nos olhos espertos de Dreske: “Quatro anos depois de 1918, estive em Berlim. A guerra

antes disso nem durou tanto, está correto, andei por aí e você andou por aí, o Richard aqui ainda estava grudado na barra da saia da mãe. Pois então, por acaso percebemos alguma coisa de Arras, você talvez? Tivemos inflação, dinheiro de papel, milhões, bilhões, nada de carne, nada de manteiga, pior do que antes, isso tudo nós percebemos, você também, Orge, e onde estava Arras, você pode calcular nos seus próprios dedos. Não havia nada, onde haveria de ter alguma coisa? Só andamos por aí e roubamos batatas dos camponeses”.

Revolução? Desmonte a haste da bandeira, guarde o tecido num invólucro de oleado e enfie o treco no guarda-roupas. Peça à mamãe que lhe traga os chinelos e afrouxe a gravata cor de fogo. Vocês sempre fazem a revolução com o focinho, a república de vocês – um acidente de trabalho!

Dreske pensa: esse vai se tornar um sujeito perigoso. Richard Werner, o jovem bobão, volta a abrir o bico: “Você decerto gosta disso e até prefere, Franz, que tenhamos uma nova guerra, vocês decerto vão empurrar isso para cima de nossas costas. Vamos alegremente derrotar a França. Pode esperar sentado”. Franz pensa: esse aí é um macaco, um mulato, paraíso dos negros, só conhece a guerra dos filmes, paulada na cabeça e fim de papo.

O dono do botequim enxuga as mãos no avental azul. Um prospecto verde está diante dos copos limpos, o dono suspira fundo enquanto lê: Café Kehrwieder torrado e moído, sem igual! Café popular [grãos defeituosos e café torrado]. Café puro em grãos 2,29, Santos garante mistura pura e excelente para uso doméstico, forte e econômica no preparo, Van Campinas, mistura forte, de paladar puro, mistura México, de luxo, um café de plantação

a preço módico, 3,75, transporte ferroviário, no mínimo 18 quilos de diversos tipos. Uma abelha, uma vespa, um besouro voa lá em cima, no teto, ao lado do cano do fogão, uma perfeita maravilha da natureza no inverno. Seus companheiros de origem, de espécie, de hábito e de gênero estão mortos, já se foram, ou ainda não nasceram; é a idade do gelo que mantém o besouro solitário, e este não sabe por que isso ocorreu e justamente com ele. O raio de sol, porém, que ilumina silenciosamente as mesas da frente e o assoalho, dividido em duas massas claras pela placa “Löwenbräu Patzenhofer”, é antiquíssimo, e na verdade tudo parece transitório e sem sentido quando o observamos. Ele chega até aqui vindo de x milhas, passou disparado pela estrela y, o sol brilha há milhões de anos, muito antes de Nabucodonosor, antes de Adão e Eva, antes do ictiossauro, e agora ele brilha através da vidraça da janela na pequena cervejaria, é dividido por uma placa de lata:

“Löwenbräu Patzenhofer”, em duas massas, pousa sobre as mesas e o assoalho, avança imperceptivelmente. Ele pousa sobre elas, e elas sabem disso. É ágil, leve, super leve, leve como a luz, é lá de cima, do céu, que venho.

Duas criaturas grandes, crescidas, em panos, dois seres humanos, homens, Franz Biberkopf e George Dreske, um vendedor de jornal e um amolador desempregado, estão, porém, junto ao balcão e mantêm-se na vertical em suas extremidades inferiores, em calças, apoiam-se sobre a madeira com os braços enfiados nas grossas mangas do casaco. Cada um deles pensa, observa e sente algo diferente.

“Então você bem pode saber e perceber que não houve Arras nenhuma, Orge. Nós simplesmente não conseguimos nada, nós não conseguimos, podemos afirmar isso tranquilamente. Ou vocês ou aqueles que estavam lá. Não havia disciplina, pois ninguém comandava nada, sempre um contra o outro. Eu saí correndo da trincheira e você junto comigo e ainda o Öse. Ora, e aqui em casa quando começou, quem é que saiu correndo? Todos, sem exceção. Não houve ninguém que tivesse ficado por lá, você bem que viu, talvez um punhado, mil, que seja.” Este ainda suspira por causa disso, é uma besta e se deixa enganar. “Porque fomos

traídos, Franz, em 1918 e 1919, pelos chefões, que trucidaram a Rosa e o Karl Liebknecht. E assim as pessoas devem se manter juntas e fazer alguma coisa. Veja só a Rússia, Lenin, lá eles estão unidos, como cola. Mas vamos esperar.” Tem de jorrar sangue, tem de jorrar, tem de jorrar, aos borbotões. “Para mim tanto faz. Na espera, o mundo vem abaixo e você vai junto. Não entro nessa. Para mim vale a prova: eles não conseguiram nada, e isto basta para mim. Não conseguiram nem um mínimo, como lá no cume do Hartmannsweilerkopf, sobre isso tem alguém que sempre me faz sermões, o inválido, ele estava lá em cima, você não o conhece, nem ao menos isso. Ora, então –”

Franz endireita-se, estende a mão em direção à faixa sobre a mesa, coloca-a na jaqueta, sacode o braço esquerdo na horizontal de um lado para o outro, enquanto se dirige lentamente de volta à sua mesa: “E daí digo o que sempre digo, e entenda, Krause, você também pode anotar, Richard: não vai dar em nada essas coisas de vocês. Deste jeito não. Não sei se vai dar alguma coisa com estes daqui da faixa. Nem disse nada, mas ainda há uma outra coisa. Paz na terra, como se diz, está certo, e quem quiser trabalhar que trabalhe e somos todos bons demais para essas bobagens”.

E está sentado no banco junto à janela e esfrega a bochecha, a sala iluminada o faz piscar, arranca um pelo da orelha. O elétrico range ao dobrar a esquina, número nove, Ostring, Hermannplatz, Wildenbruchplatz, Bahnhof Treptow, Warschauer Brücke, Baltenplatz, Kniprodestrasse, Schönhauser Allee, Stettiner Bahnhof, Hedwigkirche, Hallesches Tor, Hermannplatz. O dono apoia-se na torneira de latão do barril de cerveja, chupa e esfrega a língua na nova obturação no maxilar inferior, tem gosto de farmácia, a pequena Emilie precisa ir outra vez para o campo no verão ou para Zinnowitz com a colônia de férias, a criança está raquítica de novo, seus olhos focalizam novamente o prospecto verde que está torto, ele o endireita, um pouco de ansiedade no gesto, não consegue ver nada torto. Arenques à Bismarck em finíssima conserva de especiarias, filés tenros sem espinhas, rolinhos de peixe em finíssima conserva de especiarias, tenros, com recheio de pepinos, arenques na gelatina, postas grandes, filés macios, arenques fritos.

As palavras – ondas sonoras, ondas de ruído, cheias de conteúdo – balançam de um lado para o outro pelo salão, da garganta de Dreske, o gago, que sorri em direção ao chão: “Pois então, boa sorte, Franz, como diz o padrego, boa sorte em sua nova vida. Quando então marcharmos em janeiro para Friedrichsfelde, para junto de Karl e Rosa, você não vai participar

desta vez, como fazia antes”. Deixe que gagueje. Vou vender meus jornais.

O dono sorri para Franz quando ficam sozinhos. Este estica à vontade as pernas sob a mesa: “Por que acha, Henschke, que eles caem fora? A faixa? Eles foram buscar reforços!”. Esse aí não vai parar com isso. Eles ainda vão tirar esse sujeito daqui a pancadas. Sangue tem de jorrar, tem de jorrar, tem de jorrar, aos borbotões.

O dono saboreia sua obturação, é preciso colocar o pintassilgo mais perto da janela, um bichinho desses também quer um pouco de luz. Franz o ajuda, bate para ele um prego na parede atrás do balcão, o dono traz da outra parede o

bichinho assustado: “Está bastante escuro hoje. Casas muito altas”. Franz sobe numa cadeira, pendura a gaiola, desce, assobia, levanta o dedo indicador, sussurra: “Não deixe ninguém chegar perto. Logo vai se acostumar. É um pintassilgo, uma fêmea”. Ambos ficam em silêncio, acenam com a cabeça um para o outro, olham para cima, sorriem.

Franz é um homem de envergadura, sabe o que deve a si mesmo

Anoitecer, Franz é expulso de fato do boteco de Henschke. Ele aparece sorrateiro, sozinho, às nove, olha para o pássaro, mas este já escondera a cabecinha sob a asa, está dormindo no cantinho do poleiro, que um bichinho assim não caia durante o sono; Franz cochicha com o dono: “O que me diz do passarinho, ele dorme com esse barulho todo, o que me diz, ele é extraordinário, como deve estar cansado, será que toda a fumaça vai lhe fazer bem, um pulmão tão pequenino?”. “Ele não conhece outra coisa aqui, sempre tem fumaça no boteco, hoje ainda há pouca.”

Franz então se senta: “Pois então não vou fumar hoje, senão o ar vai ficar mais pesado, depois vamos deixar entrar um pouco de ar, não vai ter corrente de ar”. Georg Dreske, o jovem Richard e outros três sentam-se separados numa mesa em frente. Há dois sujeitos sentados que Franz não conhece. Ninguém mais no botequim. Quando Franz entrou, reinava grande balbúrdia e conversas e xingamentos. Tão logo abriu a porta, baixam a voz, os dois novos olham sempre na direção de Franz, inclinam-se sobre a mesa, depois se recostam de modo atrevido, brindam entre si. Quando lindos olhos ficam a acenar, copos cheios a cintilar, então de novo, de novo, há motivo pra brindar. Henschke, o dono careca, lida com a torneira e a pia, não sai lá de trás como de costume, sempre arranja algo com que bulir.

Então, de repente, a conversa na mesa ao lado fica mais alta, um dos novos comanda o tom. Quer cantar, para ele está tudo muito calmo por aqui, também não há quem toque o piano; Henschke grita na direção deles: “E para quê, isso não faz render o negócio”. O que eles querem cantar, Franz sabe bem o que é, ou a “Internacional” ou “Irmãos, para a luz, para a liberdade”, caso não tenham algo novo. Lá vão eles. Os da mesa começam a cantar a “Internacional”.

Franz mastiga, pensa: estão se dirigindo a mim. Por mim, tanto faz, mas que não fumem tanto. Quando eles cantam, não fumam, o fumo faz mal ao bichinho. Nunca poderia imaginar que o velho Georg Dreske ficasse sentado junto a essa rapaziada ainda nos cueiros e nem viesse ter com ele. Um velhote

desses, casado, um velhote com família, ficar sentado com rapazotes de cueiros, ouvindo seus grasnidos. Um dos novos grita para ele: “E aí, gostou da canção, colega?”. “Gostei muito. Vocês têm boas vozes.” “Pode cantar conosco.” “Prefiro comer. Quando terminar, canto junto com vocês ou alguma coisa sozinho.” “Feito.”

Os outros continuam a conversar, Franz come e bebe à vontade, pensa em Lina, no passarinho, que ele não caia durante o sono, e

olha para a outra mesa, para quem está fumando cachimbo lá. Ganhou hoje uns bons trocados, mas fazia frio. Da outra mesa, alguns sempre o acompanham enquanto come. Talvez tenham medo de que eu me engasgue. Houve um sujeito que um dia comeu um pão com salame e quando o sanduíche chegou no estômago, reconsiderou, voltou para cima até a garganta e disse: está sem mostarda! E só então desceu de verdade outra vez. É isto que faz o genuíno pão com salame, o que tem pai e mãe de verdade. E quando Franz termina e despeja em seguida a cerveja, o tal do outro lado já o chama: “Então, como é, colega, quer cantar alguma coisa para nós?”. Esses devem ser de um grupo de canto, podemos cobrar entrada, enquanto cantam, não fumam. Não tenho pressa. O que prometo, cumpro. E Franz pensa enquanto limpa o nariz, que escorre quando se entra num ambiente aquecido, não adianta fungar, pensa onde deve estar Lina, permito-me ou não mais algumas salsichas, mas vou engordar muito, o que se deve cantar para eles, não entendem nada da vida, mas promessa é promessa. De repente, passa-lhe uma frase pela cabeça, um verso, é uma poesia, aprendeu-a na cadeia, eles a repetiam com frequência, corria de cela em cela. Fica preso àquele momento, a cabeça quente e rubra do calor, abaixada, ele está sério e pensativo. Diz, a mão no caneco: “Conheço uma poesia, da prisão, de um presidiário que se chamava, esperem um pouco, como era o nome, se chamava Dohms”.

Era mesmo ele. Já sei, mas é uma bela poesia. E ele está sozinho à mesa. Henschke atrás da pia, e os outros prestam atenção, ninguém chega no boteco, o aquecedor crepita. Franz, com a cabeça apoiada, diz uma poesia que Dohms escreveu, e a cela e o pátio estão lá, é capaz de suportá-los muito bem, que rapazes estarão lá agora; ele próprio está no pátio, é mais do que estes daqui resistiriam, o que sabem eles da vida.

Diz: “Queres, ó homem, ser nesta terra um sujeito viril, então reflete bem antes de te deixares levar à luz do dia pela mulher sábia! A terra é um ninho de lamentos! Crê no poeta destas linhas que, por vezes, tem de mastigar este alimento idiota e duro!

Citação roubada de Fausto de Goethe: a vida só dá ao homem alegria enquanto é sementinha!... Eis aí o bom pai Estado, ele te leva pela coleira para todo lado. Atazana e sacode com montões de parágrafos e

proibições. Seu primeiro mandamento diz: homem, paga! O segundo: boca calada! Assim vives na escuridão, em estado de confusão. Se procuras então com cerveja ou vinho afogar a aflição, logo vem o pifão. Entrementes os anos se somam, as traças os cabelos devoram, os ossos estalam, os membros murcham e falham; os miolos na cabeça azedam e da meada os

fios se arrebetam. Em suma, percebes o outono, depões a colher e vem o derradeiro sono. Pergunto-te, irmão a tremer, o que é o homem, o que é a vida então? Schiller, nosso grande poeta, exclama: ‘Dos bens maiores não é não’. Digo, porém, é semelhante a um poleiro, de cima até embaixo, e assim por diante”.

Todos ficam em silêncio. Após uma pausa, Franz afirma: “Sim, foi ele quem escreveu, era de Hannover, mas decorei. Bom, não, é algo para a vida, só que amargo”.

Do outro lado, ouve-se: “Pois então, lembre-se bem do Estado, o bom pai Estado, e de quem põe a coleira, o Estado. Decorar, coleira, isto também não vale nada”. Franz ainda tem a cabeça apoiada, a poesia ainda permanece lá: “Sim, ostras e caviar eles não têm e nós também não. É preciso ganhar o próprio pão, deve ser difícil para um pobre diabo. É um alívio ter as próprias pernas e estar aqui do lado de fora”. Do outro lado, continuam a atizar, esse sujeito ainda vai acordar: “É possível ganhar seu pão de diversas maneiras. Na Rússia, antigamente, havia dedos-duros, eles ganhavam dinheiro com isso”. O outro novo trombeteia: “Entre nós há gente bem diferente, alguns deles estão lá em cima junto à manjedoura, eles traíram o operariado a favor dos

capitalistas e foram pagos para isso”. “Não são melhores do que as putas.” “Piores.”

Franz pensa em sua poesia e no que os bons rapazes podem estar fazendo lá dentro, deve haver muita gente nova, há chegadas todos os dias, então gritam: “Vamos, então! Cadê a nossa canção? Não temos música, prometer e não cumprir”. Mais uma canção, um brinde para eles: prometo e cumpro. Primeiro: umedecer os lábios.

Franz pega o novo caneco, sorve um gole, que devo cantar; naquele momento, vê-se parado no pátio, e algo ecoa nas paredes do pátio, o que vem hoje à cabeça da gente, o que foi aquilo? E canta lentamente, pacificamente, a canção flui em sua boca: “Tive um camarada, melhor não podia haver. O tambor chamou à luta, andava ao meu lado, passo a passo. No mesmo passo e compasso”. Pausa. Canta a segunda estrofe: “Uma bala cruzou o ar, para mim ou para ti; ela te levou embora, estás aos meus pés, como um pedaço de mim. Um pedaço de mim”. E bem alto o último verso: “Ainda estende a mão, enquanto eu o carregava. Não posso pegar-te a mão, descansa em paz eterna, meu bom companheiro, meu – boom companheiirooo”.

Alto e solene, no fim, cantou recostado, canta com coragem e satisfação. No fim, na outra mesa, passada a estupefação, berram, acompanhando-o, batem na mesa, gritam e fazem cena: “Meu boom companheiiroo”. Enquanto canta, porém, ocorreu a Franz o que de fato queria cantar. Estivera parado no pátio, agora está contente que se lembrou, não faz diferença onde esteja; agora está no meio da canção, ela precisa sair, precisa cantar a canção, os judeus estão lá, estão discutindo, como se chamava mesmo o polonês e o refinado senhor idoso; ternura, gratidão; ele trovejou no salão: “Ressoa um brado como um trovão, o retinir de espadas e o embate das ondas: ao Reno, ao Reno, o Reno alemão, queremos todos guardar! Pátria amada, podes descansar, pátria amada, podes descansar. Firme e fiel a guarda, a guarda do Reno, firme e fiel a guarda, a guarda do Reno!”. Deixamos tudo isso para trás, e agora estamos sentados aqui, e a vida é bela, bela, tudo é belo.

Depois, ficam bem silenciosos, um dos novos os acalma, eles deixam passar; Dreske está sentado encurvado e coça a cabeça, o dono sai de trás do balcão, resfolega e senta-se à mesa ao lado de Franz. Ao fim da canção, Franz saúda a vida inteira, balança seu caneco: “Saúde”, bate na mesa, vibra, tudo está bem, está satisfeito, onde é que se meteu Lina, apalpa seu rosto todo, é um

homem forte, bom de carnes e gorduras. Ninguém responde.
Silêncio.

Um deles ergue a perna sobre a cadeira, abotoa firme o casaco, ajeita o cinto, um tipo comprido e ereto, um novo, aí vem coisa, e, em passo de marcha, vai até Franz, esse aí vai levar um murro na cabeça, isto é, se o novo chegar perto. Este, num salto, aboleta-se sobre a mesa de Franz. Franz observa, espera: “Ora, homem, ainda deve haver cadeiras aqui no botequim”. Ele aponta sobre o prato de Franz: “O que você andou comendo?”. “Digo que ainda deve haver cadeiras aqui no boteco, caso você tenha olhos. Diga lá, acho que lhe deram banhos quentes demais quando criança, não é.” “Não é esse o assunto. Quero saber o que você comeu.” “Pão com queijo, seu animal. A casca ainda está aí para você, sua besta. Você vai para debaixo da mesa, caso você não tenha boas maneiras.” “Bem sei que era pão com queijo, ainda sinto o cheiro. De onde virá?”

Mas Franz, com as orelhas vermelhas, levantou-se, os da outra mesa também, e Franz agarrou sua mesa, virou-a, e o novo, junto com o prato, o caneco, o pote de mostarda, veio ao chão. O prato quebrou. Henschke já esperava por isso, pisa nos cacos com os pés: “Nem pensar, nada de brigas aqui, nada de pancadas no meu

estabelecimento, quem não mantém a paz voa para fora daqui”. O comprido levanta-se, empurra o dono para o lado: “Saia daqui, Henschke, aqui não há pancadaria. Vamos ajustar as contas. Quem quebra alguma coisa tem de pagar”. Rendi-me, pensa Franz, colou-se à janela diante da veneziana, aqui vou eu, que ninguém toque um dedo em mim, que ninguém me toque; sou bom para todo mundo, mas vai acontecer uma desgraça, que este não seja tão idiota a ponto de encostar um dedo em mim.

O comprido puxa as calças para cima, pronto, ele agora vai começar. Franz percebe que algo vai acontecer, o que fará Dreske agora, ele também fica parado à toa e observa tudo. “Orge, que moleque de meia tigela é esse, onde arranjou esse ranhento que você trouxe para cá?” O comprido continua a ajeitar suas calças, devem estar caindo, que mande costurar novos botões. O comprido, indo em direção ao dono do botequim, começa a zombar: “Deixe que falem. Os fascistas podem falar. Falem o que quiserem, eles gozam da liberdade de expressão aqui entre nós”. E Dreske faz sinal por detrás com o braço esquerdo: “Nada disso, Franz, não me envolvi nisso, veja o que você aprontou com suas coisas e com as canções, nada disso, não vou me envolver, nunca houve uma coisa dessas aqui”.

Ressoa um brado como um trovão, ah sim, a canção no pátio, eles querem criticar a música, querem meter o bedelho.

“Fascista, cão assassino!” O comprido berra diante de Franz:
“Passe a faixa para cá! Como é, vai demorar?”.

Agora vai começar, vão me atacar, os quatro vêm para cima de mim, mantenho as costas grudadas na janela, primeiro uma cadeira para cá. “A faixa para fora! Vou tirá-la do bolso dele. Exijo a faixa desse sujeito!” Os outros se juntam a ele. Franz agarrou a cadeira com as mãos. Segurar firme primeiro. Primeiro segurar. Depois avanço.

O dono agarra o comprido por trás, suplica: “Saia já daqui! Biberkopf, saia daqui agora”. Esse aí teme por seu estabelecimento, decerto não pôs as vidraças no seguro, ora, então, que seja. “Henschke, naturalmente, existem tantos botecos em Berlim, só estava esperando pela Lina. Você está mesmo do lado desses aí? Por que eles forçam a gente a ir embora, eu que fico aqui sentado todos os dias, e os dois novos estão aqui pela primeira vez hoje à noite.” O dono afastou o comprido, o outro novo cospe: “Porque você é um fascista, você guardou a faixa no bolso, você é uma suástica ambulante”.

“Sou, sim. Expliquei ao Orge Dreske. E por quê. Vocês não compreendem e, por isso, ficam aos berros.” “Nada disso, você que berrou a Guarda do Reno!” “Se vocês fazem algazarra, como agora, e vem um cara se sentar em cima de minha mesa, deste jeito não vai ter paz no mundo. Deste jeito não. E

é preciso ter paz para que a gente possa trabalhar e viver. Operários de fábrica e comerciantes e todos, para que haja ordem, do contrário, não se pode trabalhar de verdade. E de que vocês vão viver, seus fanfarrões? Vocês se embriagam com esse palavreado! Não sabem fazer outra coisa além de algazarra e tornar as outras pessoas maldosas até que fiquem maldosas de verdade e deem umas porradas em vocês. Algum de vocês vai deixar que lhe pise nos calos?”

Subitamente se põe também a berrar, algo explodira dentro dele e começa de fato a borbulhar, soltando-lhe as rédeas, uma torrente de sangue perpassa seus olhos: “Criminosos, caras, vocês não sabem o que estão fazendo, é preciso tirar à força as minhocas de suas cabeças, vocês vão arruinar o mundo todo, tomem cuidado para não vir a sofrer alguma coisa, sanguinários, calhordas”.

Ele fervilha, cumpriu pena em Tegel, a vida é terrível, que vida é essa, aquele da canção sabe o que aconteceu comigo, Ida, não pensar nisso.

E continua a gritar em seu estado de horror, o que está surgindo ali, afugenta, espezinha aquilo, é preciso berrar, berrar até livrar-se. O bar ressoa, Henscke está diante dele à mesa, não ousa aproximar-se mais, assim fica parado ali, aquilo lhe sai da garganta aos berros, confuso, espumando: “Vocês não têm nada a me dizer, ninguém pode chegar e me dizer o que quer que seja, pessoa alguma, sabemos disso muito bem, não foi por isso que estivemos lá fora, que ficamos na trincheira, para que vocês provoquem, seus provocadores, é preciso haver paz, paz digo eu, podem enfiar isso na cabeça, paz e nada mais [sim, é isso, foi aqui que chegamos, certíssimo, com todas as letras], e quem vier agora e fizer revolução, e não mantiver a paz, merecem ser todos enforcados ao longo da avenida inteira [postes negros, postes telegráficos, uma fileira inteira na Tegeler Chaussee, bem que sei], daí eles vão ver, quando estiverem pendurados, só então. Daí vão perceber o que estão fazendo, seus criminosos [Sim, então haverá paz, então ficarão quietos, é a única verdade, vamos passar por essa experiência.]”.

Raiva, paralisia, isso é Franz Biberkopf. Ele grasna às cegas do fundo da goela, seu olhar está vítreo, seu rosto, azulado, inchado, cospe, suas mãos queimam, o homem está fora de si. E seus dedos agarram-se à cadeira, mas apenas se apoia nela. Agora, logo irá pegar a cadeira e começará a golpear.

Atenção, perigo iminente, caminho desimpedido, carregar, fogo, fogo, fogo. Nisso, o homem que está lá parado aos berros, ouve, ouve a si mesmo, a

distância, observa a si mesmo. As casas, as casas querem desabar novamente,

os telhados querem cair sobre ele, não pode ser, eles que não me venham com isso, os criminosos não terão sucesso, precisamos de paz.

E aquilo o percorre por dentro: logo vai começar, farei alguma coisa, agarrar um pescoço, não, não, logo vou cair, estatelar-me, mais um momento, um momento. E então pensei, o mundo está em paz, reina a ordem. Sente medo em sua escuridão: há algo que não está em ordem no mundo, eles estão lá do outro lado, terríveis, tem uma sensação premonitória.

Em certa época, viveram no paraíso duas criaturas: Adão e Eva. E o paraíso era o esplêndido Jardim do Éden. Aves e animais brincavam por ali.

Bem, se esse aí não está louco. Eles se mantêm quietos, também o comprido lá atrás apenas funga pelas narinas e dá uma piscadela para Dreske; é melhor a gente se sentar, vamos então conversar sobre outras coisas. Dreske gagueja no silêncio: “Pronto, então você vai agora, Franz, pode soltar a cadeira, você já falou demais”. O outro se acalma, a nuvem passa. Está passando. Graças a Deus, está passando. Seu rosto desanuvia, relaxa.

Os outros ficam parados junto à mesa, o comprido está sentado, bebendo. Os industriais de madeira reivindicam seu alvará, Krupp permite que seus funcionários aposentados morram de fome, um milhão e meio de desempregados, crescimento de 226 mil em 15 dias.

A cadeira tombou da mão de Franz, a mão afrouxou, sua voz soa normal, ainda mantém a cabeça baixa, eles não mais o enervam: “Vou embora. Bom divertimento de minha parte. O que passa pela cabeça de vocês não é de minha conta”.

Eles ouvem, não respondem. Deixem os desprezíveis calhordas renegados difamarem a constituição dos conselhos sob o aplauso da burguesia e dos chauvinistas sociais. Isso acelera e aprofunda a ruptura entre os operários revolucionários da Europa e os homens de Schneidemann, e assim por diante. As massas das classes oprimidas estão a nosso favor.

Franz pega seu boné: “Sinto muito, Orge, que nos separemos desta maneira, por causa disso”. Estende-lhe a mão, Dreske não a pega, e senta-se na cadeira. Sangue tem de jorrar, tem de jorrar, aos borbotões.

“Pois então vou indo. O que lhe devo, Henscke, o copo e o prato também.” Esta é sua ordem. Uma xícara de porcelana para 14 crianças. Um decreto da

assistência social do ministro do partido do centro, Hirtsiefer: é necessário

encarar com reservas a publicação deste decreto. Levando em conta a escassez dos meios à minha disposição só podem ser considerados aqueles

casos nos quais não apenas o número de filhos atinja uma quantidade alta – ou seja, 12 –, mas também naqueles casos em

que a educação esmerada das crianças representa um sacrifício considerável, tendo em vista as condições econômicas, e, apesar disso, decorra de modo exemplar.

Um deles grita atrás de Franz: “Salve a coroa de louros, batatas com repolhos”. Vá limpar a mostarda da bunda, sujeitinho. Pena que eu não o tenha agarrado pelo pescoço. Franz está de boné. O Hackesche Markt vem-lhe à cabeça, os irmãos aveadados, a banca do grisalho com as revistas, e ele não queria, hesita, sai.

Está lá fora, no frio. Bem defronte à loja está Lina, que acabara de chegar. Ele anda devagar. Preferia voltar e explicar a eles como são loucos. Loucos é o que são, estão embriagados, nem são assim de verdade, até o comprido, o atrevido que se estatelou no chão, não é assim. Só não sabem o que fazer com todo aquele sangue, sim, têm sangue quente demais, se tivessem passado por Tegel ou tivessem uma história de vida para contar, uma luz se acenderia para eles, mas uma de cem velas.

Caminha de braço dado com Lina, olha em volta da rua escura. Bem que poderiam acender mais lâmpadas. O que as pessoas querem da gente, primeiro as “bichas” com quem não temos

nada a ver, agora os vermelhos. Que me importa tudo isso, que limpem a própria porcaria. Deviam deixar a gente ficar sentado onde está; nem deixam a gente beber uma cerveja sossegado. Queria mesmo é voltar e deixar em pedaços o boteco de Henschke. De novo, os olhos de Franz lampejam e pulsam, incham-lhe a testa e o nariz. Mas isso passa, ele se apoia em Lina, coça-lhe o pulso, ela sorri: “Pode fazer isso, sim, Franzezinho, um lindo arranhãozinho seu”.

“Agora vamos dançar, Lina, não vamos a uma espelunca fedida, para mim já chega, lá fumam e fumam e há ali um pequeno pintassilgo e ele pode até morrer disso, mas eles não se importam.” E a ela explica que tivera razão há pouco, e ela concorda com ele. Sobem no bonde elétrico que vai descendo em direção à ponte Jannowitz até o salão de Walter. E assim, tal e qual está, vai de bonde até lá, e Lina nem precisa trocar de roupa, é bonita assim mesmo. E a gorducha, em pleno elétrico, enquanto vão indo, tira um jornalzinho do bolso, está todo amassado. Ela trouxe para ele, é um jornal de domingo, o Friedensbote [Mensageiro da Paz]. Franz percebe que não negocia o tal jornal, ele lhe aperta a mão, alegre-se com o lindo título e a manchete na primeira página: “Da infelicidade à felicidade”.

Palma, palma, palma, pé, pé, pé, peixes, pássaros, o dia todo, paraíso.

O bonde sacoleja, leem no vagão, com a luz fraca, as cabeças juntas, a poesia da primeira página que Lina emoldurou a lápis: “É melhor a dois”, de E. Fischer: “Andar sozinho, um mau caminho, o pé tropeça, o coração soluça: é melhor a dois. E se caíres, quem ampara o passo? Se estás cansado, quem te dá o compasso? É melhor a dois. Ó peregrino silencioso pelo mundo e pelo tempo, leva contigo Jesus Cristo; é melhor a dois. Ele sabe a rota, conhece as trilhas, ele te conduz com ação e conselhos; é melhor a dois”.

Mas ainda estou com sede, pensa entrementes Franz durante a leitura, dois copos é muito pouco, e o falatório seca a goela. E então lhe ocorre a canção, sente-se em casa e aperta o braço de Lina.

Ela fareja o ar matinal. No caminho pela Alexanderstrasse em direção à Holzmarktstrasse, aconchega-se languidamente a ele: será que em breve não ficarão noivos de verdade?

Dimensões deste Franz Biberkopf. Ele pode competir com antigos heróis

Este Franz Biberkopf, antigamente pedreiro, depois transportador de móveis, e assim por diante, agora vendedor de jornal, pesa quase cem quilos. É tão forte quanto uma cobra naja e, novamente, membro de um clube de atletismo. Usa polainas verdes, sapatos de sola pregada com tachas e japona impermeável. Nem pensem em encontrar muito dinheiro com ele, mas os tostões vão pingando, sempre em pequenas quantias, e apesar disso

algumas pessoas se atrevem a aproximar-se dele.

Perseguem-no desde tempos antigos, Ida, remorsos, pesadelos, sono agitado, aflições, e assim por diante, Erínias dos tempos de nossas bisavós? Não há o que fazer. Considere uma situação diferente. Um criminoso, por sua vez, homem amaldiçoado por deuses no altar [como sabe disso, meu filho?], Orestes assassinou Clitemnestra, mal se consegue pronunciar tal nome, de qualquer modo, sua mãe. [De que altar fala o senhor? Pode procurar aqui entre nós uma igreja que esteja aberta à noite.] Digo, tempos diferentes. Hoi ho hatz, bestas terríveis, mulheres desgrenhadas com cobras, além disso, cães sem

focinheira, toda uma coleção de bichos pouco simpáticos, tentam abocanhá-lo, mas não o alcançam porque ele está no altar, é uma imagem da antiguidade, e depois todo o bando dança irritado ao seu redor, cães sempre entre eles. Sem harpa, como diz a canção, a dança das Erínias, enroscam-se em torno da vítima, perturbação da loucura, ilusão dos sentidos, preparação para o manicômio.

Não perseguem Franz Biberkopf. É preciso que se diga com todas as palavras, bom apetite, faça bom proveito, ele bebe no boteco de Henschke ou em outro lugar, a faixa no bolso, um caneco atrás do outro e uma aguardente Doornkaat no meio disso, o que faz seu coração desabrochar. Diferencia-se assim, no final de 1927, Franz Biberkopf, de Berlim Nordeste – o transportador de móveis, o vendedor de jornal, e assim por diante –, do velho e famoso Orestes. Quem não preferiria estar na pele do outro.

Franz matou a noiva a pancadas, Ida, o sobrenome não vem ao caso, na flor de sua juventude. Isso aconteceu numa discussão entre Franz e Ida, na casa da irmã dela, Minna, durante a qual, em princípio, os seguintes órgãos da mulher sofreram lesões leves: a pele sob o nariz, na ponta e no meio, o osso subjacente com a cartilagem, o que, porém, só foi percebido no hospital, e, mais tarde, teve papel importante nos autos do processo, além disso,

os ombros direito e esquerdo sofreram leves contusões, com sangramento. Mas depois o palavreado se tornou mais vívido. A expressão “fornicador” e “caçador de putas” animaram enormemente Franz Biberkopf, sensível em questões de honra, embora já fortemente desmoralizado, que ademais ainda estava excitado por outros motivos. Todos os seus músculos tremiam, literalmente. Na mão, nada além de um pequeno batedor de creme chantilly, de madeira, já que na ocasião fazia ginástica, pois sofrera uma distensão na mão. E foi esse batedor de creme com a espiral de arame que ele, num impulso duplo, arremessou contra o tórax de Ida, a parceira do diálogo. Até aquele dia, o tórax de Ida estivera totalmente intacto, a mulher pequenina, agradável aos olhos, de fato, não – diga-se de passagem: o homem sustentado por ela suspeitava, não sem alguma razão, que ela queria lhe dar o fora, a favor de um sujeito de Breslau, recém-chegado. De qualquer modo, o tórax da delicada moça não estava adaptado ao contato com o batedor de creme. Gritou ai já nos primeiros golpes e não disse mais vagabundo sujo, e sim homem. O segundo encontro com o batedor de creme ocorreu com a postura firme de Franz após um quarto de giro para a direita do lado de Ida. Ao que Ida não disse absolutamente nada, escancarou a boca, de modo estranho, num trejeito amuado e agitou os dois braços.

O que acontecera um segundo antes com o tórax da criatura tem a ver com as leis da inércia e da elasticidade, de choque e de resistência. Sem o conhecimento destas leis o ocorrido é absolutamente incompreensível. Recorramos ao auxílio de fórmulas.

A primeira lei de Newton [niuton] diz: cada corpo permanece em estado de repouso enquanto nenhuma força o levar a alterar este estado [refere-se às costelas de Ida]. A segunda lei de Newton: a alteração no movimento é

proporcional à força aplicada e segue a mesma direção desta [a força aplicada é Franz, ou seja, seu braço e seu punho com o conteúdo]. A intensidade da força é expressa pela seguinte fórmula:

A aceleração provocada pela força, portanto, o grau de interferência produzido no repouso, é expressa pela fórmula:

Espera-se então o que, de fato, ocorre: a espiral do batedor de creme é comprimida, e a madeira propriamente dita é a causadora do impacto. Do outro lado, o lado da inércia e da resistência: fratura da sétima e oitava costelas, linha da omoplata posterior esquerda.

Esta maneira atual de observação dispensa totalmente as Erínias. Pode-se acompanhar passo a passo o que Franz fez e o que Ida sofreu. Nada há de desconhecido na equação. Resta apenas assinalar a sequência do processo, que foi assim iniciado: perda da posição vertical por Ida, passagem para a horizontal, esta como efeito grosseiro do golpe, ao mesmo tempo, dificuldade de respiração, dor aguda, susto e, portanto, perda fisiológica do equilíbrio. Apesar de conhecê-la tão bem, Franz, como um leão aos urros, teria matado a pancadas a pessoa lesada se a irmã não viesse aos saltos do quarto ao lado. Diante dos clamores desta mulher, ele saiu em retirada e à noite foi apanhado por uma patrulha da polícia perto da casa dele.

“Hoi ho hatz”, exclamam as velhas Erínias. Ó horror, horror de ver um homem amaldiçoado por Deus no altar, as mãos escorrendo sangue. Como ressoam: dormes? Afastai vosso sono. Levantai, levantai. Agamemnon, seu pai, partira há longos anos de Troia.

Troia caíra, depois partiram mensagens de fogo de lá, de Ida passando por cima do Athos, eram tochas ardentes rumando ao bosque de Citáiron.

Que maravilha, note-se de passagem este comunicado ardente de Troia para a Grécia. Como é grande este cortejo do fogo, sobre o mar, é luz, coração, alma, felicidade, exclamação!

O fogo vermelho-escuro, vermelho-fogo sobre o Lago de Górgopis, depois avistado por um guarda; este grita e sente alegria, isto é vida, acesa e transmitidas a notícia e a excitação e a alegria, tudo junto, e no salto sobre uma baía, numa corrida acelerada ao Monte Aracnéon, sempre a gritaria e a correria que você vê, vermelho-fogo: aí vem Agamemnon! Não podemos nos comparar com este espetáculo. Nisso ficamos mais uma vez para trás.

Utilizamos para o anúncio de alguns resultados as experiências de Heinrich Hertz, que viveu em Karlsruhe, morreu cedo e, pelo menos na fotografia da coleção gráfica de Munique, usava barba.

Telegrafamos sem fio. Produzimos correntes alternadas de alta frequência através de transmissores em grandes estações.

Geramos ondas elétricas através de oscilações de um círculo vibratório. As vibrações propagam-se em esferas. E ainda há uma

válvula eletrônica de vidro e um microfone cujo disco oscila, ora mais, ora menos, e assim surge o som, exatamente como entrara antes na máquina, e isto é surpreendente, sofisticado, intrigante. É difícil entusiasmar-se com isso; funciona e pronto.

Bem diferente é a tocha mensageira no retorno de Agamemnon!

Arde, chameja, a cada instante, em cada localidade, ela diz, sente, e todos à volta rejubilam: aí vem Agamemnon! Mil pessoas se acendem em cada localidade: Agamemnon está chegando e agora já são dez mil, cem mil sobre a baía.

E então, para chegar aos fatos, ele se encontra em casa. As coisas mudam. As coisas mudam totalmente. O disco gira. Assim que a mulher o tem em casa, mete-o no banho. Mostra nesse instante que é uma bruaca sem igual. Ele na água, ela atira uma rede de pesca sobre ele, de modo que este não pode fazer nada, e ela já trouxera consigo um machado, como para cortar lenha. Ele geme: “Ai de mim, fui atingido!”. Lá fora, perguntam: “Quem grita aí desta maneira?”. “Ai de mim e outra vez!” A besta de tempos antigos acaba com ele, não pestaneja, lá fora ainda escancara a bocarra: “Ação concluída, atirei nele uma rede de pesca e o golpeeí duas vezes, e ele com dois suspiros se esticou e depois o

mandei com um terceiro golpe para o Hades”. Com isso, os senadores ficam consternados, no entanto, conseguem encontrar a observação apropriada: “Espanta-nos a ousadia de tua fala”. Foi esta mulher então, esta besta antiga, que por ocasião de um divertimento conjugal com Agamemnon se tornara mãe de um menino que, ao nascer, recebeu o nome de Orestes. Mais tarde, foi assassinada por este fruto de suas alegrias, e as Erínias passam depois a atormentá-lo.

Aí nosso Franz Biberkopf está em posição bem diferente. Cinco semanas depois, sua Ida está morta no hospital Friedrichshain, em virtude de uma fratura nas costelas, com complicações, perfuração da pleura, pequena fissura no pulmão seguida de empiema, inflamação da pleura, pneumonia, criatura, a febre não cede, olhe sua cara agora, pegue um espelho, criatura, você está liquidada, arrasada, pode esticar as canelas. Eles a dissecaram, enfiaram-na na terra na Landsberger Allee, três metros abaixo do chão. Morreu sentindo ódio

por Franz, a raiva dele por ela também não diminuiu após a morte, seu novo namorado, aquele de Breslau, ainda a visitou. Lá embaixo está ela então há cinco anos, de costas, na horizontal, as tábuas de madeira estão apodrecendo, ela se esvai em podridão, ela que dançou um dia com Franz no Jardim Paraíso, em Treptow,

com sapatos brancos novos de lona, que amou e aprontou por aí, jaz bem quieta, e não está mais aqui.

Mas ele cumpriu seus quatro anos. Aquele que a matou anda por aí, vive, viceja, bebe, come, derrama seu esperma, espalha mais vida. Até a irmã de Ida não lhe escapou. Algum dia também chegará a vez dele. Enfim, também não morreu uma outra pessoa qualquer? Mas isso não acontecerá tão cedo. Ele sabe disso. Entrementes, ele continuará a tomar seu café da manhã nos botequins e, à sua maneira, continuará a tecer loa ao céu que cobre a Alexanderplatz: desde quando sua avó toca trombone, e meu papagaio não come ovos duros.

E onde está agora o muro vermelho do presídio de Tegel que tanto o amedrontou, ele não conseguia desgrudar as costas dele. O guarda fica junto ao portão preto de ferro que um dia provocou tanta aversão em Franz, o portão ainda está firme nas dobradiças, não incomoda ninguém, proporciona sempre boa ventilação, à noite, é fechado, o que ocorre com todo bom portão. Agora pela manhã, o guarda está postado defronte, fumando seu cachimbo. O sol brilha, sempre o mesmo sol sobre o qual se pode prever com exatidão quando este estará em algum lugar do céu. Depende da nebulosidade se vai brilhar ou não. Algumas pessoas

acabam de descer do 41 carregando flores e pequenos embrulhos, provavelmente se dirigem ao sanatório em frente, descendo à esquerda pela avenida, todas elas sentindo muito frio. As árvores alinham-se numa fileira negra. Lá dentro, os presidiários ainda se encontram em suas celas, trabalham nas oficinas, marcham em passo de ganso no pátio. Ordem rígida de aparecer na hora de recreação apenas com sapatos, gorro e cachecol. Visita do velho às celas: “Que tal a sopa ontem à noite?”. “Podia ser melhor e em maiores porções.” Ele não quer ouvir, faz-se de surdo: “Quantas vezes recebem roupas de cama?”. Como se não o soubesse.

Alguém no isolamento escreve: “Deixem entrar o sol! É o apelo que ressoa mundo afora. Só aqui atrás dos muros do cárcere não se ouve o eco. Não somos dignos de sermos banhados pelo sol? A arquitetura dos presídios determina que algumas alas laterais não recebam a luz do sol durante o ano todo, ala lateral nordeste. Nenhum raio de sol se perde nestas celas e traz saudações a seus moradores. Ano após ano, as pessoas precisam trabalhar sem a luz restauradora do sol e murcham”. Uma comissão pretende inspecionar o edifício, os guardas correm de cela em cela.

Um outro: “À Promotoria Pública do Tribunal. Durante as audiências do processo contra mim, diante da Câmara Alta do Tribunal Criminal, o Presidente, o Meritíssimo Doutor X, comunicou-me que objetos pessoais foram retirados de minha

residência à Elisabethstrasse 76 após minha prisão. Este fato foi registrado nos autos. Como foi registrado nos autos, deve ter ocorrido também uma investigação por parte da polícia ou da Promotoria Pública. Por nenhuma das partes citadas fui comunicado a respeito do desvio de meus objetos pessoais, após minha prisão, até que tomei conhecimento do fato na citada audiência. Solicito à Promotoria Pública comunicar-me a respeito do resultado da investigação ou enviar-me uma cópia do relatório anexo aos autos, a fim de que eu eventualmente possa encaminhar um pedido de indenização caso tenha ocorrido alguma negligência por parte de minha senhoria”.

E quanto à senhora Minna, a irmã de Ida, ela vai muito bem, obrigado, o senhor é muito gentil. Agora são 11h20, ela acaba de sair do mercado da Ackerstrasse, uma construção municipal amarela que possui igualmente uma saída para a Invalidenstrasse. Ela, porém, escolhe a saída para a Ackerstrasse, pois é mais perto para ela. Couve-flor e cabeça de porco, além de um pouco de aipo, foram as compras providenciadas. Diante do mercado, compra ainda direto da carroça um linguado grande e gordo e um saquinho de chá de camomila; nunca se sabe, sempre se pode precisar.

TERCEIRO LIVRO

—

Aqui, Franz Biberkopf, o homem decente, bem intencionado, sofre o primeiro golpe. É enganado. O golpe fere fundo. - Biberkopf jurou que será decente e vocês viram como se portou decentemente durante semanas, mas isso foi de certa forma apenas um adiamento. A longo prazo, a vida considera isso bom demais e dá-lhe uma rasteira. Para ele, Franz Biberkopf, contudo, esta artimanha por parte da vida não parece muito elegante e durante um bom tempo se sente farto de tal existência infame, ordinária, contradizendo qualquer boa intenção.

Por que a vida procede desta maneira ele não compreende. Ele precisa percorrer um longo caminho até que o perceba.

—

Ontem ainda, na sela de cavalos garbosos

Como o Natal está próximo, Franz muda de ramo, negocia mercadorias de ocasião, por algumas horas pela manhã, ou expõe cordões de sapato, à tarde, primeiro sozinho, depois com Otto Lüders. Este está desempregado há dois anos, a mulher lava roupas para fora, Lina, a gorducha, veio apresentá-lo, é o tio da gorducha. Durante algumas semanas no verão foi homem-hortelã em Rüdersdorf, com penacho e farda. Franz e ele percorrem as ruas a dois, entram nos prédios, tocam a campainha, encontram-se depois.

Um dia, Franz Biberkopf vai ao boteco. A gorducha também está lá. Ele está particularmente bem-humorado. Devora os sanduíches da gorducha, ainda mastigando, manda vir orelhas de porco com ervilhas para os três. Dá uns bons apertões na gorducha, tanto que depois das orelhas de porco ela sai correndo, vermelha como um pimentão. “É bom que ela vá embora, a gorducha, Otto.” “Ela tem um teto. E fica sempre correndo atrás de você.”

Franz reclinase sobre a mesa, olha para Lüders de baixo: “O que você pensa que está acontecendo, Otto?”. “O quê?” “Ora, desembuche.” “Ora, o quê.”

Duas cervejas, uma limonada. Um novo freguês assoa o nariz no meio do botequim, limpa-o com as costas da mão, tosse: “Uma xícara de café”. “Com açúcar?” A dona lava copos. “Não, mas rápido.”

Um jovem de boné marrom atravessa o bar à procura de algo ou alguém, aquece-se junto ao aquecedor, procura na mesa de Franz, depois na mesa ao lado: “Viu alguém de casaco preto, gola marrom, de pele?”. “Vem sempre aqui?” “Sim.” O mais velho da mesa vira a cabeça em direção ao pálido ao lado: “Pele marrom?”. Este, resmungando: “Sempre vem gente aqui com casaco de pele marrom.” O grisalho: “De onde o senhor vem? Quem o mandou?”. “Isso não importa. Já que o senhor não o viu.” “Vem muita gente aqui com casaco de pele marrom. É preciso que se saiba quem o mandou aqui.” “Não preciso disso, não preciso lhe contar o que tenho de fazer.” O pálido se exalta: “Se o senhor lhe pergunta se alguém esteve aqui, ele também pode lhe perguntar quem o mandou cá”.

O freguês já seguiu até a mesa seguinte: “Se lhe pergunto, ele não tem de saber quem sou”. “Ora, se pergunta a ele, ele também pode lhe perguntar. Senão não era preciso lhe perguntar.” “Não

preciso lhe dizer que coisa tenho de fazer.” “Então ele também não precisa lhe dizer se alguém esteve aqui.”

O freguês vai até a porta, vira-se: “Se são tão espertos assim, então

continuem espertos”. Vira-se, escancara a porta e sai.

Os dois à mesa: “Conhece o cara? É que eu não o conheço”. “Ele nunca esteve por aqui. Quem sabe o que quer.” “É bávaro.” “Esse daí, um renano. Da Renânia.”

Franz dá um sorrisinho maroto ao enregelado e miserável Lüders: “Não acredito que você não adivinhe. Pois é, se tenho dinheiro?”. “Ora, você tem dinheiro?”

E Franz colocou a mão sobre a mesa, abre-a, sorri orgulhoso: “Pois então, quanto?”. Lüders, o homenzinho miserável, inclinou-se para frente, chuchando um dente cariado: “Duas de dez, diabos”. Franz atira as duas notas sobre a mesa: “Veja como estamos. Conseguimos em quinze, em vinte minutos. Não mais do que isso, aposto”. “Que coisa, homem.” “Nada do que você está pensando,

debaixo da mesa, por detrás, nada disso. Honestamente, Otto, decentemente, do jeito certo, entende.”

Começam a cochichar, Otto Lüders aproxima-se mais dele. Franz tocou a campainha de uma mulher, cordões de sapato Makko, precisa de algum, para si, para o seu esposo, para as criancinhas, ela deu uma olhada para eles, depois para mim, é viúva, ainda em boa forma, conversaram no corredor, então perguntei se não podia trazer uma xícara de café, frio horrível este ano. Tomei o café, ela junto. E depois mais uma coisinha. Franz assopra pelos dedos da mão, ri pelas narinas, coça a bochecha, bate com o joelho no de Otto: “Deixei a tralha toda com ela. Ela notou alguma coisa?”. “Quem?” “Ora, quem, a gorda, pois não tenho nada comigo.” “Deixe que ela pense que você vendeu tudo, onde foi isso?”

E Franz sibila: “Vou voltar lá, mas não tão já, atrás da Elsasser, uma viúva, cara, vinte marcos, isso é que é negócio”. Comem e bebem até as três, Otto recebe uma nota de cinco, mas não fica mais animado.

—

Quem se esgueira na manhã seguinte com seus cordões de sapato pelo Rosenthaler Tor: Otto Lüders. Fica aguardando na esquina, junto ao Fabisch, até que depara com Franz percorrendo a Brunnenstrasse. E ele, zás, desce a Elsasser. Certo, é esse o número. Talvez Franz já esteja lá em cima. E as pessoas, como andam sossegadas pela rua. Primeiro vou ficar um pouquinho no corredor. Se ele aparecer, digo, mas o que vou dizer. Estou com palpitações. Eles aborrecem a gente o dia todo, e não dá em nada, o doutor não acha coisa alguma, mas eu bem que tenho algo. A gente apodrece em seus trapos, ainda a velha roupa da guerra. Escada acima.

Toca a campainha: “Cordões Makko, madame? Não, só queria perguntar. Olhe, escute primeiro”. Ela quer fechar a porta, ele coloca o pé na soleira. “É que não venho sozinho, meu amigo, a senhora sabe, ele esteve aqui ontem, deixou sua mercadoria aqui. “Meu Deus.” Ela abre a porta, Lüders já está dentro da casa, fecha depressa a porta atrás de si. “O que está acontecendo, meu Deus.” “Nada, madame. Por que está tremendo.” Ele próprio treme, viu- se tão rapidamente lá dentro, agora a coisa vai caminhar, venha o que vier, vai dar certo. Ele deveria ser gentil, não lhe sai a voz, diante da boca, sob o nariz, sente uma teia de arame que se estende até a testa sobre as bochechas, se as bochechas ficarem rígidas, estou liquidado. “Só queria

apanhar a mercadoria.” A delicada mulher corre até a sala, faz menção de apanhar o pacote, lá está ele à entrada da sala. Ela mexe a boca e olha: “Aí está o pacote. Meu Deus”. “Obrigado, muito obrigado. Por que está tremendo tanto, senhorinha. Aqui dentro está bem quente. Bem quentinho. Não poderia me trazer também uma xícara de café?” Só é preciso ficar por aqui, sempre falando, nada de sair, firme feito um carvalho.

A mulher magra, delicada, está diante dele, as mãos comprimidas sobre o ventre: “Ele lhe disse mais alguma coisa? O que foi que ele lhe disse?”. “Quem, meu amigo?” Falar, seguir falando, muito, quanto mais se fala mais quente a gente fica, agora a rede faz cócegas na frente sob o nariz. “Não, nada mais, não, o que mais seria. Por que ele deveria mencionar o café. E a mercadoria já tenho.” “Só vou até a cozinha.” Ela está com medo, que me interessa o café dela, o que preparo para mim é melhor, é mais cômodo tomar no boteco, ela quer se safar, aguardar, ainda estamos por aqui. Mas é bom que eu esteja aqui dentro, foi fácil. Mas bem que Lüders sente medo, põe-se à escuta na porta, na escada, em cima. Ele volta à sala. Dormi mal para burro hoje, a fedelhinha sempre tossindo, a noite inteira, vamos sentar. E senta-se sobre o sofá de veludo vermelho.

Foi aqui que riram com o Franz, agora ferva um café para mim, é bom tirar o chapéu, dedos gelados. “Aqui, sua xícara.” Ela está mesmo com medo, mulher pequenina, bonita, dá muita vontade de tentar alguma coisa. “A senhora não me acompanha? Para fazer companhia?” “Não, não, o inquilino chega logo, aluga um quarto aqui.” Quer me pôr para fora, como pode ter um inquilino, deveria ter uma cama aí dentro. “Só isso? Deixe o homem pra lá. Um inquilino, esse não aparece pela manhã, deve ter seu trabalho. Sim, meu amigo não me contou mais nada. Só devia buscar a mercadoria” – curvando-se, sorve e saboreia o café – “bem quente, está frio hoje, o que ele deveria ter me contado. Que a senhora é viúva, é verdade, não é viúva?” “Sim.” “O que houve com seu marido?” “Foi na guerra?” “Tenho o que fazer, preciso

preparar a comida.” “Traga-me mais uma xícara. Por que tanta pressa. Tão cedo não nos veremos de novo. Tem filhinhos?” “Vá agora, o senhor já pegou as coisas, não tenho tempo.” “Ora, não seja desagradável, é capaz de chamar a polícia, para mim não precisa, já vou indo mesmo, mas vou poder acabar esta xícara, não? De repente, a senhora não tem tempo. No outro dia, tinha bastante tempo, sabe como. Ora, então saúde, não sou desses, estou indo.”

Bota o chapéu na cabeça, levanta-se, segura o embrulho sob o braço, avança devagar até a porta, já passou pela mulher, então se vira rapidamente: “Pois então, para cá com o trocado”. A mão esquerda estendida, o dedo indicador sinalizando. Ela leva a mão à boca, o pequeno Lüders está bem perto dela: “Se você gritar. E você só dá alguma coisa depois de ter comido alguém. Então, está vendo, estamos sabendo de tudo. Entre amigos não há segredos”. Maldita porcaria, é uma droga de mulher, de vestido preto, dá vontade de lhe dar uns tabefes, não é melhor que a droga que tenho em casa. A mulher está com o rosto em brasa, mas só do lado direito, o esquerdo está branco feito neve. Tem sua carteira na mão, remexe-a com os dedos, mas mira com olhos arregalados o pequeno Lüders. A mão direita lhe estende as moedas. A expressão da mulher é pouco natural. O dedo indicador continua a sinalizar. Ela despeja a carteira toda na mão dele. Agora ele volta à sala, à mesa, arranca a toalha vermelha bordada, pega-a, ela grita, mas não sai som algum, não consegue abrir mais a boca, fica bem quieta junto à porta. Ele agarra duas almofadas do sofá, depois vai até a cozinha, vê as gavetas da mesa abertas, fuça lá dentro. Porcaria, tudo de alumínio, tenho de correr, senão ela começa a gritar. Então ela dá um salto, fora daqui.

Pelo corredor, fechando de mansinho a porta atrás de si, a escada abaixo para a casa ao lado.

Hoje um tiro no peito

Era o paraíso maravilhoso. As águas borbulhando de peixes, árvores brotando do chão, os bichos brincando – animais terrestres e aquáticos e pássaros.

Aí um farfalhar numa árvore. Uma serpente, serpente, serpente, esticou a cabeça, uma serpente vivia no paraíso e era mais astuta do que todos os animais do campo, e começou a falar, a falar para Adão e para Eva.

Quando uma semana depois Franz Biberkopf sobe a escada sossegadamente com um buquê envolto em papel de seda, pensa em sua gorda, recrimina-se, mas nada de sério, para, ela é uma fiel menina de ouro, para que tantas tolices, Franz, ora, ora, negócio é negócio. Aperta a campainha, sorri de expectativa, expressão afável, café quente, uma bonequinha. Passos aí dentro, é ela. Levanta o peito, estende o buquê diante da porta de madeira, a corrente é colocada, seu coração bate forte, como

estará minha gravata, a voz dela pergunta: “Quem é?”. Ele dá uma risadinha: “O carteiro”.

Pequena fresta escura, os olhos dela, ele se inclina carinhosamente, sorridente, balança o buquê. Barulho. Porta fechada com força. Rrrrrr, o ferrolho corre. Caramba. A porta está trancada. Que peste. Você plantado aqui. Ela deve ser louca. Será que me reconheceu. Porta marrom, com revestimento, estou na escada, minha gravata está direita. Não dá para acreditar. Preciso tocar mais uma vez a campainha, ou será que não. Olha para as mãos, um buquê, comprei há pouco na esquina, por um marco, com papel de seda. Ele aperta a campainha mais uma vez, duas vezes, muitas vezes. Ela deve estar junto à porta, só faz trancá-la, ela não se mexe, prende a respiração e me deixa plantado. E, no entanto, ainda está com meus cordões, a mercadoria toda, talvez uns três marcos, tenho o direito de vir apanhá-los. Alguém está andando aí dentro, agora se afasta, está na cozinha. Mas é –.

Descer a escada. Subir de novo: vou tocar mais uma vez, preciso verificar, talvez não tenha me visto, achou que era outra pessoa, um mendigo, aparecem tantos. Mas quando está diante da porta, não toca a campainha. Fica impassível. Só espera, parado. Pronto,

ela não abre, só queria ter certeza. Nesta casa não vendo mais nada, que vou fazer com o buquê, custou-me um bom marco, vou jogá-lo na sarjeta. De repente, toca mais uma vez, como respondendo a uma ordem, espera paciente, certo, ela nem chega perto da porta, sabe que sou eu. Então vou entregar um bilhete no vizinho, preciso reaver minha mercadoria.

Toca no vizinho, ninguém em casa. Bom, vamos ao bilhete. Franz vai até a janela do corredor, arranca a borda de um jornal, escreve com um toco de lápis: “Já que a senhora não abre a porta, quero minha mercadoria de volta, entregar no Klaussen, esquina da Elsasser”.

Caramba, peste, se você soubesse quem sou, o que uma de vocês já levou de mim, aí você não iria fazer isso. Bem, vamos cuidar disso. A gente deveria pegar um machado e acabar com a porta. Enfia silenciosamente o bilhete debaixo da porta.

Franz passa um dia mal-humorado. Na manhã seguinte, antes de encontrar-se com Lüders, o dono da loja lhe entrega uma carta. É ela. “Nada mais?” “Não, o que mais?” “Pacote, com mercadorias.” “Não, um menino trouxe ontem à noite.” “Que coisa, talvez tenha de ir buscar as coisas.”

- Dois minutos mais tarde, Franz vai até a janela ao lado dos produtos expostos, deixa-se cair num banquinho de madeira, segura a carta na mão esquerda frouxa, cerra os lábios, olha fixamente para o tampo da mesa, Lüders, o miserável, acaba de entrar pela porta, vê Franz sentado e some de novo.

O dono aproxima-se da mesa: “Por que Lüders saiu correndo, ainda não veio buscar a mercadoria”. Franz fica sentado e sentado. Uma coisa dessas acontece no mundo inteiro.

Amputaram-me as pernas. Uma coisa dessas nunca acontece no mundo. Nunca houve isso. Não consigo levantar. Lüders somente corre, ele tem pernas, por isso consegue correr. Que sujeito, nem se imagina.

“Quer um conhaque, Biberkopf? Caso de luto?”

“Não, nada disso.” O que esse aí está falando, não ouço direito, tenho algodão nos ouvidos. O dono não vai embora: “Por que o Lüders saiu correndo assim? Ninguém vai lhe fazer mal. Como se alguém estivesse atirando atrás dele”. “O Lüders? Sim, deve ter o que fazer. Sim, um conhaque.” Ele o entorna de um só trago, os pensamentos se dispersam rapidamente, caramba, que coisa é essa com a carta aqui. “Aqui está o envelope, deixou-o cair.

Talvez queira o jornal de hoje.” “Obrigado.” Continua a cismar: só gostaria de saber que coisa é essa com a carta, ela me escreve umas tantas coisas. O Lüders é um homem ajuizado, tem filhos. Franz reflete como aquilo aconteceu, nisso a cabeça começa a pesar, pende para frente, como ao dormir, o dono do bar pensa que ele está cansado, mas é a palidez, a amplidão e o vazio, é aí que lhe falham as pernas, então ele, totalmente desajeitado, vira mais uma vez para a esquerda, agora para baixo, bem embaixo.

Franz deita o peito e a cabeça sobre a mesa, enxerga o tampo da mesa enviesado sob o braço, assopra sobre a madeira, segura a cabeça: “A gorda já está aí, a Lina?”. “Não, ela só chega ao meio-dia.” Ah sim, só são nove horas, ainda não fiz nada, Lüders também foi embora.

O que se deve fazer? E então a coisa se derrama dentro dele e ele morde os lábios: é a pena, a mim deixaram sair, os outros ainda cavoucam batatas atrás do presídio, junto ao grande monte de lixo, e eu preciso tomar o elétrico, maldição, até que era bom lá. Levanta-se, andar um pouco pela rua, afastar isso para longe, é só não sentir medo outra vez, estou firme nas pernas, ninguém vai chegar perto de nós, ninguém: “Se a gorda chegar, diga-lhe que é um caso de luto. Uma notícia de morte, um tio ou coisa assim.

Não venho à hora do almoço, não, ela não precisa esperar. Bem, quanto foi?”. “Uma cerveja, como de costume.” “Aqui.” “E o pacote, vai deixar aqui?” “Que pacote?” “Ora, está meio avariado, Biberkopf. Nada de tolices, fique firme. O pacote, eu guardo.” “Que pacote?” “Ora, vá tomar um pouco de ar.”

Biberkopf está lá fora. O dono segue-o olhando pela vidraça: “Será que não vão trazê-lo de volta logo? Cada uma. Um homem tão forte. A gorda vai ficar espantada”.

—

Um homem baixo e pálido está diante da casa, o braço direito na tipoia, a mão numa luva preta de couro. Está parado ali há uma hora no sol e não sobe. Acaba de sair do hospital. Tem duas filhas grandes, um menino veio depois, tinha quatro anos, morreu ontem no hospital. Primeiro foi só uma inflamação da garganta. O doutor disse que voltaria rápido, mas só veio à noite e logo disse: hospital, suspeita de difteria. O menino ficou internado por quatro semanas, já estava bastante bem, então pegou escarlatina. E

depois de dois dias, ontem, se foi. Insuficiência cardíaca, disse o médico-chefe.

O homem está parado diante da porta da casa, a mulher lá em cima vai gritar e chorar como ontem a noite toda e censurá-lo por ele não ter tirado o menino do hospital três dias atrás, ele estava bastante bem. Mas as enfermeiras disseram que ele ainda tinha bacilos na garganta e, onde há outras crianças na casa, isso é perigoso. Na hora, a mulher nem quis acreditar, mas é possível que algo acontecesse com as outras crianças. Ele está parado. Gritam diante da casa vizinha. Lembra-se subitamente que quando levou a criança ao hospital lhe perguntaram se ele já tomara uma injeção de soro. Não, ainda não tomara nada. Esperou o dia inteiro que o doutor chegasse, só à noitinha, e então ouviu: já para o hospital.

E imediatamente o homem mutilado na guerra se põe em movimento, atravessa a rua, caminha calçada acima em direção à esquina até o médico, que supostamente não está em casa. Mas berra, é de manhã, o doutor deve estar em casa. A porta do consultório se abre. O senhor careca, corpulento, olha para ele, puxa-o para dentro. O homem fica de pé, conta do hospital, a criança morreu, o médico aperta-lhe a mão.

“Mas o senhor deixou a gente esperando, a quarta-feira inteira, de manhã até as seis da tarde. Mandamos um recado duas vezes. O senhor não apareceu lá.” “Mas acabei indo.” Novamente, o homem começa a berrar: “Eu sou um aleijado, nós nos esvaímos em sangue no campo de batalha, fazem a gente esperar, fazem o que querem com a gente”. “Ora, sente-se, acalme-se. A criança sequer morreu de difteria. Tais infecções ocorrem em hospitais.”

“Desgraça para cá, desgraça para lá”, continua a berrar. “Fazem a gente esperar, somos os peões, nossos filhos podem ir à breca assim como nós.”

Meia hora depois, desce lentamente a escada, dá uma volta lá embaixo no sol e sobe. A mulher está lidando na cozinha. “E aí, Paule?” “E aí, mãe.” Dão-se as mãos e deixam a cabeça pender. “Ainda não comeu, Paule. Vou preparar.” “Estive no doutor, falei que ele não veio na quarta-feira. Disse-lhe umas verdades.” “Mas ele não morreu de difteria, o nosso Paulinho.” “Não faz diferença. Também disse isso. Mas se tivesse tomado uma injeção logo nem teria ido ao hospital. Nada disso. Mas ele não veio. Disse-lhe umas verdades. É preciso pensar também nas outras pessoas, caso isso aconteça outra vez. Isso acontece todos os dias, quem vai saber.” “Está bem, agora coma alguma coisa. O que o doutor disse?” “É

um homem bom. Não é mais tão jovem, tem muito que fazer e se mata de trabalhar. Isso eu também sei. Mas quando algo acontece, acontece. Deu-me um copo de conhaque e disse que devo me acalmar. E a mulher do doutor também veio até o consultório.” “Você deve ter gritado muito, não, Paule?” “Não, nada disso, só no começo, depois tudo se acalmou. Ele mesmo admitiu: alguém tinha de lhe dizer isso. Não é um mau sujeito, mas alguém tem de lhe dizer isso.”

Ele treme violentamente enquanto come. A mulher chora na sala ao lado, depois tomam café juntos perto do fogão. “Café de verdade, Paule.” Ele aspira o aroma da xícara: “Dá para sentir”.

Amanhã para a vala fria, não, saberemos nos controlar

Franz Biberkopf desapareceu, Lina vai à tarde, no dia em que ele recebeu a carta, a seu quarto. Quer colocar lá às escondidas um colete de tricô marrom feito por ela. E, senhores, o homem está em casa quando normalmente deveria estar vendendo suas coisas, e logo agora, à época do Natal, está sentado sobre a cama, a mesa puxada para perto de si, fuçando em seu despertador, todo desmontado. Primeiro, ela leva um susto porque ele está lá e talvez tenha visto o colete, mas ele mal olha para ela,

só olha para a mesa e para seu relógio. Ela acha isso muito bom, pode assim esconder rapidamente o colete junto à porta. Mas então ele fala muito pouco, o que há com ele, está de ressaca, e que cara está fazendo, não o conheço desta maneira, lidando com o despertador velho, parece estar dormindo. “O despertador ainda estava bom, Franz.” “Não, não estava, deixe, ele sempre range, não marca as horas direito, já vou achar o que há.” E fica lidando, deixa-o sobre a mesa e arranha os dentes das engrenagens; nem olha para ela.

Então ela some dali, aquilo lhe dá um pouco de medo, ele que ponha o sono em dia. E quando volta à noite, o homem desapareceu. Pagou, empacotou suas coisas, levou tudo e se foi. A senhoria sabe apenas que pagou e deve escrever no formulário: em viagem. Deve ter de se esconder, hein?

Transcorreram-se então terríveis 24 horas até que Lina encontrasse o Gottlieb Meck, que podia lhe ajudar. O homem também havia mudado de endereço, ela correu a tarde inteira, de bar em bar, até que finalmente o achou. Ele não sabe de nada, o que poderia estar acontecendo com Franz, o sujeito tem músculos e também é esperto, bem pode dar uma voltinha de vez em quando. Será que aprontou alguma? No caso de Franz, fora de cogitação. Talvez tivessem brigado os dois, Lina e Franz. Nada disso, imagine, ainda fui lhe levar o colete. Só no dia seguinte, à

hora do almoço, Meck vai ter com a senhoria, Lina não para de insistir. Sim, Biberkopf mudou-se de uma hora para outra, há algo muito errado nisso tudo, o homem sempre disposto, ainda pela manhã, algo deve estar acontecendo, ninguém a convencerá do contrário; levou tudo, não deixou nem um só fiapo de suas coisas, pode verificar. Então Meck disse a Lina que ficasse calma, pois ele iria investigar a coisa. Reflete e imediatamente fareja algo no ar, como velho comerciante que é, e procura Lüders. Este está sentado na sua toca com sua fedelhinha; e onde está Franz? Pois é, diz ele emburrado, Franz o abandonou, deve-lhe mesmo ainda alguma coisa, Franz esqueceu-se de fazer as contas com ele. Meck, porém, não acredita nisso nem um pouco, sua conversa estende-se por mais de uma hora, não se consegue arrancar nada do homem. À noitinha, apanham-no, Meck e Lina, no bar em frente à sua casa. E as coisas se esclarecem.

Lina chora e faz uma cena. Ele tem de saber, ele deve saber onde está Franz, ainda estiveram juntos pela manhã, Franz deve ter dito alguma coisa, uma única palavra. “Nada disso, precisamente, ele não disse nada.” “Deve ter acontecido alguma coisa com ele.” “Com ele? Acontecer alguma coisa? Ele deve ter dado no pé, o que mais.” Não, ele não aprontou nada, Lina não se deixa convencer do contrário, ele não fez nada, põe a mão no fogo, é preciso ir à polícia, perguntar. “E você acha que ele se perdeu e devem

procurá-lo.” Lüders ri. A aflição da criatura, pequena e gorducha. “O que vamos fazer, o que vamos fazer?” Até que Meck, que só fica ali sentado ajuntando as peças da história, acha aquilo confuso demais e acena com a cabeça para Lüders. Quer conversar sozinho com Lüders, isto não leva a nada. Assim, Lüders também sai lá fora. Numa conversa aparentemente inocente, caminham subindo da Ramlerstrasse até a Grenzstrasse.

E lá, onde está escuro como breu, Meck inesperadamente se atira sobre o pequeno Lüders. Deu-lhe uma surra violenta. Enquanto Lüders berrava e jazia

no chão, Meck ainda tirou seu lenço do bolso e tapou-lhe a cara com ele. Depois o deixou levantar-se e mostrou ao baixote o canivete aberto. Estavam ambos sem fôlego. Então Meck, que ainda não tinha se restabelecido totalmente, aconselhou o outro a dar o fora dali e procurar Franz no dia seguinte. “Não importa como vai conseguir encontrá-lo, cara. Caso não o encontre, nós três vamos aparecer aqui. A você, vamos encontrar sem dificuldade, rapaz. Mesmo que seja com a patroa.”

Pálido e calado, atendendo ao aceno de Meck na noite seguinte, o pequeno Lüders saiu do bar, e foram à sala reservada. Levou um tempo até que o dono acendesse o gás para eles. E ficaram ali de

pé. Meck perguntou: “E então, foi?”. O outro assentiu com a cabeça. “Está vendo? E daí?” “Não existe e daí.” “O que ele disse, como você pode provar que esteve lá?” “Você acha que ele deveria ter arreventado minha cabeça como você?” “Nada disso, eu fui preparado.” “E depois?”

Lüders aproximou-se calmamente: “Preste atenção, Meck, ouça bem. Se você quiser me ouvir: vou dizer a você, se Franz é seu amigo, você não precisava ter falado comigo daquele jeito ontem por causa dele. Foi quase um assassinato. E não havia nada entre nós dois. Por causa daquele, não”.

Meck olhou-o fixamente, logo vai levar mais uns socos, e os outros podem entrar aqui, tanto quanto quiserem. “Não, ele só está maluco! Você não percebeu, Meck? Os parafusos estão meio frouxos aqui em cima, na cachola dele.” “Não, pare com isso. Ele é meu amigo, cara, Deus do céu, minhas pernas estão bambas.” Então Lüders começa a contar, Meck senta-se.

Ele encontrou Franz entre cinco e seis horas; estava morando bem perto de seu endereço antigo, três casas adiante, as pessoas o viram entrar com uma caixa de papelão e um par de botas na mão e deram-lhe enfim um quartinho em cima no prédio anexo.

Quando Lüders bate à porta e entra, Franz está deitado sobre a cama, os pés, com as botas, pendurados para fora. Lüders, este ele reconhece, do teto pende uma lâmpada, é o Lüders, aí vem o patife, mas o que há com ele. Lüders traz um canivete aberto no bolso esquerdo, onde enfiou a mão. Na outra mão, dinheiro, uns poucos marcos, estes ele coloca sobre a mesa, fala um monte de coisas, anda de um lado para o outro, a voz está rouca, mostra os galos na cabeça da surra de Meck, suas orelhas inchadas, está a ponto de chorar de raiva e de desespero.

Biberkopf ergueu-se na cama, seu rosto, às vezes muito duro, às vezes alguns feixes de músculos tremem no rosto. Aponta para a porta e diz baixinho: “Fora!”. Lüders depositou seus poucos marcos, pensou em Meck e que eles estariam à espreita e pede um bilhete confirmando que estivera ali,

ou quem sabe o próprio Meck poderia aparecer ou Lina. Nisso, Biberkopf põe-se de pé, num instante Lüders desliza até a porta, a mão na maçaneta. Biberkopf, porém, anda em diagonal até o fundo do quarto, até o lavatório, pega a bacia e – o que você diz a isso – despeja a água num jato só pelo quarto até os pés de Lüders. Do pó vieste, ao pó retornarás. Lüders arregala os olhos, desvia-se para o lado, gira a maçaneta. Biberkopf pega a jarra d’água, havia ainda mais água dentro dela, ainda temos muita, vamos ajustar as contas, do pó vieste. Despeja-o contra aquele à

porta, espirrando-lhe água fria no pescoço e na boca. Lüders escorrega para fora, some, a porta está fechada.

Na sala reservada, cochichou maldosamente: “Aquele ali está maluco, dá para você perceber, pronto, aí está”. Meck perguntou: “Que número? Na casa de quem?”.

Depois, Biberkopf atirou munição atrás de munição no quartinho. Borrifava com a mão pelo ar: tudo tem de ficar limpo, tem de sumir; agora só falta abrir a janela e assoprar; não temos nada a ver com isso. [Nada de casas desabando, nada de telhados caindo, isto ficou para trás, De Uma Vez Por Todas Para Trás.] Ele fixou os olhos arregalados sobre o chão, quando percebeu o frio entrando pela janela. Era preciso limpar, pinga na cabeça deles lá embaixo, provoca manchas. Fechou a janela, deitou-se sobre a cama. [Morto. Do pó vieste, ao pó retornarás.]

Palma, palma, palma, pé, pé, pé.

À noite, este Biberkopf não morava mais no quartinho. Meck não conseguiu apurar para onde se mudou. Levou o pequeno Lüders, agora maldoso e decidido, ao botequim dos negociantes de gado.

Estes deveriam interrogar Lüders sobre o que teria acontecido e o que havia com a carta que o dono do boteco recebera. Lüders permaneceu impassível, parecia tão cheio de rancor que deixaram o pobre diabo em paz. Meck mesmo disse: “Esse já teve o que merece”.

Meck ficou ruminando: o Franz, ou aborreceu a Lina ou outra coisa. Os negociantes de gado disseram: “O Lüders é um malandro, o que ele contou, nada daquilo é verdade. Talvez esteja mesmo louco, o Biberkopf. Naquela ocasião, já tinha umas ideias com o cartão de filiação e nem mesmo possuía mercadorias. Essas coisas vêm para fora de repente, com a raiva”. Meck insistiu: “Isto pode atacar a bÍlis, mas não a cabeça. A cabeça absolutamente não. Ele é um atleta, trabalha pesado, era transportador de móveis, de primeira, pianos e coisa e tal, esse não fica fraco da cabeça”. “É justamente assim que a cabeça fica fraca. Ele é sensível. A cabeça trabalha muito pouco e, quando acontece, os miolos ficam atacados.” “Ora, como é com vocês comerciantes de gado e os seus processos? Vocês estão todos bem de saúde.” “Um comerciante de gado tem uma cabeça forte. Pois é. Quando começarem a se zangar, vão todos parar em Herzberge. Nós não nos zangamos de maneira alguma. Encomendar mercadoria e ficar na mão ou não querer pagar, isso

nos acontece todos os dias. É que as pessoas nunca têm dinheiro.”
“Ou não têm liquidez logo.” “Isso também.”

Um dos comerciantes de gado olhou para seu colete sujo: “É que em casa tomo café direto do pires, é mais gostoso, mas mancha a roupa”. “Precisa colocar um babador.” “E fazer rir minha patroa. Não, as mãos começam a tremer, olhe só.”

O Franz Biberkopf, esse, Meck e Lina não o encontram. Percorrem meia

Berlim e não encontram o homem.

QUARTO LIVRO

—

Franz Biberkopf não sofreu, na verdade, uma grande desgraça. O leitor comum ficará surpreso e perguntará: afinal, o que aconteceu? Mas Franz Biberkopf não é um leitor comum. Ele percebe que seu princípio, por mais simples que seja, deve ter uma falha em algum lugar. Ele não sabe onde, mas tal fato faz com que mergulhe na mais profunda aflição.

Verão aqui o homem beber e quase dar-se por perdido. Mas não foi tão duro assim, Franz Biberkopf está sendo poupado para coisas piores.

—

Um punhado de gente em torno da Alex

Na Alexanderplatz, estão quebrando a rua para o metrô.
Caminha-se sobre tábuas. Os elétricos seguem pela praça,

subindo a Alexanderstrasse pela Münzstrasse até o Rosenthaler Tor. Saem ruas à direita e à esquerda. Nas ruas, há uma casa ao lado da outra. Estão cheias de gente do porão até o teto. Embaixo ficam as lojas.

Lojas de bebidas, restaurantes, comércio de frutas e verduras, mercearias e delicatessen, empresas de transportes, pintura decorativa, confecções de roupas femininas, farinha e moagem, garagem de automóveis, corpo de bombeiros: a vantagem da mangueira movida a motor pequeno é a construção simples, a fácil utilização, o peso reduzido, a extensão reduzida. –

Compatriotas alemães, nunca um povo foi ludibriado de maneira tão humilhante, nunca uma nação foi tão humilhada e injustamente traída quanto o povo alemão. Vocês ainda se lembram de como Scheidemann, no peitoril da janela do Reichstag, prometeu-nos paz, liberdade e pão em 9 de novembro de

1918? E como se cumpriu a promessa! – Artigos para canalização, empresa de limpeza de vidraças, sono é remédio, cama paraíso Steiner. – Livraria, a biblioteca do homem moderno, nossas edições completas de poetas e pensadores notáveis compõem a biblioteca do homem moderno. São os maiores representantes da vida espiritual europeia. – A Lei de Proteção ao Inquilinato é um

mero pedaço de papel. Os aluguéis não param de subir. A classe média trabalhadora é posta no meio da rua e desse modo estrangulada o oficial de justiça obtém farta colheita. Exigimos créditos públicos de até 15 mil marcos para a pequena indústria, imediata proibição de todas as hipotecas por parte dos pequenos industriais. – É desejo e obrigação de toda mulher bem preparada enfrentar sua hora de provação. Todos os pensamentos e sentimentos da parturiente giram em torno do nascituro. Nesse caso, a escolha da bebida adequada para a futura mãe é de especial importância. A genuína Engelhardt, malzbier de caramelo, contém como poucas outras bebidas as qualidades do sabor agradável, valor nutritivo, de fácil digestão e efeito refrescante. – Cuide de seu filho e de sua família com um seguro de vida de uma companhia suíça, Rentenanstalt Zürique. – Seu coração rejubila! Seu coração rejubilará de alegria quando se tornar proprietário de um lar decorado com os famosos móveis Höffner. Todos os seus sonhos de máximo conforto serão superados por uma realidade jamais imaginada. Os anos passam, mas esta visão será sempre prazerosa, e sua durabilidade e utilização prática proporcionarão alegria sempre renovada. –

As empresas de segurança protegem tudo, rondam, percorrem, espiam,

instalam relógios, alarmes, Serviços de Vigilância e de Segurança para a Grande Berlim e adjacências, Vigilância e Segurança da Alemanha, Vigilância e Segurança da Grande Berlim e antiga Seção de Vigilância de bares e hotéis dos Proprietários Berlinenses, gestão unificada, Central de Vigilância do Oeste, Sociedade de Vigilância, Sociedade Sherlock, Sherlock Holmes, obras completas de Conan Doyle, Sociedade de Vigilância de Berlim e cercanias, homem de cera como educador, homem de linho como educador, lavanderia, Aluguel de Roupas Apollo, Lavanderia Adler aceita todo tipo de roupas de banho e vestimentas, especialidade em roupas finas de damas e cavalheiros.

Sobre as lojas e atrás delas, no entanto, há moradias, no fundo temos ainda pátios, edifícios transversais, anexos, casas de fundo, caramanchões. Linienstrasse, ali está a casa onde Franz Biberkopf se refugiou após a confusão com Lüders.

À frente, existe uma bela loja de calçados, que possui quatro vitrines reluzentes e seis moças como atendentes, quer dizer, quando há algo para atender recebem oitenta marcos ao mês por cabeça e nariz, e quando a coisa prosperar e elas estiverem grisalhas receberão cem. A bonita e ampla loja de calçados

pertence a uma mulher idosa, ela casou-se com o gerente e desde então dorme lá atrás e não está passando bem. Ele é um homem chique, fez a loja prosperar, mas ainda não chegou aos quarenta anos e esta é a desgraça, e quando chega tarde em casa, a mulher idosa está acordada na cama, pois não consegue adormecer de tanto desgosto. – No primeiro andar, o senhor advogado. A lebre selvagem no ducado da Saxônia-Altenburg pertence aos animais de caça? O defensor questiona injustamente a suposição do tribunal de que a lebre selvagem no ducado da Saxônia-Altenburg faça parte dos animais que podem ser caçados. Desenvolveu-se de maneira muito diversa nos vários estados alemães a questão dos animais para os quais se exige permissão de caça e daqueles que podem ser caçados livremente. Na falta de regulamentos legais específicos, o direito consuetudinário decide a questão. No projeto de lei sobre a fiscalização da caça de 24/2/54, a lebre selvagem ainda não fora mencionada. – À noitinha, por volta das seis, uma faxineira aparece no escritório, varre, passa o pano no linóleo da sala de espera. Nas dependências do senhor advogado, ainda não sobrou dinheiro para um aspirador de pó, porcaria de sovínice, ainda mais que o homem nem mesmo é casado e a senhora Zieske, que se dá o nome de governante, deve saber disso muito bem. A faxineira esfrega e limpa com fúria, seca de magreza, mas ágil, dá duro pelos dois filhos. A importância das gorduras para a

alimentação, a gordura reveste as saliências ósseas e protege o tecido subjacente de pressão e

de choques, pessoas extremamente magras se queixam por isso de sensibilidade à dor nas solas dos pés ao andar. Entretanto, isto não confere para esta faxineira.

Às sete da noite, o senhor advogado Löwenhund está sentado à escrivaninha e trabalha diante de dois abajures acesos. O telefone por acaso não está tocando. No processo criminal Gross A 8 780-27, envio-lhe em anexo a procuração a mim concedida pela acusada, senhora Gross. Solicito a gentileza de conceder-me total permissão de comunicar-me com ela. - À senhora Eugenie Gross, Berlim. Mui prezada senhora Gross, há muito tinha a intenção de procurá-la novamente. Contudo, devido ao excesso de trabalho e indisposição, vi-me impossibilitado de fazê-lo. Espero, sem falta, poder visitá-la na próxima quarta-feira e peço-lhe que tenha paciência até lá. Atenciosamente. Cartas, ordens de pagamento e pacotes devem conter o endereço pessoal, incluindo-se o número prisional. Como lugar de destino, deve-se mencionar Berlim no 52, Moabit 12a região.

- Ao senhor Tollmann. Com relação a sua filha, devo solicitar-lhe honorários extras de duzentos marcos. Concordo com o

pagamento a prestação, deixando-o a seu critério. Em segundo lugar: voltar a encaminhar.

– Prezado senhor Advogado, como gostaria muito de visitar minha desafortunada filha em Moabit, não sabendo porém a quem me dirigir, solicito-lhe a gentileza de tomar as devidas providências para que eu possa ir até lá. E, ao mesmo tempo, encaminhar uma petição para que eu possa enviar a ela um pacotinho de alimentos a cada quinze dias. Aguardo resposta urgente, de preferência até o fim desta semana ou no começo da próxima.

Senhora Tollmann [mãe de Eugenie Gross]. – O advogado Löwenhund levanta-se, charuto na boca, olha pela fresta da cortina para a iluminada Linienstrasse e pensa: devo ligar ou não devo ligar para ela. Doenças venéreas como desgraça merecida, Tribunal Superior Frankfurt I, C 5. Pode-se julgar com menos severidade a legitimidade moral das relações sexuais de homens solteiros e, no entanto, admitir que do ponto de vista legal exista culpa, que as relações sexuais extraconjugais são, como Staub afirma, uma extravagância associada a perigos e aquele que se dá ao luxo de tal extravagância deve arcar com os perigos dela decorrentes. Assim como Planck, nesta linha de determinação, considera até mesmo como enfermidade provocada por crassa negligência uma doença causada por relações sexuais extraconjugais mantidas pelo indivíduo apto ao serviço militar. –

Ele tira o telefone do gancho, por favor, Central de Neukölln, o número pertence agora a Bärwald.

Segundo andar: o administrador e dois casais gordos, o irmão com a mulher, a irmã com o marido, têm ainda uma menina doente.

Terceiro andar: um homem de 64 anos, lustrador de móveis, careca. Sua filha é uma mulher divorciada, cuida da casa para ele. Todas as manhãs, ele desce a escada arfando, o coração está mal, logo vai solicitar licença médica [esclerose coronária, myodegeneratio cordis]. Antigamente, ele praticava remo, o que pode fazer agora? À noite, ler o jornal, acender o cachimbo, enquanto isso, a filha naturalmente tem de ficar mexericando no corredor. A mulher não está mais aqui, morreu aos 45 anos, era despachada e esquentada, nunca se dava por satisfeita, o senhor sabe o que quero dizer, e então um dia ela começou a definhar, mas não disse nada, no ano seguinte, talvez já estivesse na menopausa, procurou uma dessas mulheres, depois foi para o hospital e não saiu mais.

Ao lado, um torneiro, de uns trinta anos, tem um menino pequeno, quarto e cozinha, a mulher também morreu, tuberculose, ele também está com tosse, o menino passa o dia na creche, à noite

o homem vai buscá-lo. Quando o menino vai dormir, o homem prepara para si um chá natural, conserta rádios madrugada adentro, é encarregado no Clube de Rádio, não consegue pegar no sono se a instalação não estiver pronta.

Depois, um garçom com uma mulher, quarto e cozinha, decoração caprichada, candelabro a gás com pingentes de vidro. O garçom fica em casa até as duas da tarde, enquanto isso dorme e toca cítara, à mesma hora em que o advogado Löwenhund, de toga preta, percorre às pressas os corredores dos tribunais um, dois, três, sai da sala dos advogados, entra na sala dos advogados, entra na sala de audiências, sai da sala de audiências, vamos pedir adiamento, solicito condenação à revelia contra o réu. A noiva do garçom é supervisora num armazém. É o que ela diz. Enquanto foi casado, este garçom foi terrivelmente traído pela mulher. Mas ela sempre dava um jeito de consolá-lo outra vez, até que ele deu o fora. Foi levando a vida como companheiro de cama, voltava sempre para a mulher e, no fim, durante o processo, foi declarado culpado porque não conseguiu provar coisa alguma e abandonara a mulher de má-fé. Então conheceu a atual em Hoppegarten, quando ela corria atrás de homens. Naturalmente, uma mulher do mesmo calibre da primeira, só um pouco mais esperta. Ele nada percebe quando sua noiva viaja de tantos em tantos dias, cuidando do seu

negócio, por procuração, desde quando uma supervisora viaja por aí, é um posto de confiança. Mas agora ele está sentado no sofá, um lenço úmido enrolado na cabeça, chora, ela tem de cuidar dele. Escorregou na rua e ficou estendido. É o que ele diz. Alguém andou aprontando alguma coisa para ele. Ela não comparece ao trabalho por procuração. Será que ele percebeu algo, seria uma pena, é um pateta tão querido. Mas logo vamos dar um jeito nele.

Bem em cima, um bucheiro, lá naturalmente cheira mal e há muito berreiro de crianças e muito álcool. Ao lado, finalmente, um aprendiz de padeiro com sua mulher, que é marginadora numa tipografia e tem inflamação nos ovários. O que ambos têm na vida? Ora, em primeiro lugar, um ao outro, depois, no último domingo, espetáculo de variedades e um filme, ainda esta ou aquela reunião da associação e visita aos pais dele. Nada mais? Ora, nada de pose, meu senhor. Acresce a isso ainda o tempo bom, o tempo ruim, passeio ao campo, ficar junto ao fogão, tomar o café da manhã, e assim por diante. E o que os senhores têm, senhor capitão, senhor general, senhor jóquei? Nada de ilusões.

Biberkopf anestesiado, Franz esconde-se, Franz não quer ver nada

Franz Biberkopf, tome cuidado no que vai dar essa vida desregrada! Ficar sempre deitado no quarto e nada além de beber, cochilar e cochilar! –

A quem interessa o que faço. Se quero cochilar, cochilo até depois de amanhã sem me mexer. – Ele róí as unhas, geme, gira a cabeça no travesseiro suado, funga. – Fico deitado assim até depois de amanhã, se me der na telha. Se pelo menos a sujeitinha ligasse o aquecimento. É preguiçosa, só pensa em si mesma.

Gira a cabeça afastando-se da parede, no chão há uma papa, uma poça. – Vômito. Deve ter sido eu. O que um homem carrega consigo dentro do estômago. Argh. Teias de aranha no canto cinzento, elas não conseguem pegar ratos. Quero beber água. A quem interessa. A coluna também dói. Ora, entre, por favor, senhora Schmidt. Entre as teias de aranha lá em cima [vestido preto, dentes compridos]. É uma bruxa [está vindo do teto]. Argh! Um idiota me perguntou por que eu fico aqui dentro, em casa. Primeiramente, digo, seu idiota, por que tem de me fazer perguntas, em segundo lugar, e daí se fico aqui das oito ao meio-dia. E em seguida no buraco malcheiroso. Ele diz, estava brincando. Não, senhor, isso não é brincadeira. O Kaufmann

também disse isso, então que se dirija a ele. Talvez faça isso, para que eu em fevereiro, em fevereiro ou março, março está bem –.

– Perdeu seu coração na natureza? Lá não perdi meu coração. Aliás, senti-me como se a essência do espírito primevo quisesse me arrastar para longe quando estava diante dos gigantes alpinos ou deitado na praia do mar estrondoso. Nesse instante, algo fervia e se agitava também em meus ossos. Meu coração estava abalado, mas não o perdi, nem lá onde a águia faz seu ninho, nem onde o mineiro escava veios de minério nas profundezas. –

– Onde?

Perdeu seu coração no esporte? Na torrente inebriante do movimento juvenil? Nos tumultos da luta política? –

– Não, não o perdi ali.

– Não o perdeu em lugar algum?

Você faz parte daqueles que não perderam seu coração em parte alguma, e o guardam para si, conservando-o limpo, e o mumificam?

O caminho para o mundo suprassensível, palestras públicas.

Domingo de Finados: estará tudo acabado com a morte?

Segunda-feira, 21 de novembro, oito horas da noite: ainda se pode ter fé hoje? Terça-feira, 22 de novembro: o homem pode se transformar? Quarta-feira, 23 de novembro: quem é justo diante de Deus? Chamamos especial atenção para a adaptação do declamatório “Paulo”.

Domingo, sete horas e quarenta e cinco minutos.

’Noite, senhor pastor. Sou o operário Franz Biberkopf, trabalhador de ocasião. Antes fui transportador de móveis, agora estou desempregado. É que queria lhe perguntar uma coisa. O que se pode fazer contra dores de estômago. Sobe um azedume. Ai, outra vez agora. Argh! Puro veneno da bÍlis. Naturalmente é por causa de tanto beber. Permita-me, desculpe-me por abordá-lo no meio da rua, tagarelando. É perturbação do trabalho. Mas o que posso fazer contra esse veneno da bÍlis. Um cristão tem de ajudar o outro. O senhor é um bom homem. Eu não vou para o céu. Por

quê? É só perguntar para a senhora Schmidt, aquela que está sempre aparecendo lá em cima no teto. Ela vem e vai, e eu sempre tenho de me levantar. Mas para mim ninguém tem de dizer nada. Mas se existem criminosos, sou aquele que pode falar a respeito. Honra seja feita. Juramos ao Karl Liebknecht, estendemos a mão a Rosa Luxemburgo. Vou para o paraíso quando morrer, e eles vão se curvar diante de mim e dizer: esse é Franz Biberkopf, honra seja feita, esvoaça bem alto a bandeira preta-branca-vermelha, mas ele guardou isso para si, não se tornou um criminoso como outros homens que querem ser alemães e enganam seus conterrâneos. Se tivesse uma faca, enfiava-a em sua barriga. Sim, vou fazer isso. [Franz agita-se na cama, debate-se.] Agora é sua vez de correr para o pastor, menino, menino, coitadinho! Se você sentir prazer, se ainda consegue grasnar, ei você mesmo. Honra seja feita, não vou mais pôr a mão nisso, senhor pastor, é bom demais para mim, malandros nem deveriam ir para a cadeia; eu estive na cadeia, conheço isso nos mínimos detalhes, coisa fina, mercadoria de primeira, é a pura verdade, os malandros não têm de estar lá dentro, principalmente aquele que nem mesmo da própria mulher tem vergonha – o que deveria ter – e diante do mundo todo também.

Dois vezes dois são quatro, esta é a pura verdade.

Os senhores veem aqui um homem, licença no trabalho, sinto tanta dor de estômago. Saberei me controlar. Um copo d'água, senhora Schmidt. A megera tem de meter o nariz em tudo.

Franz em retirada. Franz toca a marcha de despedida aos judeus

Franz Biberkopf, forte como uma cobra naja, mas com as pernas bambas, levantou-se e foi até a Münzstrasse atrás dos judeus.

Não foi direto até lá, fez um enorme desvio. O homem quer pôr tudo em ordem. O homem

quer botar tudo em pratos limpos. Aí vamos nós outra vez, Franze Biberkopf. Tempo seco, frio, mas fresco, quem é que quer ficar agora no corredor da casa, ser vendedor de rua e congelar os dedos dos pés. Honra seja feita. Uma felicidade a gente ter conseguido sair do quarto, e não se ouve mais os guinchos do mulherio. Aqui está Franze Biberkopf, ele está andando pela rua. Todos os botecos vazios. Por quê? Os vagabundos ainda dormem. Os donos dos botecos podem beber sua lavagem sozinhos. Lavagem de dividendos. Não temos vontade alguma. Nós bebemos aguardente.

Franz Biberkopf foi empurrando calmamente seu corpo vestido no casaco cinza-esverdeado de soldado por entre as pessoas, mulheres pequenas que compravam verduras, queijo e arenques das carroças. Cebolas eram apregoadas.

As pessoas fazem o que podem. Têm crianças em casa, bocas famintas, bicos de passarinhos, abre, fecha, abre, fecha, boca aberta, boca fechada.

Franz apressou o passo, bateu os pés ao virar a esquina. Pronto, ar fresco. Passou mais calmo pelas grandes vitrines. Quanto custa as botas? Sapatos de verniz, sapatos de baile, é preciso estar nos trinquês, também nos pés, uma pequena dessas com sapatos de baile. O posudo do Lissarek, o cara da Boêmia, o velhote das narinas grandes lá em Tegel, mandava a mulher, ou quem se dizia ser mulher dele, trazer-lhe belas meias de seda regularmente, um par de meias novas e um par de meias velhas. É de morrer de rir. Mesmo que ela tivesse de roubá-las, ele precisava delas. Uma vez o pegaram usando as meias sobre suas pernas sujas, que idiota, e põe-se a olhar para as próprias pernas, fica excitado e com as orelhas vermelhas, que sujeito, é de morrer de rir. Móveis a prazo, móveis de cozinha em 12 prestações mensais.

Com satisfação, Biberkopf continua a caminhada. Só de vez em quando se sentia forçado a olhar para a calçada. Avaliava seus passos e o calçamento bonito, firme, seguro. Mas logo seu olhar se desviava para a frente das casas e, de repente, avaliava as fachadas, assegurava-se se estavam firmes e não se moviam; apesar disso, é verdade, uma casa dessas possui muitas janelas e pode facilmente inclinar-se levemente para frente. Isso pode se transferir para os telhados, arrastar os telhados junto; eles podem balançar. Podem começar a balançar, a oscilar. Os telhados podem escorregar de viés para baixo, como areia, como um chapéu da cabeça. É que todos eles estão dispostos de viés sobre a viga mestra, a fileira toda. Mas estão fixos com pregos, vigas fortes embaixo e depois o papelão alcatroado, alcatrão. Firme e fiel a guarda, a guarda do Reno. Bom dia, senhor Biberkopf, aqui andamos eretos, peito aberto, costas retas, meu velho, ao longo da Brunnenstrasse. Misericórdia a todos os homens, somos cidadãos alemães, como o diretor da prisão disse.

Alguém com boné de couro, rosto pálido e flácido, coçava com o dedo mindinho um pequeno furúnculo no queixo, nisso, o lábio inferior pendia para baixo. Alguém com costas largas e fundilho da calça suspenso estava parado em diagonal perto dele, ambos obstruíam-lhe o caminho. Franz se desviou deles. O sujeito do boné de couro cutucava o ouvido direito.

Satisfeito, observou que todas as pessoas caminhavam sossegadas pela rua, os cocheiros descarregavam mercadorias, as autoridades cuidavam das casas, ressoa um brado com um trovão, assim sendo também nós podemos caminhar aqui. Numa coluna de cartazes na esquina, sobre papel amarelo, lia-se em letras latinas pretas: “Já viveu no belo Reno”, “O rei dos centroavantes”. Cinco homens num pequeno grupo sobre o asfalto agitavam martelos, quebravam o asfalto, aquele da jaqueta de lã verde nós conhecemos, com certeza, ele tem trabalho, isso também nós podemos fazer, quem sabe mais tarde, segura-se com a mão direita, suspende-se até o alto, agarra-se, depois para baixo, pá. Somos operários, o proletariado. A direita para cima, a esquerda para baixo, pá. A direita para cima, a esquerda para baixo, pá. Atenção, obras, Companhia de asfalto de Stralau.

Vagueava por ali ao longo do elétrico que rangia, cautela, não saltar com o bonde em movimento! Aguarde, até que o bonde pare. O policial regula o trânsito, um cobrador dos correios ainda quer atravessar depressa. Não tenho pressa, só quero ir atrás dos judeus. E eles também vão estar lá mais tarde. Que sujeira é esta grudada nas botas, mas de qualquer modo não estão engraxadas, pois quem vai engraxá-las, a Schmidt por acaso, ela não faz nada [teias de aranha no teto, arrote azedo, chuchava a

gengiva, girou a cabeça para as vidraças: Empresa de vulcanização Gargoyle Mobilöl, Penteados à la garçonne, Mise-en-plis em fundo azul, Pixavon, Preparado de alcatrão refinado]. Será que a gorducha da Lina poderia engraxar as botas? Isso bastou para ele apressar o passo.

O patife Lüders, a carta da mulher, eu enfio uma faca na barriga dele. Aimeudeusaimeudeus, homem deixe disso, vamos nos controlar, gentalha, não vamos atacar ninguém, já pagamos nossa pena em Tegel. Assim: Confecções sob medida, Confecções masculinas, em primeiro lugar, depois, em segundo lugar, Guarnições de carroceria, Acessórios para automóveis, também importantes para dirigir rápido, mas não rápido demais.

Perna direita, perna esquerda, perna direita, perna esquerda, devagar, sempre em frente, nada de empurra-empurra, senhorita. Aqui comigo: policial na multidão. O que é isso? Quem tem pressa leva socos. Uuu, uuu, os galos cantam. Franz estava contente, todos os rostos pareciam mais simpáticos.

Com alegria, mergulhou na rua. Soprava um vento frio, misturado, conforme as casas, com o vapor morno dos

porões, dos frutos e frutas tropicais, da gasolina. No inverno, o asfalto não cheira.

Na casa dos judeus, Franz ficou sentado no sofá durante uma hora inteira. Eles falaram, ele falou, ele se surpreendeu, eles se surpreenderam uma longa hora inteira. Por que motivo se surpreendeu enquanto estava no sofá e eles falaram e ele falou? Que ele estivesse ali sentado falando e, principalmente, que eles falassem, surpreendia-se consigo mesmo. Ele sabia e percebia, ele constatou, assim como uma registradora constata um erro de cálculo. Ele constatou algo.

Estava decidido, surpreendeu-se com a decisão que encontrou em si mesmo. Esta decisão dizia, enquanto ele os olhava no rosto, sorria, perguntava, respondia: Franz Biberkopf, eles podem falar o que quiserem, usam talares, mas não são pastores, é um cafetão, são da Galícia, perto de Lemberg, é o que dizem, são espertos, mas a mim não enganam. E eu estou sentado aqui no sofá, e não farei negócios com eles. Fiz o que tinha de fazer.

Da última vez em que estive aqui, sentara-se com um deles embaixo, no tapete. Vapt vupt, para baixo, quero tentar outra vez. Mas hoje não, são águas passadas. Aqui estamos nós sentados

com o traseiro pregado e ficamos olhando para esses pobres judeus.

O homem não pode dar mais nada de si, o homem não é uma máquina. O

11o mandamento reza: não te deixes embasbacar. Uma boa casa a dos sujeitos, simples, de mau gosto e sem qualquer ostentação. Mas isso não impressiona Franz. Ele sabe se controlar. Isto acabou. Para a cama, para a

cama quem tem uma, quem não tem nenhuma também tem de ir para a cama, para a cama. Não se trabalha mais. O homem não dá nada de si. Quando o motor já está enfiado na areia, o senhor pode trabalhar na coisa quanto quiser. Franz recebe descanso remunerado sem aposentadoria. Como é isso, pensou com falsidade e fixava o olhar na borda do sofá, descanso remunerado sem aposentadoria.

“E quando se tem força como o cavalheiro, um homem tão forte, então deve se agradecer ao Criador. O que então pode lhe acontecer. Ele tem necessidade de beber? Se não faz isso, faz aquilo. Vai ao mercado, posta-se diante das lojas, para na estação: o que o cavalheiro acha, quanto um homem desses tomou de mim no outro dia, semana passada, quando voltei de

Landsberg, estive fora um dia, o que o cavalheiro acha que ele cobrou. Adivinhe você, Nachum, um homem alto como a porta, um Golias, Deus me proteja. Cinquenta pfennigs. Pois é, cinquenta pfennigs. O cavalheiro ouviu bem, cinquenta pfennigs. Por uma pequena mala daqui até a esquina. Eu não queria carregar, era Shabbat. O cara me cobra cinquenta pfennigs. E eu olho bem para ele. Ora, o cavalheiro poderia também – o cavalheiro sabe, eu sei de alguma coisa para o cavalheiro. É lá no Feitel, não, no comerciante de cereais, diga-me, você conhece Feitel.” “Feitel não, os irmãos dele.” “Que seja, ele lida com cereais. Quem é o irmão dele?” “O irmão de Feitel. Como eu disse.” “Será que conheço toda a gente de Berlim?” “O irmão de Feitel. Um homem com um lucro de...” Balançou a cabeça em desesperada admiração. O ruivo levantou o braço, abaixou a cabeça: “Não diga. Mas de Czernowitz”. Haviam esquecido Franz. Pensavam ambos intensamente sobre a riqueza do irmão de Feitel. O ruivo, excitado, andava de um lado para o outro, bufava pelo nariz. O outro ronronava, exalava bem-estar, sorria maliciosamente pelas costas do outro, estalava as unhas: “Ora, ora”. “Magnífico. O que você está dizendo.” “O que é da família, vale ouro. Ouro não é uma palavra. Ouro.” O ruivo caminhava de cá para lá, sentou-se junto à janela, abalado. O que ocorria do lado de fora o enchia de desprezo, dois homens lavavam um carro, um carro velho, em mangas de camisa. Um deles tinha os suspensórios pendurados, carregavam dois baldes d’água, o pátio mergulhado em água.

Com o olhar pensativo, sonhando com o ouro, observava Franz: “O que o cavalheiro diz sobre isso?”. O que pode dizer, é um pobre homem, meio doido, o que entende um pobre diabo do dinheiro de Feitel de Czernowitz; esse nunca pediria que o outro lhe limpasse os sapatos. Franz revidou o olhar. Bom dia, senhor pastor, os elétricos sempre tilintando, mas já sabemos o que o sino está dizendo, ninguém dá de si mais do que tem. Não se trabalha mais e, quando a neve toda se queimar, não moveremos um dedo sequer, ficaremos tesos, parados.

A serpente escorregou pela árvore ciciando. Maldita sejas tu entre todos os animais, rastejarás sobre teu ventre, comerás pó pela vida afora. A inimizade deverá reinar entre ti e tua mulher. Darás à luz com dores, Eva. Adão, maldita seja a terra por tua causa, nela crescerão espinhos e cardos, comerás a erva dos campos.

Não trabalhamos mais, não vale a pena, e quando a neve toda queimar não moveremos um dedo sequer.

Era este o pé-de-cabra de ferro que Franz Biberkopf segurava nas mãos e com o qual ficou sentado; depois saiu pela porta. Sua boca dizia algo. Hesitante, tinha se esgueirado até ali, fora libertado há meses da prisão em Tegel, andara de bonde, disparando ao longo das ruas, ao longo das casas, os telhados

escorregavam, sentara-se na casa dos judeus. Levantou-se, vamos seguir em frente, na ocasião eu tinha ido até a Minna, o que devo fazer aqui, vamos até a Minna, vamos observar tudo direito e como foi que tudo aconteceu.

Seguiu adiante. Ficou vagando diante da casa de Minna. Mariazinha, sentadinha numa pedra, numa perna, tão sozinha. Que me interessa ela. Farejava em torno da casa. Que me interessa ela. Que seja feliz com o velho dela. Chucrute com nabos, esses me fizeram correr, tivesse minha mãe cozinhado carne, eu teria ficado com ela. Aqui o fedor dos gatos também é o mesmo do de outros lugares. Coelhoinho, desapareça como a linguiça da despensa. Vou ficar parado aqui como um estúpido olhando a casa. E a companhia toda faz cocorocó.

—

Cocorocó, cocorocó. Assim falou Menelau. E sem querer encheu o coração de Telêmaco de tanta melancolia que as lágrimas lhe rolaram pelas faces e ele teve de comprimir com força o manto púrpura sobre os olhos.

Enquanto isso, a princesa Helena caminhava lentamente de seus aposentos no gineceu, à semelhança de uma deusa em beleza.

Cocorocó. Existem muitas espécies de galinhas. Mas se me perguntarem, apelando à minha honra e consciência de qual gosto mais, respondo livre e abertamente: galinhas assadas. Os faisões também pertencem às espécies galináceas e na Vida dos Animais de Brehms observa-se: a galinha palustre anã distingue-se da galinha silvestre, excetuando-se seu tamanho mais reduzido pelo fato de na primavera o macho e a fêmea apresentarem praticamente a mesma plumagem. Pesquisadores asiáticos conhecem igualmente o “monial” ou “monal”, denominado pelos cientistas de faisão

dourado. É difícil descrever o esplendor de suas cores. Seu chamado, um assobio longo e queixoso, é ouvido na floresta em todas as horas do dia, mais frequentemente, porém, antes do alvorecer e à noitinha.

No entanto, tudo isso ocorre muito longe, entre Sikkam e Butão, na Índia, para Berlim, trata-se de uma sabedoria de biblioteca bastante infrutífera.

Pois ao homem ocorre o mesmo que aos animais;
estes morrem tal qual aquele

Omatadouro de Berlim. No nordeste da cidade, entre a Eldenaer Strasse, passando a Thaerstrasse, cruzando a Landsberger Allee até a Cotheniusstrasse, ao longo do anel ferroviário, estendem-se as edificações, os galpões e os estábulos do matadouro e entreposto de gado.

Cobre uma área de 47,88 ha, equivalente a 187,50 jeiras, sem contar as construções atrás da Landsberger Allee, engoliu 27.083.492 marcos, tendo o entreposto contribuído com 7.682.844 marcos e o matadouro, com 19.410.648 marcos.

O entreposto, o matadouro e o mercado de abastecimento de carne formam um todo econômico indivisível. O órgão administrativo é o comitê de gestão do entreposto e do matadouro, constituído por dois membros da magistratura, um membro da administração distrital, 11 vereadores e 3 deputados. Há 258 funcionários na empresa, entre eles: veterinários, inspetores, classificadores, veterinários assistentes, inspetores

assistentes, funcionários efetivos, operários. Normas de circulação de 4 de novembro de 1900, disposições gerais, regras de movimentação, fornecimento de rações, tarifas: tarifas de utilização, tarifas de ocupação, tarifas de abate, tarifas para a remoção de comedouros do pavilhão de suínos.

Ao longo da Eldenaer Strasse, estendem-se os muros de cor cinzenta suja com arame farpado em cima. As árvores lá fora estão desfolhadas, é inverno, e elas mandaram sua seiva para as raízes, à espera da primavera. Carroças de açougueiros vêm chegando a galope sinuoso, rodas amarelas e vermelhas, à frente, cavalos ligeiros. Atrás da carroça, um cavalo magro vem trotando, da calçada alguém grita Emil, negociam o cavalo, cinquenta marcos e uma rodada para todos os oito de nós, o cavalo se vira, treme, mordisca uma árvore, o cocheiro puxa-o para trás, cinquenta marcos e uma rodada, Otto, do contrário, nada feito. O de baixo dá uma palmada no cavalo: fechado.

Prédios da administração amarelos, um obelisco para os soldados mortos na guerra. E à direita e à esquerda, galpões compridos com telhados de vidro são

os estábulos, as salas de espera. Lá fora, quadros negros:

Propriedade do Consórcio dos Matadouros de Berlim e.V. [marca

registrada]. Neste quadro, só são permitidos avisos com prévia autorização. A Diretoria.

Portas nos longos galpões, aberturas negras para a entrada dos animais, são assinaladas com os números 26, 27, 28. O galpão dos bovinos, dos suínos, os matadouros: tribunais da morte para os animais, machados a balançar, tu não sairás daqui com vida. Ruas pacíficas fazem fronteira, Strassmannstrasse, Liebigstrasse, Proskauer, jardins públicos nos quais as pessoas passeiam. Moram muito perto umas das outras, se alguém adocece, tem dor de garganta, o médico vem correndo.

Mas do outro lado, estendem-se os trilhos do anel ferroviário por 15 quilômetros. Os animais são transportados das províncias, das espécies ovina, suína, bovina, são trazidos da Prússia Oriental, Pomerânia, Brandenburg, Prússia Ocidental. Descem a rampa mugindo, balindo. Os porcos grunhem e farejam o chão, não veem para onde vão, os tangedores correm atrás deles com as varas. Para os estábulos, lá se deitam, ficam próximos uns dos outros, brancos e gordos, roncam, dormem. Foram tangidos por muito tempo, depois metidos à força nas carroças, agora nada mais vibra debaixo deles, mas os ladrilhos são frios, acordam, espremem-se junto aos outros. Ficam uns por cima dos outros. Lá,

dois disputam, ainda há lugar no cercado, revolvem cabeça contra cabeça, avançam contra o pescoço um do outro, as orelhas, giram em círculo, resfolegam, às vezes ficam bem quietos, só se mordem. Por medo, um escala o corpo do outro, o outro escala atrás dele, abocanha, os que estão debaixo se revolvem, os dois desabam, procuram um ao outro.

Um homem de avental de linho caminha pela passagem, o cercado é aberto; com uma vara, anda no meio deles, a porta está aberta, eles se espremem para sair, guincham, começam os berros e grunhidos. E todos pela passagem. Os animais brancos e desajeitados são conduzidos pelos pátios entre os galpões, as coxas gordas e engraçadas, os divertidos rabichos enrolados e as listras verdes e vermelhas nas costas. Isto é luz, queridos porquinhos, isto é chão, podem fuçar à vontade, chafurdem, por quantos minutos ainda. Não, vocês têm razão, não se deve trabalhar com o relógio, fucem à vontade e cavouquem. Vocês serão abatidos, vocês estão aqui, olhem para o abatedouro, o matadouro dos porcos. Há construções velhas, mas vocês irão para um modelo novo. É claro, feito com tijolos vermelhos, visto de fora poderia ser tomado por uma serralheria, uma oficina, um escritório ou ainda um galpão de construção. Quero seguir outro caminho, caros porquinhos, pois sou um homem, vou passar por aquela porta ali, vamos nos encontrar de novo lá dentro.

Empurrão na porta, ela tem molas, balança para dentro e para fora. Argh, que fumacê! O que estão fazendo. E você fica no meio do vapor como num banho, talvez os porcos estejam tomando um banho turco. Anda-se a esmo, você não enxerga por onde está caminhando, os óculos ficam embaçados, talvez a gente esteja nu, o reumatismo sai pelos poros com o suor, conhaque só não ajuda, os tamancos castanholando. Não se enxerga nada, o vapor é denso demais. Mas estes guinchos, resfolegos, estalidos, gritos dos homens, instrumentos caindo, tampas batendo. Aqui, em algum lugar, devem estar os porcos, vindos da ala lateral. Este vapor denso e branco. Ali já estão alguns porcos, ali já há alguns deles pendurados, já estão mortos, já foram trinchados, estão quase prontos para serem consumidos. Lá está alguém com uma mangueira e esguicha as carcaças brancas dos porcos, cortadas ao meio. Estão pendurados em suportes de ferro, cabeça para baixo, alguns porcos estão inteiros, as pernas estão presas em cima, com um pedaço de madeira atravessado, um animal morto não pode mais fazer nada, também não consegue correr. Pés de porco cortados estão amontoados numa pilha. Dois homens, saindo da névoa, carregam algo, um animal eviscerado preso num suporte de ferro. Içam o suporte e o prendem na esteira. Muitos colegas já estão balançando ali e lançam um olhar estúpido para os ladrilhos.

Você caminha pelo recinto na névoa. As pedras do piso têm ranhuras, estão úmidas, cobertas de sangue. Entre os suportes, a fileira dos animais brancos eviscerados. Lá atrás devem ficar os locais de abate, lá se ouvem palmadas, batidas, guinchos, roncões, grunhidos. Lá estão caldeirões ferventes, cubas, de lá vem o vapor. Homens mergulham os animais abatidos na água fervente, escaldam-nos, retiram-nos bem branquinhos, um homem ainda raspa a pele dos animais, o animal se torna ainda mais branco, bem liso. Muito suaves e brancos, muito satisfeitos, como após um banho exaustivo, uma operação bem-sucedida ou uma massagem, lá estão os porcos em fileira sobre bancos, tábuas, não se movem em sua satisfeita tranquilidade e em suas novas camisas brancas. Ficam todos deitados de lado, em alguns, observa-se a dupla fileira de mamas, quantas tetas tem um porco, devem ser animais férteis. Todos eles, porém, têm um corte reto e vermelho no pescoço, exatamente no meio, isto é muito suspeito.

Agora, novamente palmas, uma porta é aberta lá atrás, o vapor escoou, uma nova manada de porcos é tangida para dentro, vocês correm ali, eu entrei lá na frente pela porta de correr, animais rosados, desengonçados, coxas engraçadas, engraçados rabichos enrolados, as costas com listras coloridas. E farejam no novo cercado. Este é tão frio quanto o antigo, ainda há

um pouco de umidade no chão, desconhecida, algo vermelho e escorregadio. Esfregam o focinho aí.

Um jovem de cor pálida, de cabelo loiro grudado e com um charuto na boca. Vejam só, é o último homem que se ocupa com vocês! Não pensem mal dele, ele só cumpre a função que lhe compete. Ele tem de resolver um problema administrativo com vocês. Só está usando botas, calças, camisa e suspensórios, as botas até acima do joelho. Este é seu traje de trabalho. Tira o charuto da boca, coloca-o numa prateleira junto à parede, pega do canto um machado comprido. É o sinal de sua autoridade oficial, de sua posição superior à de vocês, como o distintivo metálico do policial. Logo ele vai mostrá-lo a vocês. Este é um longo bastão de madeira que o jovem ergue até a altura dos ombros sobre os pequenos porcos lá embaixo, que despreocupadamente chafurdam, farejam e grunhem. O homem dá uma volta, o olhar para baixo, procurando, procurando. Trata-se de um procedimento de investigação contra uma certa pessoa, uma certa pessoa no processo de x contra y. – Zás! Um passou-lhe diante dos pés, zás! mais um. O homem é ágil, ele comprovou sua autoridade, o machado voou para baixo, mergulhado no tumulto com a parte rombuda sobre uma cabeça, mais uma cabeça. Foi um instante. Aquilo estrebucha lá embaixo. Esperneia. Lança-se

para o lado. Aquilo não sabe de mais nada. E fica ali estendido. O que estão fazendo as pernas, a cabeça. Mas não é o porco que faz isso, são as pernas como pessoa privada. E logo dois homens olharam da sala de escalda, chegou a hora, erguem um ferrolho do cercado de abate, puxam o animal para fora, afiam a faca comprida num bastão e, de joelhos, zás trás, enfiam-na no pescoço, zás, um longo corte, um corte muito longo no pescoço, o animal é aberto como se fosse um saco, cortes em mergulho profundo, o animal estremece, estrebucha, debate-se, está inconsciente, agora apenas inconsciente, logo será mais do que isso, guincha, e agora a artéria do pescoço é aberta. Ele está profundamente inconsciente, adentramos a metafísica, a teologia, meu filho, você não anda mais sobre a terra, caminhamos agora sobre nuvens. Depressa, a bacia rasa, o sangue quente e negro jorra para dentro, faz bolhas no recipiente, remexer rapidamente. No corpo, o sangue coagula, deve fazer espuma, estancar feridas. Agora saiu do corpo e ainda quer coagular. Como uma criança, ainda grita mamãe, mamãe, quando está na mesa de operação, e nada de mamãe e a mamãe nem quer vir, mas a criança está quase sufocando sob a máscara de éter, e continua a gritar até não poder mais: mamãe. Zás, zás, as artérias do lado direito, as artérias do lado esquerdo. Mexer rapidamente. Pronto. Agora os tremores diminuem. Agora você está quieto. Estamos no fim da fisiologia e da teologia, a física começa.

O homem que se ajoelhou, levanta-se. Os joelhos doem. O porco tem de ser

escaldado, destrinchado, cortado, passo a passo. O chefe, bem alimentado, de cachimbo, anda de um lado para o outro pelo vapor, examina às vezes uma barriga aberta. Na parede, ao lado da porta de mola, há um cartaz: festa baile dos trabalhadores de gado, primeira seção, prédio do salão, Friedrichshain, orquestra Kermbach. Lá fora, anúncios de lutas de boxe, pavilhão Germania, Chausseestrasse 110, entrada de 1,50 a dez marcos. Quatro lutas classificatórias.

—

Volume de vendas do mercado de gado: 1.399 bois, 2.700 vitelas, 4.654 ovelhas, 18.864 porcos. Comportamento das vendas: bois de boa qualidade, normal, depois calmo. Vitelas, normal. Ovelhas, calmo. Porcos, de início, firme, depois fraco, porcos gordos, pouca procura.

O vento sopra nas ruas do gado, chove. Bois mugem. Homens tangem uma grande manada de mugidos e de chifres. Os animais

esbarram uns nos outros, ficam parados, correm para o lado errado, os tocadores correm em volta com varas. Um boi ainda cobre uma vaca no meio do tropel, a vaca tenta escapar à direita e à esquerda, o boi atrás dela, poderoso, monta-a mais e mais vezes.

Um touro grande e branco é tocado para o galpão de abate. Aqui não há vapor nem cercado como para os porcos fervilhantes. Sozinho, o animal grande e forte, o touro, entra pelo portão entre seus tangedores. O galpão sangrento está aberto diante dele, com as carcaças cortadas ao meio, quartos, os ossos aos pedaços. O imenso touro tem uma frente larga. É tocado com varas e empurrões para diante do abatedor. Para que o animal fique mais bem colocado em pé, este lhe aplica um leve golpe nas patas traseiras com a parte rombuda do machado. Agora, um dos tocadores agarra-o por baixo, à volta do pescoço. O animal fica parado, vacila, cede de maneira curiosamente leve, como se concordasse e consentisse depois de ter visto tudo e saber: é o seu destino e não pode fazer nada. Talvez considere uma carícia o movimento do tangedor, pois parece tão amável. Acompanha os braços do homem a puxá-lo, curva a cabeça de viés para o lado, o focinho para cima.

Mas já está atrás dele o abatedor com o martelo levantado. Não vire para trás. O martelo, agarrado pelo homem forte com as duas mãos, está atrás dele, sobre ele e depois: zás para baixo. A força muscular do homem robusto como uma cunha de ferro na nuca. E no momento, o martelo ainda não está erguido, as quatro patas do animal se impulsionam para cima, todo o corpo pesado parece levantar voo. E então, como se não tivesse pernas, o animal, com aquele corpo pesado, estatela-se no chão, sobre as pernas rigidamente contraídas, fica um instante nessa posição e tomba para o lado. O carrasco

contorna-o pela direita e pela esquerda, desfere-lhe novos golpes misericordiosos contra a cabeça e as têmporas, para atordoá-lo, durma, você não acordará mais. Depois o outro a seu lado tira o charuto da boca, assoa-se, puxa a faca, é tão longa quanto a metade de uma espada, e ajoelha-se atrás da cabeça do animal cujas pernas já não estão mais crispadas. Pequenos estertores ainda o estremecem, agita a parte traseira de um lado para o outro. O abatedor procura algo no chão, não mete a faca, pede aos gritos uma bacia para o sangue. O sangue ainda circula dentro do animal, calmo, pouco agitado com as batidas de seu coração poderoso. A coluna está esmagada, mas o sangue flui ainda calmo pelas veias, os pulmões respiram, os intestinos se movimentam. Agora a faca será impelida e o sangue sairá aos borbotões, já posso imaginar, cada golfada da espessura de um

braço, sangue negro, belo, rejubilante. Depois, toda essa festa divertida de júbilo deixará a casa, os convidados saem dançando, um tumulto e nada mais de pastagens alegres, o estábulo quente, a ração cheirosa, tudo se foi, evaporou-se, um buraco vazio, escuridão, agora chega uma nova imagem de mundo. Olá, agora mesmo apareceu o senhor que comprou a casa, rasgam-se estradas, conjuntura melhor, ele vai derrubar. Trazem a bacia grande, empurram-na para perto, o enorme animal lança as patas traseiras para cima. A faca mergulha em seu pescoço, perto da garganta, procurando cuidadosamente a artéria, tal artéria tem paredes resistentes, fica bem protegida. E então ela se abre, mais uma, a golfada, negrume quente e fumegante, vermelho quase negro, o sangue jorra por cima da faca, sobre o braço do abatedor, o sangue rejubilante, o sangue quente, os convidados chegam, o ato de metamorfose está aí, do sol veio seu sangue, o sol escondeu-se em seu corpo, agora ele ressurgiu novamente. O animal respira com terrível esforço, é como um sufocamento, uma irritação horrível, resfolega, arqueja. Sim, os alicerces estalam. Como os flancos se erguem de maneira terrível, um homem presta ajuda ao animal. Quando uma pedra está em vias de cair, dá-lhe um empurrão. Um homem pula sobre o animal, sobre seu corpo, com ambas as pernas, fica lá em cima, dá pulinhos, pisa nas entranhas, balança de um lado para o outro, o sangue deve escoar mais rapidamente, todinho. E aumentam os estertores, é um ofegar arrastado, um resfolegar enfraquecido, com ligeiros

coices defensivos das patas traseiras. As pernas acenam levemente. A vida extingue-se num estertor final, a respiração diminui. Pesadamente a parte traseira gira, cai. Esta é a terra, a gravidade. O homem salta para cima. O outro lá embaixo já prepara o couro, puxando-o do pescoço.

Alegres pastagens, estábulo abafado, quente.

O açougue bem iluminado. A iluminação do local e da vitrine deve estar em harmonia. Leva-se em consideração principalmente a luz direta ou meio indireta. Em geral, são adequadas as lâmpadas para a luz predominantemente direta, pois o balcão da loja e a tábua de corte devem estar bem iluminados. Luz do dia artificial, produzida com a utilização de filtro azul, não deve ser levada em conta em açougues, pois os cortes de carne sempre exigem uma iluminação sob a qual a cor natural do produto não seja prejudicada.

Pés de porco recheados. Depois de os pés terem sido limpos, são cortados ao comprido, de modo que o couro fique intacto, depois são novamente fechados e amarrados com barbante.

--

- Franz, você já está há duas semanas enfiado em seu quartinho miserável. Logo a senhoria vai pôr você na rua. Você não pode pagá-la, a mulher não aluga quartos por mero prazer. Se você não se aprumar, vai ter de ir para o asilo. E depois o quê, sim, o quê. Você não areja a espelunca, não vai ao barbeiro, uma barba castanha está crescendo, quinze pfennigs não são tão difíceis de se arranjar.

Conversa com Jó, depende de você, Jó, você não quer

Quando Jó perdeu tudo, tudo o que os homens podem perder, nem mais nem menos, ficou deitado na horta de repolhos.

“Jó, estás na horta de repolhos, perto da casinha do cachorro, longe suficiente para que o cão de guarda não possa te morder. Ouves o ranger de seus dentes. O cachorro late a cada passo que se aproxima. Se te voltares, se levantares, ele rosna, avança, puxa a corrente, dá um pulo, baba de raiva e abocanha.

“Jó, este é o palácio e estes são os jardins e os campos que um dia possuíste. Nem mesmo conhecias este cão de guarda, a horta de repolhos para onde te lançaram, tu não a conhecias, tampouco as cabras que são tangidas de manhã, passando bem perto de ti mordiscando o capim, ruminando-o, as bochechas cheias. Elas lhe pertenceram.

“Jó, agora perdeste tudo. À noite, podes arrastar-te até o barracão. As pessoas temem tua lepra. Radiante, percorrias tuas propriedades a cavalo e todos se juntavam a teu redor. Tens agora diante do nariz a cerca de madeira pela qual rastejam as lesmas. Podes também estudar as minhocas. São os únicos seres que não sentem medo de ti.

“Teus olhos pustulentos, ó monte de desgraça, ó pântano vivo, esses tu abres só às vezes.

“O que te atormenta mais, Jó? Que perdeste teus filhos e filhas, que nada mais possuis, que sentes frio à noite, teus tumores na garganta, no nariz. O quê, Jó?”

“Quem pergunta?” “Sou apenas uma voz.”

“Uma voz sai de uma garganta.”

“Crês então que devo ser um homem.” “Sim, e por isso não quero ver-te. Vai-te.”

“Sou apenas uma voz, Jó, abre os olhos tanto quanto puderes e não poderás ver-me.”

“Ah, estou fantasiando. Minha cabeça, meu cérebro, agora também vão me pôr louco, agora também vão tirar-me os pensamentos.”

“E se o fizerem, será uma lástima?” “Mas não quero.”

“Embora sofras tanto, e sofras assim por teus pensamentos, não queres perdê-los?”

“Não perguntes, vai-te.”

“Mas não vou tirá-los de ti. Só quero saber o que mais te atormenta.” “Isto não interessa a ninguém.”

“Ninguém a não ser a ti?” “Sim, sim! E não a ti.”

O cão late, rosna, morde em volta de si. Algum tempo depois, a voz retorna. “São teus filhos pelos quais lamentas?”

“Por mim ninguém precisa orar quando eu estiver morto. Sou veneno para a terra. Têm de cuspir às minhas costas. É preciso esquecer Jó.”

“Tuas filhas?”

“As filhas, ah. Também estão mortas. Estão bem. Eram modelos de mulher. Teriam me dado netos e foram arrebatadas de mim. Uma depois da outra foi tombando, como se Deus as pegasse pelos cabelos, levantasse e lançasse ao chão para que quebrassem.”

“Jó, não consegues abrir os olhos, estão grudados, estão grudados. Lamentas porque estás na horta de repolhos e a casa do cachorro é a única coisa que te restou, e tua doença.”

“A voz, tu, ó voz, de quem és e onde te escondes.” “Não sei por que tu lamentas.”

“Oh, oh.”

“Gemes e também não sabes, Jó.” “Não, eu -”

“Eu?”

“Não tenho forças. É isso.” “Querias tê-las.”

“Nenhuma força para ter esperanças, nenhum desejo. Não tenho dentes. Estou mole, sinto vergonha.”

“Tu o disseste.” “E é verdade.”

“Sim, tu deves saber. É a coisa mais terrível.”

“Então já tenho isso escrito na testa. Um farrapo é o que sou.”

“É isso, Jó, que te faz sofrer mais. Não queres ser fraco, queres poder resistir ou preferes ficar crivado de buracos, nada de cérebro, nada de pensamentos, então melhor ser um bicho. Deseja algo.”

“Já me fizeste tantas perguntas, ó voz, agora creio que tens o direito de me questionar. Cura-me! Se puderes. Quer sejas Satanás ou Deus ou anjo ou homem, cura-me.”

“Por quem queres ser curado?” “Cura-me.”

“Jó, reflete bem, não podes ver-me. Se abrires os olhos, talvez te assustes comigo. Talvez eu exija que pagues um preço caro e terrível.”

“Veremos tudo, falas como alguém que fala a sério.” “Mas se eu for Satanás ou o Mal?”

“Cura-me.”

“Sou Satanás.” “Cura-me.”

Então a voz retirou-se, tornou-se cada vez mais fraca. O cão latia. Jó pôs-se à escuta cheio de medo: ele se foi, preciso ser curado ou preciso encontrar a morte. Ele berrou. Caiu uma noite pavorosa. A voz retornou mais uma vez:

“E se eu for Satanás, como vais te arranjar comigo?”

Jó gritou: “Não queres curar-me. Ninguém quer ajudar-me, nem Deus, nem

Satanás, anjo algum e nenhum homem”. “E tu mesmo?”

“Eu o quê?”

“Tu não o queres!” “O quê.”

“Quem pode ajudar-te se tu mesmo não o queres!” “Não, não”, balbuciou Jó.

A voz diante dele: “Deus e Satanás, anjos e homens, todos querem te ajudar, mas não o queres – Deus, por amor, Satanás, para depois pegar-te, os anjos e os homens porque são acólitos de Deus e de Satanás, mas não o queres”.

“Não, não”, balbuciou Jó e caiu por terra.

Gritou a noite inteira. A voz clamava sem parar: “Deus e Satanás, os anjos e os homens querem te ajudar, não queres”. Jó, sem parar: “Não, não”. Procurou abafar a voz, ela tornava-se mais alta, cada vez mais alta, ela sempre superava a dele em um tom. A noite toda. Ao amanhecer, Jó caiu com o rosto ao chão.

Mudo, Jó ficou estendido.

Neste dia, seus primeiros tumores começaram a sarar.

E todos têm o mesmo fôlego, e o homem nada tem a mais que o animal

Volume de vendas: porcos 11.543, bois 2.016, vitelas 1.920, ovelhas

4.450.

Mas o que faz então este homem com o gracioso bezerrinho? Ele o conduz sozinho numa corda, este é o pavilhão enorme no qual os touros

berram, agora ele leva o bichinho até um banco. Há muitos bancos alinhados, ao lado de cada um, há um porrete de madeira. Ele levanta o delicado bezerrinho com ambos os braços e coloca-o no banco – calmamente ele deixa que o deitem ali. Por baixo, segura ainda o animal, agarra com a mão esquerda uma pata traseira para que o animal não possa espernear. Então, já pega a corda com a qual conduziu o animal até ali e amarra-a na parede. O animal aguenta pacientemente, está agora deitado aqui, não sabe o que acontece, não está confortável sobre a madeira, bate a cabeça contra um bastão e não sabe o que é: mas é a ponta do porrete que está junto ao chão e com o qual logo levará um golpe. Será seu último encontro com este mundo. E, de fato, o homem, o homem simples, idoso,

que está ali sozinho, um homem suave com uma voz macia – ele sussurra para o animal – pega o porrete, levanta-o um pouco, não é preciso muita força para uma criatura tão delicada, e desfere o golpe na nuca do frágil animal. Bem calmamente, tal qual trouxe o animal até aqui e disse: fique bem quieto, desfere-lhe o golpe na nuca, sem raiva, sem grande excitação, também sem melancolia, não, assim é, você é um bom animal, você sabe, precisa ser assim.

E o bezerrinho: brrr-rrr, as perninhas estão bem rijas, duras, esticadas. Os olhos pretos aveludados ficam subitamente bem grandes, ficam parados, rodeados de branco, agora se reviram para o lado. O homem já conhece isso, sim, assim fica o olhar dos animais, mas hoje ainda temos muito que fazer, precisamos continuar, e procura sob o bezerrinho no banco, lá está sua faca, com o pé empurra e ajeita lá embaixo a vasilha para o sangue. E então zás, puxa a faca em diagonal pelo pescoço, pela garganta, atravessando todas as cartilagens, o ar escapa, na lateral, pelos músculos, a cabeça não tem mais pescoço, a cabeça cai para trás contra o banco. O sangue espirra um líquido vermelho-escuro, grosso, com bolhas de ar. Pronto, está terminado. Mas ele corta calmamente – no rosto, a expressão imperturbável de paz –, procura e apalpa com a faca nas entranhas, penetra entre duas vértebras, é um tecido muito jovem e macio. Depois, afasta a

mão do animal, a faca cai ruidosamente sobre o banco. Lava as mãos num balde e vai embora.

E agora o animal está sozinho, miseravelmente de lado, como ele o amarrou. No pavilhão, os ruídos são alegres por toda a parte, trabalha-se, arrastam-se coisas, pessoas chamam umas às outras. Horrível é a cabeça pendurada, suspensa pela pele, entre as duas pernas da mesa, transbordando de sangue e baba. A língua espessa e azul, presa entre os dentes. E medonho, medonho ainda o resfolegar, os estertores do animal sobre o banco. A cabeça treme na pele. O corpo sobre o banco contorce-se. As pernas palpitam, têm espasmos, pernas infantis, finas e nodosas. Mas os olhos estão fixos, cegos.

São olhos mortos. É um animal morto.

O pacífico homem idoso está junto a um pilar com seu livrinho de anotações preto, olha na direção do banco e faz contas. Os tempos são caros, ruim de calcular, difícil acompanhar a concorrência.

A janela de Franz está aberta, também acontecem coisas engraçadas no mundo

O sol nasce e se põe, chegam dias claros, os carrinhos de bebê andam pela rua, estamos em fevereiro de 1928.

Por fevereiro adentro, Franz Biberkopf se embebedada em sua repulsa contra o mundo, em seu desgosto. Ele entorna tudo que tem, não lhe importa o que seja. Queria ser decente, mas há canalhas e patifes e vagabundos, por isso Franz Biberkopf nada mais quer ver e ouvir do mundo, e mesmo que se torne um vadio vai gastar em bebida até seu último pfennig.

Quando Franz Biberkopf, enfurecido, entrou em fevereiro, acordou certa noite com barulho no pátio. Lá atrás, uma firma de atacado. Meio bêbado, olha para baixo, abre a janela, grita para o pátio: “Chispem do pátio, seus animais, seus falastrões”. Depois, deita-se novamente, não pensa em mais nada, aquela gente sumiu na hora.

Uma semana depois, o mesmo acontece. Franz está prestes a abrir a janela e jogar para baixo um pedaço de pau, aí lhe ocorre: é uma hora da madrugada, ele quer dar uma olhada naqueles rapazes. O que esse pessoal está fazendo à uma hora da

madrugada. O que de fato estão procurando por ali, será que têm algo a ver com a casa, seria preciso mesmo assuntar a coisa.

E, de fato, há um vaivém cuidadoso, esgueiram-se pela parede, Franz estica lá de cima o pescoço para fora, um deles está junto ao portão do pátio, o rapaz está de tocaia, estão armando um golpe, estão afim da grande porta do porão. Estão bulindo nela a três. Percebe-se logo que não estão com medo. Agora um rangido, a porta se abriu, conseguiram, um fica no pátio num nicho, os outros dois descem ao porão. Está um breu, contam com isso.

Franz fecha silenciosamente a janela. O ar esfriou-lhe a cabeça. É isso o que as pessoas fazem o dia todo, e também de madrugada, assim segue a gatunagem, seria preciso pegar um vaso de plantas e atirá-lo no pátio. O que têm de fazer aqui na casa onde moro. Absolutamente nada.

Está tudo quieto, ele se senta no escuro sobre a cama, precisa ir de novo até a janela e olhar para baixo: o que será que os rapazes pensam ter perdido aqui

na minha casa. E então acende uma vela de cera, procura a garrafa de aguardente e, quando a encontra, não se serve dela. Uma bala cruzou o ar, é para mim ou para ti.

Mas, por volta do meio-dia, Franz desce ao pátio. Um monte de gente ali reunida, também o carpinteiro Gerner está lá, Franz o conhece, conversam: “Roubaram aí outra vez”. Franz lhe dá uma cutucada: “Vi os rapazes, não vou acusar ninguém de nada, mas se me aparecerem de novo no pátio, eu morando e dormindo aqui, onde não se tem nada para fazer e procurar, então desço, tão certo quanto meu nome é Biberkopf, aí vão ter de juntar os ossos, mesmo que sejam três”. O carpinteiro segura Franz: “Se souber de alguma coisa, há a delegacia, vá até lá, sempre se pode ganhar uns trocos”. “Me deixe longe deles. Nunca dedurei ninguém. Podem bem trabalhar sozinhos, é para isso que ganham dinheiro.”

Franz vai embora. E chegam dois policiais enquanto Gerner ainda está lá, aproximam-se dele e querem saber a todo custo a casa onde Gerner mora, ou seja, ele próprio. Este leva um susto. O homem empalidece até os calos dos pés. Depois considera: “Deixem-me ver, Gerner, é o carpinteiro, posso mostrá-lo a vocês”. E não diz mais nem uma palavra, toca a própria

campainha, a mulher abre a porta, o grupo todo entra atrás. Por último, Gerner se esgueira para dentro, dá uma cutucada nas costelas da mulher, dedo diante dos lábios, ela não sabe o que está acontecendo, ele se mistura aos outros, mãos nos bolsos das calças, ainda há outros dois no grupo, cavalheiros de uma companhia de seguros, todos eles olham ao redor de si. Querem saber a espessura das paredes e como é o assoalho, dão batidas nas paredes e as medem; anotam. Esta coisa de arrombamentos na firma de atacado parece não ter fim, os gatunos são tão atrevidos, tentaram arrombar pelo muro porque há um alarme na porta e na escada, até isso também já sabem. Sim, as paredes são terrivelmente finas, toda a construção está meio bamba, uma espécie de ovo de Páscoa aumentado.

Marcham novamente para fora, até o pátio, Gerner, como João-bobão, segue junto. Examinam agora as duas novas portas de ferro no porão, Gerner no pé deles. E aí como quer o acaso, ele pisa em algo, algo cai no chão e, quando quer apanhar o objeto, é uma garrafa, essa caiu justamente sobre um papel e por isso não se ouviu nada. Lá está uma garrafa no pátio, eles a deixaram aqui, vamos levá-la, por que não, os nobres cavalheiros não perdem nada com isso. E ele se abaixa como se quisesse amarrar o sapato, nisso agarra a garrafa junto com o papel. E foi assim que Eva deu a maçã a Adão, e, se a maçã não tivesse caído da

árvore, Eva não a teria pegado. Mais tarde, Gerner meteu a garrafa sob seu paletó e lá foi ele pelo pátio para junto da patroa em casa. O

que diz agora, mãe? Esta radiante: “Onde você arranjou isto, August?”. “Comprei quando não havia ninguém lá.” “Não!” “Licor Goldwasser de Danzig, o que me diz disso!”

Ela sorri radiante, radiante, como se viesse da região de Stralau. Fecha as cortinas: “Homem, ainda há algumas pessoas por aí, foi dali debaixo, não?”. “Estava junto à parede, os caras a teriam levado consigo.” “Homem, vai ter de devolver.” “Desde quando se tem de devolver um licor Goldwasser se a gente o achou? Quando foi que pudemos nos dar ao luxo de uma garrafa de conhaque, mãe, nestes tempos bicudos. Seria uma piada, mãe.”

O que, afinal, ela também acha, não é assim, mulher, uma garrafa, uma garrafinha, que diferença faz para uma firma tão grande e, além disso, mãe, se a gente pensar bem, ela nem pertence mais à firma, ela pertence aos gatunos, e não se deve entregá-la nas mãos deles. Ainda podem achar que sou culpado de alguma coisa. E eles bebericam, tomam um bom gole, depois mais um golinho, sim, é preciso abrir os olhos neste mundo, nem tudo precisa ser de ouro, também a prata tem seu valor.

No sábado, os ladrões retornam e desenrola-se uma coisa inusitada. Percebem que um estranho se esgueira pelo pátio, ou seja, aquele que está junto ao muro o percebe e logo os outros, com lanternas furta-fogo, saem do buraco como duendes e a todo vapor para a porta do pátio. Mas lá está Gerber e eles então às carreiras e como galgos saltam por cima do muro para o terreno vizinho. Gerner corre atrás deles e eles fogem: “Não façam bobagens, não vou lhes fazer nada, Deus meu, vocês são idiotas”. Fica observando como pulam o muro, o coração estava a ponto de explodir quando dois deles saíram correndo; caras, não sejam loucos. Só o último, ele está justamente em cima do muro e lhe aponta a lanterna na cara: “O que há com você?”. Seria talvez um colega, estragou nossa viagem. “Estou junto com vocês”, diz Gerner. O que há com esse cara. “É claro que estou com vocês, por que estão correndo.”

E o outro de fato rasteja muro abaixo, depois de uns instantes, sozinho, dá uma boa olhada no carpinteiro, e este se detém, embriagado. Mas o gordo tem coragem porque o carpinteiro está bêbado e cheira a bebida. Gerner estende- lhe a mão. “Sua mão, colega, vamos então?” “É uma arapuca, não?” “Por quê?” “Você deve achar que vou cair nessa?” Gerner fica ofendido, consternado, o outro não o leva a sério, ele que não fuja agora, o

licor estava bom demais, a mulher também iria aporrinhá-lo. Deus meu, como ela iria aporrinhá-lo se viesse para casa com cara de bobo. Gerner suplica: “Nada disso, que coisa, pode entrar lá sozinho, é lá que moro”. “Mas quem?” “É que sou o zelador, homem, também posso lucrar uma coisinha.” O ladrão começa então a refletir e passa a entender, seria uma coisa fantástica se o outro participasse; tomara que não seja uma armadilha; ora, temos um revólver.

E deixa sua escada encostada no muro, atravessa o pátio com Gerner, os outros já estão longe, pensam com certeza que me dei mal. Então Gerner toca a campainha do térreo. “Homem, por que a campainha, quem mora aí?” Gerner, orgulhoso: “Eu moro aqui, eu mesmo! Olhe só”. E já gira a maçaneta, abre com alarido: “Então, sou eu ou não sou eu quem mora aqui?”.

E acende a luz, lá está a mulher, à porta da cozinha, tremendo. Gerner faz a apresentação cheio de jovialidade: “Pois esta é minha mulher e este é um colega meu, Guste”. Ela treme, não sai do lugar, de repente acena com a cabeça cheia de cerimônia, sorri, é um homem simpático, é um homem bonito e bem jovem. Ela dá um passo adiante, lá está ela: “Mas Paul, não pode deixar o

cavaleiro parado assim no corredor, entre por favor, senhor, tire o boné”.

O outro quer esquivar-se, mas os dois não cedem, ele se espanta, será possível, são pessoas tão respeitáveis, talvez não estejam indo bem, a classe média baixa vai mal, inflação e essas coisas. A mulherzinha olha para ele de um jeito tão amoroso, ele se aquece com ponche, depois dá no pé, até o fim a coisa toda não ficou muito clara para ele.

Mesmo assim, este rapaz jovem, evidentemente mandado por seu bando, retorna à casa de Gerner na manhã seguinte; após o segundo café da manhã, informa-se de modo muito objetivo se não teria esquecido algo por lá. Gerner não está, só a mulher, que o recebe com simpatia, até mesmo de modo humilde e submisso, e também lhe oferece uma aguardente, que ele faz o obséquio de aceitar.

Para tristeza do casal carpinteiro, os gatunos não aparecem mais durante a semana toda. Mil vezes Paul e Gusti discutem e repassam a situação toda, teriam eles talvez afugentado os rapazes, ambos não têm de que se acusar. “Talvez você tenha sido grosseiro com eles, Paul, às vezes você tem essa mania.” “Nada

disso, Gusti, não é culpa minha, talvez seja sua, pois deve ter feito uma cara como se fosse um pastor, e isso os afugentou, eles não se sentem à vontade conosco, é horrível. O que se pode fazer.”

Gusti já está em prantos; se ao menos um deles viesse outra vez; e ela que sempre tem de ouvir as repreensões; e a culpa não foi dela.

E, de fato, na sexta-feira é o grande momento. Batem à porta.

Penso que estão batendo. E quando abre a porta e não vê nada, porque na pressa esquecera-se de acender a luz, ela sabe de imediato quem é. E é o comprido

que sempre faz pose de distinto, ele quer ter uma conversa com o marido dela, está muito sério e muito frio. Ela fica horrorizada: teria acontecido alguma coisa. Ele a tranquiliza: “Não, trata-se de uma conversa puramente de negócios”, fala mais algumas coisas sobre cômodos e espaços e do fato de que de nada só pode vir nada, e assim por diante. Sentam-se na sala, ela está feliz por tê-lo lá dentro e agora Paul não pode mais dizer que ela o afugentou, e ela diz, isso ela sempre disse, e o inverso é verdadeiro, de nada não pode vir nada mesmo. Desenvolve-se um longo debate dos dois sobre isso e ocorre que ambos dispõem de expressões utilizadas por seus pais, avós e parentes dizendo o mesmo: de

nada não pode de fato vir nada, nunca, pode-se até jurar o quanto é certo isso, e eram da mesma opinião. Citavam exemplos um ao outro, sem parar, do próprio passado, da vizinhança, e estavam ainda em plena conversa quando a campainha soou e dois homens entraram, identificando-se como agentes da polícia, com três funcionários dos seguros. Um dos agentes dirigiu-se à visita sem rodeios: “O senhor é o senhor Gerner, o senhor precisa nos prestar uma ajuda, trata-se dos inúmeros assaltos lá atrás. Gostaria que o senhor participasse da vigilância especial. Naturalmente, os senhores da firma assumirão os custos com o seguro”. Falam por dez minutos, a mulher ouve tudo, ao meio-dia se foram. E ficaram depois tão animados os dois restantes que por volta de uma hora ocorreu entre eles algo indizível que dificulta qualquer descrição cabível, sobre o qual ambos se envergonharam profundamente. Pois a mulher tinha trinta e cinco e ele, talvez vinte, vinte e um. Mas não era apenas a diferença de idade – ele tinha 1,85 m e ela, 1,50 m

– era sim o fato de aquilo ter ocorrido, mas aconteceu assim entre as conversas e o nervosismo e a gozação provocada pela visita dos policiais e, no geral, até que não foi ruim, só constrangedor depois, pelo menos para ela, ou melhor, logo ia passar. De qualquer modo, o senhor Gerner encontrou às duas horas uma situação e uma cordialidade indescritíveis, nem se

poderia desejar algo mais bonito. Ele próprio logo se sentou junto aos dois.

Ainda ficaram sentados até as seis da tarde, e ele ouvia atento, tão encantado quanto a mulher, o que o comprido contava. Mesmo que só a metade fosse verdade, eram rapazes de primeira, e ele se surpreendeu com as opiniões sensatas que um jovem desses dos dias de hoje tem sobre o mundo. Já era um rapaz vivido, as vendas já lhe tinham caído dos olhos aos metros. Sim, quando o rapaz se foi e eles foram às nove para a cama, Gerner disse que nem sabia porque rapazes tão espertos assim perdiam tempo com ele – alguma coisa, isto Gusti tinha de admitir, alguma coisa ele devia ter, alguma coisa ele ainda podia oferecer. Gusti era da mesma opinião, e o velho menino esticou-se na cama.

E de manhã bem cedo, antes de se levantar, disse a ela: “Guste, que meu nome seja Paule Pipendeckel se um dia voltar a uma obra de construção como polidor e ficar trabalhando. Tive um negócio próprio e este se acabou, e isto não é trabalho para um homem que foi autônomo, e eles bem que gostariam de me botar na rua, porque estou velho demais. E por que não ganhar alguma coisa lá atrás, da firma. Você viu como os rapazes são espertos. Quem não for esperto hoje em dia dá com os burros n’água. É o que eu digo. E você?”. “É o que venho dizendo.” “Pois então. Eu

gostaria de viver outra vez à farta e não ter de congelar os pés no frio.” Ela o abraçou cheia de alegria e gratidão por tudo o que ele lhe oferecia e ainda iria oferecer. “Sabe o que deveríamos fazer, velha, você e eu?” Ele beliscou-lhe a perna e fê-la gritar ai. “Você vai junto, velha.” “Não.” “Eu digo que sim. Você acha, velha, que as coisas funcionam sem você.” “Mas vocês já estão em cinco e todos homens fortes.” E como. “Ficar de tocaia”, continua a papaguear, “não posso fazer isso. Tenho varizes. E ajudar, como posso ajudar vocês?” “Você está com medo, Gustinha.” “Medo, por quê. E se você sofresse de varizes e tivesse de sair correndo. Um bassê correria mais depressa. E se me apanharem, você vai se ferrar, pois sou sua mulher.” “Que culpa tenho eu se você é minha mulher.” Ele lhe belisca a perna, com sentimento. “Você devia parar com isso, Paul. A gente começa a sentir umas coisas.” “Velha, está vendo, você será outra pessoa se conseguir se livrar do chucrute.” “Ora, também gostaria, já estou lambendo os beiços.” “Vai acontecer, velha, aquele pouquinho, aquilo não foi nada, tire o tampão dos ouvidos. Eu ajeito o negócio sozinho.” “Ora, ora! E os outros?” Um que susto.

“Pois é isto mesmo, Gust. Vamos deixá-los de fora. Sabe, negócios cooperativos nunca dão certo, é uma velha cantiga. Ora então, está certo ou não está. Vou ser independente. Afinal, somos os mais próximos porque moramos no térreo, e o pátio dá para a

minha casa. Está certo ou não está, Guste?” “Não posso ajudar você nisso, Paul, sofro de varizes.” Uma pena, por isso e por outras coisas. E a velha fez um muxoxo azedo, concordando, mas lá por dentro, onde ficam os sentimentos, ela diz: não, e volta a dizer: não.

E à noite, o que acontece então quando a firma toda deixou o porão por volta das duas horas e Gerner ficou trancado lá dentro com sua mulher e já são nove horas e na casa nada se mexe e ele quer justamente começar a trabalhar, e o vigia precisa fazer sua ronda diante da porta, o que acontece então? Batem à porta do porão. Batidas. Penso, estão batendo. Quem é que pode estar batendo aqui. Não sei, mas bateram. Ninguém tem de bater aqui. O estabelecimento está fechado. Bateram. Estão batendo outra vez. Os dois mudos e quietos, sem dizer uma só palavra. Batem de novo. Gerner lhe dá

uma cotovelada: “Bateram”. “Sim.” “O que será isso.”

Curiosamente, ela não está amedrontada, só diz: “Não será nada, ninguém vai nos matar”. Não, esse que vem vindo aí não vai nos matar, conheço o cara, ele não vai me matar, tem duas pernas compridas e um bigodinho, e se vier eu ficarei contente. E batem à porta com muita urgência, mas baixinho. Pelo amor de Deus, é um sinal. “Tem alguém aí, ele nos conhece. É um dos nossos rapazes.

Já estou pensando nisso faz tempo, velha.” “E por que não diz nada.”

E zás, Gerner já está junto à escada, como sabem que estamos aqui, eles nos pegaram de surpresa, do lado de fora, sussurram: “Gerner, abra”.

Querendo ou não, ele tem de abrir. É uma sujeira dos diabos, uma maldita porcaria, dá vontade de fazer o mundo todo em picadinho. Ele tem de abrir, é o comprido, sozinho, o cavalheiro dela, Gerner nada percebe, ela o dedurou, ela quer mostrar-se agradecida ao seu cavalheiro. Fica radiante quando o vê lá embaixo, não dá para esconder nada, seu marido parece um buldogue, pragueja: “Ei, que sorrisinho é esse?”. “Ora, é que estava com medo de que pudesse ser alguém da casa ou o vigia.” Agora só resta trabalhar e dividir, praguejar não adianta nada, que porcaria.

Quando Gerner tenta uma segunda vez e deixa a velha de lado, praguejando, pois ela dá azar – lá batem de novo à porta, mas agora são três e fazem de conta que ele os convidaram, não se pode fazer nada, não se é patrão na própria casa, não dá para enfrentar gente tão esperta. Então Gerner, furioso, declara o

xeque-mate a si mesmo e diz: hoje ainda vou trabalhar com eles, preso com eles, enforcado com eles, mas amanhã acabou-se; se os cachorros aparecerem de novo lá em casa, sendo eu o zelador, e se meterem nos meus assuntos, eles vão ver o que é bom quando os policiais chegarem. São exploradores, chantagistas é o que são.

E trabalham e trabalham durante duas horas inteiras no porão, transportam a maioria das coisas para a casa de Gerner, em sacos, café, uvas-passas, açúcar, fazem uma boa limpeza, depois, caixotes de bebidas alcoólicas, todo tipo de aguardente e vinho, vão levando embora metade do depósito. Gerner está enfurecido por ter de dividir tudo com eles. A velha do outro lado o acalma: “Eu com minhas varizes não poderia mesmo carregar tanta coisa”. Ele destila veneno, todos continuam a carregar: “Suas varizes, já faz tempo que você poderia ter comprado meias elásticas, isso é que dá a besteira de ficar economizando, sempre economizando onde não se deve”. Guste, porém, só fica acompanhando o comprido com os olhos, e ele está bastante orgulhoso dela diante dos outros rapazes, isto aqui é o negócio dele, ele é um cara esperto.

Quando vão embora, trabalharam feito animais, Gerner fecha a porta da casa e se tranca lá dentro e começa a beber com Guste, pelo menos isso consegue fazer. Tem de provar um pouco de todos

os tipos e vai tentar empurrar as melhores marcas já amanhã cedo para alguns biscateiros, e os dois ficam contentes com isso, Guste também, ele é seu homem bom e afinal é o marido dela e ela vai ajudá-lo. E das duas às cinco da manhã ficam sentados provando todos os tipos, mas a fundo, com um plano, calculadamente. Profundamente satisfeitos com esta noite, capotaram os dois, estão bêbados até a tampa, desabaram como dois sacos de farinha.

Por volta do meio-dia, devem atender à porta. Soa a campainha, batem, chamam. Mas quem não abre são os Gerner. Como podem abrir se estão anestesiados. Mas não desistem, socam a porta e aí Guste percebe algo, ergue-se assustada e começa a bater em Paul: “Paul, estão batendo, tem de abrir a porta”. Ele diz, primeiro: “Onde”, e ela então o empurra para fora, pois estão a ponto de arrombar a porta, deve ser o carteiro. Paul se levanta, só põe as calças por cima, abre a porta. E já entram eles em marcha, passando por ele, três homens, um bando inteiro, o que querem, será que os rapazes já querem buscar as coisas, não, esses são outros. São os tiras, agentes da polícia, e terão um serviço leve, ficam surpresos, de boca aberta, o senhor zelador, o chão está entulhado, o corredor, a sala, os sacos, caixotes, garrafas, palha, espalhado, empilhado. O comissário diz: “Uma porcaria dessas nunca me aconteceu na vida”.

E o que diz Gerner? O que vai dizer? Não diz uma palavra. Só fica a olhar os tiras, também sente enjoos, esses cachorros, se eu tivesse um revólver, não vão me tirar daqui com vida, os cachorros. E a gente tem de passar a vida inteira numa obra de construção, e os nobres senhores enfiam o meu dinheiro no bolso. Se ao menos me deixassem tomar um trago. Mas de nada adianta, ele tem de vestir a roupa. “Deixem-me ao menos abotoar os suspensórios.”

A mulher baba e treme: “Não sei de nada, senhor comissário, somos gente decente, alguém deve ter armado alguma coisa contra nós, as caixas, nós estávamos dormindo profundamente, o senhor percebeu, alguém da casa deve ter pregado uma peça em nós, diga-me, senhor comissário. Paul, o que está acontecendo conosco?”. “Isso tudo os senhores podem contar no distrito policial.” Gerner interrompe: “Agora eles também arrombaram a nossa casa de madrugada, velha, são os mesmos de lá de trás, por isso, precisamos ir até o distrito”. “Os senhores podem contar tudo isso no distrito policial ou na delegacia.” “Eu não vou para a delegacia.” “Vamos para o carro.” “Deus, Guste, não ouvi ruído algum quando eles assaltaram aqui. Dormi feito uma pedra.” “Eu também não, Paul.”

Guste faz menção de pegar depressa duas cartas da cômoda, são do comprido, mas um dos agentes percebeu a coisa: “Mostre aqui. Ou ponha-as de volta. A busca é mais tarde”.

Ela diz, teimando: “Fiquem à vontade, os senhores deviam se envergonhar de entrar numa casa estranha”. “Vamos indo.”

Ela chora, não olha para o marido, grita, faz cena, joga-se no chão, precisam erguê-la. O homem pragueja, seguram-no: “Agora ainda vão querer agarrar a mulher”. Os criminosos, os ordinários, os chantagistas, esses sumiram, e a mim atiraram na merda.

Upa, upa, upa, cavalinho, outra vez a galopar

Franz Biberkopf – mãos nos bolsos, gola levantada até as orelhas, cabeça e chapéu entre os ombros – não participou das conversas no corredor. Ficava sempre ouvindo perto do grupo ou às escutas ao lado. Depois ficou observando, e eles abriram alas enquanto o carpinteiro e sua mulherzinha gorducha eram conduzidos pelo corredor até a rua. Lá se vão os dois. Também andei assim um dia. Mas estava escuro. Vejam só como eles ficam olhando para frente. Estão com vergonha. Sim, sim, podem

zombar. Sabem o que se passa dentro de um homem. Esses são os verdadeiros cervatos, ficam encolhidinhos em casa, fazem trapaças, mas a gente não os apanha. As trapaças desses caras são incríveis. Agora estão abrindo o camburão. Sim, vão entrando, vão entrando, criancinhas, a mulherzinha pequena também, está de porre, tem razão, tem carradas de razão ela. Deixe

que riam. Que fiquem sabendo como é isso. Pronto, acabou-se, brruumm.

As pessoas ainda estavam aglomeradas, Franz Biberkopf estava diante da porta da casa, fazia um frio infame. Olhou a porta pelo lado de fora, olhou para a rua, o que a criatura deve fazer agora, o que fazer. Apoiava-se numa perna, depois noutra. Maldito frio, um frio do cão. Não vou para cima. O que vou fazer.

Lá estava ele, virou-se – e não percebeu que estava tão desperto. Nada tinha a ver com o bando parado ali, zombando. Vou ver noutra parte. Eles estão me escorraçando daqui. E ele caminha ágil, descendo a Elsasser Strasse, ao longo do tapume do metrô, em direção à Rosenthaler Platz, para qualquer lugar.

Tinha acontecido então que Franz Biberkopf saíra da toca. O homem que era empurrado por entre as alas, a mulher redonda, embriagada, o arrombamento, o camburão, acompanhavam-no. Mas quando apareceu um boteco, ainda antes da esquina da praça, a coisa começou. Então suas mãos

involuntariamente entraram no bolso, e nada de garrafa para encher. Nada. Nenhuma garrafinha. Esqueceu. Deixou em cima. Por causa daquela merda. Quando a barulheira começou, vestiu o casaco, para baixo, e nem pensou na garrafa. Maldição. Dar marcha à ré? E aí começou dentro dele: não, sim, sim, não. Tanta hesitação. Para lá e para cá, xingar, ousar, adiar, mas e daí, deixe-me em paz, quero entrar, uma coisa dessas não acontecia a Franz há uma eternidade. Entro, não entro, tenho sede, mas uma água mineral basta, se entrar, vai querer beber, homem, sim, estou com uma sede danada, uma sede enorme, gigantesca, Deus, queria tanto beber, prefira ficar aqui, não entre no boteco, senão logo você vai estar no chão de novo e, então, vai ficar enfiado lá em cima com a velha. E então lá estava outra vez o camburão e o casal de carpinteiros, e brruumm, para a direita, não, aqui não vamos ficar, talvez em outro lugar, em frente, adiante, andando, sempre andando.

Assim, Franz andou até a Alexanderplatz com um marco e 55 pfennigs no bolso, apenas tomou ar fresco e se foi dali. Depois fez

um esforço e embora não sentisse vontade comeu num restaurante, comeu de verdade, pela primeira vez em semanas, de verdade, ragu de vitela com batatas. Depois a sede diminuiu, restam 75 pfennigs, que ele esfregava na mão. Vou até a Lina, que se dane a Lina, não gosto dela. Sua língua ficou seca e azeda e sua garganta, em brasas. Preciso meter uma água mineral goela abaixo.

E então - enquanto engolia, com aqueles goles frescos e agradáveis e com o pinicar das bolinhas de gás, soube para onde queria ir. À casa de Minna, mandara-lhe o filé, os aventais ela recusara. Sim, está certo.

Vamos nos levantar. Diante do espelho, Franz Biberkopf ajeitou-se. Mas quem não se sentiu nem um pouco edificado quando viu as bochechas pálidas, flácidas, espinhudas foi Biberkopf. Que cara tem o sujeito. Marcas na testa, de onde vêm as marcas vermelhas, do boné, e o narigão, criatura, um nariz gordo, vermelho, mas não deve ser da aguardente, está frio hoje; só os horríveis olhos esbugalhados, como uma vaca, onde fui arranjar esses olhos de bezerro, e o olhar fixo como se não pudesse mexê-los. Como se alguém tivesse jogado melaço em cima. Mas diante da Minna isso não faz diferença. Achatar os cabelos um pouquinho. Pronto.

Vamos descer até a casa dela. Ela vai me dar alguns pfennigs até quinta-feira, depois vamos ver como é que fica.

Fora do buraco para a rua gelada. Muita gente. Um número colossal de gente na Alex; todos têm o que fazer. Parece que precisam disso. O Franz Biberkopf pôs-se a andar depressa, vira os olhos para a direita e para a esquerda. Como se um cavalo tivesse escorregado no asfalto molhado, levasse um pontapé na barriga com a bota e, esperneando, tentasse pôr-se de pé e agora aos tropeços saísse correndo como louco. Franz tinha músculos, um dia frequentara o clube de atletismo; agora vagueia meio tonto pela Alexanderstrasse e se deu conta de como estavam os seus passos, firmes, firmes como os de alguém da guarda. Marchamos direito, tal qual os outros.

Previsão do tempo ao meio-dia de hoje: as perspectivas do tempo estão um pouco mais favoráveis. Embora ainda prevaleça um frio intenso, o barômetro sobe. O sol timidamente atreve-se a aparecer novamente. Espera-se um aumento de temperatura nos próximos dias.

E cheio de entusiasmo fica quem dirige o nsu-6 cilindros. Para lá, para lá, deixa-me, ó querido, ir contigo.

E quando Franz chega à casa dela e para diante da porta lá está uma campainha. E ele tira o chapéu com um largo gesto e aperta a campainha e quem abre, quem será, uma mesura para a moça que tem um cavalheiro, quem será, cosquinha, cosquinha. Palmadinha. Um – homem! O marido dela! É Karl! O senhor serralheiro. Mas não tem importância. Que faça cara de maus bofes.

“O quê? O que há?” “Ora, pode bem me deixar entrar, Karle, não mordo ninguém.” E já está dentro. Pronto, aqui estamos. Que rufião, nunca se viu uma coisa dessas.

“Prezado senhor Karl, ainda que você seja mestre-serralheiro e eu um simples biscateiro, não se ponha ares de superioridade. Pode muito bem me dar bom-dia, quando eu disser bom-dia.” “O que quer, homem? Por acaso te mandei entrar? Por que você foi se metendo pela porta?” “Ora, sua mulher está por aqui? Quem sabe eu posso dizer bom-dia para ela.” “Não, ela não está aqui. E muito menos para você. Para você não tem ninguém em casa.” “Então, é assim.” “Sim. Ninguém em casa.” “Ora – mas você está

aqui, Karl.” “Não, eu também não estou. Só vim buscar um colete de malha e tenho de voltar logo para a loja.” “Pelo visto, vão muito bem os negócios.” “Sim, senhor.” “Então está me mandando embora.” “Mas nem mandei que você entrasse. O que foi que você perdeu por aqui, homem? Não tem vergonha de subir aqui e me deixar em má situação, ainda mais que todos aqui sabem quem é você.” “Deixe que reclamem, Karl. Esse é o nosso menor problema. Nem imagino ter de pôr o nariz na casa deles. Sabe, Karl, não precisa se preocupar com eles. Hoje lá em casa os policiais de verde levaram um cara para o distrito, um mestre-carpinteiro, que ainda por cima era zelador do prédio. Imagine. Com a mulher. E eles roubaram como gatunos de longa experiência. E eu por acaso roubei? E então?” “Homem, vou descer. Chispe daqui. Para que ficar aqui parado com você. Se puser os olhos em Minna, prepare-se, ela vai pegar uma vassoura e fazer picadinho de você.” O que sabe ele sobre a Minna. Um marido desses com dois cornos na testa se atreve a me dizer umas verdades. É de morrer de rir. Se uma moça tem um cavalheiro que a ama e a preza. Karl aproxima-se de Franz: “O que você ainda está fazendo aí? Não somos seus parentes, Franz, nem nada, nada mesmo. E agora que está fora da cadeia, você tem de ver sozinho o que vai fazer”. “Eu não pedi esmolas para você.” “Não, e Minna não esqueceu a Ida, irmã é irmã, e para nós você ainda é o que sempre foi. Você está liquidado.” “Eu não espanquei a Ida até a

morte. Pode acontecer com qualquer um que lhe escorregue a mão quando se está com raiva.” “A Ida morreu, você deve seguir seu caminho. Somos gente honrada.”

Que cachorro esse cara com os chifres, um poço de veneno, gostaria de lhe dizer que ainda vou lhe arrancar a mulher da cama debaixo do nariz dele. “Cumprí meus quatro anos até o último minuto e por isso você não pode querer ser mais rigoroso do que o tribunal.” “Que se ferre o seu tribunal. Agora siga o seu caminho. De uma vez por todas. Para você, esta casa aqui não existe mais. De uma vez por todas.” Quem pensa que é esse senhor serralheiro, ainda vai querer me fazer mal.

“Se eu disser agora, Karl, que quero fazer as pazes com vocês, que cumprí a minha pena. E lhe estendo minha mão.” “Mas eu não aceito.” “Era isso mesmo que eu queria saber. [É só agarrar o sujeito, pegá-lo pelas pernas, atirá-lo contra a parede.] Agora sei, como se fosse por escrito.” Meteu o chapéu com o mesmo gesto de antes: “Pois então tenha um bom dia, Karl, senhor mestreserralheiro Karl. E cumprimente Minna por mim, diga-lhe que estive aqui, só quero ver como vai ser isso. E você, seu porco, é o patife mais tolo do mundo. Meta isso na cabeça e olhe bem para

os meus punhos caso queira alguma coisa, e não chegue perto. Você é um farrapo de merda, tanto que sinto pena da Minna”.

Foi-se. Calmamente. Calma e lentamente escada abaixo. Que venha atrás de mim, vai pensar duas vezes. E, lá em frente, uma única dose de aguardente, um tônico quente para o coração, goela adentro. Talvez ele venha até aqui. Fico à espera. E muito satisfeito, Franz seguiu adiante. Dinheiro arranjo em outro canto. Apalpou os músculos; vou logo me abastecer outra vez.

—

“Você quer me deter em meu caminho e me derrubar. Mas tenho uma mão que é capaz de estrangular, e você nada pode contra mim. Você quer insinuar-se para mim com escárnio, você quer me cobrir de desprezo – a mim não, a

mim não –, sou muito forte. Posso ignorar o seu sarcasmo. Seus dentes não perfuram minha couraça, sou imune a víboras. Não sei de onde vem seu poder de acercar-se de mim. Mas consigo resistir a você. O Senhor bom Deus colocou meus inimigos de costas para mim.”

“Vá falando. Que suave é o canto dos pássaros quando escapam das doninhas. Porém, muitas são as doninhas e o passarinho só deve cantar! Ainda não tens olhos para mim. Ainda não precisas olhar para mim. Ouves o tagarelar das pessoas, o barulho da rua, o rolar do bonde elétrico. Respira, ouve. Por entre tudo isso, saberás ouvir-me um dia.”

“Ouvir quem? Quem fala?”

“Não o direi. Verás por si. Sentirás. Arma teu coração. Falarei então contigo. Então me verás. Teus olhos nada terão a oferecer senão lágrimas.”

“Tu podes falar assim ainda por cem anos. Só me ponho a rir.”

“Não ria. Não ria.”

“Porque não me conheces. Porque não sabes quem sou. Quem é Franz

Biberkopf. Este nada teme. Tenho punhos. Vê os músculos que tenho.”

QUINTO LIVRO

—

Uma rápida recuperação, o homem está outra vez lá onde estava, nada aprendeu, nada assimilou. Agora se abate sobre ele o primeiro golpe grave. É envolvido num crime, ele não quer, resiste, é obrigado a querer.

Defende-se corajosa e bravamente com unhas e dentes, mas de nada adianta, está acima dele, é obrigado a querer.

—

Reencontro na Alex, frio do cão. No próximo ano, 1929, fará ainda mais frio

Brumm, brumm, moureja o bate-estacas a vapor diante do Aschinger na Alex. Tem a altura de um andar e crava as estacas no chão como se nada fossem.

Ar gélido. Fevereiro. As pessoas andam encapotadas. Quem tem peles usa-as, quem não as tem não as usa. O mulhério usa meias finas e passa frio, mas é bonito de se ver. Os vagabundos se esconderam do frio. Quando está quente, põem novamente o nariz para fora. Nesse meio tempo, bebericam uma quantidade dobrada de aguardente, mas que aguardente, nem os cadáveres gostariam de boiar dentro dela.

Brumm, brumm, martela o bate-estacas a vapor na Alexanderplatz. Muitas pessoas têm tempo e ficam olhando o bate-estacas martelar. Lá no alto, um homem puxa uma corrente, então sai uma baforada de vapor em cima, e zás, a estaca leva um golpe na cabeça. Ali homens, mulheres e, sobretudo, os jovens ficam parados, contentes de ver como aquilo funciona perfeitamente: zás, a viga leva um golpe na cabeça. Depois, fica tão pequena quanto a pontinha de um dedo, leva mais um golpe, aí seja o que quiser. Ao final, desaparece, caramba, serviço finalmente realizado, como um produto em conserva, seguem adiante satisfeitos.

Tudo está coberto de tábuas. A Berolina ficava diante do Tietz, uma mão estendida, era uma mulher colossal, levaram-na dali. Talvez a derretam e façam medalhas com ela.

Permanecem pelo chão feito abelhas. Lidam e fuçam às centenas o dia inteiro e de madrugada.

Vrumm, Vrumm, os elétricos, bondes amarelos com vagões atrelados, rolam sobre a Alexanderplatz coberta de tábuas, é perigoso saltar deles. A estação estende-se livre por ampla superfície, via de mão única em direção à Königstrasse, passando pelo Wertheim. Quem se dirige ao leste precisa desviar por trás à altura do comando da polícia, através da Klosterstrasse. Os trens rumorejam da estação até a Jannowitzbrücke, a locomotiva solta baforadas de vapor, está agora por cima do Prälat, Cervejaria Schlossbräu, entrada na próxima esquina.

Na avenida, estão pondo tudo abaixo, põem abaixo prédios inteiros junto à linha urbana, de onde vem o dinheiro, a cidade de Berlim é rica, e nós pagamos os impostos.

Demoliram Loeser e Wolff com a placa de mosaicos, vinte metros adiante, ele se reergue outra vez, do outro lado, diante da estação, já existe outro. Loeser e Wolff, Berlim-Elbing, qualidades de primeira para todos os gostos: Brasil, Havana, México, Pequeno Consolo, Liliput, charuto n. 8, 25 pfennigs a unidade, Balada de Inverno, embalagem com 25 unidades, cigarrilhos n. 10, não

selecionado, folha de Sumatra, um produto especial neste preço, em caixas de cem unidades, dez pfennigs. Eu cubro tudo, tu cobres tudo, ele cobre tudo com caixas de cinquenta unidades e embalagens de papelão de dez unidades, remessa para todos os países da Terra, Boyero, 25 pfennigs, esta novidade nos trouxe muitos amigos, eu cubro tudo, tu te recobras.

Ao lado do Prälat há lugar, lá estacionam as carroças com bananas. Deem bananas a seus filhos. A banana é a fruta mais limpa, pois pela casca é protegida de insetos, de vermes, assim como de bacilos. Excluem-se os insetos, vermes e bacilos que penetram na casca. O conselheiro Czerny chamou insistentemente a atenção para o fato de que isso envolve até mesmo crianças em seus primeiros anos de vida. Eu quebro tudo, tu quebras tudo, ele quebra tudo.

O vento reina em abundância na Alex, na esquina do Tietz, há uma corrente de ar pavorosa. Há vento que sopra entre as casas e dentro das escavações das obras. Dá vontade de se refugiar nos botecos, mas quem é que pode fazer isso, sopra por dentro dos bolsos das calças, aí você percebe que algo está acontecendo, nada de vacilar, é preciso se mostrar animado num tempo desses. Bem cedo pela manhã, os operários vão chegando de

Reinickendorf, Neukölln, Weissensee. Com frio ou sem frio, com vento ou sem vento, passe a cafeteira, embrulhe os sanduíches, precisamos dar duro, lá em cima estão sentados os zangões, dormem em seus acolchoados de penas e sugam nosso sangue.

O Aschinger tem um grande café e restaurante. Quem não tem barriga pode vir a ter uma, quem tem pode aumentá-la à vontade. A natureza não se deixa enganar! Quem acredita poder melhorar com ingredientes artificiais a produção de pães e outros produtos de padaria feitos com farinha de trigo adulterada engana a si próprio e os consumidores. A natureza tem suas próprias leis e vinga-se de qualquer abuso. O estado de saúde abalado de quase todos os povos civilizados de hoje tem sua causa no consumo de alimentos adulterados ou refinados artificialmente. Finos embutidos também em domicílio, patê de fígado e chouriço baratos.

A interessantíssima revista Magazine, em vez de um marco, por apenas vinte pfennigs, a interessantíssima e apimentada Matrimônio, por apenas dez pfennigs. O apregoador fuma cigarros e usa um boné de marinheiro, eu cubro tudo.

Vindos do leste, Weissensee, Lichtenberg, Friedrichshain, Frankfurter Allee, os elétricos amarelos se aglomeram na praça, passando pela Landsberger Strasse. O 65 vem do Matadouro Central, o grande anel Weddingplatz, Luisenplatz, o 76 de Hundekuhle via Hubertusallee. Na esquina da Landsberger Strasse, fizeram a liquidação total do Friedrich Hahn, antigamente o Kaufhaus, antes uma loja de departamentos, esvaziaram tudo e vão somá-lo aos antepassados e declará-lo finado. Ali param os elétricos e o ônibus 19 da Turmstrasse. Para onde foi a papelaria Jürgens, demoliram o prédio e puseram um tapume no lugar. Lá está sentado um homem velho com uma balança de médico: controlem seu peso, cinco pfennigs. Ó queridos irmãos e irmãs que formigam pela Alex, concedam-se este momento, espreitem pela fresta ao lado da balança de médico para este monte de entulho onde um dia florescia o Jürgens, e lá está ainda a loja de departamentos Hahn, vazia, evacuada e eviscerada, a tal ponto que só os farrapos vermelhos ficaram grudados nas vitrines. Um monte de lixo à nossa frente. Do pó vieste, ao pó retornarás, construimos uma casa maravilhosa e agora homem algum entra ou sai. Assim foram destruídos Roma, Babilônia, Nínive, Aníbal, César, tudo destruído, oh, pensem nisso. Em primeiro lugar, tenho de observar que agora estão desenterrando estas cidades, tal qual mostram as ilustrações na última edição de domingo e, em segundo lugar, estas cidades cumpriram seu objetivo e agora já se pode construir novas cidades outra vez. Tu também não pranteias

tuas calças velhas quando surradas ou rasgadas, tu compras calças novas, disso vive o mundo.

A polícia domina a praça ostensivamente. Posta-se na praça em vários elementos. Cada elemento lança olhares experientes para os dois lados e conhece as regras de trânsito de cor. Usa polainas enroladas nas pernas, um cassetete de borracha está pendurado do lado direito, move os braços na horizontal do oeste para o leste, aí o norte, o sul, não podem avançar, e o leste espraia-se para o oeste, o oeste para o leste. Então o elemento inverte a direção automaticamente: o norte espraia-se para o sul, o sul para o norte. A polícia é moldada rigorosamente sob medida. Ao seu sinal, atravessam a praça em direção à Königsstrasse aproximadamente trinta civis, parte deles para na ilha intermediária, uma parte alcança sem problemas o lado oposto e continua seu caminho sobre tábuas. Outros tantos seguiram para o leste, foram levados pela maré em direção aos demais, a estes aconteceu o mesmo, mas nenhum acidente ocorreu. São homens, mulheres e crianças, estas últimas em sua maioria pela mão de mulheres. Enumerá-los todos e descrever seu

destino só é possível com alguma dificuldade, só em poucos casos daria algum resultado. O vento lança fiapos de palha sobre todos eles por igual. O rosto dos caminhantes do leste em nada se distingue daqueles dos caminhantes do oeste, do sul e do norte,

eles também trocam papéis, e aqueles que agora atravessam a praça em direção ao Aschinger podem ser encontrados uma hora depois diante da loja vazia do Hahn. Da mesma forma, misturam-se aqueles que vêm da Brunnenstrasse em direção à Jannowitzbrücke àqueles que vêm na direção oposta. Sim, muitos desviam para o lado, do sul para o leste, do sul para o oeste, do norte para o leste. Desta maneira são tão iguais quanto os que estão sentados no ônibus e nos bondes. Sentam-se todos em posições diferentes e tornam mais elevado o peso do veículo inscrito do lado de fora. O que se passa dentro deles, quem pode adivinhar, um capítulo imenso. E caso isso fosse feito, a quem serviria? Novos livros? Nem os velhos têm alguma saída, e no ano de 1927 as vendas de livros diminuíram x por cento em relação a 1926. Tomem-se as pessoas simplesmente como indivíduos particulares que pagaram vinte pfennigs, à exceção dos que possuem passes mensais e dos estudantes que pagam apenas dez pfennigs, e lá vão eles então passando pela Alexanderplatz com seu peso de cinquenta a cem quilos, com suas roupas, bolsas, pacotes, chaves, chapéus, dentaduras, cintas abdominais contra hérnias, e guardam os misteriosos bilhetes longos sobre os quais se lê: Linha 12, Siemensstrasse DA, Gotzkowskistrasse C, B, Oranienburger Tor C, C, Kottbuser Tor A, signos misteriosos, quem pode adivinhar, quem os conhece e reconhece, cito a você três palavras de conteúdo difícil, e os bilhetes são furados quatro vezes em lugares determinados e sobre os bilhetes há uma

inscrição no mesmo alemão com o qual tanto a Bíblia quanto o Código Civil foram escritos: válido até a chegada ao destino da viagem pelo caminho mais curto, nenhuma garantia para outras conexões. Leem jornais de diferentes orientações, mantêm o equilíbrio graças ao labirinto auditivo, aspiram oxigênio, cochilam, sentem dores, não sentem dores, pensam, não pensam, são felizes, são infelizes, não são felizes nem infelizes.

Brumm, brumm, martela o bate-estacas ao despencar, eu bato tudo, mais uma viga. Sobre a praça, um zumbido vindo do Comando Central da Polícia, lá pregam os rebites, lá um misturador de cimento descarrega sua carga. O senhor Adolf Kraun, criado doméstico, observa; o despejo do basculante fascina-o enormemente, tu bates tudo, ele bate tudo. Ele fica atento a como a caçamba com areia se ergue num dos lados, lá está ela no alto, brumm, e agora ela gira. Ninguém gostaria de ser tirado da cama dessa maneira, pernas para cima, cabeça para baixo, lá está você estendido, pode acontecer alguma coisa à gente, mas eles fazem isso como se nada fosse.

Franz Biberkopf está outra vez com sua mochila às costas e vende jornais. Mudou de bairro. Abandonou o Rosenthaler Tor, está postado na Alexanderplatz. Está totalmente recuperado, 1,80 m de altura, o peso baixou, o corpo é mais leve de carregar. Na cabeça, o boné do jornal.

Alarme de crise no Reichstag, fala-se de eleições, em março, abril, provavelmente, de Josef Wirth? A luta centro-alemã continua, deve ser formada uma câmara de conciliação, assalto na Tempelherrenstrasse. Sua banca fica na saída do metrô, depois da Alexanderstrasse, em frente ao cinema Ufa; deste lado, a ótica Fromm construiu sua nova loja. Franz Biberkopf olha para a Münzstrasse abaixo quando se vê pela primeira vez em meio ao formigueiro e pensa: será longe a casa dos dois judeus, eles não moram longe, isto foi no meu primeiro golpe de azar, talvez lhes faça uma visitinha, podem comprar o Völkischer Beobachter⁷ de mim. Por que não, se gostam do jornal não faz diferença para mim, basta que o comprem. Sorri, divertindo-se com a ideia, e o judeu bem velho de chinelos era engraçado demais. Olha para os lados, os dedos estão duros, ao lado está parado um aleijado baixinho, tem um nariz bem torto, talvez esteja quebrado. Alarme de crise no Reichstag, evacuada a casa da Hebbelstrasse 17, devido à ameaça de desabamento, banho de sangue no pesqueiro, um amotinado ou um louco.

Franz Biberkopf e o aleijado sopram ambos dentro das mãos. O negócio da manhã está fraco. Um velhote esquelético, que parecia desgastado e cansado, aproxima-se de Franz. Um chapéu de feltro verde na cabeça, pergunta a Franz como andam os

negócios com jornais. Também Franz um dia fez a mesma pergunta. “Se for para você, colega, quem vai saber.” “Tenho 52 anos.” “Pois é, é por isso, aos cinquenta começa o reumatismo. Lá, junto com os prussianos, tínhamos um velho capitão da reserva, só tinha quarenta anos, de Saarbrücken, era cobrador de loteria – ou melhor, é o que dizia, talvez fizesse negócios com charutos –, esse teve reumatismo já aos quarenta, nas costas. Mas com a doença adquiriu uma postura ereta. Andava feito um pau de vassoura sobre rodas. Sempre se deixava besuntar de manteiga pelo corpo. E quando não havia mais manteiga, lá por volta de 1917, e só Palmin, óleo vegetal de primeira, ainda por cima rançoso, ele então deu um jeito para que o matassem com um tiro.”

“De que adianta, na fábrica não aceitam mais a gente. E no ano passado ainda me operaram, em Lichtenberg, hospital Hubertus. Me tiraram um testículo, diziam que estava tuberculoso, digo a você, tenho dores até hoje.” “Ora, tome cuidado, ainda pode perder o outro. Aí é melhor ficar sentado, é melhor que vá ser cocheiro.” A luta centro-alemã continua, negociações infrutíferas, atentado à lei de proteção ao inquilinato; acorde locatário, vão tirar-lhe o teto de cima da cabeça. “Sim, colega, e precisa ter boa voz, como vai o pulmão, o tentilhão vermelho, sabe cantar? Pois então, isto é a coisa principal, aqui é preciso

saber cantar e correr. Precisamos de bons berradores. Os alto-falantes fazem o melhor negócio. É uma gente esperta, é o que digo a você. Olhe para cá, quantas moedas tenho aqui?” “Para mim são quatro.” “Certo. Para você, quatro. É esse o ponto. Para você. Mas se alguém está com pressa e procura no bolso e tem uma moeda de cinco pfennigs, depois um marco ou dez marcos, pergunte aqui para os companheiros, todos eles podem trocar. Como são espertos, são os verdadeiros banqueiros, sabem como trocar, pegam sua porcentagem, mas você não percebe nada, tão rápida é a coisa.”

O velho suspira. “Sim, seus cinquenta anos e ainda mais o reumatismo. Colega, se você tem garra, não ande sozinho, pegue dois meninos, naturalmente vai ter de pagá-los, talvez fiquem com a metade, mas você precisa cuidar do negócio, vai poupar as pernas e a voz. É preciso ter boas relações e um bom lugar. Quando chove, fica tudo molhado. Bom para os negócios são as competições esportivas, mudança de governo. Por ocasião da morte de Ebert, dizem eles que todos lhes arrancavam os jornais das mãos. Homem, não faça uma cara dessas, nem tudo está perdido. Olhe lá o bate-estacas do outro lado, imagine se ele lhe cai na cabeça, então vai ter de ficar matutando muito?” Atentado à lei de proteção ao inquilinato. O recibo de saída para Zörgiebel.

Vou abandonar o partido da traição aos princípios. Censura inglesa sobre Amanullah, a Índia não deve saber de nada.

Defronte, na lojinha da Radio Web – até nova ordem, carregamos acumuladores grátis –, está parada uma pálida senhorita com um capuz enterrado sobre o rosto e parece mergulhada em pensamentos. O chofer do bicolor de praça ao lado pensa: será que ela está ponderando se quer pegar o táxi e se tem dinheiro suficiente ou está esperando alguém. Mas ela apenas ajeita um pouco o corpo em seu casaco de veludo como se algo estivesse fora do lugar, então, logo se põe em movimento, só não está se sentindo bem, tem fisgadas na barriga. Ela está prestando os exames de magistério, hoje quer ficar em casa e fazer compressas quentes, de qualquer jeito, à noite melhora.

Nada durante um bom tempo, pausa para descanso, a gente se recupera

Na noite de 9 de fevereiro de 1928, quando em Oslo o governo trabalhista foi deposto, a última noite da Corrida de Seis Dias em Stuttgart – os vencedores foram Van Kempen-Frankensteen, com 726 pontos, 2.440

quilômetros –, a situação na região do Saargebiet parecia ter se agravado, na noite de 9 de fevereiro de 1928, uma terça-feira [por favor, um instante, o senhor vê o rosto misterioso da mulher desconhecida, a pergunta desta bela mulher se dirige a todos, também ao senhor: o senhor já fuma Garbaty Kalif?], nessa noite, Franz Biberkopf estava encostado numa coluna de anúncios na Alexanderplatz e estudava uma convocação dos pequenos jardineiros de Trepkow-Neukölln e Britz para uma assembleia de protesto no salão de festas do Irmer, ordem do dia: as demissões arbitrárias. Abaixo estava o cartaz: o sofrimento da asma e aluguel de máscaras, grande variedade para damas e cavalheiros. De repente, o pequeno Meck surge ao lado dele. Meck, esse nós conhecemos. Veja só, lá vem ele a passos largos.

“E então, Franzezinho, Franzezinho”, que felicidade a do Meck, uma alegria só, “Franz, homem, quem haveria de acreditar, a gente se vendo de novo, parecia que você tinha sumido do mundo. Podia jurar –” “Ida jurar o quê? Posso bem imaginar que eu tivesse aprontado alguma coisa outra vez. Não, nada disso, meu rapaz.” Deram-se as mãos, deram-se os braços até os ombros, deram-se os ombros até as costelas, deram-se tapinhas nas costas, a criatura inteira se sacudia e se movimentava.

“O caso é o seguinte, Gottlieb, a gente simplesmente não se vê. Eu faço meus negócios por aqui.” “Aqui na Alex, Franz, não me diga, pois eu deveria ter encontrado você por aqui. A gente passa pelos outros e não enxerga ninguém.” “É isso mesmo, Gottlieb.”

E de braços dados, foram descendo pela Prenzlauer Strasse. “Você andava querendo negociar bustos de gesso, Franz.” “Para bustos de gesso me falta conhecimento. Para bustos de gesso é preciso cultura, que eu não tenho. Estou comerciando jornais outra vez, isto dá o sustento à gente. E você, Gottlieb?” “O meu ponto é lá do outro lado, perto do Schönhauser, com roupas masculinas, juponas e calças.” “E onde arranja as mercadorias?” “Você ainda é o velho Franz, sempre perguntando onde. Essa pergunta só é feita pelas moças quando querem pensão alimentícia.” Sem dizer palavra, Franz caminhava saltitando ao lado de Meck e fez uma expressão sombria: “Vocês vão fazendo suas trapaças até levarem um escorregão”. “O que quer dizer escorregão, o que quer dizer trapaça, Franz, é preciso ser um homem de negócios, é preciso entender de compras.”

Franz não quis continuar a caminhar, estava sem vontade, cabeçudo. Meck não desistia, continuava a tagarelar, insistia: “Venha junto até o boteco, Franz, talvez possa ver também os

negociantes de gado, lembra, aqueles do processo que se sentaram à nossa mesa na assembleia, quando você pegou o cartão de

filiação. Esses levaram a pior com os caras do processo. Agora estão na fase dos depoimentos e atrás de testemunhas. Homem, vão cair do cavalo e ainda por cima de cabeça”. “Não, Gottlieb, prefiro não ir junto.”

Meck, entretanto, não desistia, era seu velho e bom amigo e, aliás, o melhor de todos, naturalmente, sem contar o Herbert Wischow, mas esse era cafetão e desse não queria saber nada, não, nunca mais. E, de braços dados, descendo a Prenzlauer Strasse, fábrica de licores, tecelagens, confeitos, seda, seda, aconselho seda, algo incrivelmente moderno para a mulher de classe!

E quando deram oito horas, Franz estava sentado com Meck e mais um, que era mudo e só fazia sinais, numa mesa no canto de um boteco. E as coisas estavam animadas. Meck e o mudo ficaram surpresos como Franz se desinibia, comia e bebia com deleite, dois joelhos de porco, depois feijões com acompanhamento e um caneco de Engelhardt atrás do outro, oferecendo a cerveja aos outros dois. E fincaram os braços juntando-os sobre o tampo para que mais ninguém se

aproximasse da pequena mesa e os perturbasse; só a mulher do dono, magrinha, podia chegar perto e tirar e pôr as coisas e tornar a encher os canecos. Na mesa ao lado, estavam sentados três homens de mais idade, às vezes um passava a mão na careca do outro. Franz tinha a boca cheia, sorria, seus olhinhos apertados dirigiam-se para eles. “O que é que estão fazendo esses aí?” A dona passou-lhe a mostarda, o segundo pote: “Ora, decerto se amam”. “Sim, também estou achando isso.” E o trio palpitava, mastigava, engolia. Franz anunciava a toda hora: “É preciso encher o bucho. Um homem que tem forças precisa comer. Se você não sente a pança bem cheia, não é capaz de fazer nada”.

O gado das províncias vinha de trem, da Prússia Oriental, Pomerânia, Prússia Ocidental, Brandenburg. Mugiam e baliavam pelas rampas de acesso. Os porcos grunhem, farejam o chão. Caminham na névoa. Um jovem pálido pega o machado, zás, foi coisa de um instante, o animal não sabe de mais nada.

Às nove, libertaram os cotovelos, meteram charutos nas bocas engorduradas e começaram a soltar com arrotos o tépido vapor da refeição.

Então algo começou a se desenrolar.

Primeiro entrou no local um rapazinho ainda muito verde frangote, pendurou seu chapéu e seu casaco na parede e martelou no piano.

O local encheu-se. Um grupo ficou junto ao balcão e discutia. Alguns se sentaram à mesa ao lado de Franz, homens de mais idade, de bonés, um mais jovem com um chapéu-coco, Meck os conhecia, a conversa ia de lá para cá. O

mais novo, com seus olhos pretos brilhantes, um jovem esperto de

Hoppegarten, contou:

“O que viram os que primeiro chegaram à Austrália? Primeiro viram areia e pastagens e prados e nada de árvores e nada de grama e nada de nada. Só desertos de areia. E depois milhões e milhões de ovelhas amarelas. Existiam por ali em estado selvagem. Foi delas que os ingleses viveram primeiro. E também as exportaram. Para a América.” “Até parece que eles precisavam de ovelhas da Austrália.” “América do Sul, pode acreditar.” “Lá eles têm tantos bois. Nem mesmo sabem o que fazer com tantos bois.” “Mas as ovelhas, a lã. Com tantos negros no país, eles sentem frio.

Ora, ora, como se os ingleses não soubessem o que fazer com as ovelhas. Os ingleses, não precisa se preocupar com eles. Mas o que aconteceu depois com as ovelhas? Agora você pode ir para a Austrália, foi o que alguém me contou, aonde quer que se olhe não se vê uma ovelha. Sumiu tudo. E por quê? E onde estão as ovelhas?” “Aves de rapina.” Meck fez um gesto negativo: “Aves de rapina, que nada! Os bichos pegaram doenças. Isso é sempre a maior tragédia para o campo. Os bichos começam a morrer e depois você fica a ver navios”. Na opinião do rapaz de chapéu-coco as epidemias não tinham sido decisivas. “Também devem ter sido as doenças. Onde há tantos animais, alguns acabam morrendo e apodrecem e então vêm as doenças. Mas não foi essa a causa. Não, eles saíram correndo todos juntos num galope até o mar quando os ingleses chegaram. Foi um medo que deu nas ovelhas do país quando os ingleses chegaram, sempre a capturá-las e a metê-las nos vagões, então os bichos saíram correndo aos milhares e se lançaram no mar.” Meck: “Ora, e daí? Essa é boa. Deixe que corram. Naturalmente ali estão os navios. Aí os ingleses economizam as despesas do transporte ferroviário”. “Mas que despesas ferroviárias. Cada ideia. Levou muito tempo até que os ingleses percebessem. Estes, naturalmente, sempre no interior do país caçando e tocando as ovelhas, metendo-as nos vagões, um país tão gigantesco e sem nenhuma organização como costuma ser no começo. E depois é tarde, tarde demais. E as ovelhas naturalmente dispararam para o mar e beberam a água salgada

suja.” “E daí?” “E daí, como? Imagine você com sede e sem nada para comer, bebendo a porcaria da água salgada.” “Afogaram-se e morreram.” “Ora, com certeza. Dizem que ficaram lá no mar aos milhares e milhares e começaram a feder e foram tirando os bichos dali.” Franz confirmou: “O gado é sensível. Com o gado é aquela coisa. É preciso saber lidar com ele. Quem não entende disso que não se meta”.

Todos beberam consternados e trocavam impressões sobre o capital desperdiçado e tudo que pode ocorrer, como na América deixam até o trigo

apodrecer, colheitas inteiras, tudo pode acontecer. “Não”, afirmava o tal de Hoppegarten, o de olhos pretos, “ainda há muito mais coisas sobre a Austrália. Não se sabe nada a respeito, e os jornais não trazem nada e não escrevem nada, sabe-se lá por quê, por causa da emigração, se não ninguém vai para lá. Dizem que lá existe uma espécie de lagarto, uma espécie de antes do dilúvio, metros de comprimento, não o exibem nem mesmo no jardim zoológico, os ingleses não permitem. Pegaram um bicho desses de um navio e mostraram para todo mundo em Hamburgo. Mas logo tudo foi proibido. Nada a fazer. Eles vivem em pântanos, em águas lodosas, ninguém sabe do que se alimentam. Uma vez um comboio inteiro de automóveis afundou ali; nem escavaram o lugar para procurar onde foram parar. Nada.

Ninguém se atreve. Pois é.” “Que coisa”, afirmou Meck, “e com gás?” O rapaz ponderou: “Seria preciso tentar. Tentar não faz mal”. Parecia razoável.

Um senhor idoso sentou-se atrás de Meck, os cotovelos sobre a cadeira deste, um sujeito pequeno, atarracado, rosto gordo e vermelho feito um pimentão, com olhos grandes e saltados que se moviam rápido de um lado para o outro. Os homens se afastaram para lhe dar espaço. E logo Meck e ele começaram a cochichar. O homem usava botas lustrosas de cano alto, carregava um casaco de linho sobre o braço e parecia ser negociante de gado. Franz conversava, de sua mesa para outra, com o jovem de Hoppegarten, que lhe era simpático. Então Meck deu-lhe um tapinha no ombro, acenou com a cabeça; levantou-se, o negociante baixote que ria com jeito bonachão acompanhou-o. O trio afastou-se e postou-se à parte, junto ao aquecedor de ferro. Franz pensou que se tratasse dos dois negociantes de gado e seu processo. Logo quis afastar-se. Entretanto, era uma conversa totalmente sem importância. O baixote queria apenas apertar-lhe a mão e saber quais eram seus negócios. Franz deu um tapa em sua sacola de jornais. Quem sabe, talvez ele eventualmente quisesse também vender frutas; ele chamava-se Pums, comercializava frutas e eventualmente poderia precisar de vendedores ambulantes com carrinhos. Ao que Franz respondeu

dando de ombros: “Depende do lucro”. Depois tornaram a se sentar. Franz pensou como o baixote falava com firmeza; utilizar com precaução, agitar depois de usar.

A conversa continuara, e agora Hoppegarten era outra vez o principal item da pauta; o assunto era a América. O rapaz de Hoppegarten tem o chapéu entre os joelhos: “E ele se casa então com uma mulher na América, e não pensa em nada. É uma negra. ‘O quê’, diz ele, ‘você é negra?’ E zás, ela vai para a rua. E a mulher teve de se despir no tribunal. Só de roupa de banho. Claro que primeiro hesita, mas que não faça cenas. A pele era todinha branca. Porque era mestiça. Diz o homem, mas ela é negra. E por quê? Porque as

unhas em vez de brancas têm uma coloração marrom. Era mestiça”. “E o que ela queria? Divórcio?” “Não, indenização. Tinha se casado com ele e talvez tivesse perdido o emprego. Ninguém quer uma mulher divorciada. Era uma mulher linda e branca como a neve. É descendente de negros, talvez lá do século xvii. Indenização.”

Briga junto ao balcão. A dona do botequim esganiçava em direção a um chofer exaltado. Este argumentava: “Não vou permitir que se façam bobagens com alimentos”. O vendedor de

frutas gritava: “Calma aí!”. Nisso, o chofer virou-se zangado, olhou para o gordo, este lhe calou a boca com um sorriso, reinou então um perigoso silêncio no balcão.

Meck sussurrou para Franz: “Os negociantes de gado não vêm hoje. Já têm tudo ajeitado. O próximo prazo está garantido. Olhe só para aquele sujeito amarelo, é o mandachuva aqui”.

Este amarelo que Meck lhe apontara observara Franz durante toda a longa noite. Franz sentia-se muito fascinado por ele. Era esbelto, usava um casaco militar fechado – seria um comunista? –, tinha um rosto comprido, maçãs do rosto proeminentes, de um pálido amarelado, chamava atenção nele os vincos profundos na testa. Com certeza o homem só tinha trinta e poucos anos, mas do nariz à boca desciam-lhe sulcos fundos de ambos os lados. O nariz, Franz o observava com atenção e insistência, o nariz era curto, arredondado, muito bem plantado. A cabeça estava bem inclinada sobre a mão esquerda, que segurava um cachimbo aceso. Tinha cabelos pretos espetados. Depois, quando se dirigiu até o balcão – arrastava as pernas atrás de si, parecia que os pés estavam sempre grudados no chão –, Franz viu que usava miseráveis botas amarelas e as grossas meias cinzentas pendiam nas bordas. Seria o sujeito tuberculoso? Deveria ser internado num

sanatório, Beelitz ou outro qualquer, deixar que ande desse jeito por aí. O que será que faz por aqui? O homem aproximou-se equilibrando os braços, cachimbo na boca, numa das mãos, uma xícara de café, na outra, uma limonada com uma grande colher de estanho. Com isso, sentou-se novamente à mesa, tomava ora um gole de café ora um de limonada. Franz não desgrudava os olhos dele. Que olhos tristes tem o sujeito. Já deve ter estado atrás das grades; venham até aqui, prestem atenção, ele agora pensa que eu também cumpri pena. Correto, meu rapaz, estive na cadeia – Tegel – quatro anos, agora já está sabendo, então, e agora?

Nada mais de especial nessa noite. Mas Franz ia agora mais seguidamente até a Prenzlauer Strasse e se esgueirava para junto daquele homem no velho casaco de soldado. Era um jovem distinto, só que gaguejava terrivelmente, levava tempo até que saísse alguma coisa, por isso ficava com olhos tão

grandes e suplicantes. Veio a saber que não estivera preso, só uma vez se envolvera em algo político, quase explodira uma usina de gás, havia sido denunciado, mas não conseguiram apanhá-lo. “E o que você está fazendo agora?” “Comércio de frutas e essas coisas. Como ajudante. Se não dá, auxílio-desemprego.” Franz Biberkopf se envolvera com uma companhia sombria, a maioria aqui curiosamente trabalhava com “frutas”, faziam bons negócios, o baixote de rosto corado fornecia a mercadoria, era o atacadista.

Franz mantinha-se à distância deles, assim como eles se mantinham distantes de Franz. Não conseguia entender muito bem a coisa. Dizia a si mesmo: melhor vender jornais.

Próspero tráfico de moças

Certa noite, o sujeito do casaco de soldado, Reinhold era o nome dele, começa a falar e gaguejar mais, sussurra suavemente, ele reclamava do mulherio. Franz ria-se de morrer, o rapaz levava mesmo o mulherio a sério. Não teria imaginado isso da parte dele; aí ele também tinha um parafuso frouxo, aqui todos tinham um parafuso a menos, um aqui, o outro lá, muito certo da cabeça, ninguém. O rapaz estava apaixonado pela mulher de um cocheiro, o segundo cocheiro de uma cervejaria, ela já tinha abandonado o marido por causa dele, e o drama agora era que Reinhold não a queria mais. Franz fungava de satisfação, o jovem era engraçado demais: “Deixe que se vá embora”. O outro gaguejava e arregalava os olhos horrivelmente: “Mas é tão difícil. As mulheres não entendem, mesmo que escrevamos com todas as letras”. “Mas você escreveu isso para ela, Reinhold?” Este gaguejava, cuspiam e se contorciam: “Disse umas cem vezes. Ela diz que não entende. Devo ser louco. Ela não entende isso. Então preciso ficar com ela até que eu morra”. “Ora, quem sabe.” “É o

que ela diz.” Franz gargalhava sonoramente, Reinhold se aborreceu: “Homem, não seja tão tolo”. Não, Franz não conseguia entender, um rapaz tão disposto, com dinamite na usina de gás, e agora fica aqui sentado com cara de velório. “Me livre dessa mulher”, gaguejava Reinhold. Franz dava tapas na mesa de tanto divertimento: “E o que faço com ela?”. “Ora, você pode dar o fora nela.” Aí Franz ficou encantado: “A você, faça esse favor, pode confiar em mim, Reinhold, mas – elas ainda vão transformar você num bebê e obrigar você a usar fraldas”. “Dê uma olhada nela primeiro e depois me diga.” Estavam ambos satisfeitos.

Fränze então apareceu saltitante no dia seguinte à hora do almoço na casa de Franz. Quando ouviu que ela se chamava Fränze, logo ficou contente; já estavam combinando muito bem, pois o nome dele era Franz. Tinha a incumbência de trazer da parte de Reinhold um par de sapatos resistentes para Franz; este é seu pagamento de Judas, riu-se Franz por dentro, dez xelins. E ela ainda por cima trazendo os sapatos pessoalmente! O Reinhold é mesmo um sujeito atrevido. E um pagamento merece outro, pensou, e foi com ela à noite procurar Reinhold, que, conforme o combinado, não foi encontrado, daí o acesso de fúria de Fränze e uma ladainha de apaziguamento a dois no quarto dele. Já na manhã seguinte, a mulher do

cocheiro apareceu na casa de Reinhold, que nem mesmo gaguejou: não mesmo, ele que não se dê ao trabalho, não precisa mais dele, arranjava um outro. Mas quem é, isso ela não tem intenção alguma de lhe dizer. Mal vai embora e logo aparece Franz na casa de Reinhold, calçando as botas novas que não ficaram grandes demais porque usou dois pares de meias de lã de uma vez, caem nos braços um do outro e dão tapinhas nas costas um do outro. “Não ia deixar de lhe fazer um favor”, Franz recusou todas as demonstrações de mérito.

Esta mulher do cocheiro apaixonou-se também por Franz num impulso, possuía um coração elástico, coisa de que até aquela data não tinha se dado conta. E ele ficou alegre pelo fato de ela se sentir em posse desta nova força, pois ele gostava das pessoas e conhecia os corações. Observava com prazer como ela se tornava a dona da situação na casa dele. Justamente esta ladainha ele conhecia; no começo, as mulheres sempre se ocupam com cuecas e meias furadas. Mas o fato de ela pela manhã também lhe engraxar as botas, justamente as de Reinhold, provocava nele uma sinfonia de gargalhadas. Respondeu, quando lhe perguntou por que ele ria: “Porque são grandes demais, grandes demais para um homem só. Nós dois cabemos nelas”. Até que tentaram uma vez calçar juntos um dos pés, mas foi exagero, não deu certo.

Agora o gago Reinhold, amigo verdadeiro de Franz, já tinha uma nova namorada, que se chamava Cilly, pelo menos era isso que afirmava. Para Franz, isso não fazia a mínima diferença, ele via Cilly vez por outra na Prenzlauer Strasse. Só que lhe veio à cabeça uma negra suspeita quando o gago, depois de umas quatro semanas, perguntou por Fränze e se Franz já tinha se livrado dela. Franz achou que era uma piada esquisita e de início não compreendeu. Reinhold afirmou então: Franz teria prometido livrar-se dela logo. O que Franz negou, ainda era cedo demais. Só na primavera queria arranjar uma nova noiva. Já tinha olhado, roupas de verão Fränze não tinha, e ele não poderia comprar-lhe nenhuma; então no verão ela vai ter de ir embora. Reinhold, insatisfeito, achava que Fränze mesmo agora parecia bastante maltrapilha, nem eram de fato roupas de inverno as que ela usava, eram mais de meia-estação, nada para esta temperatura. Isso gerou uma longa conversa sobre a temperatura e o barômetro e as previsões meteorológicas, foram verificar nos jornais. Franz manteve a opinião, nunca dá para saber ao certo como ficará o tempo, Reinhold, porém, previa geada forte. Só então Franz percebeu que Reinhold também queria livrar-se de Cilly, que usava uma pele de coelho falsificada. É que ele falava sem parar da linda pele de coelho falsa. “O que é que vou fazer com um assado de coelho”, pensava Franz, “o

homem já está se tornando inconveniente.” “Homem, você deve estar ruim da cabeça, não posso carregar duas nas costas, sendo que já tenho uma nas minhas costas e os negócios não florescem como num jardim. De onde tirar sem roubar.” “Mas você nem precisa de duas. Onde foi que eu disse duas. Como é que eu iria exigir de alguém que dê conta de duas mulheres. Você não é turco.” “Mas foi isso o que eu disse a você.” “Pois é, também não estou falando isso. Quando foi que eu disse que você deveria assumir as duas. Por que não três. Não, mande aquela embora – ou você não tem alguém?” “Que alguém?” O que será que está falando, como o rapaz tem sempre minhocas na cabeça. “Outro cara também pode ficar com ela, com a Fränze.” E nosso Franz exulta, assenta um tapa no braço do outro: “Rapaz, você é uma pessoa esperta, mas deve ter frequentado a universidade, caramba, bato continência. Aí vamos fazer negócio em série, que tal, como no tempo da inflação?”. “Ora, por que não, seja como for, há mulheres demais.” “Muitas, demais. Caramba, Reinhold. Você é uma figura, ainda estou sem ar.” “Então, como fica?” “Vamos em frente, o negócio é certo. Vou procurar alguém. Logo encontro alguém. Perto de você pareço um bobo! Está difícil até de tomar fôlego.”

Reinhold olhou para ele. Este devia ter algum defeito de nascença. Na verdade, é um imbecil de marca maior, esse Franz Biberkopf. E

o homem pensou mesmo em se impingir duas mulheres de uma vez.

E Franz entusiasmou-se tanto com o negócio que logo se pôs a caminho para procurar o pequeno Ede, o aleijado, em sua toca: será que não queria ter uma namorada, ele mesmo estava com uma outra e gostaria de livrar-se dela.

Para o outro isso veio a calhar, queria mesmo dar um tempo no trabalho, então teria o auxílio-doença e poderia se cuidar um pouco, a fulana poderia então fazer compras para ele e ir à Caixa. Mas se instalar aqui comigo, digo logo, isto não vai dar.

Logo no dia seguinte pela hora do almoço, antes de sair novamente para a rua, Franz armou uma briga infernal diante da mulher do cocheiro em troca de nada. Ela subiu nas tamancas. Ele gritava com gosto. Uma hora depois, estava tudo resolvido: o corcunda ajudou-a a arrumar as coisas, Franz saíra correndo em fúria, a mulher do cocheiro montou acampamento na casa do corcunda, porque não sabia para onde ir. E logo o corcunda foi ao médico, tirou licença

médica; à noite, os dois juntos xingavam Franz Biberkopf.

Mas, na casa de Franz, quem se apresentou foi Cilly. O que você quer, minha filha? Está doentinha, onde dói, tadinha. “É para entregar uma gola de pele para o senhor.” Franz pega a gola de pele na mão com deferência. Coisa fina. Onde o rapaz arranja estas coisas bonitas? Da última vez só foram botas. Cilly, a ingênua, reclamou candidamente: “O senhor deve ser muito amigo do meu Reinhold?”. “Meu Deus, sim”, riu-se Franz, “ele me manda gêneros alimentícios e peças de roupa de tempos em tempos, coisas que ele tem sobrando. Da última vez, mandou-me botas. Só botas. Espere, a senhora pode dar sua opinião.” Só falta a Fränze, a bisca, a tonta, ter levado as botas consigo; onde será que estão, ah, aqui estão elas. “Veja, senhorita Cilly, estas ele me mandou da última vez. O que me diz dos canos altos de canhão? Aí cabem uns três homens. Enfie suas pernocas aqui dentro.” E logo ela entra nelas, dá risinhos, fica toda jeitosa, uma criaturinha, o que me diz, um pitéu, está incrivelmente bonita no casaco preto com debruns de pele, que boboca o Reinhold, mandá-la embora, onde será que fisga essas mocinhas bonitas. E lá está ela nos canos de canhão. E Franz pensa na situação anterior, tenho uma coleção de mulheres com guarda-roupa mensal, e já calça um pé, livra-se do outro sapato, atrás dela de botas. Cilly solta gritinhos, mas a perna dele cabe dentro, ela quer escapar, mas ambos dão pulinhos, e ela tem que carregá-lo consigo. Então, junto à mesa, ele surge com o

outro pé no cano da bota. Estão prestes a cair. Caem, gritos, senhorita, refreie sua fantasia, deixe os dois divertindo-se, têm agora uma consulta particular, para beneficiários da Caixa só depois, das cinco às sete.

“Ei, Franz, Reinhold está à minha espera, não diga nada a ele, por favor, por favor.” “Claro que não, meu anjinho.” E então a viu por inteiro à noitinha, a pequena choraminga. À noitinha, elas sempre se põem a xingar bastante e ela também é uma pessoa muito simpática, tem um belo guarda-roupa, o casaco praticamente novo, um par de sapatos de baile, vem logo trazendo tudo, homem, tudo isso foi Reinhold que lhe deu, ele parece fazer compras por atacado.

—

Com admiração e prazer, Franz agora sempre encontrava seu Reinhold. O trabalho de Franz não é fácil, ele já tem sonhos, preocupado com o fim do mês, quando Reinhold, o calado, começará a falar outra vez. Certa noite, lá está Reinhold a seu lado no metrô Alexanderplatz, em frente à Landsberger Strasse, perguntando-lhe se tem programa para a noite. Ora, ora, o mês

ainda nem acabou, o que há, e, na verdade, Cilly está esperando por Franz – mas ir

junto com Reinhold, naturalmente, a todo prazer. E caminham devagar a pé – o que o senhor acha, para onde – descem caminhando pela Alexanderstrasse em direção à Prinzenstrasse. Franz fica insistindo até descobrir aonde Reinhold quer ir. “Vamos até o Walter? Dançar?” Ele quer ir até o Exército da Salvação na Dresdener Strasse! Quer ouvir o que dizem. Que coisa. Bem a cara do Reinhold. Cada ideia que ele tem. E naquela ocasião Franz Biberkopf presenciou pela primeira vez uma noite com os soldados da salvação. Foi muito engraçado, ficou muito surpreso.

Às nove e meia, quando começaram os chamados para o banco dos pecadores, Reinhold ficou no salão de um jeito muito estranho, saiu em disparada como se alguém estivesse a persegui-lo, fora, fora, homem, o que há. Na escada, pôs-se a reclamar com Franz: “É preciso tomar cuidado com esses rapazes. Vão amolecendo você até que você perca o fôlego e diga sim a tudo”. “Ora, ora, comigo não, teriam de acordar de madrugada para isso.” Reinhold xingava ainda no Hackepeter na Prinzenstrasse, continuava sem parar e deixou escapar. “Quero me livrar das mulheres, Franz, não quero mais.” “Deus do céu, e eu que já estava contente esperando a próxima.” “Então você acha que é divertido para mim procurar você de novo na semana que

vem para que você pegue a Trude, a loira, de mim? Não nessa base...” “Se é por mim, Reinhold, não tem problema, e por que teria? Pode confiar em mim. Por mim, que venham ainda mais umas dez mulheres, arranjamos um lugar para todas, Reinhold.” “Me deixe em paz com as mulheres. E se eu não quiser, Franz?” E vá alguém entender, e este fica nervoso. “Não, se não quiser as mulheres, é muito simples, deixe pra lá. Elas sempre se arranjam. Essa uma que você tem, essa ainda pego para mim, e depois você deixa estar.” Dois vezes dois são quatro, se é capaz de fazer contas, entende, não há nada para ficar arregalando os olhos, e como ele arregala os olhos para a gente. Ora, e agora o que é, como o sujeito é engraçado, agora vai buscar seu café, limonada, não aguenta tomar aguardente, fica com as pernas bambas, mas em compensação, sempre mulheres. Reinhold nada disse por um tempo, e só quando já tinha emborcado três xícaras do café ralo, começou a falar de novo.

Que o leite é um alimento de alto valor nutritivo, é coisa que ninguém contestará seriamente, para crianças, principalmente para crianças pequenas, lactentes, além disso, é altamente recomendável aos doentes para o fortalecimento, sobretudo quando servido junto com uma dieta rica em nutrientes. Uma dieta para doentes em geral reconhecida por autoridades médicas, mas infelizmente pouco apreciada, é, por exemplo, a

carne de cordeiro. Portanto, nada contra o leite. Só que esta propaganda naturalmente não deve assumir formas grosseiras e falsas. Seja como for, pensa Franz: eu me atendo à cerveja; se for bem armazenada, não há nada a dizer contra a cerveja.

Reinhold volta suas pupilas para Franz – o rapaz parece abalado, que não caia em prantos: “Já estive lá duas vezes, Franz, no Exército da Salvação. Até já falei com um sujeito. A ele digo que ‘sim’, mantenho-me firme e depois desabo”. “E o que é?” “Sabe, logo me encho das mulheres. Você está vendo, homem. Depois de um mês, acaba. Por quê, não sei. Não gosto mais. E antes fico louco por uma, tem de ver, totalmente, a ponto de me internar numa cela forrada, louco assim. E depois: nada, ela tem de ir embora, não aguento vê-la, poderia até jogar dinheiro atrás dela só para não ver mais.” Franz fica atônito: “Homem, quem sabe você seja mesmo louco. Espere...”. “Aí fui até o Exército da Salvação, contei-lhes e depois rezei com um deles...” E Franz cada vez mais boquiaberto: “Rezou, mesmo?”. “Homem, se você se sente assim e não sabe o que fazer.” Caramba, caramba. Que rapaz é esse, quem diria. “E ajudou, durante umas seis, oito semanas, a gente pensa em outra coisa, a gente se controla e vai em frente, dá certo.” “Ora, Reinhold, quem sabe você deva ir até o hospital Charité. Ou talvez não devesse ter saído correndo lá do

salão. Poderia muito bem ter se sentado no banco da frente. Não precisa sentir vergonha de mim.” “Não, não quero mais, não adianta, é tudo besteira. Por que ia então me arrastar lá na frente e rezar, não acredito em nada mesmo.” “Sim, entendo. Se não acredita, então não adianta.” E Franz observava seu amigo, que olhava amargurado para a xícara vazia. “Será que posso ajudar você, Reinhold, eu – eu também não sei. Tenho de pensar no assunto. Talvez você precisasse ficar enjoado das mulheres de uma vez por todas ou coisa parecida.” “Poderia vomitar agora mesmo por causa da loira Trude. Mas amanhã ou depois de amanhã, aí você tinha de ver, quando aparecer a Nelly ou a Guste, ou seja qual for o nome, aí você tinha de ver o Reinhold. Com suas orelhas vermelhas. E só quero ter aquela, mesmo que você jogasse fora todo seu dinheiro, tem de ser aquela.” “De quê você gosta mais?” “Está querendo dizer com o que ela me atrai? Sim, o que vou dizer. Com nada. É aí que está. Uma tem – sei lá – o cabelo curtinho à la garçonnette ou faz piadas. Por que gosto delas, Franz, nunca sei. As mulheres, pergunte para elas, elas também ficam surpresas quando fico de olhos esbugalhados para elas como um touro e não desgrudo. Pergunte à Cilly. Mas não consigo me livrar, não consigo.”

Franz continuava a observar Reinhold.

Uma ceifeira de nome Morte, do grande Deus vem seu poder. Hoje afia a foice, que, bem amolada, não tarda a ceifar, vamos ter de suportar.

Um rapaz curioso. Franz sorri. Reinhold não sorri nada.

Uma ceifa de nome Morte, do grande Deus vem seu poder. Não tarda a ceifar.

Franz pensa: vamos ter de dar umas sacudidelas em você, homem. Vamos ter de te enfiar o chapéu no pescoço, dez centímetros mais fundo. “Está bom, vamos lá, Reinhold. Vou perguntar a Cilly.”

Franz reflete sobre o tráfico de moças E, de repente, não quer mais, quer algo diferente

Cilly, sentar no colo agora não. E não venha me bater. Você é minha fofinha. Adivinhe só com quem estive.” “Nem quero saber.” “Meu beicinho, biluzinha, com quem? Com – Reinhold.” Aí a pequena fica desconfiada, por que será: “Reinhold, ah, o que foi que ele lhe contou?”. “Ora, muita coisa.” “Ah. E você deixa que ele lhe conte tudo e ainda acredita, hein?” “Não é isso, Cillynha.” “Pois

então vou indo. Primeiro espero três horas inteiras por você e você inventa bobagens para me contar.” “Não é isso. Criatura [ela deve ter um parafuso frouxo], você é que vai me contar umas coisas. Não ele.” “O que há? Agora não entendo mais nada.” E então começou. Cilly, a criaturinha de cabelos pretos, enfureceu-se e, às vezes, nem conseguia falar de tantas faíscas que soltava, e Franz dava-lhe uns apertões enquanto contava, pois ficava tão bonita, um passarinho tão brilhante e vermelho como uma cereja, e ainda por cima se pôs a chorar quando tudo lhe veio à cabeça. “Pois bem, o homem, o Reinhold, não é amante nem cafetão, não é nem homem, apenas um patife. Anda por aí como um pardal na rua, faz pic pic e fisga as garotas. Uma dúzia delas poderia cantar uma ladainha para você. Você pensa que fui sua primeira ou a oitava? Quem sabe a de número cem. Se você lhe perguntar, nem ele saberá quantas já teve. E como as teve. Pois bem, Franz, se você dedurar o malandro, aí, vou dar a você, não, não tenho nada, mas você poderia ir à delegacia e buscar uma recompensa. Olhando para ele, ninguém diz, quando fica sentado, mergulhado em pensamentos, tomando seu café de chicória, sempre essa lavagem, sempre a lavagem. E então ele joga a isca para uma garota.” “Ele contou tudo isso.” “Primeiro você pensa, o que quer o rapaz, ele devia ir ao albergue Palme e pôr o sono em dia. E então ele retorna, um rapaz pimpão, um tipo distinto, digo a você, Franz, você põe a mão na cabeça, o que aconteceu com ele, será que ele passou por uma operação de

rejuvenescimento de ontem para hoje? Pois é, começa a falar e a dançar...” “O quê, dançar, o Reinhold?” “Claro, como não. Onde foi que o conheci? Na pista de dança, Chausseestrasse.” “Mas ele não move uma palha.” “Ele agarra você, Franz, onde estiver. E se é casada, ele não arreda pé, ele consegue ter a mulher.” “Tipo distinto.” Franz não parava de rir. Não me jures fidelidade, não me façam juramento, pois com o tempo a todos seduz a novidade. Corações ardentes nunca dão descanso, procuram distração em cada canto. Não me jures fidelidade, pois variação é minha verdade – assim como tu.

“E você fica rindo, homem. Não será igual a ele?” “Não, Cillynha, mas o sujeito é engraçado demais, e para mim se lamenta de que não consegue deixar as mulheres.” Não deixar, não deixar, não consigo deixar você. Franz despiu o paletó. “Agora ele tem a Trude, a loira, e, talvez, o que você acha, devo pegar a Trude dele?” Como esbraveja a mulher! Como sabe berrar a mulher! Berra a Cilly como um tigre selvagem. Arranca o paletó de Franz, atira-o no chão e eu não o comprei em consignação, qualquer hora ela ainda vai rasgá-lo, é bem capaz. “Homem, Franz, você foi enganado direitinho. O que há, o que há com a Trude, diga mais uma vez.” Urra como um tigre enlouquecido. E continua a gritar, assim vão chamar a polícia e pensar que a estou esganando. Fique frio, Franz. “Cilly, não comece a atirar as roupas. São

objetos de valor e difíceis de arranjar hoje em dia. Isso, passe para cá. Não morde nem nunca morde você.” “Não, mas você é bastante ingênuo, Franz.” “Bom, agora então sou ingênuo. Mas se ele é meu amigo, o Reinhold, e está em dificuldades e anda até a Dresdener Strasse para o Exército da Salvação e quer rezar, imagine só, então é preciso ajudá-lo se sou amigo dele. Não devo então pegar a Trude para mim?” “E eu?” Com você, com você vou é pescar. “Ora, então precisamos conversar a respeito, podemos tomar um trago e ver como vamos fazer isso. Onde é que estão as botas, as de cano alto? Dê uma olhada nelas.” “Me deixe em paz, homem.” “Mas só quero mostrar as botas para você, Cilly. É que elas, elas também vieram da parte dele. Você – lembra, naquele dia você me trouxe uma gola de pele. Pois bem. E antes, uma das garotas dele me trouxe as botas.” Contar tudo tranquilamente, por que não, não esconder nada, com franqueza tudo fica melhor.

Ela se senta na banquetta, olha para ele. E começa a chorar, não diz nada. “A coisa é essa. O homem é assim. Eu lhe prestei ajuda. É meu amigo. E não quero inventar nada para você.” Como fica olhando para ele. Uma raiva daquelas: “Que patife desgraçado, que sujeito desgraçado você é. Sabe, se o Reinhold é um canalha, você é muito pior do que – muito pior do que o pior dos cafetões”. “Não, não sou.” “Se eu fosse homem...” “Ora, é bom que você não seja um homem. Mas você não precisa ficar nervosa à toa,

Cillynha. O que aconteceu, eu contei. Enquanto ficava olhando para você, pensei no assunto. Não vou pegar a Trude, você fica aqui.” Franz se levanta, pega as

botas, atira-as sobre o armário. A coisa não vai dar, não vou fazer parte disso, ele arruína as pessoas, não faço parte disso. Algo tem de acontecer. “Cilly, hoje você fica aqui, amanhã cedo, quando Reinhold tiver saído, você vai até a Trude e conversa com ela. Vou prestar ajuda a ela, ela pode contar comigo. Diga, espere, ela deve vir até aqui, vamos juntos conversar com ela.”

E, quando no dia seguinte, por volta do meio-dia, a loira Trude está sentada junto com Franz e Cilly, já muito pálida e com expressão triste, Cilly lhe diz direto na cara que Reinhold a maltrata e não liga para ela. Tudo verdade. Quando Trude cai no choro, sem ao menos saber o que querem dela, Franz lhe explica: “O sujeito não é nenhum canalha. É meu amigo, não quero que nada o afete. Mas é uma crueldade o que ele faz. É uma maldade”. Ela que não deixe que ele a despache assim, e ele, Franz, irá, além disso... pois bem, vamos ver.

À noite, Reinhold vai buscar Franz em sua banca, faz um frio dos diabos, Franz aceita o convite para um grogue quente, deixa calmamente Reinhold desfiar seu prólogo, depois Reinhold dispara

imediatamente sobre o caso com Trude que ele está farto e precisa livrar-se dela ainda hoje.

“Reinhold, pelo jeito você já arranhou outra?” Ele tem de fato outra e o diz. Então Franz responde que não vai mandar Cilly embora, ela já se familiarizou por lá e é um pedaço de mulher muito decente, e ele, Reinhold, deve refrear-se um pouco como convém a um homem decente, isso não pode continuar assim. Reinhold não compreende, quer saber se é por causa da gola, da gola de pele. Trude lhe levaria, quem sabe, talvez um relógio, um relógio de bolso de prata ou um gorro de pele que tapa as orelhas, Franz bem que poderia precisar. Não, nada feito, chega de palavrório. Compro as minhas coisas sozinho. Franz quer então conversar amigavelmente com Reinhold, de homem para homem. E diz para ele o que andou pensando, hoje e ontem. Reinhold que fique agora com Trude, mesmo que a casa desabe. É só tentar acostumar-se, daí a coisa vai. Um homem é um ser humano e uma mulher também, caso contrário, ele pode arranjar uma prostituta por três marcos, esta fica satisfeita quando logo pode seguir sua ronda. Mas enrolar uma mulher com amor e sentimento e depois mandar embora, uma atrás da outra, não.

Reinhold fica ouvindo à sua maneira. Toma seu café devagar e faz que dormita. Diz calmamente que se Franz não quiser ficar com Trude, então não fique. Antes também dava certo sem ele. Então vai embora, não tem tempo.

De madrugada, Franz acorda e não consegue mais pegar no sono até o

amanhecer. Faz um frio de morte na casa. A seu lado, Cilly dorme e ronca. Por que não consegue dormir? Agora as carroças de verduras andam em direção ao mercado. Eu não gostaria de ser um cavalo, ficar andando de madrugada nesse frio. No estábulo, tudo bem, lá é quente. Como dorme essa mulher. Ela consegue dormir. Eu não. Os dedos dos pés congelaram, dá coceira, comichão. Tem uma coisa dentro dele, será o coração, o pulmão, a respiração, o sentimento interior está ali e dá um aperto, faz pressão, quem faz isso? A coisa não sabe quem faz isso. Só sabe dizer que está insone.

Um passarinho pousado numa árvore, agora durante seu sono, uma cobra passou por ele, o pássaro acordou com os guizos e o

bichinho está com as penas eriçadas, não sentiu cobra alguma. Ah, seguir respirando, aspirar o ar calmamente. Franz debate-se. O ódio de Reinhold pesa sobre ele e briga com ele. Ele avança pela porta de madeira e o acorda. Também Reinhold está deitado. Deitado ao lado de Trude. Dorme profundamente, no sonho ele mata, no sonho ele se desafoga.

Notícias locais

Foi em Berlim, na segunda semana de abril, quando o tempo às vezes já estava primaveril e, como a imprensa unânime destacava, um maravilhoso clima de Páscoa atraía as pessoas para o ar livre. Nessa época, em Berlim, um estudante russo, Alex Fränkel, matou a tiros a noiva, Vera Kaminskaia, uma artista de 22 anos, na pensão desta. A pedagoga, da mesma idade, Tatiana Sanftleben, que se associara ao plano conjunto de pôr fim à vida da amiga, no último instante, teve medo de sua decisão e fugiu quando Vera já estava estirada no chão, sem vida. Encontrou uma viatura da polícia, relatou os terríveis acontecimentos dos últimos meses e conduziu os policiais ao local onde Vera e Alex se encontravam mortalmente feridos. A polícia criminal foi acionada, a delegacia de homicídios enviou detetives ao local do acidente. Alex e Vera queriam casar-se, mas as condições financeiras

não permitiam a união em matrimônio.

Além disso, as investigações sobre os culpados da catástrofe do bonde elétrico na Heerstrasse ainda não se encerraram. O conteúdo dos interrogatórios das pessoas envolvidas e do condutor Redlich ainda está sob averiguação. Aguardam-se ainda os pareceres dos peritos técnicos. Somente após seu recebimento será possível investigar se a culpa foi do condutor por uso tardio dos freios ou se ocorreu uma concentração de circunstâncias infelizes que provocou a catástrofe.

Na bolsa de valores reinava uma tranquila movimentação financeira; as

cotações do mercado livre estavam mais estáveis, tendo em vista o comunicado do Banco Central do Reich, a ser publicado, que deve mostrar um quadro muito favorável com a retirada de circulação de 400 milhões em notas e uma redução de 350 milhões dos efetivos cambiais. Em 18 de abril, por volta das onze horas, as cotações eram: I. G. Farb, 260,5 a 267, Siemens e Halske, 297,5 e meio a 299; Dessauer Gás, 202 a 203, Celulose Waldhof, 295. Quanto ao petróleo alemão, houve algum interesse com 134,5.

Retomando o acidente da Heerstrasse com o elétrico, todas as pessoas gravemente feridas no acidente se encontram em recuperação.

Já no dia 11 de abril, o redator Braun foi libertado de Moabit pela força das armas. Foi uma cena de faroeste, a perseguição começou; por parte do presidente interino do Tribunal Criminal, foi enviado imediatamente um comunicado às autoridades judiciárias superiores. Prosseguem, no presente momento, os depoimentos das testemunhas e dos funcionários envolvidos.

Nessa época, a opinião pública de Berlim estava preocupada com o desejo de uma das mais importantes fábricas americanas de automóveis de conseguir propostas de firmas alemãs de capital sólido para a representação exclusiva, livre de concorrência de automóveis de seis a oito cilindros para o norte da Alemanha.

Finalmente, sirva o seguinte como orientação e dirijo-me nesse sentido aos moradores abrangidos pela central telefônica de Steinplatz: no teatro Renaissance da Hardenbergstrasse, a peça Coeur-Bube, esta encantadora comédia que associa um humor prazeroso a um sentido mais profundo, foi representada pela

centésima vez, com muitas honrarias relativas ao jubileu. Os berlinenses são convocados por cartazes a ajudar esta peça a alcançar honrarias ainda mais altas. É preciso, porém, levar diversos fatores em consideração: os berlinenses podem ser convocados em geral, mas podem estar impedidos por uma série de circunstâncias de atender a esse apelo. Podem, por exemplo, estar viajando e não ter conhecimento da existência da peça. Também podem estar em Berlim e não ter oportunidade de ver os anúncios do teatro nas colunas de reclames, talvez por estarem doentes e acamados. Numa cidade de quatro milhões de habitantes, isto significa uma quantidade considerável de pessoas. Em todo caso, poderiam ficar sabendo pelo rádio, pelas notícias publicitárias das seis da tarde, que Coeur-Bube, esta encantadora comédia parisiense que associa um humor prazeroso a um sentido mais profundo, está sendo apresentada já pela centésima vez no teatro Renaissance. A comunicação poderia, no máximo, provocar-lhes o pesar de não poder ir até a Hardenbergstrasse, pois, caso estejam realmente acamados, não poderiam de fato dirigir-se até lá. No teatro Renaissance, não existem, segundo informações confiáveis, quaisquer medidas para acolher camas hospitalares que, transportadas por ambulâncias, por exemplo, fossem colocadas aqui temporariamente.

Além disso, é difícil ignorar a observação: poderia haver pessoas em Berlim, e sem dúvida esse é o caso, que lerão o cartaz do teatro Renaissance, mas que, entretanto, duvidarão de sua veracidade, não da veracidade da existência do cartaz, e sim da verdade e também da importância de seu conteúdo reproduzido por letras impressas. Poderiam ler com desconforto, com desagrado e com relutância, talvez com irritação, a constatação de que a comédia *Coeur-Bube* é uma comédia encantadora, a quem encanta, o que encanta, com que encanta, como chega a me encantar, não tenho necessidade de me deixar encantar. Seus lábios poderiam contrair-se com o fato de que nessa comédia o humor prazeroso se associa a um sentido mais profundo. Não querem humor prazeroso, sua postura de vida é séria, seu estado de espírito está anuviado, porém elevado, houve alguns casos de luto na família. Tampouco se deixam ludibriar pela observação de que um sentido mais profundo está associado a um humor lamentavelmente prazeroso. Pois em sua opinião, não pode absolutamente acontecer uma anulação, uma neutralização do humor prazeroso. Sentido mais profundo tem necessariamente que existir sempre sozinho. Humor prazeroso deve ser aniquilado, como Cartago foi aniquilada pelos romanos ou outras cidades com outros meios dos quais não mais são capazes de se recordar. Algumas pessoas não acreditam de forma alguma no sentido mais profundo contido na peça *Coeur-Bube*, tão enaltecido pelas colunas de reclames. Um sentido mais

profundo: por que mais profundo e não simplesmente profundo: deve ser então mais profundo do que profundo? Assim polemizam.

É evidente: numa cidade grande como Berlim, muitas pessoas duvidam, reclamam, criticam muita coisa e também palavra por palavra do cartaz colocado pelo diretor ao custo de um bom dinheiro. Não querem saber absolutamente nada de teatro. E mesmo que não protestem e mesmo que amem o teatro, sobretudo o teatro Renaissance da Hardenbergstrasse, e mesmo até que admitam que nessa peça aconteça uma união do humor prazeroso com o sentido mais profundo, ainda assim não querem tomar parte nisso, pois têm outro programa para hoje à noite. Com isso, diminuirá muito o número de pessoas acorrendo à Hardenbergstrasse que poderiam eventualmente ensejar apresentações paralelas da peça Coeur-Bube em salas vizinhas.

Após esta digressão instrutiva sobre os acontecimentos públicos e privados

em Berlim, em junho de 1928, retornemos a Franz Biberkopf, Reinhold e sua praga de mulheres. É de se supor que também para estas informações exista apenas um pequeno círculo de interessados. Não queremos discorrer sobre os motivos disso.

Entretanto, isso não deveria impedir, de minha parte, de acompanhar tranquilamente os rastros de meu pequeno homem em Berlim, centro e leste, de fato, cada um faz o que considera necessário.

Franz tomou uma decisão devastadora. Não percebe que está a ponto de se sentar sobre urtigas

Reinhold não se sentiu muito bem após a conversa com Franz Biberkopf. Reinhold não era reconhecido, pelo menos até agora, por ser rude com as mulheres, como Franz. Alguém sempre tinha de ajudá-lo a livrar-se disso, e agora estava em apuros. As garotas corriam atrás dele, a Trude, que ainda estava com ele, a última, Cilly, e a penúltima, cujo nome já esquecera. Todas ficavam espionando ele, em parte ansiosas e preocupadas [as últimas da fila], em parte vingativas [as penúltimas], em parte novamente sequiosas de amor [as antepenúltimas]. A mais nova de todas, que já se vislumbrava no horizonte, uma certa Nelly, do mercado central, uma viúva, tinha imediatamente caído de amores e logo se levantado, quando uma após a outra, a Trude, a Cilly, e finalmente até mesmo como testemunha jurada um homem, um certo Franz Biberkopf, amigo de Reinhold, apareceram diante dela e a preveniram. Sim, Franz Biberkopf fez

isso. “Senhora Labschinsky – de fato esse era o nome de Nelly –, não faço isso de vir até a senhora para falar mal de meu amigo ou de quem quer que seja. De jeito nenhum. Não me meto nas roupas sujas das outras pessoas. Pois bem, mas o que é correto precisa se manter correto. Dar o fora nas garotas, uma atrás da outra, não é coisa que eu

aprove. E isso também não é amor verdadeiro.”

A senhora Labschinsky, cheia de desprezo, deixou seu peito ondear: o Reinhold que não venha com histórias por causa dela. Ela, “afinalmente”, não é nenhuma principiante com os homens. Franz prossegue: “Folgo em ouvir isso, isso me basta. Então a senhora deve estar ciente. Pois a senhora está realizando uma boa ação e é justamente isso o que me interessa. Sinto pena das mulheres, que ademais também são seres humanos como nós, eu e o próprio Reinhold. Ele vai se acabar com isso. Por isso não toma mais cerveja nem aguardente, só café aguado, não suporta nem uma só gota. Ele que se controle. Lá no fundo, ele tem uma boa índole”. “Sim, ele tem, ele tem”, chorava a senhora Labschinsky, Franz acenou com a cabeça com ar sério: “É por isso que me empenho, ele já passou por muita coisa, mas assim não pode continuar e precisamos dar um basta”.

A senhora Labschinsky, ao despedir-se, estendeu ao senhor Biberkopf sua robusta manopla: “Conto contigo, senhor Biberkopf”. Ela podia contar com ele. Reinhold não mudou. Era um homem sedentário, mas não deixava transparecer nada. Estava com Trude já há três semanas além do prazo, Franz era chamado diariamente pela mulher para fazer o relatório. Franz rejubilava: agora o prazo da próxima logo estará vencendo. Agora o negócio é estar atento. E pronto: certo dia, à hora do almoço, Trude, toda trêmula, comunica-lhe que Reinhold teria saído já duas noites em trajes finos. No dia seguinte, ela já sabia quem era: uma tal de Rosa, costureira de casas de botões, trinta e poucos, o sobrenome ainda não sabia, mas o endereço sim. Pois bem, então está tudo nos conformes, riu-se Franz.

Entretanto, não se tecem alianças eternas com as forças do destino. E o destino avança rápido. Se tiver dificuldades ao caminhar, use sapatos Leiser. Leiser é a maior sapataria da praça. E se não quiser caminhar, vá de carro: nsu convida-o para uma viagem de teste no automóvel de seis cilindros. Justamente nessa quinta-feira, Franz andava outra vez sozinho pela Prenzlauer Strasse, pois lhe ocorrera procurar seu amigo Meck, que há muito não via, assim por nada de especial, e depois queria lhe contar sobre Reinhold e as garotas, e Meck devia ficar admirado como ele, o Franz, conseguiu pôr um sujeito desses na

coleira e como ele o dobrou e agora precisa acostumar-se à ordem e vai se acostumar mesmo.

E, de fato, quando Franz entra com sua caixa de jornais no botequim, quem está vendo os meus olhos? Meck. Sentado lá com outros dois, petiscando. Franz logo se senta a seu lado e também petisca e, quando os outros dois se vão, se permitem alguns canecos grandes de cerveja a convite de Franz, e Franz, mastigando e bebendo, conta, e Meck, mastigando e bebendo, ouve-o com espanto e satisfação sobre o tipo de gente que existe por aí. Meck quer também manter segredo de tudo, mas de fato é uma história e tanto. Franz fica radiante e narra seu desempenho na coisa toda: como conseguiu afastar Nelly

– que era a senhora Labschinsky – de Reinhold, e este teve de ficar com Trude durante três semanas além do prazo, e agora havia uma tal de Rosa, costureira de casas de botões, mas essa casa de botão vamos manter bem fechada para ele. E assim Franz está lá, gordo, refestelado diante de seu caneco, montado na fartura. Exultai, ó gargantas, ó coros juvenis, um coral à nossa mesa canta, tralalá, um coral à nossa mesa canta. Três vezes três são nooove, bebemos feito porcos, três vezes três e um são dez, bebemos mais uma, duas, três, quatro, seis, sete.

Quem está junto ao balcão, lugar de servir, beber, cantar, quem sorri em direção àquela espelunca enfumaçada? O mais gordo de todos os porcos

gordos, o nobre senhor Pums. Ele sorri, ou expressa algo que ele chama de sorriso, mas seus olhinhos de porco estão vasculhando. Teria de pegar uma vassoura e furar um buraco nesta fumarada, caso quisesse enxergar alguma coisa. Aí três sujeitos abrem caminho em sua direção. São os rapazes que sempre se associam a ele nos negócios, rapaziada matreira. Rapaziada parecida, canalhice parecida. É melhor morrer cedo na forca do que procurar bitucas de cigarro na velhice. Eles coçam a cabeça a quatro, resmungam juntos, vasculham a espelunca. Teriam de pegar uma vassoura se quisessem enxergar alguma coisa aqui, um ventilador também resolveria. Meck dá uma cotovelada em Franz: “O grupo deles não está completo. Precisam de mais gente para sua mercadoria, o gordo não consegue arranjar gente suficiente”. “Andou me sondando também. Mas não vou me envolver com ele. Que tenho a ver com frutas? Deve ter muita mercadoria esse aí.” “Sabe-se muito bem que tipo de mercadoria é essa. Ele diz que são frutas. Não se deve fazer perguntas demais, Franz. Mas não é ruim manter-se perto dele, sempre se tira alguma vantagem. É um sujeito calejado, o velho, e os outros também.”

Às oito horas, 23 minutos, 17 segundos, mais um se aproxima do balcão, lugar de servir, beber, mais um – um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, minha mãe faz espaguete – quem será? O senhor poderia achar, o rei da Inglaterra. Não, não é o rei da Inglaterra, quando se dirige com grande séquito para a abertura do parlamento, um símbolo do sentido de independência da nação inglesa. Não é ele. Quem é então? São os delegados dos povos que assinaram em Paris o pacto Kellog, cercados por cinquenta fotógrafos, o tinteiro apropriado não pôde ser trazido até aqui devido à sua grande dimensão, precisaram contentar-se com um jogo de porcelana Sèvres? Também não são esses. É apenas, ele vem arrastando os pés, as meias de lã cinzentas escorregando, é Reinhold, uma figura muito insignificante, um rapaz cinzento vestido de cinza. Eles coçam a cabeça a cinco, procuram por ele no local. Teriam de pegar uma vassoura para enxergar alguma coisa aqui, um ventilador também resolveria. Franz e Meck, de sua mesa, observam atentos os cinco rapazes, o que farão e como se sentam juntos a uma mesa.

Quinze minutos depois, Reinhold irá buscar uma xícara de café e uma gasosa de limão e lançará um olhar penetrante no local. E quem sorrirá e acenará para ele da parede? Por certo, não o doutor Luppe, prefeito de Nuremberg, pois nesta manhã ele tem de proferir o discurso de saudação em comemoração ao dia de

Dürer⁸; depois dele discursaram o ministro do interior do Reich, doutor Keudell, e o ministro da cultura da Baviera, doutor Goldenberger, devido a isso, ambos não estão presentes aqui hoje, pois foram impedidos de vir. Wrigley P. R. pastilhas mastigáveis contribuem para dentes

saudáveis, hálito fresco, melhor digestão. Ninguém mais que Franz Biberkopf, sorriso de orelha a orelha. Alegra-se imensamente com a aproximação de Reinhold. Este é seu objeto de educação, é seu pupilo, esse ele vai agora prestar a seu amigo Meck. Olhe só como ele se aproxima. Esse está preso na rédea. Com seu café e a gasosa de limão, Reinhold se aproxima, senta-se com eles, ronrona para si e gagueja um pouco. Franz tinha grande vontade e curiosidade de tirá-lo da casmurrice e Meck deve ouvir: “Como vão as coisas em casa, Reinhold, tudo em ordem?”. “Pois é, a Trude está lá, a gente vai se acostumando.” Diz isso tão devagar, aos pingos, como um encanamento entupido. Ora, como Franz está feliz. Quase fica aos pulos, de tanto que se alegra. Isso foi obra dele. Quem mais, senão eu? E olha radiante para seu amigo Meck, que não lhe nega admiração. “E então, Meck, nós pomos ordem no mundo, conseguimos resolver tudo, que alguém venha me dizer o contrário.” Franz bate no ombro de Reinhold, que estremece e se afasta para trás: “Pois é isso, rapaz, é preciso controlar-se, então tudo corre bem no mundo. É o que sempre digo: controlar-se e suportar, que alguém venha me dizer

o contrário”. E Franz não para de se alegrar com Reinhold. Um pecador arrependido é melhor do que 999 justos.

“E o que diz a Trude, ela não está admirada de tudo estar em paz? E você, homem, não está aliviado de ter se livrado de todo o aborrecimento com as mulheres? Reinhold, as mulheres são boas e podem divertir a gente. Mas veja, se me perguntar o que ainda penso das mulheres, eu lhe digo: nada de muito poucas, mas também não demais. Se é demais, fica perigoso, deixe disso. Posso escrever um belo romance sobre isso.” Canção da Ida, Jardim do Paraíso, Treptow, sapatos de lona e depois Tegel. Triunfo, isso se dissipou, afundou, beba. “Vou ajudar você, Reinhold, para que as coisas funcionem com as mulheres, daí você não precisa ir ao Exército da Salvação, vamos cuidar de tudo melhor. Então, saúde, Reinhold, você ainda aguenta um caneco de cerveja.” Este brindou em silêncio com sua xícara de café: “Do que você vai cuidar, Franz, por quê, para quê?”.

Caramba, quase dei com a língua nos dentes. “É só maneira de dizer, pode confiar em mim, precisa pegar o costume de beber uma aguardente, uma aguardente de cominho, fraquinha.” Calmo, o outro: “Você está querendo bancar o doutor comigo?”. “E por que não. Conheço bem esses assuntos. Você sabe, Reinhold, ajudei

você com a Cilly e antes também. Não confia que agora também vou apoiar você? O Franz continua a ser amigo das pessoas. Ele sabe para onde ruma a estrada.”

Reinhold levanta a cabeça, olha-o com seus olhos tristes: “Ah, isso você sabe”. Franz sustenta o olhar do outro, não permite que lhe estraguem a

alegria, deixe que ele perceba alguma coisa, só pode lhe fazer bem quando perceber que os outros não se deixam intimidar.

“Sim, o Meck aqui pode confirmar a você, já passamos por muitas experiências e com base nisso colocamos mãos à obra. E depois a coisa com a aguardente; Reinhold, se puder aguentar, vamos fazer uma festa aqui, por minha conta, pago a festança toda.” Reinhold ainda fixa o olhar em Franz, que empina o peito, e no pequeno Meck, que o observa com curiosidade. Reinhold baixa os olhos e mete o olhar em sua xícara: “Você quer me curar e fazer de mim um maridão?”. “Saúde, Reinhold, que viva o maridão, três vezes três são nove, bebemos como porcos, cante conosco, Reinhold, todo começo é difícil, mas sem começo não tem fim.”

Companhia, sentido. Formar fileiras. Direita volver, marchar.

Reinhold emerge de sua xícara de café. Pums, que está ao lado dele com seu rosto gordo e corado, assopra-lhe algo no ouvido,

Reinhold dá de ombros. Depois Pums sopra através da fumarada espessa e cacareja alegre: “Já lhe perguntei uma vez, Biberkopf, como vai ser com o senhor, ainda vai continuar com a mercadoria de papel? O que se ganha com isso, cada um por dois pfennigs, cinco pfennigs por hora, ou o quê?”. E então as conversas vão de um lado para o outro, querem que Franz fique com uma carroça de frutas ou verduras, Pums fornece as mercadorias, o lucro é magnífico. Franz quer e não quer, os rapazes de Pums não lhe agradam, certamente vão me passar a perna. Reinhold, o gago, mantém silêncio ao fundo. Quando Franz lhe pergunta o que acha, percebe que Reinhold continuava a olhar para ele e só agora retornava o olhar para a xícara. “Então, o que acha, Reinhold?” Este gagueja: “Sim, também vou participar disso”. E quando Meck diz, por que não, Franz, Franz quer pensar no assunto, não quer dizer nem sim nem não, amanhã ou depois dará uma passada por aqui e discutirá o assunto com Pums, para saber como vai ser a coisa com as mercadorias, buscar a mercadoria, fazer as contas e qual a melhor zona para ele.

Todos já se foram, o boteco está quase vazio, Pums se foi, Meck e Biberkopf se foram, só há um condutor de bonde junto ao balcão, que debate com o dono do local sobre descontos dos salários, são muito altos. E o gago Reinhold continua sentado em seu lugar. Três garrafas vazias de gasosa de limão diante dele, um

copo meio cheio e a xícara de café. Ele não vai para casa. Em casa, a loira Trude está dormindo. Ele está pensando, matutando. Levanta-se, arrasta os pés pelo local, as meias de lã rasgadas. O homem tem um aspecto terrível, macilento, os sulcos fundos em volta da boca, os vincos horríveis na testa. Vai buscar mais uma xícara de café e uma limonada.

—

Maldito seja o homem, diz Jeremias, que confia nos homens, que faz da carne seu suporte e cujo coração se afasta de Deus. Parece o homem abandonado nas estepes, e não se apercebe quando algo de bom lhe acontece. Habita na secura, no deserto, em solo salobro onde ninguém mora. Bendito, bendito, bendito seja o homem que confia em Deus e cuja esperança é o Senhor. Ele se assemelha a uma árvore plantada à beira d'água, estendendo suas raízes no riacho. Não se apercebe quando chega o calor, e suas folhas permanecem verdes, na época da seca, pode ficar despreocupada, nunca cessará de dar frutos. O coração desconfia de tudo e está corrompido; quem poderá conhecê-lo?

—

Águas na densa floresta negra, terríveis águas negras, repousais tão mudas. Terrivelmente calmas estais. Vossa superfície não se move quando a tempestade agita a floresta e os abetos começam a curvar-se e as teias de aranha entre os galhos se rompem e o estilhaçar tem início. Permaneceis então embaixo no vale, ó águas negras, os galhos caem.

O vento arre pia a floresta, a tempestade não chega até vós. Não tendes dragões em vosso solo, a era dos mamutes passou, nada há que nos assuste, plantas apodrecem em vós, peixes, lesmas se movem. Nada mais. Embora seja assim, embora sejais apenas águas, sois sinistras, águas negras, águas terrivelmente calmas.

Domingo, 8 de abril de 1928

Vai ter neve, será que tudo vai ficar branco mais uma vez em abril?” Franz Biberkopf estava sentado à janela de seu pequeno quarto, apoiava o braço esquerdo sobre o parapeito, levava as mãos à cabeça.

Era de tarde, domingo, num quarto quente e aconchegante. Cilly já tinha aquecido o quarto à hora do almoço, agora dormia lá no

fundo, na cama, com seu gatinho. “Vai ter neve? Um ar tão cinzento. Seria bom.”

E quando Franz fechou os olhos, ouviu badalo de sinos. Ficou calado por alguns minutos, ouvindo as badaladas: bim, bã bim bã, bim bã, bim bã bim. Até que levantou a cabeça e escutou: eram dois sinos abafados e um agudo. Pararam de tocar.

Por que estão tocando agora, perguntou-se. De repente, recomeçaram, muito forte, insistentes, retumbantes. Um barulho terrível. Depois pararam. Num instante, fez-se silêncio.

Franz tirou o braço do parapeito, retornou para o quarto. Cilly estava

sentada sobre a cama, com um pequeno espelho na mão, grampos entre os lábios, cantarolava alegremente quando Franz se aproximou. “O que está acontecendo hoje, Cilly. É feriado?” Ela fuçava na cabeça. “Ora, é domingo.” “Não é feriado?” “Quem sabe feriado católico, não sei.” “Porque os sinos estão tocando tão alto.” “Onde?” “Ora, há pouco.” “Não ouvi nada. Você ouviu alguma coisa, Franz?” “Ouvi, claro. Um barulho e tanto, um barulhão.” “Você deve ter sonhado, homem.” Susto. “Não, não

estava sonhando. Estava ali sentado.” “Deve ter adormecido.”
“Nada disso.” Ele insistiu, estava todo rígido, movia-se lentamente, sentou-se em seu lugar na mesa. “Que coisa para se sonhar. Mas eu ouvi mesmo.” Engoliu um gole de cerveja. O susto não passou.

Olhou para o lado de Cilly, que já parecia bastante chorosa.
“Quem sabe, Cillynha, alguma coisa aconteceu a alguém.” E perguntou pelo jornal. Ela se pôs a rir. “Nada de jornal hoje, não aos domingos, homem.”

Ele procurou pelo jornal matutino, examinou as manchetes: “Só coisas sem importância. Não, não é nada disso. Não aconteceu nada”. “Se você está ouvindo os sinos aí dentro, então por certo deve ir à igreja.” “Ah, me deixe longe dos padres. Não têm nada a ver comigo. Só que é tão esquisito: a gente ouve algo e quando vamos ver depois não é nada.” Ficou pensando, ela estava ao lado dele, acariciando-o. “Vou dar um pulo lá embaixo, tomar ar fresco, Cilly. Uma horinha só. Quero ouvir se aconteceu alguma coisa. À tarde, sai o Die Welt ou o Montag Morgen, quero dar uma olhada.” “Você, Franz, com suas caraminholas. Vai estar escrito: um caminhão de lixo teve uma pane no Prenzlauer Tor e todo o lixo caiu no chão. Ou, espere um pouco: um vendedor de jornais tinha de trocar dinheiro e, por engano, deu o troco certo.”

Franz riu: “Ora, então vou indo. Até loguinho, Cillynha”. “Até loguinho, Franzezinho.”

Então, Franz desceu lentamente os quatro lances de escada e nunca mais viu

Cilly.

Ela esperou no quarto até às cinco. Como ele não voltava, foi até a rua e perguntou por ele nos botecos até a esquina da Prenzlauer. Ele não esteve em nenhum deles. Mas ele queria procurar sobre aquela história tola num dos jornais, pensou ela, aquela com a qual sonhou. Para algum lugar ele deve ter ido. Na esquina da Prenzlauer, a dona disse: “Não, aqui não esteve, mas o senhor Pums perguntou por ele e eu lhe disse onde o senhor Biberkopf mora, ele deve ter ido até lá”. “Não, na minha casa ninguém apareceu.” “Talvez ele não tenha achado o endereço.” “Pode ser.” “Ou encontrou o senhor Biberkopf na porta.”

Então Cilly ficou lá sentada até tarde da noite. O boteco se enchia. E ela a olhar para a porta. Uma vez correu até a casa e depois voltou. Só veio o Meck, ele a consolou e fez graças com ela por

uns quinze minutos. Disse: “O cara logo vai voltar; o rapaz está acostumado à boa comida. Não se preocupe, Cilly”. Mas, enquanto falava, ocorreu-lhe que Lina também se sentara ao lado dele e procurara por Franz na época em que houve a história com Lüders, a dos cadarços de sapatos. E ele próprio quase acompanhou Cilly quando esta retornou pela rua escura e escorregadia; mas não quis meter-lhe medo, talvez fosse tudo uma bobagem.

Cilly saiu de repente num ímpeto de raiva à procura de Reinhold; talvez este tivesse outra vez convencido Franz a aceitar uma mulher, Franz simplesmente a deixaria esperando sentada. O quarto de Reinhold estava trancado, ninguém estava lá, nem mesmo Trude.

Mais uma vez voltou ao boteco, esquina da Prenzlauer, sempre de volta ao botequim. Nevava, mas a neve derretia. Na Alex, os jornaleiros anunciavam o Montag Morgen, o Welt am Montag. Comprou um jornal de um jornaleiro desconhecido, folheou-o. E se algo acontecera em algum lugar, e ele estivera com a razão hoje à tarde. Pois bem, um acidente de trem nos Estados Unidos, em Ohio, e um confronto entre comunistas e portadores de suásticas, não, isso Franz não faz, grande incêndio em Wilmersdorf. O que

me importa isso. Passou perambulando pela resplandecente Casa Tietz e atravessou a rua para a escura Prenzlauer Strasse. Andava sem guarda-chuva, estava totalmente ensopada. Na Prenzlauer Strasse, diante da pequena confeitaria, havia um grupo de prostitutas, debaixo de guarda-chuvas, impedindo a passagem. Logo atrás, um sujeito gordo sem chapéu saindo de um vestibulo a abordou. Apressou o passo. O próximo aceito com certeza, o que o cara está pensando. Uma patifaria dessas jamais me aconteceu.

Eram nove e quinze. Um domingo horrível. A esta hora, Franz já estava estendido no chão de outro bairro, com a cabeça na sarjeta e as pernas na calçada.

--

Franz desce as escadas. Um degrau, mais um degrau, mais outro degrau, um degrau, degrau, degrau, quatro lances de escada, sempre para baixo, para baixo, para baixo, mais para baixo. A gente fica sonolenta, totalmente atordoada da cabeça. Fazes sopa, senhorita Stein, tens uma colher, senhorita Stein - tens uma colher, senhorita, fazes sopa, senhorita Stein. Não, para mim

aquilo não funciona, como suei com aquela peste. Preciso sair para respirar ar fresco. Corrimões, nenhuma iluminação decente, é capaz de a gente se machucar.

No segundo andar, abre-se uma porta, um homem desce atrás dele pesadamente. Que barriga esse deve ter para ficar arfando assim e ainda por cima quando desce. Lá embaixo, Franz para diante da porta, o ar está cinzento e suave, logo vai nevar. O homem da escada ofega ao lado dele, um homem pequeno, balofo, com um rosto pálido e inchado; usa um chapéu de feltro verde. “Parece que está um pouco ruim de fôlego, senhor vizinho?” “Sim, a gordura. E as escadas, sempre subindo e descendo.” Caminham juntos ao longo da rua. O ofegante arfa: “Hoje já foram cinco vezes os quatro lances de escada. Faça a conta: vinte lances, cada um em média com trinta degraus, escadas em caracol são mais curtas, mas são mais difíceis de utilizar, portanto, trinta degraus, cinco lances, 150 degraus. Para subir. E descer”. “De fato, trezentos. Pois para descer o senhor também precisa de esforço, bem que percebi.” “Está certo, também para descer.” “Eu procuraria uma outra profissão.”

Caem flocos pesados de neve, eles giram, é bonito de ver. “Ando atrás de anúncios, preciso fazer isso agora. Não existem dias de

semana ou domingos. Aos domingos até mais. No domingo, a maioria coloca anúncios, acha que vai dar mais certo.” “Sim, porque se tem tempo de ler o jornal. Dá para entender muito bem. Tem a ver com minha especialidade.” “O senhor também coloca anúncios?” “Não, só vendo jornais. Agora vou atrás de um para ler.” “Ora, já li todos hoje. Que tempo. Já viu uma coisa dessas.” “Abril, ontem ainda estava bonito. Preste atenção, amanhã vai estar claro outra vez. Aposto?” O outro engasga de tanto ofegar, os postes de iluminação já estão acesos junto a um deles, ele tira uma pequena agenda sem capa, afasta-a bem longe de si e lê. Franz argumenta: “Vai molhar tudo”. O outro não ouve, coloca o caderninho de novo no bolso, a conversa acaba, Franz pensa, vou me despedir. Então o baixote olha para ele sob o chapéu verde: “Diga, senhor vizinho, qual o seu meio de vida?”. “Por que a pergunta? Sou vendedor de jornais, vendedor autônomo de jornais.” “Ah, sim. E é assim que ganha o seu dinheiro?” “Sim, é isso mesmo.” O que quer esse sujeito, um cara engraçado. “Sim, veja bem o senhor, eu também sempre desejei essa coisa de ganhar meu dinheiro livremente. Deve ser bom, a gente faz o que quer e quando se trabalha bastante então tudo anda.” “Às vezes não é assim. Mas o senhor corre bastante, senhor vizinho. Hoje, no domingo, com um tempo desses, não tem muita gente correndo.” “Certo, certo. Corro a metade do dia. E quando não entra nada, não entra nada. As pessoas estão com o dinheiro curto hoje.”

“Que tipo de negócios faz, senhor vizinho – se me permite?”

“Tenho minha pequena aposentadoria. Eu queria, veja o senhor, ser um homem livre, trabalhar, ganhar meu dinheiro. Pois é, faz três anos que tirei minha aposentadoria, esse tempo todo trabalhei nos correios e agora só corro e corro. É assim: leio no jornal e depois vou até lá e olho o que as pessoas estão anunciando.” “Móveis, talvez?” “O que for, móveis de escritório usados, pianos de cauda Bechstein, umas drogas de tapetes persas, pianolas, coleções de selos, moedas, roupas de gente que morreu.” “É, muita gente morre.” “Um monte. Pois bem, então, subo e olho as coisas e depois ainda compro.” “E depois revende, entendo.”

Nisso, o asmático emudeceu de novo, comprimiu-se em seu casaco, caminharam pela neve macia. Então, junto ao poste seguinte, o gordo asmático tirou um maço de cartões-postais, lançou um olhar desolado para Franz, enfiou-lhe dois cartões na mão: “Leia, senhor vizinho”. No cartão, lia-se: “P.P. data do carimbo do correio. Devido a circunstâncias adversas, lamento informar que preciso cancelar o acordo firmado ontem.

Atenciosamente, Bernhard Kauer”. “Kauer é seu nome?” “Sim, foi feito numa máquina copiadora. Comprei em certa ocasião. Foi a única coisa que comprei. Faço então eu mesmo as cópias. Pode-se fazer até cinquenta por hora.” “Cada uma! Mas para que serve

tudo isso.” O sujeito não bate bem da cachola, também fica piscando a toda hora. “Leia aqui: cancelar devido a circunstâncias adversas. Compro e não posso pagar. Sem pagar, as pessoas não me deixam retirar. Mas não se pode exigir isso delas. E continuo a subir e a comprar, combino o negócio e fico contente, e as pessoas também ficam porque o negócio transcorreu bem e penso, que sorte tenho eu, tanta coisa bonita, maravilhosas coleções de moedas, podia lhe contar muita coisa, gente que de repente fica sem dinheiro, daí eu subo, olho tudo e elas me contam logo o que está acontecendo, quanta desgraça acontece por aí, se ao menos as pessoas tivessem um par de moedas nas mãos, em seu prédio também comprei alguma coisa, as pessoas têm tanta necessidade, uma máquina de torcer roupa e um pequeno refrigerador, ficam contentes de livrar-se deles. E depois desço, gostaria muito de comprar tudo, mas lá embaixo as preocupações me vêm à cabeça: nada de dinheiro e nada de dinheiro.” “E para a venda, o senhor deve ter alguém que lhe compre as coisas.” “Por assim dizer. Comprei então a copiadora para mim, faço cópias dos cartões-postais. Cada cartão me custa cinco pfennigs, ainda é despesa. E depois ponto final.”

Franz arregalou os olhos: “Estou de boca aberta, senhor vizinho. Não pode estar falando sério”. “As despesas, essas – às vezes

reduzo, economizo cinco pfennigs e à saída logo enfio meu cartão na caixa postal das pessoas.” “E anda

até gastar as pernas e ficar sem fôlego e para quê então?”

Estavam na Alexanderplatz.

Lá havia uma aglomeração, aproximaram-se. O baixote olhou furioso para Franz. “Experimente o senhor viver com 85 marcos por mês e sem conseguir ir adiante.” “Mas, homem, o senhor precisa cuidar do repasse da mercadoria. Se quiser, vou me informar junto aos meus conhecidos.” “Bobagem, nem incumbi o senhor de fazer isso, faço meus negócios sozinho, não faço negócios em sociedade.” Estavam no meio da aglomeração, era uma simples troca de insultos. Franz procurou o baixote, tinha ido embora, desaparecido. E vai continuar a correr desse jeito, admirou-se Franz, estou de boca aberta, como um peixe morto. Onde foi que aconteceu minha infelicidade? Entrou num pequeno boteco, tomou uma aguardente de cominho, folheou o Vorwärts, notícias locais. Não tem nenhuma notícia a mais do que o Morgenpost, tem uma grande corrida na Inglaterra, em Paris também; talvez tenham pago um dinheiro e tanto. Pode também ter sido uma grande felicidade, já que meus ouvidos estão zumbindo.

E está prestes a dar meia volta e ir para casa. Precisa então atravessar a rua e ver o que há na aglomeração. Salsichão com salada! Aqui, meu jovem, o salsichão. Montag Morgen, Die Welt, Die Welt am Montag!

O que o senhor diz desses dois; já estão se batendo há meia hora e sem motivo. Homem, vou ficar aqui até amanhã. O senhor deve ter comprado um lugar cativo aqui, de tão espaçoso que ele está. Nada disso, uma pulga não ocupa espaço. Ah, o sopapo, olhe só, está lhe dando uma lição.

E quando Franz abre caminho até a frente, quem bate em quem? Dois jovens, mas ele os conhece, são rapazes de Pums. E o que você diz agora? Pá, o comprido dá uma chave de braço no outro, pá, atira-o no chão lamacento. Menino, você deixa que ele o atire no chão; é um fracote. Para que o tumulto, gente. Ai meu Deus, polícia, os de uniforme verde. Polícia, polícia, sumam daqui. De capa contra a chuva, dois verdinhos abrem caminho entre a aglomeração. Zás trás, um dos lutadores se levanta no meio do formigueiro e dá no pé. O outro, o comprido, não consegue levantar-se tão rápido, levou um soco violento nas costelas, um daqueles bons. Então Franz vai se espremendo até a frente. Não vou deixar o homem caído, que gente essa, ninguém ajuda. E de

pronto Franz agarra-o sob os braços e lá se vão por entre as pessoas. Os verdinhos ficam à procura. “O que está acontecendo aqui?” “Dois caras estavam se socando.” “Dispersar, circular.” Eles cocoricam, mas sempre perdem a hora. Circular, é o que vamos fazer, senhor policial, nada de nervosismo à toa. Franz está sentado com o comprido na Prenzlauer Strasse numa entrada mal iluminada; dois números adiante fica a casa da qual um gordo sem chapéu sairá em mais ou menos quatro horas e abordará Cilly; ela segue em frente, o próximo ela vai aceitar com certeza, que pilantra o Franz, uma patifaria.

Franz está sentado na entrada de uma casa e dá umas chacoalhadas no preguiçoso Emil: “Reaja, homem, dê um jeito de irmos até o boteco. Não exagere, pode bem aguentar uma sova. Vá se lavar, está carregando todo o asfalto consigo”. Atravessam a rua. “Agora vou deixar você no primeiro boteco que aparecer, Emil, preciso ir para casa, minha noiva está esperando.” Franz aperta a mão do outro, este vira para trás mais uma vez: “Bem que poderia me fazer um favor, Franze. Preciso ir buscar hoje mercadoria com o Pums. Dê uma passada na casa dele, são uns três passos, nesta rua. Vá”. “O que vou fazer, homem, não tenho tempo.” “É só dizer que hoje não posso, ele está esperando. Se não ele não vai poder fazer nada.”

Franz esbraveja, vai andando, que tempo, em frente, homem, quero ir para casa, afinal também não posso deixar a Cilly esperando. Que imbecil, não tenho tempo de sobra. Corre. Parado num poste, um homem pequeno lê um caderninho. Quem será mesmo, esse eu conheço. O outro olha para cá, corre apressado ao encontro de Franz: “Ah, o senhor vizinho. O senhor é aquele da casa onde estavam a máquina de torcer e a geladeira. Sim. Aqui, entregue o cartão depois, quando for para casa, economizamos a postagem”. Dá o cartão na mão de Franz, cancelar devido a circunstâncias adversas. Depois, Franz Biberkopf continua seu caminho calmamente, mostrará o cartão a Cilly, não tem pressa. Acha graça no sujeito maluco, o baixinho doido dos cartões, que anda de um lado para o outro, compra e não tem dinheiro, mas tem um parafuso a menos, não é um franguinho comum, é um galo crescido que dá para sustentar uma família.

“Olá, senhor Pums. Boa noite. Surpreso que tenha vindo procurar o senhor. Então, o que devo lhe dizer. Estou andando pela Alex. Na Landsberger Strasse, acontece uma pancadaria. Penso, vou até lá. E quem está se estapeando? Quem? O seu Emil, o comprido, mais um baixinho que se chama Franz, como eu. O senhor deve saber.” A isso, o senhor Pums responde que já tinha pensado em Franz Biberkopf, percebera hoje à hora do almoço

que havia algo entre eles. “Pois bem, o comprido não vem. O senhor vai no lugar dele, Biberkopf.” “O que devo fazer?” “São quase seis horas. Às nove, precisamos pegar a mercadoria. Biberkopf, hoje é domingo, o senhor não tem mesmo o que fazer. Compenso suas despesas e ainda lhe pago um extra – vamos ver, digamos, cinco marcos a hora.” Franz fica hesitante: “Cinco marcos”. “Ora, estou num aperto e os dois me deixam na mão.” “O baixinho ainda vem.” “Então, combinado, cinco marcos, suas despesas, pois bem, cinco e cinquenta, não vou criar caso.”

Por dentro, Franz ri para valer quando desce as escadas atrás de Pums. Mas que domingo feliz, algo assim não cai do céu a toda hora, então é verdade, os sinos significam alguma coisa, agora vou embolsar, vejamos, quinze marcos ou vinte, no domingo, afinal, que despesas tenho. E fica contente, o cartão do maluco estala em seu bolso, diante da porta da casa quer despedir-se de Pums. Este fica surpreso: “Ora, penso que está combinado, Biberkopf”. “Está combinado, está certo, em mim pode confiar. Só que preciso sair, sabe, hã, hã, é que tenho uma noiva, a Cilly, talvez o senhor a conheça por intermédio de Reinhold, antes ela estava com ele. Não posso deixar a moça o domingo todinho sozinha em casa.” “Não, Biberkopf, não posso deixar que vá agora, depois vai tudo por água abaixo e fico na mão. Não, por

assunto de mulher, que coisa, Biberkopf, isso não dá, não vamos estragar o negócio por causa disso. Ela não vai fugir.” “Isso eu sei, bem disse o senhor, posso confiar nela. Pois é justamente por isso. Não quero deixar a moça plantada, sem ouvir nada e sem ver nada e sem saber de nada. O que vou fazer?” “Então vamos, tudo vai dar certo.”

“O que vou fazer?”, pensou Franz. Foram andando. Outra vez a esquina da Prenzlauer Strasse. Aqui e ali há algumas prostitutas paradas, as mesmas que Cilly verá algumas horas depois quando sair à procura dele, sempre procurando por Franz em suas andanças. O tempo avança, muita coisa acontece ao redor de Franz; logo entrará num carro, vão segurá-lo aqui. Agora pensa como poderá entregar rapidamente o cartão-postal do sujeito maluco e dar uma olhada em Cilly, a moça está esperando.

Caminha com Pums pela Alten Schönhauser Strasse, sobe até a ala lateral, lá fica o seu escritório, diz Pums. Há luz lá em cima, o cômodo parece mesmo um escritório, com telefone, máquinas de escrever. Uma senhora de certa idade, de rosto severo, entra e sai sempre da sala onde Franz está sentado com Pums: “Esta é minha mulher, senhor Franz Biberkopf, ele quer participar hoje”. Ela sai como se não tivesse ouvido nada. Franz lê enquanto Pums lida em

sua escrivadinha, quer ver algumas coisas no jornal Berliner Zeitung que está sobre a cadeira: 3.000 milhas marítimas numa casca de noz, de Günther Plüschow, Férias e Roteiros, a Conjuntura de Lania, o palco de Piscator, no teatro Lessing. O próprio Piscator assume a direção. O que é Piscator, o que é Lania? O que é envelope e o que é conteúdo, assim sendo, drama? Fim dos casamentos entre crianças na Índia, um cemitério para gado premiado. Pequena crônica: Bruno Walter rege seu último concerto nesta temporada, domingo, 15 de abril, na Städtischen Oper. Consta do programa a Sinfonia em

Mi bemol de Mozart, a receita líquida será destinada ao fundo para o monumento de Gustav Mahler, em Viena. Motorista de caminhão, cas. 32 anos, carteira de motorista 2 a, 3 b, procura emprego em empresa privada ou caminhão.

O senhor Pums procura na mesa fósforos para seu charuto. Então a senhora de certa idade abre uma porta camuflada com papel de parede e três homens entram lentamente. Pums não levanta os olhos. São todos gente de Pums, Franz aperta-lhes a mão. A mulher quer deixar a sala outra vez, então Pums acena para Franz: “Biberkopf, o senhor não queria entregar uma carta? Pois então, Klara, arranje isso”. “Muito gentil de sua parte, senhora Pums, poderia me fazer o favor? Mas não é uma carta, só um cartão, para minha noiva.” – E ele diz exatamente onde mora, escreve em

um envelope de Pums, e que se diga à Cilly que não se preocupe, ele vai voltar lá pelas dez horas e este cartão

-

Pronto, está tudo resolvido, ele fica bastante aliviado. A ruindade magricela lê o envelope na cozinha, mete-o no fogo; amassa o bilhete, joga-o no lixo. Depois, aninha-se junto ao fogão, continua a tomar o café, não pensa em nada, fica sentada, bebe, está quentinho. E a alegria de Biberkopf fica esfuziante quando ainda aparece, paramentado com um boné de aba larga, na farda verde e grossa de soldado – quem? Quem tem aqueles sulcos no rosto? Quem arrasta os pés como se puxasse uma perna e depois a outra da lama? Ora, Reinhold. Aí Franz se sente em casa. Que ótimo! Junto com você eu entro no negócio, Reinhold, aconteça o que acontecer. “O quê, você vai participar?” Reinhold funga, arrasta-se por ali. “Uma decisão e tanto de sua parte.” E então Franz começa a contar da pancadaria na Alex e de como ajudou o comprido Emil. Ouvidos ávidos acompanham, os quatro sujeitos, Pums continua a escrever, brindam uns com os outros, depois cochicham a dois. Um deles se mantém sempre ao lado de Franz.

Às oito horas, a viagem tem início. Todos estão bem encapotados, também Franz recebe um casacão. Ele afirma, radiante, que gostaria muito de ficar com ele e também com o gorro de peles, caramba. “Por que não”, dizem eles, “faça por merecer.”

Partem, escuro como breu lá fora e uma lama terrível. “O que vamos fazer?”, pergunta Franz, quando estão parados na rua. Dizem: “Primeiro arranjar um carro ou dois. E depois a mercadoria, maçãs ou o que houver, vamos apanhar tudo”. Deixam passar muitos carros, há dois automóveis parados na Metzer Strasse, pegam os dois, para dentro e chispa.

Os dois carros trafegam um atrás do outro por uma boa meia hora, na escuridão não se distingue direito a região, pode ser Weissensee ou Friedrichsfelde. Os rapazes dizem: o velho deve providenciar primeiro alguma coisa. E então param diante de uma casa, é uma alameda larga, talvez seja Tempelhof, os outros afirmam não ter ideia, fazem uma bela encenação.

Reinhold está sentado no carro ao lado de Biberkopf. Como mudou a voz desse Reinhold agora! Não gagueja, fala alto, a pose ereta de um capitão; o rapaz até dá risada, os outros do carro prestam atenção ao que diz. Franz puxa-o para perto de si: “E então, rapaz, Reinhold [sussurra junto à nuca do outro, sob o

chapéu], o que me diz? Não resolvi tudo direitinho com as mulheres? Não é verdade, rapaz?”. “E como, tudo bem, tudo bem.” Reinhold dá-lhe um tapa no joelho; que força tem o rapaz, o que se pode dizer, que punho tem o rapaz! Franz resfolega: “Não vamos perder os nervos por causa de uma moça, não? Essa ainda está pra nascer, hein?”.

A vida no deserto revela-se difícil muitas vezes.

Os camelos procuram e procuram sem parar e não conseguem encontrar e um belo dia encontram-se os ossos embranquecidos.

Numa carreira só, os dois carros partem a toda pela cidade quando Pums embarca outra vez com uma mala. São mais ou menos nove horas, param na Bülowplatz. E agora andam a pé, separados, sempre de dois em dois. Passam por debaixo do vão livre do transporte urbano. Franz diz: “Aqui estamos perto do mercado”. “É verdade; mas primeiro pegar e depois trazer para cá.”

De repente, os dois da frente somem de vista, é na altura da Kaiser-Wilhelm Strasse, perto da linha urbana, e então Franz

também desaparece com seu acompanhante num escuro vestibulo aberto de uma casa. “É aqui”, diz o outro ao lado de Franz, “pode jogar fora o charuto.” “E por quê?” O outro lhe aperta o braço, arranca-lhe o charuto da boca: “Porque estou lhe dizendo”. O outro desaparece pelo pátio escuro antes que Franz possa fazer alguma coisa. Dá para entender, dá para entender, deixam a gente parado na escuridão, onde se meteram os outros? E quando Franz dá uns passos hesitantes no pátio, logo uma lanterna se acende diante dele, fica ofuscado, é Pums. “Ei, o senhor, o que está querendo? Não há o que fazer por aqui, Biberkopf, o senhor fica lá na frente, tomando conta. Volte para lá.” “Ora essa, pensava que devia pegar coisas?” “Bobagem, volte para lá, ninguém lhe disse nada?”

A luz apaga, Franz volta para trás passo a passo. Algo treme dentro dele, engole em seco: “Que coisa é essa aqui, onde se meteram todos agora?”. Já está junto à porta da frente, chegam então dois deles por trás – roubo e

assassinato, roubam, arrombam, quero sair daqui, sair daqui, uma pista de gelo, um tobogã, cair fora fazendo um desvio pela água até a Alexanderplatz

– seguram-no, um deles é Reinhold, esse tem uma mão de ferro: “Não lhe disseram nada? Fique aqui parado, de sobreaviso”.

“Quem, quem disse isso?” “Homem, bico calado, estamos em apuros. Será que você não tem miolos; não faça cena. Agora fique aqui parado e assobie se houver alguma coisa.” “Eu...” “Bico calado, homem”, e um murro desaba sobre o braço direito de Franz, que o obriga a se contorcer.

Franz fica sozinho no vestibulo de breu. Treme de verdade. O que estou fazendo aqui parado? Eles me enganaram direitinho. Aquele cachorro me bateu. Estão roubando lá atrás quem sabe o quê, comerciantes de frutas, que nada, são ladrões. A longa alameda de árvores negras, o portão de ferro, depois do encerramento todos os prisioneiros devem se recolher, no verão lhes é permitido ficar acordado até o cair da noite. Isto é um bando, Pums comanda. Devo ir embora, não devo, devo, o que devo fazer. Eles me atraíram para cá; que patifes. Devo ficar de tocaia.

Franz ficou ali, treme, apalpava seu braço esmurrado. Prisioneiros não devem encobrir doenças nem inventá-las; passível de punição. Um silêncio de morte na casa; buzinas de carro vindas da Bülowplatz. Lá atrás, vindos do pátio, estalidos e barulhos; vez por outra, acendia-se uma lanterna, bzzt, um deles sumia no porão com uma lanterna furta-fogo. Eles me prenderam aqui, melhor pão seco e batatas cozidas do que ficar de tocaia para

esses malandros. Vários faroletes brilham no pátio, o homem do cartão veio à cabeça de Franz, um sujeito curioso, bem curioso. E ele não consegue sair do lugar, estava pregado pelos pés; desde que Reinhold o machucou, foi assim, ficou pregado. Queria, gostaria, mas não conseguia, não se livrava daquilo. O mundo é de ferro, não se pode fazer nada, vem chegando como um rolo compressor, não se pode fazer nada, lá vem ele, está vindo, estão dentro dele, é um tanque, demônios com chifres e olhos flamejantes lá dentro despedaçam a gente, estão ali com suas correntes e dentes que nos dilaceram. E isso fica correndo e ninguém consegue escapar. Relampejos na escuridão; quando houver luz veremos tudo, como ficou, como aconteceu.

Quero ir embora, ir embora, os malandros, os cachorros, não quero nada disso. Apalpou as pernas, seria uma piada se eu não pudesse sair daqui. Moveu-se. Como se alguém tivesse me jogado dentro de um mingau grosso, e não sou capaz de me livrar dele. Mas estava dando certo, dando certo. Difícil, mas dava certo. Estou avançando, eles que roubem, vou sair de fininho. Tirou o casaco, voltou ao pátio, lentamente, amedrontado, mas tinha de lhes jogar o casaco na cara, no escuro, atirou o casaco contra a casa dos fundos. Então

surgiram luzes outra vez, dois homens passaram por ele correndo, com casacos, montes deles, carregados, os dois carros pararam

diante da entrada do portão; ao passar, um dos homens bateu novamente no braço de Franz, uma pancada de ferro: “Tudo em ordem, hein?”. Era Reinhold. Agora dois outros corriam com cestos, depois outros dois, de um lado para o outro, sem luz, passavam por Franz, que nada mais fazia além de ranger os dentes e cerrar os punhos. Alvoruçavam-se como loucos no pátio e pelo corredor, de um lado para o outro no escuro, caso contrário teriam se assustado com Franz. Pois não era mais Franz que estava ali. Sem casaco, sem boné, os olhos saltados, as mãos nos bolsos e à espreita para ver se reconhecia algum rosto, quem é esse, quem é esse, nada de faca, espere só, talvez no bolso, rapazes, vocês não conhecem Franz Biberkopf, vão ver uma coisa se o agarrarem. Então quatro deles, um atrás do outro, correram para fora, carregados, um baixote redondo pega Franz pelo braço: “Venha, Biberkopf, hora de partir, tudo em ordem”.

E Franz enfiado entre os outros num carro grande. Reinhold está sentado ao seu lado, comprime Franz fortemente junto de si, este é o outro Reinhold. Partem sem acender a luz dentro do veículo. “Por que está me apertando”, sussurra Franz; não tenho nenhuma faca escondida.

“Cale o bico, boca fechada, cara; ninguém dá um pio.” O carro da frente corre em disparada; o chofer do segundo carro olha para trás à direita, pisa no acelerador, grita para trás pela janela aberta: “Alguém está vindo atrás de nós”.

Reinhold põe a cabeça para fora da janela: “Rápido, depressa, vire a esquina”. O outro carro sempre atrás. Então Reinhold vê a cara de Franz à luz de um poste: ele está radiante, uma cara feliz. “De que está rindo, seu macaco, deve ter ficado louco de todo.” “Posso rir quanto quiser, você não tem nada a ver com isso.” “Ah, não?” Que gatuno, um ladrãozinho de meia tigela. E de repente um raio percorre Reinhold, uma coisa em que não tinha pensado durante a viagem toda: este é o Biberkopf que o deixou na mão, que lhe enxotou as mulheres, está comprovado, este porco atrevido, gordo, e foi a ele que também contei tudo a meu respeito. De repente, Reinhold não pensa mais na viagem.

Águas na floresta negra, estais tão calmas. Terrivelmente calmas estais. Vossa superfície não se move quando a tempestade agita a floresta e os abetos começam a curvar-se e as teias de aranha entre os galhos se rompem e o estilhaçar tem início. A tempestade não vos atinge aí embaixo.

Este cara, pensa Reinhold, está numa boa e deve pensar que o carro de trás

vai nos pegar e aqui estou eu, sentado, e ele, o animal, me fez sermões sobre mulheres, e eu tenho de me controlar.

Franz continua a rir em silêncio, olha para trás, para a rua, pelo pequeno vidro do carro, sim, o carro os persegue, foram descobertos; espere só, este é o castigo e mesmo que eu me afunde com eles, ninguém vai me fazer mal, os malandros, os patifes, o bando de criminosos.

Maldito seja o homem, diz Jeremias, que confia nos homens. Parece o homem abandonado nas estepes. Habita na secura em solo salobro onde ninguém mora. O coração desconfia e está corrompido; quem poderá conhecê-lo?

Então Reinhold fez um sinal furtivo ao homem à sua frente, no carro, alternam-se luz e escuridão, agora é uma caçada. Furtivamente, Reinhold enfiou a mão na maçaneta da porta bem ao lado de Franz. Embicam numa alameda larga. Franz ainda olha para trás. De repente, é agarrado pelo peito, empurrado para frente. Tenta erguer-se, bate no rosto de Reinhold. Este, porém, é

tremendamente forte. O vento sopra no carro, a neve esvoaça para dentro. Franz é empurrado de viés sobre os fardos contra a porta aberta, aos gritos, tenta agarrar o pescoço de Reinhold. Então um golpe de bastão vindo pelo lado atinge-o no braço. O outro dentro do carro aplica-lhe um golpe no quadril esquerdo e o empurra. Cai dos fardos de pano e, estendido, Franz é empurrado pela porta aberta; tenta agarrar-se onde pode, usando as pernas. Seus braços prendem-se ao estribo do carro.

Atinge-o então um golpe de bastão na nuca. Curvado sobre ele, Reinhold atira o corpo na rua. A porta se fecha estrondosamente. O carro que os persegue passa por cima do homem. A caçada prossegue na nevasca.

—

Alegremo-nos quando o sol nasce e surge a maravilhosa luz. A luz a gás pode apagar-se, também a elétrica. As pessoas levantam-se quando seu despertador ressoa, começou um novo dia. Se antes foi o dia 11 de abril, agora é o dia 12, se foi domingo, agora é segunda-feira. O ano não mudou, tampouco o mês, mas ocorreu uma transformação. O mundo continuou a girar. O sol nasceu. Não há certeza do que seja este sol. Os astrônomos ocupam-se

muito com este corpo celeste. Ele é, dizem, o corpo central de nosso sistema planetário, pois nossa Terra é apenas um pequeno planeta e, de fato, o que somos nós? Quando o sol nasce assim e nos alegramos, deveríamos na verdade ficar consternados, pois o que somos nós, o sol é trezentas mil vezes maior do que a Terra e quantos números e zeros existem ainda dizendo todos que somos um zero ou nada, absolutamente nada. Na verdade, é ridículo alegrar-se com isso.

E, no entanto, nos alegramos quando a maravilhosa luz surge, branca e forte, e chega às ruas, aos quartos, despertam todas as cores e os rostos aparecem, os traços. É aconchegante sentir formas com as mãos, mas é uma felicidade enxergar, enxergar as cores, as linhas. E nos alegramos e podemos mostrar o que somos, o que fazemos, o que vivenciamos. Alegramo-nos também em abril com o pouquinho de calor, como as flores se alegram por poderem crescer. Deve haver um engano, um erro nos terríveis números com todos aqueles zeros.

Desponta, ó sol, tu não nos assustas. Os muitos quilômetros não nos importam, o diâmetro, teu volume. Sol cálido, desponta, luz clara, desponta. Não és grande, não és pequeno, tu és uma alegria.

—

Neste instante, ela acabou de descer satisfeita do Expresso Norte de Paris, a figurinha despretensiosa de casaco debruado de pele, com seus enormes olhos e seus minúsculos pequineses, Black e China, nos braços. Fotógrafos e ruídos de manivelas. Com um sorriso suave, Raquil submete-se ao que ocorre à sua volta, a maior alegria é o buquê de rosas amarelas da colônia espanhola, pois marfim é sua cor predileta. Com as palavras: “Estou louca de curiosidade para conhecer Berlim”, a mulher famosa entra em seu carro e desaparece na cidade matinal, fugindo aos acenos da multidão.

SEXTO LIVRO

—

Agora vocês não veem Franz Biberkopf beber e se esconder. Agora vocês o veem rir: é preciso dançar conforme a música. Está furioso porque foi subjugado, nunca mais alguém há de subjugá-lo, nem mesmo o mais forte. Levanta o punho contra o poder obscuro, sente algo erguer-se contra si, mas não consegue ver, o martelo ainda deverá arremessar-se contra ele.

—

Não há motivo para desespero. Para continuar a narrar esta história e conduzi-la a seu duro, terrível e amargo fim, ainda utilizarei com frequência estas palavras: não há motivo para desespero. Pois o homem

sobre quem relato não é um homem comum, tal como perfeitamente o compreendemos e por vezes dizemos: poderíamos ter feito o mesmo que ele, passo a passo, e vivenciado o mesmo que ele. Prometi, embora não seja habitual, não ficar calado diante desta história.

Trata-se da mais crua verdade o que relato sobre Franz Biberkopf, que saiu de casa na maior ingenuidade, participou contra sua vontade de um arrombamento e foi jogado diante de um carro. Ficou entre as rodas aquele que, indubitavelmente, realizou os mais honestos esforços de trilhar, de maneira ordeira, seu caminho permitido e legal. Não é isso justamente de desesperar, que sentido deve então haver neste absurdo descarado, repugnante e deplorável, que sentido dissimulado deve ser aí inserido, e talvez até estabelecer a partir disso um destino para Franz Biberkopf?

Digo: não há motivo para desespero. Sei de algumas coisas, talvez alguns dos que leem isto já vejam algumas coisas. Ocorre aqui uma lenta revelação, havemos de vivenciá-la como Franz a experiência e então tudo ficará claro.

Bens indevidos bem florescem

Como Reinhold estava bem motivado, continuou dessa maneira. Só voltou para casa na segunda-feira à hora do almoço. Estendamos, caros irmãos e irmãs, o véu do amor ao próximo por dez metros quadrados sobre o tempo intermediário. Sobre o tempo precedente, não será possível. Contentamo-nos em

constatar que, depois que o sol despontou pontualmente na segunda-feira cedo e que aos poucos se iniciou o conhecido burburinho de Berlim – e pontualmente à uma da tarde, portanto às treze horas, Reinhold expulsou Trude de casa, cuja validade já caducara, mas, sedentária como era, não queria ir embora. Que bem-estar o meu no fim de semana, larilará, quando o bode persegue a cabrita, larilará. Um outro narrador provavelmente teria agora destinado uma punição para Reinhold, mas não tenho culpa, esta não aconteceu. Reinhold estava alegre e, para intensificar essa sensação, com a finalidade de favorecer seu crescente estado de alegria, botou Trude para fora, que era de natureza sedentária e, por conseguinte, não queria ir embora. Na verdade, ele mesmo também não o queria, o ato consumou-se, entretanto, apesar de sua não-vontade, de certa forma, automaticamente, consumou-se principalmente com a participação do seu mesencéfalo: é que ele estava fortemente alcoolizado. Até mesmo o destino então veio em auxílio do homem. A embriaguez pelo álcool faz parte das coisas que deixamos de lado na noite anterior, devemos apenas, rapidamente, para poder prosseguir, liquidar alguns saldos. Reinhold, este fracote, que para Franz era motivo de riso, e que nunca conseguira pronunciar uma palavra dura ou enérgica a uma mulher, conseguiu à tarde, às treze horas, surrar Trude terrivelmente, arrancar-lhe os cabelos, partir-lhe um espelho na

cara, fez tudo isso e, por último, quando ela se pôs aos berros, socou-lhe as fuças até sangrar, tanto que à noite, quando a levou ao médico, o rosto dela estava tremendamente inchado. A moça tinha, no espaço de poucas horas, sofrido a perda de toda sua beleza, e isso em decorrência das enérgicas investidas de Reinhold, a quem queria responsabilizar judicialmente pelo ocorrido. Nesse meio tempo, precisava aplicar pomada nos lábios e fechar a matraca. De tudo isso, conforme dito, Reinhold foi capaz porque algumas doses de aguardente lhe narcotizaram o cérebro e como decorrência seu mesencéfalo, que no caso dele, em geral, era muito mais ativo, agiu livremente.

Ele mesmo, no fim da tarde, embora em mau estado, porém consciente, ele mesmo constatou embasbacado algumas transformações alvissareiras em sua casa. Aparentemente, Trude tinha ido embora. Por sinal, totalmente. Pois os pertences também se foram. Além disso, o espelho estava quebrado e alguém tinha vulgarmente cuspidado no chão, por sinal, uma cusparada com sangue. Reinhold inspecionou os estragos à sua volta. Sua própria boca estava intacta, então quem cuspira fora Trude, e ele havia lhe socado o focinho. Isso elevou de tal maneira seu entusiasmo e autoestima que começou a rir alto. Pegou um caco de espelho do chão e mirou-se: e então, Reinhold, você conseguiu, eu jamais

teria imaginado! Reinholdzinho, Reinholdzinho! Como estava contente. Dava tapinhas nas bochechas.

E ponderou: será que outra pessoa a botou para fora, quem sabe o Franz? Os fatos da noite e da madrugada ainda não estavam bem claros para ele. Desconfiado, chamou sua senhoria, a velha alcoviteira, e sondou-a: “Uma barulheira e tanto aqui em casa hoje, não?”. E ela logo soltou o verbo: ele teria agido certo com a Trude, uma criatura preguiçosa, nem mesmo queria passar a ferro uma combinação. O quê, ela usa combinação, uma coisa que ele não suportava. Então tinha sido ele mesmo. Como ficou feliz o Reinhold. E veio-lhe à cabeça tudo sobre a noite e a madrugada. Belo passeio, bela coleta, uma rasteira no gordo Franz Biberkopf, tomara que tenha sido atropelado e morto e a Trude esteja na rua. Homem, que saldo positivo!

O que vamos fazer agora? Primeiro, uma bela fatiota para a noite. E que alguém venha me falar de aguardente. Não queria e não queria chegar perto, que besteira. E quanta energia poupada, quanta coisa conseguimos fazer.

Enquanto trocava de roupa, aparece um sujeito mandado por Pums, sussurra e cochicha e faz pose e salta de uma perna para a outra e que Reinhold vá logo para o botequim. Porém, demora

uma boa hora até que nosso Reinhold se ponha a caminho. Hoje é dia das mulheres, hoje o Pums que se vire sozinho. Do outro lado, no boteco, todos tremem até os ossos, Reinhold tinha lhes pregado uma boa peça com Biberkopf. E se este não estiver morto, vai nos dedurar a todos. E se estiver morto, homem de Deus, então sim, então estamos todos fritos. Aí fazem perguntas na casa onde ele mora e sabe-se lá o que vão descobrir.

Entretanto, Reinhold está feliz, e a felicidade lhe presta auxílio. Nada a fazer com ele. É o dia mais feliz de que se recorda. Agora ele tem a aguardente e pode fisgar mulheres e despachá-las quanto quiser. Vai conseguir livrar-se delas logo, esta é a mais magnífica novidade. Quer logo dar um giro, mas os rapazes de Pums não o deixam sair até que prometa permanecer uns dois ou três dias com eles em Weissensee para se esconder. Têm de ver o que de fato aconteceu com Franz e o que vai sobrar para eles. Ora, Reinhold promete.

E na mesma noite logo esqueceu e se foi. Mas a ele nada acontece. Eles ficam plantados em Weissensee em sua toca e padecem um medo danado. Retornam furtivamente à casa dele no dia seguinte para buscá-lo, mas ele tem de sair de novo atrás de uma tal de Karla, que descobrira na noite anterior.

E Reinhold é quem tem razão. Nada se sabe de Franz Biberkopf. Não se vê nada, não se ouve nada sobre ele. O homem desapareceu da face da Terra. Por nós, tudo bem. E todos voltam a palmilhar as ruas e reocupam satisfeitos os seus territórios.

No quarto de Reinhold, porém, a tal de Karla fuma, uma mulher bem loira, cor de palha, trazendo para ele três grandes garrafas de aguardente. Ele beberica, sempre um pouquinho, ela, ao contrário, mais, por vezes até em exagero. Ele pensa: vá bebendo, só bebo quando chegar minha hora e isto significa para você: adeusinho.

Há entre os leitores alguns que estão preocupados com Cilly. O que será da pobre moça agora que Franz sumiu, se Franz não estiver vivo e estiver morto e simplesmente não estiver lá? Oh, ela vai se arranjar, nada de preocupação com ela, não é preciso se preocupar, tipos assim sempre caem de pé. Cilly, por exemplo, ainda tem dinheiro para dois dias e, na terça-feira, como logo

imaginei, dá de cara com Reinhold, que anda à cata de uma mulher, o mais

refinado estroina de Berlim Centro, vestindo uma camisa de seda de verdade. E Cilly fica perplexa ao vê-lo, e não consegue descobrir se está de novo apaixonada pelo sujeito ou se deve ajustar as contas com ele de uma vez por todas.

Traz consigo, numa adaptação livre de Schiller, o punhal nas vestes. Trata-se apenas de uma faca de cozinha, mas quer dar o troco a Reinhold pela patifaria, não importa onde o golpe o atinja. Lá está ela então diante da porta de sua casa, e ele tagarela amigavelmente, duas rosas vermelhas, um beijo frio. E ela pensa: tagarele você até amanhã, depois vem a punhalada. Mas onde? Isso a deixa confusa. Não se deve apunhalar um tecido tão bonito, o homem veste um traje tão fino, e este lhe cai lindamente. Foi ele, diz ela, andando ao lado dele pela rua, que lhe enxotou o Franz. E qual a razão? O Franz não vem para casa, não apareceu até hoje, mas acontecer algo a ele não acontece e, além disso, a Trude do Reinhold foi embora. Então é isso, certo como dois mais dois são quatro, e ele nem precisa responder, Franz se foi com a Trude, foi Reinhold que a impingiu a ele e isto agora é o cúmulo.

Reinhold fica surpreso como ela raciocina isso tudo tão depressa. Ora, ela esteve há pouco lá em cima na casa dele e a senhoria lhe contou da briga com a Trude. Seu vagabundo, xinga Cilly, e gostaria de tomar coragem com a faca de cozinha, você tem outra de novo, dá para notar na sua cara.

A dez metros de distância, Reinhold percebe: 1. essa está sem dinheiro, 2. está furiosa com Franz e 3. está caída por mim, ama o distinto Reinhold. Nessas roupas, todas as mulheres o amam, ainda mais se for uma recaída, a assim chamada reprise. Dá-lhe então dez marcos para o item um. Em relação ao item dois, vocifera contra Franz Biberkopf. Onde está metido o sujeito, também gostaria de saber. [Remorsos, onde estão os remorsos, Orestes e Clitemnestra, Reinhold não conhece tais senhores nem de nome, simplesmente gostaria, com toda sinceridade, do fundo do coração, que Franz estivesse mortinho e jamais fosse encontrado.] Cilly, todavia, também não sabe onde está Franz e isto é um indício, argumenta Reinhold comovido, de que o homem foi desta para a melhor. E então Reinhold se refere de maneira afável ao item três, relativo à recaída de amor: agora estou ocupado, mas passe em maio para saber. Você deve estar doido, ela o xinga e mal consegue acreditar de tanta alegria. Comigo tudo é possível, responde ele radiante, despede-se e continua o

passeio. Reinhold, ó Reinhold, és meu cavalheiro, Reinhold, ó meu Reinhold, só amo a ti.

Diante de todo botequim, ele agradece ao Criador pela existência da aguardente. E se todos os botecos fecharem ou a Alemanha adotar a Lei Seca,

o que vou fazer então? Ora, será preciso fazer a tempo um bom estoque em casa. Vamos começar já. Sou um rapaz esperto, pensa, quando está na loja comprando várias marcas. Sabe que tem um cérebro e, se necessário, um mesencéfalo.

Assim, pelo menos por enquanto, terminou para Reinhold a noite do domingo para a segunda-feira. E se alguém ainda perguntar se há justiça no mundo, vai ter de se contentar com a resposta: pelo menos até esta sexta-feira, não.

Noite de domingo, segunda-feira, 9 de abril

O grande carro particular no qual Franz Biberkopf foi colocado – inconsciente recebeu cânfora e morfina de escopolamina – corre em disparada durante duas horas. Chega-se então a Magdeburg. Perto de

uma igreja, é descarregado; na clínica, os dois homens tocam a campainha com insistência. Ainda na mesma madrugada, é operado. O braço direito é amputado à altura da articulação do ombro, são extirpados pedaços do osso do ombro, as contusões no tórax e na coxa direita, pelo que se pode afirmar até o presente momento, são de menor importância. Não se excluem lesões internas, talvez uma pequena fissura no fígado, mas não deve ser grande. Aguardar. Perdeu muito sangue? Onde o encontraram? Na avenida x-y, lá estava a motocicleta dele, ele deve ter sido abalroado por trás. Viram o carro? Não. Quando o encontramos, estava lá estendido, separamo-nos em z, ele estava do lado esquerdo. Sabemos como é, muito escuro. Sim, foi lá que aconteceu. Os cavalheiros ficam por aqui, não? Sim, por alguns dias; ele é meu cunhado, sua esposa virá até aqui hoje ou amanhã. Estamos hospedados do outro lado, caso precisem de nós. Diante da porta da sala de cirurgia, um dos dois senhores dirige-se mais uma vez ao pessoal da clínica: a coisa é terrível, mas fazemos questão de que pelo menos de sua parte não haja divulgação desta história. Queremos esperar que ele recupere a consciência e diga o que pensa disso. Ele não é chegado a processos. Ele - é que uma vez ele próprio atropelou alguém, seus nervos -. Como quiserem. Primeiro vamos deixar que ele fique bem.

Às onze, troca de curativo. É segunda-feira pela manhã – os autores da desgraça, inclusive Reinhold, discutem e brigam a esta hora, joviais e totalmente embriagados, na casa do receptor em Weissensee –, Franz está bem desperto, deitado numa bela cama, num belo quarto, o peito está enfaixado, dolorido e apertado, pergunta à enfermeira onde está. Esta responde o que ouviu da enfermeira da noite e escutou da conversa mantida há pouco. Ele está acordado. Compreende tudo, apalpa o ombro direito. A enfermeira recoloca a mão no lugar: fique bem quieto deitado. Na lama da rua, tinha escorrido sangue de sua manga, percebera isso. Depois havia gente ao lado dele e nesse instante algo ocorreu dentro dele. O que ocorrera nesse instante em Franz? Ele tomara uma decisão. Aos golpes de ferro de Reinhold em seu braço, no vestíbulo da Bülowplatz, ele começara a tremer, o chão tremia sob ele, Franz não entendia nada.

Quando o carro partiu com ele, o chão ainda tremia, Franz é que não quis dar importância a isso, mas bem que o tremor estava lá.

Quando estava estendido na lama, cinco minutos depois, aquilo ainda se agitou dentro dele. Abriu um talho, rasgou e ecoava, ecoava. Franz está feito pedra, ele sente, fui atropelado, está frio e calmo. Franz percebe, estou liquidado – e dá ordens.

Talvez seja o fim, não importa, mas não vou deixar que seja o meu fim. Adiante. Amarram-lhe o braço com um garrote feito com seus suspensórios. Querem levá-lo então para o hospital de Pankow. Mas ele presta atenção a qualquer movimento como um cão de caça. Não, nada de hospital e dá um endereço. Que endereço? Elsasserstrasse, Herbert Wischow, seu colega de tempos antigos, antes de Tegel! O endereço lhe vem à mente na hora. Aquilo se agita dentro dele enquanto está estendido na lama, abre um talho, rasga, ecoa e ecoa. Na hora, sentiu um solavanco dentro de si, não existe insegurança.

Eles não devem me apanhar. Está certo de que Herbert ainda mora lá e está em casa agora. As pessoas correm pelo estabelecimento da Elsasserstrasse, perguntam por um tal de Herbert Wischow. Levanta-se então um jovem esbelto ao lado de uma bela mulher morena, o que há, o quê, lá fora no carro, corre com eles até o carro, a moça atrás, metade do boteco junto. Franz sabe quem está chegando agora. Ele comanda o tempo.

Franz e Herbert se reconhecem. Franz sussurra-lhe dez palavras no ouvido, as pessoas abrem caminho lá fora. Franz é levado para o fundo do botequim e colocado sobre uma cama, um médico é chamado, Eva, a linda morena, traz dinheiro. Uma hora após o

acidente, partem em viagem num carro particular de Berlim até Magdeburg.

À hora do almoço, Herbert chega à clínica, pode trocar algumas palavras com Franz. Franz não ficará na clínica nem um dia a mais, dentro de uma semana, Wischow retornará, enquanto isso, Eva fica em Magdeburg.

Firmemente, Franz permanece deitado. Tem controle de si mesmo. Não pensa nem um centímetro para trás. Só às duas horas, após a ronda dos médicos, quando a diletta esposa é anunciada e Eva adentra o quarto com

tulipas, ele chora convulsivamente, chora e soluça, e Eva precisa enxugar-lhe o rosto com uma toalha. Lambe os lábios, pisca os olhos, cerra os dentes. Mas o maxilar treme, começa a soluçar outra vez, tanto que a enfermeira lá fora ouve algo, bate à porta e pede a Eva que se vá por hoje, do contrário, o reencontro poderia fatigar demais o enfermo.

No dia seguinte, está totalmente calmo, sorri para Eva. Quinze dias depois, vêm buscá-lo. Está de novo em Berlim. Respira Berlim outra vez. Quando revê as casas da Elsasserstrasse, algo se agita

dentro dele, mas o choro não vem. Pensa naquele domingo à tarde com Cilly, no toque dos sinos, toque dos sinos, e aqui estou eu em casa e algo me aguarda e tenho de resolver uma coisa, algo vai acontecer. Disso Franz Biberkopf tem absoluta certeza, e não se move e se deixa transportar calmamente para fora do carro.

Tenho algo a fazer, algo vai acontecer, não vou fugir da raia, sou Franz Biberkopf. Assim, carregam-no para dentro, para a casa de seu amigo Herbert Wischow, que se intitula comissionista. Trata-se da mesma segurança irrefletida que emergira nele depois de ser arremessado do carro.

—

Volume de vendas no matadouro: porcos 11.543; bois 2.016, bezerros 920, cordeiros 14.450. Um golpe, zás, lá jazem eles.

Os porcos, os bois, os bezerros são abatidos. Não há motivo para se preocupar com isso. Onde ficamos nós? Nós?

—

Eva está sentada à cabeceira de Franz, Wischow vem e volta outra vez: quem foi, homem, como aconteceu? Franz não abre o bico. Construiu um caixote de ferro em torno de si, está sentado dentro dele e não permite que ninguém se aproxime.

Eva, Herbert e o amigo deste, Emil, estão sentados juntos. Desde que Franz apareceu atropelado naquela noite, o homem se tornou um enigma para eles. Ele não foi somente atropelado pelo carro, há algo mais por detrás disso, o que andava fazendo lá no norte às dez horas, ele não vende jornais às dez horas lá em cima onde ninguém circula. Herbert chega à conclusão: Franz quis armar um golpe e nisso algo lhe aconteceu e agora está envergonhado porque as coisas não deram certo com aquele jornal sujo, além disso, há mais gente envolvida que ele não quer denunciar. Eva compartilha sua opinião, ele quis armar um golpe, mas como isso aconteceu, agora ele está aleijado. Logo vamos descobrir.

Tudo vem à tona quando Franz dá a Eva seu último endereço, para que lhe tragam um cesto com seus pertences, mas sem revelar o destino. Herbert e Emil são versados nisso, a senhoria não quer lhes entregar os pertences, mas por cinco marcos ela concorda, e logo começa a rezingar: aparece gente a toda hora perguntando por Franz, mas quem, ora, gente de Pums e o

Reinhold, e assim por diante. Pums, então. Agora estão sabendo. O bando de Pums. Eva está fora de si, Wischow também está furioso: se ele decide entrar de novo naquilo, por que Pums? Ora, naturalmente, depois, depois voltamos a ser bons para ele; se mete com aquele e agora está aleijado, meio morto, caso contrário falaria com ele de um jeito bem diferente.

Eva só conseguiu impor-se à força para participar da conversa quando Herbert Wischow tira as coisas a limpo com Franz, Emil também está presente, a história custou-lhes uns bons mil marcos.

“E então, Franz”, Herbert começa, “você já está se recuperando. Agora já pode se levantar e então – o que vai fazer depois? Já pensou no assunto?” Franz volta para ele seu rosto de barba crescida: “Ora, me deixe primeiro ficar firme das pernas”. “Pois então, não estamos pressionando, não é bem assim. Aqui em casa você tem um bom abrigo. Por que nunca mais você veio nos procurar. Faz um ano que está fora de Tegel.” “Não faz tudo isso.” “Ora, meio ano, que seja. Não quer mais saber da gente, hein?”

As casas, os telhados escorregadios, um pátio alto e escuro, ressoa um clamor como um trovão, tralalá, foi assim que começou.

Franz deita-se de barriga para cima, olha para o teto: “Eu vendia jornais. Que importam estas coisas para vocês?”

Emil se intromete, berra: “Homem, você não vendia jornais”. Que mentiroso. Eva acalma os ânimos; Franz percebe que algo está acontecendo, estão sabendo de alguma coisa, o que sabem? “Eu vendia jornais. Pergunte ao Meck.” Wischow: “Já posso imaginar o que o Meck vai dizer. Você vendia jornais. O bando de Pums também faz negócios com frutas, assim, um pouquinho. Também com linguados. Sei disso muito bem”. “Mas eu não. Eu vendia jornais. Ganhava meu dinheiro. Então pergunte a Cilly, que ficava comigo o dia inteiro, pergunte a ela o que eu fazia.” “Aqueles dois marcos por um dia inteiro, talvez três.” “Era mais do que isso; para mim bastava, Herbert.”

Lá dentro, estão inseguros. Eva aproxima-se de Franz: “Diga, Franz, você conhecia Pums”. “Sim.” Franz não pensa mais, estão me interrogando, Franz se lembra de que está vivo. “E daí?” Eva o afaga: “Diga o que havia com

Pums”. Herbert, ao lado dela, precipita-se: “Desembuche de uma vez, homem. Sei bem o que há com Pums. Onde vocês estiveram naquela noite. Você acha que não sei. Pois bem, você

participou da coisa. Não tenho nada a ver com isso. É assunto seu. Com eles você entra no negócio, você conhece os tipos, aquele velho tratante, e aqui você não aparece”. Emil grita: “Viu só. Só prestamos quando –”. Herbert faz-lhe um sinal. Franz chora. Não é tão ruim quanto na clínica, mas também é terrível. Soluça e chora e gira a cabeça de um lado para o outro. Levou um golpe na cabeça, deram-lhe um empurrão no peito, depois o jogaram para fora pela porta do carro. Foi esse cara que o atropelou. Seu braço se foi. Está aleijado. Os dois homens saem. Ele continua a soluçar. Eva sempre lhe enxuga o rosto com a toalha. Depois, Franz se acalma, fechou os olhos. Ela o observa, pensa, está dormindo. Então ele abre os olhos, está bem desperto, diz: “Diga ao Herbert e ao Emil que entrem”.

Entram cabisbaixos. Franz então pergunta: “O que sabem de Pums? Sabem alguma coisa dele?”. Os três trocam olhares, e não o compreendem. Eva dá tapinhas em seu braço: “Mas Franz, você também o conhece”. “Quero saber o que vocês sabem sobre ele.” Emil: “Que é um refinado vigarista e tem cinco anos nas costas em Sonnenburg; merecia prisão perpétua ou quinze anos. Ele e suas carroças de frutas”. Franz: “Ele nem vive das carroças de frutas”. “Não, ele também come carne; por sinal, à beça.” Herbert: “Mas homem de Deus, Franz, você não nasceu ontem, sabe disso muito bem, dá para ver na cara dele”. Franz: “Pensei que vivesse dos

negócios com as frutas”. “Pois bem, e o que você queria no domingo quando foi junto com ele.” “Queríamos apanhar as frutas para o mercado.” Franz está bem calmo, deitado. Herbert inclina-se sobre ele, para ver sua expressão. “E você acreditou nisso?”

Franz chora outra vez, agora silenciosamente, com a boca fechada. Ele desceu a escada, um homem ficou procurando em sua agenda, depois esteve na casa de Pums, e a senhora Pums deveria mandar um bilhete para a Cilly. “Claro que acreditei. Mas depois percebi que me contrataram para ficar de tocaia e depois –”

Os três olham um para o outro. O que Franz está dizendo é verdade, mas não dá para acreditar de maneira alguma. Eva toca seu braço: “E, então, o que aconteceu depois?”. Franz já abriu a boca, agora vai dizer tudo, tudo vai ser dito. E diz: “Depois não quis mais e então eles me jogaram do carro porque um outro carro os perseguia”.

Calado, não tinha mais nada a dizer, eu fui atropelado, poderia estar morto, queriam me matar. Não soluça, permanece contido, com os dentes cerrados e as pernas esticadas. Os três ouvem. Agora ele falou. É a mais pura verdade.

Todos três percebem isso na hora. Existe uma ceifeira que se chama Morte, do grande Deus vem seu poder.

Herbert ainda pergunta: “Só me diz mais uma coisa, Franz, já vamos sair:

você não nos procurou porque queria vender jornais?”.

Não consegue falar, pensa: sim, queria me manter decente. E me mantive decente até há pouco. Vocês não devem se amofinar porque não vim até vocês. Vocês continuaram sendo meus amigos, não trai nenhum de vocês. Fica deitado, mudo, eles saem.

Então, depois que Franz tomou seu soporífero, ficam sentados no botequim embaixo, e não conseguem emitir palavra alguma. Não se olham. Eva só treme. A moça queria Franz quando este andava com a Ida, mas ele não abandonou Ida, embora esta já estivesse de olho no cara de Breslau. Ela está bem com seu Herbert, recebe dele tudo o que quer – mas ainda está apegada a Franz.

Wischow manda vir grogue quente, os três o entornam logo.

Wischow manda vir mais. Suas gargantas continuam fechadas.

Eva está com as mãos e os pés gelados, a cada instante sente um

tremor gelado na nuca e no pescoço, até as coxas se arrepiam de frio, ela cruza as pernas. Emil deita a cabeça sobre os braços, fica mastigando, chupa a língua, engole a saliva, depois cospe no chão. Herbert Wischow, o jovem, está ereto sobre a cadeira, como sobre um cavalo, tal qual um tenente diante de sua tropa, o rosto imóvel. Todos três estão aqui no boteco, mas não estão de fato em sua pele, Eva não se chama Eva, Wischow não é Wischow, Emil não é Emil. Um muro rachou à sua volta, um outro ar, uma escuridão o invadiu. Estão ainda à cabeceira de Franz. Um calafrio emerge deles e avança até a cama de Franz.

Existe uma ceifeira, que se chama Morte, do grande Deus vem seu poder. Hoje a foice vai ser afiada para melhor ceifar.

Herbert volta-se para a mesa, está rouco: “Mas quem foi?”. Emil: “Quem foi o quê?”. Herbert: “Quem o atirou do carro”. Eva: “Faça uma promessa, Herbert, quando o apanhar”. “Nem precisa me dizer. Que um cara desses ande solto no mundo. Ora, ora.” Emil: “Herbert, homem de Deus, é capaz de imaginar uma coisa dessas”.

Não quero ouvir, nem ao menos pensar nisso. Tremem os joelhos de Eva, ela suplica: “Herbert, faça alguma coisa, Emil”. Sair deste

clima. Existe uma ceifeira que se chama Morte. Herbert conclui: “Fazer o quê, se a gente não faz ideia do que se trata. Primeiro vamos descobrir o que houve. Eventualmente, eventualmente acabamos com o bando todo dos vagabundos de Pums”. Eva:

“E Franz vai acabar junto?”. “Eventualmente, digo, vamos fazer isso. Franz não estava metido nisso, não a sério, isso até um cego enxerga, qualquer juiz vai acreditar nisso. Dá para comprovar: eles o jogaram para fora do carro. Do contrário, não o teriam feito.” Ele estremece, que cachorros. Dá para acreditar? Eva: “Para mim, ele talvez diga quem foi”.

Mas quem está deitado como um pedaço de pau, sem que se consiga arrancar qualquer coisa dele, é Franz. Deixe estar, deixe estar. O braço se foi, não cresce mais. Eles me atiraram do carro, mas me deixaram a cabeça, precisamos seguir adiante, precisamos superar, tirar o carro da lama. Primeiro é preciso conseguir se arrastar.

—

Surpreendentemente, ele vai recobrando a vida com extraordinária rapidez nesses dias quentes. Ainda não deveria sair

da cama, mas já se levanta e tudo bem. Herbert e Emil, que andam sempre bem abonados, satisfazem-lhe todas as vontades e aquilo que o médico acha necessário. E Franz quer pôr-se de pé, come e bebe o que lhe aparece pela frente, e não pergunta de onde tiram o dinheiro.

Enquanto isso, há conversas entre ele e os outros, mas nada de relevante, diante dele não tocam no assunto Pums. Falam de Tegel e muito sobre Ida. Falam dela com consideração e tristeza pelo rumo que as coisas tomaram, ainda era tão jovem, mas Eva diz também que a moça estava indo ladeira abaixo. Entre eles, está tudo como era antes de Tegel e ninguém sabe ou fala que as casas tinham balançado e os telhados queriam desabar, e que Franz cantara no pátio e fizera uma promessa tão certa quanto seu nome era Franz Biberkopf: ele quer manter-se decente e as coisas de antes estão para trás e acabadas.

Franz fica deitado e sentado sossegado junto a eles. Aparecem ainda muitos velhos conhecidos, trazendo consigo as namoradas e as esposas. Em nada se toca, conversam com Franz como se tivesse sido libertado de Tegel há pouco e sofrido um acidente. Como, os rapazes não perguntam. Sabem o que é um acidente de trabalho e bem podem imaginar o que seja. A gente se envolve

num tumulto e logo se leva um balaço no braço ou se quebra as pernas. Ora, ainda muito melhor do que em Sonnenburg, com a sopa aguada, ou morrer tísico. Está claro.

No ínterim, o bando de Pums também farejou perigo ao tentar apurar o paradeiro de Franz. Pois quem foi buscar os pertences de Franz? Disso ficaram sabendo depressa, e o sujeito, eles bem que conhecem. E antes que

Wischow perceba algo, descubrem que Franz Biberkopf está alojado na casa dele, afinal, era seu amigo de antigamente; e só perdera um braço na história, uma sorte dos diabos, nada além disso, o cara ainda está de pé e, quem sabe, pode até dar com a língua nos dentes. Não faltou muito, quase foram para cima de Reinhold por ter sido tão idiota de meter um sujeito como Franz Biberkopf no bando. Mas quem vai fazer algo contra Reinhold, antes não era possível, agora muito menos, até o velho Pums não consegue chegar perto dele. Também o rapaz fica olhando de um jeito para a gente, é de dar medo, a cara amarela e os horríveis vincos na testa. Esse aí não é saudável, não vai chegar aos cinquenta, justo esses que têm algum problema de saúde é que são os mais perigosos. Não seria de admirar que o tipo fique sorrindo friamente ao enfiar a mão no bolso e comece a atirar.

Mas a história de Franz permanece perigosa com o fato de ele ter sobrevivido. Só Reinhold balança a cabeça e diz: calma, nada de nervosismo. Ele vai pensar duas vezes antes de aparecer. Se um braço não foi suficiente, ele logo vai dar o ar da graça. Ora, para nós tanto faz. Talvez ainda precise perder a cabeça.

Eles não precisam ter medo de Franz. A certa altura, Eva e Emil insistem com ele para que diga onde foi e quem foi e, caso não pudesse agir sozinho contra esse sujeito, havia quem poderia ajudá-lo, para isso existe bastante gente em Berlim. Mas ele logo fica mudo quando abordam o assunto e refuta: deixem estar. Empalidece, ofega, que não comece a chorar outra vez: não faz sentido falar a esse respeito, para quê, o braço não vai crescer de novo, se pudesse, sairia de uma vez de Berlim, mas o que um aleijado pode fazer? Eva: “Não se trata disso, Franz, você não é aleijado, mas não se pode deixar passar uma coisa dessas, o que fizeram com você, atirar para fora do carro”. “Mas o braço não cresce de novo.” “Mas que pelo menos paguem por isso.” “O quê?”

Emil se adianta: “Ou arrebentamos a cabeça do referido sujeito ou a associação toda, caso ele faça parte de alguma, vai ter de pagar pelo que fizeram a você. Isso com a associação, nós já vamos resolver. Ou os outros o apoiam ou Pums e a associação o

botam para fora, que esperem para ver onde vão arranjar apoio e como vão se dar mal. O braço tem de ser pago. É o braço direito. Eles têm de pagar uma indenização a você”. Franz abana a cabeça. “Nada de balançar a cabeça. Vamos arrebentar a cabeça de quem fez isso, é um crime e, se não se pode denunciar isso nos tribunais, então vamos agir.” Eva: “Franz não fazia parte de associação alguma, Emil. Você ouviu, ele não queria participar e por isso aprontaram com ele”. “É o direito dele, não precisa fazer o que não quer. Desde quando se pode obrigar alguém a fazer o que quer que seja? Não somos um povo selvagem. Que vão viver entre os índios.”

Franz balança a cabeça: “O que vocês pagaram para mim, vão receber de volta até o último tostão”. “Não queremos nada disso, não temos necessidade e nem precisamos de nada. A história precisa ser resolvida, caramba. Não pode ficar como está.”

Eva, decidida, também diz: “Não, Franz, isso não vai ficar assim, eles acabaram com seus nervos, só por isso você não pode aceitar essa situação. Mas pode contar conosco: Pums não acabou com nossos nervos. Ouça só o que diz Herbert: isto ainda

vai virar um banho de sangue em Berlim, tanto que as pessoas vão ficar de boca aberta”. Emil assente: “Garantido”.

Franz Biberkopf olha fixo para frente, pensa: isso que eles dizem não é da minha conta. E se fizerem alguma coisa, também não terá nada a ver comigo. Isso não vai fazer meu braço crescer de novo e também está muito certo que o braço se tenha ido. Ele tinha de ir, não há do que reclamar a respeito. Isso ainda não é o fim.

E ele repassa como tudo se passou. O Reinhold sentia ódio por ele por não ter concordado em ficar com a mulher e em razão disso o atira para fora do carro e lá está ele na clínica de Magdeburg. E ele que queria se manter decente e então aconteceu. E se estica na cama, cerra o punho sobre a colcha: e então aconteceu, exatamente assim. Vamos ver como fica. Vamos ver.

E Franz não revela quem o atirou na frente do carro. Seus amigos ficam tranquilos. Pensam, um dia desses ele fala.

Franz não foi a nocaute, e eles não conseguem nocauteá-lo

O bando de Pums, que nada em dinheiro, sumiu de Berlim. Dois deles vagueiam em suas fazendolas na região de Oranienburg, Pums vai para Altheide, no balneário, para tratar da asma, mandar lubrificar a máquina. Reinhold segue bebericando de leve alguns copinhos de aguardente por dia, o homem saboreia, acostuma-se com a coisa, é preciso ter prazeres na vida, e sente-se bem tolo por ter existido até agora sem aquilo, só café e limonada, o que nem se pode chamar de existência. Este Reinhold tem alguns mil marcos guardados, o que ninguém sabe. Quer fazer alguma coisa, não sabe o quê. Só que nada de fazendolas como os outros. Então fisciou uma mulher distinta, que também já viveu dias melhores, alugou para ela uma casa finíssima na Nürnberger Strasse; e lá pode se abrigar quando quiser bancar o rico ou quando o ar estiver sujo. Assim, tudo está claro e tranquilo, ele tem sua

moradia de príncipe no lado oeste e, além disso, naturalmente, o velho quarto com um pedaço de mulher dentro, sempre renovado depois de umas poucas semanas, pois o moço não é capaz de largar essa vida.

Quando então, no fim de maio, alguns do bando de Pums se encontram em Berlim, eles conversam sobre Franz Biberkopf. Por causa dele, ouviram dizer, houve falatório na associação. O Herbert Wischow fez com que as pessoas se revoltassem contra

nós, seríamos os patifes infames, Biberkopf nem queria tomar parte, então o teríamos tentado à força e ainda por cima depois o atiramos para fora do carro. Mas mandamos um recado: ele queria dar com a língua nos dentes, nada a ver com violência, ninguém botou a mão nele, mas depois não nos restou outra alternativa. Ficam ali sentados abanando a cabeça, ninguém quer saber de briga com a associação. Nesse caso, estamos de mãos amarradas e ficamos à mingua na rua. E então argumentam: é preciso mostrar boa vontade, fazer uma coleta para o Franz, afinal, ele se mostrou decente, temos de garantir sua recuperação e averiguar quanto custou o hospital. Nada de mesquinha.

Reinhold mantém a opinião: é preciso acabar com o cara de vez. Os outros não são contra, de fato não, mas de imediato não se acha ninguém para fazer o serviço, também não se pode deixar o pobre diabo circular desse jeito com um braço só. Não se sabe como as coisas podem evoluir, caso alguém faça algo com ele, o sujeito tem uma sorte dos diabos. Pois bem, fazem uma coleta, algumas centenas, apenas Reinhold não dá um tostão, e alguém tem de ir até Biberkopf, mas somente se o Herbert Wischow não estiver lá.

Franz lê pacificamente o jornal Morgenpost, depois o Grüne Post, que lhe agrada mais, pois nele não há nada de político. Estuda a edição de 27 de novembro de 1927, já faz tempo, ainda antes do Natal, nessa altura havia a polaca Lina, o que andarás fazendo? No jornal, casa-se o novo cunhado do ex- imperador, a princesa tem 61 anos e o rapaz, 27, vai custar a ela um bocado de dinheiro, pois príncipe ele não vai ser mesmo. Coletes à prova de bala para agentes policiais; faz um bom tempo que não acreditamos nisso.

De repente, Eva discute lá fora com alguém, um cara qualquer, ora, conheço essa voz. Ela não quer permitir que ele entre, tenho de verificar eu mesmo. E Franz abre a porta, com o Grüne Post na mão. Era o Schreiber, aquele que estava com Pums.

Ora, ora, o que está acontecendo? Eva grita na sala: “Franz, ele só quer subir porque sabe que o Herbert não está”. “O que você quer, Schreiber, é algo comigo, o que você quer?” “Já disse a Eva, mas ela não quer me deixar entrar. Por que, você é prisioneiro aqui?” “Não, não sou.” Eva: “Vocês só têm medo que ele dê com a língua nos dentes. Não o deixe entrar, Franz”. Franz: “E então o que você quer, Schreiber? Entre também, Eva, deixe estar”.

Sentam-se no quarto de Franz. O Grüne Post está sobre a mesa, o novo cunhado do ex-imperador casa-se, dois homens seguram por trás dele a coroa sobre sua cabeça. Caça aos leões, caça aos coelhos, honra à verdade. “Por que querem me dar dinheiro? Eu não ajudei em nada?” “Homem, você ficou de tocaia.” “Não, Schreiber, não fiquei de tocaia, não sabia de nada, só fiquei parado, não sabia o que fazer.” Estou aliviado de ter saído de lá, não estou mais naquele pátio escuro, ainda lhe pago alguma coisa para não ficar ali parado. “Não, bobagem, e vocês não precisam ter medo de mim, nunca dedurei ninguém na minha vida.” Eva aponta um punho cerrado para Schreiber: mas há outras pessoas que estão atentas. Homem, você se arriscou ao vir até aqui. Você vai se ver depois com o Herbert.

De súbito, algo terrível ocorre. Eva reparou que Schreiber leva a mão ao bolso da calça. Estava tentando tirar o dinheiro do bolso e atrair a atenção de Franz para as notas. Mas Eva interpreta mal o gesto. Pensa que ele quer sacar um revólver e que deve liquidar Franz com um tiro para que ele não abra a boca, deve silenciar Franz de uma vez por todas. E logo se levanta da cadeira, lívida como cera, o rosto terrivelmente contorcido, gritando estridentemente, num só giro cai sobre as próprias pernas, levanta-se. Franz se sobressalta, Schreiber se sobressalta, o que está acontecendo, o que há com ela, homem de Deus. Ela corre

em volta da mesa até Franz, rápido, o que estou fazendo, ele vai atirar, morte, é o fim, tudo acabou, assassino, o mundo está desabando, não quero morrer, nada de perder a cabeça, acabou-se.

Ela fica de pé, corre, cai, para diante de Franz, pálida, aos gritos, o corpo todo tremendo: “Para atrás da cristaleira, assassino, socorro, socorro”. Ela berra com olhos arregalados como duas bolas: “Socorro”. Os dois homens sentem os ossos enregelarem-se. Franz não sabe o que está havendo, só vê o movimento, o que vai acontecer agora – então compreende: Schreiber está com a mão direita no bolso da calça. E Franz começa a tremer. É como no pátio durante a tocaia, logo vai começar. Mas ele não quer, digo ao senhor, ele não quer, ele não quer que o joguem debaixo do carro. Geme. Desvencilha-se de Eva. No chão, o Grüne Post, o búlgaro se casa com uma princesa. Deixe ver, primeiro é preciso pegar a cadeira. Geme alto. Como só tem Schreiber diante dos olhos, não olha para a cadeira e acaba por derrubá-la. Precisamos pegar a cadeira e avançar contra o tipo. Temos de – dentro do automóvel até Magdeburg, tocam a campainha com insistência na clínica, Eva continua a gritar, ora, vamos nos safar, vamos adiante, ar carregado, vamos conseguir passar. Abaixa-se em direção à cadeira. Então o apavorado Schreiber voa

porta afora, apavorado, aqui estão todos doidos. Abrem-se portas no corredor.

No boteco embaixo, ouviram a gritaria e a barulheira. Dois homens sobem logo até em cima, encontram Schreiber na escada passando por eles às carreiras. Ele, porém, tem a cabeça no lugar, chama e acena: rápido, um médico, derrame. E some, a raposa esperta.

Lá em cima, Franz está desmaiado no quarto, ao lado da cadeira. Eva está agachada entre a janela e a cristaleira, agachada e aos berros, como se tivesse visto um fantasma. Colocam Franz com cuidado sobre a cama. A senhoria já conhece os ataques de Eva. Derrama-lhe água sobre a cabeça. Então Eva diz baixinho: “Um pãozinho”. Os homens riem: “Um pãozinho é o que ela quer”. A senhoria ergue-a pelos ombros, coloca-a na cadeira: “É o que ela sempre diz quando tem um ataque. Mas não é derrame. Só são os nervos e o martírio com o homem doente. Decerto ela o deixou cair. Mas por que ele teve de se levantar. Sempre tem de se levantar e ela fica nervosa com isso”. “E então por que o outro gritou: derrame?” “Quem?” “Ora, aquele que desceu correndo as escadas.” “Ora, porque é um imbecil. Conheço bem a Eva, já há

cinco anos. A mãe dela também é assim. Quando começa a berrar, só a água dá um jeito.”

Quando Herbert chega em casa à noite, dá um revólver a Eva, para qualquer eventualidade, e nada de primeiro esperar que o outro atire, daí é tarde demais. Ele mesmo se põe logo a caminho, pergunta por Schreiber, naturalmente impossível de ser encontrado. O pessoal de Pums está todo de férias, também ninguém quer se meter no assunto. Schreiber, naturalmente, sumiu de vista. Guardou para si o dinheiro destinado a Franz e se mandou para Oranienburg, para sua fazendola. Não sem contar uma lorota ao Reinhold: Biberkopf não aceitou o dinheiro, mas Eva se mostrou maleável, passou-lhe o dinheiro e ela resolveu o assunto. Então, pronto.

—

Junho chegou a Berlim, apesar de tudo. O tempo permanece quente e chuvoso. Muitas coisas acontecem no mundo. O aeroplano Itália com o general Nobile caiu e envia sinais de rádio de onde está localizado, ou seja, a nordeste de Spitzbergen, local de difícil acesso. Um outro avião teve melhor sorte, fez um voo direto e sem escalas de São Francisco até a Austrália em 77 horas

e aterrissou sem problemas. Depois, o rei da Espanha que está tendo desavenças com seu ditador Primo, ora, vamos esperar que a coisa se resolva. Agradavelmente impressionado e logo à primeira vista, um noivado entre Baden e a Suécia: uma princesa do País dos Fósforos deixou-se inflamar por um príncipe de Baden. Quando se pensa na distância entre Baden e a Suécia, é de se admirar como tudo acontece assim rapidinho a essa distância. Sim, as

mulheres são meu ponto fraco, tocam o lugar onde sou mortal, se beijo a primeira, penso na segunda e já olho sorrateiro para a terceira. Sim, sim, as mulheres sempre foram meu ponto fraco, o que posso fazer, não tenho culpa, logo vou à falência por causa das mulheres, então ponho um cartaz de vendido na porta de meu coração.

E Charlie Amberg acrescenta. Arranco um de meus cílios e te espeto e te mato com ele. Depois pego um batom e te lambuzo de marrom. E se ainda estiveres zangada, só tenho uma saída: mando vir um ovo estrelado e te respingo com melado. Tu, tu, tu, tu, mando vir um ovo estrelado e te respingo com melado.

Portanto, o tempo segue quente e chuvoso, ao meio-dia até 22 graus centígrados. Com este clima, Rutowski, o assassino de

mocinhas, comparece em Berlim diante do júri para tentar se defender. Alia-se a isso a pergunta: a mulher assassinada, Else Arndt, é a esposa desaparecida do conselheiro do seminário? Pois este, em carta, considera possível, talvez até desejável, que a mulher assassinada, Else Arndt, seja sua esposa. Em caso afirmativo, ele deseja prestar um importante depoimento diante do juiz. Paira no ar uma objetividade, paira no ar uma objetividade, paira no ar e paira no ar, no ar. Paira no ar algo idiota, paira no ar algo hipnótico, paira no ar, paira no ar e não mais desaparece do ar.

Na segunda-feira seguinte, porém, é inaugurada a linha de elétricos urbanos. Isso dá ensejo à direção dos transportes do Reich para chamar novamente a atenção para os perigos, atenção, cuidado, não embarcar, afastar-se, o senhor está sujeito a punição.

Ergue-te, ó espírito fraco, e ponha-te de pé

Existem desmaios que nada mais são do que a morte do corpo em vida. Depois de seu desmaio, Franz Biberkopf é colocado novamente na cama, fica deitado, esticado, e, pelos dias quentes adentro, constata: estou perto

da morte, eu sinto, estou morrendo de verdade. Se você não fizer nada agora, Franz, nada de concreto, de definitivo, de abrangente, se você não pegar um cacete na mão, um sabre, e não golpear à sua volta, se você, não importa como, não começar a correr, Franz, Franzezinho, Biberkopfzinho, velho de guerra, então será o fim para você, de uma vez por todas! Então vai poder chamar a funerária Grieneisen para tirar suas medidas.

Seu lamento: não quero e não quero e não vou morrer. Olha em torno do quarto, o relógio de parede tiquetaqueia, ainda estou aqui, estou aqui ainda, eles querem me botar contra a parede, Schreiber quase me meteu um balaço, mas isso não vai acontecer. Franz ergue o braço, aquele que lhe restou: isso não vai acontecer.

E o medo de verdade rouba-lhe a tranquilidade. Não fica deitado. E mesmo que tiver de bater as botas na rua, precisa sair da cama, tem de sair. Herbert Wischow viajou com a morena Eva para Zoppot. Lá ela tem um cavalheiro abonado, de alguma idade, um investidor da bolsa de valores, que é explorado por ela. Herbert Wischow foi junto, incógnito, a moça trabalha bem, veem-se diariamente, marcham juntos e dormem separados. Nesse tempo bonito de verão, Franz Biberkopf marcha outra vez na rua, de

novo totalmente sozinho o solitário Franz Biberkopf, cambaleando, mas vai. A cobra naja, vede, ela se arrasta, move-se, está incapacitada. Mas ainda é a velha naja, embora com olheiras escuras sob os olhos, e a gorda víbora está agora magra e encovada.

Muita coisa se tornou mais clara do que antes para o velho sujeito que agora se arrasta pelas ruas para não se acabar no quarto, algo se tornou mais claro para o velho sujeito que foge da morte. A vida serviu-lhe, de fato, para alguma coisa. Agora ele fareja o ar, fareja as ruas como se estas ainda lhe pertencessem, como se quisessem aceitá-lo. Olha espantado para as colunas de reclames como se fossem uma coisa notável. Sim, meu jovem, agora você não anda a passos largos com as duas pernas, agora você se agarra, prende-se com firmeza, agora você ajunta tantos dentes, tantos dedos quantos tiver e se segura firme só para não ser descartado.

Uma coisa diabólica, a vida, não? Você soube disso um dia, no estabelecimento de Henschke, quando quiseram botar você na rua com sua faixa e o cara o agrediu sem que você lhe houvesse feito qualquer coisa. E pensei, o mundo é calmo, existe ordem nele, mas algo nele não está em ordem; eles estão parados lá do

outro lado de maneira tão terrível. Foi coisa de instante, clarividente.

—

E agora vem cá, tu, vem, quero mostrar-te algo. A grande prostituta, a prostituta Babilônia, que está lá sentada à beira d'água. E vêes uma mulher sentada sobre um animal de cor escarlate. A mulher está coberta de nomes da blasfêmia e possui sete cabeças e dez chifres. Está vestida de púrpura e de escarlate e adornada de ouro e de pedras preciosas e de pérolas e segura um cálice dourado na mão. Em sua testa está escrito um nome, um segredo: a grande Babilônia, a mãe de todos os horrores da Terra. A mulher bebeu do sangue de todos os santos. A mulher está embriagada pelo sangue dos santos.

—

Franz Biberkopf, porém, anda pelas ruas, trotando, e não desiste, e nada mais deseja do que recuperar as forças de verdade, enrijecer os músculos. Faz um tempo quente de verão, Franz perambula de boteco em boteco.

Ele evita o calor. No botequim, aportam diante dele os grandes canecos de cerveja.

O primeiro caneco de cerveja diz: venho do porão, sou de lúpulo e de malte. Agora estou fresquinha, que tal meu sabor?

Franz responde: amarga, boa, fresquinha.

Sim, eu te refresco, refresco os homens, depois os faço esquentar e então roubo deles seus pensamentos supérfluos.

Pensamentos supérfluos?

Sim, a maioria de todos os pensamentos é supérflua. Não acha? – E como. A razão está contigo.

Um pequeno copo de aguardente amarelo claro está parado diante de Franz. De onde foram te buscar? – Fui destilada, homem. – Tu mordes, criatura, tens garras. – Ora, para tanto é que sou uma aguardente. Não deve ver uma há muito tempo, hein? – Não, estive quase morto, ó aguardentezinha, estive quase à

morte. Descartado, sem bilhete de volta. – É o que parece mesmo.
– Como assim, parece, não diga bobagens. Vamos te experimentar outra vez, aproxima-te. Ah, és boa, tens fogo, fogo é o que tens, criatura. – A aguardente borrifá-lhe a goela: que fogo.

O vapor do fogo aumenta dentro de Franz, seca-lhe a garganta, tem de pegar mais um caneco: és o segundo caneco, já tomei um, o que queres me dizer? – Gordo, saboreia-me primeiro, depois podes falar. – Que seja.

Diz o caneco então: ó homem, presta atenção, se beberes mais dois canecos e mais uma aguardente de cominho e um grogue, vais então estufar como uma ervilha. – E daí? – Sim, voltarás a ser gordo, como vai ser então, homem? Poderás andar assim no meio das pessoas? Engole agora.

E Franz agarra o terceiro: já estou engolindo. Um caneco depois do outro. É

preciso manter a ordem.

Pergunta ao quarto caneco: o que contas de bom, meu caro? – O caneco apenas grunhe com deleite. Franz emborça-o todinho:

acredito. Tudo o que disseres, meu caro, acredito. És meu cordeirinho, vamos juntos até o pasto.

Terceira conquista de Berlim

Assim, pela terceira vez, Franz Biberkopf voltou a Berlim. Da primeira vez telhados queriam escorregar, os judeus vieram, ele foi salvo. Da segunda vez, Lüders o traiu, ele bebeu até sair do enrosco. Agora, da terceira vez, o braço lhe foi arrancado, mas ele anda com vigor pela cidade. Coragem

tem o homem, coragem dobrada e triplicada.

Herbert e Eva deixaram-lhe um belo montante de dinheiro, o dono do boteco embaixo guarda-o para ele. Mas Franz só pega uns poucos níqueis, além disso, toma a decisão: desse dinheiro não quero pegar nada, preciso tornar-me independente. Vai até a “Assistência” e demanda auxílio. “Aí teremos de fazer algumas diligências.” “E o que faço enquanto isso?” “Volte dentro de alguns dias.” “Dentro de alguns dias pode-se morrer de fome.” “Tão depressa ninguém morre de fome em Berlim, todos vêm com essa ladainha. Além disso, nada de dinheiro, só cupões, e o aluguel pagamos daqui mesmo, o endereço está certo, não?”

Franz, então, desce da “Assistência”, e quando está embaixo lhe caem as vendas dos olhos: fazer diligências, ora essa, coletar dados, talvez também façam diligências sobre meu braço e como isso aconteceu. Está parado diante de uma tabacaria e rumina: vão perguntar o que há com meu braço, quem pagou e onde fiquei internado. Isso eles podem perguntar. E, depois, do que vivi nos últimos meses. Espere um pouco.

Rumina e continua a andar: o que fazer nesse caso? Quem devo consultar agora e como devo fazer isso, do dinheiro deles não quero viver.

Caminha então durante dois dias entre a Alex e a Rosenthaler Platz à cata de Meck, com ele poderia falar; e na segunda noite encontra-o afinal na Rosenthaler Platz. Olham um para o outro. Franz quer apertar-lhe a mão – como se cumprimentaram naquela ocasião depois da história do Lüders, a alegria, e agora –, Meck estende-lhe a mão, hesitante, não vai adiante. Franz logo faz menção de saudar com a mão esquerda, o pequeno Meck então faz uma cara muito séria; o que há com o rapaz, o que foi que lhe fiz? E sobem a Münzstrasse e vão e vão, retornando outra vez pela Rosenthaler Strasse, e Franz fica à espera de que Meck lhe pergunte pelo braço. Mas nem ao menos isso ele pergunta, fica

olhando sempre de lado. Quem sabe lhe pareço sujo demais. Franz então inicia a conversa num tom alegre e pergunta por Cilly, como vai ela?

Ah, ela vai bem, como poderia ser diferente, e Meck conta uma história longa e detalhada sobre ela. Franz faz um esforço para rir. E o outro continua sem fazer perguntas sobre o braço, e aí de repente lhe cai a ficha e Franz pergunta: “Você deve frequentar ainda o boteco da Prenzlauer, não?”. Meck

reage com desprezo: “Sim, uma vez ou outra”. Franz então tem certeza, anda mais devagar e fica atrás de Meck: Pums contou alguma coisa sobre mim para esse aí ou foi Reinhold ou Schreiber e ele está achando que também sou um assaltante. E se eu quisesse falar agora teria de lhe contar tudo, mas ele pode esperar sentado, não vou fazer isso.

E Franz num impulso para diante de Meck: “Pois bem, Gottlieb, então vamos nos despedindo, preciso ir para casa, um aleijado tem de ir cedo para a cama”. Meck olha-o por inteiro pela primeira vez, tira o cachimbo da boca, quer perguntar-lhe algo, mas Franz o demove com um gesto, não há o que perguntar, deu-lhe a mão e se foi. E Meck coça a cabeça e pensa, esse está

precisando de uns bons sermões, e fica insatisfeito consigo mesmo.

Franz Biberkopf marcha pela Rosenthaler Platz, está contente e diz: qual a vantagem de toda essa conversa fiada, preciso ganhar dinheiro, de que me adianta o Meck, tenho de arranjar dinheiro.

—

Vocês teriam de ver Franz Biberkopf quando foi à caça de dinheiro. Havia nele algo de novo, de raivoso. Eva e Herbert tinham colocado o quarto deles à disposição, mas ele quer ter sua própria moradia, caso contrário não vai conseguir ir adiante. E chega o maldito instante em que Franz arranja um quartinho e a senhoria coloca-lhe sobre a mesa o formulário de registro. Nosso Franz então fica sentado e se vê obrigado a matutar outra vez: vou escrever que me chamo Biberkopf e imediatamente irão verificar em seus arquivos e depois vão telefonar para a Central da Polícia e vão dizer: venha até aqui, por que o senhor não aparece, o que aconteceu com seu braço, onde ficou internado, quem pagou e tudo nisso não bate.

E se enfurece junto à mesa: assistência, preciso de assistência e de beneficência? Não quero, não fica bem para um homem livre; e enquanto ainda ruma e se enerva escreve um nome no formulário, primeiro Franz, e vê diante de si o distrito policial e a assistência na Grunerstrasse e o carro do qual foi arremessado. Tateia por cima do paletó o toco que lhe sobrou no ombro, vão perguntar do braço, que perguntem, não me importa, maldição, vou em frente.

E preenche o papel com letras grossas, como se escritas com um pedaço de pau; nunca fui covarde e meu nome, esse não deixo que me roubem, é assim que me chamo, nasci assim e assim hei de ficar: Franz Biberkopf. Uma letra gorda atrás da outra, a prisão de Tegel, a alameda, as árvores negras, os prisioneiros estão lá sentados, colando, carpintejando, remendando. Molhar a pena mais uma vez, vou botar um pingão no i. Não temo os tiras de fardas verdes nem os agentes com o distintivo de lata. Sou um homem livre ou não sou ninguém.

Existe uma ceifeira que se chama Morte.

Franz entrega o formulário para a senhoria, pronto, isto está feito e terminado. Acabado. E agora vamos puxar as calças para cima, botar firmeza nas pernas e marchar para Berlim.

O hábito faz o monge, e um outro homem também adquire outros olhos

Na Brunnenstrasse, onde estão fazendo escavações para o metrô, um cavalo caiu na vala. As pessoas já estão paradas há meia hora, os bombeiros chegam com um carro. Colocam uma cilha em torno da barriga do cavalo. Este caiu sobre montes de encanamentos de água e tubos de gás, sabe-se lá se não quebrou uma perna, ele treme e relincha, de cima só se vê a cabeça. Puxam-no para cima com um guincho, o animal escoiceia violentamente.

Franz Biberkopf e Meck estão ali. Franz pula na vala para junto do bombeiro e ajuda-o a empurrar o cavalo para cima. Meck e os outros ficam espantados com aquilo que Franz consegue fazer com um braço só. Apalpam o animal coberto de suor, nada lhe aconteceu.

“Franz, diga aí, você tem coragem, de onde vem essa força nesse único braço?” “Porque tenho músculos; quando eu quero, eu posso.” Descem pela Brunnenstrasse, há pouco se reencontraram pela primeira vez. Meck logo gruda em Franz. “Sim, Gottlieb, isso vem da boa comida e da boa bebida. E quer que lhe conte também o que faço?” Vou lhe contar umas boas, o Meck não vai querer mais puxar conversa comigo. Amigos assim, muito obrigado. “Então ouça bem o que vou lhe dizer, tenho agora um trabalho dos bons. Fico num circo num parque de diversões da Elbingerstrasse e fico apregoando upa, upa, cavalinho, uma voltinha, senhoras e cavalheiros, cinquenta pfennigs, e atrás dali, na Romintenerstrasse, sou o homem de um braço só mais forte, mas isso desde ontem, lá você pode lutar boxe comigo.” “Homem, lutar boxe com um braço só.” “Vá até lá e veja. Se não posso golpear por cima, trabalho com as pernas.” Franz goza da cara do outro, Meck fica de boca aberta.

E descem com seu velho trote em direção à Alex, um trechinho pela Gipsstrasse, onde Franz o conduz até o velho salão de baile: “Foi reformado, aqui você pode me ver dançar e junto ao bar”. Meck não sabe o que pensar:

“Que bicho mordeu você, diga para mim”. “Está certo, estou começando a voltar ao que era antes. E por que não. Tem alguma coisa contra. Entre aqui comigo; repare como danço com um

braço só.” “Não, não, prefiro ir até o Münzhof.” “Lá também é bom; aqui não deixam a gente entrar sem mais nem menos; mas venha na quinta-feira ou no sábado. Ora, você deve pensar que sou um eunuco agora porque me deram um tiro no braço.” “Quem atirou?” “É que estive envolvido num tiroteio com a polícia. Na verdade, foi sem motivo algum, lá atrás, na Bülowplatz, uns caras estavam querendo armar um roubo, uns sujeitos de bem, mas ter não tinham nada e de onde tirar? É o que digo, lá vou eu andando para cima e para baixo, vejo o que estão tramando e, bem na esquina, dois caras suspeitos estão com um pincel de barba preso atrás no chapéu. Devo lhe dizer: eu corri para dentro da casa, cochicho isso para o rapaz que está de tocaia, mas eles não querem sair; só por causa de dois tiras não vale a pena. Caramba, que rapazes, e primeiro tinham de tirar a mercadoria. Então lá vão chegando os tiras e querem dar uma espiada na casa. Um deles deve ter encontrado algo na casa, peles, coisas para mulheres, quando a grana está curta. Então ficamos escondidos e quando os tiras querem entrar, o que vou dizer, não conseguem abrir a porta da rua. Os outros naturalmente fogem pelos fundos. E quando então os tiras tentam abrir a porta com a ajuda do serralheiro, eu atiro pelo buraco da fechadura. O que diz disso, Meck?” “Onde foi isso?” Está sem palavras. “Em Berlim, virando a esquina, na Kaiserallee.” “Não diga besteiras.” “Ora, dei um tiro às cegas. Mas eles atiraram de verdade, pela porta. Mas não me apanharam. Até que abrissem a porta, tínhamos dado no pé. Só

meu braço. Veja aqui.” Meck reclama: “Ver o quê?”. Franz estende-lhe a mão generosamente: “Então, até logo, Meck. E se você precisar de alguma coisa, moro – depois lhe digo. E bons negócios”.

Some pela Weinmeisterstrasse. Meck, prostrado: ou o sujeito está me gozando – ou tenho de perguntar ao Pums. Eles me contaram uma história bem diferente.

—

E Franz caminha pelas ruas retornando à Alex.

Como era o escudo de Aquiles, como este avança para a luta armado e adornado, não posso descrever com exatidão, só consigo recordar-me vagamente de protetores para os braços e para as pernas.

Mas a aparência de Franz, que agora avança para uma nova luta, isto preciso dizer. Pois bem, Franz Biberkopf está vestindo suas velhas roupas, empoeiradas, respingadas por sujeira de cavalo, um gorro de marinheiro

estampado com uma âncora torta, paletó e calça, surradas roupas marrons, de segunda.

Entra no Münzhof e, dez minutos depois, um caneco goela abaixo, sai com uma mulher que levava um fora de um outro, ainda bastante viçosa, e com ela sai para passear porque lá dentro o cheiro é de mofo e lá fora está bem bonito, se bem que um pouco chuvisquento, andando pela Weinmeisterstrasse e pela Rosenthalerstrasse.

E Franz, o coração desabrocha, ele vê tanta enganação e traição onde quer que olhe! Um outro homem, outros olhos. Como se só agora tivesse olhos! E a garota e ele riem-se até não poder mais, quanta coisa veem! São seis horas, passando um pouco, chove, cai chuva aos borbotões, graças a Deus, a fulaninha tem um guarda-chuva.

O boteco, olham pela janela.

“Lá está o dono vendendo sua cerveja. Preste atenção como ele enche os canecos. Viu só, Emmi, viu: espuma até aqui!” “Ora, o que há de errado?” “Espuma até aqui? Isto é enganação!”

Enganação! Enganação! E ele está certo, o rapaz é vivo. Fico contente.” “Não! Ele é malandro!” “O rapaz é vivo!”

Loja de brinquedos:

“Caramba, Emmi, sabe, quando fico aqui olhando os brinquedinhos, veja, então não digo mais: fico contente. Que droga, e esses ovos pintados, sabe, na infância, tínhamos de colar os ovos junto com nossa mãe. O que pagavam por isso, nem quero contar.” “Só vendo.” “São uns porcos. Melhor seria quebrar as vitrines. Roubalheira. Aproveitar-se dos pobres é maldade.”

Casacos femininos. Ele quer seguir adiante, ela freia. “Pois se você quiser saber, sobre esse assunto posso lhe contar muitas histórias. Costurar casacos de senhoras. Veja só. Para damas finas. E você acha que se ganha quanto por um negócio desses?” “Venha, menina, não quero saber de nada. Se você aceita e fica contente com o que lhe dão.” “Ora, por acaso dá para parar de respirar, o que se pode fazer?”

“Eu seria uma besta se aceitasse uns poucos tostões. Eu é que gostaria de usar um casaco de seda, é o que eu digo.” “Falar é

fácil.” “E vou fazer de tudo para poder usar um casaco de seda. Caso contrário, seria um idiota e vai ter razão quem me meter aqueles oito pfennigs na mão.” “Bobagem.” “Porque estou vestindo calças sujas? Sabe Emmi, é por causa do cavalo, ele caiu no buraco do metrô. Não, não aceito os oito pfennigs, preciso talvez de uns mil marcos.” “E vai conseguir?”

Ela o mede com os olhos. “Não tenho, só estou dizendo, mas eu – vou conseguir, e não vão ser oito tostões.” Ela se pendura nele pesadamente, surpresa e feliz.

Lavanderia americana, serviço rápido, vitrine aberta, duas tábuas de passar a vapor, lá atrás, vários homens não tão americanos, sentados a fumar, à frente, de mangas de camisa, o jovem alfaiate negro. Franz deixa seu olhar percorrer a cena. Exulta: “Emmi, pequena Emmi, ter encontrado você hoje foi bom demais”. Ela ainda não compreende o homem, mas está muito lisonjeada; aiaiai, o outro, aquele que a deixou plantada, pode estrebuchar à vontade. “Emmi, doce Emmi, olhe só para a loja.” “Muito aquele ali não há de ganhar passando roupas.” “Quem?” “Aquele pretinho.” “Não, ele não, mas os outros.” “Aqueles lá? Você não sabe. Eu não os conheço.” Franz exulta: “Eu também nunca os vi, mas conheço os tipos. Olhe só para eles. E o senhor proprietário; na frente, ele passa a ferro e lá atrás – ele faz outra coisa”. “Alta rotatividade?” “Talvez, também, mas são todos

malandros. De quem são os ternos pendurados ali? Só queria ser um tira com o distintivo de lata e perguntar para o tipo ali, ia ver só como eles se põem a correr.” “O quê!” “Mercadorias roubadas, só estão ali escondidas! Lavanderia rápida! Gente fina, uma ova! E como fumam! Estão levando uma boa vida.”

Retomam o passeio. “Você devia fazer assim também, Emmi, como eles. É a única coisa que dá certo. Nada de trabalhar. Tire essa história de trabalhar da cabeça. O trabalho vai provocar bolhas na mão, e não dá nada de dinheiro. Além do mais, de trabalhar nunca ninguém ficou rico, é o que estou dizendo. Só trapaceando. Você mesma pode ver.”

“E você, o que faz?” Ela está cheia de esperança. “Vamos indo, Emmi; já vou lhe dizer.” Estão novamente no meio do burburinho da Rosenthalerstrasse, entram pela Sophienstrasse na Münzstrasse. Franz vai caminhando. As trombetas sopram uma marcha ao lado dele. Em campo aberto, a batalha nós travamos, ratatata, ratatata, ratatata, a cidade conquistamos e o ouro tomamos, arrematamos, rarata, tatata tata!

Riem os dois. A moça que fisgou é de bom calibre. Chama-se apenas Emmi, mas já tem pensão e divórcio atrás de si. Estão

ambos com excelente ânimo. Emmi pergunta: “Onde está o outro braço?”. “Ficou em casa com minha noiva, ela não queria me deixar sair, tive então de lhe deixar o braço como garantia.” “Tomara que ele seja tão divertido quanto você.” “E como. Não sabe a história: abri um negócio com meu braço, lá está o braço então sobre a mesa e faz uma jura o dia inteiro: só quem trabalha, vai comer. Quem não trabalha, vai passar fome. É isso que meu braço diz o dia inteiro, uma pequena quantia na entrada e os proletários vão aparecendo e se divertem.” Ela segura a barriga, ele também gargalha: “Você ainda vai me arrancar o outro braço, garota”.

Uma outra pessoa também vai ter uma outra cabeça

Um pequeno e curioso veículo circulava pela cidade: sobre o chassi, um parálítico, ele se move adiante usando os braços como alavancas. No carrinho, há uma porção de bandeirinhas coloridas e ele percorre a Schönhauser Allee, para em todas as esquinas, as pessoas o cercam, depois seu ajudante vende cartões postais por dez pfennigs:

“Dei a volta ao mundo! Johann Kirbach, nascido em 20 de fevereiro de

1874, em München-Gladbach, saudável e disposto até irromper a Grande Guerra, meus esforços laboriosos foram interrompidos por um derrame do lado direito. No entanto, recuperei-me a ponto de poder andar sozinho durante horas para exercer minha profissão. Com isso, minha família foi poupada de uma miséria maior. Em novembro de 1924, toda a população da Renânia se rejubilou quando a ferrovia estatal foi libertada da opressiva ocupação belga. Muitos irmãos alemães se embriagaram de alegria, o que representou minha desgraça. Naquele dia, estava a caminho de casa quando, a menos de trezentos metros de minha moradia, fui derrubado por uma tropa de homens vindos da taberna. A queda foi tão infeliz que me tornei um aleijado pelo resto de meus dias e jamais poderei andar outra vez. Não recebo pensão ou qualquer outro auxílio. Johann Kirbach.”

No estabelecimento onde Franz Biberkopf fica bisbilhotando nesses dias lindos, pois procura uma oportunidade qualquer, porém nova e sólida, dessas que ajude o homem a progredir, um moleque ainda bem frangote conta que viu o carrinho com o paralítico na estação da Danziger Strasse. E começa a vociferar sobre o caso no local e também sobre o que aprontaram com seu pai, que levou um tiro no peito e agora mal consegue respirar,

alegam de repente que é apenas um problema dos nervos, diminuíram-lhe a pensão e, logo, logo, não vai receber mais nada.

Um outro rapazote de boné de jôquei verde ouve o falatório, está sentado sobre o mesmo banco que ele, mas não tem nenhuma cerveja. O rapazote tem um maxilar como um lutador de boxe. Faz: “Crack! Esses aleijados – não deveriam dar-lhes nenhum tostão”. “Só porque você quer. Primeiro mandam a gente para a guerra e depois não querem pagar.” “É assim que deve ser, homem. Se você faz uma besteira em qualquer outro lugar, você também não vai receber nenhum pagamento por isso. Se um menino se pendurar num

carro e depois cai e quebra uma perna, não recebe um só tostão. E por que deveria: foi o próprio idiota que provocou.” “Em tempos de guerra, criatura, você mal tinha nascido, ainda usava fraldas.” “Bobagem, bobagem, a burrice da Alemanha é pagar auxílio. Então, milhares de pessoas ficam andando por aí, não fazem nada e ainda por cima ganham dinheiro por isso.”

Metem-se na conversa os outros que estão à mesa: “Ora, veja como fala, Willi. E você, em quê você trabalha?”. “Nada. Também não faço nada. E se ainda continuarem me pagando, vou continuar não fazendo nada. Nem por isso deixa de ser burrice, se

continuam me dando dinheiro.” Os outros riem: “Esse aí é um falastrão”.

Franz Biberkopf também está sentado à mesa. O rapaz do outro lado, com o boné de jóquei, num gesto atrevido, enfia as mãos nos bolsos e encara-o ali sentado com seu único braço. Uma garota abraça Franz: “Ei, você também só tem um braço. Diga quanto ganha de auxílio”. “Quem quer saber?” A menina aponta para o rapaz do outro lado: “Aquele lá. Ele está interessado”. “Não, não estou nada interessado. Só estou dizendo: quem foi idiota de ir para a guerra – então fim de papo.” A garota para Franz: “Agora ele está com medo”. “De mim, não. De mim ele não precisa ter medo. Eu também digo isso, não estou dizendo outra coisa. Sabe onde está meu braço, esse aqui que se foi? Mandei colocar o braço no formol e agora ele está na minha casa sobre a cômoda e fica me dizendo o dia todo: bom dia, Franz. Seu bestalhão!”

Haha. Mas que sujeito, uma bela figura. Um homem mais velho tirou umas fatias grossas de pão embrulhadas em papel de jornal, cortou-as com seu canivete, enfiou os bocados na boca: “Eu não estive na guerra, mantiveram-me o tempo todo preso na Sibéria. Pois bem, agora estou na casa da mamãe e sofro de doraquidoralí. Se eles me aparecem agora e me tiram o dinheiro

da pensão, gente, vocês estão loucos?”. O rapazote: “De onde veio o reumatismo? De vender coisas na rua, não foi? Se tiver doença óssea, você não deve fazer negócios na rua”. “Então vou ter de virar cafetão.” O rapaz dá um soco na mesa perto do papel do embrulho: “É isso mesmo. Assim está certo. E não há nada de engraçado. Você devia ver a mulher do meu irmão, minha cunhada, gente direita, não fica nada a dever a ninguém, acredita que eles ficaram envergonhados por aceitarem aquela porcaria de dinheiro do auxílio? Ele foi atrás de trabalho e ela não sabia o que fazer com aqueles poucos tostões e duas crianças pequenas em casa. A mulher não tem como ir trabalhar. Então ela conheceu um tipo, depois quem sabe conheceu um outro. Até que ele acabou percebendo alguma coisa, o meu irmão. Veio então me buscar e disse que eu devia ir até lá e ouvir como ia resolver o assunto com a mulher. Mas se deu mal. Vocês deviam ter ouvido a cena. Ele sumiu com o

rabo entre as pernas. A mulher passou um tamanho sabão nele e naqueles tostões sujos que ele estremeceu todo, meu irmão, o prezado esposo. Ele nunca mais vai se aprumar”. “Não vai mais se aprumar?” “Ele bem que queria. Não, ela não quer mais saber daquele idiota, um cara que vive de auxílio-desemprego e ainda inventa de reclamar quando a outra pessoa traz algum dinheiro para casa.”

Nesse ponto, quase todos são da mesma opinião. Franz Biberkopf está sentado ao lado do rapaz a quem chamam de Willi e lhe faz um brinde: “Sabe, você só é uns dez, doze anos mais novo do que nós, mas é cem anos mais esperto do que a gente. Meninos, se me atrevesse a falar desse jeito quando tinha vinte anos. Carambolas, nesses casos os prussianos dizem: mão nas costuras das calças”. “É o que vamos fazer. Mas não nas das próprias calças.” Gargalhadas.

O local está lotado; o garçom abre uma porta, um anexo estreito, ao fundo, está livre. A mesa inteira desloca-se para debaixo da iluminação a gás. Está muito quente, o anexo está cheio de moscas, um saco de palha no chão é erguido junto ao peitoril da janela para arejar. O falatório continua. Willi está no meio deles, e não arreda o pé.

O rapaz frangote que haviam posto de lado antes descobre um relógio de pulso no braço de Willi, e não se conforma que seja de ouro: “Você deve ter comprado bem barato”. “Três marcos.” “Alguém deve ter roubado.” “Não tenho nada a ver com isso. Quer um também?” “Não. Obrigado. Para alguém me apanhar com ele e dizer: onde arranjou o relógio?” Willi à sua volta: “Esse aí tem medo do roubo”. “Ora, pare com isso.” Willi estende o braço sobre

a mesa: “Ele tem algo contra meu relógio. Para mim, isto é um relógio, ele funciona e é de ouro”. “Por três marcos.” “Então vou lhe mostrar outra coisa. Me passe o seu caneco. Diga, o que é isso?” “Um caneco.” “Certo, um caneco para se beber.” “Não vou dizer que não.” “E isto aqui?” “Esse é o relógio, homem, está ficando bobo.” “Isto é um relógio. Isto não é um sapato tampouco um canário, mas se você quiser pode chamar isto de sapato, pode fazer o que quiser, só depende de você.” “Não estou entendendo. Onde quer chegar?” Willi, porém, parece saber o que quer e retira o braço, agarra uma garota e diz: “Ei você, ande”. “O quê? Para quê?” “Ora, caminhe ali ao longo da parede.” Ela não quer. Os outros gritam para ela: “Vá, garota, não se faça de difícil”.

Ela então se levanta, olha para Willi, vai até a parede. “Uhu, seu cavalo velho!” “Vá”, grita Willi. Ela lhe mostra a língua e marcha empinando o traseiro. Risadas. “Agora volte para cá. Portanto: o que foi que ela fez?” “Ela

lhe mostrou a língua!” “E o que mais?” “Ela andou.” “Certo. Ela andou.” A moça intervém: “Nada disso. Aquilo foi uma dança”. O mais velho diante de suas fatias de pão: “Aquilo não foi dança. Desde quando se dança com o traseiro empinado”. A garota: “Não se você empinar o seu”. Dois outros exclamam: “O que ela fez foi andar”. Willi ri vitorioso e ouve as opiniões: “Então, eu digo

o seguinte: ela marchou”. O frangote, aborrecido: “E o que é isso agora?”.

“Nada. Mas veja você, andou, dançou, marchou, como quiser. Você ainda não está entendendo. Então vou explicar direitinho. Isto é o caneco de antes, mas você pode chamar de cuspe, daí talvez todos vão ter de chamar isso de cuspe, mas sempre vai servir para beber. E se a garota marcha, então ela marcha ou anda ou dança; mas o que ela fez, você mesmo viu. Com seus olhos. Aquilo foi o que você viu. E se alguém pega o relógio da gente, isto está longe de ser um roubo. Viu, agora você entende. Ele foi pego, do bolso ou da vitrine ou da loja, mas roubado? Quem está dizendo isso?” Willi recosta-se na cadeira, as mãos de novo nos bolsos das calças: “Eu não estou dizendo isso”. “E o que você diz?” “Você ouviu: foi pego. Mudou de proprietário.” Pronto. Willi estica seu queixo de pugilista e não diz nada. Os outros ficam pensativos. Uma inquietação percorre a mesa.

Subitamente, Willi ataca Franz, o maneta, com sua voz áspera. “Você teve de ir junto com os prussianos, esteve na guerra. Para mim, isto se chama privação de liberdade. Mas eles tinham os tribunais e a polícia a seu favor, e assim sendo eles amordaçaram a sua boca e agora o nome disto não é privação de liberdade,

como você, idiota, pode pensar, e sim serviço militar. E você teve de cumprir, o mesmo se dá com os impostos, você também não sabe onde vão parar.”

A garota faz beicinho: “Não comece com coisas de política. Isto estraga a noite”. O rapazote acha ruim e desvia o assunto: “Uma bobagem dessas. Acho que o tempo está bonito demais para essa conversa”. Willi o atiça: “Vá então para a rua. Você acha, cara, que a política só está aqui dentro do boteco e estou inventando coisas para você. Como se eu precisasse inventar alguma coisa. Ela vomita na sua cabeça onde quer que você ande. Caso você permita, bem entendido”. Alguém grita: “Acabe com isso, cale a boca”.

Entram dois novos fregueses. A garota vai se ondulando graciosa, serpenteia ao longo da parede, requebra os quadris, acena docemente na direção de Willi. Ele se levanta de um pulo, dança com ela um foxtrote atrevido, enroscam-se, fogo em brasa de dez minutos, cravada bem fundo na terra está a forma queimada, feita de farinha. Ninguém olha para cá. Franz, o maneta, começa a entornar seu terceiro caneco, afaga o toco no ombro. O toco arde, arde, arde. Maldito garoto este Willi, maldito garoto, garoto maldito. Os homens arrastam a mesa para fora, atiram o

saco de palha pela janela, um deles apareceu com um acordeão, está sentado sobre um banquinho perto da porta, cheio de chamego. Meu Joãozinho, oh, ele sabe tudinho, meu Joãozinho é só meu, inteirinho.

Dançam alegremente, tiram os paletós, bebem, tagarelam, transpiram. Se ninguém o consegue, meu homem, o João vai conseguir. Então Franz Biberkopf se levanta, paga e diz a si mesmo: não sou mais tão jovem para dançar, também não estou com vontade, preciso arranjar dinheiro. Como, não me importa.

Boné e rua.

Dois sujeitos sentados à hora do almoço na Rosenthalerstrasse engolem colheradas de sopa, ao lado de um deles, o jornal Berliner Zeitung, ele ri: “Terrível tragédia familiar no oeste da Alemanha”. “E qual o motivo do riso?” “Ouça aqui. Um pai atira seus três filhos na água. Os três de uma vez. Sujeito irado.” “Onde foi?” “Hamm, na Vestefália. Que limpeza, homem, ele devia estar farto, por aqui. Mas nesse cara se pode confiar. É só esperar para ver o que fez com a mulher. Essa ele também vai -. Não, essa resolveu a parada sozinha, ela já se foi antes. O que diz a isso? Família divertida, Max, essa sabe viver. Carta da mulher: vigarista!

Título com pontos de exclamação, ele que ouça isso. ‘Como já estou farta de continuar vivendo assim, tomei a decisão de me atirar no canal. Pegue uma corda e se enforque. Julie. Ponto.’” Ele se torce de rir: “Não reina a harmonia na família: ela no canal, ele na corda. A mulher diz: enforque-se e ele atira as crianças na água. O homem não ouve muito bem. Não dava mesmo para segurar o casamento”.

São dois homens de mais idade, operários de construção da Rosenthaler Strasse. O outro desaprova o que aquele diz: “É um caso triste, se vir uma coisa dessas no teatro ou ler no livro, então vai cair no choro”. “Você, talvez. Olhe Max, será que alguém ia chorar por uma coisa dessas, por quê?” “A mulher, três filhos, agora pare com isso.” “Do jeito que sou, acho graça disso, gosto do homem, as crianças dão pena, mas assim, de uma só cajadada liquidar a família inteira, sinto respeito por ele, e depois –”.

Explode em riso de novo: “Acho isso, pode me fazer em pedacinhos, acho isso engraçado demais, o jeito como eles ainda brigavam até o fim. A mulher diz para ele pegar uma corda e ele diz: agora é que não pego, Julie, e joga as crianças na água”.

O outro colocou os óculos de aro de metal, lê a história outra vez.
“O

homem está vivo. Foi preso. Pois então. Não gostaria de estar na pele dele.” “Quem sabe. Você não sabe nada.” “Mas isso eu sei.” “Sabe. Já posso imaginar o cara. Está na cela, fuma seu cigarro, caso consiga algum, e diz: vão todos tomar...” “Então, agora você sabe. Sentimento de culpa, meu jovem. Ele está chorando na cela ou não diz nada. Não consegue dormir. Homem, o que você está dizendo é pecado.” “Mas eu discordo disso totalmente. Ele consegue dormir esplendidamente. Se for um cara muito irado, ele dorme bem e come e bebe talvez melhor do que aqui fora. Isso eu garanto.” O outro o encara seriamente. “Então ele é um cachorro impiedoso. Se cortarem uma cabeça dessas, dou minha bênção.” “Você também tem razão. Ele diria a mesma coisa, você tem toda razão.” “Agora chega dessa porcaria. Vou pedir uns pepinos.” “Interessante um jornal desses. Um cão raivoso, mas talvez ele se arrependa da história, tem gente que se excede no trabalho.” “Vou comer pepinos e cabeça de porco.” “Eu também.”

Um outro homem precisa de uma outra profissão ou então de nenhuma

Quando o senhor perceber o primeiro buraco na manga, então saberá que está mais do que na hora de providenciar um terno

novo. Dirija-se imediatamente ao local adequado onde lhe mostrarão, dispostos de maneira organizada em estoques e em belos espaços claros, sobre balcões largos, todas as peças de roupas de que o senhor urgentemente necessita.

“Não posso fazer nada, pode dizer o que quiser, senhora Wegner: um homem com um braço só, ainda mais lhe faltando o braço direito, está perdido.” “Não posso negar isso, senhor Biberkopf, é difícil. Nem por isso é preciso ficar arquejando e fazer uma cara dessas. Criatura, desse jeito o senhor mete medo na gente.” “E o que vou fazer com um braço só?” “Peça auxílio-doença ou abra uma pequena banca.” “Banca de quê?” “Jornais ou tecidos por metro ou pode vender ligas de meias ou colares, diante da loja Tietz ou em qualquer outro lugar.” “Jornais?” “Ou frutas, hortifrúti.” “Estou velho demais para isso, devia ser mais jovem.”

Isto é um assunto antigo, não me meto mais nisso, não quero mais me meter nessas coisas, isto está decidido e acabado.

“O senhor precisa arranjar uma noiva, senhor Biberkopf, ela logo lhe diria certas coisas e lhe daria apoio no que fosse necessário.

Ela pode ajudar a puxar a carroça ou cuidar das vendas quando o senhor tiver de sair.”

Pôr o boné, tirar o boné, tudo besteira, qualquer hora amarro um realejo no

corpo e saio por aí tocando música. Onde está Willi?

“Dia, Willi.” Depois, Willi diz: “Não, muita coisa não vai dar para você fazer. Mas se for esperto, algo pode dar certo. Se eu, por exemplo, lhe der todos os dias alguma coisa, algo para vender ou passar adiante, e você tem bons amigos, e vocês forem capazes de calar o bico, então você passa a coisa adiante e pode ganhar muito bem com isso”.

E Franz aceita fazer isso. Quer fazer isso de qualquer jeito. Ele quer por si próprio manter-se de pé. Algo que traga dinheiro rapidamente, isso ele quer. Trabalhar, besteira. Pensa em jornais e tem vontade de cuspir, fica enraivecido quando vê esses imbecis, os vendedores de jornal, e por vezes se espanta de ver como alguém pode ser tão tolo e se ralar enquanto outros dirigem seu próprio carro ali perto. Comigo não. Era uma vez, meu rapaz. Prisão de Tegel, alameda de árvores negras, as casas balançando,

os telhados ameaçando cair na cabeça da gente e eu ainda por cima tenho de ser decente! Gozado, Franz Biberkopf tem de ser decente de qualquer jeito, o que me diz disso, é de cair o queixo. Gozado, devo ter pego uma doideira na prisão, louco de dar nó. Dinheiro para cá, dinheiro para ganhar, é de dinheiro que o homem precisa.

—

Agora vocês veem Franz Biberkopf como um receptador, um criminoso, o outro homem tem outra profissão, em breve ele vai ficar pior.

Há uma mulher, vestida de púrpura e escarlata e adornada de pedras preciosas e de pérolas, segurando um cálice dourado na mão. Ela ri. Em sua testa, está escrito seu nome, um segredo, a grande Babilônia, a mãe da putaria e de todos os horrores da Terra. Ela bebeu do sangue dos santos, embriagou-se com o sangue dos santos. A prostituta da Babilônia está ali sentada, o sangue dos santos ela sorveu.

Que traje usava Franz Biberkopf quando morava na casa de Herbert

Wischow?

O que usa agora? Sobre a mesa, um impecável terno de verão, comprado por vinte marcos, dinheiro vivo. Para ocasiões especiais, uma Cruz de Ferro à esquerda, usa-a como legitimação para seu braço, deleita-se com o respeito dos transeuntes e com a irritação dos proletários.

Tem a aparência de um bem nutrido e honrado dono de boteco ou a de um mestre açougueiro, vincos nas calças, luvas, chapéu-coco. Em caso de alguma surpresa, traga documentos consigo, falsos, em nome de um certo Franz Racker, que morreu durante os tumultos de 1922, cujos documentos já prestaram ajuda a muita gente. O que está escrito no documento, onde moram os pais, quando eles nasceram, quantos irmãos o senhor tem, em quê o senhor trabalha, qual foi o último emprego e tudo o mais que um tira de repente é capaz de perguntar, Franz Biberkopf sabe de cor, o resto se arranja.

—

Aconteceu em junho. No belíssimo mês de junho, a borboleta saiu do casulo, depois de deixar para trás a vida de crisálida. E Franz já está bastante desabrochado bem quando Herbert Wischow e Eva regressam da estação de águas de Zoppot. Na estância, havia acontecido uma série de coisas, há muito que contar, Franz delicia-se ao saber. O investidor de Eva estava sem sorte. Estava indo bem no jogo, mas, justamente no dia em que foi buscar dez mil no banco, foi roubado em seu quarto de hotel, enquanto ceava com Eva. É possível uma coisa dessas. O quarto foi habilmente aberto com uma chave falsa, o relógio de ouro sumiu, além dos cinco mil marcos que deixara à vista sobre a mesinha de cabeceira. Isto foi de fato um descuido e tanto, mas quem vai pensar numa coisa assim. Que ladrões possam entrar sorrateiramente em um hotel de primeira classe como aquele, cadê os olhos do porteiro, vou apresentar queixa contra os senhores, será que não há vigilância por aqui, não nos responsabilizamos por objetos de valor nos quartos. O homem se enfurece com Eva, pois ela o arrastara com tanta pressa para a ceia, por quê, só para ver o senhor barão, beije você a mão dele, de tanta consideração, mande a ele uma caixa de bombons, do meu bolso. Agora você está sendo indelicado, Ernestinho. E os cinco mil marcos? O que posso fazer? Ah, vamos para casa. Irritado, o banqueiro então diz: não é má ideia, vamos sair daqui.

Assim, Herbert Wischow está morando outra vez na Elsasser Strasse e Eva tem que ocupar um quarto elegante no oeste, para ela, nada de novo, pensa, só dura pouco tempo, ele se farta de mim e logo depois voltamos outra vez para a Elsasser.

Já no trem quando está sentada com o banqueiro e vai tolerando com tédio e fingido deleite as carícias dele no vagão da primeira classe, ela sonha: o que andar­á fazendo o Franz. E quando o banqueiro desce antes de Berlim, ela, sozinha no vagão, sobressalta-se e angustia-se: o Franz foi embora de novo. Então que alegria e que surpresa e que boca aberta na casa de Herbert e de Eva e de Emil, quando no dia 4 de julho [quarta-feira] ele aparece, quem, ora, dá para imaginar. Elegante, asseado, a Cruz de Ferro pregada ao peito de herói, os olhos castanhos de animal ingênuo como sempre, punhos quentes de homem e aperto de mão forte: Franz Biberkopf. Ora, cuidado para não cair. Agora está perdendo o equilíbrio. Emil já conhece a transformação, ele repousa a menina dos olhos sobre Herbert e Eva. Franz, boa pinta. “Rapaz,

você andou tomando banho de champanha?”, Herbert demonstra sua alegria. Eva está sentada e nada entende. A manga direita de Franz está enfiada, vazia, no bolso, de qualquer jeito, o braço não

cresceu de novo. Ela o abraça e beija. “Deus, Franzezinho, e nós aqui sentados quebrando a cabeça, o que estará fazendo o Franz, ficamos com medo, não faz ideia.” Franz faz a volta, beija Eva, beija Herbert, Emil também: “Que bobagem, medo por minha causa”. Ele pisca os olhos, matreiro: “E o que acham de mim como herói de guerra com este paletozinho?”. Eva exulta: “O que aconteceu, o que aconteceu, estou tão feliz por você estar tão bem”. “E eu também.” “E - e com quem você está agora, Franzezinho?” “Com quem? Ah. Ninguém, ninguém. Nada disso. Não tenho ninguém.” E desanda a falar e a contar e promete a Herbert que lhe devolverá todo o dinheiro, até o último tostão, o último níquel, dentro de alguns meses estará tudo pago. Herbert e Eva desatam a rir. Herbert agita uma nota marrom de mil marcos diante dos olhos de Franz: “Quer uma dessas, Franz?”. Eva suplica: “Pegue, Franz”. “De jeito nenhum. Não estamos precisando. Quando muito, podemos nos deleitar todos juntos com essa nota de mil lá embaixo, isso nós podemos fazer.”

Também entra em cena uma garota, Franz

Biberkopf está completo outra vez

E les aprovam com uma bênção tudo o que Franz faz. Eva, que ainda ama Franz, gostaria sinceramente de ajudá-lo a arranjar

uma garota. Ele resiste, conheço essa garota, não, essa você não conhece, Herbert também não, como você pode conhecê-la, não, faz pouco tempo que ela está em Berlim, é de Bernau, só vinha de vez em quando para cá até a estação Stettin, eu a encontrei ali e lhe disse: você ainda vai se dar mal, menina, com essa história de sempre vir até aqui, em Berlim ninguém consegue se manter assim. E ela disse, rindo, que só quer se divertir um pouco. Aí está, Franz – Herbert já conhece essa história, Emil também –, um belo dia, lá ela está sentada no café ao meio-dia. Chego perto e pergunto: ora, que cara é essa, garota, não faça onda por aqui. Ela então se põe a lamentar para mim, teve de ir à delegacia, não tinha documentos, ainda não é maior, não se atreve a voltar para casa. Foi despedida do emprego que arranjara porque a polícia andou fazendo perguntas e a própria mãe a expulsou de casa. Diz: só porque me diverti um pouquinho? O que há para fazer à noite em Bernau?

Emil ouve como sempre com os braços apoiados e diz: “A garota tem toda razão. Também conheço Bernau. À noite não acontece nada por lá”.

Eva: “Então, e agora cuido um pouquinho da garota; ela está proibida de ir à

estação Stettin”.

Herbert fuma um charuto importado: “Se você for um homem que entende das coisas, Franz, quem sabe você consegue dar um bom jeito na menina. Eu vi a garota. Tem classe”.

Emil considera: “Um pouco jovem, mas classe ela tem. Ossos fortes”. E

continuam bebendo.

—

Esta moça, que prontamente bate à sua porta no dia seguinte à hora do almoço, encanta Franz à primeira vista. Eva fez dele um bom petisco, ele também gostaria de proporcionar uma alegria a Eva. Mas a garota é de fato um pitêu, uma beleza, nota dez, uma coisa dessas ainda não constava em sua caderneta de endereços. É uma figurinha pequena, parece uma colegial com seu vestidinho branco e leve, braços de fora, seus gestos são suaves, lentos, imperceptivelmente chega logo perto dele. Está lá há apenas meia hora e ele não pode mais imaginar aquela malandrinha longe de seu quarto. Emilie Parsunke é de fato o nome dela, mas gostaria

de chamar-se Sonja, isso Eva sempre dizia a ela por ter as maçãs do rosto tão russas. “E Eva”, afirma a garota lamuriante, “Eva também não se chama Eva, o nome dela é Emilie, como o meu. Foi ela mesma quem disse.”

Franz balança-a em seu colo e fita aquela maravilha delicada, mas rija, e espanta-se com a felicidade que o bom Deus lhe entregou em domicílio. Na vida, há altos e baixos, uma maravilha. Conhece o homem que batizou Eva assim, foi ele mesmo, ela fora sua namorada antes de Ida, antes tivesse ficado com Eva. Agora tem esta aqui.

Mas em sua casa, ela se chama Sonja, só por um dia, depois ele implora, não suporta esses nomes estrangeiros. Se ela veio de Bernau, poderia ter um nome diferente. Ele já teve muitas garotas, ela bem que pode imaginar, mas nenhuma que se chamasse Marie. Gostaria de ter uma com esse nome. Então ele a chama dali em diante de “sua Miezinha”.

—

Não demora muito – nos primeiros dias de julho –, ele vive uma linda experiência com ela. Nenhuma criança se anuncia, tampouco ela está doente. É algo diferente que afeta Franz até os ossos, mas nada de grave. Na época, Streseman viaja a Paris ou talvez não viaje até lá, em Weimar, desaba o telhado do serviço de telégrafos e talvez um sujeito desempregado saia ao encalço de sua noiva, esta viajara com um outro até Graz, depois o sujeito vai matar os dois com uns tiros e meter uma bala na própria cabeça. Tais coisas

acontecem em qualquer condição atmosférica, inclusive a grande mortandade de peixes no rio Weisse Elster. Ler algo assim causa espanto; quando se está envolvido, nada disso parece tão grandioso; na verdade, acontece em todas as famílias.

Franz fica muitas vezes parado diante da casa de penhores da Alte Schönhauser Strasse, na casa de lanches palavreia com um e com outro, tudo gente conhecida, Franz lê com atenção a rubrica do jornal: compras, vendas; à hora do almoço, encontra-se com Mieze. Em certa ocasião, percebe que Mieze chega de repente bastante esfalfada ao Aschinger, na Alex, onde são feitas as refeições. Diz que perdera a hora, dormira demais – mas há algo de errado com a moça. Ele esquece a história, a moça é tão delicada que nem dá para acreditar, no quartinho dela, tudo é tão limpo e enfeitado com flores e paninhos e fitas, como se fosse o

quarto de uma menina. E sempre tão bem arejado e borrifado com alfazema que lhe dá a maior alegria quando ambos voltam para casa à noite. E na cama, lá ela é suave como uma pluma, toda vez tão calma e delicada e feliz quanto no início. Sempre está um pouco séria, e ele não consegue compreendê-la por completo: será que pensa alguma coisa quando fica ali sentada sem fazer nada, e o que pensa. Se lhe pergunta, ela responde e ri: não pensa em nada. Não se pode pensar numa coisa o dia inteiro. Ele concorda com isso.

Ora, na porta, do lado de fora, há uma caixa de correio com o nome de Franz, o falso: Franz Racker, pois é esse o nome que ele declara sempre para anúncios e para correspondência. Mieke então lhe conta um dia: ouvira nitidamente o carteiro jogar algo na caixa pela manhã e quando ela vai até lá, não há nada dentro. Franz fica surpreso e pergunta o que seria isso. Mieke acha que naquele instante alguém deve ter pescado a carta lá de dentro, pela fresta: é aquela gente da frente, que fica sempre olhando pelo burquinho, deve ter visto quando o carteiro chegou e foi pegar a carta. Franz fica com a cabeça rubra de raiva, pensa: ora essa, tem gente atrás de mim e vai à noite até lá. Bate à porta, abre uma mulher, logo diz que vai chamar o marido. É um homem velho – a mulher é mais jovem, o homem tem, talvez, sessenta e a mulher, trinta. Franz pergunta a ele se por acaso uma

carta foi entregue aqui por engano, uma carta para ele. O homem olha para a mulher: “Uma carta foi entregue aqui? Acabei de chegar em casa”. “Não, aqui não foi entregue nada.” “Quando foi, Mieze?” “Lá pelas onze; ele vem sempre a essa hora.” Diz a mulher: “Sim, ele sempre vem por volta das onze. Mas a senhorita sempre pega a correspondência quando há alguma, ele sempre toca a campainha”. “Como a senhora sabe disso? Eu o encontrei uma vez na escada e ele me entregou uma carta; e eu a enfiiei na caixa.” “Não sei se a senhora a enfiou na

caixa. Só que ele lhe entregou a carta, foi só isso que vi. E o que tem a ver isso conosco?” Franz: “Pois bem, aqui não tem nenhuma carta para mim, meu nome é Racker, não foi entregue nenhuma carta aqui?”. “Deus me livre, por acaso vou receber correspondência de outras pessoas? Não temos caixa de correspondência, assim os senhores podem imaginar quantas vezes o homem vem até aqui!” Aborrecido, Franz dá meia volta com Mieze, levanta a boina: “Desculpem-nos, boa noite”. “Boa noite, ’noite.”

Franz e Mieze discutem o assunto por todos os ângulos. Franz cisma se talvez aquela gente andaria a espioná-lo, quer contar a história para Herbert e Eva. Insiste para que Mieze diga ao carteiro para que toque a campainha. “Vou fazer isso, Franzezinho, mas às vezes vem um cara novo, um ajudante.”

E quando, depois de alguns dias, Franz chega inesperadamente em casa à hora do almoço, Mieze já saíra para o Aschinger, ele descobre o mistério, algo totalmente novo – justamente algo que o atinge até os ossos, mas que de fato não provoca muita dor. Vai até a sala, que naturalmente está vazia, limpa, mas lá está uma caixa de charutos finos para ele, por cima, Mieze colocou um bilhete: “para o Franzezinho”, e duas garrafas de Allasch, aguardente de cominho. Franz fica feliz, pensa como essa garota consegue lidar bem com o dinheiro das despesas, essa é de fazer pensar em casamento, está todo cheio de contentamento, e, veja só, comprou também um passarinho para mim, até parece que é meu aniversário, espere só, minha ratinha, também vou lhe presentear com alguma coisa. E procura dinheiro em seus bolsos, ouve a campainha, sim, é o carteiro, mas está chegando hoje bem tarde, já é meio- dia, vou lhe dizer isso eu mesmo.

E Franz vai até o corredor, abre a porta, põe-se à escuta na casa, nada de carteiro. Espera e nada, ora, talvez esteja na casa de alguém. Franz pega a carta da caixa e vai até a sala. No envelope aberto, há ainda uma carta fechada, junto a um bilhete, uma letra disfarçada: “Entregue no endereço errado”, e um nome ilegível. Certamente foi entregue por alguém do lado de lá, afinal quem é que estão espionando. A carta fechada está endereçada a: “Sonja

Parsunke, aos cuidados do senhor Franz Racker”. Coisa curiosa, quem lhe envia estas cartas, de Berlim, é um homem. E alguém lhe escreve, um arrepio gelado percorre Franz: “Meu amado tesouro, quanto tempo você me deixa no aguardo de uma resposta –”. Ele não consegue continuar a ler, fica sentado – e lá estão os charutos, a pequena gaiola com o canário.

E Franz desce, não vai ao Aschinger e sim até Herbert, está pálido, mostra a carta ao outro. Este cochicha no quarto ao lado com Eva. E Eva logo aparece, dá mais um beijo em Herbert, manda-o sair e pendura-se no pescoço de

Franz: “E então, Franzezinho, ganho também um beijo?”. Este a fixa com os olhos arregalados: “Me deixe”. “Franzezinho, um beijo. Somos velhos amigos.” “Ora, criatura, o que há, comporte-se, o que o Herbert vai pensar.” “Acabei de mandar o Herbert embora; venha comigo, pode olhar por aí.” Conduz Franz pela casa, Herbert saiu, pois bem, que saia. Eva fecha a porta: “Então você pode me dar um beijo”. Ela se agarra a ele, naquele momento, ela é um fogo selvagem.

“Menina, menina”, arqueja Franz, “você deve estar louca, o que quer de mim?” Mas ela está fora de si, ele também não pode fazer nada contra ela, espanta-se, repele-a. Mas algo se acende dentro

dele! Não sabe o que se passa com Eva, há muita fúria e impetuosidade em ambos. Com dentadas nos braços e no pescoço, lá estão eles depois deitados um ao lado do outro, ela, atravessada de costas sobre o peito dele.

Franz grunhe: “Escute, o Herbert realmente não está aí?”. “Você não acredita.” “Que sujeira a minha, contra meu amigo.” “Você é um homem tão doce, estou tão apaixonada por você, Franz.” “Criatura, você vai ficar toda marcada aí no pescoço.” “Eu poderia morder você todinho, tanto que gosto de você. E quando você chegou naquela hora com a carta, homem, quase pulei no seu pescoço na frente de Herbert.” “Eva, o que o Herbert irá dizer quando vir as manchas mais tarde, vão ficar verdes e azuis.” “Ele nem vai saber. Vou depois até meu banqueiro e digo então que as manchas vieram dele.” “Isso é bom, Eva, pois então, você é minha boa Eva. Não tolero uma sujeira dessas. Mas o que dirá o banqueiro quando vir você?” “E o que vão dizer a tia e a avó, homem, você é muito medroso, que coisa.”

Eva então se compôs, agarrou Franz pela cabeça, beijou-o todo, até no toco do ombro deitou as bochechas em fogo. Em seguida, pega a carta, coloca o chapéu: “Agora vou indo, sabe o que vou fazer, vou até o Aschinger e converso com Mieze”. “Não, Eva, por

que isso?” “Porque quero. Fique aqui. Volto logo. Deixe-me fazer minha vontade, homem. Sou capaz de cuidar de uma garota jovem, sem experiência e em Berlim. Pois bem Franz –” E beija-o outra vez e por pouco não fica ardente de desejo, mas levanta-se e sai correndo. Franz não entende nada.

Isto foi à uma e meia da tarde; às duas e meia ela já está de volta, séria, calma, mas satisfeita, ajuda Franz, que adormecera, a vestir a roupa, limpa-lhe o rosto suado com seu perfume. Aí desanda a falar, senta-se sobre a cômoda, fuma cigarros: “Pois bem, a Mieze, como ela deu risada, Franz. Por ela, eu garanto”. Franz se espanta. “Não, Franz, a carta não me incomoda nada. Ela ainda estava no Aschinger esperando por você. Mostrei-lhe então a carta. E

ela perguntou se você não ficara contente com a aguardente e com o canarinho.” “Sim, sim.” “Agora ouça bem. Posso lhe dizer, ela nem pestanejou. Gostei muito dela. É uma boa moça. Não passei a você nenhum material de segunda.” Franz está sombrio e inquieto; mas o que é isso. Eva salta para baixo, dá-lhe um tapinha no joelho: “Você é um doce, Franzezinho. Não entende. Uma garota também quer fazer algo por seu homem. Como é que ela fica se você fica andando por aí o dia inteiro, fazendo negócios e coisa e tal e ela lhe prepara o café, limpa o quarto e nada mais. Ela quer lhe dar um presente, quer alguma coisa de

você, quer que você fique contente. É por isso que ela faz essas coisas”. “Por isso? E você engole isso. Por isso ela me trai?” Eva fica séria: “Nem se fala em traição. Foi o que ela logo disse: nem pensar. Se alguém lhe escreve, não há nada de mal nisso, Franz, acontece de um cara qualquer ficar ligado e então escreve, isso não é novidade, é isso”.

Devagar, devagarinho, Franz começa a entender. Ah, então é isso, a coisa é por aí. Ela percebe que ele está começando a entender. “Justamente. E o que mais. Ela quer ganhar dinheiro. E não tem razão? Eu também ganho meu dinheirinho. E não lhe agrada que você cuide do sustento dela, ainda mais que você não consegue fazer muita coisa com o braço.” “Ora, ora.” “Foi o que ela logo disse. Nem sequer pestanejou. Escute bem, é uma moça distinta, pode contar com ela. Você precisa se poupar, diz ela, por tudo o que sofreu neste ano. E, além disso, homem, de fato, as coisas não andaram muito boas para você, lá fora, Tegel, você bem sabe. Ela ia ficar envergonhada de deixar você se esfalfar desse jeito. Ela então trabalha para você. Só não tem coragem de dizer.”

“Então é isso”, Franz meneia a cabeça e deixa-a tombar sobre o peito. “Você nem imagina”, Eva está junto dele, acaricia-lhe as

costas, “como a garota está ligada a você. A mim você não quer. Ou – você me quer, Franz?”

Ele a pega pela cintura, ela se senta cautelosamente no colo dele, pois ele só pode segurá-la com um braço, ele comprime a cabeça no peito dela, diz baixinho: “Você é uma boa mulher, Eva, fique com o Herbert, ele precisa disso, é um bom sujeito”. Antes de Ida, ela foi sua namorada, nada de mexer nisso, nada de começar de novo; Eva compreende. “Então agora você vai ao encontro de Mieze, Franzezinho. Ela ainda está esperando no Aschinger ou diante da porta. Ela não volta mais para casa se você não a quiser mais.”

Com muita calma e muita ternura, Franz despediu-se de Eva. Defronte ao Aschinger, ao lado de uma vitrine de fotógrafo, vê a pequena Mieze parada, na Alex. Franz se posta do outro lado, diante do tapume das obras, e a olha um longo tempo por trás. Ela anda até a esquina, Franz a segue com o olhar.

Trata-se de uma decisão, trata-se de uma mudança. Seus pés se põem em movimento. Ele a vê de perfil na esquina. Como é pequenina. Usa sapatos marrons fechados, de amarrar. Veja só, logo alguém vai lhe dirigir algum gracejo. O pequeno nariz achatado. Ela olha à sua volta. Sim, vim do outro lado, passando

pelo Tietz, mas ela não me viu. O carro de pão do Aschinger obstrui o caminho. Franz passa pelo tapume das obras até a esquina onde estão os montes de areia; estão preparando o cimento. Agora ela poderá vê-lo, mas ela não olha em sua direção. Um senhor idoso não para de olhar para ela, ela passa por ele e continua a caminhar na direção da loja Loeser e Wolff. Franz atravessa a rua. Está sempre dez passos atrás dela e mantém essa distância. É um dia ensolarado de julho, uma mulher lhe oferece um ramo de flores, ele lhe dá vinte pfennigs e segura as flores na mão e ainda não apressa o passo. Ainda não. Mas as flores exalam um bom perfume, hoje ela lhe colocou algumas na sala e uma gaiola de canário e uma aguardente.

Nisso ela se vira. Viu-o imediatamente, ele segura as flores na mão, então ele foi mesmo. E voa em sua direção, o rosto em brasa arde por um instante e flameja quando vê as flores na mão esquerda dele. Empalidece e, então, ficam manchas vermelhas.

Dentro dele, o coração dispara. Ela dá-lhe o braço, andam pela calçada até o outro lado, a Landsberger Strasse, e não dizem palavra. Ela olha de soslaio para as flores silvestres que ele segura na mão, mas Franz anda ereto ao lado dela. O ônibus 19, amarelo, de dois andares, passa trovejando, lotado de cima a baixo, à

direita, no tapume das obras, está colado um antigo cartaz, Partido do Reich para Artesãos e Comerciantes, não se consegue atravessar a rua, as viaturas da Central de polícia têm trânsito livre naquela hora. Do outro lado, junto à coluna com o reclame da marca de detergente Persil, Franz percebe que ainda tem na mão o ramo de flores e quer entregá-lo a ela. E enquanto seus olhos fitam sua mão, ainda se pergunta, um suspiro dentro dele, ainda não está decidido: dou-lhe as flores, não lhe dou as flores? Ida, o que tem a Ida com isto, Tegel, gosto tanto da garota.

E na pequena ilha com a coluna de Persil, vê-se no dever de passar as flores para a mão dela. Ela olhara bastante para ele, suplicante, ele não falou nada, agora ela agarra seu antebraço esquerdo e ergue a mão dele, comprime-a contra seu rosto, que novamente se incendeia. O calor do rosto dela percorre-o. Depois ela fica ali, deixa cair o braço inerte, sua cabeça pousa por si mesma sobre o ombro esquerdo dele. Bafeja para Franz, que, assustado, segura-a pelos quadris. “Nada, Franz. Deixe.” E atravessam a rua em diagonal, onde estão demolindo a loja de departamentos Hahn, e seguem em frente. Mieke caminha outra vez bem firme. “Você parou por quê, Mieke?”

Ela aperta o braço de Franz: “Fiquei tão amedrontada naquela hora”. Ela gira a cabeça para o lado, as lágrimas inundaram seus

olhos, mas a garota consegue rir logo em seguida antes que ele perceba alguma coisa, foram horas terríveis.

—

Estão lá em cima no quarto dele, a menina em seu vestido branco está sentada sobre o banquinho em frente a ele, abriram as janelas, faz agora um calor abrasador, um mormaço pesado, ele está sentado no sofá, em mangas de camisa, e fica olhando a garota. Como está apaixonado por ela; estou tão aliviado por ela estar aqui, que mãozinhas lindas, garota, vou lhe comprar um par de luvas de pelica, só vendo, e vai ganhar uma blusa, faça o que quiser, é tão bom que você esteja aqui, estou tão aliviado por você estar aqui de novo, criatura. E esfrega a cabeça no colo dela. Puxa-a para si, não se sacia de fitá-la, apertá-la, sentir a moça. Agora sou outra vez um homem, agora sou outra vez um homem, não, não vou abandonar você, aconteça o que acontecer. Abre a boca: “Menina, Miezinha, pode fazer o que quiser, que não abandono você”.

Como estão felizes. Olham-se, ombro a ombro, olham para o canarinho. Mieze procura sua bolsa, mostra a Franz a carta da hora do almoço: “E você ficou nervoso com esta bobagem, com o

que este aqui escreve?”. Ela amassa-a, joga-a para trás, no chão: “Homem, posso mostrar a você um pacote inteiro dessas aqui”.

Guerra defensiva contra a sociedade burguesa

E nos dias seguintes, Franz Biberkopf passeia com grande tranquilidade. Ele não está mais tão afoito em seus negócios obscuros no repasse de receptor para receptor ou para o comprador. Nem liga se algo falhar. Franz tem tempo, paciência e calma. Se o tempo estivesse melhor, faria o que Mieke e Eva lhe disseram: viajar para Swinemünde e permitir-se algum luxo; mas o tempo não está com nada, chove e cai a cântaros e chuvia todos os dias, também faz frio em Hoppegarten, árvores inteiras foram arrancadas, como seria então lá fora. Franz está muito ligado a Mieke e entra e sai com ela da casa de Herbert e de Eva. Mieke também arranhou um cavalheiro de melhor situação, Franz o conhece, Franz passa por marido dela, com este senhor e mais um outro, ele, de fato, gosta de se encontrar com eles uma vez ou outra, comem e bebem amigavelmente a três.

A que altura está agora nosso Franz Biberkopf! Como ele vai bem, como tudo se arranhou! Estava já perto da morte, como se

reergueu! Que criatura satisfeita é agora, pois nada lhe falta, desde comida até bebida ou roupa. Tem uma garota que o faz feliz, tem dinheiro, mais do que gasta, já saldou toda a dívida com Herbert, este, Emil, Eva, são seus amigos, querem-lhe bem. Por dias inteiros, fica à toa na casa de Herbert e Eva, espera por Mieze, passeia até o Lago Müggel, onde pratica o remo junto com outros dois: pois Franz fica a cada dia mais ágil e forte do braço esquerdo. Vez por outra, ronda pela Münzstrasse, à escuta junto à Casa de Penhores.

—

Você fez um juramento, Franz Biberkopf, você quer se manter decente. Levou uma vida suja, tinha chegado à sarjeta, ao fim, assassinou a Ida e cumpriu pena por isso, foi terrível. E agora? Está plantado no mesmo ponto, Ida se chama Mieze, um dos braços se foi, vai ver só, ainda pode se meter a beber, e tudo começa do início, mas então será pior, será o fim.

– Bobagem, que culpa tenho, por acaso me esforcei para ser safado? Bobagem, digo eu. Fiz o que podia, fiz o melhor possível, deixei que atropelassem o meu braço, que me venham com

histórias. Estou farto. Por acaso não fiz negócios, não andei por aí de manhã até a noite? Para mim agora chega. Não, não sou decente, sou um safado. E não me envergonho disso. E você, o que é, do que você vive, por acaso não vive também das outras pessoas? Por acaso engano alguém?

- Você vai acabar na cadeia, Franz, vai levar uma facada na barriga.

- Ele que experimente. Antes vai provar da minha faca.

—

O Reich alemão é uma república e quem não acredita nisso leva o troco na nuca. Na Köpenicker Strasse, junto à Michaelkirchstrasse, há uma assembleia, o salão é longo e estreito, operários, homens jovens de camisa verde de gola aberta estão sentados uns atrás dos outros em cadeiras enfileiradas, moças e senhoras, vendedores de brochuras circulam por ali. No tablado, atrás da mesa, entre dois outros, um homem gordo meio careca, que atija, chama a atenção, ri e instiga.

“Afinal de contas, não estamos aqui para conversar com as paredes. Isto eles podem fazer lá no parlamento. Um deles perguntou a um de nossos companheiros uma vez se ele não queria candidatar-se ao parlamento. Ao parlamento, com a cúpula de ouro em cima e as poltronas de couro lá dentro. Ele disse: sabe de uma coisa, companheiro, se eu fizer isso de ir para o parlamento, então lá só iria ter um vagabundo a mais. Conversar com a chaminé, para isso não temos tempo, só ia sair fumaça. Nesse ponto, os comunistas falam sem artimanhas: queremos fazer política de desmascaramento. Vimos muito bem qual foi o resultado disso; os próprios comunistas foram corrompidos, não precisamos desperdiçar palavra alguma com a política de desmascaramento. Isto é fraude e o que há aí para desmascarar até um cego pode enxergar e para isso não é preciso ir até o parlamento e não há o que fazer com aqueles que não veem a coisa desta maneira, nem com parlamento nem sem parlamento. Que aquela casa de falatório não serve para nada a não ser enganar o povo, isso todos os partidos sabem, exceto os assim chamados representantes do povo trabalhador.

Nossos bons socialistas. Ora, já existem socialistas religiosos entre eles e este é apenas o pingo no i: todos eles têm necessidade de se tornar religiosos, que corram todos para o vigário. Pois não

importa se para onde o homem corre seja um padre ou um chefão; o importante é: obedecer. [Grito: e acreditar.] Isso, de qualquer forma. Os socialistas não querem nada, não sabem nada, não podem nada. No parlamento, têm sempre a maioria dos votos, mas não sabem o que fazer com isso, ah, sim, sentar nas poltronas de couro e fumar charutos e tornar-se ministros. E para isso os operários deram seu voto, tiraram seus tostões do bolso na reunião de pagamento: uns cinquenta ou cem homens engordam às custas dos trabalhadores. Os socialistas não conquistaram o poder político do Estado, e sim o poder político do Estado conquistou os socialistas. A cada dia que passa, o asno vai aprendendo mais, porém um asno igual ao operário alemão ainda está para nascer. Operários alemães sempre pegam a cédula de voto na mão, vão até o local de votação, entregam-na e pensam, pronto. Dizem: queremos fazer ecoar nosso voto no parlamento; seria preferível que fundassem um conjunto coral.

Companheiros e companheiras, não pegamos nenhuma cédula de voto na mão, não votamos. Para nós, num domingo desses, um piquenique no campo é mais saudável. E por quê? Porque o eleitor fica preso à legalidade. Legalidade, porém, é pura violência, a força bruta dos governantes. As raposas do voto querem nos induzir a fazer uma cara satisfeita, querem encobrir, querem

impedir que percebamos o que é legalidade e o que é o Estado, e não podemos entrar no Estado por nenhum buraco e nenhuma porta. No máximo, como asnos do Estado e burros de carga. E esse é o objetivo das raposas do voto. Querem nos engabelar e treinar para sermos asnos do Estado. Conseguiram isso há muito junto à maioria do operariado. Fomos educados na Alemanha no espírito da legalidade. Mas, companheiros, não se pode misturar água e óleo, isto o operário tem de saber.

Os burgueses e os socialistas e os comunistas gritam em coro e se alegram: todas as bênçãos vêm de cima. Do Estado, da lei, da ordem superior. E é isso mesmo. Para todos que vivem no Estado, as liberdades estão estabelecidas na

constituição. Estão fixadas ali. A liberdade de que precisamos não nos é concedida por ninguém, nós precisamos tomá-la. Esta constituição quer tirar as pessoas do sério, mas o que podem fazer vocês, companheiros, com liberdade que só existe no papel, com liberdade escrita? Se vocês precisarem de uma liberdade em algum lugar, logo aparece uma farda verde, dá-lhes uma cacetada na cabeça; se você gritar: para que isso, está escrito assim e assim está na constituição, ele responde: não diga bobagens, seu Zé Ninguém, e ele tem razão; aquele homem não conhece a constituição, e sim o seu regulamento, e para tanto tem o seu cassetete e você tem de calar o bico.

Em breve não haverá possibilidade de greve nas indústrias mais importantes. Vocês receberam a guilhotina das comissões de negociação, debaixo dela vocês podem se mover livremente.

Companheiros e companheiras, há eleições e mais eleições e dizem que desta vez vai melhorar, prestem atenção, empenhem-se, façam propaganda em casa, na fábrica, mais cinco votos, mais dez votos, mais doze votos, espere um pouco, logo você vai ver, logo vai perceber. Sim, vocês logo vão perceber. Trata-se apenas de um eterno círculo de cegueira, tudo acaba ficando na mesma. O parlamentarismo prolonga a miséria do operariado. Falam também de uma crise da Justiça e que se deve reformar a Justiça, reformar da cabeça aos pés, a magistratura deve ser renovada, deve tornar-se republicana, sustentáculo do Estado, justa. Não queremos novos juízes. Não queremos nenhuma outra Justiça no lugar desta. Derrubamos todas as instituições do Estado através da ação direta. Temos os meios para tanto: paralisação da força do trabalho. Não mexer mais nenhuma roda. Mas essa história não vai ser nossa. Nós, companheiros e companheiras, não nos deixaremos embalar pelo parlamentarismo, pela assistência social, por todo esse

embuste político- social. Conhecemos apenas a hostilidade contra o Estado -, a anarquia e a ajuda própria.

—

Franz percorre o salão com o esperto Willi, presta atenção ao que dizem, compra brochuras, enfia-as no bolso. Ele não liga para a política, Willi fica martelando em seu ouvido, Franz ouve com curiosidade, agarra as coisas com as mãos, elas o atingem, depois também deixam de atingi-lo. Mas não larga Willi.

- A ordem social vigente baseia-se na escravidão econômica, política e social do povo trabalhador. Encontra sua expressão no direito de propriedade, no monopólio da posse e, no Estado, no monopólio do poder. Não é a satisfação das necessidades humanas naturais que é a base da produção de

hoje, e sim a expectativa de lucro. Cada progresso da técnica aumenta de maneira desmedida a riqueza da classe dominante num contraste despudorado com a miséria de largas camadas da sociedade. O Estado dedica-se à proteção dos privilégios da classe dominante e à opressão das massas, ele atua com todos os meios da astúcia e da violência para a preservação do monopólio

e das diferenças de classe. Com a formação do Estado, inicia-se o tempo da organização artificial de cima para baixo. Agora, o indivíduo torna-se uma marionete, um peso morto num gigantesco mecanismo. Acordem! Não almejamos como todos os outros a conquista do poder político, e sim sua eliminação radical. Não colaborem com os assim chamados organismos legisladores: aí o escravo só pode ser estimulado a imprimir à sua própria escravidão o carimbo da lei. Rejeitamos todos os limites políticos e nacionais arbitrariamente estabelecidos. O nacionalismo é a religião do Estado moderno. Rejeitamos qualquer unidade nacional: por detrás dela oculta-se o domínio dos governantes. Acordem! –

Franz Biberkopf engole aquilo que Willi lhe oferece para engolir. Existe um debate após a assembleia, durante o qual permanecem sentados no salão e se envolvem numa discussão com um operário mais velho. Willi já o conhece, e o operário pensa que Willi é colega da mesma fábrica e quer incitá-lo a fazer mais agitação. O atrevido Willi só faz rir sem parar: “Homem, desde quando sou seu colega. Não trabalho para os barões das chaminés”. “Ora, então faça isso onde estiver, onde estiver trabalhando.” “Lá não preciso fazer coisa alguma. Onde trabalho, todos já sabem há muito tempo o que devem fazer.” Willi dobra-se sobre a mesa de tanto rir. Que bobagem, belisca a perna de Franz,

logo alguém vai andar por aí com um pote de cola e pregar os cartazes para eles. Ri para o operário que tem cabelos compridos cinzentos e a camisa aberta no peito: “Sabe, você vende jornais, o Pfaffenspiegel, o Schwarze Fahne, o Atheist; já deu uma olhada neles para ver o que escrevem?”. “Ouça bem, companheiro, você não pode abrir tanto a boca. Eu, eu vou lhe mostrar o que eu mesmo escrevi.” “Deixe para lá. Ora, então você merece os meus respeitos. Mas quem sabe você também possa ler o que escreveu e possa segui-lo à risca. Pois bem, aqui está escrito: cultura e técnica. Preste atenção:

‘Escravos egípcios construíram um túmulo real, sem máquinas, décadas a fio, operários europeus se esfalfaram, com máquinas, durante décadas, para uma fortuna pessoal. Progresso? Talvez. Mas para quem?’. Ora, logo também vou trabalhar para que Krupp em Essen ou em Borstig ganhe dez mil marcos a mais por mês, que belo rei de Berlim. Homem, companheiro, se estou percebendo direito, o que devo pensar de você? Você quer ser um homem da ação direta. Mas onde é que ela está escondida? Não vejo nada. E você, Franz?” “Deixe, Willi.” “Não, diga, homem, se você vê onde está a diferença entre o companheiro aqui e um do partido social-democrata.”

O operário senta-se firme na cadeira. Willi: “Para mim não há diferença, companheiro, isso posso dizer a você. A diferença só está no papel, no jornal. Por mim, muito bem, que vocês consigam realizar o que têm na cabeça. Mas o que vão fazer com isso, veja, é o que pergunto. E se você agora me perguntar o que você faz, respondo na hora: o mesmo que o cara do partido social-democrata. O mesmo, exatamente a mesma coisa; você fica de pé junto ao torno mecânico, leva para casa suas seis moedas de cobre e sua sociedade anônima distribui dividendos do seu trabalho. Operários europeus se esalfaram, com máquinas, décadas a fio, para uma fortuna particular. Quem sabe você mesmo tenha escrito isso”.

O operário cinzento observa Franz e Willi passeando os olhos de um para o outro, olha outra vez para trás e, no fundo, junto ao balcão, ainda há algumas pessoas, o operário se aproxima mais da mesa, sussurra: “E então, o que fazem vocês?”. Willi dá uma olhada para Franz: “Diga você”. Mas Franz hesita a princípio, diz que discussões políticas não o interessam. O anarquista cinzento, porém, não desiste: “Isto não é uma discussão política. Só estamos conversando sobre nós mesmos. Qual é o seu trabalho?”.

Franz endireita-se na cadeira e estende a mão em direção ao caneco, olha firme para o anarquista. Existe uma ceifeira que se chama Morte, preciso chorar nas montanhas e choramingar e me lamentar junto aos rebanhos no deserto, pois estão tão desolados que ninguém caminha por ali, pássaros no céu e o rebanho, ambos se acabaram.

“Em quê trabalho, isso posso dizer, colega, pois companheiro não sou. Ando por aí, faço umas poucas coisas, mas trabalhar, não trabalho, deixo que os outros trabalhem para mim.”

Que bobagens ele fala, esses querem me fazer de bobo. “Então você é empresário, tem empregados, quantos são? E o que quer aqui conosco, se é capitalista?” Quero transformar Jerusalém num monte de pedras e em moradia dos chacais e quero tornar ermas as cidades de Judas para que ninguém nelas habite.

“Homem, não está vendo, tenho um braço só. O outro se foi. Foi esse o pagamento que recebi por ter trabalhado. Por isso não quero saber mais nada de trabalho decente, entende?” Entende, entende, você tem olhos para enxergar, tenho de comprar óculos para você, olhe só para mim. “Não, ainda não estou entendendo,

colega, qual é o seu trabalho. Se não é um trabalho decente, então é indecente.”

Franz bate na mesa, aponta o dedo para o anarquista, aproxima sua cabeça à dele: “Viu, ele entendeu. É isto mesmo. Trabalho indecente. O seu trabalho decente é escravidão, foi isso mesmo o que você disse, e é um trabalho decente. E percebi isso muito bem”. Percebi sozinho, sem você, não preciso de você para isso, seu provocador, borrador de jornais, contador de lorotas.

O anarquista tem mãos brancas, afiladas, é mecânico de precisão, olha para a ponta dos dedos e pensa: é bom que esses vagabundos sejam desmascarados, eles comprometem a gente, vou buscar mais alguém para ouvir o que vocês dizem. Levanta-se, Willi o detém: “Aonde vai, colega? Já acabamos a conversa? Acerte primeiro com o colega aqui, não vá fugir da raia”. “Só vou buscar mais alguém para ouvir a conversa. Vocês são dois contra um.” “O quê, vai buscar mais alguém, não quero mais ninguém por aqui. Diga você, o que você acha do colega Franz?” O anarquista senta-se novamente, então vamos resolver o assunto sozinhos: “Pois bem, ele não é companheiro e colega também não. Pois não trabalha. Parece que também não recebe auxílio-desemprego”.

O rosto de Franz se endurece, seus olhos fitam, furiosos: “Não, não recebe”. “Então não é meu companheiro nem meu colega e tampouco é desempregado. Só pergunto, e o resto não me interessa: o que ele está xeretando por aqui?” Franz mostra sua cara decidida: “Só estava esperando que você dissesse e perguntasse: o que está xeretando por aqui. Aqui, você vende papezinhos e jornais e brochuras e se lhe pergunto a esse respeito, o que é isso, o que está escrito aí, você diz: como você ousa perguntar? O que está fazendo aqui? Não foi você mesmo quem escreveu e falou da maldita escravidão salarial e que somos excluídos e não podemos nos mover?”. Despertai, amaldiçoados desta terra, sempre forçados ainda a passar fome. “Ora, então você não continuou a prestar atenção. Falei da recusa ao trabalho. Para tanto, é preciso primeiro trabalhar.” “Me recuso a isso.” “Isto de nada adianta. Pode simplesmente ficar deitado na cama. Falei de greve, greve em massa, greve geral.”

Franz levanta o braço e ri, está furioso. “E o que você faz, isso você chama de ação direta: andar por aí, colar papéis, fazer discursos? E nesse meio tempo você vai e torna os capitalistas mais fortes? Você, companheiro, seu idiota, então você fica no torno mecânico para fazer as granadas com as quais vão lhe matar, é este o seu sermão para mim? Willi, o que você diz agora! Eu estou pasmo.” “Pergunto outra vez, em quê você trabalha?”

“Então lhe digo de novo: em nada! Merda! Nada! Vou lhe mostrar! Mas não devo. Segundo a sua própria teoria. Eu não ajudo os capitalistas a ficar mais fortes. Estou me lixando para todas essas arengas, essas greves e esses chefetes que devem aparecer por aí. O homem está por sua própria conta. Faço sozinho aquilo de que preciso. Sou provedor de mim mesmo! Ora essa!”

O operário engole sua gasosa, acena com a cabeça: “Pois então, tente agir sozinho”. Franz ri sem parar. O operário: “E já lhe disse isso umas três dúzias de vezes: sozinho não se faz nada. Precisamos de organização de luta. Precisamos levar para as massas a compreensão do domínio do poder do Estado e do monopólio econômico”. E Franz não para de rir. Nenhum ser superior para nos salvar, nenhum deus, nenhum imperador, nenhum tribuno que nos livre da miséria, só podemos fazê-lo por conta própria.

Ficam sentados um diante do outro, mudos. O velho operário de gola verde olha fixamente para Franz, este olha firme em seus olhos, o que está olhando, homem, não sabe o que pensar de mim, hein. O operário abre a boca: “Digo a você, já estou vendo: no seu caso, companheiro, qualquer palavra é inútil. Você é

tapado. Você ainda vai quebrar a cara. Não conhece a coisa mais importante para o proletariado: solidariedade. Você não sabe o que é isso”. “Ora, sabe, colega, logo vamos pegar o chapéu e sair daqui, não é, Willi. Já basta. Você fala e repete sempre a mesma coisa.” “Sim, é o que faço. Vocês podem ir até o porão e se enterrar lá embaixo. Mas não podem frequentar assembleias.” “Desculpe, senhor mestre. É que tínhamos meia horinha de tempo. E agora agradecemos cordialmente. Taverneiro, a conta. Olhe só, agora sou eu quem pago: três cervejas, duas aguardentes, um marco e dez, aqui, estou pagando, ação direta.”

“O que você é de verdade, colega?” Ele insiste, não desiste. Franz guarda o troco: “Eu? Cafetão. Não percebeu?”. “Ora, não está longe disso.” “Eu. Cafetão, entende. Falei ou não falei? Pois então, Willi, diga o que você é.” “Não é da conta dele.” Caramba, que vagabundos, não há dúvida. Bem que pode ser verdade. Foi bem assim que os avaliei. Os vagabundos me fizeram de bobo, os canalhas querem se divertir às minhas custas. “Vocês são a escória do pântano do capitalismo. Deem o fora daqui. Não são nem mesmo proletários. A isso se dá o nome de lumpen.” Franz já se levantou: “Mas não vamos para o asilo. Bom dia, senhor ação direta. Continue engordando os capitalistas. Apresentar-se às sete horas da manhã na moenda de ossos, cinco tostões no envelope para a patroa.” “E que ninguém os veja por aqui outra vez.” “Não

você ação direta de bobagens, não frequentamos os vassallos dos capitalistas.”

Para fora na maior calma. Na rua empoeirada, seguem juntos de braços dados. Willi respira fundo: “Que bela lavada, Franz”. Ele se admira que Franz esteja tão monossilábico. Franz está taciturno, esquisito, Franz saiu do salão com ódio e com raiva, está fervilhando, não sabe por quê.

Encontram Mieke no Mokka-fix da Münzstrasse, onde há grande agitação. Franz precisa ir para casa com Mieke, tem de conversar com ela, ficar sentado com ela. Conta-lhe da conversa com o operário cinzento. Mieke é muito terna com ele, mas ele só quer saber dela se o que disse estava certo. Ela sorri, não compreende, acaricia sua mão, o canarinho acordou, Franz suspira, ela não consegue acalmá-lo.

Conspiração feminina, nossas prezadas senhoras têm a palavra, o coração da Europa não envelhece

E as questões políticas não cessam para Franz. [Por quê? O que atormenta você? Contra o que você resiste?] Ele enxerga algo ali,

vê algo, quer lhe dar um murro na cara, eles o irritam sem parar, lê o Rote Fahne, o

Arbeitslosen. Aparece seguidamente na casa de Herbert e de Eva com Willi. Mas eles não gostam do cara. Franz também não gosta muito dele, mas dá para conversar com o rapaz, ele bate qualquer um em assuntos de política. Quando Eva implora a Franz que deixe o sujeito para lá, esse Willi, que apenas lhe arranca dinheiro e nada mais é do que um ladrãozinho de carteiras, Franz compartilha a mesma opinião; Franz realmente nada tem a ver com política, durante toda a vida o assunto o aborreceu. Mas hoje promete abandonar o Willi e amanhã sai a passear outra vez com o moleque e o leva junto para remar.

Eva diz a Herbert: “Se não fosse o Franz, e não tivesse tido essa encrenca com o braço, eu logo saberia como curar o homem”. “Então?” “Prometo a você, mais duas semanas e ele para de andar com o frangote que só faz limpar-lhe os bolsos. Pois quem quer se meter com um cara desses. Primeiro, no lugar de Mieze, eu seria capaz de sumir com ele.” “Com quem, o Willi?” “O Willi ou o Franz. Para mim tanto faz. Mas eles logo iam perceber. Quando alguém está na cadeia, tem tempo de pensar em quem tinha razão.” “Você está mesmo bem fula com o Franz, Eva.” “Ora, será que foi para isso que lhe arranjei a Mieze, e esta se esfalfa com os dois fulanos que arranjou para que Franz faça seus trambiques.

Não, o Franz também vai ter de ouvir umas boas. Já tem um braço só, onde isso vai parar? E ele quer fazer política e aborrece a garota.” “Sim, ela se aborrece demais. Foi o que me disse ontem. Fica lá sentada, esperando que ele chegue. Afinal, é o que uma garota dessas tem da vida.” Eva o beija: “Sinto a mesma coisa. Pois você vai ver só se ficar sumido assim fazendo besteiras, indo a assembleias, Herbert!”. “Ora, o quê, ratinha?” “Primeiro arranco os seus olhos e depois você pode ir até a lua me visitar.” “Faço isso com prazer, ratinha.” Ela lhe dá um tapinha na boca, ri, depois sacode Herbert: “Digo a você, não vou permitir que a garota, a Sonja, acabe

assim, ela é boa demais para isso. Como se o homem já não tivesse se lascado o bastante, e isso não lhe traz nem cinco pfennigs de lucro”. “Pois então faça alguma coisa com o nosso Franz. Desde que conheço o rapaz, sempre o achei uma pessoa querida e boa, mas falar com ele é o mesmo que falar com uma porta, ele não escuta.” Eva pensa em como o cortejou quando apareceu a Ida e, depois, como o preveniu, como padeceu com o homem, também agora ela não está feliz.

“Só não está claro para mim”, diz ela, e fica parada no meio do quarto, “o homem teve aquela história com o Pums e eram todos criminosos e ele nem ao menos mexeu um dedo. Está com a vida boa, mas, afinal, um braço é um braço.” “É o que também acho.”

“Ele não quer falar disso, mas isso está mais do que claro. Agora vou lhe dizer uma coisa, Herbert. A Mieze, lógico, conhece a história do braço. Mas onde foi e quem foi, isso ela também não sabe. Já lhe perguntei. Não sabe e também não quer tocar no assunto. É um tantinho medrosa, a Mieze. Ora, talvez ela agora rumine o assunto quando fica sozinha, esperando, e nosso Franz, onde se enfia o sujeito, e naturalmente ele pode cair na armadilha. A Mieze, essa já chora que chega, mas não na frente dele. O homem está marchando rumo à desgraça. Ele devia se preocupar com as próprias coisas. A Mieze tem de induzi-lo a ir atrás da história do Pums.” “Ah, meu Deus.” “É melhor. É o que digo. É o que Franz deveria fazer. E se ele pegar uma faca ou uma pistola, não estaria com a razão nesse caso?” “Há muito tempo, é essa minha opinião. Eu mesmo andei assuntando bastante por aí. Os caras do Pums ficam de bico bem calado; ali ninguém sabe de nada.” “Deve ter alguém que saiba de alguma coisa.” “E então, o que você quer?” “Por isso Franz deveria cuidar dessa história, não de Willi e dos anarquistas e dos comunistas e de toda essa porcaria que não dá dinheiro.” “Não vá se queimar com isso, Eva.”

O caso de Eva foi para Bruxelas, sendo assim ela pode convidar Mieze à sua casa e mostrar-lhe como são as coisas em casa de gente fina. Pois Mieze ainda não conhece algo assim. O homem é tão louco por Eva que até montou para ela um quartinho de bebê

onde moram dois macaquinhos. “Você deve pensar, Sonja, que isto é para os macaquinhos? Mas é, hein? Eu só os coloquei aí dentro porque é um quarto tão lindinho, não é, e os macaquinhos, Herbert está encantado e sente um prazer enorme quando vem aqui.” “O quê, você o traz aqui, menina?” “Que mal há nisso? O velho conhece o Herbert, sente muito ciúme, ora, é justamente isso que é bom. Sabe, se ele não ficasse com ciúmes, ele já teria me mandado chispar. O homem quer um filho meu, imagine só, por isso o quartinho!” Riem as duas, é um quartinho adorável, colorido, enfeitado com fitas, com um berço baixo de criança. Nas grades do

berço, os macaquinhos pulam para cima e para baixo; Eva pega um deles no colo, aperta-o contra o peito, lança um olhar embaciado para frente: “Bem que lhe faria o favor de dar-lhe um filho, mas não quero uma criança dele. Não, dele não”. “Ora, mas o Herbert não quer.” “Não, eu gostaria de ter um filho do Herbert. Ou do Franz. Está zangada, Sonja?”

Mas Sonja reage de modo totalmente diferente do que Eva imaginava. Sonja solta um grito, faz uma cara espantada, empurra o pequeno macaco do peito de Eva e, com força, feliz, bem-aventurada, deleitada, abraça Eva, que não entende nada e vira o rosto, pois Sonja não quer parar de beijá-la. “Ora, Eva, o que é isso? Não estou zangada, fico contente que você goste de Franz.

Diga, gosta muito dele? Quer um filho dele, ora, então lhe diga isso.” Eva consegue afastar a garota. “Você está louca, criatura. Diga, Sonja, o que há com você? Diga a verdade: você quer empurrar o Franz para mim?” “Não, por quê, quero ficar com ele, é o meu Franz. Mas você é minha Eva.” “O que é que sou?” “Minha Eva, minha Eva.”

E Eva não consegue evitar, Sonja beija-a na boca, no nariz, nas orelhas, na nuca; Eva fica parada, depois, quando Sonja enfia o rosto no peito de Eva, esta levanta com força a cabeça de Sonja: “Menina, você é sapata”. “Que nada”, gagueja a outra e retira sua cabeça das mãos de Eva, encosta-a no rosto de Eva, “gosto de você, nem eu mesma sabia disso. Naquela hora, quando você disse que queria um filho dele –.” “E então o quê, garota? Daí deu de trair?” “Não, Eva. É que não sei.” E Sonja está com o rosto rubro e olha para Eva de baixo para cima: “Você quer mesmo um filho dele?”. “Mas o que deu em você?” “Quer um filho dele?” “Não, só falei por falar.” “Quer sim, só está negando por negar, você quer, você quer.” E de novo Sonja rola a cabeça no peito de Eva e a comprime contra si, cantarolando embevecida: “É tão bonito que você queira um filho dele, ah, que bonito, estou tão feliz, ah, estou feliz”.

Eva então conduz Sonja ao quarto contíguo, deita-a no divã: “Você é sapata mesmo, criatura”. “Não, não sou, nunca toquei em nenhuma mulher.” “Mas em mim você quer tocar.” “Sim, porque gosto tanto de você e porque quer um filho dele. E isso você vai ter.” “Está louca, menina.” Totalmente arrebatada, ela segura as mãos de Eva, que quer se levantar: “Ora, não diga não, você quer mesmo um filho dele, prometa para mim. Prometa que vai ter um filho dele”. Eva desvencilha-se à força de Sonja, que fica ali largada, de olhos fechados e estalando a língua.

Sonja então se levanta, senta-se ao lado de Eva à mesa, onde a empregada lhes serve o café da manhã com vinho. Para Sonja traz café e cigarros, Sonja ainda continua sonhando, enlevada e transtornada. Como sempre, está

trajando um vestido branco, simples; Eva circula de quimono preto de seda. “E então, Sonja, dá para ter uma conversa sensata com você, garota?” “Sempre.” “E o que está achando daqui, está gostando?” “E como.” “Viu só? E do Franz, você também gosta dele?” “Sim.” “Pois bem, se gosta do Franz, então tome conta do rapaz direitinho. Ele fica andando por aí, por lugares não muito bons, e sempre com o Willi, o espertinho.” “Sim, ele gosta dele.” “E você?” “Eu? Eu também gosto. Se o Franz gosta dele, eu também gosto!” “É, você é assim mesmo, menina, você não tem olhos, ainda é muito jovem. Essa companhia não é para Franz, é o que

digo a você, e o Herbert também diz o mesmo. Aquilo é um malandro. Ele vai levar o Franz para o mau caminho. Já não basta a ele ter um braço só?”

Sonja empalidece na hora, deixa o cigarro pender no canto da boca, coloca-o no cinzeiro, pergunta baixinho: “Mas o que está acontecendo? Deus do céu”. “Quem sabe o que está acontecendo. Não ando atrás dele e você também não. Bem sei que você também não tem tempo. Mas peça a ele que conte por onde anda, afinal, o que ele diz a você?” “Ora, só coisa de política, disso não entendo nada.” “Viu só, é isso o que ele faz, política e nada mais do que política junto com os comunistas e os anarquistas e um populacho desses que só tem um par de calças com furos no traseiro. Com esse tipo de gente é que anda o Franz. E isso te agrada, criatura, é para isso que você trabalha?” “Não posso dizer ao Franz: vá aqui ou vá ali; Eva, isso a gente não pode fazer.” “Se você não fosse tão jovem, nem chegou aos vinte, levaria um tapa na orelha. Você não pode dizer nada a ele de repente. Quer que ele se afunde de uma vez?” “Ele não vai se afundar, Eva. Vou tomar conta dele.” Que curioso, a pequena Sonja tem lágrimas nos olhos e ergue a cabeça, Eva olha para a garota e não sabe o que pensar; será que o ama tanto assim? “Olhe aqui um pouco de vinho tinto, Sonja, meu velho sempre beberica vinho tinto, venha.”

Obriga a pequena a tomar meio copo de vinho, enquanto isso uma lágrima rola pela bochecha da garota, e seu rosto continua bastante triste. “Mais um golinho, Sonja.” Eva pousa o copo, acaricia as bochechas de Sonja e pensa, essa vai pegar fogo outra vez. Mas ela só olha fixo para frente, levanta-se, põe-se diante da janela e olha para fora. Eva se posta ao lado de Sonja, criatura alguma consegue atinar com a moça. “Não deve levar tão a sério essa história do Franz, Sonjinha, aquilo que falei, não foi bem o que eu quis dizer. É só para você não deixar que ele ande com o idiota do Willi, Franz é um cordeirinho manso, viu, melhor ele se ocupar com Pums e com quem lhe atropelou o braço e fazer alguma coisa.” “Vou prestar atenção”, diz baixinho a pequena Sonja e, sem levantar a cabeça, passa um braço em torno de Eva, e ali ficam quase cinco minutos. Eva pensa: essa merece o Franz, nenhuma outra.

Depois, brincam pelo quarto com os macaquinhos, Eva mostra todas as coisas que há por ali, Sonja extasia-se diante de tudo: as roupas de Eva, os móveis, as camas, os tapetes. A senhora sonha com a boa hora em que será coroada a rainha do shampoo Pixavon? Pode-se fumar aqui? Mas claro. Estou surpresa com a

maneira como os senhores conseguem colocar no mercado durante anos um cigarro de tal qualidade nessa faixa de preço; tenho de lhes confessar isso, para minha satisfação. Nossa, que aroma! A maravilhosa fragrância do Rosa Branca, discreto, como exige a fina mulher alemã e, no entanto, forte suficiente para fazer desabrochar toda a plenitude. Ah, a vida da diva do cinema americano é essencialmente diferente do que fazem imaginar as lendas que a cercam. O café está chegando, Sonja canta uma canção:

Em Abrudpanta seguia a vida/ dos malvados bandidos da
quadrilha,/ mas Guito, seu capitão/ era homem elevado e bom./
Certo dia na floresta sombria encontrou/ de Marschan a pequena
filha,/ e nas árvores o grito soou: para sempre, sempre serás
minha!

Mas logo são descobertos/ um grupo de caçadores se aproxima./
Da ventura à força despertados,/ não sabem o que fazer ou dizer;/ e
o pai amaldiçoa a pobre moça./ E o capitão ele ameaça;/ pai,
suplica, tenha piedade,/ com ele sigo até a morte.

Em breve na torre sombria definha/ Guito, ó terrível sina! Isabella
de tudo faz/ para o amado libertar. E o sucesso lhe sorri,/ logo ele

está em lugar seguro;/ mal escapa das correntes/ pode a
matança evitar.

Para o castelo corre às pressas/ a amada libertar,/ Isabella já de
joelhos no altar/ forçada ao “sim”/ na união odiada,/ quando
Guito de lábios pálidos/ o crime delata.

Em desmaio de morte inerte caída,/ Isabella jaz pálida,/ ah, beijo
algun a desperta!/
E com nobre orgulho ao pai falou:/ de sua
morte culpado não sou/ tu lhe partiste o coração,/ das faces lhe
roubaste a cor.

Ao revê-la, o capitão,/ no silente leito de morte,/ sobre o rosto se
curva/ e a vida sente pulsar/ ó horror, rápido consigo/ a amada
carrega e se vai/ onde a vida há de voltar,/ agora é seu amparo e
escudo.

E então se põem em fuga./ em lugar algum o sossego;/
perseguidos pela lei/ selam ambos a jura:/ agora virá a rendição./
Vazio o frasco de veneno,/ de Deus virá a sentença./ No céu a
transfiguração.

Sonja e Eva sabem, é uma canção comum das feiras, tocada na gaita de foles diante de ilustrações; mas ambas choram quando termina, e nem conseguem acender de novo seus cigarros.

Chega de política, mas o eterno ócio é muito mais perigoso

E Franz Biberkopf afunda ainda mais um pouquinho na política. O garboso Willi não tem muito dinheiro, é uma cabeça arguta e viva, mas um principiante entre os batedores de carteiras, por isso limpa os bolsos de Franz. Tempos atrás foi interno de uma instituição de menores, ali alguém lhe contou algumas coisas sobre o comunismo e que isso não presta para nada e que uma pessoa sensata acredita apenas em Nietzsche e Stirner e faz o que bem entende; todo o resto é besteira. Daí, o sujeito esperto e gozador sente agora um prazer enorme em comparecer a reuniões políticas e fazer oposição lá da plateia. Fisga pessoas nas assembleias e com elas faz negócios ou apenas as faz de bobas.

Franz ainda passa algum tempo com ele. Depois isso acaba, aliás, assim como a política toda, mesmo sem Mieze e Eva.

Um dia à noitinha, está sentado à mesa com um carpinteiro de mais idade que conheceram numa assembleia; enquanto isso, Willi está junto ao balcão com um outro sujeito. Franz tem o braço apoiado na mesa, a cabeça pousada na mão esquerda e ouve o que o carpinteiro tem a dizer, que é: “Sabe, colega, só fui à assembleia porque minha mulher está doente e não quer saber de mim em casa à noite, precisa de sossego, às oito em ponto, toma seu comprimido para dormir e o chá e eu preciso apagar a luz, o que vou fazer então lá em casa. Por isso, a gente pode apreciar a vida dos botequins quando se tem a mulher doente”.

“Mande a mulher para o hospital, homem. Em casa não dá.”

“Já estive no hospital. Tirei de novo. Não gostava da comida e também não teve melhora alguma lá.”

“Deve estar bem doente a sua mulher, não?”

“O útero grudou no intestino ou coisa assim. E eles também a operaram, mas nada adiantou. Na barriga. E agora o médico diz que só é coisa dos nervos e que ela não tem mais nada. Mas ela sente dores, chora o dia inteiro.”

“Que coisa.”

“Ele logo vai lhe dar alta, vai ver só. Já duas vezes quis procurar o médico

da Caixa, sabe, mas ela não consegue ir até lá. Ele ainda vai lhe dar alta. Se alguém está mal dos nervos, então está bem de saúde.”

Franz ouve a história, ele também esteve doente, o braço lhe foi arrancado num atropelamento, ficou internado na clínica de Magdeburg. Ele não precisa de nada daquilo, aquilo é um outro mundo. “Mais uma cerveja, pois não?” “Aqui.” “Uma cerveja.” O carpinteiro olha para Franz. “Você não pertence ao partido, colega?”

“Antigamente. Agora não mais. Não adianta nada.”

O dono do boteco senta-se à mesa com eles, cumprimenta o carpinteiro com um “B’noite, Ede” e pergunta pelas crianças, depois cochicha: “Homem, você não vai começar outra vez com política, vai?”.

“Estamos falando disso mesmo. Nem penso no assunto.” “Ora, então é muito bom de sua parte. Eu digo, Ede, e meu menino diz o mesmo: com política não ganhamos nenhum tostão, isso não nos ajuda a subir, só aos outros.”

O carpinteiro então o olha com olhos apertados: “Bom, então o pequeno

August já diz isso também”.

“O menino é bom, digo a você; não dá para enganar o garoto com coisa alguma, está ainda para nascer quem conseguirá isso. Queremos ganhar dinheiro. E – ele está indo bem. Nada de resmungos.”

“Então, saúde, Fritze. Desejo tudo de bom.”

“Estou me lixando para todo esse marxismo, para Lenin e Stalin e o bando todo. Se alguém me dá crédito, grana, qual o prazo e quanto – sabe, é isso que faz girar o mundo.”

“Ora, você já conseguiu muita coisa.” Nisso, Franz e o carpinteiro ficaram calados. O taverneiro continua a tagarelar, mas o carpinteiro então se enfurece:

“Não entendo nada de marxismo. Mas preste atenção, Fritze, tão simples assim quanto você imagina na sua cachola não é não. Para que preciso de marxismo ou do que os outros dizem, os russos, ou o Willi com o Stirner. Também pode estar errado. Do que preciso mesmo posso contar nos dedos todos os dias. Logo vou entender se alguém me encher as costas de pauladas, vou saber o que significa. Ou se hoje estou dentro da minha casa e amanhã estou na rua, nada mais de encomendas ou pedidos, o mestre fica, o senhor chefe naturalmente também, só eu vou ter de ir para a rua e pedir o auxílio- desemprego. E – se tenho três meninas e elas estão na escola municipal, a

mais velha tem as pernas tortas por causa da doença inglesa, não posso mandar a menina para fora, talvez ela tenha uma oportunidade na escola. Talvez minha mulher também possa ir até a assistência à criança ou sei lá, a mulher tem o que fazer, agora está doente, tirando isso, é trabalhadeira e lida com arenques defumados, e as meninas aprendem o mesmo que nós, você bem pode imaginar a situação. Está vendo? E também posso muito bem entender quando as outras pessoas mandam seus filhos para aprender línguas estrangeiras e no verão vão ao balneário e nós

nem temos uns tostões sobrando para mandar as garotas até Tegel. E as crianças refinadas não têm as pernas tortas tão rápido assim. E quando preciso ir ao médico por causa das dores do reumatismo, há umas trinta pessoas espremidas na sala de espera, e ele me diz depois: o senhor já deve ter sentido essas dores reumáticas antes, por quanto tempo o senhor já trabalhou? Pergunta se já recebi os papéis. Em mim ele não acredita nem um pouco e depois é a vez do médico da Caixa, e se quiser algum dia fazer um tratamento fora através do seguro regional de pensões, que sempre estão descontando do salário da gente, vou dizer a você, então vai ter de ficar de cabeça para baixo até que eles o despachem. Fritze, enxergo tudo isso sem precisar de óculos. Quem não entende isso deveria ser um burro no jardim zoológico. E para que então alguém ia precisar de Karl Marx hoje em dia. Mas Fritze, ora, ora: essa é que é mesmo a verdade.”

E o carpinteiro levanta sua cabeça grisalha e encara o taverneiro com olhos bem arregalados. Mete outra vez seu cachimbo na boca, dá uma baforada e aguarda uma resposta. O dono grunhe, faz um muxoxo, tem um ar insatisfeito: “Homem, você tem razão. Minha caçula também tem as pernas tortas, também não tenho dinheiro para mandar a menina para o campo. Mas afinal de contas: sempre houve ricos e pobres. Nós dois não vamos poder mudar isso”.

O carpinteiro fuma impassível: “Só que: que seja pobre quem tiver vontade de ser pobre. Que sejam pobres os outros longe de mim. Não tenho vontade nenhuma de fazer isso. É que a longo prazo a gente fica farto disso”.

Conversam calmamente, sorvem a cerveja devagar. Franz só fica ouvindo. Willi se aproxima vindo do balcão. Franz tem de levantar, pegar o chapéu, ir embora: “Não, Willi, quero ir hoje cedo para a cama. Você sabe, por causa de ontem”.

—

E Franz marcha sozinho pela rua quente e poeirenta, marcha soldado, um dois, um dois. Marcha soldado, um dois, um dois. Espere só um pouquinho, logo vem o bicho-papão, faz picadinho de você com o facão, espere, espere só um pouquinho, logo vem o bicho-papão. Maldição, por onde estou andando, maldição, por onde estou andando. E fica parado e não consegue atravessar a rua, então dá a volta, retorna marchando pela rua quente, passando pelo boteco onde os outros ainda ficaram, onde o carpinteiro ainda está diante de sua cerveja. Não

vou entrar no boteco. O carpinteiro disse a verdade. A verdade é essa. O que vou fazer com política, com toda essa porcaria. Não me ajuda em nada. Não me ajuda em nada.

E Franz marcha outra vez pelas ruas quentes, poeirentas, inquietas. Na Rosenthaler Platz há mais burburinho, alguém vende jornais por ali, o Berliner Arbeiter-Zeitung, julgamento secreto marxista, um judeu checo, molestador de meninos, seduziu vinte, apesar disso, nada de prisão, eu também vendia jornais. Calor terrível hoje. E Franz para, compra um jornal do homem, a suástica verde no topo, o inválido zanolho do Neue Welt, beba, beba, irmãozinho, beba, deixe os problemas para trás, beba, beba, irmãozinho, deixe os problemas pra trás, fuja da dor, fuja da tristeza, daí a vida é uma beleza, fuja da dor, fuja da tristeza, daí a vida é uma beleza.

E dá mais uma volta pela praça, entra pela Elsasser Strasse, cadarços de sapatos, Lüders, fuja da dor e fuja da tristeza, daí a vida é uma beleza, fuja da dor e fuja da tristeza, daí a vida é uma beleza. Já faz tempo, Natal do ano passado, homem, faz muito tempo, fiquei aqui parado junto à loja Fabisch, apregoando mercadorias, umas porcarias de segunda, trecos para gravata,

prendedores de gravata, e Lina, Lina, a polaca, a gorducha, vinha me buscar.

E Franz marcha, não sabe o que quer, volta para a Rosenthaler Platz e fica parado diante do Fabisch, junto ao ponto do bonde, em frente ao Aschinger. E espera. Sim, é isso o que quer! Fica lá esperando e sente-se como uma agulha magnética – para o norte! Para Tegel, presídio, muros do presídio! É para lá que quer ir. Tem de ir.

E então chega o 41, para, e Franz sobe. Sente que isso está certo. Partida, ele parte junto e o elétrico o leva para Tegel. Paga vinte pfennigs, tem o bilhete, vai para Tegel, tudo funciona direitinho, uma beleza. Como se sente bem! É verdade que está indo para lá, Brunnenstrasse, Uferstrasse, alamedas, Reinickendorf, é verdade, tudo isso existe mesmo, ele vai avançando, lá está. E aqui está bem. E enquanto está sentado, tudo se torna sempre mais verdadeiro, mais austero, mais violento. A satisfação que sente é tão profunda, tão forte, e tão fascinante é o reconforto, que Franz fica sentado, cerra os olhos e é engolido por um sono poderoso.

Na escuridão, o elétrico passou pelo prédio da prefeitura. Berliner Strasse, Reinickendorf West, Tegel, ponto final. O motorneiro o acorda, ajuda-o a

erguer-se: “Não vai mais adiante. Aonde o senhor quer ir?”. Franz cambaleia para fora: “Tegel”. “Ora, então o senhor já chegou.”

Esse bebeu até entornar o casco, é assim que os inválidos bebem sua pensão inteira.

Aquela irresistível necessidade de dormir se apossou de Franz de tal maneira que, na praça por onde vagueia, desaba no primeiro banco atrás de um poste de iluminação. Uma patrulha da polícia o acorda, três da manhã, eles não lhe fazem nada, o homem parece decente, só está de casco cheio, mas alguém pode limpar-lhe os bolsos. “O senhor não pode dormir aqui, onde é que mora?”

Agora chega para Franz. Ele boceja. Ele quer ir para a caminha. Sim, isso é Tegel, o que eu queria aqui de novo, queria alguma coisa aqui, seus pensamentos se embaralham, tenho de ir para a cama, nada mais do que isso. Triste, ainda dormita: sim, sim, aqui é Tegel, não sabe o que fazer aqui, sim, aqui cumpriu pena antes. Um carro. O que era mesmo, o que eu queria em Tegel. Senhores, senhores, me acordem se eu dormir.

E o sono imperioso volta de novo e lhe abre os olhos e Franz sabe de tudo.

E lá existe uma cordilheira e o ancião se levanta e diz a seu filho: vem comigo. Vem comigo, diz o ancião a seu filho, e sai andando, e o filho vai junto, caminhando atrás em direção às montanhas, para cima, para baixo, montanhas, vales. Por quanto tempo ainda, pai? Não sei, vamos montanha acima, montanha abaixo, em direção à cordilheira, vem comigo. Estás cansado, filho, não queres ir junto? Ah, não estou cansado; se queres que eu vá junto, então vou. Sim, vem. Montanha acima, montanha abaixo, vales, é um longo caminho, é meio-dia, chegamos. Olha em volta, meu filho, lá está um altar. Tenho medo, pai. Por que tens medo, filho? Tu me acordaste cedo, saímos da casa, esquecemos a ovelha que queríamos abater. Sim, esquecemos a ovelha. Montanha acima, montanha abaixo, os longos vales, foi isso que esquecemos, a ovelha não veio junto, lá está o altar, sinto medo. Preciso tirar o casaco, sentes medo, meu filho? Sim, sinto medo, pai. Também sinto medo, filho, aproxima-te, não deves temer, precisamos fazê-lo. O que precisamos fazer? Montanha acima, montanha abaixo,

os longos vales, levantei tão cedo. Não tenhas medo, filho, faze de bom grado, aproxima-te de mim, já tirei o casaco, não posso manchar minhas mangas de sangue. Mas tenho medo porque tens a faca. Sim, tenho a faca, preciso abater-te, preciso sacrificar-te, o Senhor assim o ordenou, faze-o de bom grado, meu filho.

Não, não posso fazê-lo, grito, não me toques, não quero ser abatido. Agora

estás de joelhos, não grites, meu filho. Sim, grito. Não grites; se não quiseres, não o farei mesmo que eu o queira. Montanha acima, montanha abaixo, por que não devo ir para casa. O que queres em casa, o Senhor é mais do que estar em casa. Não posso, sim, posso, não, não posso. Aproxima-te, vê, já tenho a faca aqui, olha para ela, está bem afiada, deve ir ao teu pescoço. Deve atravessar minha garganta? Sim. E depois jorra o sangue? Sim. O Senhor assim o ordenou. Queres? Mas não posso, pai. Vem logo, não posso assassinar-te; se o fizer, deve ser como se tu mesmo o fizesses. Eu mesmo o fizesse? Ah. Sim, e não temas. Ah. E não deves amar a vida, tua vida, pois a oferecerás ao Senhor. Aproxima-te. O Senhor, nosso Deus, o deseja? Montanha acima, montanha abaixo, acordei tão cedo. Queres parecer covarde? Eu sei, eu sei, eu sei! O que sabes, meu filho? Coloca a faca em mim, espera, vou afastar minha gola, o pescoço deve estar livre.

Tu pareces saber de algo. Só tens que querer e eu tenho que querer, ambos o faremos, então o Senhor fará soar sua voz, nós o ouviremos chamar: parai. Sim; aproxima-te, mostra o teu pescoço. Ei-lo. Não tenho medo, faço-o de bom grado. Montanha acima, montanha abaixo, os longos vales, aponta a faca aqui, aperta-a, não gritarei.

E o filho afasta o pescoço, o pai aproxima-se por trás, comprime-lhe a testa, com a mão direita avança com a faca de abate. O filho o deseja. O Senhor clama. Ambos caem com o rosto no chão.

Como soa a voz do Senhor? Aleluia. Pelas montanhas, pelos vales. Sois obedientes a mim, aleluia. Deveis viver. Aleluia. Parai, jogai a faca no abismo. Aleluia. Sou o Senhor a quem obedecéis e sempre e eternamente deveis obedecer. Aleluia. Aleluia. Aleluia. Aleluia. Aleluia. Aleluia. Aleluia. Aleluia, luia, luia, luia, aleluia, luia, aleluia.

—

“Mieze, gatinha, minha pequena gatinha, pode me xingar à vontade.” Franz quer puxar Mieze para seu colo. “Mas diga alguma

coisa. O que fiz a você, só porque cheguei atrasado ontem à noite?” “Homem, Franz, você ainda vai se dar mal por causa desses com quem anda.” “Mas por quê?” “O chofer precisou carregar você para cima. E ainda falei alguma coisa a você, mas, nenhuma palavra, você deita e dorme.” “Mas estou dizendo, estive em Tegel, sim, senhora, sozinho, totalmente só.” “Diga, Franz, é verdade mesmo?” “Totalmente sozinho. Tive de cumprir uns poucos anos lá.” “Mas ainda tem de cumprir?” “Não, tudo cumprido até o último dia. Só queria dar uma olhada e por isso você não precisa ficar zangada, gatinha.”

Ela se senta junto dele, fica olhando-o carinhosamente como sempre: “Olhe, não fique fazendo política” “Não faço política.” “Você não vai para as assembleias?” “Acho que não vou mais.” “Vai me dizer, se for?” “Sim, digo.”

Mieze então passa o braço em torno dos ombros de Franz, aproxima sua cabeça da dele, não dizem nada.

E de novo não há ninguém mais satisfeito do que nosso Franz Biberkopf, que manda a política para o diabo. Isso ia lhe

arrebentar a cabeça. Fica sentado nos botequins, canta e joga baralho, e Mieze conheceu um cavalheiro que é quase tão rico quanto o de Eva, mas já casado, o que é ainda melhor, esse não vai transformar dois quartos não mobiliados numa moradia requintada para ela.

E daquilo que Mieze quer Franz também não se esquiva. Eva o surpreende certo dia em seu quartinho, e por que não se é Mieze mesma que o deseja, mas Eva, se você realmente tiver um bebê, homem, se eu tiver um bebê, meu velho ia me construir uns dez palácios, tanto que se pavonearia.

A mosca rasteja para cima, a areia se desprende dela e logo voltará a zumbir

Na verdade, não há muito que contar sobre Franz Biberkopf, já conhecemos o rapaz. O que uma porca fará quando chegar ao chiqueiro, dá para imaginar. Só que para uma porca dessas as coisas são melhores

do que para um ser humano, pois ela é feita de um pedaço de carne e gordura, e o que continuará a acontecer com ela não é muita coisa se a comida for suficiente: no máximo, poderá dar

cria mais uma vez, e, no fim de sua vida, há uma faca, o que, afinal de contas, não é tão terrível ou excitante assim: antes que perceba alguma coisa – e o que percebe um bicho desses –, já se foi. Uma pessoa, porém, essa tem olhos, nela há muita coisa e tudo misturado; pode pensar no diabo e tem de pensar [tem uma cabeça terrível] no que vai lhe acontecer.

Vive assim então nosso muito gordo e muito querido maneta, Franz Biberkopf, Biberkopfzinho, seguindo seu trote pelo mês de agosto adentro, ainda sofrivelmente temperado. E esse Franzezinho já consegue remar lindamente com o braço esquerdo e também nada ouve da polícia, embora nem mais se apresente lá, é que lá na delegacia eles também estão em férias de verão, Deus do céu, afinal um funcionário desses também só tem duas pernas, e pelos poucos tostões que ganham não vão gastar as pernas, por que alguém deveria andar por aí à procura: o que há com o Franz Biberkopf, o quê, o Biberkopf, justamente o Biberkopf, e por que será que ele só tem um braço, antes tinha dois; vamos deixar que mofe dentro dos arquivos, afinal de contas, um homem também tem outras preocupações.

Só as ruas estão aí, nelas se ouve e se vê de tudo, ocorre à gente muitas coisas de antes, o que a gente nem quer, e então a vida vai transcorrendo, dia a dia, e hoje algo sucede e a gente deixa escapar, amanhã sucede novamente alguma coisa, a gente deixa escapar de novo, sempre acontece alguma coisa com alguém. A vida logo vai fazer as coisas certas, ele sonha, dormita. Aí, num dia quente, pode-se caçar uma mosca da janela e colocá-la num vaso de flores e soprar areia por cima: se for uma mosca de verdade e bem saudável, ela vai rastejar para fora e toda a areia soprada por cima dela não faz diferença. É o que Franz Biberkopf pensa às vezes, quando vê isso e enxerga algo diferente, estou bem, que me importa isso, será que me importa, e a política não me importa nada, e se as pessoas são tão tolas de se deixarem explorar, não tenho nada a ver com isso. Quem é que vai quebrar a cabeça por todas as pessoas.

Só da bebida Mieke tem de afastá-lo com rigor, é o ponto crítico de Franz. Ele possui uma necessidade nata de beber, isto está dentro dele e sempre vem à tona. Ele diz: então a gente vai ficando mais gordo e não pensa tanto. Herbert, porém, aconselha Franz: “Homem, não beba tanto. Você é sortudo. Veja só: o que você era? Vendedor de jornais. Agora, não tem mais um braço, agora você tem sua Mieke, sua renda, vê se não comece outra vez a beber como nos tempos da Ida”.

“De jeito nenhum, Herbert. Se bebo, é porque tenho tempo livre. Você fica sentado e o que faz: bebe e depois bebe mais um copo e mais um. E, além disso, olhe para mim, eu aguento bem.”

“Homem, você diz que aguenta bem. Pois bem, você está outra vez bem gordo, mas dê uma olhada no espelho como estão seus olhos.” “Que olhos?” “Ora, ponha a mão, bolsas sob os olhos como se fosse um velho; quantos anos você tem, está ficando velho de tanto beber, a bebida envelhece.”

“Vamos deixar isso de lado. O que você conta de novo? O que está fazendo, Herbert?” “Logo vai deslanchar de novo, temos dois novos rapazes, estão trabalhando direitinho. Conhece o Knopp, aquele que engole fogo? Viu, foi ele quem arranjou os rapazes. Diz a eles: o que, vocês querem trabalhar comigo? Primeiro vão precisar mostrar o que sabem. Dezoito, dezenove anos. Pois bem, Knopp fica lá na esquina da Danziger e observa o que eles sabem fazer. Têm uma mulher idosa na mira, observaram que ela retirou dinheiro do banco. E eles sempre atrás. Knopp pensa que vão lhe dar um empurrãozinho em algum lugar, depois o golpe e adeus. Não, eles ficam pacientemente na

espreita, depois vão andando junto com ela até onde mora e já estão a postos enquanto ela vem chegando devagar, a velhota, e

olham direto em sua cara. Ora se não é a senhora Müller, esse é mesmo o nome dela, e ficam tagarelando com ela até que o elétrico aparece do outro lado, e é só jogar pimenta nos olhos, bolsa agarrada, porta fechada, para o outro lado da rua. Knopp xinga e diz que foi desnecessário pegar o elétrico; sem que a velhota conseguisse abrir a porta da casa e sem que ninguém percebesse o que tinha acontecido, eles poderiam ter ficado calmamente no boteco do outro lado. A correria desperta suspeitas.” “Pelo menos saltaram logo do bonde?” “Sim. E depois os dois, como Knopp não parava de resmungar, fizeram ainda outra coisa: levaram o Knopp com eles e, às nove horas da noite, simplesmente pegaram uma pedra, atiraram-na numa vitrine de uma relojoaria da Romintener Strasse, enfiaram a mão e fugiram. E não foram pegos. Os rapazes são atrevidos como o diabo, ficaram parados depois no meio do tumulto. Sim, eles podem ser muito úteis para nós.” Franz abaixa a cabeça: “Rapazes ousados”. “Ora, você não precisa disso.” “Não – não preciso. E não vou ficar quebrando a cabeça com o que vai acontecer mais tarde.” “Só tem de parar de beber, Franz.”

O rosto de Franz treme: “Por que não beber, Herbert, o que vocês todos querem de mim. Não posso fazer nada, nada, sou cem por cento inválido”. Ele mira Herbert nos olhos, os cantos da boca caídos: “Sabe, todo mundo fica arengando comigo, um diz: não

devo beber, o outro diz: não ande com o Willi, o outro ainda diz: homem, largue a política”. “Política, contra isso não tenho nada, sabe muito bem.”

E Franz então se recosta na cadeira e fica olhando para seu amigo Herbert, e este pensa: a cara dele está se desmanchando toda e ele é um sujeito perigoso, por mais bonachão que seja o nosso Franz. Franz sussurra, toca-o com o braço estendido: “Eles me transformaram num aleijado, Herbert, olhe para mim, não sirvo para nada”. “Ora, pare de falar bobagens. Vá dizer uma coisa dessas a Eva ou a Mieze.” “Para deitar na cama, sim, isso dá, sei disso. Mas você, você é alguém, faz alguma coisa mais a rapaziada.” “Pois então, se você quiser mesmo, também pode fazer negócios com o seu braço.” “Não me deixaram. E a Mieze também não queria. Consegui me convencer.” “Pois faça assim mesmo, então comece de novo.” “Sim, agora comece de novo. Pare com isso e comece com isso. Como se eu fosse um cachorrinho: pule aqui, pule ali, pule acolá.”

Herbert enche dois copos de conhaque; preciso dizer umas coisas a Mieze, o rapaz não está muito certo da cabeça, ela que tome cuidado, de repente ele tem de novo um acesso de fúria e vai acontecer o mesmo que com a Ida.

Franz engole o conhaque de um trago só: “Sou um aleijado, Herbert; olhe só para esta manga, não tem nada dentro. Nem imagina como o ombro me dói de noite; nem dá para dormir”. “Então vá ver um médico.” “Não quero, não quero, não quero saber de doutor, o de Magdeburg foi suficiente.” “Então vou dizer a Mieze que ela viaje um pouco com você, pode ficar fora de Berlim e respirar outros ares.” “Me deixe beber, Herbert.” Herbert cochicha em seu ouvido: “Não vá fazer com a Mieze o mesmo que fez com a Ida!”. Franz se sobressalta: “O quê?”. “Sim, é isso mesmo.” Viu, agora fica me olhando, olhe só, não lhe bastaram aqueles quatro anos. Franz cerra o punho diante do nariz de Herbert: “Homem, você não está...?”. “Não, eu não. Você!”

Eva ficara ouvindo na porta, quer sair, entra vestindo um tailleur chique, marrom claro, dá um tranco em Herbert: “Deixe que ele beba, cara, você está louco”. “Criatura, você não enxerga. Quer que aconteça o mesmo de antes?” “Você está exagerando, cale a boca.”

Franz fixa o olhar em Eva.

—

Meia hora depois, ele pergunta a Mieke em seu quartinho: “O que você acha, posso beber?”. “Sim, mas não demais. Não demais.” “Quem sabe você queira também tomar um porre?” “Sim, com você.” Franz exulta: “Menina, Mieke, você quer tomar um porre, você nunca ficou bêbada?”. “Claro que sim. Venha, vamos nos embebedar. Agora.”

E há bem pouco ele estava triste e agora Franz vê como a garota estremece, e é a mesma coisa do outro dia, a história com Eva e o bebê. E Franz fica parado ao lado dela, uma garota tão doce, uma garota tão boa, tão pequenina ao lado dele, dá para enrolá-la em seu paletó, ela o abraça, ele a segura pelos quadris com o braço esquerdo, e aí – e aí –.

E então Franz apaga por um segundo. Seu braço apoia-se nos quadris dela e está paralisado. Mas, em pensamento, Franz teve de fazer um movimento com o braço. Nisso seu rosto fica duro como pedra. Em pensamento, segurava – um pequeno instrumento de madeira – na mão e de cima – desferia um golpe contra Mieke, contra seu tórax, uma vez, duas vezes. E quebrava-lhe as costelas. Hospital, cemitério, o cara de Breslau.

Franz larga Mieke, e ela não sabe o que ele tem, está deitada junto dele no chão e ele murmura e balbucia e chora e a beija e chora e ela chora junto e não sabe por quê. E ela traz então duas garrafas de aguardente e ele fica dizendo “não, não”, mas isso traz bem-aventurança, felicidade, Deus, como os dois se divertem, como riem. Mieke já devia ter ido encontrar seu cavalheiro, o que a moça pode fazer, ela fica com seu Franz, não consegue nem ficar de pé quanto mais andar. Ela chupa a aguardente da boca de Franz e ele a quer de volta, mas a bebida já lhe escorre pelo nariz. E depois os dois ficam rindo e ele cai no ronco em pleno dia.

—

Por que me dói o ombro tanto assim, eles me deceparam o braço.

Por que me dói o ombro tanto assim, o ombro me dói tanto.

Aonde foi a

Mieke. Ela me deixou aqui largado sozinho.

A mim deceparam o braço, acabaram com ele, ombro dói, ombro. Cachorros malditos, meu braço se foi, foram eles que

fizeram isso, os cachorros, foram eles, cachorros, o braço acabou e me deixaram lá estendido. O ombro, o ombro dói, não cortaram o ombro, mas se pudessem, teriam me arrancado o ombro também. Que tivessem arrancado o ombro também. Se também tivessem arrancado o ombro não doeria tanto, maldição. Eles não me mataram, os cachorros, isso lhes escapou, não tiveram sorte comigo, os abutres de carniça, mas agora também não está bom, agora posso ficar deitado, mas não há ninguém aqui e quem vai ouvir esta choradeira: o braço dói tanto, o ombro, os cachorros deveriam ter me atropelado inteiro de uma vez. Agora sou apenas um homem pela metade. Meu ombro, meu ombro, não estou aguentando mais. Os malditos abutres de carniça, os abutres, acabaram comigo, o que vou fazer, onde está a Mieke, me largaram aqui deitado. Ai, ai, ai, ai, ai.

—

A mosca rasteja e rasteja, está pousada no vaso de flores, a areia se desprende dela, não a incomoda, ela a sacode, estica a cabeça preta para frente, sai rastejando.

Junto à água está sentada a grande Babilônia, a mãe da putaria e de todos os horrores da Terra. Está sentada sobre um animal

vermelho escarlate e tem sete cabeças e dez chifres, isso dá para ver, isso você precisa ver. Cada passo seu a enche de alegria. Está embriagada do sangue dos santos que ela dilacera. Estes são os chifres com os quais ela investe, ela vem do abismo e leva à perdição, olhe para ela, as pérolas, o escarlate, a púrpura, os dentes, como ela os arreganha, os lábios grossos e intumescidos, sobre eles escorreu o sangue, com eles ela bebeu. Prostituta Babilônia! Olhos amarelos dourados, peçonhentos, pescoço flácido! Como ela sorri para você.

Adiante, marcar passo, rufar de tambores e
batalhões

Cuidado, homem, se vierem as granadas vai ter sujeira, adiante, pernas para cima, passar sem problema, preciso sair, adiante, não podem me quebrar mais do que os ossos, tararatatá, tararatatá, marcar passo, um
dois, um dois, esquerda direita, esquerda direita, esquerda direita.

E Franz Biberkopf vai marchando pelas ruas com passo firme, esquerda direita, esquerda direita, nada de fingir cansaço, nada de boteco, nada de beber, vamos ver, uma bala cruzou o ar,

vamos ver, se me acertar, fico estendido, esquerda direita, esquerda direita. Rufar de tambores e batalhões. Finalmente toma fôlego.

Anda por Berlim. Quando os soldados marcham pela cidade, ratibum, ratibum, pararatibum, pararatibum, bum, bum.

As casas estão quietas, o vento sopra onde quer. Ratibum, ratibum, pararatibum, bum, bum.

—

Enfiado em sua toca suja e abafada – toca suja, ratibum, ratibum, toca abafada, pararatibum, bum, bum – está Reinhold, o sujeito do bando de Pums, quando os soldados pela cidade marcham, em janelas e portas, as moças aguardam, lê jornal, esquerda direita, esquerda direita, acerta a mim ou acerta você, lê sobre os jogos olímpicos, um dois, e que as sementes de abóbora são um remédio contra vermes. Lê bem devagar, em voz alta por causa da gagueira. Quando está sozinho, a coisa dá certo. Ele recorta a notícia da abóbora, quando os soldados pela cidade marcham, pois teve vermes numa ocasião, provavelmente ainda

tem, talvez sejam os mesmos, talvez sejam novos, os velhos deram cria, é preciso tentar essa coisa das sementes de abóbora, é preciso também comer a casca, não se deve descascar. As casas estão quietas, o vento sopra onde quer. Congresso de jogos de baralho em Altenburg, não jogo. Uma viagem pelo mundo, despesas só trinta pfennigs por semana, ora, de novo um embuste desses. Quando os soldados pela cidade marcham, em janelas e portas, as moças aguardam, pararatibum, ratimbum, ratimbum, bum, bum. Batem à porta, entre.

Levanta de um salto, marchar, marchar. Reinhold, na hora, mão no bolso, revólver. A bala o levou embora, ele está a meus pés como se fosse um pedaço de mim, como se fosse um pedaço de mim. Lá está ele: Franz Biberkopf. Perdeu o braço, inválido de guerra, o sujeito está bêbado, ou será que não. Se fizer um movimento, meto-lhe um tiro.

“Quem deixou você entrar?” “Sua senhoria”, ofensiva, ofensiva. “Aquela, que megera, será que está louca?”, Reinhold junto à porta. “Senhora Tietsch! Senhora Tietsch! O que é isso? Estou em casa ou não estou em casa? Se digo que não estou em casa, então não estou e pronto.” “Desculpe, senhor Reinhold, ninguém me disse nada.” “Então não estou em casa, caramba. E por isso a senhora deixa entrar não sei quem aqui.” “O senhor deve ter avisado a minha filha; ela desce correndo, sai e não diz nada.”

Ele puxa a porta, fechando-a, revólver firme na mão. Os soldados. “O que você quequer aqui? Tetemos alguma cocoisa a reresolver?” Gagueja. Qual dos Franz é esse? Logo você vai saber. O homem teve seu braço atropelado há algum tempo, era um homem decente antes, dá para atestar isso em cartório, agora é um vadio, ainda temos de analisar de quem foi a culpa. Rufar de tambores, batalhões atenção, aí está ele então. “Homem, Reinhold, você tem um revólver.” “E daí?” “O que vai fazer com ele? O que quer?” “Eu? Nada!” “Pois bem. Então guarde a arma.” Reinhold coloca o revólver diante de si sobre a mesa. “Para que você veio até aqui?” Lá está ele, é ele mesmo, esse daí me deu um soco no corredor da casa, me empurrou para fora do carro, antes disso não tinha acontecido nada, Cilly ainda estava por lá, descii a escada. Tudo aquilo começa a vir à tona. Lua sobre a água, uma lua brilhante, ofuscante à noite, repicar de sinos. Agora ele tem um revólver.

“Sente-se, Franz, diga, você andou bebendo?” Porque o tipo tem o olhar tão parado, deve estar bêbado, não consegue deixar a bebida. É isso que deve estar acontecendo, ele está bêbado, mas bem que tenho o revólver. Pararatibum, ratimbum, bum, bum. Então Franz se senta. E ali fica sentado. A lua brilhante, a água toda resplandece. Agora está sentado na casa de Reinhold. Esse é

o homem a quem ajudou com as garotas, foi tomando dele uma garota atrás da outra, depois ele quis pegá-lo para ficar de tocaia, mas não disse nada, e agora sou um cafetão vadio e quem sabe o que vai acontecer com a Mieze, e esta é a situação. Mas tudo isso vem em pensamentos. Só ocorre uma coisa: Reinhold, Reinhold está ali sentado.

“Só queria ver você, Reinhold.” É isso que eu queria; olhar para ele, só olhar já basta, aqui estamos sentados. “Você pretende meter a mão em mim, hein, fazer chantagem por causa de antes? Hein?” Quietos, nem piscar. Rapaz, marchar em frente, ora, só algumas granadas. “Chantagem, hein? Quanto você vai querer? Estamos preparados. Que você é um cafetão vadio, isso nós sabemos também.” “É o que sou. E o que posso fazer com um braço só?” “Pois então, o que quer?” “Nada, nada mesmo.” É só ficar sentado direitinho, aguentar, esse é o Reinhold, é assim que ele fica à espreita, só não deixar me derrubar.

Mas há uma tremedeira em Franz. Era uma vez três reis, eles partiram do Oriente, traziam incenso e o aspergiam, aspergiam sem parar. Eles envolvem a gente em fumaça. Reinhold pondera: ou o sujeito está bêbado, nesse caso, logo irá embora e nada mais, ou ele deseja mesmo alguma coisa. Não, ele quer algo, mas o quê, o sujeito não quer fazer chantagem, mas o quê, então. Reinhold pega a aguardente e pensa, é assim que vou fazer o meu

Franz se revelar. Só espero que ele não tenha mandado o Herbert aqui para assuntar a situação e depois nos mandar para o inferno. No instante em que coloca os dois cálices azuis sobre a mesa, percebe que Franz está tremendo. A lua, a lua branca, elevou-se brilhante sobre a água, ninguém consegue olhar para cima, estou cego, o que há comigo. Olhe só, o cara não aguenta mais. Está todo teso, mas não aguenta mais. E aí Reinhold sente uma grande alegria e pega lentamente o revólver da mesa e o enfia no bolso e serve a bebida e percebe de novo: as patas dele estão tremendo, está com tremeliques, é um covarde, o fanfarrão, está com medo do revólver ou de mim, ora, eu não vou lhe fazer nada. E Reinhold está muito, muito calmo, amigável, sim, senhor. E que felicidade quando percebe a tremedeira, não, não está bêbado o Franz, está com medo, ele vai desabar, ainda vai borrar as calças, queria me enganar com uma fanfarronice dessas.

E Reinhold começa a contar sobre Cilly como se nos tivéssemos visto ontem pela última vez, ela ainda deu uma passada por minha casa, algumas semanas, sim, isso é possível, se deixo de ver uma delas por alguns meses, então, consigo ficar com ela outra vez, uma reprise, é uma coisa engraçada. Depois vai pegar cigarros e um monte de imagens pornográficas, depois fotografias, Cilly também aparece nelas, junto com Reinhold.

Franz não consegue dizer palavra alguma, só olha insistente para as mãos de Reinhold, ele tem duas mãos, dois braços, e ele só tem um, com essas duas mãos, Reinhold o atirou para debaixo do carro, ratibum, ratibum, melhor seria eu matar o sujeito, pararatibum, bum, bum. Herbert acha, mas eu não acho nada disso, afinal, o que eu acho. Não posso fazer nada, não consigo fazer nada. Mas preciso, gostaria de fazer qualquer coisa, pararatibum, bum, bum – não sou mais um homem, sou um bobalhão. Ele se encolhe e logo estremece e se refaz, engole o conhaque, depois toma mais um trago, de nada adianta, e então Reinhold diz baixinho, bem baixinho: “Eu, eu gostaria, Franz, gostaria de ver a sua cicatriz”. Pararatibum, ratibum, bum, bum. Franz Biberkopf então abre o paletó – aí está –, mostra o coto na manga da camisa, Reinhold franze a cara: parece nojento, Franz fecha o paletó: “Estava pior antes”. E então Reinhold continua a olhar para seu Franz, que nada diz e nada pode fazer e está gordo feito um porco e não consegue abrir a boca, e Reinhold continua a mostrar um sorrisinho para ele e não para.

“Ei, você sempre usa a manga assim dentro do bolso? Enfia a manga dentro ou ela está costurada?” “Não, essa daí eu sempre enfio no bolso.” “Com a outra mão? Não, claro, quando você ainda não vestiu a camisa?” “Ora, às vezes sim, às vezes não; quando estou de paletó, não dá muito certo.” Reinhold está

parado ao lado de Franz, dá puxadinhas na manga. “Mas você sempre vai ter de prestar atenção para não enfiar nada no bolso direito. Alguém pode lhe roubar alguma coisa.” “Não de mim.” Reinhold reflete ainda: “Diga, como é que você faz com o paletó, deve ser bem desconfortável. Duas mangas vazias”. “É verão agora. Isso só vai acontecer no inverno.” “Você logo vai perceber, não vai ser agradável. Você bem que poderia comprar um braço artificial, se alguém perde uma perna, coloca uma perna postiça.” “Porque senão não poderia andar.” “Dá para afivelar um braço postiço, a aparência fica melhor.” “Não, não, só fica apertando.” “Eu compraria um, ou talvez colocasse um enchimento na manga. Vamos, vamos tentar.” “Para quê, não quero, homem.” “Não ande por aí com uma manga frouxa desse jeito, fica bem assim, ninguém vai perceber.” “O que vou fazer com isso. Não quero.” “Venha, madeira não dá certo. Olhe aqui, vamos encher com algumas meias ou camisas, olhe só.”

E Reinhold entra em ação, puxa a manga vazia para fora, enfia a mão dentro, chega perto de sua cômoda e começa a encher, meias, lenços, Franz resiste. “Para que isso, homem, não vai segurar, vai parecer uma salsicha, me deixe.” “Não. Vou lhe dizer, você devia pedir para algum alfaiate fazer isso, precisa ficar bem preso, vai ficar ainda melhor, não vai mais precisar andar por aí como um aleijado, só vai parecer que a mão está no bolso.” As

meias escapam novamente. “Sim, tem de ser trabalho de alfaiate. Não consigo tolerar aleijados, aos meus olhos, um aleijado é alguém que não serve para nada. Se vejo algum aleijado, digo: seria melhor que tivesse morrido de uma vez.”

E Franz só fica ouvindo, sempre concordando com a cabeça. A tremedeira toma conta dele sem que quisesse. Ele está em algum lugar da Alex na ocasião do assalto, tudo se acabou para ele, deve ser por causa do acidente, devem ser os nervos, vamos ver. Mas os arrepios não param. Pronto, chega, para baixo, adeus Reinhold, preciso correr, marcar passo, direita, esquerda, direita, esquerda, pararatibum, bum, bum.

—

O gorducho Franz Biberkopf chega então em casa, esteve com Reinhold e sua mão e braço ainda sofrem tremores e espasmos, o cigarro lhe cai da boca,

quando chega em casa. E lá está Mieke com seu cavalheiro, esperava por

Franz, pois quer viajar durante dois dias com seu benfeitor.

Ele a puxa para o lado. “E que proveito tenho de você?” “Mas o que posso fazer, Franz? Ó Deus, Franz, o que há?” “Nada, chispe.” “Volto hoje à noite.” “Chispe.” Está quase berrando. Ela então pega o cavalheiro, dá um beijo rápido no pescoço de Franz e vai embora. E lá embaixo, toca a campainha de Eva: “Se tiver tempo, vá até lá ver o Franz. O que ele tem? Não sei. Mas, vá”. Mas Eva não apareceu, Herbert passou o dia ralhando com ela, não dá para sair.

Enquanto isso, nosso Franz Biberkopf, a cobra naja, o lutador de ferro, está sentado sozinho, totalmente só, enquanto isso, fica junto à janela, agarra com as unhas o parapeito e pensa se não foi bobagem, maldita besteira, ter ido à casa de Reinhold, uma idiotice dos diabos, é uma asneira quando os soldados vêm marchando pela cidade, é asnice, teimosia, e preciso sair disso, preciso fazer outra coisa. E enquanto isso, pensa, vou fazer isso mesmo, preciso ir até lá, não pode ficar assim, ele me fez de bobo, pôs enchimento na manga, não posso dizer a ninguém que uma coisa dessas aconteceu.

E Franz encosta a cabeça contra o parapeito e se esconde e se envergonha, envergonha-se amargamente: é isso que vou fazer, permiti que fizesse isso, que idiota sou, tenho de tremer na frente

do sujeito. E a vergonha é tão grande e tão forte. Franz range os dentes, seria capaz de se fazer em pedaços, não era isso que queria, não sou nenhum covarde, mesmo que tenha um braço só.

Preciso ir até lá. E matuta. Já é noite quando Franz está no ponto e se levanta da cadeira. Olha em volta do quarto, lá está a aguardente, Mieze a colocou ali, não vou beber. Não quero me envergonhar. Que se vejam os olhos de Franz. Eu – vou até a casa dele. Ratibum, canhões, trombetas. Em frente, para baixo, paletó, foi aí que ele quis pôr enchimento, vou ficar diante dele, nada de tremer um só músculo da minha cara.

—

Berlim! Berlim! Berlim! Tragédia no fundo do mar, submarino afunda. Tripulação sufocada. E se sufocaram então, estão mortos, aí não tem galo que os acorde, acabou-se, fim, página virada. Marchar, marchar. Queda de dois aviões militares. Então caíram, então morreram, aí não tem galo que os acorde, o que está morto, está morto.

“Boa noite, Reinhold. Sim, senhor, viu só, estou aqui de novo.” O outro olha para Franz: “Quem deixou você entrar?”. “A mim? Ninguém. A porta estava aberta, fui entrando.” “Ah, e tocar a campainha você não sabe.” “Da sua casa não vou tocar a campainha, não estou bêbado.”

E ficam os dois sentados um em frente ao outro, fumando, e Franz Biberkopf não treme, mantém-se firme e está contente que está vivo, e este é o melhor dia desde que caiu debaixo do carro, e isso foi a melhor coisa que fez desde então: ficar aqui sentado, maldição, isso é bom. E é melhor do que assembleias e quase melhor – melhor do que a Mieze. Sim, isso é melhor do que tudo: ele não vai me derrubar.

Já são oito horas da noite quando Reinhold olha para a cara de Franz: “Franz, você bem sabe que temos contas a ajustar um com o outro. Diga, quer alguma coisa de mim, fale então francamente”. “Que contas tenho a ajustar com você?” “A coisa do carro.” “Isso não vai adiantar, meu braço não vai crescer de novo por causa disso. E depois –” Franz bate o punho na mesa: “Foi até bom. Não ia poder continuar daquele jeito. Tinha de acontecer”. Há há há a que ponto chegamos, já tínhamos chegado a esse ponto faz tempo. Reinhold sonda: “Você está querendo dizer a história dos

negócios na rua?”. “Sim, isso também. Eu tinha uns parafusos frouxos na cabeça. Pois bem, agora isso acabou.” “E o braço se foi.” “Mas tenho mais outro e também uma cabeça e ainda duas pernas.” “O que você está fazendo? Faz trambiques sozinho ou com o Herbert?” “Com um braço só? Não dá para eu fazer nada.” “Mas sabe o quê, só ficar vadiando, é chato demais.”

E Reinhold matuta e olha para o outro, sentado ali, tão gordo e forte: com esse cara eu gostaria de fazer umas brincadeiras. Ele está firme na moita. Seria preciso quebrar-lhe os ossos. O braço que o cara perdeu não lhe chega.

E começam a falar de mulheres e Franz fala-lhe sobre Mieke, que antes se chamava Sonja, que ganha bem e é uma moça e tanto. Aí Reinhold pensa: isso é bom, essa vou tirar dele e depois o atiro de uma vez todinho na merda.

Pois embora até os vermes comam terra e a vão eliminando sempre pelo traseiro, eles sempre estão comendo de novo. E esses danados não têm piedade, se a gente enche a barriga deles hoje, amanhã vão logo chegando para abocanhar alguma coisa. Sucede com os homens o mesmo que com o fogo: quando

arde, ele tem de devorar, e se não consegue devorar, ele apaga, tem de se extinguir.

Franz Biberkopf alegre-se consigo mesmo por poder ficar ali sentado sem tremedeira e bem calmo e solenemente alegre como um recém-nascido. E ao descer com Reinhold, reencontra aquilo outra vez: quando os soldados pela cidade marcham, direita, esquerda, é bom viver, são todos meus amigos os que estão aqui, aqui ninguém me derruba no chão, eles que experimentem.

Ratimum, pararatimum, nas janelas e portas as moças aguardam.

“Vou dançar”, diz a Reinhold. Este pergunta: “A sua Mieke vai junto?”. “Não, saiu com o benfeitor por dois dias.” “Quando ela voltar, aí vou também.” “Beleza, ela vai ficar contente.” “Ora, será?” “Se estou dizendo, ela não vai morder você.”

Franz está imensamente alegre, o recém-nascido, o feliz, dançou a noite inteira, primeiro no salão Altes Ballhaus, depois no boteco perto de Herbert, e todos se alegram com ele, ele, porém, alegre-se ainda mais consigo mesmo. E mais do que todas, enquanto dança com Eva, ama duas pessoas: uma delas é sua Mieke, que

gostaria de ter por ali, a outra é – Reinhold. Mas não ousa dizer. Durante toda essa noite maravilhosa, enquanto dança com essa e aquela, ama essas duas pessoas que não estão ali e está feliz com elas.

O punho está sobre a mesa

Qualquer um que tenha lido até aqui pode perceber a mudança que ocorreu: uma mudança para trás e ela tem seu ponto final em Franz. Franz Biberkopf, o forte, a cobra naja, realmente ressurgiu em cena. Não foi fácil, mas lá está ele novamente.

Ele já parecia ter chegado lá quando se tornou cafetão de Mieke e passeava livremente com uma cigareira dourada e um boné do clube de remo. Mas agora chegou mesmo, por inteiro, e agora voltou mesmo por inteiro, tanto que se rejubila, e não sente mais medo. Agora não há mais telhados balançando e seu braço, ora, esse foi o preço. As minhocas da cabeça foram extirpadas numa operação bem-sucedida. Agora é cafetão e logo voltará a ser criminoso, mas isso tudo não dói mais, ao contrário.

E tudo está como no começo. Mas é preciso que fique claro, não é mais a velha cobra naja. Mas logo se vê, este já não é mais o nosso velho Franz Biberkopf. Da primeira vez, seu amigo Lüders o traiu e ele tropeçou nas tamancas. Da segunda vez, teve de ficar de tocaia, mas não queria, Reinhold então o arremessou do carro e o atropelou. Agora já basta para Franz, bastaria também para qualquer homem comum. Não entra para o convento, não se acabou em pedaços, entra pela trilha da guerra, não se torna só cafetão e criminoso, mas ainda cria o lema: vou agora mesmo. Agora vocês verão Franz não a dançar sozinho e a saciar-se e desfrutar alegremente a vida, e sim na dança, na dança das matracas com algo mais, algo que deve mostrar como isso é forte, e quem é mais forte, Franz ou este algo mais.

Foi um juramento que Franz Biberkopf fez em voz alta quando saiu de

Tegel e pôde firmar as pernas outra vez: quero ser decente. Não deixaram que ele cumprisse o juramento. Agora quer ver o que ainda tem a dizer. Quer perguntar se tiveram de atropelar seu braço e por quê. Talvez, quem sabe como as coisas se passam na cabeça de uma pessoa, talvez Franz queira buscar com Reinhold seu braço de volta.

SÉTIMO LIVRO

—

Aqui brande o martelo, o martelo contra
Franz Biberkopf.

—

Pussi Uhl, a enchente de americanos, Wilma se escreve com “w”
ou “v”?

Na Alexanderplatz continuam a mexer e remexer. Na Königstrasse,
esquina da Neue Friedrichstrasse, querem demolir a casa sobre a
loja de calçados Salamander, o prédio ao lado já está vindo
abaixo. A circulação

sob o vão livre do transporte urbano se torna muito difícil: aqui se
instalam novos pilares para a ponte da estrada de ferro; pode-se
notar abaixo uma cratera bem escorada onde os pilares assentam
seus pés.

Quem quer entrar na estação do transporte urbano precisa subir e descer uma pequena escada de madeira. O tempo em Berlim está mais fresco, chove com frequência, os automóveis e as motocicletas sofrem com isso, todos os dias alguns veículos derrapam, ocorrem muitas colisões, há pedidos de indenização e coisas do gênero, muitas vezes as pessoas sofrem fraturas de toda sorte, tudo isso é provocado pelo tempo. Conhecem o destino trágico do aviador Beese-Arnim? Ele foi interrogado hoje pela polícia criminal, é o principal acusado do tiroteio na casa da velha e acabada prostituta Pussi Uhl; que descanse em paz.

Beese, Edgar, começou a atirar como um louco na casa de Uhl, andava, dizem os delegados criminais, um tanto estranho. Uma vez, na guerra, foi abatido a tiros a 1.700 metros de altitude, foi destituído de sua herança, acabou na cadeia sob nome falso; a última coisa ainda está por vir. Quando foi abatido, foi para casa e o diretor de uma companhia de seguros lhe afanou o dinheiro. Era, porém, um vigarista e, assim, da maneira mais simples, o dinheiro migrou de um aviador para um vigarista e o aviador ficou sem dinheiro. Desse momento em diante, Beese passa a se chamar Auclair. Sente-se envergonhado perante a família por estar tão atolado na merda. Tudo isso foi investigado e anotado hoje cedo pelos tiras da Central da polícia. Lá também está escrito que ele agora está trilhando o caminho do crime. Uma vez, ele foi condenado a dois anos e meio de prisão e, porque na época alegava chamar-se Krachtowil, foi posteriormente deportado para

a Polônia. Consta que, em seguida, ocorreu em Berlim a história particularmente infame e um tanto nebulosa com Pussi Uhl. Pussi Uhl, em cerimônias especiais que preferimos não mencionar aqui, batizou-o de “Von Arnim”, e tudo aquilo que ainda aprontou armou sob o nome de Von Arnim. Na terça-feira, 14 de agosto de 1928, Von Arnim meteu, então, uma bala na barriga de Pussi Uhl, por que e como, o populacho não solta a língua sobre isso, não deixa escapar uma palavra mesmo diante de um carrasco. E por que razão as pessoas deveriam contar isso aos tiras que são seus inimigos? Só se sabe que nessa história o pugilista Hein desempenha algum papel e quem se diz conhecedor da natureza humana pode deduzir de maneira errônea: foi um drama provocado por ciúme. Eu, pessoalmente, aposto o que for que ali não havia ciúme. Ou se havia ciúme, então, ciúme calçado com dinheiro, sendo o dinheiro a coisa principal. Beese, diz a polícia criminal, entrou em total colapso; feliz de quem acredita nisso. O rapaz, podem acreditar em mim, talvez tenha caído, e isso só sucedeu, na melhor das hipóteses, porque os tiras agora irão investigá-lo e sobretudo porque está furioso por ter metido um tiro na velha Uhl. Pois do que viverá agora; pensa: que a bruaca me faça o favor de não morrer. Dessa maneira, ficamos sabendo o suficiente a respeito da tragédia do avião Beese- -Arnim, abatido a 1.700 metros, destituído de sua herança, na prisão sob nome falso.

A enchente de americanos em visita a Berlim continua. Entre os muitos milhares que visitam a metrópole alemã, encontram-se também inúmeras personalidades proeminentes que vieram à cidade por motivos profissionais ou particulares. Assim, o secretário-chefe da delegação americana da união interparlamentar, doutor Call, de Washington, está hospedado aqui [Hotel Esplanade], depois dele virão alguns senadores americanos, que estarão na cidade dentro de uma semana. Além disso, nos próximos dias, o chefe do corpo de bombeiros de Nova York, John Keylon, chega a Berlim, onde se hospedará no Hotel Adlon, assim como Davis, o antigo secretário nacional do trabalho.

De Londres, veio Claude G. Montefiore, presidente da liga mundial do judaísmo religioso-liberal, cujo congresso se dará em Berlim de 18 a 21 de agosto; está hospedado no Hotel Esplanade na companhia de sua colaboradora, lady Lilly H. Montague.

Como o tempo está bastante ruim, é aconselhável que se vá para um lugar coberto, o mercado central, mas lá reina um barulho

ensurdecedor, quase se é atropelado pelas carroças e os sujeitos nem sequer avisam que querem passar. É melhor irmos ao Tribunal do Trabalho na Zimmerstrasse para o café da manhã. Quem se ocupou muito com gente simples – e, convenhamos, Franz Biberkopf não é exatamente um homem famoso – também gosta de ir de vez em quando para a parte oeste e ver o que há por lá.

Sala n. 60, Tribunal do Trabalho, cafeteria; uma sala bem pequena com balcão e uma máquina de café expresso; num cartaz, lê-se: “Almoço: sopa engrossada com arroz, bife rolê [muito rolê] 1 marco”. Um senhor jovem, gordo, de óculos de aro de tartaruga, sentado numa cadeira, consome o almoço. Quem o observa verifica: tem diante de si um prato fumegante de

bife rolê, molho e batatas e está prestes a engolir tudo aos bocados. Seus olhos caminham de um lado para outro sobre o prato, no entanto, ninguém vai lhe roubar nada, ninguém está sentado nas proximidades, está totalmente só à mesa, mas preocupado, corta, amassa sua porção e empurra-a na boca, rápido, uma garfada, mais uma, mais uma, mais uma e, enquanto trabalha, para dentro, para fora, para dentro, para fora, enquanto corta, amassa e devora, fareja, saboreia e engole, seus olhos observam, seus olhos examinam a sobra sempre menor no prato, vigiando-o por todos os lados como dois cães raivosos e avaliando seu tamanho. Mais uma vez para dentro, uma para

fora. Pronto, agora terminou, agora se levanta, molenga e gordo, o sujeito limpou o prato, agora já pode pagar. Põe a mão no bolso superior e estala a língua: “Senhorita, quanto é?”. Então o sujeito gordo sai, resfolega, afrouxa o cós da calça para dar mais lugar à barriga. Carrega no estômago um bom quilo e meio só de comida. Agora começa a função em sua barriga, o trabalho, agora a barriga tem o que fazer com tudo que o sujeito mandou para dentro. Os intestinos se mexem e se remexem, giram e rolam como minhocas, as glândulas fazem o que podem, expelem seu suco naquela coisa, esguicham como os bombeiros, de cima escorre a saliva, o sujeito engole, o líquido flui para os intestinos, ocorre a investida sobre os rins, como na Semana Branca das lojas de departamentos, e, lentamente, de mansinho, olhe só, já caem gotinhas na bexiga, uma gotinha atrás da outra. Espere, meu rapaz, espere, logo você vai percorrer o mesmo caminho de volta até a porta onde se lê: cavalheiros. É assim que caminha o mundo.

Atrás das portas, negocia-se. A arrumadeira Wilma, como se escreve o seu nome, pensei que se escrevia com v, aqui está, pois bem, então vamos colocar um w. Mulher atrevida, comportou-se de maneira imprópria, arrume as suas coisas, senhora, ponha-se daqui para fora, aí há testemunhas. Ela não faz nada disso, a honra não permite. Até o dia 6, incluindo mais três dias, estou

disposto a pagar dez marcos, minha mulher está na clínica. Pode reclamar, senhorita, o que está em discussão são 22,75 marcos, mas lhe asseguro que, no fim, não posso admitir uma série de coisas. “Canalha, patife”, minha mulher pode ser intimada quando estiver de pé outra vez, a própria querelante se tornou impertinente. As partes selam um acordo em seguida.

O chofer Papke e o distribuidor de filmes Wilhelm Totzke. Que negócio é esse, isso apareceu agora para ser avaliado. Pois então escreva: o distribuidor de filmes, Wilhelm Totzke, não, só tenho uma procuração dele, muito bem, e o senhor trabalhava como chofer, portanto, por um tempo relativamente curto, ocorreu uma batida com o carro, traga-me as chaves, o senhor teve, então, aborrecimentos com o carro, o que tem a dizer sobre isso? No dia 28, foi uma

sexta-feira, ele devia apanhar a chefe no Clube Admiral, ficava na Viktoriastrasse, lá podem atestar que ele estava completamente embriagado. É conhecido na área como bêbado contumaz.

Cerveja ruim não bebo mesmo; era um carro alemão, o conserto custa 387,20 marcos. Que tipo de colisão foi? Num instante comecei a derrapar, não tem freio nas quatro rodas, bati com minha roda dianteira na roda traseira dele. Quanto já tinha bebido naquele dia, já devia ter bebido no café da manhã, fui até o chefe, lá me dão comida, o chefe cuida muito bem dos empregados

porque é uma pessoa simpática. Também não vamos considerar o homem como responsável pelos prejuízos, mas demissão sem aviso prévio; cometeu tais equívocos devido à embriaguez. Vá buscar seus trapos; ficaram na Viktoriastrasse no meio na sujeira. E, então, o chefe falou ao telefone: é um grande imbecil, acabou com o carro. Isso o senhor não pode ouvir, sim, seu aparelho é muito alto e o homem não tem nenhuma educação; além do mais, ele ligou dizendo que eu roubei o pneu sobressalente, solicito que as testemunhas sejam ouvidas. Nem penso nisso, os senhores têm culpa no caso, o chefe disse imbecil ou paspalho, com nome e sobrenome, querem fazer o acordo por 35 marcos, quinze para o meio-dia, ainda dá tempo, o senhor pode telefonar para ele, se ele quiser, pode vir às quinze para a uma.

—

Lá embaixo, diante da porta na Zimmerstrasse, para uma moça, ela apenas passou por aqui, levanta o guarda-chuva e enfia uma carta na caixa do correio. Na carta está escrito: querido Ferdinand, agradeço o envio de suas duas cartas. Decepcionei-me totalmente, não imaginava que ocorresse uma mudança dessas com você. É preciso reconhecer que somos jovens demais para firmarmos um compromisso sério. Creio que logo você também irá

admitir isso. Talvez você tenha pensado que sou uma moça igual a todas as outras, mas nisso, meu rapaz, enganou-se redondamente. Ou quem sabe você acha que sou um bom partido? Nisso você também está na pista errada. Sou apenas uma moça trabalhadora. Digo isso para que você possa se orientar. Se eu soubesse o que iria acontecer, nem teria começado a escrever. Pois então agora minha opinião está clara e deve ser acatada, afinal você deve saber como as coisas se passam com você. Saudações, Anna.

Uma moça está sentada na cozinha, no mesmo prédio, num bloco anexo; a mãe foi às compras, a moça escreve secretamente em seu diário, tem 26 anos de idade, desempregada. A última anotação, do dia 10 de julho, diz: desde ontem à tarde me sinto melhor; mas os bons dias são agora muito poucos. Não posso me abrir com ninguém como desejaria. Por isso, tomei agora a decisão de anotar tudo. Quando meus distúrbios ocorrem, não sou capaz de fazer

nada, as coisas mais insignificantes me causam grandes dificuldades. Tudo que vejo me provoca novos pensamentos, e não consigo me livrar deles, fico então muito aflita e só com esforço consigo evitar uma coisa qualquer. Uma enorme inquietação interior me impele de um lado para o outro e, no entanto, não consigo fazer coisa alguma. Por exemplo: bem cedo de manhã,

quando acordo, não tenho nenhuma vontade de me levantar; mas obrigo-me a fazê-lo e tento criar coragem. Mas até vestir-me requer esforço e demora muito porque logo me vêm tantos pensamentos à cabeça. Tortura-me sempre a ideia de fazer algo errado e de provocar algum dano. Muitas vezes, quando coloco um pedaço de carvão no fogão, e nisso salta alguma fagulha, assusto-me e preciso examinar-me inteira para assegurar-me de que nada pegou fogo e de que eu não fiquei ferida ou de que isso de uma maneira despercebida não provocou um incêndio. E assim passa o dia; tudo que preciso fazer me parece difícil demais e, se acaso me obrigo a tanto, demora muito tempo até que o consiga, apesar do empenho em fazê-lo rapidamente. Assim transcorre o dia e não consigo fazer nada, porque a cada atividade fico um tempo enorme imersa em pensamentos. Se não consigo seguir com minha vida apesar de todos os esforços, fico desesperada e choro muito. Meus distúrbios sempre aconteceram assim, começaram a ocorrer quando tinha 12 anos. Meus pais sempre acharam que tudo isso era fingimento. Aos 24 anos, tentei acabar com minha vida por causa desses distúrbios, mas fui salva. Na época, ainda não tinha relações sexuais e depus toda minha esperança em cima disso, infelizmente em vão. Só mantive poucas relações e nos últimos tempos nem quero saber disso porque me sinto muito fraca fisicamente.

14 de agosto. Há uma semana estou muito mal. Não sei o que será de mim caso este estado perdure. Se não tivesse ninguém no mundo, creio que não hesitaria em abrir o bico do gás, mas não posso fazer tal coisa à minha mãe. Mas desejo muito ter uma doença grave que provocasse minha morte. Escrevi exatamente como tudo se passa comigo.

O duelo começa! É tempo de chuva

No entanto, por qual razão [beijo agora sua mão, madame, beijo agora], por qual razão, vamos pensar, pensar, Herbert em chinelos de feltro matuta em seu quartinho, chove, pinga e pinga, nem se pode descer, os charutos se acabaram, nenhum vendedor no prédio, por qual razão chove em agosto, o mês todo se esvai em água, vai escorrendo sem mais nem menos, por qual razão o Franz agora procura o Reinhold e não para de falar dele? [Beijo agora sua mão, madame, e ninguém mais do que Sigrid Onegin provoca alegria com seu canto, até que desistiu totalmente da história, empenhou a vida e por isso passou a viver]. Ele deve saber por quê, por qual razão, ele deve saber e agora chove sem parar, ele pode muito bem vir até aqui.

“Homem, não fique ruminando por isso, sintá-se aliviado que ele abandonou a droga da política – se o outro é amigo dele, quem vai saber.” “Ora, Eva, amigo dele, não me venha com essa, senhorita. Sei disso muito bem. Ele quer alguma coisa dele, lá isso ele quer –” [Por qual razão, então, a venda é admitida pela administração geral de modo que o preço seja considerado justo.] “Ele quer alguma coisa e o que ele quer e por que fica andando por aí sempre falando disso: – ele quer pegar alguém de lá! Quer dar uma de bonzinho, preste atenção, Eva, e, quando ele estiver lá dentro, vai fazer ‘pum, pum’, ninguém vai saber como foi.” “Você acha?” “Claro que acho, criatura.” A coisa é clara, beijo agora sua mão, madame, mas que chuva. “Claríssimo, criatura, claro feito água.” “Você acha, Herbert? Também logo vi que isso era um pouco esquisito, atropelam o braço dele e depois ele ainda vai até lá.” “Claríssimo! Na mosca!” Agora beijo. “Herbert, você acha mesmo, será que devemos fingir para ele que não desconfiamos de nada, fazer de conta que não percebemos nada, que somos cegos?” “Somos uns asnos, podem nos enganar direitinho.” “É isso, Herbert. É a melhor coisa no caso dele, vamos fazer assim, precisamos agir assim. É um cara tão esquisito.” A venda foi admitida pela administração geral de modo que o preço atingido, não importa a razão, por qual razão, pensar, pensar, a chuva.

“Preste atenção, Eva, podemos calar o bico, mas temos de ficar atentos. O que você acha que pode acontecer quando os caras de Pums perceberem a mutreta? E aí?” “É o que digo, foi isso que pensei, meu Deus, por que ele vai até lá com um braço só.”

“Porque ele é bom. É só ficar bem atento e a Mieze também.” “Vou dizer a ela. O que podemos fazer?” “Não tirar os olhos dele, do Franz.” “Se ao menos o benfeitor dela não lhe tomasse tanto tempo.” “Ela que o mande passear.” “Ele está falando em casamento.” “Há há há. É de tirar o fôlego. O que ele quer? E Franz?” “É só falação, ela deixa que o homem fale, e por que não?” “É melhor ficar de olho no Franz. Ele está atrás de um homem do bando, e você vai ver, um belo dia alguém vai aparecer morto por aqui.” “Deus do céu, Herbert, pare com isso.” “Ó mulher, Eva, não precisa ser o Franz. Portanto, é para a Mieze ficar atenta.” “Eu também vou cuidar disso. Sabe, isso é muito pior do que a política.” “Você não entende, Eva. As mulheres não entendem isso, Eva, é o que eu digo, a coisa com o Franz vai começar. Agora ele vai a galope.”

Agora beijo sua mão, madame, conquistou a vida, ganhou sua vida ao empenhá-la por inteiro, que mês de agosto o deste ano, olhe só, só chove, é só
chuva.

—

“O que ele quer aqui? Eu disse que ele é maluco, deve ser um idiota, sim senhor, disse a ele, se alguém tem um braço só e aparece aí e quer participar da coisa. Ainda mais ele.” Pums: “E então, o que foi que ele disse?”. “O que ele disse: dá risada e fica sorrindo, ele é burro demais, deve ter um parafuso solto desde antes. Primeiro achei que não estava ouvindo direito. O quê, digo, sem o braço? E daí, por que não, sorri ele, tem força dobrada no outro, só vendo, ele consegue levantar peso, atirar, até escalar, se for preciso.” “E isso é verdade?” “Não é da minha conta. Ele não me agrada. Vamos precisar de um cara desses? Mas no seu caso, Pums, podemos ainda precisar para o trabalho. Aliás, quando olho para a cara de tira que ele tem, não, não dá.” “Ora, se você acha. Por mim. Preciso ir agora, Reinhold, arranjar escadas.” “Mas uma bem firme, de aço ou coisa parecida. Que dê para empurrar ou dobrar. E não em Berlim.” “Sei.” “E a garrafa. Hamburgo ou Leipzig.” “Vou assuntar por aí.” “E como vamos trazer para cá?” “Deixe comigo.” “Não levo o Franz comigo, como já disse.” “Reinhold, em se tratando do Franz, acho que ele só é um peso morto para nós, mas não vamos cuidar disso juntos, resolva o caso com ele sozinho.” “Espere aí, homem, você gosta da cara dele? Imagine só, atiro o homem do carro e ele aparece aqui em

cima, penso: não estou regulando direito, o homem fica aí, imagine se não é um idiota, e treme, e por que então o idiota aparece por aqui. E depois fica sorrindo e quer entrar no jogo de qualquer jeito.” “Resolva a coisa com ele como quiser. Vou embora.” “Talvez ele queira nos denunciar, será?” “Pode ser, pode ser. Sabe, a melhor coisa é que o homem fique bem longe, é a melhor coisa. B’noite.” “Ele vai nos denunciar. E quando estiver bem escuro, vai meter um tiro em alguém.” “B’noite, Reinhold, preciso ir. A escada.”

É um paspalho, o Biberkopf, mas ele quer alguma coisa de mim. Dá uma de santinho. Quer se aproximar de mim ou coisa que o valha. Mas aí você está muito enganado se acreditar que não vou fazer nada. Vou lhe passar uma rasteira. Aguardente, aguardente, um traguinho, um traguinho deixa as mãos quentinhas, é bom. Tia Paula está na cama a comer tomates. Bom remédio para o diabetes. Se ele acha que preciso cuidar dele, não somos uma instituição para inválidos. Que vá andando, se tem um braço só, que vá buscar o auxílio-desemprego. [Arrasta os pés pelo quarto, examina as flores.] A gente tem vasos de flores e a fulana ganha dois marcos a mais todo dia primeiro e pode muito bem regar as plantas, só vendo como estão, só terra seca. Que mulher mais burra, preguiçosa, só sabe engolir o dinheiro. Preciso lhe dar uma lição. Mais um traguinho. Aprendi isso com ele. Talvez leve o

cara junto comigo, espere aí, vai ver só o que pode acontecer, se você insistir. Talvez pense que tenho medo dele. Pode esquecer, rapaz. Ele que venha. De dinheiro ele não precisa, o sujeito, nem precisa fingir para mim, tem a Mieze e depois também tem o atrevido, o convencido do Herbert, o bode velho, ele já está enfiado bem no meio dos porcos. Onde estão as botas, vou lhe quebrar as pernas. Pode vir chegando até meu peito, meu coraçãozinho. Pode vir, bem pertinho, moleque, para o banco dos penitentes, tenho aqui um banco de penitentes, pode fazer penitência.

E arrasta os pés pelo quarto, apalpa os vasos de flores com o dedo, ela me custa dois marcos e não rega as plantas. Vá para o banco dos penitentes, rapaz, é bom que você venha. Exército da salvação, ainda vou dar um jeito para que ele apareça por lá, ele que vá até a Dresdener Strasse, vai ter de sentar no banco dos penitentes, o porco com os olhos esbugalhados, a besta, o animal, é uma besta, lá está ele bem na frente, o animal, e reza e eu só fico olhando, é de morrer de rir.

—

E por que não deve ir para o banco dos penitentes, o Franz Biberkopf? Não seria o banco um lugar para ele? Quem diz isso?

O que se pode dizer contra o Exército da Salvação, como se atreve Reinhold, justamente esse Reinhold, a essa ousadia contra o Exército da Salvação, quando o próprio sujeito uma vez, uma vez, nada disso, muitas vezes, pelo menos cinco, correu para a Dresdener Strasse em estado deplorável e eles o ajudaram. Pois então, já estava pondo os bofes pela boca e eles deram um jeito nele, claro que não para ele se tornar um vagabundo desses.

Aleluia, aleluia, Franz teve essa experiência, o canto, o chamado. A faca chegou à sua garganta, Franz, aleluia. Ele oferece seu pescoço, quer procurar sua vida, seu sangue. Meu sangue, minhas entranhas, assim, finalmente vai sair tudo para fora, foi uma longa viagem até que aconteceu, Deus, foi difícil, lá está, aqui tenho você, por que não quis sentar-me no banco dos penitentes, se tivesse chegado mais cedo, ah, aqui estou, cheguei.

Por que não deve Franz sentar-se no banco dos penitentes, quando chegará o instante bem-aventurado em que se atirá ao chão diante de sua morte terrível e abrirá a boca e poderá cantar com muitos outros atrás de si:

Vem, pecador, ao encontro de Jesus, ó, não hesita, desperta, ó escravo, desperta, aproxima-te à luz, podes ter a salvação plena, ainda hoje, ó, crê, então a luz chegará e a alegria. Coro: pois o Salvador triunfante, ele rompe qualquer

corrente, o Salvador triunfante, ele rompe qualquer corrente e conduz à vitória com mão poderosa, conduz à vitória com mão poderosa. Música! Sopros, rufar, ratibum: ele rompe qualquer corrente e conduz à vitória com mão poderosa. Pararatibum, bum, bum! Ratapum! Ratibum, bum bum!

Franz não desiste, não consegue ter sossego, não pergunta por Deus e o mundo, como se o homem estivesse embriagado. Esgueira-se no quarto de Reinhold com os outros comparsas de Pums que não o querem. Mas Franz defende-se e mostra-lhes o único punho que sobrou e grita: “Se vocês não acreditam em mim e acham que sou um impostor e quero denunciar vocês, então deixem estar. Será que preciso de vocês se quiser fazer qualquer coisa? Também posso ir até o Herbert ou aonde quiser”. “Ora, então vá.” “Então vá! Você tem de dizer ‘então vá’ para mim, seu paspalho. Olhe para o meu braço, aquele ali, o Reinhold, me jogou para fora do carro, e que empurrão foi aquele. Aguentei tudo isso e agora estou aqui, e você não tem nada que dizer para mim

‘então vá’. Se venho até vocês e digo: vou participar da coisa, então vocês têm de saber quem é Franz Biberkopf. Ele nunca enganou ninguém, pode perguntar por aí, onde quiser. Não estou ligando para o que aconteceu, o braço se foi, conheço vocês, aqui estou, essa é a razão e agora quem sabe você entenda isso de uma vez.” O pequeno encanador continua sem entender. “Pois só queria saber por que de repente você quer se juntar a nós e antes andava por aí vendendo jornais na Alex e que alguém ousasse dizer: venha trabalhar conosco.”

Franz ajeita-se na cadeira e se cala por um longo tempo, os outros também. Jurou que queria ser decente e vocês viram como se manteve decente durante semanas, mas foi apenas uma trégua. Ele é arrastado para o crime, não quer, resiste, está acima dele, ele tem de querer. Ficam longo tempo sentados sem dizer nada.

Então Franz afirma: “Se você quiser saber quem é Franz Biberkopf, vá à Landsberger Allee, até o cemitério, lá tem uma pessoa enterrada. Cumpri quatro anos por isso. Quem fez isso foi meu braço bom. Depois saí vendendo jornais. Pensei, quero ser decente”.

Franz geme baixinho, engole em seco: “A lição que recebi você está vendo. Se você fica sem este aqui, então para de vender jornais e outras coisas mais. Por isso estou aqui”. “Acho que vamos ter de repor o braço já que nós acabamos com ele.” “Não vai dar para fazer isso. Max, para mim já basta que eu esteja aqui sentado e não vagando pela Alex. Não quero repreender o Reinhold, pergunte a ele se eu alguma vez disse qualquer coisa. Se estou sentado num carro junto com um suspeito, já sei o que fazer. Agora não

vamos mais falar da minha tolice. Se você um dia fizer uma tolice, Max, então desejo que você também aprenda alguma coisa com isso.” Franz pega então o chapéu e sai do quartinho. É assim que as coisas estão.

Lá dentro, ao servir-se de um trago de seu frasco de bolso, Reinhold diz: “Para mim, está mais do que resolvido. Se da primeira vez consegui me arranjar com ele, vou me arranjar também agora. Vocês podem dizer que é arriscado a gente se meter com ele. Mas, em primeiro lugar, ele já está bem metido na coisa: é um cafetão vadio, ele mesmo confirma isso, ser decente, isso acabou para ele. Só resta a pergunta: por que veio até a gente e não procurou o Herbert, que é seu amigo. Não sei. Muitas coisas me ocorrem. Seja como for, seríamos uns imbecis se não conseguíssemos nos arranjar com um certo senhor Franz

Biberkopf. Que venha e faça a coisa junto conosco. Caso se meta a esperto, vai levar umas na cachola. Pois digo mais: ele que venha”. Isto decidido, Franz chega.

Franz, o assaltante, não fica debaixo do carro, agora está dentro, por cima, conseguiu

No começo de agosto, os assim chamados senhores criminosos ainda estão em descanso no banco de reservas, recuperando-se e ocupados com ninharias. Num tempo relativamente bom, sendo peritos e especialistas,

não irão praticar assaltos ou fazer qualquer esforço. Essas coisas são assumidas no inverno, então é preciso sair da toca.

Franz Kirsch, por exemplo, o conhecido arrombador de cofres, já fugiu da penitenciária de Sonnenburg há oito semanas, no começo de julho, junto com um companheiro. Sonnenburg, não importa quão bonito seja esse nome, é de fato pouco propícia à recuperação de forças e ao descanso, e ele já se recuperou bastante bem em Berlim, deixou atrás de si oito semanas relativamente tranquilas e talvez pense em algum trabalho. Mas há uma complicação, é assim que as coisas são na vida. O homem tem de utilizar o elétrico. Aparecem os tiras, agora no fim de agosto, na região de Reinickendorf-West, tiram-no do bonde e

lá se vai o descanso, não pode fazer mais nada. Mas ainda há muitos do lado de fora, devagar eles devem pôr-se em movimento.

Antes, comunico rapidamente as condições do tempo de acordo com as informações do serviço meteorológico oficial de Berlim. Condições meteorológicas gerais: a zona ocidental de alta pressão estendeu sua influência até a Alemanha Central, provocando uma melhoria geral do tempo. A parte meridional da zona de alta pressão já está se dissipando. Portanto, espera-se que a melhoria do tempo não deva ser duradoura. No sábado, a zona

de alta pressão ainda determinará nossas condições climáticas e o tempo continuará bastante bom. Contudo, uma depressão que se desenvolve no momento sobre o território da Espanha influirá na evolução do tempo no domingo.

Berlim e arredores: parcialmente nublado, com parcial abertura, ventos fracos, temperaturas em ligeira elevação. Na Alemanha: a oeste e ao sul, encoberto, no restante da Alemanha, de nublado a bom, no nordeste, ocorrência de ventos, aumento gradual de temperatura.

Nesse tempo bastante ameno, o bando de Pums, nosso Franz junto com ele, põe-se aos poucos em marcha, também as senhoras que participam do bando são a favor de que os cavalheiros movimentem um pouco as pernas, pois podem ter de ir para a rua depois e nenhuma delas gosta de fazer isso caso não seja necessário. Pois bem, primeiro é preciso estudar o mercado, encontrar interessados, caso as confecções não andem bem, é preciso concentrar-se nas peles, pensam as senhoras, isso se resolve num instante, elas fazem sempre a mesma coisa, um ofício desses se aprende rápido, mas mudam de ramo se a conjuntura está ruim, para tanto não têm nenhum tino, não conseguem dar opinião alguma.

Pums conheceu um encanador que entende de compressores de oxigênio, contamos com esse então, além disso, há um trambiqueiro fracassado, de aparência elegante, mas trabalhar o vadio não trabalha, por isso, a mãe o pôs para fora de casa, mas sabe fazer trambiques e conhece os negócios, um cara desses a gente pode mandar para todo o canto e ele sabe verificar as coisas e preparar um giro. Pums diz aos veteranos de seu bando: “No fundo, não temos necessidade de contar com a concorrência, isso naturalmente existe entre nós como em toda parte, não vamos nos atrapalhar. Mas se não tivermos um pessoal bom, que entenda do riscado e conheça as ferramentas, então, é lógico que

ficaremos para trás. Nesse caso, simplesmente podemos mudar para o ramo dos furtos, para isso não precisamos de seis ou oito homens para sermos fortes, cada um pode agir por si”.

Como estão agora ligados nas confecções e nas peles, tudo que tem pernas precisa se pôr em movimento e achar algo que dê lucro fácil sem muitas perguntas e sem que a polícia faça uma revista. Tudo pode ser rearranjado, pode-se costurar a coisa de outra maneira, no fim das contas, pode-se apenas estocar tudo. Mas, antes, encontrar.

Com seu receptor de Weissensee, Pums nunca consegue se entender. Se alguém trabalhasse como ele, com um tipo desses não é possível fazer negócios. Viver e deixar viver. Bom. Mas como diz ter sofrido perdas no

inverno passado – é o que diz! – porque fez um adiantamento do próprio bolso e tem dívidas, e nós só nos divertimos durante o verão, por isso, exige agora dinheiro da gente e só faz lamentar: ele simplesmente errou nos cálculos e faliu! Ele então errou nos cálculos e faliu e por isso é uma besta quadrada, um trambiqueiro fracassado, não entende nada de negócios o sujeito, então não serve para nós. É preciso procurar outra pessoa.

Naturalmente, é mais fácil falar do que fazer, mas tem de ser, e só

um do bando todo cuida dessas coisas, nosso velho Pums. É curioso, como se ouve aí por toda a parte, os outros rapazes também cuidam dessas coisas, do que vai ser feito com a mercadoria, pois ninguém encheu a barriga apenas roubando; é preciso transformar tudo em dinheiro, mas, como se diz: só no bando de Pums ficam todos na maciota, seguros: “Pums está aí, ele vai dar um jeito”. E ele vai resolver, é o que faz. Mas o que vai acontecer se Pums não puder? Ah! Não é para sempre que ele vai poder. Algo também pode acontecer com ele, não passa de um ser humano. Pois então vocês podem ver, ora, o que fazer com a mercadoria, vão perceber muito bem, o roubo não lhes serve para nada. Hoje em dia, o mundo não funciona só com pé de cabra e compressor, é preciso ser um homem de negócios.

Por isso, Pums não se preocupa apenas com o compressor de oxigênio, quando chega a hora, no começo de setembro, mas pensa, sim, em quem vai ser o receptor da minha mercadoria. Já começou a providenciar isso tudo em agosto. E se você quiser saber quem é Pums: ele é o sócio oculto de cinco pequenas lojas de peles, pelarias – onde, não importa –, e enfiou dinheiro numas tantas tinturarias americanas, com tábuas de passar roupa na vitrine, e um alfaiate em mangas de camisa fica ali, levanta e abaixa as prensas que fumegam, mas, lá atrás, estão pendurados os ternos, pois bem, são estes que importam, são os ternos que

importam e qual a origem deles, pois bem, isso se pode dizer: de fregueses que os trouxeram ontem para passar e reformar, aqui estão os endereços, se um tira entrar ali para fiscalizar, está tudo em ordem. Assim, nosso bom e gordo Pums já tomou providências para o inverno e aí é preciso que se diga: agora pode começar. Se algo acontecer, um homem não consegue tomar providências quanto a tudo; sem um pouquinho de sorte não funciona, não vamos quebrar a cabeça por isso.

Vamos avançar no texto. Portanto, é começo de setembro e nosso elegante velhaco, que também sabe imitar vozes de animais – mas isso não iremos presenciar –, Waldemar Heller é o nome que ele se dá, o pilantra, e é um espertalhão de verdade, ficou espionando onde se poderia obter algum lucro nas grandes confecções da Kronenstrasse e da Neue Wallstrasse. Conhece entradas e saídas, porta da frente, de trás, quem mora em cima, quem mora

embaixo, quem fecha, onde estão os relógios de ponto. As despesas são cobertas por Pums. Por vezes, Heller também precisa aparecer como comprador para uma firma da região de Posen, que se estabeleceu há pouco; pois bem, as pessoas querem primeiro obter informações sobre a firma de Posen, ora, que o façam, só queria ver a altura do teto por aqui, caso a gente entre uma hora dessas pelo lado de cima.

--

Desse grupo, na noite de sábado para domingo, Franz participa pela primeira vez. Conseguiu. Franz Biberkopf, esse aí está sentado no carro, todos sabem o que fazer, ele cumpre seu papel assim como os outros. Tudo é muito profissional, outra pessoa tem de ficar de vigia, quer dizer: de fato, não é uma vigia de verdade, três rapazes simplesmente se esgueiraram, antes, à tarde, na tipografia do andar de cima, lá atrás, levaram para cima a escada e o compressor em caixotes, esconderam tudo atrás dos rolos de papel, o carro foi levado embora por outro comparsa, às onze horas abrem a porta para os companheiros, ninguém percebe coisa alguma no prédio, afinal, trata-se apenas de salas de escritório e lojas. Depois, calmamente começam a trabalhar, um deles sempre à janela, olhando para fora, outro vigia o pátio, então passam a utilizar o compressor no assoalho, maior do que um quadrado de meio metro, quem faz isso é o encanador usando óculos de proteção. Quando atravessam a madeira do teto, ouvem-se rangidos, lá embaixo, um barulho, mas não é nada, são pedaços do grosso estuque que caem, o teto arrebenta sob o calor, enfiam um guarda-chuva de seda fina pelo primeiro orifício, nele caem os pedaços, isto é, a maioria deles, não é possível reter

todos. Mas nada acontece, lá embaixo está tudo escuro e silencioso.

Às dez horas, entram, primeiro o elegante Waldemar, porque conhece o local. Desce a escada de corda feito um gato, o sujeito está fazendo isso pela primeira vez, nem sombra de medo, são assim os caras desmiolados, esses sempre têm sorte, naturalmente até que as coisas desandem. E, depois, mais um tem de descer, a escada de aço só tem 2,5 m de altura, não alcança o teto, embaixo eles empurram mesas, em seguida, fazem descer lentamente a escada que é colocada sobre a mesa, e lá estamos nós. Franz fica em cima, está deitado de barriga sobre o buraco, como um pescador puxa com seu braço os fardos de tecido que os outros alçam para ele, coloca-os atrás de si onde há mais um comparsa. Franz é forte. Reinhold, que está com o encanador embaixo, fica surpreso com o que Franz consegue fazer. Coisa engraçada armar um golpe com um maneta. Seu braço agarra como um guindaste, uma bomba potente, uma tora de madeira incrível. Mais tarde, carregam os cestos para baixo. Embora um deles vigie a saída para o pátio, Reinhold patrulha o

local. Duas horas, tudo vai às mil maravilhas, o vigia percorre a casa, nada de fazer mal ao homem, ele nem vai notar nada, seria uma bobagem da parte dele deixar-se matar pelos poucos tostões que ganha, viu só, está indo embora, é um homem

correto, não vamos deixar um bilhete azul, para ao lado do relógio de ponto. São então duas horas, às duas e meia vem o automóvel. Nesse meio tempo, ainda tomam o café da manhã calmamente, nada de muita aguardente, depois alguém pode fazer barulho e logo são duas e meia. Dois homens participaram hoje pela primeira vez do bando, Franz e o elegante Waldemar. Rapidamente jogam cara ou coroa, Waldemar ganha, é ele quem tem de selar a expedição de hoje, tem de descer a escada de novo até o escuro depósito saqueado, e ele se agacha, abaixa as calças e deposita no assoalho o que tem dentro da barriga.

E quando descarregaram às três e meia, armaram rapidinho mais um golpe, pois tão cedo não nos reuniremos outra vez e quem sabe quando nos veremos de novo na verde praia do rio Spree. Tudo transcorre às mil maravilhas. Só que na viagem de volta atropelam um cachorro, logo isso tinha de lhes acontecer, Pums fica muito irritado, porque gosta de cães, e xinga o encanador que faz as vezes de chofer, bem que poderia ter buzinado, jogaram esses bichos na rua porque não conseguem pagar os impostos e daí você aparece e passa por cima dele. Reinhold e Franz riem-se para valer do jeito que o velho se irrita com o cachorro, ele já deve estar um pouco fraco da cabeça. Era um cachorro surdo, buzinei, sim, senhor, uma vez, e, desde quando existem cachorros surdos, ora, quem sabe damos a volta

e o levamos para o hospital, não diga bobagens, melhor prestar atenção, não suporto isso, uma coisa dessas dá azar. Nisso, Franz dá uma cotovelada no encanador: ele quer dizer gatos. Todos se dobram de tanto rir.

—

E durante dois dias, Franz nada diz em casa a respeito do que houve. Até que Pums manda entregar para ele duas notas de cem e caso ele não precise delas, pode devolver, Franz desata a rir, dessas ele sempre vai precisar, mesmo que as dê ao Herbert para Magdeburg. E para onde irá, a quem olhará nos olhos em casa, quem será, quem, ora, quem? Para quem, para quem mantive meu coração puro? Para quem, para quem, só para você, hoje à noite, minha felicidade virá ao meu encontro, por isso tenho a ousadia de convidar você, hoje à noite, quero jurar com ardor que nós pertencemos um ao outro. Mieze, minha gatinha dourada, parece uma noivinha de marzipã e os sapatinhos dourados, e aí está você esperando ver os malabarismos que Franz faz com a carteira. Ele prende a carteira entre os joelhos e tira dinheiro de dentro, algumas notas, e as exhibe, coloca-as sobre a mesa, olha para ela com

olhos brilhantes e é tão carinhoso com ela como só ele, o menino, e segura seus dedos, que dedinhos mais doces e macios ela tem!

“E então, Mieke, gatinha?” “O que há, Franz?” “Ora, nada; fico alegre de ver você.” “Franz.” Posso olhar para ela, dizer-lhe coisas. “Só estou alegre, nada mais. Olhe, Mieke, nesta vida, as coisas são engraçadas. Para mim, as coisas são bem diferentes do que são para as outras pessoas. Elas vão bem, andam por aí e correm e ganham dinheiro e se enfeitam. E eu – eu não posso fazer o mesmo que elas. Tenho de olhar para meu corpo, meu paletó, a manga, falta o braço.” “Franzinho, você é meu benzinho.” “Pois bem, veja, Mieke, as coisas são assim e não vou conseguir mudar nada, ninguém pode, mas se você carrega isso consigo, mais parece uma ferida aberta.” “Ora, Franzinho, o que há, estou aqui também e está tudo muito bem, não comece de novo com isso.” “Não vou começar. É isso mesmo, não vou fazer isso.” E sorri, elevando os olhos para o rosto dela, o rosto liso, firme e bonito, e que lindos olhos vivos tem a menina: “Olhe ali o que há sobre a mesa, as notas. Fui eu quem ganhei, Mieke – um presente para você”. Ora, o que há. Que cara é essa agora, por quê, olha para o dinheiro de um jeito, isso não morde, dinheiro bom. “Você ganhou?” “Sim, viu, menina, consegui. Tenho de trabalhar, senão as coisas não funcionam para mim. Senão me acabo. Não conte

para ninguém, foi um negócio com Pums e Reinhold, no sábado de madrugada. Não diga nada ao Herbert nem a Eva. Deus do céu, se eles ficarem sabendo de alguma coisa, estou morto para eles.” “De onde veio isso?” “Um golpe, ratinha, foi o que disse, com o Pums, e então, Mieke? E dou a você de presente. Ganho um beijo agora, e então, o que você diz?”

Ela mantém a cabeça abaixada sobre o peito, aproxima então sua bochecha à dele, beija-o, segura-o junto a si, nada diz. Não o olha: “Você me dá de presente?”. “Sim, criatura, claro que dou a você.” Que garota, que cena ela faz. “Por que – você quer me dar dinheiro?” “Ora, e você não quer?” Ela move os lábios, afasta-se dele, agora Franz percebe: ela está como naquele dia na Alex, quando voltavam do Aschinger, ela vai ficar pálida, vai desabar. Ela então já está sentada na cadeira, olhando para a toalha de mesa azul. E o que há agora, vá entender as mulheres. “Menina, você não quer, fiquei tão contente, olhe só, podemos fazer uma viagem, garota, para onde quiser.” “É verdade, Franzezinho.”

E apoia a cabeça sobre o canto da mesa e chora, a garota chora, o que está acontecendo com ela? Franz acaricia-lhe a nuca e é tão gentil e bondoso com ela, tão caloroso, para quem então, para quem manteve meu coração tão puro, para quem, e só para

quem. “Menina, minha Mieke, se fizer uma viagem, vai querer ir comigo, vir junto?” “Claro”, e então ergue a cabeça, o lindo e doce rostinho e todo o pó de arroz vira um mingau com as lágrimas, ela coloca o braço em volta do pescoço de Franz e pressiona seu rostinho no dele, depois se solta, rápida como se algo a mordesse e desata no choro outra vez sobre o canto na mesa, mas nada se nota, a moça está bem quieta, não emite um som. Que fiz de errado desta vez, ela não quer que eu trabalhe. “Venha, levante a cabecinha, venha, cabecinha linda, por que está chorando?” “Você, você quer”, desvia-se depressa, “você quer se livrar de mim, Franz?” “Menina, pelo amor de Deus.” “Não quer mesmo, Franzezinho?” “Não, pelo amor de Deus.” “Por que então sai atrás de trabalho; será que o que eu ganho não chega; mas o que eu ganho chega.” “Mieke, só quero dar um presente a você.” “Não, não quero.” E volta a deitar a cabeça sobre o canto duro da mesa. “Ora, Mieke, será que devo ficar à toa sem fazer nada? Não consigo viver assim.” “Não estou dizendo isso, só não precisa por causa do dinheiro. Não quero isso.”

E Mieke se endireita, abraça seu Franz e olha feliz para sua cara e tagarela bobagens tão doces, suplicando, suplicando: “Não quero isso, não quero isso”. E por que ele não diz se está querendo alguma coisa, mas, menina, eu tenho tudo, não preciso de nada. “E não devo fazer nada?” “Mas eu faço, para que sirvo então,

Franzezinho.” “Mas eu – eu...” Ela o abraça. “Ah, não se afaste de mim.” Ela tagarela e o beija e tenta seduzi-lo: “Dê para alguém, dê para o Herbert, Franz”. Franz está tão feliz com a moça, que pele tem, não consegue dizer nada, foi besteira falar para ela do Pums, ora, claro, ela não entende nada disso. “Prometa para mim, Franz, não faça mais isso.” “Não faço isso por causa do dinheiro, Mieke.” E só agora ela se lembra do que Eva lhe disse, que devia ficar de olho em Franz.

E aí as coisas se tornam mais claras para ela, ele não faz isso por causa do dinheiro e, depois, naquela hora, a história do braço, ele não consegue parar de pensar no braço. E o que diz sobre dinheiro está certo, ele não faz caso disso, afinal ele tem o dinheiro dela, tanto quanto precisa. Ela fica pensando, pensando, e o envolve nos braços.

Males e prazeres de amor

E, depois que Franz a cobre de beijos, ela sai para a rua, direto atrás de Eva. “Franz me trouxe duzentos marcos. Sabe de onde? Daqueles lá, você já sabe.” “Pums?” “É, foi ele mesmo quem disse; que devo fazer?”

Eva chama Herbert, Franz esteve metido com Pums no sábado. “Ele disse onde?” “Não, o que devo fazer agora?” Herbert se espanta: “Quem diria, ele está metido de novo com aqueles caras”. Eva: “Você entende isso, Herbert?”.

“Não. Que coisa.” “O que vamos fazer agora?” “Deixar para lá. Você acha que ele liga para o dinheiro? Pois então, é o que eu digo. Ele está entrando de cabeça, logo vamos ouvir falar dele.” Eva se posta diante de Mieze, a putinha pálida que ela recolheu da Invalidenstrasse; as duas relembram quando se viram pela primeira vez: o boteco ao lado do hotel Baltikum. Eva está lá dentro sentada com um sujeito da província, ela não tem necessidade disso, mas aprecia um programinha extra, e algumas meninas e três ou quatro rapazes. E lá pelas dez horas se aproxima uma patrulha da polícia, e todo mundo vai para o posto policial da estação Stettin, em fila indiana, cigarros na boca, num atrevimento só. Os tiras marcham na frente e atrás, a bêbada Wanda Hubrich, a velha, naturalmente à frente, em seguida, a gritaria do outro lado e Mieze, Sonja desata a chorar ao lado de Eva, porque agora tudo virá à tona em Bernau, depois um dos tiras arranca a tampa o cigarro da mão da embriagada Wanda, a única que vai para a cela, debatendo-se e praguejando.

Eva e Mieke olham uma para a outra, Eva instiga: “Você vai ter de ficar de olho, Mieke”. Mieke choraminga: “O que devo fazer?”. “É coisa sua, a própria pessoa tem de saber o que fazer.” “Mas eu não sei.” “Vê se não chora, criatura.” Herbert está eufórico: “Digo a vocês, o rapaz é bom e fico contente que ele esteja correndo atrás das coisas, ele tem um plano, é um cara esperto”. “Meu Deus, Eva.” “Não chore, não chore, criatura, vou cuidar de tudo.” Você não merece o Franz. Não, essa não, fazer uma cena dessas. Como chora essa bobinha, essa tonta. Ainda lhe meto um tapa na orelha.

—

Trombetas! A batalha está em curso, os batalhões marcham, rata, ratapum, ratapum, a artilharia e a cavalaria, a cavalaria e a infantaria, a infantaria e a aviação, ratapum, ratapum, avançamos por território inimigo. Napoleão disse a respeito: avante, avante, sem parar, seco em cima e embaixo molhado. Mas se embaixo secou, conquistamos Milão e vocês ganham uma medalha, rata, ratapum, ratapum, pum, avançamos, logo chegamos, oh, que prazer como soldado viver.

—

Mieze não precisa chorar e refletir por muito tempo sobre o que deve fazer. A resposta chega por si. Lá em seu quartinho está o Reinhold, fica sentado com sua distinta namorada, percorre as lojas que Pums arranhou para repassar a mercadoria e ainda sobra tempo para matutar algumas coisas. O sujeito não para de se aborrecer, não fica bem. Quando tem dinheiro, não fica bem, e a bebedeira também não lhe faz bem, para ele o melhor é circular pelo boteco, ouvindo, trabalhando e tomando café. E agora, quando vai até Pums ou onde

quer que apareça, sempre está esse Franz por ali, diante do seu nariz, o tonto, o atrevido, com aquele único braço, contando bravatas e, como se não bastasse, dá uma de santinho, como se o cara não pudesse encostar o dedo numa mosca. E tão certo quanto dois vezes dois são quatro, o cara quer alguma coisa de mim. E o tipo está sempre bem-humorado, e, onde quer que eu esteja, onde quer que eu trabalhe, lá está ele. Ora, então vamos deixar o ar mais livre. Vamos deixar o ar mais livre.

E o que faz o Franz? Esse? Ora, o que estará fazendo? Anda pelo mundo, dá a vocês a impressão da maior calma e serenidade que se pode imaginar. Com o rapaz, vocês podem fazer o que

quiserem, ele sempre cai de pé. Existem pessoas assim, não muitas, mas existem.

Em Potsdam, ali em Potsdam havia um sujeito que depois foi chamado de cadáver ambulante. Era um tipo e tanto. O sujeito, um certo Bornemann, conseguiu uma proeza quando já estava bem liquidado, portanto, escapuliu, o homem fugiu, aliás, não foi em Potsdam, foi em Anklam, num buraco chamado Gorke. Então, nosso Bornemann, saindo a passeio de Neugard, encontra um morto boiando na água, no rio Spree, e Neugard, não, Bornemann, de Neugard, diz: “Na verdade, já estou morto”, vai até lá, rouba-lhe os documentos, agora está morto. E a senhora Bornemann: “E eu o que faço? Não há mais o que fazer, ele está morto, será que é meu marido, ora, graças a Deus é ele, não se perde nada com um homem desses, o que se lucra com um cara desses, a metade da vida na cadeia, lixo imprestável”. Meu Otto, aimeudeus, não está morto nem nada. Ele vai para Anklam e como logo percebe que a água é uma coisa agradável e tem um grande apego por ela, torna-se peixeiro, vende peixes em Anklam e se chama Finke. Bornemann, então, não existe mais. Mas pegaram o sujeito assim mesmo. E como e por quê, segure-se bem na cadeira.

E justo sua enteada teve de aparecer em Anklam, uma transferência de emprego, imaginem, sendo o mundo tão grande quanto é, ela se muda para Anklam e encontra o peixe ressuscitado, que já está por ali há uns cem anos, saído de Neugard, e nesse meio tempo uma menina dessas já cresceu e saiu de casa e, naturalmente, ele nem a reconhece, mas ela sim. E diz a ele: “Diga-me senhor, você é nosso pai?”. Ele: “Eu não, está de miolo mole?”. E como ela não acredita, ele chama sua mulher e seus, acreditem, cinco filhos, eles podem confirmar: “É Finke, o peixeiro”. Otto Finke, todo mundo sabe disso na aldeia. Todo mundo sabe disso, o homem se chama senhor Finke, o outro, o que morreu, se chamava Bornemann.

Ela, porém, ele nada conseguiu, para ela nada se comprovou. A menina foi

embora, o que acontece numa alma feminina, a cabeça não para de buzinar. Escreve uma carta para Berlim, dirigida à polícia criminal, 4ª seção: “Comprei muitas vezes do senhor Finke, sou sua enteada, mas ele não se considera meu pai e trai minha mãe, pois tem cinco filhos de outra mulher”. No fim, as crianças podem manter o nome, o da frente, mas o de trás ficou lambuzado.

Chamam-se Hundt, com dt, como a mãe, e são todos, de repente, filhos bastardos para os quais existe o seguinte parágrafo do

Código Civil: um filho ilegítimo e seu pai não são considerados parentes.

E, assim como este Finke, Franz Biberkopf parece aos senhores a imagem da mais plena calma e serenidade. O homem um dia foi atacado por uma besta que lhe arrancou um braço a dentadas, mas depois ele a socou até que ela fumegasse e fungasse e se rastejasse atrás dele. Ninguém que acompanha Franz, à exceção de uma pessoa, vê como ele socou a besta até que rastejasse e fumegasse e fungasse atrás dele. Franz anda sobre pernas tão firmes, ele mantém sua cabeça dura bem ereta. Embora não faça nada como os outros, tem os olhos bem atentos. Mas aquela pessoa a quem ele não fez nada, essa pessoa pergunta: “O que ele quer? Ele quer alguma coisa de mim”. Esse vê tudo o que os outros não veem e entende tudo. A nuca musculosa de Franz, na verdade, não deveria lhe fazer nada, as pernas firmes, o sono solto de Franz. Mas eles lhe fazem alguma coisa, ele não pode se manter quieto a respeito disso. Precisa dar uma resposta. Mas como?

Do mesmo jeito que uma lufada de vento abre um portão e um monte de bois escapa correndo da manada. Do mesmo jeito que

uma mosca irrita um leão que investe a pata contra ela e ruge de maneira horrivelmente medonha.

Do mesmo jeito que um guarda carcerário pega uma pequena chave, dá um pequeno tranco no ferrolho e um bando de criminosos consegue escapar, espalhando mortes, homicídios, arrombamentos, roubos e latrocínios.

Reinhold anda em seu quarto de um lado para o outro, no boteco junto ao Prenzlauer Tor, matuta, reflete, pensa e repensa. E um belo dia, quando sabe que Franz está junto com o encanador avaliando uma ideia nova, que frutos poderia dar, ele vai ter com Mieke.

E, pela primeira vez, ela o vê cara a cara. Não há o que ver no sujeito, Mieke, você tem razão, não é nada feio o rapaz, um pouco triste, frouxo, um tantinho doente, tão amarelo. Mas nada mal.

Mas olhe direito para ele, dê-lhe sua mãozinha e mergulhe, faça isso, em seu rosto. Isto é um rosto, Miezinha, que é mais importante para você do que todos os outros que existem por aí, mais importante que o de Eva, sim, mais

importante até do que o de seu amado Franzezinho. Então, ele sobe as escadas, hoje é um dia como todos os outros, quinta-feira, 3 de setembro, olhe só, você não sente nada, não sabe de nada, nem imagina o destino que a aguarda.

Mas qual é Mieke, pequena de Bernau, o seu destino? Você é saudável, ganha dinheiro, ama o seu Franz e, por isso, o outro sobe a escada agora e fica diante de você e o destino de Franz afaga a sua mão e – agora – é seu também. Não precisa olhar bem para o rosto dele, só para a mão, suas duas mãos, as duas mãos insignificantes em couro cinza.

Reinhold veste seu traje fino, e Mieke não sabe, a princípio, como deve se comportar diante dele, talvez Franz o tenha mandado subir ou talvez seja uma armadilha de Franz, mas não pode ser verdade. Isso ele logo diz, Franz não deve saber que ele esteve ali, é muito sensível. O fato é que ele queria conversar com ela, as coisas andam difíceis para Franz, o defeito do braço, teria ele tanta necessidade de trabalhar, todos estão interessados nisso. Mieke, então, já está bem esperta e se lembra do que Herbert disse, do que Franz quer, e diz: não, ganhar, se for o caso, ele não precisa muito disso, há pessoas que lhe prestam ajuda. Mas talvez isso não lhe baste, um homem pode ter vontade de trabalhar.

Reinhold considera: muito certo, ele que o faça. Só que é difícil o que eles fazem, não é um trabalho comum, nem aqueles que têm dois braços sadios são capazes de realizá-lo. Pois bem, a conversa vai e vem, Mieke não sabe exatamente o que o outro quer, Reinhold então diz e pede a ela que lhe sirva um conhaque: ele só queria se informar sobre a situação financeira e, se for assim, então todos vão ter consideração pelo colega, é claro. E toma mais um conhaque, depois pergunta: “A senhorita me conhece? Ele não lhe contou nada a meu respeito?”. “Não”, afirma ela, o que quer esse homem, se ao menos Eva estivesse aqui, ela saberia lidar melhor do que eu com esse tipo de conversa. “É que nós nos conhecemos há muito tempo, Franz e eu, na ocasião ele ainda não estava com a senhorita, havia outra, a Cilly.” Talvez ele queira entrar nesse assunto, quer caluniar o Franz para o meu lado, sujeito falso. “Ora, por que ele não deveria ter outra. Eu também tive outro, mas o Franz agora é meu.”

Estão sentados calmamente, um diante do outro, Mieke na cadeira, Reinhold no sofá, ambos à vontade. “Ora, por certo ele é seu; mas não vá pensar que desejo afastar a senhorita de Franz, Deus me livre disso. É que houve umas histórias esquisitas entre nós, ele não lhe contou nada?” “Esquisitas, que histórias?” “umas histórias muito esquisitas mesmo, senhorita. Devo lhe dizer algo com toda franqueza: o Franz, se ele está no bando junto conosco é

só por minha causa, só por mim e por causa das histórias; pois nós dois sempre

guardamos segredo, não importa onde. Eu poderia lhe contar as histórias mais esquisitas.” “Ora, ora. Mas o senhor não tem trabalho a fazer, para ficar aqui sentado, contando coisas?”

“Senhorita, até o bom Deus tira um dia livre de vez em quando; e nós, seres humanos, precisamos de no mínimo dois.” “Pois eu acho que o senhor deve tirar uns três dias.” Riem os dois. “Aí a senhorita não deixa de ter razão; poupo minhas forças, a preguiça prolonga a vida, além disso, em certos lugares, a gente gasta energia demais.” Então ela sorri para ele: “É preciso saber economizar”.

“A senhorita sabe das coisas. Certas pessoas são assim, outras são de outro jeito. Sabe, senhorita, o Franz e eu, nós sempre fazíamos intercâmbio de mulheres, o que diz agora?” E inclina a cabeça para um lado, beberica o conhaque e aguarda o que a pequena vai dizer. É uma moça bonita essa aí, logo vamos conquistar a pequena, primeiro lhe darei um beliscão na perna.

“É melhor contar uma coisa dessas para sua avó, intercâmbio de mulheres. Alguém me falou disso um dia, fazem isso na Rússia, o senhor deve ser de lá, por aqui não há isso.” “Mas se estou lhe dizendo.” “Tudo bem, é uma bobagem e tanto.” “Então o Franz pode lhe contar.” “Deviam ser umas boas mulheres, dessas de cinquenta pfennigs, não, direto do asilo, não?” “Agora está

exagerando, senhorita, não tenho cara disso.” “Diga, por que o senhor está me contando essas besteiras? Qual a sua intenção por trás disso?” Vejam só a atrevida. Mas é uma graça, está ligada a ele, isso é bom. “Nenhuma, senhorita, nada de intenção. Ora, só quero me informar um pouquinho [doce atrevidinha, Pankow, Pankow, bilu-bilu, larilará], Pums me deu a incumbência, ora, então vou me despedindo, a senhorita vai aparecer um dia na nossa associação?” “Se o senhor também contar essas histórias por lá.” “Não foi por mal, senhorita, pensei que soubesse de tudo. Ora, então agora algo sobre os negócios. Pums disse para eu procurar a senhorita e perguntar sobre dinheiro e essas coisas, já que o Franz é tão sensível com a história do braço, mas pediu que a senhorita não falasse nada. O Franz não precisa saber disso. Eu também podia ter me informado aqui no prédio, mas pensei, para que tanto segredo. A senhorita está aqui em cima, então é melhor vir pessoalmente e falar de maneira franca e direta.” “Não devo dizer nada a ele?” “Não, é melhor não. Ora, mas se quiser, não podemos fazer nada. Como quiser. Pois então, até logo.” “Não, a saída é à direita.” Mulher bacana, a coisa vai rolar, uma figa para dar sorte.

A pequena Mieke não viu nem percebeu nada, no quarto, junto à mesa, só pensa quando depara com o cálice de aguardente ali – sim, pensa, há pouco pensou alguma coisa, agora guarda o cálice,

nada mais sabe. Estou tão nervosa, o cara me deixou tão nervosa, estou tremendo inteira. E conta cada

história. Só queria, mas o que queria mesmo com isso? Olha para o cálice que está no armário, o último à direita. Estou tremendo toda, melhor sentar, não, não no sofá, foi aí que ele se aboletou, melhor na cadeira. E senta-se na cadeira, olha para o sofá onde ele estava sentado. Terrivelmente nervosa, o que é isso, os dois braços sobre o peito, tudo está tremendo. O Franz não é um cachorro desses, fazendo intercâmbio de mulheres. Acredito nisso por parte do cara, o Reinhold, mas o Franz, esse – fizeram o Franz fazer papel de bobo em todo lugar, caso isso seja verdade.

Rói as unhas. Se for verdade; mas o Franz, ele é um pouquinho tonto, deixa que o usem para tudo. Por isso o atiraram do carro. É um bando assim. E ele se mete nessa associação.

Continua a roer as unhas. Contar a Eva? Não sei. Contar ao Franz? Não sei. Não vou contar a ninguém. Ninguém esteve aqui.

Fica envergonhada, coloca as mãos sobre a mesa, mordisca o dedo indicador. Não adianta; a garganta está ardendo. Depois vão fazer o mesmo comigo, também vão me pôr à venda.

Um realejo começa a soar no pátio: perdi meu coração em Heidelberg. Eu também, eu também perdi meu coração e agora babau, e se debulha em lágrimas debruçada sobre o colo, acabou-se, não tenho mais nada, tenho de ver o que vou fazer e se eles gozarem da minha cara, não vou poder fazer nada. Mas o meu Franz não faz uma coisa dessas, ele nem é russo para fazer troca de mulheres, é tudo besteira.

Fica junto à janela aberta, veste um roupão xadrez azul e acompanha a música do realejo: perdi meu coração em Heidelberg [é um bando de gente falsa, ele tem razão em querer acabar com esses insetos] numa tépida noite de verão [quando é que ele virá para casa, vou descer a escada para encontrá-lo]. Apaixonei-me de corpo e alma [não vou lhe dizer uma única palavra, não vou fazer uma ruindade dessas, nenhuma palavra, nenhuma palavra. Gosto tanto dele. Pois bem, vou vestir minha blusa]. Seus lábios sorriram como um botãozinho de rosa. E quando nos despedimos diante do portão, no último beijo, aí bem percebi [E está certo o que dizem o Herbert e a Eva: eles estão percebendo alguma coisa agora e só querem ouvir de mim se é verdade, podem especular à vontade, vão ter de achar uma outra tolinha primeiro] que perdi meu coração em Heidelberg, meu coração, ele pulsa às margens do Neckar.

Brilhante expectativa de colheita, mas pode haver um erro de cálculo

Circula pelo mundo, sempre mundo afora, sempre mundo afora, para o senhor, a mais completa calma e serenidade. O senhor pode fazer o que quiser com o rapaz, ele sempre cai de pé. Existe gente assim. Em Potsdam houve alguém, em Gorke, perto de Anklam, chamava-se Bornemann, escapole da cadeia, chega às margens do Spree. Alguém está nadando aí na água.

- “Ora, então vamos nos achegando, Franz, como é essa história, como se chama ela, a sua noiva?” “Mieze, você já sabe, Reinhold, antes se chamava Sonja.” “Ah, sim, você não quer mostrar a moça para nós. Deve ser fina demais para nós.” “O que é isso, não tenho uma coleção de bichos que preciso mostrar por aí. Ela anda livremente pela rua. Tem um benfeitor, ganha um bom dinheiro.” “Só que você não mostra a moça para nós.” “O que quer dizer mostrar a moça, Reinhold. A garota tem o que fazer.” “Mas pode trazer a menina, dizem que é bonita.” “Dizem que sim.” “Queria ver a garota, mas você não quer, não?” “Sabe, Reinhold, tempos atrás, nós fizemos uns negócios juntos, lembra, as botas e golas de pele.” “Isso não vai acontecer mais.” “Não, acabou. Não sirvo

mais para essas porcarias.” “Está bem, homem, só estava perguntando.” [O cachorro, sempre falando porcarias. Espere só, rapaz.]

Quando Bornemann chegou perto da água, havia um cadáver fresco boiando nela. Na cabeça de Bornemann, acendeu-se, então, uma luz. Do seu bolso pegou os documentos e os deu a ele e pegou os outros para si. Isso já foi relatado antes, mas agora se trata de um reforço para a memória. Depois amarrou o cadáver numa árvore, caso contrário, ele teria saído boiando e não seria encontrado. Ele mesmo pegou o trem e foi direto até Stettin, pegou uma passagem e quando chegou a Berlim, telefona de um boteco para a senhora Bornemann, ela que venha depressa, alguém estaria à espera. Ela lhe trouxe dinheiro e roupas, ele lhe sussurrou umas coisas, depois precisou despedir-se, infelizmente. Ela prometeu identificar o corpo, ele lhe mandaria dinheiro quando tivesse algum sobrando, mas, vai saber. Depois, pôs-se em marcha depressa, bem depressa, senão outra pessoa ainda acabaria encontrando o cadáver.

“Era isso o que eu queria saber, Franz, você deve gostar muito dela.” “Pare com essa conversa sobre garotas e essa besteira toda.” “Só estou me informando. Você não deve ficar irritado.”

“Não, irritado, não, Reinhold, só que no seu caso, você é malandro.” Franz ri, o outro também. “Como é essa história com sua pequena, Franz. Não vai mostrar a garota para mim?” [Viu, você é mesmo um gozador, Reinhold, me jogou para fora do carro e agora me vem com essa.] “E, então, o que você quer, Reinhold?” “Não quero nada. Só

queria ver a menina.” “Você quer ver se ela gosta de mim? Digo a você, ela é um coração só, dos pés à cabeça, um coração só para mim, essa garota. Ela só sabe amar e estimar e mais nada. Sabe, Reinhold, ela é totalmente louca por mim, você nem pode imaginar. Conhece a Eva, não?” “Claro, homem.” “Pois então, e dela a Mieze quer... ora, nem vou dizer.” “O que é, diga logo.” “Não, nem dá para acreditar, mas ela é assim, você nunca ouviu isso, Reinhold, nunca aconteceu uma coisa dessas na minha vida.” “Mas o quê? Com a Eva?” “Sim, mas você vai ficar de bico calado, pois bem, ela, a garota, a Mieze, quer o seguinte: que a Eva tenha um filho meu.”

Bum. Estão os dois sentados e olham um para o outro. Franz dá uma palmada na coxa e começa a gargalhar. Reinhold sorri, começa a sorrir, para.

Então, o cara se chama Finke, vai a Gorke, torna-se peixeiro. Um belo dia aparece sua enteada, está empregada em Anklam e quer comprar peixes, segura na mão uma sacola, vai até Finke e fala.

Reinhold sorri, começa a sorrir, para: “Será que ela é lésbica?”.

Franz continua a dar tapas nas pernas, soltando risadinhas: “Não, ela me ama”. “Não consigo imaginar isso.” [Essas coisas acontecem, não dá para acreditar, e isso acontece ao paspalho e ele ainda dá essas risadinhas.] “E o que diz a Eva?” “São amigas, as duas, ela já a conhecia, eu conheci a Mieze através da Eva.”

“Agora você me deixou cheio de apetite, Franz. Diga lá, não posso ver a Mieze nem uma vez, a vinte metros de distância, por mim, que seja por detrás de uma grade, caso você tenha medo.”

“Homem, não tenho medo de nada! Ela é muito fiel e doce, você nem imagina. Sabe, naquela ocasião disse a você para parar com as moças, isso acaba com a saúde, nem os nervos mais fortes aguentam. Isso pode provocar derrame na gente. Você precisa se controlar, seria muito bom para você. Você vai ver de verdade como tenho razão, Reinhold. Vou mostrar a garota.” “Mas ela não deve me ver.” “Por que não?” “Não, não quero. Você só mostra a menina para mim.” “Então está certo, homem, fico contente. Vai fazer bem a você.”

E então já são três horas da tarde, Franz e Reinhold percorrem as ruas, placas de esmalte de todo tipo, artigos de esmalte, tapetes persas alemães e originais, doze prestações mensais, material para passadeiras, toalhas de mesa e capas para divãs, acolchoados, cortinas, Stores Leisner & Co., leiam a Moda para Senhoras e Cavalheiros, caso contrário, requisitem envio grátis pelo correio, cuidado, perigo de vida, alta tensão. Vão à casa de Franz. Agora você está vindo à minha casa: estou indo bem, nada me atinge, você tem de ver como vivo, meu nome é Franz Biberkopf.

“E agora nada de barulho, vou abrir a porta para ver se ela está. Não. Pois

então, é aqui que moro, mas ela deve chegar logo. Agora preste atenção como vamos fazer, é a mais pura encenação, mas não dê um pio.” “Deus me livre.” “A melhor coisa é: deite-se você aqui na cama, Reinhold, não é usada de dia, vou tomar cuidado para que ela não chegue perto, então você espia aqui em cima pela tela de gaze. Deite-se, dá para enxergar?” “Sim, dá. Mas preciso tirar as botas.” “É melhor. Veja, vou colocar as botas no corredor e depois, quando for embora, você mesmo pega.” “Criatura, Franz, tomara que dê certo.” “Está com medo? Sabe, nem tenho medo de que ela perceba alguma coisa, vai ver como é a moça.” “Não, ela não deve me ver.” “Deite-se. Ela pode chegar a qualquer momento.”

Placas de esmalte, artigos de esmalte de todo tipo, tapetes persas alemães e autenticamente verdadeiros, persas e tapetes persas, solicitem envio grátis.

Então, em Stettin, o inspetor Blum da polícia criminal falou: “De onde a senhora conhece o homem? Como o reconheceu, pois é, a senhora deve tê-lo reconhecido de alguma forma, não?”. “Mas é meu padrasto.” “Pois bem, então vamos até Gorke. E se for verdade, trazemos logo o homem para cá.”

Na porta da casa, alguém bole na fechadura. E Franz no corredor: “E aí, vai levar um susto, Mieze? E então, pequena, aqui estou. Vá entrando. Não ponha nada em cima da cama. Tenho uma surpresa para você”. “Então vou logo olhar.” “Espere, primeiro tem de jurar! Mieze, levante a mão, jure, todos de pé, repita: eu juro.” “Eu juro.” “Que não vou me aproximar da cama.” “Que eu não vou me aproximar da cama.” “Até que eu diga que pode.” “Até que eu corra até lá.” “Fique aqui. Jure de novo: eu juro.” “Eu juro que não vou chegar perto da cama.” “Até que eu mesmo coloque você lá.”

Ela então fica séria, pendura-se em seu pescoço e lá fica por muito tempo. Ele percebe, há algo estranho nela e quer empurrá-la pela porta até o corredor, a coisa não vai dar certo hoje. Mas ela fica parada: “Não vou até a cama, deixe estar”. “Mas o que há, minha Mieze, minha gatinha, meu docinho?”.

Ela o empurra para o sofá, sentam-se um ao lado do outro, abraçados, ela nada diz. Então ela murmura algo, mexe na gravata dele, depois começa: “Franzezinho, posso lhe dizer uma coisa?”. “Claro, Mieze.” “É sobre o meu velho, aconteceu uma coisa.” “Ora, gatinha.” “Pois é.” “Então, o que aconteceu, gatinha?” Mexe na gravata, ora, o que a garota tem, justo hoje que o cara está aqui.

Diz o inspetor: “Por que o seu nome é Finke? O senhor tem documentos?”. “Ora, o senhor só precisa ir até o cartório.” “O que há no cartório não é da nossa conta.” “Também tenho documentos.” “Bom, vamos levá-los conosco.

E lá fora está um funcionário de Neugard, o caso é que havia um tal de

Bornemann de Neugard entre seu pessoal, vamos deixar o homem entrar.”

“Franzinhos, nas últimas vezes, tinha sempre um sobrinho na casa do velho, quer dizer, ele nem o tinha convidado, o sujeito aparecia sozinho.” Franz murmura algo e fica gelado: “Já estou entendendo”. Ela não afasta o rosto do rosto dele: “Conhece o cara, Franz?”. “Como, de onde?” “Só pensei. Pois bem, ele sempre estava lá, então vinha junto.” Franz treme, vê tudo negro pela frente: “Por que não disse nada, criatura?”. “Pensei que ia me livrar dele. E por que, se ele só fica andando junto com a gente.” “E agora...” Aumenta o tremor da boca da menina junto a seu pescoço, depois sente algo úmido, ela está agarrada a Franz, a garota está agarrada a mim, é o jeito turrão dela, não diz nada, ninguém consegue entender, e por que está chorando, e agora o outro está deitado ali, gostaria de pegar um pedaço de pau e socar a cama, assim ele nunca mais vai se levantar, maldição, fazer papel de bobo desse jeito. “O que foi agora?” “Nada, Franzinhos, não se preocupe, não me faça mal, não aconteceu nada. Então ele veio junto de novo, ficou a manhã inteira espiando até que eu descesse da casa do velho, e lá estava ele, eu tinha de ir junto com ele, tinha porque tinha.” “E você, claro, foi.” “Sim, fui, o que mais podia fazer? Franz, se alguém insiste dessa maneira. E é tão jovem ainda. E depois...” “Onde estiveram?” “Por aí, por Berlim inteira, Grunewald, nem sei ao certo, depois fomos andando a pé, e eu sempre pedindo a ele que fosse embora. E

ele chora e suplica feito uma criança e cai de joelhos, é tão jovem ainda, serralheiro.” “Ele que vá trabalhar, cara preguiçoso, ao invés de ficar andando por aí.” “Não sei. Não se zangue, Franz.” “Ainda não entendi o que está acontecendo. Por que está chorando, mulher?” E ela continua sem dizer nada, só se agarra a ele e mexe em sua gravata. “Não se zangue, Franz.” “Está apaixonada pelo sujeito, Mieze?” Ela não diz nada. E como ele sente medo, um frio até os pés. Ele sussurra em seus cabelos, nem se lembra mais de Reinhold: “Está apaixonada por ele?”. Corpo a corpo coladinhos, ele a sente por inteiro, dos lábios dela ouve: “Sim”. Ah, ah, ele ouviu, sim. Quer soltá-la, devo bater, Ida, o cara de Breslau, agora vem, seu braço fica frouxo, o homem está paralisado, mas ela se prende a ele como um animal, o que ela quer, não diz nada, agarra-o, mantém seu rosto junto ao pescoço dela, ele fixa um olhar de pedra na janela, por cima dela.

Ele a sacode, grita: “O que você quer. Desgrude de mim”. O que faço com a cadela. “Mas estou aqui, Franzezinho. Não abandonei você, ainda estou aqui.” “Pode sumir, não quero você.” “Não grite, meu Deus, o que foi que eu fiz.” “Vá atrás dele se está apaixonada, sua bisca.” “Não sou uma bisca, seja bonzinho, Franzezinho, já disse a ele, não dá, sou sua.” “Mas não quero você. Não quero uma bisca assim.” “Sou sua, foi o que disse a ele, e depois fui embora e você precisa me consolar.” “Criatura, você

deve estar maluca! Largue! Maluca! Você está apaixonada por ele e eu tenho de consolar você.” “Sim, você precisa fazer isso, sou sua Mieke e você gosta de mim, então bem que você pode me consolar, ah, agora ele está andando por aí, o rapaz e...” “Não, vamos dar um basta, Mieke! Você tem de ir atrás dele, vá pegar o rapaz.” Mieke então grita, e ele não consegue afastá-la. “Sim, você vai até lá e vai me soltar.” “Não, não vou fazer isso. Então você não gosta de mim, não me ama, o que foi que eu fiz.”

Franz consegue livrar o braço, escapa, ela corre atrás dele, naquele instante, Franz se vira, dá-lhe um tapa na cara que a faz cambalear, empurra-a pelo ombro, ela cai, ele, por cima dela, soca com a única mão onde alcança. Ela geme, se contorce, ó, ó, ele bate, ele bate, ela virou de barriga para baixo. Quando ele para, toma fôlego, o quarto rodopia, ela gira para o outro lado, ergue-se: “Nada de bengala, Franzezinho, já chega, com a bengala não”.

E fica sentada com a blusa rasgada, um olho fechado, nariz sangrando, a bochecha esquerda e o queixo manchados.

Franz Biberkopf, porém – Biberkopf, Lieberkopf, Zieberkopf, não tem mais nome – o quarto rodopia, as camas estão ali, segura-se numa das camas. Nela está Reinhold, o sujeito, lá está ele deitado

de botas, sujando a cama. O que ele está fazendo aqui? Ele tem seu próprio canto. Vou tirar o sujeito daqui, botar o cara para fora, vamos fazer isso, v-a. mais m-o-s. E Franz Biberkopf, Zibanerkopf, Niberkopf, Wiedekopf se lança sobre a cama, agarra o outro por cima da colcha pela cabeça, o cara se mexe, a colcha se levanta, Reinhold está sentado.

“Fora daqui, Reinhold, fora, olhe para ela e suma.”

A boca escancarada de Mieze, terremoto, raios, trovões, trilhos arrebatados, entortados, a estação, as guaritas tombadas, estrondos, estouros, fumaça, vapor, nada se enxerga, tudo se foi, acabou, levado pelo vento, de cima para baixo, de um lado para o outro.

“O que foi, quebrou alguma coisa?”

Gritos, gritos incessantes de sua boca, gritos sofridos contra aquilo atrás da fumaça sobre a cama, um muro de gritos, lanças de gritos contra aquilo ali, mais alto, gritos em pedra.

“Boca calada, o que quebrou, agora chega, o prédio inteiro vai aparecer aqui.”

Gritos aos borbotões, gritos em massa contra aquilo ali, não existe mais tempo, hora, ano.

E já a onda de gritos tomou conta de Franz. Um cão raivoso. Ele arremete uma cadeira junto à cama, a cadeira cai, arrebenta-se no chão. Depois, inclina-se sobre Mieke, que ainda está sentada sem parar de berrar, berra e grita e grita, e ele tapa-lhe a boca por trás, joga-a de costas no chão, ajoelha-se por cima dela, estende-se de peito para baixo sobre o rosto dela. Esta – vou – acabar – matando.

O berreiro para, ela se debate com as pernas para cima. Reinhold arrasta Franz para o lado: “Homem, vai esganar a garota”. “Siga seu caminho, cara.” “Levante-se. Para cima.” Consegue afastar Franz, ela está no chão de barriga para baixo, vira a cabeça, geme e arqueja, bate os braços. Franz murmura: “Olhe só para a vagabunda, a vagabunda. Quer bater em quem, sua vagabunda?”. “Saia daí, Franz, ponha o paletó e só volte aqui quando tiver arejado a cabeça.” No chão, Mieke geme, abre os olhos; a pálpebra direita está vermelha, tão inchada que o olho

não abre. “Levante-se, homem, ainda vai acabar com ela a pancadas. Aqui, o paletó.”

Franz resfolega, arqueja, deixa que o outro o ajude a vestir o paletó.

Mieze então se ergue, cospe, quer falar, levanta-se, senta-se, pigarreia: “Franz”. Este vestiu o paletó. “Aqui está o chapéu.”

“Franz ...”, ela não grita mais, está com a voz rouca, cospe. “Eu – eu – eu vou junto.” “Não, a senhorita fica aqui, logo eu a ajudo.” “Franzinhos, venha, eu – vou junto.”

Ele está parado, gira o chapéu na cabeça, engole em seco, arqueja, cospe, vai até a porta. Zás. Fechada.

Mieze geme, põe-se de pé, empurra Reinhold e vai tateando pela porta. Na porta do corredor, não consegue ir adiante, Franz saiu, já desceu a escada. Reinhold a carrega de volta ao quarto.

Quando a coloca na cama, ela arfa, ergue-se sozinha, desce da cama, cospe sangue, força-se até a porta. “Fora, fora.” Ela insiste nisso: “Fora, fora”. Seu olho bom fixa-se nele. Deixa as pernas

penderem para fora da cama. Que baba nojenta. A baba o enoja, aqui não fico, pode aparecer gente, as pessoas podem pensar que eu a deixei nesse estado. Que tenho a ver com essa merda toda. Boa tarde, senhorita, chapéu no coco, estou fora daqui.

Lá embaixo, limpa o sangue de sua mão esquerda, baba nojenta, ri alto: foi para isso que ele me levou para cima, que cena, que idiota. Para isso me enfiou em sua cama de bota e tudo. Agora o idiota ficou furioso. Levou o troco, onde será que se meteu?

E sai andando. Placas de esmalte, artigos de esmalte de todo tipo. Foi bom lá em cima, foi muito bom. Que idiota, fez tudo direitinho, meu filho, obrigado, continue assim. Vou me acabar de tanto rir.

Assim, Bornemann estava novamente em Stettin, sob custódia da polícia. Foram buscar a mulher, a mulher verdadeira. Senhor Comissário, deixe a senhora em paz, ela já jurou, está certo. Vou pegar mais dois anos, não me importo.

E que noite no quartinho de Franz. Riem os dois. Abraçam-se, beijam-se, um amor só. “Quase matei você, Mieze. Como maltratei você, criatura.” “Não faz mal. O principal é que você voltou.” “Ele foi embora logo, o Reinhold?” “Foi.” “Você nem pergunta por que ele estava aqui?” “Não.” “Nem quer saber?” “Não.” “Mas, Mieze.” “Não. Não é verdade.” “O quê?” “Você quer me vender para ele.” “O quê?” “Não é verdade.” “Mas, gatinha.” “Sei disso e então está tudo bem.” “É meu amigo, Mieze, mas é um safado com as meninas. Ele vai ver.” “Está bem.” “Ainda gosta de mim? Ou só gosta do outro sujeito?” “Sou toda sua, Franz.”

Quarta-feira, 29 de agosto

E ela deixa seu benfeitor esperar dois dias inteiros, aproveita-os apenas para ficar perto de seu amado Franz, para viajar com ele até Erkner e Potsdam e ser boazinha para ele. Então ela compartilha seu segredo com

ele, e agora, mais do que antes, a boa bisca nem mesmo teme o que seu amado Franz trama com os comparsas de Pums: ela também vai agir. Assuntará sozinha por aí para saber quem vai estar no baile ou na festa do boliche. Franz não a leva para estas coisas, Herbert leva sua Eva, mas Franz diz: isso não serve para você, não quero ver você ao lado dessa gatinha.

Mas Sonjzinha, a Mieke quer fazer algo para o Franz, nossa gatinha quer ajudá-lo em alguma coisa, uma coisa mais bonita do que ganhar dinheiro. Ela quer descobrir tudo e protegê-lo.

E no baile seguinte, quando o bando de Pums se manda com seus amigos para Rahnsdorf, uma festa reservada, há uma pessoa ali que ninguém conhece, o funileiro a trouxe, é sua acompanhante, usa uma máscara e uma vez até dança com Franz, mas só uma vez, depois ele sentiria o perfume. O baile acontece no restaurante Müggelhort, à noite, penduram lampiões no jardim, um vapor está de partida, lotado até o teto, a orquestra ataca uma

música de despedida quando zarpa, mas lá dentro ainda dançam e bebem até depois das três.

E circulando por ali ficam Mieke e o funileiro, que se pavoneia por ter uma noiva tão legal; ela avista Pums e a diletta esposa, e Reinhold sentado com ar macambúzio – sempre às voltas com seus humores –, e o elegante biscateiro. Às duas, vai embora sacolejando no carro com o funileiro; no automóvel, ele pode cobri-la de beijos, por que não, pois agora ela já sabe de mais coisas, aquilo não vai derrubá-la. O que Mieke ficou sabendo?

Ficou conhecendo a cara de todos os comparsas de Pums, por isso, ele pode amassá-la, ela sempre pertencerá somente a Franz, e isso continua noite adentro, uma noite dessas em que aqueles sujeitos atiraram seu Franz do carro, e agora ele anda atrás do tipo, e ele deve saber quem é e todos sentem medo dele, do contrário, por que Reinhold teria vindo até ela, é atrevido o cara, meu Franz, um coração de ouro, poderia matar o funileiro de tanto beijá-lo, tanto que amo Franz, sim, vá me amassando, logo lhe mordo a língua, criatura, como ele sacoleja com o carro, ainda vamos acabar na valeta, viva! Foi divina esta noite com vocês, devo virar à direita ou à esquerda, vá indo, como quiser, você é um docinho, Mieze, ora, está gostando Karl, não vai me levar junto outras vezes, opa, o otário está bêbado, ainda vamos parar dentro do Spree.

Isso não pode acontecer, eu iria me afogar, tenho ainda muitas coisas para fazer, tenho de ir atrás do meu Franz, não sei o que pretende fazer, não sabe o que quero e isto deve ficar em segredo entre nós, enquanto ele quiser e eu quiser, nós dois queremos a mesma coisa, a mesma coisa é o que queremos, oh, como está quente, beije-me mais, segure-me, Karl, eu estou me esvaindo, estou me esvaindo, criatura.

Karlinho, Karlinho, serás o meu benzinho, na alameda, os carvalhos passam chispando, dou-lhe de presente 128 dias do ano, cada um com sua manhã, hora do almoço e noite.

—

E lá no cemitério apareceram dois policiais de azul, larilará. Sentaram-se à vontade sobre um túmulo e perguntavam a quem passava sobre um fulano de nome Kasimir Brodowicz, por acaso o teriam visto. Trinta anos atrás ele tinha cometido um crime, não se sabia mais o que e por certo ainda vai acontecer alguma coisa, nunca se sabe com esse tipo de gente, e agora queremos tirar as impressões digitais dele e determinar sua altura e, de preferência, apanhá-lo primeiro, que o tragam até nós, larilará.

Reinhold puxa as calças para cima, arrasta os pés em sua toca de um lado

para o outro, a calma e a dinheirama toda não lhe fazem bem. Mandou embora a última noiva, e agora também não quer mais a moça refinada.

Seria preciso fazer algo diferente. Gostaria de tentar alguma coisa com Franz. Agora a besta quadrada está andando por aí de novo, todo radiante e se pavoneando com a noiva; como se tivesse motivos para isso. Quem sabe eu a tiro dele e a pego para mim. Estava nojenta no outro dia, babando.

O funileiro, chamado Matter, aliás, conhecido pela polícia pelo nome de Oskar Fischer, faz uma cara de espanto quando Reinhold lhe pergunta sobre Sonja. Na lata, pergunta por Sonja e sem rodeios Matter confessa, ora, se você sabe disso então já está sabendo. Reinhold coloca seu braço em torno da cintura de Matter e pergunta se por acaso Matter não gostaria de ceder-lhe a garota para um programinha. Mas aí descobre que Sonja pertence a Franz, e não a Matter. Ora, então Matter pode lhe arranjar a moça para um passeio de carro até Freienwalde.

“Então você vai ter de perguntar ao Franz, e não a mim.” “Não posso perguntar ao Franz, tenho com ele um assunto antigo pendente, e ela não gosta de mim, creio eu.” “Mas não me preste a isso. Quem sabe eu a queira só para mim.” “Ora, isso é possível. Mas só para um passeiozinho.” “Por mim, você pode ter todas as mulheres, Reinhold, ela também, mas é preciso pegar primeiro, e

não roubar.” “Ora, mas ela está com você. Veja bem, Karl, e se eu pagar uma nota preta.” “Passe para cá.”

Dois policiais de azul sentaram-se sobre um túmulo e pararam todos os carros que passavam para perguntaram se não teriam visto um sujeito de cara amarela e cabelos pretos. O tipo está sendo procurado por eles. O que ele fez ou fará, eles não sabem, isto consta do boletim policial. Mas ninguém o viu ou diz que não viu. Os dois policiais precisam então seguir adiante pelas alamedas e dois outros tiras se juntam a eles.

Na quarta-feira, 29 de agosto de 1928, depois que este ano já perdeu 242 dias, e não tem mais muito a perder – e estes estarão irremediavelmente perdidos com uma viagem a Magdeburg, com um restabelecimento e uma convalescença, com a adaptação de Reinhold à aguardente, o aparecimento de Mieze, e eles fazem seu primeiro assalto do ano, Franz volta a ser a paz radiante e o mais completo espírito de conciliação –, o funileiro e a pequena Mieze zanzam por todos os cantos. Ela disse a ele, quer dizer, ao Franz, que ia passear com o benfeitor. Por que vai, não sabe. Só quer

ajudar Franz, mas como, não sabe. Sonhou à noite: sua cama e a de Franz estão na sala dos

senhorios sob o lustre, então balança a cortina diante da porta e algo cinzento, uma espécie de fantasma, desvencilha-se dela e entra na sala. Ah, suspira e senta-se na cama, e Franz dorme profundamente ao lado. Vou ajudá-lo, a ele nada vai acontecer, e deitou-se de novo, gozado como nossas camas vão deslizando para frente até a sala.

Pronto, estão em Freienwalde, na agradável Freienwalde, uma estação de águas, um belo jardim termal de cascalho amarelo, muita gente passeando por ali. Quem será que encontraram lá quando acabaram de almoçar ao lado do jardim, no terraço?

Terremoto, raios, raios, trovões, trilhos arrancados, a estação destruída, estrondo, fumacinha, fumaça, tudo acabado, fumaçada, visão zero, fumaçada, gritos aflitos... sou sua e seu eu sou.

Deixe-o vir, deixe que se sente, não tenho medo dele, justo desse é que não tenho medo, olho firme na cara dele. “Esta é a senhorita

Mieze; já a conhece, Reinhold?” “De passagem. Muito prazer, senhorita.”

E assim ficam sentados no jardim termal de Freienwalde; no restaurante, alguém toca piano lindamente. Aqui estou eu à mesa em Freienwalde e o cara está sentado à minha frente.

Terremoto, raios, fumaçada, tudo acabado, mas é bom ter encontrado o tipo, vou espremê-lo a respeito de tudo o que houve com Pums, e o que Franz anda fazendo, com um tipo desses basta um pouco de lábia; deixar que esperneie, então dá certo. Mieze sonha como a sorte lhe sorri. O pianista canta: diga “oui”, meu docinho, é em francês, diga sim agora e também em chinês, como quiser, não importa, o amor é internacional. Que seja secreto ou pelo nariz, diga baixinho ou em êxtase, diga “oui”, diga “yes” ou diga sim, – e qualquer coisa que quiser terá!

Chegam algumas doses de aguardente, cada um se permite um golinho. Mieze revela que esteve no baile, e segue-se uma boa conversa. O senhor maestro ao piano toca a pedidos: “Na Suíça e no Tirol”, letra de Fritz Roller e Otto Stransky, música de Anton Profes. No Tirol e na Suíça viver é uma delícia. Pois no Tirol há leite morno da vaquinha, e na Suíça uma donzela formosinha, hurra!

Aqui entre nós – é bom dizer, nada se compara, por isso, no Tirol e na Suíça viver é uma delícia! Aiaiai, ri Mieke, agora meu doce Franz pensa que estou com meu benfeitor, mas – estou juntinho dele e ele nem percebe.

Vamos então dar um giro depois pela vizinhança, de carro. É isso o que querem Karl, Reinhold e Mieke, ou de trás para frente, Mieke, Reinhold e

Karl e também Reinhold, Karl e Mieke, todos juntos querem isso. Bem agora tem de vir o telefone e um garçom chamando: senhor Matter, telefone, você não piscou os olhos há pouco, Reinhold, menino, é melhor não dizer nada, Mieke também sorri, vocês dois não têm nada contra, parece que vai ser uma tarde divertida. Aí, Karl já está de volta, ó Karlinho, Karlinho, serás meu queridinho, estás doentinho, não, preciso voltar rápido para Berlim, você fica, não, Mieke, preciso ir, nunca se sabe, e dá um beijo em Mieke e nada de dar com a língua nos dentes, Karl, jamais faria uma coisa dessas, ratinha, qualquer um faria um programa extra se pudesse. Até logo, Reinhold, boa Páscoa, bom Pentecostes. Pega o chapéu do mancebo, dá o fora.

Aqui estamos nós sentados. “O que tem a me dizer agora?” “Ora, senhorita, por isso não teria precisado gritar tanto no outro dia.”

“Aquilo foi só o susto.” “Mas susto por minha causa.” “A gente se acostuma às pessoas.” “Muito lisonjeiro.” Como a pestinha revira os olhos, piteuzinho mais doce, aposto que a dobro ainda hoje; pode esperar sentado, meu rapaz, só quero deixar você espernear e depois vai me contar tudo o que sabe. Como arregala os olhos. Parece que engoliu uma plantaço de pimenta inteira.

Então o pianista termina de cantar o repertório, e o piano está cansado, também quer ir dormir, Reinhold e Mieke passeiam colinas acima e um pouquinho pelo bosque. E conversam sobre isso e aquilo e andam de braços dados, e o rapaz nem é tão mau assim. E, quando retornam aos jardins termais às seis horas, Karl espera por eles, voltou de carro. Será que voltamos já para casa, a noite terá lua cheia, vamos juntos ao bosque, é tão bonito, vamos sim. E às oito passeiam os três pelo bosque, e Karl precisa ir rapidinho ao hotel para reservar os quartos e dar uma olhada no carro. Encontramos você depois no jardim.

Há muitas árvores neste bosque, muita gente caminha por lá de braços dados, também há trilhas isoladas. Mieke quer fazer perguntas, mas não sabe sobre o quê, é tão bom andar de braços dados com o homem, ah, pergunto noutra oportunidade, está uma noite tão bonita. Deus, o que Franz pensará de mim, quero

sair do bosque logo, é tão bom andar aqui. Reinhold pega-a pelo braço, ele tem braço do lado direito, o homem anda à esquerda, Franz sempre anda à direita, é curioso andar assim, um braço tão rijo e forte, que homem é esse. Caminham por entre árvores, a terra é macia, Franz tem bom gosto, vou laçá-la para mim, vai ser minha por um mês, depois ele pode fazer o que quiser. Se quiser alguma coisa, vai levar tal troco no próximo golpe que vai esquecer de se levantar, belo mulherão, mulher classuda, e é fiel a ele.

Caminham e conversam sobre isso e aquilo. Escurece mais. É melhor para

conversar; Mieke suspira, é tão perigoso andar sem falar e só sentir o outro. Ela sempre olha para o caminho e para onde ele vai dar. Não sei o que quero com ele; Deus do céu, o que quero com ele. Andam em círculos. Sem que ele o perceba, Mieke os conduz de volta à estrada. Abra os olhos, você está aí.

São oito horas. Ele pega uma lanterna, vai dar no hotel, o bosque ficou para trás, os passarinhos, ah, os passarinhos, eles cantavam tão lindamente, lindamente. Ele sente um estremeamento. Foi um caminho curiosamente silencioso. Ele tem os olhos brilhantes. Anda calmamente ao lado dela. O funileiro espera sozinho no

terraço. “Conseguiu os quartos?” Reinhold olha na direção de Mieke; ela se foi. “Para onde foi a madame?” “Para o quarto.” Ele bate à porta. “A madame mandou dizer que foi dormir.”

Sente um tremor dentro de si. Como foi lindo. O bosque escuro, os pássaros. Mas o que quero da moça. Que bela mulher tem o Franz; quero tê-la para mim. Reinhold está sentado com Karl no terraço; fumam gordos charutos. Sorriem um para o outro: na verdade, o que queremos aqui? Poderíamos muito bem dormir em casa. – Reinhold ainda respira fundo e devagarzinho, traga lentamente seu charuto, o bosque escuro, andamos em círculos, ela me conduz de volta: “Se você quiser, Karl. Passo a noite aqui”.

E ambos marcham ainda até a orla do bosque e lá se sentam e ficam olhando os carros passar. Neste bosque há muitas árvores, caminha-se sobre uma terra fofa, muita gente anda de braços dados, mas eu sou mesmo um porco.

Sábado, 1º de setembro

quarta-feira, 29 de agosto de 1928.

E Três dias depois, tudo se repete. O funileiro chega de carro, Mieke – Mieke logo diz sim quando ele pergunta se ela quer ir a Freienwalde e

que Reinhold vai junto também. Serei mais forte desta vez, pensa ela quando se senta no carro, não vou com ele para o bosque. Logo disse sim, pois Franz estava tão aflito no dia anterior, e não revela o motivo, e eu preciso saber, tenho de descobrir a razão. Ele recebe o meu dinheiro, tem tudo, nada lhe falta, o que será que o atormenta.

Reinhold está sentado ao lado dela no automóvel, logo coloca o braço em volta dos quadris dela. Já está tudo pensado: hoje você vai pela última vez para longe de seu querido Franz, hoje você fica comigo enquanto eu quiser. Das mulheres que arranjei para mim, você é a de número quinhentos ou mil, tudo correu bem e em ordem até agora, e também vai ficar em ordem agora.

Ela fica ali sentada, e não sabe como as coisas vão acontecer, eu sei e está bem assim.

Deixam o carro estacionado diante da pensão em Freienwalde, Karl Matter passeia sozinho com Mieke por Freienwalde, é sábado, 1o de setembro e são quatro horas. Reinhold quer dormir uma

horinha na pensão. Depois das seis, Reinhold sai da toca, fuça no carro, depois emborca um trago goela abaixo, põe-se a caminho.

No bosque, Mieze está feliz. Karl é tão gentil e como sabe falar de tudo, tinha uma patente, mas a firma em que trabalhou roubou-a dele, é assim que os funcionários são enganados, o senhor precisa fazer isso antes por escrito e a firma ficou milionária com a história, e ele só toma parte um pouquinho aqui e ali do bando de Pums porque agora está construindo um novo modelo, isso vai deixar tudo para trás e invalidar tudo o que a firma roubou. Um modelo desses custa muito dinheiro, ele não pode revelar nada a Mieze, é um enorme segredo, tudo no mundo será diferente se der certo, todos os bondes, o corpo de bombeiros, a coleta de lixo, tudo, serve para tudo, absolutamente tudo. Conversam sobre sua viagem de carro no dia do baile de máscaras, na alameda, os carvalhos passam correndo, dou-lhe de presente 128 dias do ano, cada um deles com uma manhã, uma hora de almoço e uma noite.

“Uu, uu”, grita Reinhold pelo bosque. É Reinhold, respondem: “Uu, uu”. Karl se esconde em outro lugar, mas Mieze fica mais séria quando Reinhold se aproxima.

Então os dois policiais de azul se levantaram do túmulo. E disseram que a investigação não deu resultado e deram no pé, não podemos fazer nada, aqui só acontecem coisas sem importância, podemos apenas fazer um relatório por escrito às autoridades. E caso algo aconteça, logo veremos, estará afixado na coluna de anúncios.

—

No bosque, porém, Mieze e Reinhold caminham sozinhos, uns poucos passarinhos gorjeavam e piavam baixinho. Lá em cima, as árvores começaram a cantar.

Uma árvore cantou, depois mais outra, depois cantaram juntas, depois pararam, depois cantaram por cima da cabeça dos dois.

Há uma ceifeira de nome Morte, do grande Deus vem seu poder. Agora ela afia o punhal, agora ele corta melhor.

“Ah, como estou alegre, de verdade, por estar de novo em Freienwalde,

Reinhold. Sabe, ainda anteontem, foi muito bonito, não foi bonito?” “Só que durou muito pouco, senhorita. Acho que estava cansada, bati à sua porta, a senhorita não abriu.” “O ar queima a gente e a viagem e tudo mais.” “Ora, e não foi bonito?” “Claro, o que quer dizer?” “Só estou dizendo, a gente caminhando assim. E com uma senhorita tão bonita.” “Senhorita bonita, deixe disso. Eu também não digo: cavalheiro bonito.” “E a senhorita estar aqui passeando comigo –” “E o que tem isso?” “Ora, fico pensando, não tenho tudo isso para oferecer a seus olhos. Que esteja aqui comigo, senhorita, pode acreditar, isso me deixa muito feliz.” Um rapaz de ouro. “O senhor não tem namorada?” “Namorada, cada uma por aí que se dá o nome de namorada.” “Como assim?” “Pois então. Existe muita coisa por aí. A senhorita nem sabe disso. Tem um namorado, ele é estável, faz algo pela senhorita. Mas uma garota, essa só quer se divertir, coração, isso ela não tem.” “Mas que azar o seu.” “Veja, senhorita, por isso é que aconteceu aquilo – com a troca de mulheres. Mas a senhorita não quer ouvir falar disso.” “Ah, pode tocar no assunto. Como é que foi mesmo?” “Posso lhe contar direitinho e agora a senhorita vai entender. Acha que se pode manter uma mulher por mais tempo do que alguns meses ou semanas se ela não tem nada a oferecer? E então? Talvez ela faça programas por aí ou não tem nada a oferecer, não entende nada, mete o bico em tudo ou quem sabe é dada à bebida?” “Mas é nojento.” “Veja, Mieze, foi isso que me aconteceu. E é isso o que acontece com as pessoas. Um monte de material de

segunda, lixo, porcaria. Vem direto da lata de lixo. Queria estar casada com um tipo assim? Então, eu não, nem por uma hora. Pois bem, a gente vai aguentando um pouco, talvez algumas semanas, depois não dá mais, e ela tem de ir embora e fico outra vez plantado, sozinho. Não é bom. Mas aqui está gostoso.” “Variar um pouco também faz parte, não?” Reinhold ri: “O que quer dizer com isso, Mieke?” “Ora, outras podem querer o senhor também, não?” “Por que não, ora, somos todos seres humanos.”

Riem os dois, andam de braços dados, 1o de setembro. As árvores não param de cantar. É uma longa cantoria.

Cada coisa, qualquer coisa tem seu tempo e todo propósito sob o céu tem sua hora, cada coisa tem seu ano, nascer e morrer, plantar e exterminar o que foi plantado, cada coisa, qualquer coisa, tem seu tempo, esganar e curar, quebrar e construir, procurar e perder, seu tempo, manter e jogar seu tempo fora, rasgar e costurar, calar e falar. Cada coisa tem seu tempo. Por isso percebo que não há nada melhor do que ser alegre. Nada melhor do que ser alegre. Alegres, sejamos alegres. Não há nada melhor sob o sol do que rir e sentir-se alegre.

Reinhold tomou a mão de Mieke, caminha à sua direita, que braço forte possui. “Sabe, Mieke, na verdade nunca tive coragem de

convidá-la por causa de antes, já sabe, não?” E caminhamos por meia hora, falamos pouco. É perigoso caminhar por longo tempo sem falar. Mas a gente sente o braço direito dele.

Onde vou botar a doce figurinha, é uma criatura especial, quem sabe preservo a menina para mim, é preciso desfrutar, talvez preserve a menina para mim, é preciso desfrutar, talvez a arraste para o hotel e à noite, à noite, quando o luar despontar. “O senhor tem uma porção de cicatrizes na mão, tem tatuagens também, no peito também?” “Sim, gostaria de ver?” “Por que faz tatuagens?” “Depende de onde, senhorita.” Mieke solta risadinhas, balança-se no braço dele: “Bem posso imaginar, tive um cara, antes do Franz, todinho tatuado, nem imagina”. “Dói, mas é bonito. Gostaria de ver, senhorita?” Solta então o braço dela, desabotoa rápido a camisa, mostra o peito, pronto. Lá está uma bigorna, uma coroa de louros em volta. “Ora, abotoe a camisa, Reinhold.” “Veja aqui, olhe bem para ela.” A chama dentro dele, o desejo cego, ele agarra a cabeça dela, aperta-a contra o peito: “Beije, menina, beije, você tem de beijar”. Ela não beija, sua cabeça fica ali presa sob as mãos dele: “Largue-me”. Ele a larga: “Deixe de frescura, menina”. “Vou embora.” Que zinha, vou pegar você pelo pescoço, que jeito de falar comigo. Fecha a camisa. Ainda vou conseguir a bisca, está fazendo gênero, calma,

calminha, rapaz. “Mas não lhe fiz nada, já estou abotoando a camisa. Pronto. Ora, já deve ter visto um homem.”

Afinal, o que quero com este sujeito aqui, despenteou meu cabelo, é um bruto, vou dar o fora. Tudo tem seu tempo. Cada coisa, qualquer coisa.

“Não seja assim, senhorita, foi só um instante. Um momentinho, sabe, às vezes há momentos na existência humana.” “Nem por isso o senhor precisa agarrar minha cabeça.” “Nada de xingar, Mieze.” Ainda vou agarrar você em outros lugares. O ardor selvagem está de volta. Se pudesse tocá-la. “Mieze, vamos fazer as pazes de novo?” “Pois bem, mas comporte-se.” “Combinado.” De braços dados. Ele sorri para ela, ela sorri em direção à grama. “Não foi tão ruim, foi, Mieze? Só latimos, não mordemos.” “Fico imaginando, por que o senhor mandou tatuar uma bigorna? Alguns mandam fazer uma mulher ou um coração ou coisa assim, mas uma bigorna.” “Em que está pensando, Mieze?” “Nada. Eu é que não sei.” “É meu brasão.” “Uma bigorna?” “Sim. É para alguém se deitar em cima.” Ele dá um sorrisinho para ela. “Mas o senhor é um porco. Seria melhor ter mandado tatuar uma cama.” “Não, uma bigorna é melhor. Bigorna é melhor.” “O senhor é

ferreiro?” “Um pouquinho também. Gente como eu faz um pouco de tudo. Mas ainda não está entendendo muito bem a bigorna, não, Mieke? Ninguém deve se aproximar muito de mim, senhorita, senão logo se queima. Mas não deve acreditar que logo vou mordendo, muito menos a senhorita. Estamos passeando tão bem aqui e eu gostaria de me sentar aqui, numa cova.” “Vocês são todos assim no bando de Pums?” “Depende, Mieke, não somos flor que se cheire.” “E o que vocês aprontam por lá?” Como é que vou conseguir meter você numa vala do terreno, e não tem viva alma andando por aqui. “Ah, Mieke, é melhor você perguntar a seu Franz, ele sabe tudo tão bem quanto eu.” “Mas aquele lá não diz nada.” “Isso é bom. É esperto o cara. É melhor não dizer nada.” “Mas nem para mim?” “E o que você quer saber?” “O que vocês fazem?” “E vou ganhar um beijo?” “Se me contar.”

E ele a toma nos braços. E que braços tem o moço. E como sabe apertar. Cada coisa em seu tempo, plantar e exterminar, procurar e perder. Não consigo respirar. Ele não larga. Como está quente. Largue. Se ele continuar assim, vou sucumbir. Ai meu Deus, ele precisa me dizer primeiro o que está havendo com Franz, o que Franz quer, o que aconteceu e o que eles pensam. “Agora me largue, Reinhold.” “Pois bem.” E ele a solta, fica parado, cai no chão diante dela, beija seus sapatos, esse deve estar louco, beija suas meias, vai subindo, seu vestido, as mãos, cada coisa em seu

tempo, até chegar ao pescoço. Ela ri, debate-se: “Chega, afaste-se, homem, você deve estar doido”. Como ele está em brasa, alguém precisa enfiar você debaixo do chuveiro. Ele respira e resfolega, quer mergulhar no pescoço dela, gagueja, mas não dá para entender, ele se afasta por si do pescoço dela, parece um touro. O braço dele está sobre o dela, caminham, as árvores cantam. “Olhe, Mieke, aqui tem uma boa depressão no chão, parece feita para nós – olhe só. Uma vala de fim de semana. Alguém andou cozinhando aí dentro. Vamos tirar tudo daí. Senão vai sujar as calças.” Vou me sentar. Talvez ele então consiga falar melhor. “Ora, por mim. Seria melhor um casaco por baixo.” “Espere só, Mieke, vou tirar o paletó.” “Muito gentil de sua parte.”

E lá estão eles deitados de viés numa depressão da grama, ela empurra com o pé uma lata de conserva, vira-se de barriga, coloca calmamente um braço sobre o peito dele. Pois bem, aqui estamos. Ela sorri para ele. Quando ele afasta o colete de seu peito e faz surgir a bigorna, ela não esconde a cabeça. “Agora você vai me contar uma coisa, Reinhold.” Ele a pressiona sobre o peito, aqui estamos nós, bom, aqui está a garota, está tudo em ordem, garota legal, legal demais, vou ficar com ela bastante tempo, Franz pode gritar quanto quiser, cedo não vai tê-la de volta. E Reinhold escorrega para baixo e puxa Mieke para cima de

si, envolve-a nos braços e beija-a na boca. Suga-a até o fim, nenhum pensamento, só volúpia, voracidade, impetuosidade, e aí cada gesto está prescrito e que não apareça ninguém para atrapalhar coisa alguma. Uma irrupção, estilhaços e nem mesmo um furacão ou avalanche pode fazer algo, é um tiro de canhão, uma mina pelos ares. O que lhe voar ao encontro é destruído, afastado com força, mais, sempre mais e mais.

“Não tão forte, Reinhold.” Ele me deixa sem forças; se eu não me controlar, ele vai me dominar. “Mieze.” Ele pisca os olhos, não a larga: “E então, Miezinha”. “Nada, Reinhold.” “O que está olhando em mim?” “Ei, é mau o que você está fazendo comigo. Há quanto tempo você conhece Franz?” “O seu Franz?” “Sim.” “O seu Franz, pois bem, ele é seu, não?” “De quem?” “E eu, quem sou eu?” “Por quê?” Ela quer esconder a cabeça no peito dele, mas ele a puxa para cima: “E então, quem sou eu?”. Ela se atira contra ele, comprime-lhe a boca, ele arde em brasa outra vez, também sou um pouco boazinha para ele, como ele se espicha, uma brasa. Não há jatos d’água, mangueiras gigantes de bombeiros que podem debelar aquilo, a chama irrompe pela casa, cresce lá dentro. “Pronto, agora me solte.” “O que você quer, menina?” “Nada. Estar com você.” “Então está certo. Também sou seu, não? Você brigou com Franz?” “Não.” “Está brigada com ele, Mieze?” “Não, prefiro que você me conte coisas dele, você já o conhece faz

tempo.” “Não posso contar nada dele.” “Ó.” “Não vou contar nada, Mieze.” Ele a agarra, atira-a para o lado, ela luta com ele: “Não, não quero”. “Não seja turrone, menina.” “Quero me levantar, a gente se suja toda aqui.” “E se eu lhe contar alguma coisa?” “Sim, é bom.” “E o que recebo em troca, Mieze?” “O que quiser.” “Tudo?” “Ora – vamos ver.” “Tudo?” Rostos colados, em brasa; ela nada diz, nem eu sei o que farei, perpassa-o um raio, nada de pensamentos, nada de pensar, inconsciência.

Ele se ergue, lavar o rosto, caca, o bosque, sim, a gente se suja aqui. “Vou lhe contar uma coisa do Franz. Já o conheço faz muito tempo. Sabe, criatura, aquilo é um tipo estranho. Conheço do boteco, na Prenzlauer Allee. No inverno passado. Vendia jornais e depois deve ter conhecido um cara, o Meck, é isso. Foi então que o conheci. Ficamos juntos por ali e, sobre as garotas, isso já contei para você.” “É verdade mesmo?” “E como. Mas ele é um paspalho, o Biberkopf, o cabeça oca, ele não pode se gabar de nada, aquilo foi de minha autoria, você acha que ele empurrou mulheres para mim? Meu Deus, as mulheres dele. Nada disso, por ele teríamos ido para o Exército da Salvação, para eu me emendar.” “Mas você não se emenda, Reinhold.” “Não, como você está vendo. Não tenho jeito. Sou como sou e pronto. Isso é tão certo quanto dizer amém na igreja e não dá para mudar. Mieze, veja, seu homem, você é um belo pedaço de mulher. Menina, como pode catar um

cara desses, com um braço só, uma menina tão bonita, podia conseguir dez em cada mão.”

“Ora, não fale bobagens, homem.” “Pois é, o amor é cego dos dois olhos, mas uma coisa dessas! Sabe, o que ele quer agora, o seu homem? Agora ele quer bancar o barão lá com a gente. Justo com a gente. Primeiro quis me mandar para o banco dos penitentes, Exército da Salvação, isso não deu certo. E agora.”

“Não, você não deve xingar Franz assim. Ele não pode ouvir.” “Bilu, bilu, sei disso, seu Franz, seu queridinho, ainda é assim? Não?”

“Ele não vai lhe fazer nada, Reinhold.”

Cada coisa tem seu tempo, qualquer coisa, qualquer. Sujeito horrível esse, tem de me soltar, não quero saber dele, não precisa me contar nada. “Não, não vai nos fazer nada, vai ser difícil para ele, Mieze. Tirou a sorte grande com ele, Mieze. Ele lhe contou alguma coisa do braço? Hein? Você é a noiva dele, ou era! Venha cá, Mieze, meu doce tesouro, não faça cenas.” O que vou fazer, não quero o sujeito. Plantar tem seu tempo, exterminar, costurar e rasgar, chorar e dançar, queixar-se e rir. “Venha, Mieze, o que quer com ele, com um fanfarrão desses. Você é meu docinho. Não venha com fricotes. Estar com ele não faz de você uma baronesa. Fique contente de ter se livrado dele.” Contente, por que haveria de ficar contente? “E agora ele pode gritar à vontade, agora ele não tem mais a Mieze.” “Agora é bom botar um ponto final, e não

me aperte tanto, homem, não sou de ferro.” “Não, de carne, bela carne, Mieke, me dê uma beijoca.” “O que é isso, homem, não me aperte tanto. Não fique imaginando coisas. Desde quando sou a sua Mieke?”

Sair deste buraco. O chapéu ficou lá embaixo. Ele ainda vai me bater, vou correr. E logo – ele ainda não se levantou da vala – ela grita, grita “Franz” e sai correndo. E ele se põe de pé e corre e num pulo a alcança e a derruba, ele de mangas de camisa. Os dois junto a uma árvore, caídos. Ela esperneia, ele vai por cima dela, tampa-lhe a boca: “Você grita, sua bisca, está gritando outra vez, por que está gritando, por acaso estou fazendo alguma coisa a você, fique quieta, e então? No outro dia, ele deixou seus ossos inteiros. Preste atenção, comigo é diferente”. Ele retira a mão. “Eu não vou gritar.” “Então está bem. E agora você vai se levantar, moça, vai dar meia volta e buscar o chapéu. Não costumo maltratar as mulheres. Desde que me conheço por gente nunca fiz isso. Mas você não deve me enfurecer. O caminho é por aqui.”

Ele caminha atrás dela.

“Você não tem de se dar ares de importância com o Franz, mesmo sendo a puta dele.” “Agora vou embora.” “O que quer dizer ir

embora, deve estar fraca do juízo, não deve saber com quem está falando, pode fazer desse jeito com o seu fanfarrão.” “Eu – não sei o que devo fazer.” “Vá até a vala e seja boazinha.”

Quando se quer abater uma vitelinha, amarra-se uma corda em volta do pescoço dela, leva-a até a bancada. Depois, levanta-se a vitela, põe-se em cima da bancada e a amarra.

Marcham para a vala. Ele diz: “Deite”. “Eu?” “Se gritar! Garota, gosto de você, do contrário não teria vindo até aqui, digo a você: mesmo sendo a puta dele, falta muito para ser baronesa. Não me faça nenhuma algazarra. Sabe, isso não faz bem a ninguém. Pode ser homem, mulher ou criança, aí fico irritado. Nesse caso, pode ir bater à porta do seu homem. Ele que conte umas coisas a você. Se não ficar com vergonha, o tipo. Mas pode ouvir de mim também. Para você posso contar, assim você fica sabendo quem ele é. E o que pode esperar se começar com histórias comigo. Ele também tentou uma vez fazer o que lhe passava pela cachola. Quem sabe queria dedar a gente. Uma vez ficou de tocaia lá onde tínhamos um trabalho. E ele diz que não vai participar de nada, que é um homem decente. Não tem colhões o cara. Digo então que ele tem de ir junto com a gente. E ele tem de ir junto no carro, e eu ainda não sei o que fazer com o sujeito, sempre falou demais, então lá vem um carro atrás de nós e penso, agora vê se toma

cuidado rapaz, você com essa fanfarronice de ser decente. E fora do carro. Agora você sabe onde foi parar o braço dele.”

Mãos geladas, pés gelados, foi ele. “Agora você vai se deitar e ser boazinha. Como deve ser.” É um assassino. “Seu cachorro desgraçado, patife.” Ele está radiante: “Viu só. Agora grite à vontade”. Agora você vai obedecer. Ela berra, chora: “Cachorro, queria matar o Franz, só trouxe desgraça para ele e agora você quer a mim, seu porco”. “Sim, é o que quero.” “Seu porco. Cuspo na sua cara.” Ele lhe tapa a boca: “Pode tentar”. Ela fica roxa, tenta puxar a mão dele: “Assassino, socorro, Franz, Franzezinho, venha”.

Seu tempo! Seu tempo! Cada coisa tem seu tempo. Esganar e curar, quebrar e construir, rasgar e costurar, seu tempo. Ela se atira ao chão para escapar. Lutam na vala. Socorro, Franz.

Já resolvemos esse negócio, vamos fazer uma brincadeira com seu Franz, assim ele vai ter algo para se lembrar a semana inteira. “Quero ir embora.” “Quer ir embora. Muita gente já quis ir embora.”

Ele se ajoelha por detrás sobre as costas dela, as mãos em volta do seu pescoço, os polegares na nuca, o corpo dela se contrai, contrai, o corpo dela se contrai. Seu tempo, nascer e morrer, nascer e morrer, qualquer coisa.

Assassino, diz você, e me atraí até aqui e talvez queira me fazer de bobo, presunção, até parece que conhece o Reinhold muito bem.

Violência, violência, existe uma ceifeira, do grande Deus lhe coube a violência. Largue-me. Ela se arqueia, esperneia, se joga para trás. Logo vamos embalar a criança, podem vir os cachorros e devorar o que sobrar de você.

Seu corpo se contrai, contrai-se o seu corpo, o corpo de Mieze.

Assassino, diz ela, vai ver só, foi ele quem deve ter incumbido você de fazer isso, seu doce Franz.

Depois a gente golpeia a nuca do animal com o porrete e, com a faca, cortam-se as artérias dos dois lados do pescoço. Recolhe-se o sangue em vasilhas de metal.

São oito horas, o bosque está relativamente escuro. As árvores balançam, oscilam. Foi um trabalho difícil. Ela ainda está falando

alguma coisa? Não respira mais, a bisca. É o que se ganha quando se faz um passeio com uma zinha dessas.

Mato e galhos por cima, um lenço na árvore mais próxima para que seja encontrada mais tarde, já liquidei essa aí, onde está Karl, preciso trazê-lo até aqui. Depois de uma boa hora, de volta com Karl, que moleirão o cara, o sujeito treme, joelhos bambos, como se pode trabalhar com esses principiantes. Está totalmente escuro, procuram com lanternas, lá está o lenço. Trouxeram pás do carro. O corpo é enterrado, terra em cima, mato e galhos por cima, nada de pegadas, homem, vá limpando, mantenha-se de pé, Karl, parece até que você também está à beira da morte.

“Pois bem, aqui está meu passaporte, um bom passaporte, Karl, e o dinheiro, e você vai sumir de circulação enquanto o clima estiver pesado. Vai receber dinheiro, não se preocupe. O endereço é sempre o de Pums. Vou pegar o caminho de volta. Ninguém me viu e ninguém pode fazer nada contra você, você tem seu álibi. Pronto, vamos.”

As árvores balançam, oscilam. Cada coisa, qualquer coisa.

--

Está um breu. Seu rosto está arrebetado, os dentes arrebetados, os olhos arrebetados, sua boca, seus lábios, sua língua, seu pescoço, seu corpo, suas pernas, seu ventre, sou sua, você deve me consolar, distrito policial Stettiner Bahn, Aschinger, estou me sentindo mal, venha, logo estaremos em casa, sou sua.

As árvores balançam, começa a soprar. Uu, u, u – uu – u. A noite segue seu curso. Seu corpo arrebetado, seus olhos, sua língua, sua boca, venha, logo estaremos em casa, sou sua. Uma árvore se parte, fica na orla do bosque. Uu,

uu, u, uu, uu, é a tempestade, ela chega com tambores e sopros, agora está em cima, sobre o bosque, agora se deixa cair, quando uiva, chega ao chão. Os gemidos vêm dos arbustos. É como se algo se trincasse, uiva como um cão preso e guincha e geme, ouça como geme, alguém deve ter pisado nele, com o salto, agora já parou de novo.

Uu, u, u-uu-u, a tempestade retorna, é noite, o bosque está tranquilo, uma árvore ao lado da outra. Cresceram na tranquilidade, estão juntas como num rebanho, quando estão

tão próximas umas das outras, a tempestade não consegue chegar perto delas tão facilmente, só as do lado de fora sofrem e as fracas. Mas vamos nos manter unidas, agora quietinhas, é noite, o sol se foi, uu, u, uu, u, começa outra vez, aqui está ela, está agora embaixo e em cima e por toda a parte. Luz amarelo-avermelhada no céu e noite outra vez, luz amarelo-avermelhada, noite, os gemidos e uivos se tornam mais fortes. Aquelas que estão na beira da trilha sabem o que as aguarda, gemem, e a grama, mas estas podem curvar-se, podem esvoaçar, mas o que podem fazer os troncos grossos. E de repente o vento não sopra mais, desistiu, não faz mais isso, elas uivam ainda por causa dele, o que ele fará agora.

Quando se quer demolir uma casa, não é preciso fazê-lo com a mão, é necessário uma marreta ou enterrar dinamite embaixo. O vento nada mais faz do que alargar um pouco seu peito. Prestem atenção, ele retém a respiração, depois solta o ar, uu, u, u-uu-u, depois prende o ar, depois o solta, uu, u, u-uu- u. Cada respiração é tão pesada quanto uma montanha, solta o ar, u, uu, u-uu, a montanha é movida para lá, para cá, solta o ar, uu, u, uu-u. Para lá e para cá. A respiração é um peso, uma bala, ela avança e investe contra o bosque. E quando o bosque fica sobre as colinas como um rebanho, o vento atropela o rebanho e o atravessa rugindo.

Agora é isso que acontece: rumm, rumm, sem tambores e sem sopros. As árvores movem-se à direita e à esquerda. Rumm, rumm. Mas não conseguem manter o ritmo. Quando as árvores estão eretas à esquerda, dá-se um rumm para a esquerda, elas se vergam, estalam, estalejam, rangem, estouram, crepitam. Rumm faz a tempestade, você precisa ir para a esquerda. Uuuuu, u, uu, de volta, passou, foi-se, só é preciso esperar pelo momento certo. Rumm, lá vem ela outra vez. Atenção, rumm, rumm, rumm, são bombas aéreas, ela quer arrancar o bosque, quer esmagar o bosque inteiro.

As árvores gemem e balançam, estalos, elas racham, estalidos, rumm, a vida é atingida, rumm, rumm, o sol se foi, pesos que caem. Noite, rumm, rumm.

Sou sua, venha, logo estaremos lá, sou sua. Rumm, rumm.

OITAVO LIVRO

—

Não adiantou nada. Ainda não adiantou nada. Franz Biberkopf recebeu a martelada, sabe que perdeu, só não sabe ainda por quê.

—

Franz nada percebe e o mundo continua a girar

Dois de setembro. Franz circula como sempre, vai com o espevitado biscateiro à piscina pública de Wannsee. No dia três, segunda-feira, espanta-se, Miezinha ainda não voltou, também não disse nada, a senhoria não se lembra de nada, também não telefonou. Ora, talvez tenha feito um passeio com seu nobre amigo e benfeitor, logo ele deve despachá-la de volta. Vamos esperar até a noite.

É hora do almoço. Franz está em casa, soa a campainha, correio pneumático do benfeitor para Mieze. Que coisa, o que será, penso

que ela está com ele, o que estará acontecendo. Abro a carta: “estou surpreso, Sonja, que você não tenha ligado para mim. Ontem e anteontem esperei por você no escritório, conforme o combinado”. O que é isso, onde se meteu.

Franz se põe de pé, onde está o chapéu, não compreendo, vou até o cavalheiro, táxi. “Ela não esteve aqui com o senhor? Quando foi a última vez que esteve aqui? Sexta-feira? Ah, sim.” Olham um para o outro. “O senhor tem um sobrinho, será que ele foi junto?” O cavalheiro se enfurece, o quê, vou mandá-lo vir agora, fique o senhor aqui. Ficam bebendo vinho tinto devagar. O sobrinho aparece. “Esse é o noivo de Sonja, sabe onde ela está?” “Eu, o que está havendo?” “Quando a viu pela última vez?” “Mas isso nem conta mais, duas semanas atrás mais ou menos.” “Certo. Foi isso que ela me contou. Depois não?” “Não.” “E não ouviu nada?” “Absolutamente nada, por quê, o que está acontecendo?” “O cavalheiro aqui vai lhe dizer.” “Ela sumiu, desde sábado, não disse palavra, deixou tudo como estava, nenhuma palavra para onde ia.” O benfeitor: “Talvez tenha conhecido alguém”. “Não acho, não.” Os três bebem vinho tinto. Franz está sentado, quieto: “Acho que é preciso esperar mais um pouquinho”.

Seu rosto arrebetado, seus dentes arrebetados, seus olhos arrebetados, seus lábios, sua língua, seu pescoço, seu corpo, suas pernas, seu ventre arrebetado.

No dia seguinte, não aparece. Nada dela. Tudo está como deixou. Ela não está. Talvez Eva saiba de alguma coisa. “Andou brigando com ela, Franz?” “Não, duas semanas atrás, mas agora está tudo bem.” “Algum novo conhecido?” “Não, contou-me do sobrinho do benfeitor, mas ele está em casa, vi o rapaz.” “Talvez a gente tenha de ficar de olho nele, talvez ela esteja na casa dele.” “Você acha?” “Seria bom ficar atento. Com a Mieke nunca se sabe. Ela tem lá suas manias.”

Ela não aparece. Durante dois dias, Franz não faz nada, pensa, não vou correr atrás dela. Depois não ouve dizer nada, nada, e corre atrás do sobrinho um dia inteiro e, no dia seguinte à hora do almoço, quando a senhoria do sobrinho sai para a rua, Franz e o elegante biscateiro se esgueiram depressa na casa, a porta se abre facilmente com um pé de cabra, ninguém na moradia, no quarto dele, um monte de livros, nada de mulher, belos quadros na parede, livros, ela não está aqui, conheço o pó de arroz dela, não está cheirando a nada, vamos, não leve nada, deixe a pobre mulher, vive do aluguel de quartos.

O que está acontecendo. Franz fica sentado em seu quarto. Horas a fio. Onde está Mieze. Ela se foi, não manda dizer nada. O que pensar disso. Tudo revirado no quarto, as camas separadas, juntas de novo. Ela me abandonou. Não é possível. Não é possível. Ela me deu o fora. O que fiz a ela, não lhe fiz nada. Não me levou a mal por causa daquela história com o sobrinho.

—

Quem chega? Eva. “Está sentado no escuro, Franz, acenda o gás.” “Mieze me abandonou. Como é possível?” “Deixe disso, homem. Ela logo vai voltar. Gosta de você, não vai abandoná-lo, conheço bem as pessoas.” “Sei disso tudo. Você pensa que estou me ralando por isso? Logo vai voltar.” “Viu? Deve ter acontecido alguma coisa com a garota, encontrou alguém de antes, está fazendo um pequeno passeio, conheço a moça de antigamente, você nem a conhecia ainda, são coisas que ela faz, tem lá suas ideias.” “Mas é esquisito. Não sei não.” “Ela gosta de você, homem. Veja aqui, ponha a mão na minha barriga, Franz.” “O que é?” “Ora, é seu, sabe, um bebê. Era o que ela queria, a Mieze.” “O quê?” “Pois é.”

Franz comprime a cabeça contra o corpo de Eva: “De Mieke. Deixe-me sentar. Não é possível”. “Ora, preste atenção, Franz, quando ela voltar, vai arregalar os olhos.” Então é a própria Eva que começa a chorar. “Viu, Eva, quem é que está se afligindo aqui? Só você.” “Ah, isso me deixa esgotada. Não entendo a garota.” “Agora eu é que preciso consolar você, criatura.” “Não, são os nervos, talvez por causa do nenê.” “Preste atenção, quando ela voltar, vai fazer uma cena por causa disso.” Ela não para de chorar: “O que vamos fazer, Franz, não é costume dela”. “Primeiro você diz: ela faz essas coisas, está dando um passeio com alguém, e depois diz que não é costume dela.” “Não sei, Franz.”

Eva prende a cabeça de Franz no braço. Baixa o olhar para a cabeça de Franz: a clínica em Magdeburg, atropelaram o braço dele, matou Ida a pancadas, meu Deus, o que há com esse homem? É uma desgraça esse homem. Mieke deve estar morta. Há algo por detrás disso! Aconteceu alguma coisa com Mieke. Deixa-se cair sobre uma cadeira. Levanta as mãos, horrorizada. Franz toma um susto. Ela soluça, e não para de soluçar. Ela sabe, há algo por detrás disso, aconteceu alguma coisa com Mieke.

Ele insiste com ela, ela nada diz. Depois se controla: “Não vou tirar a criança. Herbert pode até andar de cabeça para baixo”. “Ele disse alguma coisa?” Seis milhas de pensamentos deixadas para trás. “Não. Pensa que é dele. Mas fico com a criança.” “Está bem, Eva; vou ser o padrinho.” “Que bom humor o seu, Franz.” “Porque ninguém me atinge tão facilmente. Então se anime também, Eva. E eu, eu conheço bem minha Mieke, não? Ela não vai deixar que algo aconteça a ela, isso vai se esclarecer.” “Você deve ter razão. Até logo, Franzinho.” “Então um beijinho.” “Como você está animado, Franz.”

—

Temos pernas, temos dentes, temos olhos, temos braços, que alguém se atreva a nos morder, a morder o Franz, que alguém se atreva. Ele tem dois braços, tem duas pernas, tem músculos, quebra tudo em pedacinhos. Quem conhece Franz, sabe, ele não é moleirão. O que deixamos para trás, o que temos pela frente, que alguém tente igualar, vamos tomar um trago a isso, dois, nove tragos.

Não temos pernas, ai meu Deus, não temos dentes, não temos olhos, não temos braços, que alguém apareça e vai poder morder

o Franz, ele é moleirão, ai meu Deus, não sabe se defender, só sabe beber.

—

“Vou fazer alguma coisa, Herbert, não aguento mais essa história.” “O que quer fazer, garota?” “Não aguento mais, o homem não percebe nada, fica sentado dizendo que ela vai voltar e que vai aparecer e eu olho todos os dias no jornal, não há nenhuma notícia. Ouviu alguma coisa?” “Não.” “Não dá para você assuntar por aí se alguém ouviu alguma coisa, se ouviu alguém dizer alguma coisa?” “É bobagem, Eva, tudo isso que está dizendo. O que essa história tem de mistério para você, para mim não tem nenhum. O que aconteceu? A garota se mandou. Meu Deus, não é caso de arrancar uma perna por isso. Logo arranja outra.” “Você também diria isso se fosse meu caso?” “Pare com isso, Eva. Mas se tem gente que é desse jeito.” “Não é assim. Eu a levei para ele, já fui olhar no necrotério, preste atenção, Herbert, alguma coisa aconteceu. É uma desgraça para o Franz, homem. Há algo por detrás disso. Você não ouviu nada mesmo, homem?” “Não sei de nada.” “Ora, às vezes alguém disse alguma coisa lá na associação. Alguém a viu? Ela não pode ter

sumido do mundo. Eu – se ela não aparecer logo, vou me virar, vou à delegacia.” “Faça isso mesmo! Vá até lá!” “Não ria, vou fazer isso. Preciso achar a garota, Herbert, alguma coisa aconteceu, ela não sumiu por si mesma, ela não ia me deixar para trás, e nem o Franz. E este não percebe.” “Não consigo mais ouvir essa história, é tudo bobagem, e agora vamos ao cinema, Eva.”

—

Na sala do cinema, assistem a uma peça.

No terceiro ato, o nobre cavalheiro é aparentemente abatido por um bandido, e Eva suspira. E quando Herbert olha para o lado, ela escorrega da cadeira e desmaia. Depois percorrem as ruas em silêncio, de braços dados. Herbert está admirado: “O seu velho vai se divertir muito com você, se continuar assim”. “Ele atirou nele, você viu, Herbert?” “Só deu essa impressão, um truque, você não prestou atenção. E você ainda está tremendo.” “Você tem de fazer alguma coisa, Herbert, não pode ficar assim.” “Você precisa viajar, diga a seu velho que está doente.” “Não, é preciso fazer alguma coisa. Faça, Herbert, você também ajudou Franz quando aconteceu a história do braço, então ajude o homem também agora! Estou pedindo!” “Não

posso, Eva, o que devo fazer?” Ela chora. Ele precisa ajudá-la a entrar no carro.

—

Franz não tem necessidade de pedir esmolas. Eva lhe passa algum, ele recebe alguma coisa de Pums, para o fim de setembro já há um trabalho acertado. No fim de setembro, o funileiro Matter reaparece. Estava no exterior, em trabalho de montagem ou coisa assim. Quando reencontra Franz, diz que esteve se recuperando em algum lugar, os pulmões estão ruins. E a aparência é péssima, e não se recuperou de nada. Franz diz que Mieze foi embora, ele também a conheceu, mas não deve contar a ninguém, há gente que morre de rir ao ouvir que alguém foi abandonado. “Portanto, nada de contar ao Reinhold, tive umas histórias de mulheres com ele antigamente, iria se dobrar de tanto rir se ouvisse alguma coisa. Outra”, sorri Franz, “ainda não tenho, também não quero.” Não parece bem, há vincos de tristeza na testa, em torno da boca. Mas ele inclina a cabeça com força para trás, sobre a nuca, cerra os lábios.

Há muita agitação na cidade. Tunney manteve o título de campeão mundial, mas os americanos não estão de fato

satisfeitos com isso, o homem não lhes agrada. Foi para a lona no sétimo assalto, até a contagem chegar a 9. Então

Dempsey fica zozzo. É o último grande golpe de Dempsey. A coisa terminou às 4h58, em 23 de setembro de 1928. Pode-se ouvir essa história e também a do recorde do voo na etapa Colônia-Leipzig, e depois dizem que há uma guerra econômica entre laranjas e bananas. Mas houve-se tudo isso por uma pequena fresta, de olhos semicerrados.

Como se protege a planta contra o frio? Muitas plantas não conseguem resistir mesmo a uma leve geada. Outras são capazes de produzir em suas células meios de proteção contra o frio, que são de natureza química. A proteção mais importante é a transformação do amido contido nas células em açúcar. A utilização de certas plantas de consumo humano na verdade não aumenta muito devido a essa formação de açúcar, para tanto servem de ótimo exemplo as batatas que se tornam doces por causa da exposição ao frio. Porém, existem igualmente casos em que exatamente o nível de açúcar de uma planta ou fruta, provocado pela exposição ao frio, torna-as úteis ao consumo, como, por exemplo, as frutas silvestres. Deixar essas frutas nos arbustos até que leves geadas ocorram provoca logo a produção de tanto açúcar que seu sabor se transforma e melhora

consideravelmente. O mesmo se aplica aos frutos da roseira brava.

Que importa se dois remadores de Berlim se afogaram no Danúbio ou se Nungesser, o aviador francês, caiu com seu “Pássaro Branco” na Irlanda. O que apregoam eles na rua, compra-se o jornal por dez pfennigs, joga-se fora, larga-se em qualquer lugar. Querem linchar o primeiro-ministro húngaro por ter atropelado um jovem camponês com seu carro. Se o tivessem linchado, a manchete diria: “Linchamento do primeiro-ministro húngaro perto da cidade de Kaposvar”, isso teria aumentado a gritaria, as pessoas cultas teriam lido lancha ao invés de linchar e teriam rido, os 80% restantes teriam dito: que pena, por tão pouco e, sendo assim, não me importa, a gente deveria fazer isso por aqui também.

Ri-se muito em Berlim. Junto à confeitaria Dobrin, na esquina da Kaiser- Wilhelm-Strasse, três pessoas estão sentadas em volta de uma mesa, um gordão, um cara divertido e sua pequena, uma coisinha fofa, se ao menos não soltasse gritinhos quando ri, e ainda outro sujeito, é seu amigo, esse não está com nada, o gordo paga sua despesa, só se limita a ouvir e a rir acompanhando os outros. São pessoas bem situadas. A puta

gorducha a cada cinco minutos dá beijocas na boca de seu ricaço e grita: “Cada ideia que tem o homem!”. Depois ele lhe lambe o pescoço, isso dura bons dois minutos. O que o outro, que só fica olhando, pensa disso, não interessa a ela. O ricaço conta: “Então ela diz a ele: o que o senhor fez comigo agora? Ela diz a ele: o que o senhor fez agora? Em terceiro lugar, poderia ainda dizer: bingo!”. O

acompanhante sorri amarelo: “Você é mesmo um sujeito safado”. O ricaço, divertido: “Não tão safado quanto você é tonto”. Tomam um caldo, o gordo continua a contar.

“Chega um pescador num lago, lá está uma mocinha sentada, diz a ela: ‘E então, senhorita Pescado, quando vamos pescar juntos?’. Diz ela: ‘Meu nome não é Pescado, meu nome é Cópula’. ‘Ora, tanto melhor.’” Os três explodem de rir. O gordo explica: “Lá em casa hoje tem mistura para o jantar”. A puta: “Cada ideia que o homem tem!”.

“Ouça, conhece esta? Diz uma senhorita: ‘Diga-me, o que quer dizer preâmbulo?’. ‘Preâmbulo? O que se faz antes de começar!’ ‘Viu’, diz ela,

‘nem imaginava que era coisa boa! Hihih!’” Tudo está delicioso, alegre, a senhorita precisa ir seis vezes ao toalete. “Então a

galinha disse para o gaaalo, ah, me deixa também galar uma vez. Seu garçom, a conta, pago três conhaques, dois sanduíches de presunto, três caldos com três solas de sapato.” “Solas de sapato, aquilo eram torradas.” “Então, o senhor diz torradas, e eu digo solas. Não tem mais trocado? É que lá em casa tem um bebê no berço, enfio-lhe sempre as moedas na boca para ele chupar. Pronto. Então, ratinha, venha. A hora do riso acabou, agora até o caixa, depois para Kassel.”

Muitas mulheres e moças também andam pela Alexanderstrasse e pela praça, carregam um feto na barriga que está protegido por lei. E enquanto lá fora as mulheres e as moças transpiram com o calor, o feto está calmamente sentado em seu canto, em torno dele a temperatura está correta, agradável. Ele passeia pela Alexanderplatz, mas muitos fetos não passarão bem mais tarde, ele que não se ria cedo demais.

Outras pessoas caminham por lá, roubam onde houver oportunidade, alguns têm a barriga cheia, outros matutam como enchê-la. A loja Hahn está muito devagar, de resto, todas as lojas estão a pleno vapor, mas só são negócios na aparência, de fato, só se ouvem gritos, convites sedutores, trinados, piu piu, gorjeios sem bosque.

--

E voltei-me e vi injustiça em tudo o que acontecia sob o sol e vede, eram as lágrimas daqueles que tinham sofrido tanta injustiça, sem ninguém que os consolasse, e os que cometeram atos injustos contra eles eram poderosos demais. Então louvei os mortos que já tinham morrido.

Louvei os mortos. Cada coisa tem seu tempo, costurar e rasgar, guardar e jogar fora. Louvei os mortos que jazem sob as árvores e que dormem.

--

E Eva se esgueira outra vez para junto dele: “Franz, afinal de contas, não quer fazer alguma coisa? Já se passaram três semanas, sabe, se você fosse meu e se preocupasse tão pouco.” “Não posso dizer a ninguém, Eva, você sabe e o Herbert e também o funileiro, mais ninguém. Não posso dizer a ninguém, iam rir de mim. E prestar queixa também não dá. Se não tiver outra coisa para me oferecer, Eva, então deixe para lá. Eu também - vou - trabalhar de novo.” “E você não está nem um pouco aflito,

nenhuma lágrima – homem, poderia chacoalhar você, não posso fazer nada.” “Eu também não.”

Entra água na história, os criminosos se desentendem

No começo de outubro, ocorre no bando o desentendimento tão temido por Pums. Dinheiro é o motivo. Pums considera como sempre a venda das mercadorias a coisa principal do bando, Reinhold e outros, Franz

entre eles, o ganho. É de acordo com isso que se deve determinar a divisão, e não de acordo com as vendas, a toda hora culpam Pums de lucro próprio demasiado alto, o homem faz mau uso de seu monopólio em seus contatos com os receptadores, os receptadores confiáveis não querem tratar com ninguém a não ser com Pums. O bando conclui, embora Pums faça concessões e admita qualquer fiscalização possível: algo tem de mudar. Eles são mais a favor de um empreendimento cooperativo. Ele diz: mas vocês já têm isso. Mas eles não reconhecem.

Chega o assalto na Stralauer Strasse. Embora Pums não possa mais trabalhar ativamente, o homem participa da ação. Trata-se de uma fábrica de ataduras, na Stralauer Strasse, prédio

no pátio interno. Colheram informações, há valores em dinheiro no cofre do escritório particular. Vai ser um golpe contra Pums: nada de mercadorias, só dinheiro. Na partilha do dinheiro decerto não haverá tramoia. Por isso, o próprio Pums se liga na coisa. Sobem em dois pela escada de incêndio, desatarraxam calmamente a fechadura da porta da frente do escritório. O funileiro dá início ao trabalho. Todos os armários do escritório são arrombados, só há uns poucos marcos espalhados, selos, dois recipientes de gasolina no corredor, pode-se precisar. Depois aguardam o trabalho de Karl, o funileiro. Logo a ele tem que acontecer de queimar a mão no maçarico ao tentar abrir o cofre, não pode mais fazer nada. Reinhold tenta, mas não tem prática, Pums toma-lhe o maçarico da mão, também não dá certo. A coisa está ficando crítica. Vão ter de interromper, o guarda vai aparecer logo.

Cheios de raiva, pegam os recipientes de gasolina, despejam o combustível

sobre todos os móveis, também sobre o desgraçado do cofre, acendem fósforos. Pums vai se sentir triunfante, não? Mas não lhe dão esse prazer. É só jogar o fósforo um pouquinho mais cedo, chamuscar Pums um bocadinho, isso eles podem fazer! O cara não tem nada a fazer por aqui. O fogo lhe queima as costas inteiras, saem correndo pela escada, gritam: “Guarda”, Pums

ainda consegue entrar no carro no último instante. O sujeito aprendeu uma lição dessa história, que tal, hein? Mas onde arranjar dinheiro.

Pums pode rir à vontade. Mercadorias são e continuarão sendo sempre a melhor coisa. É preciso ser especialista. Fazer o quê. Pums é desacreditado, acusado como explorador, como empresário, vigarista. Mas não dá para saber, caso a gente leve as coisas longe demais, ele vai acabar com seus contatos e formar um novo bando. Na associação esportiva, na quinta-feira, ele explicará, faço o que posso, se vocês quiserem, posso apresentar contas por escrito, pois bem, não se pode provar nada contra ele, e se não queremos participar, é o que o pessoal da associação dirá, não temos nada com isso, o homem faz o que pode, e mesmo que sobre um pouquinho a mais para ele, não façam cenas, em compensação vocês têm suas garotas que ganham, e ele só tem a velha dele e essa merda toda. Portanto, vamos continuar a nos esfalfar com ele, um explorador desgraçado e um empresário.

Sobre o funileiro, que falhou na Stralauer Strasse, e ficaram todos a ver navios, sobre ele descarregam toda a raiva. Não precisamos

de um cara que trabalha tão mal. Queimou a mão, dá uma de sabichão, sempre trabalhou bem e agora só ouve reclamações.

Fazem de mim o que querem, pensa, cheio de amargura. Enganaram-me no negócio que eu tinha; bebo um pouco e logo minha mulher começa a gritar, e, quando chega o dia 31 de dezembro e volto para casa, quem está lá? A sem-vergonha. Só chega às sete, dormiu com um outro cara e me traiu. Agora não tenho mais nem o negócio nem a mulher. E a história com a pequena Mieze, que cachorro, o Reinhold. Era minha, não queria ir com ele, foi comigo até a festa, percorremos a alameda, ela sabe beijar, e ele a tomou de mim porque sou um pobre-diabo. E que cachorro, depois ele acabou com ela, assassino, porque ela não queria nada com ele, e agora banca o gostosão, e sou eu quem queimo a mão, até ajudei o cara a carregar o corpo. É um tipo da pesada, um verdadeiro assassino. E ia preferir que eu assumisse toda a história sozinho, que patife. Sou uma besta mesmo.

Tomem cuidado com o funileiro Karl, alguma coisa está acontecendo dentro dele

O funileiro Karl fica à procura de alguém com quem falar. Está sentado no Alexanderquelle defronte ao Tietz, dois educandos da assistência social estão ao lado dele e mais um outro, sobre o qual

não se sabe nada, diz ele que se mete em diversos negócios, o que calhar, mas aprendeu a fabricar seges, carruagens. Sabe desenhar bem, ficam sentados juntos à mesa, comem salsichão, o jovem segeiro desenha em seu caderno um monte de desenhos assanhados, mulheres e homens e coisas do gênero. Os meninos se divertem à beça, o funileiro Karl lança um olhar sobre os desenhos e pensa que o rapaz sabe desenhar muito bem. Os três caras riem sem parar, os dois alunos estão eufóricos, é que estiveram há pouco na Rückerstrasse, lá havia recrutamento, e conseguiram se safar pelos fundos. Então o funileiro Karl vai até o balcão.

Dois homens caminham agora lentamente pelo estabelecimento, olham para a direita e para a esquerda, falam com um sujeito, este pega os documentos do bolso, eles os examinam, dizem algumas palavras e logo os dois homens chegam à mesa dos três, que levam um susto, não se mexem nem dizem um pio. O melhor é continuar a conversar calmamente, sem dúvida são tiras, são os mesmos do boteco da Rücker, eles nos viram. E o segeiro desenha como se nada estivesse ocorrendo, continua seus desenhos obscenos, e logo um dos tiras lhe diz baixinho: “Polícia”, abre o paletó, o distintivo de metal pregado no colete. Ao lado, o outro junto aos dois rapazes faz o mesmo. Eles não têm documento, o segeiro tem um atestado médico e uma carta de uma garota,

todos os três têm que acompanhá-los à delegacia da Kaiser-Wilhelm-Strasse. Lá, os rapazes logo dizem o que andaram fazendo, ficam boquiabertos quando os tiras afirmam não tê-los visto na Rückerstrasse, só foi uma coincidência tê-los encontrado no boteco Alexanderquelle. Pois então, melhor teria sido não ter dito que nós escapamos de lá, todos acham graça. O tira lhes dá tapinhas nas costas: “O diretor vai ficar muito contente quando vocês voltarem”. “Ah, ele está de férias.” O segeiro está na sala da delegacia com os policiais, ele pode dar boas desculpas, o endereço dele confere, só que tem mãos lisas demais para um segeiro, um dos tiras não se dá por satisfeito, o outro não para de revirar as mãos de um lado para o outro, mas não consegui trabalho um ano inteiro, devo dizer o que penso do senhor, acho que é uma bicha, um veado, nem sei o que é isso.

E uma hora depois volta a entrar no boteco. O funileiro Karl ainda está à toa na mesa, o outro logo se aboleta perto dele.

“Do que você vive?” É meio-dia quando Karl começa o interrogatório. “Do quê. E você, o que faz?” “A gente faz o que arranja por aí.” “Você não confia em me dizer alguma coisa?” “Ora, segeiro é que você não é.” “Tanto quanto

você é funileiro, é assim que sou segeiro.” “Não diga isso. Olhe minha mão, queimada, faço até serviços de serralheiro.” “Foi aí que você queimou os dedos, nesse negócio, não?” “Negócio! Não saiu nada para mim.” “Com quem você trabalha?” “Que gozador, quer espremer coisas de mim?” Karl pergunta ao outro: “Faz parte de alguma associação?”. “Bairro de Schönhauser.” “Ah, no clube de boliche.” “Você conhece.” “E não vou conhecer o clube de boliche. Pergunte lá se eles não me conhecem, funileiro Karl, o pedreiro Paule ainda está por lá?” “E como, o que está me dizendo, você conhece o Paule, é meu amigo.” “Estivemos juntos em Brandenburg.” “Certo. Pois é. Escute, poderia me dar uns cinco marcos, não tenho um tostão, senão a senhoria me põe para fora, e para o albergue August não vou, clima pesado.” “Cinco marcos, tudo bem. Se for só isso.” “Obrigado. E então, que tal uma conversinha sobre negócios?”

O segeiro é um cabeça de vento, ora se mete com mulheres, ora com rapazes. Quando está com a água pelo pescoço, pede emprestado ou rouba. Ele, o funileiro e mais um outro da associação de Schönhauser formam um bando por conta própria, mãos à obra e armam uns golpes. Um sujeito da associação do segeiro dá dicas de onde tirar algum proveito. Primeiro roubam motocicletas, assim têm liberdade de movimento e podem dar

uma olhada nos arredores. E não se fica limitado a Berlim, caso haja algum plano em mente e uma oportunidade lá fora.

Um dos golpes que tramam é muito divertido. Na Elsasser Strasse localiza-se uma loja de confecções e na associação há alguns alfaiates, que podem acomodar as coisas muito bem. E quando três deles estão diante da loja, o relógio marca três da madrugada, lá está também o guarda e observa seu prédio. Pergunta o segeiro, então, o que acontece na loja, os outros entram na conversa, o assunto de roubos vem à baila, e agora é uma época perigosa, muitos fregueses andam de revólver no bolso e, quando se dá de cara com eles, saem atirando. Ora, dizem os três, a gente nem se meteria numa coisa dessas; mas afinal de contas; há algo que se aproveite naquela loja de confecções? Claro, está cheia de coisas, roupas masculinas, casacos, o que quiserem. Ora, seria bom dar uma olhada lá em cima e se embonecar um pouco. “Vocês devem estar malucos, não vão causar problemas ao homem.” “Problemas, quem está falando de problemas? Afinal, o prezado vizinho também é um ser humano, não deve ter a vida tão fácil, o que eles pagam para você por esse serviço de segurança aqui, colega?” “Eles, sabe, nem é bom perguntar. Quando se chega aos sessenta e se ganha uns trocados de aposentadoria sem conseguir mais nada, então

eles podem fazer o que querem com a gente.” “É o que estou dizendo, o velho aqui fica de vigia de madrugada, pega reumatismo, esteve também na guerra, não?” “Convocação para a Polônia, mas nada de cavar, acredite o senhor, tivemos de ficar nas trincheiras.” “Nem precisa me dizer. Conosco também foi assim, direto nas trincheiras, todo mundo, os que ainda tinham a cabeça grudada no pescoço, é por isso que você está aqui, colega, e preste atenção para que ninguém roube nada do cavaleiro lá de cima. O que acha, vizinho, vamos fazer alguma coisa? O que vai resolver, vizinho?” “Não, não, tenho muito medo, ali do lado é a casa do cavaleiro, se ele ouvir alguma coisa, tem um sono muito leve.” “Vamos ficar quietinhos, fique tranquilo. Venha, vamos tomar um café com você, deve ter um fogãozinho, conversamos um pouco. Vai querer se preocupar com aquele ali, um porco gordo desses.”

E, de fato, mais tarde, todos ficam sentados com o guarda no escritório, tomam café, o segeiro é o mais esperto, conversa baixinho com o guarda, no ínterim os dois outros se esgueiram para algum lugar, ajuntam algumas coisas. O guarda sempre faz menção de se levantar, precisa fazer a ronda, não quer saber nada do que está acontecendo, por fim, o segeiro afirma: “Deixe os dois fazerem o que quiserem, se você não percebeu nada, ninguém vai apontar o dedo para você”. “O que quer dizer: não

percebeu nada.” “Sabe o que vamos fazer: vou amarrar você, você foi atacado, já é um homem idoso, como vai poder se defender, se eu jogar agora um pano em cima de você, antes de dar pela coisa, tem uma mordança entre os dentes e as pernas amarradas.” “Ora essa.” “Pois é, nada de cenas, vai querer levar uma cacetada na cabeça por causa de um ricaço desses, um porco gordo? Venha, vamos acabar de tomar o café e depois de amanhã acertamos as contas, onde você mora, escreva aqui, tudo dividido como se deve, palavra de honra.” “Quanto vai render isso?” “Depende do que eles conseguirem, com certeza você leva cem marcos.” “Duzentos.” “Feito.” Então fumam, esvaziam o bule, depois ajuntam tudo, agora só um carro seguro, o funileiro telefona, têm sorte, meia hora depois o carro roubado está diante da porta.

Depois vem a parte divertida: o velho guarda senta-se em sua cadeira de braços, o segeiro pega o fio de cobre e amarra-lhe as pernas, mas não muito apertado. O homem sofre de varizes, é muito sensível ali embaixo. Envolve-lhe os braços com cabo de telefone, e agora começam os três a gozar do velho, quanto ele quer ganhar, quem sabe trezentos ou 350. Pegam então duas calças de menino e um casaco de verão bem grosso. Amarram o guarda na cadeira com as calças, ele diz que já é suficiente. Mas debocham dele ainda mais, ele se defende, leva então uns tabefes

na cara, e antes de poder gritar, já tem o casaco por cima da cabeça e por precaução uma toalha amarrada no peito.

Carregam a mercadoria para o carro. O segeiro escreve dois cartazes de

papelão: “Cuidado! Recém-amarrado!”. Pendura-os na frente e atrás. E se mandam. Nunca arranjam dinheiro de maneira tão fácil.

Mas o guarda está apavorado, espuma de raiva em suas amarras. Como se safaram daqui e ainda deixaram as portas abertas, qualquer um também pode entrar e roubar. Não consegue soltar as mãos, mas o arame das pernas se desamarra, se ao menos pudesse enxergar alguma coisa. O velho então se curva e avança a passos pequenos, a cadeira atrás de si, às costas, como um caracol com sua concha, marcha às cegas pelo escritório, as mãos presas junto ao corpo, não consegue movê-las, tampouco consegue se livrar do casaco grosso sobre a cabeça. Então vai cabeceando até a porta, mas não passa pela porta, agora fica fulo de raiva, dá uns passos para trás e investe contra a porta com a cadeira para frente e para o lado. A cadeira não se solta, mas a porta estoura, ecoando pelo prédio silencioso. E o guarda cego continua a avançar e a recuar, batendo e golpeando a porta, alguém tem de aparecer, quer enxergar alguma coisa, aqueles cachorros vão ver, preciso me livrar do casaco, grita por socorro,

mas o casaco continua cobrindo-lhe o rosto. Nem leva dois minutos e o senhor proprietário acorda. Chega gente também do segundo andar. O velho inclina-se então para trás e senta-se em sua cadeira, pende torto, desmaiado. E o barulho, então, houve um assalto, amarraram o homem, por que empregar um velho desses, querem economizar, poupam do lado errado.

E a euforia do pequeno bando.

Criatura, por acaso precisamos de Pums e de Reinhold e de toda aquela arreliação.

Mas chega o momento crítico e de maneira bem diferente do que imaginam.

Chega o momento crítico, o funileiro Karl é apanhado e desembucha

No boteco da Prenzlauer Strasse, Reinhold se aproxima do funileiro e exige que ele vá até o bando; procuraram um serralheiro, mas não acharam nenhum. Karl deve ir até lá. Vão para a sala dos fundos, Reinhold diz: “Por que não quer ir? Afinal

de contas, o que anda fazendo? Já ouvimos falar da história”.
“Porque não me deixo aporrinhar por vocês.” “É que você arranhou outra coisa.” “Não é da sua conta o que arranhei.” “O que vejo é que você tem dinheiro, primeiro você trabalha com a gente, ganha dinheiro, e depois adeusinho para vocês, assim não dá.” “O que quer dizer assim não dá! Primeiro vocês esbravejam que não sei fazer nada e agora

dizem: o Karl precisa vir.” “Precisa mesmo, não temos ninguém, ou então devolva o dinheiro das vezes em que participou conosco. Não precisamos de gente que só faz bico.” “Vão ter de arrancar o dinheiro de mim, Reinhold, não tenho mais nada.” “Então vai ter de vir junto com a gente.” “Não vou fazer isso e já disse isso a você.” “Karl, você sabe que vamos quebrar todos os seus ossos, um por um, deixar você morrer de fome.” “Muito engraçado. Deve ter um parafuso a menos. Deve achar que sou uma besta qualquer com quem podem fazer o que quiser.” “Ora, ora, homem. Agora então vou indo. Se é uma besta ou não, não me interessa. Pense na coisa. Vamos voltar ao assunto.” “Muito bem.” Existe uma ceifeira.

Reinhold pondera com os outros sobre o que se pode fazer. Sem serralheiro, estão sem chance e, no entanto, a temporada está muito favorável, Reinhold recebeu encomendas de dois receptadores, conseguiu surrupiá-los de Pums com sucesso. Todos

concordam, é preciso dar um aperto no funileiro Karl, é um vigarista, vai ser expulso da associação, eventualmente.

O funileiro percebe que algo está sendo tramado contra ele. Procura Franz, que agora fica muito em casa, quer que Franz lhe revele alguma coisa ou o ajude. Franz diz: “Primeiro você nos passa a perna lá na Stralauer Strasse e, em seguida, larga a mão da gente, então agora pare com isso”. “Porque não quero mais saber do Reinhold. É um cachorro, você nem sabe.” “Ele é bom.” “Você é um paspalho, não sabe nada do que acontece no mundo, não tem olhos para enxergar.” “Não me encha a cabeça, Karl, o que tenho dentro dela já me basta, queremos trabalhar e você nos deixa na mão. E tome cuidado, é o que digo, as coisas vão se encrespar para o seu lado.” “Da parte de Reinhold? Olhe como dou risada! Como arreganho a boca. Minha barriga sacode. Sou tão forte quanto ele. Ele acha que sou uma besta, prefiro não dizer nada. Ele que venha.” “Suma daqui, mas digo a você, tome cuidado.”

E então quis o acaso que o funileiro fosse fazer um servicinho dois dias depois com dois colegas na Friedenstrasse e fosse apanhado. O segeiro também é preso, só o terceiro que estava de tocaia está em segurança. No distrito, logo descobrem que Karl

participou do arrombamento da Elsasser Strasse, há digitais suficientes nas xícaras de café.

—

Por que fui apanhado, pensa Karl, como foi que os tiras descobriram? Foi o cachorro do Reinhold, foi ele quem lhes deu a dica! Que raiva! Porque não fui atrás dele. O cachorro quer me tirar do jogo, que patife, armou uma armadilha para nós. Que patife desgraçado, nunca se viu uma coisa dessas. Manda uma mensagem para o segeiro, a culpa é do Reinhold, ele nos trapaceou, estava

metido nisso. No corredor, o segeiro acena com a cabeça. Karl pede para comparecer diante do juiz de instrução e ainda no distrito diz: “Reinhold estava junto, safou-se antes”.

Prontamente à tarde Reinhold é detido. Nega tudo, pode comprovar com seu álibi. Fica pálido de raiva quando vê os outros dois diante do juiz e os confronta, e os cachorros declaram que ele participou também do arrombamento da loja de confecções. O juiz ouve o que têm a dizer, olha os rostos, a coisa toda parece suja, sentem raiva uns dos outros. Pois bem, dois dias depois se

descobre que o álibi de Reinhold confere, ele é cafetão, mas nada tem a ver com a coisa.

É começo de outubro.

Reinhold é posto de novo em liberdade, os tiras sabem que a ficha dele não é muito limpa e pretendem dobrar a vigilância. Os dois, o segeiro e Karl, recebem um sermão do juiz para que não inventem mais histórias aqui, Reinhold comprovou seu álibi. Diante disso, os dois calam a boca.

Karl está em sua cela e espuma de raiva. Seu cunhado, irmão da ex-mulher, com quem se dá bem, vem visitá-lo. Através dele, consegue um advogado, ele faz questão de ter um advogado, alguém competente em questões penais. Pergunta-lhe, depois de tê-lo sondado um bocadinho, se ele entende do assunto, pergunta-lhe o que acontece quando se ajuda a enterrar um morto. “Como assim, qual o motivo?” “No caso de a gente encontrar alguém que está morto e enterrá-lo.” “Talvez alguém que vocês queiram ocultar, que levou um tiro da polícia, é isso?” “Pois é, seja como for, alguém que a gente mesmo não matou, e não quer que ele seja encontrado. O que pode acontecer com a gente nesse caso?” “Ora, o senhor conhecia o morto, há alguma

vantagem em tê-lo enterrado?” “Vantagem nenhuma, por amizade, foi só ajuda, estava lá estendido, morto, a gente não quer que seja encontrado.” “Encontrado pela polícia? Na verdade, isso só é ocultação. Mas como ele foi morto?” “Não sei. Não estava lá. Só estou comentando o caso de outra pessoa. Também não ajudei em nada. Nem sabia de nada, absolutamente nada. Estava lá estendido, morto. E então disseram, ajude aqui, vamos enterrar.” “Quem lhe disse isso?” “Enterrar? Ora, um cara qualquer. Só quero saber o que pode acontecer comigo. Cometi algum crime por ter ajudado a enterrar?” “Bem, bem, assim como está me relatando, de fato, não, ou não muito. Se o senhor não teve participação ou não tinha interesse algum na coisa. Mas por que o senhor ajudou a fazer isso?” “Só ajudei a carregar, é o que disse, por amizade, mas não importa, de qualquer modo não tomei parte nem tinha interesse algum se ia ser descoberto ou não.” “Foi talvez um tipo de ajuste de contas entre vocês do grupo?” “Pois é.” “Deus do céu, Deus do céu, largue a mão disso. Continuo sem entender o que o senhor quer.” “Está bem, senhor advogado, já sei o que queria saber.” “Não quer me contar a história mais detalhadamente?” “Vou pensar no assunto.”

E o funileiro Karl fica deitado à noite em sua cama, quer dormir e dormir e não consegue e revira as coisas na cabeça: sou o maior

palerma do mundo, quis acusar Reinhold e agora ele já deve ter percebido alguma coisa, nem está mais aqui, pernas para que te quero. Sou um palerma. Um pilantra, um patife, me deixa ir à breca, mas digo uma coisa, ainda pego o cara.

E a noite não quer passar para Karl, quando é que vai fazer bum pela primeira vez, a mim nada importa, não vai dar em nada a história de só prestar ajuda e enterrar, quando muito alguns meses, o outro vai levar prisão perpétua, não vai sair mais, isso se não lhe cortarem a cabeça. Quando vai chegar o juiz de instrução, que horas serão, nesse meio-tempo, Reinhold está sentado no trem, em fuga. Nunca houve um pilantra assim, no entanto, Biberkopf, que vai viver com um braço só, é amigo dele, e tratam tão mal os inválidos de guerra.

Então começa o movimento no prédio panorâmico, logo Karl estende para fora o sinalizador, às onze horas, ele está junto ao juiz. Ora, que cara ele faz. “O senhor está mesmo com fixação por ele. É a segunda vez que o senhor o denuncia na maior felicidade. Tomara que não se dê mal, homem.” Mas Karl então presta declarações tão precisas que à hora do almoço chega um carro, o próprio juiz de instrução entra no veículo, mais dois fortes

delegados, Karl no meio deles, as mãos algemadas. Rumam para Freienwalde.

—

Seguem pelos velhos caminhos. É bom andar de carro. Maldição, se ao menos a gente soubesse como sair do carro. Os cachorros algemaram a gente, não há o que fazer. Também levam revólveres. Nada a fazer, nada a fazer. Andar, andar, a estrada passa chispando. Dou-lhe 180 dias de presente, Mieze, no meu colo, uma menina doce, é um patife, o Reinhold, pisa até nos mortos, espere só, rapaz. Pensar mais uma vez em Mieze, ainda vou morder sua língua, ela sabe beijar, para onde estamos indo, para a direita ou para a esquerda, tanto faz, uma menina tão doce.

Sobem a colina, chegam ao bosque.

A agradável Freienwalde, é uma estação de águas, um pequeno balneário. Voltaram a cuidar dos jardins termais espalhando cascalho amarelo, lá atrás é o restaurante com terraço, lá estivemos os três. No Tirol e na Suíça é uma

delícia, sim é uma delícia, pois no Tirol há leite morno da vaquinha, e na Suíça uma donzela formosinha, hurra. E ele então saiu correndo com ela, sumi do pedaço por uns trocados, vender a pobre moça para um pilantra desses, por causa dele estou preso agora.

Está aqui o bosque, outonal, ensolarado, as copas não se movimentam. “Precisamos caminhar por aqui, ele tinha uma lanterna, não é fácil de achar, mas se vir o lugar vou logo reconhecer, era uma clareira e havia um pinheiro bem inclinado, depois uma vala no terreno.” “Há muitas valas por aqui.” “Espere só, senhor comissário. Já fomos longe demais, eram só uns 20 ou 25 minutos do restaurante. Não era tão longe.” “O senhor disse que saiu correndo.” “Mas só no bosque, não na estrada, é lógico, chamaria a atenção.”

Aparece então a clareira, o pinheiro torto está lá, tudo ainda está como naquele dia. Sou sua, o coração arrebatado, olhos arrebatados, boca arrebatada, vamos caminhar mais um trequinho, não aperte tanto. “Aqui está o pinheiro negro, certo.”

Homens vieram cavalgando pela região, montavam pequenos cavalos castanhos, vinham de muito longe. Perguntavam sempre

onde era o caminho até que chegaram à água, ao grande lago, e apearam. Prenderam os cavalos a um carvalho, fizeram orações à água, atiraram-se ao chão, depois pegaram um barco e foram para a água. Cantaram para o lago, falavam para o lago. Não queriam procurar tesouro algum no lago, só queriam reverenciar o grande lago, um de seus chefes jazia lá no fundo. Por isso, por isso, esses homens.

Os policiais haviam trazido pás, o funileiro Karl circulava por ali e lhes mostrou o lugar. Enfiaram as pás na terra e, tão logo o fizeram, o solo se mostrou fofo, enterraram as pás mais fundo, atirando a terra para cima, o solo está revirado, havia pinhas bem no fundo, o funileiro Karl está ali parado, olhando, olhando e esperando. Lá está, lá estava de fato, lá haviam enterrado a moça. “Mas qual era a profundidade?” “Uns 25 centímetros, não mais.” “Já deveríamos ter achado.” “Mas era aqui, continuem a cavar.” “Cavar, cavar, mas não há nada aqui!” A terra está revirada, desenterram grama verde do fundo, alguém andou cavando aqui ontem ou ainda hoje. Mas ela devia aparecer, ele ainda tapa o nariz com a manga, ela já deve ter apodrecido toda, quantos meses faz, e também andou chovendo. O policial que está cavando embaixo pergunta: “Que roupa ela vestia?”. “Uma saia escura, blusa cor-de-rosa.” “De seda?” “Talvez, mas rosa-claro.” “Assim?” E um dos homens exhibe uma tira de renda na

mão, suja de terra, a tira está enlameada, mas é cor-de-rosa. Mostra ao juiz: “Talvez da manga”. Continuam a cavar. Está claro: aqui havia algo. Ontem ou talvez hoje, alguém andou cavando aqui.

Karl está lá parado, então é isso, ele farejou perigo, talvez a tenha jogado na água em algum lugar, que tipo. Ao lado, o juiz conversa com o comissário, a conversa dura bastante, o comissário faz anotações. Voltam então os três para o carro; outro homem fica no local.

O juiz pergunta a Karl enquanto se dirigem ao carro: “Então, quando o senhor chegou, a moça já estava morta?”. “Sim.” “Como vai provar isso?” “Por quê?” “Ora, e se Reinhold disser que o senhor a matou ou que ajudou a matá-la?” “Só ajudei a carregar. Por que haveria de matar a moça?” “Pelo mesmo motivo que ele a matou ou teria matado.” “Mas eu nem estive junto com ela à noite.” “Mas à tarde, sim.” “Mas não depois. Ela ainda estava viva então.” “Vai ser um alibi difícil.”

No carro, o juiz pergunta a Karl: “Onde esteve na noite ou na madrugada após a história com Reinhold?”. Maldição, pois bem, vou falar. “Estive viajando, ele me deu um passaporte, fiquei longe, assim, se fosse descoberto, eu poderia comprovar

meu álibi.” “Curioso. E por que o senhor faz isso, que coisa formidável, eram tão amigos assim?” “Também. Sou um pobre-diabo e ele me deu dinheiro.” “E agora ele não é mais seu amigo ou ele não tem mais dinheiro?” “Meu amigo, ele? Não, senhor juiz. O senhor bem sabe porque estou preso, por causa da história do guarda e coisa assim. Ele me dedurou.”

O juiz e o comissário olham um para o outro, o carro dispara, afunda em buracos no caminho, dá solavancos, a alameda passa voando, foi por aqui que passei com ele, dou-lhe 180 dias de presente. “Algo deve ter acontecido entre vocês, a amizade se rompeu?” “Sim, como às vezes acontece [esse aí está querendo me sondar, não, nessa não caio, alto lá, estou sabendo]. É o seguinte, senhor juiz: o Reinhold é um cara enfezado e também queria me despachar.” “Ora, e ele tentou alguma coisa contra o senhor?” “Não. Mas deu a entender.” “Mais nada?” “Não.” “Então vamos ver.”

—

O cadáver de Mieke é encontrado dois dias depois a um quilômetro de distância da depressão do terreno, no mesmo bosque. Assim que os jornais trazem a notícia do caso,

apresentam-se dois ajudantes de jardineiro que viram um homem sozinho carregando uma mala muito pesada pelo bosque da região. Os dois comentaram sobre o que o homem estaria carregando, depois o homem parou para tomar fôlego e sentou-se na vala. Quando retornaram, depois de meia hora, o homem ainda estava lá, em mangas de camisa. Não viram a mala, talvez estivesse embaixo. Descrevem mais ou menos o homem, altura, cerca de 1,75 m, ombros muito largos, chapéu-coco preto, terno de verão cinza-claro, casaco sal-e-pimenta, arrasta as pernas como se não

estivesse bem de saúde, testa alta com rugas enviesadas. Na região apontada pelos dois ajudantes, há muitas valas no solo, os cães policiais não conseguem muita coisa, e todas as valas são conferidas. Numa delas, já após algumas tentativas com a pá, encontram uma caixa grande de papelão marrom, amarrada com barbante. Quando os comissários a abrem, lá estão depositadas peças de roupas femininas, uma camisa rasgada, longas meias claras, um vestido marrom de lã velho, lenços sujos, duas escovas de dentes. A caixa está úmida, mas não totalmente molhada; tudo aquilo parece não estar ali há muito tempo. Incompreensível. A morta tinha uma blusa cor-de-rosa.

E pouco depois encontram numa outra vala a mala, o cadáver está dentro em posição sentada. Está bem amarrado com

cordões de persianas. À noite, circulam informações em todas as delegacias, distritos policiais de fora, descrições do presumível criminoso, e assim por diante.

—

Na ocasião, quando foi interrogado no distrito, Reinhold logo percebeu de que lado sopra o vento. E ainda envolve Franz na história. Por que não poderia ter sido ele? O que o funileiro Karl pode provar? Que alguém tenha me visto em Freienwalde é duvidoso. Talvez alguém tenha me visto no restaurante, no caminho, não importa, vale a pena tentar, Franz tem de sumir, vai parecer que ele está metido na história.

Logo à tarde, ao sair do distrito, Reinhold vai à casa de Franz, o funileiro Karl vai nos dedurar, é bom que você desapareça. E em quinze minutos Franz arruma a mala, Reinhold o ajuda, os dois rogam pragas a Karl, Eva então abriga Franz na casa de Toni, uma velha amiga de Wilmersdorf. Reinhold vai junto no carro até Wilmersdorf, juntos compram malas, Reinhold quer ir para o exterior, precisa de uma mala enorme, primeiro quer um baú, depois decide por um baú de madeira, o maior que puder

carregar, não confio em carregadores de bagagem, eles deduram a gente, vai receber meu endereço, Franz, lembranças a Eva.

O terrível acidente de Praga, 21 mortos já foram resgatados, 150 pessoas soterradas. Este monte de escombros era há poucos minutos um prédio novo de sete andares, agora jazem ali debaixo ainda muitos mortos e feridos graves. Toda a construção de ferro e concreto pesando 800 mil quilos desabou sobre os dois andares subterrâneos. O guarda em serviço na rua avisou os transeuntes quando ouviu o barulho da construção. Sem pestanejar, pulou no vagão de um bonde que passava e ele mesmo puxou os freios. Tempestades violentas assolam o Atlântico. Neste momento, no oceano, um ciclone após o outro avança da América do Norte em sentido leste, enquanto os dois

anticiclones que se localizam na América Central e entre a Groenlândia e a Irlanda se mantêm estacionários. Os jornais já publicam artigos de página inteira sobre o “Graf Zeppelin” e seu voo iminente. Discorre-se minuciosamente sobre cada particularidade da construção do aeroplano, a personalidade do comandante e as perspectivas de sucesso da empreitada, e dedicam-se editoriais entusiasmados à competência alemã, assim como às façanhas dos dirigíveis Zeppelin. Não obstante toda a propaganda que se destina aos aviões, é de se supor que o dirigível representará o meio de locomoção aérea do futuro. Mas o

Zeppelin não levanta voo, o colaborador do construtor, Eckener, não quer expô-lo inutilmente ao perigo.

—

É aberta a mala em que Mieze está. Ela era filha de um condutor de bondes de Bernau. Eram três crianças na família, a mãe abandonou o marido e saiu de casa, por quê, não se sabe. Mieze ficou sozinha e precisou cuidar de tudo. Algumas vezes ia à noite a Berlim e frequentava os salões de baile, como o Lestmann ou o que fica em frente e, vez por outra, alguém a levava consigo até o hotel, então já era tarde demais e ela não se atreveu a voltar para casa, permaneceu em Berlim e encontrou Eva e assim foi.

Estiveram na delegacia da Stettiner Bahn. Uma vida agradável começou para Mieze, que primeiro se denominava Sonja, tinha muitos conhecidos e um ou outro namorado, mas depois ficou ligada a apenas um, era um homem forte, de um braço só, de quem Mieze aprendeu a gostar à primeira vista e manteve-se fiel a ele até seu fim. Um fim terrível, um fim triste se abateu sobre Mieze. Por quê, por quê, que mal fez ela, veio de Bernau para o turbilhão de Berlim, não era totalmente inocente, certamente não, mas tinha um amor profundo e inesgotável por aquele que era seu homem e de quem cuidava como se fosse uma criança. Foi

espancada por estar ali, por acaso, junto ao homem, e essa foi sua vida, difícil de imaginar. Foi para Freienwalde para proteger seu namorado, nisso foi estrangulada, estrangulada, acabou-se, liquidada, essa é a vida.

E então tiram impressões de seu pescoço e rosto e ela passa a ser apenas um caso de assassinato, um procedimento técnico como se fosse a instalação de um cabo de telefone, a esse ponto chegamos. Fazem um molde dela, pintam- no em cores naturais, enganosamente parecido, uma espécie de celuloide. E lá está Mieze, seu rosto e pescoço num arquivo de autos, venha, venha, logo estamos em casa, Aschinger, console-me, sou sua. Está atrás do vidro, seu rosto arreventado, seu coração arreventado, seu colo arreventado, seu sorriso arreventado, console-me, venha.

E voltei-me e vi toda a injustiça que acontecia sob o
sol

ranz, por que você está suspirando, Franzezinho, por que Eva precisa

Fchegar perto e perguntar o que você está pensando, sem obter resposta, e sempre precisa ir embora sem resposta, por que você está aturdido e se encolhe, encolhe, encolhe, cantinho, cortininha, e você só dá passos pequenos, pequeninos? Você conhece a vida, não nasceu ontem, você tem um faro para as coisas e percebe algo. Você nada vê, nada ouve, mas desconfia, você não se atreve a pôr os olhos ali, desvia o olhar, mas também não foge, para tanto você é decidido demais, cerrou os dentes, não é covarde, mas não sabe o que pode acontecer e se pode suportar, se seus ombros são bastante fortes para aguentar.

Quanto sofreu Jó, o homem da terra de Hus, até descobrir tudo, até que nada mais pudesse atingi-lo. De Sabá vieram inimigos e espancaram sua pastora até a morte, o fogo divino irrompeu do céu e queimou ovelhas e pastores, os caldeus mataram seus camelos e seus tropeiros, seus filhos e filhas estavam na casa do irmão mais velho, uma ventania foi enviada do deserto, derrubou os quatro cantos da casa e os rapazes foram mortos.

Isso já foi muito, mas não o bastante. Jó rasgou suas roupas, mordeu as mãos, despenteou os cabelos, cobriu-se de terra. Mas ainda não foi o bastante. Jó foi tomado por furúnculos, da sola do pé à coxa, ficou coberto de furúnculos, sentou-se na areia, o pus escorria pela perna, pegou um caco e esfregou em si.

Os amigos chegaram e o viram. Elifas de Teman, Bildad de Suás e Zopfar de Naamat vieram de longe para consolá-lo, gritaram e choraram de modo terrível, não reconheceram Jó, tão abatido estava Jó, que tivera sete filhos e três filhas e 7 mil ovelhas, 3 mil camelos, quinhentos jumentos, quinhentas jumentas e muitos servos.

Você não perdeu tanto quanto Jó de Hus, Franz Biberkopf, as coisas recaem lentamente sobre você. E passo a passo você vai chegando perto daquilo que lhe aconteceu, mil palavras você diz a si mesmo, você se adula, pois quer arriscar, está decidido a se aproximar, decidido ao máximo, mas, ai de você, realmente ao máximo? Isso não, oh, isso não. Você tenta se convencer, você ama a si mesmo: oh, venha, nada acontecerá, não podemos nos esquivar. Mas lá no íntimo você quer e não quer. Você suspira: onde buscar abrigo, a desgraça se abate sobre mim, onde me agarrar? Já se aproxima! Você se aproxima como um caramujo,

você não é covarde, não tem só músculos fortes, você é Franz Biberkopf, você é a cobra naja. Veja como ela serpenteia, centímetro por centímetro, contra o monstro que lá está e quer atacar.

Você não perderá riqueza, Franz, você mesmo será queimado até o fundo da alma! Veja como a prostituta já se regozija! A prostituta Babilônia! E veio um dos sete anjos que portavam os sete cálices e falou: vem, quero mostrar-te a grande Babilônia sentada à margem de muitas águas. E lá está sentada a fêmea sobre um animal escarlate, com um cálice dourado na mão, à testa um nome escrito, um segredo. A mulher está embriagada do sangue dos santos.

Agora você a percebe, sente-a. Você será forte, não se perderá?

No quarto claro e bonito da casa de verão da Wilmersdorfer Strasse, Franz

Biberkopf está sentado e espera.

A cobra naja serpenteia, jaz ao sol, aquece-se. É monótono e ele é forte e quer fazer algo, fica à toa, eles ainda não combinaram onde se encontrar, a gorducha Toni arranhou-lhe óculos escuros de aro de tartaruga, preciso arranjar uma nova roupa para mim, talvez até providencie uma cicatriz na face. Alguém ali atravessa o pátio correndo. Que pressa tem. Aqui comigo nada se atrasa. Se as pessoas não se apressassem tanto, viveriam o dobro e conseguiriam o triplo de coisas. Na Corrida dos Seis Dias, dá-se o mesmo, pedalam e pedalam, sempre com calma, as pessoas têm paciência, o leite não vai derramar, o público pode vaiar, o que entendem do assunto.

Ouve bater no corredor. Ora, por que não tocam a campainha. Que diabo, vou sair do quarto, só tem uma saída. Vou ficar à escuta.

Passo a passo você vai se esgueirando, você diz mil palavras boas a si mesmo, você se adula, você se seduz, está disposto ao máximo, não ao máximo dos máximos, ah, não ao máximo dos máximos.

Vou ficar à escuta. O que é isso. Essa eu conheço. Reconheço a voz. Gritos, choro, choro. Vamos ver. Horror, meu horror, em que você está pensando? Em cada coisa que se pensa. Essa eu conheço. Eva.

A porta se abre. Lá fora está Eva, a gorda Toni tem os braços ao redor dela. Choramingos, gemidos, o que há com a moça. Em cada coisa que se pensa, o que aconteceu, Mieke, grita, Reinhold deitado na cama. “Dia, Eva, ora, Eva, menina, mas o que há, controle-se, o que aconteceu, não há de ser tão grave assim.” “Largue-me.” Como grunhe, deve ter levado uns tapas, alguém lhe deu uns tabefes, espere aí. Deve ter dito alguma coisa ao Herbert, Herbert ficou sabendo da criança. “Ele bateu em você, o Herbert?” “Largue-me, não me toque, homem.” Que olhos arregalados. Agora ela não vai querer saber

nada de mim, mas foi ela quem quis. O que é isso, o que ela tem, logo virá gente, é bom trancar a porta. Toni está ali parada, faz de tudo para acalmar Eva: “Está bem, Eva, está bem, controle-se, diga o que há, entre aqui, onde está Herbert?”. “Não vou entrar, não vou entrar.” “Ora, venha, entre, vamos nos sentar, preparo café. Saia daqui, Franz.” “Por que devo sair daqui, não fiz nada.”

Eva então arregala os olhos, olhos terríveis como se quisesse devorar alguém, então grita, agarra Franz pelo colete: “Ele tem de vir junto, ele deve entrar também, ele vai junto, ele vem junto comigo!”. O que há com ela, a mulher está maluca, alguém andou contando alguma coisa para ela. Eva então treme toda no sofá ao lado da gorda Toni. E a moça parece inchada e assustada, deve ser o estado dela, e isso foi provocado por mim, mas não vou lhe fazer mal algum. Eva então envolve Toni com os braços, sussurra-lhe algo no ouvido, primeiro não consegue falar e depois solta a língua. E agora algo sucede com Toni. Junta as mãos e Eva treme e tira um papel amassado do bolso, as duas devem ter enlouquecido, estão fazendo cena para mim ou não, o que está escrito no jornal, talvez sobre o nosso golpe da Stralauer Strasse, Franz se levanta, grita, que mulherio idiota. “Parecem macacas. Nada de cenas para mim, pensam que sou seu miquinho?” “Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus”, a gorda ali sentada, Eva tremendo sem dizer nada e choraminga e treme. Franz então arranca o jornal da gorda.

Lá estão duas fotografias lado a lado, o quê, o quê, terrível, susto terrível, tenebroso, sou – mas sou eu, sou eu, mas por quê, por causa da Stralauer Strasse, mas por quê, susto tenebroso, mas sou eu e o Reinhold, manchete: assassinato, assassinato de uma

prostituta em Freienwalde, Emilie Parsunke de Bernau. Mieke! Mas o que é isso. Eu. Atrás do fogão tem um ratão, vai sair senão...

Sua mão agarra convulsivamente o jornal. Deixa-se cair lentamente na poltrona, fica todo encolhido. O que está escrito no jornal. Atrás do fogão tem um ratão.

As duas mulheres o fitam estupefatas, choram, arregalam os olhos para o lado dele, as duas, o que está acontecendo, assassinato, como é isso, Mieke, estou maluco, como é isso, o que significa isso. Sua mão ergue-se novamente sobre a mesa, está escrito lá no jornal, é bom ler: uma foto minha, eu, e Reinhold, assassinato, Emilie Parsunke de Bernau, em Freienwalde, como ela foi parar em Freienwalde. Que jornal é esse, o Morgenpost. A mão ergue-se com o jornal, a mão baixa com o jornal. Eva, o que Eva está fazendo, o olhar dela se alterou, ela avança na direção dele, não chora mais: “E então, Franz?”.

Uma voz, alguém está falando, preciso dizer algo, duas mulheres, assassinato, o que significa assassinato, em Freienwalde, eu a assassinei em Freienwalde, nunca estive em Freienwalde, onde fica isso. “E então, Franz, diga, o que vai dizer.”

Franz olha para ela, seus olhos grandes nela fixados, segura o jornal na palma da mão, sua cabeça treme, ele lê e fala, aos borbotões, é um rangido. Assassinato em Freienwalde, Emilie Parsunke de Bernau, nascida em 12 de junho de 1908. “É Mieze, Eva.” Coça a bochecha, olha para Eva, o olhar distante, vago, vazio, não é possível penetrá-lo. “É Mieze, Eva. Sim. O que – você diz, Eva. Está morta. Por isso não a encontramos.” “E você aparece no jornal, Franz.” “Eu?”

Ele levanta o jornal outra vez, dá uma espiada. É minha foto.

Seu torso balança. “Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus, Eva.” Ela fica cada vez mais amedrontada, empurrou uma cadeira para perto da poltrona. Ele continua a balançar o torso. “Pelo amor de Deus, Eva, pelo amor de Deus.” E continua a balançar. Agora começa a ofegar e a bufar. Agora faz uma cara como se algo o fizesse sorrir. “Pelo amor de Deus, o que vamos fazer, Eva, o que vamos fazer.” “E por que puseram o seu retrato?” “Onde?” “Aqui.” “Ora, não sei. Pelo amor de Deus, o que é isso, como acontece uma coisa dessas, haha, é engraçado.” E agora ele a fita desamparado, tremendo, e ela fica contente, é um olhar humano, as lágrimas brotam outra vez dos olhos, a gorda também começa a choramingar, então o braço dele envolve as costas dela, a mão

repousa-lhe sobre o ombro, o rosto pressionado no pescoço dela, Franz choraminga: “O que é isso, Eva, o que houve com nossa pequena Mieze, o que aconteceu, está morta, aconteceu alguma coisa com ela, agora se sabe, ela não me abandonou, alguém a matou. Eva, nossa pequena Mieze foi morta por alguém, minha Mieze, o que houve, será verdade, diga que não é verdade”.

E pensa em Mieze, algo irrompe dentro dele, um medo irrompe, um susto lhe acena, lá está, existe uma ceifeira chamada Morte, ela se aproxima com machados e bastões, ela sopra uma flauta, depois arreganha a bocarra, pega então a trombeta, vai soprar a trombeta, vai soar o timbale, virá o terrível aríete negro, bummm, devagarinho.

Eva observa o lento trincar dos dentes, o tiritar dos maxilares. Eva segura Franz. Sua cabeça treme, a voz ressurgue, o primeiro som range, depois silencia. Não se formou palavra alguma.

Estive debaixo do carro, foi como agora, é um moinho, uma pedreira, ela

continua caindo sobre mim, controlo-me, consigo me manter como quero, de nada adianta, quer acabar comigo, e mesmo se eu fosse uma trave de ferro, faria-me em pedaços.

Franz agita-se e murmura: “Alguma coisa vai acontecer”. “O que vai acontecer?” Que moinho é esse, as rodas vão girando, um moinho de vento, um moinho de água. “Tome cuidado, Franz, estão procurando você.” E dizem que eu a matei, eu, treme outra vez, o rosto tenta de novo um sorriso, uma vez eu a espanquei, devem estar pensando isso por eu ter liquidado a Ida. “Fique sentado, Franz, não desça, onde pensa que vai, estão atrás de você, conhecem você por causa do braço.” “Não vão me apanhar, Eva, se eu não quiser, não me pegam, pode ficar tranquila. Preciso descer, ver as colunas de anúncios. Preciso ir lá ver. Preciso ler isso no boteco, nos jornais, o que está escrito, como foi.” E fica parado diante de Eva, olha-a fixamente, não diz palavra, se ao menos não sorrisse: “Olhe para mim, Eva, tem alguma coisa em mim, olhe para mim”. “Não, nada”, ela grita e o segura. “Olhe então para mim, tem alguma coisa em mim, deve ter alguma coisa em mim.”

Não, nada, ela grita e chora, e ele vai até a porta, sorri, pega o chapéu da cômoda, sai para a rua.

E vejam só, eram lágrimas daqueles que sofreram injustiça e não tiveram consolo

Franz tem um braço artificial, só o usa raras vezes, agora anda com ele pela rua, a mão postiça no bolso do paletó, na esquerda, o charuto. Com muita dificuldade conseguiu sair de casa. Eva gritava e se jogou diante dele na porta do corredor, ele lhe prometeu não sumir e tomar cuidado, disse: “Volto para o café”, e desceu.

Não pegaram Franz Biberkopf enquanto ele não quis que o pegassem. Dois anjos andavam sempre a seu lado, à direita e à esquerda, desviavam seus olhares dele.

Às quatro da tarde, estava de volta para o café. Herbert também está lá. Ouvem então pela primeira vez Franz falar por longo tempo. Lá embaixo, leu o jornal, também leu sobre o amigo, o funileiro Karl, que os dedurou. Não sabe por que o outro fez isso. E o funileiro Karl também esteve em Freienwalde, para onde arrastaram Mieke. Reinhold fez isso à força. Ele arranhou um carro e talvez tenha ido com Mieke, dirigindo apenas por um trecho, depois Karl subiu no veículo e juntos a retiveram e carregaram

para Freienwalde, talvez de madrugada. Talvez já a tivessem assassinado no

caminho. “E por que Reinhold fez isso?” “Ele me jogou debaixo do carro, pois agora vocês sabem que foi ele quem fez isso, mas não importa, não o levo a mal, a pessoa tem de aprender sempre, se não aprende, não sabe nada. Do contrário, a gente anda por aí como um pateta sem nada saber do mundo, não o levo a mal, não, nada disso. Ora, ele queria acabar comigo, pensou que podia me enrolar, mas isso não aconteceu, percebeu isso, então tirou Mieze de mim e lhe fez isso. O que ela tinha a ver com a história.” Por isso, hei, por quê, hei, por isso. Rufar de tambores, batalhão marchar, marchar. Quando os soldados marcham pela cidade, hei, por quê, hei por isso, hei, só por causa do ratimum, bum bum.

E foi assim que fui até ele e foi assim que ele respondeu e foi uma maldição e um erro eu ter ido.

Foi um erro eu ter ido, um erro, um erro. Mas não importa, agora nada mais importa.

Herbert arregalou os olhos, Eva não consegue dizer palavra.

Herbert: “Por que não disse nada a Mieze sobre isso?”. “Não tenho culpa, nada se pode fazer, da mesma forma, ele poderia muito

bem ter me matado quando estive no quarto dele. É o que lhes digo, nada se pode fazer.”

Sete cabeças e dez chifres, na mão, um cálice cheio de horrores. Eles vão conseguir me pegar por inteiro, nada mais se pode fazer para impedir isso!

“Se ao menos tivesse dito alguma coisa, homem, digo a você, Mieke, ela ainda estaria viva, só que uma outra pessoa, essa sim é que estaria agora sem cabeça.” “Não tenho culpa. Nunca se pode saber o que alguém vai fazer. Você também não pode saber o que ele está fazendo agora, nunca vai descobrir.” “Vou descobrir, sim.” Eva suplica: “Não chegue perto dele, Herbert, também tenho medo”. “Vamos tomar cuidado. É só descobrir primeiro onde ele se meteu, e meia hora depois os tiras o agarram.” Franz acena: “Não se meta com ele, Herbert, ele não pertence a você. Tenho sua palavra de honra?”. Eva: “Dê-lhe sua palavra, Herbert. E o que você pretende fazer, Franz?”. “Tudo o que depender de mim. A mim vocês podem jogar num monte de lixo.”

E depois vai rápido até o canto, põe-se de costas para eles.

E um soluço, soluço, choro é o que ouvem, ele chora por si e por Mieke, eles ouvem, Eva chora e grita, apoiada sobre a mesa, o jornal com “assassinato” escrito ainda está em cima da mesa, Mieke foi assassinada, ninguém faz nada, a coisa toda simplesmente desabou sobre ela.

Então louvei os mortos que já haviam morrido

A tardinha, Franz Biberkopf já está outra vez na rua. Cinco pardais passam voando sobre sua cabeça na Bayrischer Platz. São cinco vilões assassinados que Franz Biberkopf já encontrou várias vezes. Eles ponderam o que fazer com ele, o que devem decidir a respeito dele, como

deixá-lo amedrontado, inseguro, quais os obstáculos para fazê-lo tropeçar.

Um deles grita: lá vai ele. Vejam, ele está de braço postigo, não dá o jogo por perdido, não quer ser reconhecido.

O segundo: quanta culpa no cartório tem este distinto cavalheiro. É um bandido da pesada, precisam metê-lo atrás das grades, merece prisão perpétua. Matar uma mulher, surrupiar, arrombar, e

mais outra mulher, nisso também tem culpa. O que ainda quer o sujeito?

O terceiro: está se pavoneando. Dá uma de inocente. Banca o decente. Olhem só o patife. Se aparecer um tira, vamos tirar-lhe a pose.

O primeiro de novo: para que um sujeito desses tem de continuar vivendo. Quase morri na gaiola por nove anos. Eu era mais novo do que ele e já estava morto, não conseguia mais dar nenhum pio. Tire o chapéu, ó macaco, tire os óculos ridículos, não é redator de jornal nem nada, sua besta, nem sabe somar um mais um e põe óculos de tartaruga como se fosse um professor, preste atenção, logo vão pegar você.

O quarto: não grite tanto. O que vocês querem fazer com ele. Olhem só, tem uma cabeça, anda sobre duas pernas. Nós somos passarinhos pequenos, só vamos deixá-lo mais alerta.

O quinto: soltem o verbo. Ele é maluco, tem um parafuso frouxo. Anda acompanhado por dois anjos, a namoradinha dele agora é um molde na delegacia, façam alguma coisa com ele. Gritem.

Então batem as asas, gritam, grasnam sobre a cabeça dele. E Franz ergue a cabeça, seus pensamentos estão dispersos, os pássaros continuam a brigar e a insultar.

—

O tempo é outonal, no cinema Tauentzienpalast passa o filme Os últimos dias de Francisco, cinquenta belas bailarinas estão no salão de dança Jägerkasino, podes beijar-me por um buquê de lilases. Ali, Franz conclui: minha vida acabou, estou liquidado, para mim chega.

Os elétricos percorrem as ruas, cada um vai numa direção, não sei para onde devo ir. O 51, Nordend, Schillerstrasse, Pankow, Breitestrasse, Bahnhof Schönhauser Allee, Stettiner Bahnhof, Postdamer Bahnhof, Nollendorfplatz,

Bayrischer Platz, Uhlandstrasse, Bahnhof Schmargendorf, Grunewald, vamos lá. Bom dia, aqui estou eu, podem me levar para onde quiserem. E Franz começa a observar a cidade como um cão que perdeu o rastro. Que cidade é esta, que cidade gigantesca, e que vida, que vida já levou nesta cidade. Desce na

Stettiner Bahnhof, segue ao longo da Invalidenstrasse, lá está o Rosenthaler Tor. Confecção Fabisch, já fiquei parado ali, apregoando prendedores de gravatas, Natal passado. Em direção a Tegel, pega o 41. E quando surgem os muros vermelhos, à esquerda os muros vermelhos, os pesados portões de ferro, Franz fica mais calmo. Isto faz parte de minha vida e preciso observar, observar.

Os muros continuam vermelhos, e a alameda se estende rente a eles, o 41 passa encostado, General-Pape-Strasse. West-Reinickendorf, Tegel, Borsig, a martelar. E Franz Biberkopf está diante dos muros vermelhos, passa para o outro lado da rua, onde fica o boteco. E as casas vermelhas atrás dos muros começam a tremer e a balançar e a soprar as bochechas. Em todas as janelas, postam-se presos, batem a cabeça contra as grades, raspam-lhes a cabeça quase a zero; têm aspecto miserável, subnutrido, os rostos cinzentos de barba malfeita reviram os olhos e se queixam. Assassinato, assalto, roubo, falsificação, estupro e todos os artigos do código penal, eles se queixam com rostos cinzentos, lá estão, os cinzentos, agora esganaram o pescoço de Mieze.

E Franz Biberkopf vagueia pela enorme prisão, que sempre estremece e balança e chama por ele, pelos campos, pelo bosque, passando para a rua com as árvores.

Então está na rua com as árvores. Não matei Mieke. Não fiz isso. Nada tenho a fazer aqui, já passou, nada mais tenho a ver com Tegel, não sei como tudo aconteceu.

Já são seis da tarde, Franz então diz a si mesmo, quero ir até Mieke, preciso ir a um cemitério, lá a enterraram.

Os cinco bandidos, os pardais, estão ao lado dele outra vez, pousados sobre um poste de telefone, e gritam para baixo: vá ter com ela, ó patife, que coragem, não tem vergonha de ir ter com ela? Ela chamou por você quando estava na vala. Olhe bem para ela no cemitério.

—

Pelo repouso de nossos mortos. Em 1927, morreram em Berlim 48.742 pessoas, sem contar os natimortos.

4.570 de tuberculose, 6.443 de câncer, 5.656 de doenças cardíacas, 4.818 de problemas circulatórios, 5.140 de derrame cerebral, 2.419 de pneumonia, 961

de coqueluche, 562 crianças morreram de difteria, 123 de escarlatina, 93 de sarampo, 3.640 bebês morreram. Nasceram 42.696 pessoas.

Os mortos repousam em seus jardins, no cemitério, o vigia anda com um espeto, recolhe restos de papel.

São seis e meia, ainda está bastante claro, sobre seu túmulo, defronte a uma faia, está sentada uma mulher bem jovem, de casaco de pele, sem chapéu, que inclina a cabeça e não fala. Veste luvas pretas, tem um bilhete na mão, um pequeno envelope, Franz lê: “Não posso mais viver. Deem lembranças a meus pais, a meu querido filho. A vida para mim tornou-se um tormento. Bieriger é culpado de tudo. Ele que se divirta bastante. Só me usou como brinquedo e me sugou. Um grande vagabundo miserável. Só por causa dele vim a Berlim e só ele foi o responsável por minha infelicidade, tornei-me uma pessoa desgraçada”.

Franz devolve-lhe o envelope: “Ai meu Deus, ai meu Deus: Mieke está aqui?”. Não fique triste, não fique triste. Ele chora: “Ai meu Deus, ai meu Deus, onde está minha pequena Mieke?”.

Lá há um tumulto grande como um divã macio, um professor erudito está estendido sobre ele, sorri: “O que o aflige, meu filho?”. “Queria ver Mieke. Fico vagando por aqui.” “Veja, já estou morto, é preciso levar a vida menos a sério e a morte também. É possível deixar tudo mais fácil. Quando já estava farto e fiquei doente, o que fiz? O senhor acha que vou esperar até ficar com escaras? Para quê? Pedi que colocassem o frasco de morfina perto de mim e então disse que pusessem uma música, tocassem piano, jazz, os últimos sucessos. Pedi que lessem Platão para mim, O banquete, é um diálogo bonito e, às ocultas, fui aplicando uma injeção atrás da outra sob o cobertor, contei, a tripla dose mortal. E ainda continuava a ouvir as teclas, engraçado, e quem lia para mim falava do velho Sócrates. Sim, existem pessoas espertas e pouco espertas.”

“Leitura, morfina? Onde está Mieke?”

Horrível, sob a árvore, um homem pendurado, ao lado, sua mulher se lamenta quando Franz se aproxima: “Venha rápido, solte-o da corda. Ele não quer ficar em seu túmulo, sempre sobe de novo nas árvores e fica todo torto pendurado”. “Ó Deus, ó Deus, mas por quê?” “Meu Ernesto esteve doente durante tanto tempo, ninguém podia ajudá-lo e também não quiseram interná-lo, diziam sempre que estava fingindo. Então ele foi até o porão, levou consigo um prego e um martelo. Ainda ouvi-o martelar no porão, pensei, o que estará fazendo, é bom que trabalhe, e não fique só sentado à toa, talvez

esteja construindo uma gaiola para coelhos. Então, à noite, não subiu, fiquei com medo e pensei, onde se meteu, será que as chaves do porão já estão aqui em cima, ainda não estavam lá. Aí os vizinhos desceram e depois chamaram a polícia. Ele pregou um prego com bastante força no teto e, no entanto, era tão magro, mas não queria falhar. O que está procurando, jovem? Por que choraminga assim? Quer se matar?”

“Não, mataram minha noiva, mas não sei se está enterrada aqui.”

“Ah, então procure lá atrás, lá ficam os novos.”

Franz então fica estendido à beira da quadra, junto a uma cova vazia, não consegue chorar, finca os dentes na terra: Mieke, o que fizemos, por que fizeram isso com você, você não fez nada,

pequena Mieke. O que posso fazer, por que não me jogam dentro de um túmulo desses, quanto tempo ainda vou ter de aguentar?

Depois se levanta, caminha com dificuldade, se apruma, sai cambaleando por entre as fileiras de túmulos.

Lá fora, Franz Biberkopf, o cavalheiro de chapéu-coco, sobe então num automóvel que o leva à Bayrischer Platz. Eva tem muito, muito, muito trabalho com ele. Eva se dedica a ele por dias, noites inteiras. Ele não vive e não morre. Herbert mal dá as caras.

Seguem-se ainda alguns dias de caçada de Franz e Herbert atrás de Reinhold. É Herbert, armado até os dentes e à escuta por toda parte, quem quer apanhar Reinhold. A princípio, Franz nem quer, depois morde a isca, para ele, o último remédio neste mundo.

A fortaleza está totalmente cercada, são feitas as últimas investidas, mas são apenas manobras de mentira

Já é novembro. O verão já passou há muito. A chuva se estendeu pelo outono. Para trás ficaram as semanas em que o calor prazeroso pairava nas ruas, as pessoas andavam de roupas leves,

as mulheres pareciam vestir camisas; um vestido branco, um gorro justo era o que usava a garota de Franz, Mieke, que um dia viajou para Freienwalde e não voltou mais, isso foi no verão. O tribunal move uma ação contra Bergmann, um parasita da vida financeira, inescrupuloso, um perigo público. O Graf Zeppelin sobrevoa Berlim com tempo encoberto, o céu está estrelado quando parte de Friedrichshafen, às 2h17. Para contornar o mau tempo que se anunciou desde

a Alemanha Central, o dirigível segue seu caminho por Stuttgart, Darmstadt, Frankfurt sobre o Meno, Giessen, Kassel, Rathenow. Às 8h35, sobrevoa Nauen, 8h45, Staaken. Pouco antes das nove horas, o Zeppelin surge sobre a cidade; apesar do tempo chuvoso, os telhados estavam cheios de curiosos que saudavam com entusiasmo o dirigível, que prosseguiu seu voo em círculos pelo leste e pelo norte da cidade. Às 9h45, lançaram em Staaken o primeiro cabo de aterrissagem.

Franz e Herbert perambulam por Berlim; ficam fora de casa a maior parte do tempo. Franz está nos albergues do Exército da Salvação, nos albergues masculinos, fica atento, vagueia pelos abrigos August da Auguststrasse. Detém-se na Dresdener Strasse, no Exército da Salvação onde esteve com Reinhold. Entoam a canção n. 66 do Breviário: diz, por que esperar, meu irmão? Ergue-te e junta-te depressa a nós! Teu Salvador há muito por ti chama.

Apraz-lhe conceder-te paz e tranquilidade. Coro: Por quê? Por quê? Por que não te juntas a nós? Por quê? Por que não queres paz e tranquilidade? Não sentes no coração, ó irmão, o apelo vivo do espírito? Não queres redenção dos pecados? Ó corre depressa a Jesus! Diz, por que esperar, meu irmão? Rapidamente aproximam-se a morte e o juízo! Ó vem, pois o portão ainda está aberto e o sangue de Jesus fala agora por ti!

Franz vai até o abrigo da Fröbelstrasse, o Palme, para ver se encontra Reinhold. Deita-se no catre, estrado de arame, hoje este, amanhã aquele, corte de cabelos, dez pfennigs, barba, cinco, lá estão eles, arrumam seus papéis, escambo com sapatos e camisas, homem, deve ser sua primeira vez aqui, nada de tirar a roupa, pois amanhã cedo vai ficar procurando o que ainda não foi roubado, as botas, precisa colocar cada bota num pé da cama, caso contrário roubam tudo, até a dentadura. Quer fazer tatuagem? E silêncio, noite. Silêncio negro, roncos como numa serraria, não o vi. Silêncio. Bim, bim, bim, o que é, prisão, pensei que estivesse em Tegel. Despertar. Aí batem em você. De novo na rua, seis horas, as mulheres estão lá, esperam por seus amados, vão com eles ao botequim imundo, gastam no jogo o dinheiro da esmola.

Reinhold não está, é bobagem procurar por ele, deve estar outra vez atrás do mulhério, Elfriede, Emilie, Karoline, Lili; cabelos castanhos, cabelos loiros.

E, à noite, Eva vê o rosto hirto de Franz, que não conhece nenhum carinho, nenhuma palavra boa, come e fala pouco. Só entorna aguardente e café goela abaixo. Fica deitado no sofá da casa dela e chora e chora. “Não vamos conseguir pegar o cara.” “Homem, deixe para lá.” “Não vamos conseguir pegar o cara. O que podemos fazer, Eva?” “Homem, deixe isso para lá, não faz sentido, você se acaba com isso.” “Você não sabe o que estamos fazendo.

Você – você nunca viu uma coisa assim, Eva, você não entende, Herbert compreende um pouco. O que devemos fazer. Quero pegar o cara, quero ir à igreja e rezar de joelhos quando o encontrar.”

Mas nada disso é verdade. E nada disso é verdade; toda a perseguição a Reinhold não é verdade, é só um gemido e um medo horrível. Nesse momento, os dados foram lançados sobre ele. Ele sabe qual será o resultado. Tudo fará sentido, um sentido inesperado e terrível. O jogo de esconde- esconde não vai durar muito, caro rapaz.

—

Está à espreita junto à casa de Reinhold, seus olhos não enxergam mais nada, continua olhando e nada sente. Muita gente passa pela casa, alguns entram. Ele mesmo também entrou, enfiou-se lá, ai, só por causa do ratimbum, bum, bum.

A casa desata num riso ao vê-lo ali parado. Gostaria de se sacudir para chamar os vizinhos da ala transversal e lateral para que o vejam. Lá está alguém de peruca e braço postiço, um sujeito vermelho em brasa, o tanque cheio de aguardente, parado e resmungando.

“Bom dia, senhorzinho Biberkopf. Hoje é 22 de novembro. Ainda impera o tempo chuvoso. Quer pegar um resfriado, não prefere ir ao querido boteco, dar-se ao prazer de um conhaque?”

“Passe para cá!” “Passe para lá!”

“Passe o Reinhold para cá!”

“Vá para o hospício de Wuhlgarten, está tendo um chilique nervoso.” “Passe para cá!”

Franz então trabalha certa noite na casa, esconde o vasilhame de gasolina e a garrafa.

“Saia, está se escondendo, víbora peçonhenta, cachorro safado. Não tem coragem de sair!”

A casa: “Por que está chamando por ele se ele não está aqui. Entre aqui, verifique você mesmo”.

“Não vou poder olhar em todos os buracos.”

“Ele não está aqui, não seria louco de estar por aqui.”

“Entregue-o para mim. Você vai se dar mal.”

“Sei, sei: se dar mal. Cara, vá para casa, ponha o sono em dia, está de fogo, isso acontece porque você não come nada.”

Na manhã seguinte, logo depois da entregadora de jornais, lá está ele. Os lampiões veem como ele corre, balançam: “Lari, lará, vai

sair fogo”. Fumaça, labaredas saindo dos buracos do chão. Às sete horas, chegam os

bombeiros, Franz já está na casa de Herbert e cerra os punhos:

“Não sei de

nada e você também não sabe de nada, nem precisa me dizer, agora ele não tem onde ficar, agora pode procurar. Sim, senhor, toquei fogo”.

“Homem, ele nem mora mais lá, não é bobo de aparecer.”

“Era a toca dele, vai ficar sabendo que pegou fogo. Fui eu.

Pusemos o cara para correr com fumaça, preste atenção, agora ele vai aparecer.”

“Não sei não, Franzezinho.”

Mas Reinhold não dá o ar da graça, Berlim faz barulho e solta boatos e continua a matraquear, nos jornais não está escrito que o pegaram, ele escapou, está no exterior, nunca vão pegá-lo.

E lá está Franz diante de Eva, chora e se contorce. “Eu não posso fazer nada, preciso aguentar, ele pode acabar comigo, esganou a garota e aqui estou eu como um poltrão. Uma injustiça. Uma injustiça.”

“Franz, mas é assim mesmo.” “Não posso fazer nada. Estou acabado.” “Por que você está acabado, Franzezinho?” “Fiz o que podia. Uma injustiça. Uma injustiça.”

Dois anjos caminham a seu lado, Sarug e Terah são seus nomes, e conversam entre si, Franz está no meio do burburinho, anda no meio do burburinho, está mudo, mas eles ouvem como chora convulsivamente. Tiras passam na ronda, não reconhecem Franz. Dois anjos caminham a seu lado.

Por que dois anjos caminham ao lado de Franz, que brincadeira é essa, desde quando anjos caminham ao lado de um homem, dois anjos na Alexanderplatz, na Berlim de 1928, ao lado de um antigo homicida, atual assaltante e cafetão. Sim, esta história de Franz Biberkopf, de sua existência difícil, verdadeira e esclarecedora, chegou agora a este ponto. Claro, quanto mais Franz Biberkopf se arqueia e espuma, tudo se torna cada vez mais claro. Aproxima-se o ponto em que tudo se esclarecerá.

Os anjos conversam ao lado dele, seus nomes são Sarug e Terah e sua conversa gira em torno do seguinte, enquanto Franz observa as vitrines do

Tietz:

“O que você acha, Terah, o que aconteceria se deixássemos este homem por sua própria conta, se o largássemos e ele fosse preso?” Sarug: “No fundo, não faria muita diferença, creio que vão apanhá-lo mais cedo ou mais tarde, é inevitável. Ele ficou olhando para o edifício vermelho do outro lado, ele tem razão, dentro de algumas semanas, estará preso”. Terah: “Então você acha que somos supérfluos?”. Sarug: “Um pouquinho, sim – uma vez que não nos permitem levá-lo daqui”. Terah: “Você ainda é uma criança, Sarug, só faz uns milhares de anos que observa isto por aqui. E se levarmos o homem e o transportarmos para algum outro lugar, para uma outra existência, terá feito então o que podia fazer aqui? Para mil seres e existências, você já deve saber, existem 700, não, 900 impedimentos”. “E qual o motivo, Terah, para protegermos justamente este aqui, é um homem comum, não vejo por que protegê-lo.” “Comum, incomum, o que é isso? Será um mendigo comum e um homem rico incomum? O homem rico será um mendigo amanhã, e amanhã o mendigo,

um homem rico. Este homem está muito perto de enxergar. Muitos chegaram a este ponto. Mas ele também está perto, escute, ele está perto de sentir. Veja, Sarug, quem vivencia muitas coisas, quem tem muitas experiências tende facilmente a apenas saber e então - a escapar, a morrer. Ele então não quer mais nada. Mediu a estrada da vida e nisso ficou cansado, seu corpo e sua alma se cansaram com isso. Entende?”

“Sim.”

“Mas depois de termos vivenciado e reconhecido muitas coisas, agarrá-las ainda, não desistir, não morrer, e sim estender-se, sentir, não desviar-se, e sim manter-se de pé com a alma e resistir, isso é que é. Você não sabe, Sarug, como você se tornou o que você é, o que era e como conseguiu chegar a caminhar aqui comigo e proteger outros seres.” “É verdade, Terah, não sei, minha memória me foi roubada.” “Vai recuperá-la aos poucos. Nunca se é forte por si mesmo, sozinho; já se tem um caminho trilhado atrás de si. A força precisa ser conquistada, você não sabe como a conquistou e assim você está aqui agora e as coisas que matam os outros não representam mais perigos para você.” “Mas ele não nos quer, este Biberkopf, você mesmo diz que ele quer nos despistar.” “Ele quer morrer, Sarug, nunca alguém deu este grande

passo, este terrível passo sem desejar, ele quer morrer. E você tem razão, a maioria sucumbe dessa maneira.” “E você tem esperanças em relação a este?” “Sim, porque ele é forte, e não se consumiu, e porque já resistiu duas vezes. Assim, vamos ficar ao lado dele, Terah, gostaria de pedir isto pessoalmente a você.”

“Sim.”

—

Um jovem doutor, um figurão, está sentado diante de Franz: “Bom dia, senhor Klemens. Faça uma viagem, depois de casos de falecimento, isso acontece com frequência. É preciso mudar de ares, Berlim inteira vai lhe parecer opressiva, o senhor precisa de um clima diferente. Não gostaria de distrair-se um pouco? A senhora é cunhada dele, ele não tem ninguém que lhe faça companhia?”. “Posso viajar assim mesmo, se for necessário.” “É necessário; digo-lhe, senhor Klemens, é a única coisa a fazer neste caso: tranquilidade, descanso, um pouquinho de distração; distração, mas não demais. Senão logo se dá o contrário. Sempre com comedimento. Agora ainda é a melhor temporada em toda parte; aonde gostaria de ir?” Eva: “Fortificantes são bons, não, lecitina, e um sono melhor?”. “Vou anotar tudo, espere um pouco, adalim.” “Já lhe dei adalim.” [Não preciso desse veneno.] “Tome então fanodorm, um comprimido à noite com chá de hortelã; chá faz bem, assim o remédio é assimilado mais

rapidamente. E vá com ele ao zoológico.” “Não, não sou chegado a bichos.” “Ora, então ao jardim botânico, um bocadinho de distração, mas não demais.” “Receite-lhe um remédio para os nervos, para fortificar.” “Talvez pudesse lhe prescrever um pouco de ópio para os humores.” “Eu já bebo, senhor doutor.” “Não, deixe disso, ópio é outra coisa, mas prescrevo-lhe lecitina, um preparado novo, o modo de usar está descrito na bula. E banhos, banhos relaxantes, a senhora tem banheira, prezada senhora?” “Tenho tudo, senhor doutor.” “Então, essa é a vantagem dessas casas novas. Diz-se agora que é normal. Não foi tão normal para mim. Tive de mandar instalar tudo, custou um dinheirão, as paredes com pintura, os senhores ficariam admirados se vissem, não existe uma coisa assim por aqui. Então, lecitina e banhos a cada dois dias, um banho pela manhã, além disso, um massagista, massagear bem todos os músculos para que a pessoa possa se movimentar direito.” Eva: “Sim, está certo”. “Massagear bem, vai ver que se sentirá mais livre, senhor Klemens. Vai ver, logo vai se aprumar. E depois viajar.” “Não é fácil lidar com ele, senhor doutor.” “Não faz mal, logo vai se ajeitar. Então, senhor Klemens, como ficamos?” “Como assim?” “Não entregue os pontos, tome os remédios regularmente e o soporífero e a massagem.” “Vai ser feito, senhor doutor; até logo, e agradeço por tudo.”

“Foi feita sua vontade, Eva.” “Vou providenciar os banhos e o remédio para os nervos.” “Sim, faça isso.” “E enquanto isso você fica lá em cima.” “Bom. Muito bom, Eva.”

Eva então põe o casaco e desce. E depois de quinze minutos, Franz também desce.

Início da batalha. Vamos para o inferno com timbales e trombetas

campo de batalha chama, o campo de batalha!

Vamos para o inferno com timbales e trombetas, nada nos interessa

neste mundo, ele que exploda junto com tudo que há em cima, embaixo,

em todo lugar. Com todas as pessoas, com homens e mulheres, com todo o populacho infernal; não dá para se fiar em ninguém. Se eu fosse um passarinho, pegaria um punhado de merda, jogaria para trás com as patas e sairia voando. Se fosse um cavalo, um cão, um gato, não poderia fazer coisa melhor do que deixar a sujeira cair no chão e sair correndo o mais depressa possível.

Nada acontece neste mundo, não tenho vontade de encher a cara outra vez, bem que poderia fazer isso, beber, beber e beber e depois a merda infernal iria começar do começo. O bom Deus criou o mundo e como um padrego pode me dizer para quê. Mas ele o criou ainda melhor do que os padres sabem explicar, ele nos permitiu mijar em cima de toda essa joça e nos deu duas mãos e mais uma corda, e então é só dar um fim na droga toda, isso dá para fazer, então a bosta infernal terá passado, bom divertimento, minha bênção, vamos para o inferno com timbales e trombetas.

--

Se pudesse apanhar o Reinhold, minha raiva passaria, poderia então agarrá-lo pelo pescoço e torceria o pescoço dele, e não o deixaria vivo e me sentiria melhor, e então ficaria satisfeito, e estaria certo e teria paz. Mas o cachorro, que tanto aprontou comigo, que fez de mim um criminoso outra vez, que acabou com meu braço, esse está rindo de mim em algum lugar da Suíça. Ando por aí miserável feito um cão abandonado, ele pode fazer comigo o que quer, ninguém me dá apoio algum, nem mesmo a polícia, essa ainda quer me prender como se eu tivesse matado Mieze, e o patife ainda deu um jeito de me armar uma arapuca. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Aguentei e fiz muita

coisa, mais não consigo. Ninguém pode dizer que não me defendi. Mas o que é demais é demais. Mas como não posso matar Reinhold, eu me mato. Vou para o inferno com timbales e trombetas.

Quem é este que está aqui na Alexanderplatz e move devagarinho uma perna atrás da outra? Seu nome é Franz Biberkopf, o que ele andou aprontando, vocês já sabem. Vagabundo, criminoso da pesada, pobre-diabo,

homem derrotado, agora é a vez dele. Malditos punhos que o abateram! Punho terrível que o atingiu! Os outros punhos bateram e o soltaram, ficou uma ferida, só ficou ele, a ferida sarou, Franz ficou do jeito que era e pôde seguir em frente. Agora, o punho não larga, o punho é incrivelmente grande, envolve-o de corpo e alma, Franz anda a passos pequenos e sabe: minha vida não mais me pertence. Não sei o que devo fazer agora, mas acabou-se para Franz Biberkopf e fim.

É novembro, tarde da noite, por volta das nove, os tipos vagueiam pela Münzstrasse e é grande o barulho do elétrico e do ônibus e dos vendedores de jornais, os tiras saem da caserna com seus cassetetes de borracha.

Na Landsberger Strasse, avança um desfile de bandeiras vermelhas:

despertaí, malditos desta terra.

“Moca fix”, Alexanderstrasse, bons charutos sem igual, cervejas selecionadas em finas jarras, qualquer jogo de cartas é estritamente proibido, solicitamos aos prezados clientes que vigiem pessoalmente os casacos porque não me responsabilizo por nada. O dono. Café da manhã, das 6h às 13h, 75 pfennigs, uma xícara de café, dois ovos cozidos e um pão com manteiga.

No café da Prenzlauer Strasse, Franz toma lugar, eles o saúdam: “Senhor barão!”. Arrancam-lhe a peruca, ele desprende o braço postiço, pede cerveja, coloca o casaco sobre o joelho.

Três homens estão ali, têm rostos cinzentos, e não dá outra, são detentos, devem ter escapado, papagueiam sem parar, uma bobagem atrás da outra.

Pois estou com sede e digo, para que andar tanto, há um porão ali, moram polacos lá dentro, mostro-lhes minhas salsichas e os cigarros, nem perguntam onde os arranjei, compram, servem aguardente, deixo tudo lá. E pela manhã presto atenção quando saem de casa, e lá vou eu para o porão, tenho um pé- de-cabra comigo, ainda está tudo lá, salsichas e cigarros, pego tudo e dou o fora. Belo negócio, não?

Os cachorros dos policiais, o que podem fazer? Cinco homens escaparam pelo muro. Como, posso lhe contar com detalhes. Os dois lados do muro são revestidos de chapas de metal, chapas de aço, bons oito milímetros. Mas eles atravessam pelo chão, ora, chão de cimento, cavam um buraco, sempre à noite, e passam lá por baixo dos muros. Então vêm os cachorros dos tiras e dizem: deveríamos ter ouvido isso. Ora, estávamos dormindo. Como a gente iria ouvir uma coisa dessas, justo a gente?

Risos, alegria, ó alegria, ó bem-aventurança, um canto circunda nossa mesa, larilará.

Então, naturalmente, aparece alguém depois, senhor policial, sargento- policial Schwab, quer se dar ares de importância e diz: ele já ouviu tudo isso anteontem, mas esteve fora. Viagem a serviço. Quando algo acontece, estão sempre viajando a serviço. Um caneco, para mim também, três cigarros.

À mesa, uma moça jovem penteia os cabelos de um homem loiro, compridão, ele canta: “Ó Sonnenburg, Fortaleza do sol, ó Sonnenburg, Fortaleza do sol”. E quando há uma pausa, solta a voz, precisa cantar algo sobre a Fortaleza do sol:

“Ó Sonnenburg, como são verdes tuas folhas. Foi no verão de 21, não estava em Berlim ou Danzig, também não em Königsberg, onde estava eu? Homem, não sabes: em Sonnenburg, em Sonnenburg.

“Ó Sonnenburg, como são verdes tuas folhas. És uma prisão de cima a baixo, lá reina a humanidade de manhã até a noite. Lá não há surras, nem chicanas, ali o homem tem o que precisa quando bebe, quando come, quando fuma.

“Boas molas nas camas, aguardente, cerveja e cigarros, homem, isso é que é vida, os guardas a nós se renderam de corpo e alma, queremos dar-lhes botas do exército, vocês nos deem cigarros, de corpo e alma. Deixem a gente beber de corpo e alma, queremos vender a vocês botas do exército, fardas da guerra sem ajustes, podem revendê-las logo, podemos precisar do dinheiro porque somos pobres detentos.

“Colegas orgulhosos querem nos denunciar, vamos quebrar-lhes os ossos, que pensem no assunto, ou se divertem conosco ou vamos arrancar-lhes a pele e vão saber que não somos feitos de papel.

“De papel é feito o senhor diretor, por quê, ele nunca se dá conta. Noutro dia alguém chegou, queria inspecionar a Penitenciária livre de Sonnenburg por todos os cantos, deu-se mal. Como se sentiu, como se sentiu, agora vocês vão ouvir. Estamos juntos no boteco, dois funcionários sentados conosco, estávamos no meio da farra, quem aparece, sim, quem aparece, quem aparece.

“É - bum, bum - é - bum, bum - é o senhor inspetor, o que dizem agora: saúde, dizemos, viva, um viva para o inspetorzinho, um que

chegue até o teto, debes tomar um conhaque, senta-te aqui ao lado.

“O que diz então o inspetor? Sou o senhor inspetor, bum, bum, lá está ele, sou o senhor inspetor, bum, bum, lá está, mando prender todos, detentos e

guardas, agora não têm do que rir, esperem para ver, bum, bum, lá está ele, bum, bum, lá está, bum, bum.

“Ó Sonnenburg, ó Sonnenburg, como são verdes tuas folhas, nós o deixamos verde e roxo de raiva, foi então até a patroa e encontrou a calma; bum, bum, lá está ele, bum, bum, lá está, bum, bum, o senhor inspetor. Ah, homem, agora você sabe afinal, ah, não nos queira mal.”

Calças marrons e agasalho de lona preta! Um deles tira de um pacote um agasalho marrom da cadeia. A ser leiloado pela melhor oferta, preços descaradamente reduzidos, semana marrom, um casaco, preço barato, custa um conhaque. Quem está precisando? Alegria, contentamento, ó alegria, ó bem-aventurança, irmão, como se chama a amada, tomemos mais uma golada. Depois, um par de sapatos de lona, adequados às condições

locais nas cadeias, com sola de palha, apropriado para fugas, além disso, um cobertor. Homem, você devia tê-lo entregado ao responsável pelo estabelecimento.

A dona esgueira-se para dentro, fecha a porta devagarzinho: mais silêncio, há fregueses lá na frente. Um deles olha para a janela. Seu vizinho ri: a janela está fora de cogitação. Se o ar estiver pesado, veja -. E ele enfia a mão debaixo da mesa, levanta o tampo de um alçapão: porão e depois é melhor ir logo para o pátio vizinho, não vai precisar escalar nada, tudo caminhos em linha reta. É só manter o chapéu na cabeça, senão vai chamar a atenção.

Um velho resmunga: “Bonita a música que você cantou. Mas existem outras também. E também estão certas. Conhece isto aqui?” Puxa um pedaço de papel, papel de carta, rasgado, escrito com letra insegura: “O preso morto”. “Mas nada de tristeza!” “O que quer dizer tristeza. É verdade e tão certa quanto a sua música.” “Ora, não vá chorar, não chore, os bolinhos estão no forno, por isso é bom não chorar.”

“O preso morto. Pobre, porém jovial, percorreu um dia o caminho da retidão, sagrada lhe era a honra, distante a torpeza e

a vilania. Mas os maus espíritos da desgraça espreitavam nos meandros da vida, suspeito de ato vil, caiu nas mãos de algozes. [A caçada, a caçada, a maldita caçada, os cães malditos me caçaram, e como me caçaram, quase me mataram. Isso não para se não há meios de se safar, não para, não para, não dá para correr tão depressa, corre o máximo e no fim alguém chega perto. Agora pegaram Franz, agora me joga no chão, agora cheguei lá, saúde, então, bom apetite e viva.]

“Seus gritos, protestos, toda a ira não o salvou, contra ele havia indícios e testemunhos, as correntes o esperam. Erraram os sábios juízes [a caçada, a caçada, a maldita caçada] que ditaram a sentença [como os cães malditos me caçaram], mas de que lhe adiantou a inocência, se o escudo da honra se quebrou. Humanidade, humanidade, clama com choro contido, por que quereis pisar em mim, nunca a ninguém fiz mal algum. [Assim vai, não há como se salvar. E sem parar, sem parar, corre, não dá para correr mais depressa, a gente faz o que pode.]

“Liberto dos muros do cárcere como errante desconhecido, o mundo já não era o mesmo, ele próprio também era outro. Vagou até a margem do rio, mas a ponte se quebrara, coração doente,

cheio de mágoa, à noite retornou. Pão de ninguém recebeu [a caçada, a caçada, a maldita caçada], e impaciente virou-se sozinho e foi à luta. Desta vez, era de fato culpado.

“[Culpado, culpado, culpado, ah, é isso, é isso que se deve ser, devia ser, deveria ser mil vezes mais!] Tal ato é punido mais rigorosamente, assim ditam a moral e os bons costumes, para a cadeia dirige queixoso de novo seus passos. [Franz, aleluia, ouves, ser mil vezes mais culpado, mil vezes mais culpado.] Sim, mais um salto para a liberdade, roubar, matar, saquear e a humanidade, essa besta, simplesmente aniquilar sem dó. Estava longe, mas voltou, culpa pesada. Fugaz foi a derradeira embriaguez e o pecado; a pena, perpétua. [A caçada, a caçada, a maldita caçada, ele tinha razão, o que ele fez, fez direito.]

“Mas agora não conhece queixa, deixa-se censurar, deixa-se pisar, curva calado as costas ao jugo, aprende a fingir, aprende a orar. Faz o trabalho com apatia, dia a dia, sempre o mesmo, há muito o espírito se quebrara, ei, um cadáver parecia. [A caçada, a caçada, a maldita caçada, caçaram-me sem parar, sempre fiz o melhor, agora caí na lama, e não tenho culpa, o que devo fazer. Meu nome é Franz Biberkopf e é isso o que ainda sou, atenção.]

“Hoje completou a jornada, na luz primaveril levam-no ao fundo do túmulo, cela ideal do prisioneiro. E o sino da prisão repica num último adeus para quem se perdeu para o mundo e deve morrer na cadeia. [Atenção, prezados senhores, Franz Biberkopf, vocês ainda não conhecem, ele não se vende por uns trocados, se tiver de ir para a cova, pode contar em cada dedo alguém que o anunciará ao bom Deus e dirá: primeiro eu, só depois Franz. Não se admire, ó bom Deus, que ele venha acompanhado de tão grande séquito andaram desse modo à caça dele, agora chega com grande cortejo, foi tão pequeno na terra, agora mostra no céu o que vale.]”

Cantam e papagueiam à mesa, Franz Biberkopf cochilava há pouco, agora está acordado e alerta. Volta a compor-se, coloca o braço, este perdemos na guerra, sempre a história da guerra. A guerra não tem fim enquanto vivermos, o importante é ficar firme sobre as pernas.

Depois, Franz fica parado na rua junto à escada de ferro do café. Lá fora, cai uma garoa, chuva fina, chuva grossa, está escuro e reina grande agitação na Prenzlauer Strasse. E há uma aglomeração do outro lado da Alexanderstrasse, tiras presentes. E Franz então se vira e anda lentamente naquela direção.

Na Alexanderplatz fica a delegacia de polícia

São nove e vinte. No pátio iluminado da delegacia, algumas pessoas paradas conversam. Contam piadas e esticam as pernas. Um jovem comissário chega e cumprimenta. “Agora são nove e dez, senhor Pilz, o senhor fez mesmo a reclamação? Precisávamos do carro para as nove horas.” “Justamente, há um colega agora lá em cima telefonando para o quartel da Alexander; reservamos o carro ontem pela manhã.” Um outro se aproxima: “Sim, eles dizem que o carro já está vindo, às cinco para as nove, parece que errou o caminho, vão mandar outro”. “Que coisa, errar o caminho, e nós temos de esperar.” “Ora, pergunto onde está o carro, e ele diz: quem está falando, digo, secretário Pilz, ele diz, aqui é o tenente fulano de tal. Digo: pergunto, senhor tenente, em nome do senhor comissário, fizemos o pedido ontem à seção de viaturas para uma batida às nove horas, a requisição seguiu por escrito, devo solicitar a confirmação se a requisição por escrito foi recebida. Aí o senhor tinha de ouvir como logo ficou gentil o senhor tenente, ora, naturalmente, tudo está encaminhado, foi um azar, e assim por diante.”

Os carros chegam. Num dos carros embarcam senhores e senhoras, detetives, comissários e funcionárias. Este é o carro no qual depois Franz Biberkopf dará entrada aqui entre cinquenta homens e mulheres, os anjos devem tê-lo abandonado, seu olhar estará diferente daquele com que saiu do café, mas os anjos vão dançar, senhores e senhoras, se vocês forem crédulos ou incrédulos, vai acontecer.

O carro com os civis, homens e mulheres, está a caminho, nada de veículo bélico e, sim, uma viatura para combate e justiça, um caminhão, as pessoas sentam-se sobre bancos, ele atravessa a Alexanderplatz entre os inofensivos veículos comerciais e de aluguel, as pessoas na viatura de combate parecem todas à vontade, é uma guerra não-declarada, estão no exercício de sua função, alguns fumam calmamente cachimbos, outros, charutos, as senhoras perguntam: o cavalheiro lá na frente deve ser da imprensa, amanhã vai sair tudo nos jornais. Assim, sobem satisfeitos a Landsberger Strasse à direita, avançam por trás rumo a seus objetivos, caso contrário, os estabelecimentos ficam sabendo com antecedência o que os aguarda. Porém, as pessoas que

caminham lá embaixo veem o carro muito bem. Não olham muito para ele, é algo ruim, assustador, logo terá passado, querem

prender criminosos, terrível que haja coisas assim, vamos ao cinema.

Descem na Rückerstrasse, o carro fica parado, vão a pé rua acima. A pequena rua está vazia, a tropa anda pela calçada, lá está o estabelecimento Rückerdiele.

A porta da casa ocupada, guardas diante da entrada, guardas em frente, todos os outros para o local. 'Noite, o garçom sorri, já conhecemos. Os senhores tomam algo? Obrigado, não há tempo; fechem o caixa, batida, todos para a delegacia. Risos, protestos, que coisa, nada de cenas, insultos, risos; é só manter-se cordial, mas tenho documentos, pois então fique contente, dentro de meia hora estará de volta, de que nos adianta, tenho o que fazer, não fique nervoso, Otto, visita livre ao distrito policial com iluminação noturna. Vão entrando na salinha de visitas. O carro está abarrotado, alguém canta: Quem foi rolando o queijo até a estação, uma ousadia, como fazer algo assim, o imposto nem foi pago; a polícia, lograda, está zangada e reclama, pois para a estação rolaram o queijo.

O carro parte, todos acenam: quem foi rolando o queijo até a estação.

Então, tudo correu às mil maravilhas. Vamos a pé. Um cavalheiro distinto atravessa a rua, cumprimenta, capitão do distrito, o senhor comissário? Entram pelo corredor de uma casa, os restantes se dividem, ponto de encontro na Prenzlauer, esquina com a Münz.

O Alexanderquelle está apinhado, é sexta-feira, quem recebeu o pagamento vai tomar um trago, música, rádio, os tiras passam pelo balcão empurrando-se, o jovem comissário conversa com um senhor, a orquestra para de tocar: batida, polícia, todo mundo para a delegacia. Estão sentados em volta das mesas, riem e não se deixam perturbar, continuam a tagarelar, o garçom continua a servir. Uma garota grita e chora entre outras duas no corredor: mas não estou mais registrada ali e ela ainda não me registrou aqui, ora, então vai passar uma noite lá, que mal faz, não vou, não quero que nenhum tira de uniforme verde encoste o dedo em mim, nada de chiliques, senhorita, faz mal para a saúde. Deixe-me sair, o que você quer dizer com sair, quando chegar a sua vez vai poder sair, o carro acabou de partir, então é bom mandar mais viaturas, não esquite a nossa cabeça. Garçom, uma garrafa de champanhe para molhar a goela. Senhor, preciso trabalhar, tenho o que fazer no Lau, quem me paga a hora, pois é, agora vai ter de ir conosco, preciso ir até o meu trabalho na construção, isto é

privação de liberdade, aqui todos vão conosco, você vai junto, homem, não fique nervoso, os caras têm de fazer uma batida, senão não sabem para que servem.

Saem aos empurrões, os carros vão e voltam da delegacia, os tiras vão e voltam, gritaria no toalete feminino, uma donzela está estendida no chão, seu cavalheiro ao lado dela, o que o senhor está fazendo no banheiro feminino. A garota está tendo convulsões, veja o senhor mesmo; os tiras sorriem, tem documentos, então está certo, fique aqui com ela. Ela continua a gritar, preste atenção, quando tudo estiver vazio, ela se põe de pé e os dois saem dançando um tango. Estou dizendo, quem tocar um dedo em mim vai levar um soco no queixo, o segundo seria violação de cadáver. O local está quase vazio. À porta, um homem, dois tiras o agarraram, berra: estive em Manchester, em Londres, em Nova York, uma coisa dessas não acontece numa cidade grande, uma coisa dessas não acontece em Manchester, em Londres. Fazem-no andar. Vá caminhando pela calçada, como está se sentindo, dê lembranças ao seu falecido cachorro de estimação.

—

Às quinze para as onze, quando a limpa já vai avançada, e ainda restam atrás, junto aos degraus que levam para cima, e ao lado, no canto, algumas mesas ocupadas, entra alguém, embora de fato ninguém mais devesse entrar ali. Os policiais são rigorosos e não deixam ninguém passar, mas vez por outra uma garota espia pela vidraça: marquei um encontro, nada disso, senhorita, vai ter de voltar à meia-noite, até lá o seu queridinho estará na delegacia. O senhor mais velho, porém, observou lá fora o último grupo sair, ao final, os policiais usaram o cassetete junto à porta de entrada, pois mais gente queria sair do que cabia no carro, agora o carro partiu, tudo está mais tranquilo. E, calmamente, o homem entra pela porta, passando pelos dois tiras, cada um deles olha para o outro lado, algumas pessoas querem entrar no boteco e discutem com os policiais. Com grande balbúrdia, chega do quartel do outro lado da rua um punhado de policiais, em marcha; os caras ajeitam os cinturões. O homem cinzento então anda pelo boteco, pede cerveja no balcão e sobe com ela os degraus, em cima, a mulher continua a gritar no toalete feminino, e os outros, uns poucos, riem e tagarelam como se a história toda nada tivesse a ver com eles.

O homem está sentado numa cadeira, sozinho a uma mesa, sorve sua cerveja, olha o boteco, olha para baixo. Então seu pé toca em algo no chão perto da parede; vejam só, abaixa-se, um

revólver, alguém o deixou ali, nada mau, agora tenho dois. Em cada dedo um e quando o bom Deus perguntar por quê, então você diz: venho com grande equipamento, o que a gente não tinha embaixo pode ter em cima. Estão fazendo uma limpa aqui, está certo o que

fazem. Alguém deve ter tomado um reforçado café da manhã na delegacia e diz: precisamos dar uma boa batida, é bom que algo aconteça para sair mais tarde no jornal. Afinal, os lá de cima também precisam perceber que estamos trabalhando, talvez alguém pretenda subir um degrau na escala de salários, e a mulher precisa de um casaco de pele, por isso detêm as pessoas e justo na sexta-feira quando receberam o envelope com o pagamento.

O homem continua de chapéu na cabeça, a mão direita está enfiada no bolso, mantém a esquerda também no bolso, quando não está segurando a cerveja. Um tira com o tufo de pelo de porco no chapéu de caçador percorre animado o estabelecimento, mesas vazias por toda parte, maços de cigarros no chão, papel de jornal, papel de chocolate: ajeitem tudo, o último já vai chegar. Pergunta ao homem de idade: “O senhor já pagou?”. O outro rosna e olha para frente: “Entrei faz pouco tempo”. “Ora, não deveria ter feito isso, vai ter de ir conosco.” “Problema meu.” O tira, um homem robusto, de ombros largos, olha-o de cima, que

jeito de esse cara encarar o mundo, está a fim de fazer cena. Não diz nada, desce lentamente os degraus e atravessa o boteco, atinge-o então o olhar faiscante do velho, homem, que olhos tem o tipo, não deve ser bom da cabeça. Vai até a porta onde estão parados os outros, cochicham entre si, saem juntos. Minutos depois a porta se abre novamente. Os tiras voltam: agora o resto, vamos, todo mundo saindo. O garçom ri: “Da próxima vez os senhores me levam junto também, gostaria muito de ver a confusão lá entre vocês”. “Ó, dentro de uma hora vai ter o que fazer de novo, preste atenção, lá fora já estão alguns do primeiro carregamento, estão querendo entrar.”

“Vamos, senhor, precisa ir também.” Ele está falando comigo. Se algum dia tiveste uma noiva a quem confiaste de todo coração, tu não perguntas onde e quando, basta que o beijo dela seja bom.

O senhor não se mexe. “Ei, o senhor deve ser surdo, levante-se, é o que estou dizendo.” Tu me foste mandada pela primavera, pois, antes de te conhecer, minha arte desperdicei. Que venham mais tiras primeiro, só esse não me serve, minha carruagem tem cinco cavalos.

Três policiais já estão junto à escada, o primeiro sobe, os tiras avançam pelo local. À frente, o comissário jovem, o comprido, todos estão com muita pressa. Já me perseguiram bastante, fiz o que pude, sou um homem ou não sou um homem.

E então puxa a mão esquerda do bolso e não se levanta e, sentado, atira no primeiro policial que, furioso, se lança contra ele. Algazarra. Assim revolvemos tudo sobre a terra, assim vamos para o inferno com trombetas, com timbales e trombetas.

O homem cambaleia para o lado, Franz levanta-se, quer ir até a parede, acorrem da porta para o local aos montes. Isso é bom, todo mundo entrando. Levanta o braço, há alguém atrás dele, Franz o atira para o lado com o ombro, atinge-o um golpe na mão, um golpe no rosto, um golpe no chapéu, um golpe no braço. Meu braço, meu braço, só tenho um braço, vão quebrar meu braço, o que vou fazer, vão me matar a socos, primeiro Mieke, agora eu. Nada faz sentido. Nada faz sentido, nada faz sentido.

E cambaleia ao lado da balaustrada.

E antes que pudesse continuar a atirar, Franz Biberkopf cambaleou até cair ao lado da balaustrada. Jogou a toalha, amaldiçoou a vida, depôs as armas. Fica ali estendido.

Os tiras e os policiais arrastam a mesa e as cadeiras para o lado, ajoelham-se junto ao homem, viram-no de costas, o homem tem um braço artificial, tem dois revólveres, onde estão os documentos, espere, está usando peruca. E Franz Biberkopf abre os olhos quando o puxam pelos cabelos. Chacoalham-no, agarram-no pelos ombros até se levantar, colocam-no de pé, consegue ficar de pé, precisa ficar de pé, enfiam-lhe o chapéu na cabeça. Lá fora, todos já estão no veículo, levam então Franz Biberkopf pela porta até a rua com uma algema no braço esquerdo. Uma balbúrdia na Münzstrasse, uma multidão, lá dentro houve tiros, tome cuidado, lá vem ele agora, foi ele. O policial ferido já havia sido removido de automóvel.

—

Então este é o carro no qual há pouco, às nove e meia, os comissários, os funcionários da polícia e as funcionárias da delegacia saíram, eles partem, Franz Biberkopf dentro, os anjos o abandonaram, como já relatei. Descarregaram os grupos de

peessoas no pátio iluminado do distrito, por uma pequena escada chega-se lá atrás a um grande e longo corredor, as mulheres são levadas a uma sala privada, e quem é dispensado e tem os documentos em ordem pode sair, mas precisa atravessar a barreira entre os tiras que ainda revistam um por um, apalpando o peito, as calças, até as botas embaixo, os homens riem, é uma vociferação só e um empurra-empurra no corredor, o jovem comissário e os funcionários andam de um lado para o outro e tentam acalmar, que tenham paciência. Os policiais mantêm as portas sob vigilância, ninguém vai ao banheiro sem acompanhamento.

Dentro, nas mesas, funcionários sentados em trajes civis interrogam as pessoas, examinam os documentos, caso alguém os tenha consigo, e escrevem

num grande formulário: local da ocorrência, distrito policial, local da detenção, delegacia policial, 4o dp. Pois bem, qual é o nome, local da detenção, última detenção em, atenda-me primeiro, preciso ir trabalhar, o diretor da polícia, seção 4, detido de manhã, à tarde, à noite, nome e sobrenome, estado civil ou profissão, data de nascimento, mês, ano, local de nascimento, sem domicílio, incapaz de indicar um endereço, a informação sobre o endereço mostrou-se improcedente após averiguação no local. Precisa aguardar até que a delegacia do seu bairro

responda, não é tão rápido assim, só têm duas mãos por lá também, além disso, já houve quem alegasse um endereço que de fato conferia, lá mora mesmo alguém, tem o mesmo nome que a pessoa – mas se alguém chega lá, atende uma outra pessoa que tinha os documentos daquela primeira roubados, ou foi seu amigo ou é uma manobra qualquer. Pedido de informação junto ao registro de procurados, verificação da ficha cinza, ficha cinza não disponível. Provas materiais constantes dos autos e objetos relacionados a este delito ou a outro, objetos com os quais o detido poderia causar dano a si ou a outrem, objetos pertencentes à pessoa, bengala, guarda-chuva, canivete, revólver, soco-ínglês.

Trazem Franz Biberkopf. Acabou-se para Franz Biberkopf. Apanharam-no. Conduzem-no por uma algema. Abaixa a cabeça sobre o peito. Querem interrogá-lo lá embaixo, no térreo, na sala do comissário de plantão. Mas o homem não fala, está estático, com frequência toca o rosto, o olho direito está inchado por um golpe de cassetete. Deixa pender o braço depressa, ali também levou um monte de socos.

Embaixo, os que foram liberados atravessam o espaço escuro em direção à rua, andando de braço dado com as meninas sobre o pátio iluminado. Se algum dia tiveste uma noiva a quem confiaste

de todo coração, e assim vamos nós, vamos nós, vamos nós com voz sonante, de um para outro restaurante. Atesto a veracidade dos registros acima, assinatura, detido, nome e número do distintivo do funcionário que empacotou os objetos. Ao Tribunal da Comarca de Berlim-Mitte, seção 151, ao senhor Juiz de Instrução ia.

Por fim, Franz Biberkopf é apresentado ao juiz e preso. Este homem disparou a arma durante a batida no Alexander-Quelle, além disso, possui outras violações contra o código penal. Encontraram o homem estendido no Alexander-Quelle, e constatou-se que, junto com os oito indivíduos procurados e os inevitáveis pupilos da assistência social, em meia hora a polícia fez uma pescaria bastante boa. Pois o homem que após o tiroteio desabara no chão tinha um braço artificial e usava peruca. E por esse motivo e pela fotografia que possuíamos se descobriu rapidamente que por detrás dele se escondia um homem envolvido no assassinato da prostituta Emilie Parsunke, em Freienwalde, e considerado cúmplice no crime, Franz Biberkopf, com antecedentes criminais por homicídio culposo e lenocídio.

Há muito, furtara-se à obrigação de apresentar-se às autoridades, agora pegamos um deles, logo pegaremos o outro.

NONO LIVRO

—

E agora a caminhada terrena de Franz Biberkopf está no fim. Já é tempo que seja destruído. Cai nas mãos do poder obscuro que se chama morte e que lhe parece apropriado como domicílio.

Descobre, porém, o que ela pensa dele de uma maneira inesperada e que supera tudo o que o atingiu até agora.

Ela lhe fala sem rodeios. Esclarece-lhe sobre seus erros, sua soberba e sua ignorância. E isso faz desabar o velho Franz Biberkopf, está encerrada sua existência.

O homem está acabado. Apresenta-se ainda um outro Biberkopf que não chega aos pés do antigo e do qual se espera que venha a se sair melhor.

—

A quarta-feira negra de Reinhold, mas este capítulo pode ser omitido

E como a polícia suspeita: “Agora que pegamos um deles, logo pegaremos o outro também”, assim acontece. Mas não exatamente como imaginam. Imaginam: logo pegamos esse. Mas – eles já o pegaram, ele atravessou o mesmo distrito vermelho, passou por outras salas e mãos, já está preso em Moabit.

Pois em se tratando de Reinhold tudo é rápido, e ele resolveu as coisas de modo definitivo. O rapaz não gosta de espernear por longo tempo. Com certeza ainda nos lembramos de como agiu com Franz naquela ocasião: em poucos dias, Reinhold sabe o que o outro está tramando contra ele e logo o liquida.

Certa noite, Reinhold se manda para a Motzstrasse e diz, os cartazes de assassinato com recompensa estão pendurados nas colunas de anúncios, preciso armar alguma coisa e deixar-me prender com documentos falsos, roubar uma bolsa ou algo assim. A prisão é a coisa mais segura quando a barra pesa. E é muito bem-sucedido, só que socou com força demais a cara da fina senhora. Mas não faz mal, pensa Reinhold, o importante é sumir de circulação. E na delegacia aceitam os documentos falsos, punquista polonês Moroskiewicz, para Moabit com ele, não

percebem na delegacia quem lhes caiu nas mãos, o rapaz nunca cumpriu pena, e quem é que guarda todas as características particularidades na cabeça. E na maior tranquilidade transcorre sua audiência, discreta, calma e silenciosamente, tal qual ele se esgueirara pela delegacia. Mas por ser um punquista procurado na Polônia, e um pilantra desses anda pela rua num bairro fino e sem mais nem menos derruba as pessoas no chão e arranca a bolsa de uma senhora, é inconcebível, não vivemos na Polônia russa, o que passou pela cabeça do senhor, isso merece uma pena exemplar, e ele é condenado a quatro anos de cadeia e cinco anos de perda dos direitos civis, emprego sob vigilância policial e o que mais houver, o soco-inglês é confiscado. O acusado arca com os custos do processo, faremos um pequeno intervalo de dez minutos, o ambiente está aquecido demais, por favor, abram as janelas enquanto isso, tem algo mais a declarar?

Reinhold, naturalmente, nada tem a declarar, reserva-se o direito de revisão, está aliviado que falem com ele assim, aqui nada pode acontecer a quem quer que seja. E passados dois dias, tudo está superado, tudo, tudo, e nós nos safamos outra vez. Maldita porcaria a história de Mieze e desse imbecil, o

Biberkopf, mas neste momento conseguimos o que queríamos, aleluia, aleluia, aleluia.

As coisas então chegaram a este ponto e quando prendem Franz e se dirigem à delegacia, o verdadeiro assassino, Reinhold, já está em Brandenburg, e ninguém pensa nele, submergiu, está esquecido, e o mundo poderia desabar, tão facilmente não o descobririam. Nenhum remorso o atormenta e, se tudo caminhasse conforme imagina, então estaria preso até hoje ou escaparia durante remoção para outra prisão.

No mundo, porém, as coisas funcionam de uma maneira que os provérbios mais idiotas acabam por dar certo e, se um homem acredita, agora está tudo bem, nem tudo está tão bem assim. O homem põe e Deus dispõe e o cântaro vai tantas vezes à fonte até que quebre. Quando também fisgam Reinhold e como este vai ter de trilhar seu caminho duro, áspero, vou narrar logo a seguir. Mas a quem isso não interessar, que simplesmente salte as páginas seguintes. As coisas neste livro, Berlin Alexanderplatz, sobre o destino de Franz Biberkopf, são corretas, e que sejam lidas duas, três vezes até que fiquem gravadas, elas contêm sua verdade, uma verdade palpável. Mas o papel de Reinhold aqui foi cumprido até o fim. Só por representar a violência fria na qual nada se modifica nesta existência, quero mostrá-la ainda em sua última e árdua batalha. Duro e insensível, assim vocês o verão no fim, imperturbável desenrola-se esta vida – enquanto Franz Biberkopf

se curva e ao fim, como um elemento que atingido por certos raios, se transforma em outro elemento. Ah, é fácil dizer: somos todos seres humanos. Se existir um Deus - não só somos diferentes perante ele por nossa maldade ou bondade, temos todos outra natureza e outra vida, somos diferentes na maneira de ser, por aquilo de onde viemos e para onde vamos. Ouçam, pois, as últimas sobre Reinhold.

—

Na cadeia de Brandenburg, Reinhold precisa então trabalhar na esteiraria com um cara que também é polaco, mas que é punquista de verdade, e de verdade mesmo, um tipo astuto; e ele conhece Moroskiewicz. Quando ouve dizer: Moroskiewicz, mas conheço esse sujeito, onde está, vê Reinhold e diz: ora, ora, como mudou, como é possível. E age como se de nada soubesse e não o conhecesse, depois vai se achegando de Reinhold no banheiro onde fumam, dá-lhe a metade de um cigarro e conversa com ele, e o outro nem sabe falar polonês direito. A Reinhold não agrada nem um pouco essa conversa polonesa, ele se esquivava da esteiraria, o mestre da oficina o coloca como carregador de esteiras prontas no corredor de celas, porque às vezes

alega fraqueza, lá os outros se aproximam menos dele. Długa, o polonês, porém, não deixa barato. Reinhold vai gritando: trabalho pronto, pôr para fora! De cela em cela. E quando estão com o mestre junto à cela de Długa e o mestre passa à contagem das esteiras, Długa cochicha a Reinhold, conheço um Moroskiewicz de Varsóvia, batedor de carteiras também, é parente seu? Reinhold toma um susto, passa ao polaco um pacotinho de tabaco, segue em frente: trabalho pronto, para fora.

O polonês fica feliz com o tabaco, tem algo estranho na história, e começa a chantagear Reinhold, pois este ainda consegue algum dinheiro por debaixo do pano.

E a coisa poderia tornar-se terrivelmente perigosa para Reinhold, mas desta vez ainda tem sorte. Apara o golpe. Espalha a notícia: Długa, seu conterrâneo, está a fim de alcaguetar, sabe de coisas a respeito dele. E em plena hora de folga uma terrível pancadaria; Reinhold também se lança com violência contra o polaco. Por isso é mantido isolado por uma semana, cela nua, só no terceiro dia roupa de cama e comida quente. E então sai e encontra tudo muito calmo e pacífico.

E depois Reinhold cai na própria armadilha. Durante toda sua vida, o mulhero trouxe-lhe desgraça e felicidade, o amor quebra-lhe a espinha também agora. A história com Dluga provocou-lhe grande excitação e raiva por ter de ficar preso aqui por dias sem fim, e precisa deixar-se aporrinhar por um cara desses, e nem amigos a gente tem, fica-se tão sozinho, tudo isso vai lhe carcomendo as entranhas cada vez mais fundo, semana após semana. E assim continua preso por mais tempo e o que mais gostaria era de acabar com Dluga, e se junta a um tipo, um assaltante que também está em Brandenburg pela primeira vez e deve ganhar a liberdade em março. Primeiro se associam no negócio de cigarros e nos insultos a Dluga, depois ficam bem íntimos e amigos de verdade, de uma forma que Reinhold nunca conheceu antes, mesmo que não seja uma mulher, e sim apenas um rapaz, é muito bom, e Reinhold fica contente na prisão de Brandenburg: uma coisa desgraçada dessas com Dluga bem que me trouxe algo bom. Só é uma pena que o rapaz precise sair logo.

“Ainda vou precisar usar o boné preto de pano e a jaqueta marrom por um tempo e, enquanto estou preso aqui, onde estará você, meu pequeno Konrad?” Konrad é o nome do rapaz, ou diz que se chama assim, vem de Mecklenburg e tem todo o jeito para se tornar um criminoso da pesada. Um dos dois com quem se envolveu em assaltos na Pomerânia está preso aqui com pena de

dez anos. E quando os dois, numa quarta-feira negra, na noite anterior à libertação

de Konrad, ficam juntos no dormitório mais uma vez e Reinhold está a ponto de acabar consigo, pois vai estar de novo completamente só, sem ninguém – mas logo há de encontrar alguém, e vai ver só, Reinhold, logo você vai ser destacado para um serviço externo, para Werder ou qualquer outro lugar –, então não consegue se acalmar, não se conforma, e não se conforma que as coisas correram tão mal para ele, aquela putinha idiota, a Mieze, e o paspalho do Franz Biberkopf, o que que eu tenho a ver com esses bobocas, esses palermas, e eu poderia andar agora lá fora como um bacana, aqui dentro só há pobres diabos que só vão ficar nisso. E Reinhold então se sente apunhalado e choraminga e se lamenta e suplica a Konrad, leve-me junto com você, leve-me junto com você. O outro o consola como pode, mas não dá, não dá para aconselhar ninguém a escapar.

Receberam uma pequena garrafa de álcool na marcenaria, de um polidor, Konrad passa a garrafa a Reinhold, este bebe, Konrad também. Não é possível escapar, há pouco, dois escapuliram, ou pelo menos queriam fazê-lo, mas só um deles chegou à Neuendorfer Strasse, pretendia subir num caminhão, aí a patrulha logo o apanhou, porém o cara sangrava tanto em virtude dos malditos cacos de vidro que pregaram em cima dos muros que

precisaram botá-lo no hospital da penitenciária, vai saber se suas mãos vão ficar inteiras de novo. E o outro, pois bem, esse foi mais esperto, nem bem percebeu o vidro e de um pulo desceu outra vez para o pátio.

“Não, essa história de escapar não dá, Reinhold.” E Reinhold fica todo ressentido e fragilizado, vai ter de ficar aqui mais quatro anos, e tudo por causa da bobeira na Motzstrasse e por causa de uma porca daquelas, a Mieze, e de um bobalhão, o Franz. E sorve goles do álcool do marceneiro, já se sente melhor, já arrumaram as coisas, a faca em cima sobre as trouxas, o expediente acabou, duas voltas na fechadura, o cadeado na frente, as camas estão montadas. Aí cochicham juntos sobre a cama de Konrad, Reinhold está em seu momento melancólico: “Homem, digo a você aonde ir em Berlim. Quando estiver lá fora, vá ter com minha noiva, sabe Deus de quem será noiva agora, dou o endereço e você me manda um recado, já sabe. E informe-se também sobre o que deu a minha história, você sabe, Dlugá já percebeu alguma coisa. Conheci um sujeito em Berlim, um bem boboca, Biberkopf era o nome dele, Franz Biberkopf -”.

E cochicha e relata e agarra Konrad, que fica boquiaberto e só diz sim e logo fica sabendo de tudo. Precisa ajudar Reinhold a deitar-

se. Tanto que chora de raiva e abandono e desgosto por sua sorte, porque nada pode fazer e está preso na ratoeira. De nada adianta Konrad dizer que quatro anos não são nada, Reinhold não quer e não quer e não vai aguentar, e não pode viver desse jeito, é a típica doideira que ataca no xadrez.

É a quarta-feira negra. Na sexta-feira, Konrad encontra a noiva de Reinhold em Berlim e é recebido cordialmente e durante dias nada mais faz do que contar coisas e receber dinheiro dela. É sexta-feira e, na segunda, tudo estará terminado para Reinhold. Aí Konrad encontra na Seestrasse um amigo que esteve antes sob cuidados da assistência social, o tipo está desempregado agora. E Konrad começa a contar vantagem, como está indo, paga a bebida para o outro no boteco, depois seguem para um cinema com garotas. Konrad conta histórias tenebrosas de Brandenburg. Quando se livram das mulheres já é a madrugada de terça-feira, e Konrad diz quem é Reinhold, só que diz chamar-se Moroskiewicz, mas é um sujeito legal, não se encontra um cara desses aqui fora, é procurado por crimes pesados, quem sabe o valor da recompensa pela cabeça dele. E mal acabou de dizer isso já sabe que foi uma tolice, mas o amigo promete por tudo que é mais sagrado que nada vai dizer, homem, vamos calar o bico, e ele ainda ganha mais dez marcos de Konrad.

Chega então a terça-feira, esse amigo está no térreo do distrito e olha os cartazes para ver se a história confere, quem é procurado, se é o Reinhold, assim é o nome dele, se faz parte da lista e se há recompensa a receber ou se Konrad simplesmente andou inventando.

E fica abismado, nem acredita a princípio quando lê o nome, Deus do céu, assassinato da prostituta Parsunke em Freienwalde, lá está o nome mencionado, será ele mesmo, Deus do céu, mil de recompensa, homem, mil marcos. Aquilo lhe estremece os ossos, mil marcos, e se põe logo a caminho e à tarde volta com a namorada, que diz já ter encontrado Konrad, este perguntou pelo outro, sim, está desconfiado, o que se deve fazer, vamos fazer ou não, homem, como pode ter alguma dúvida, é um assassino, que tem a ver com isso, e Konrad, o que tem a ver com ele, tão cedo você não vai encontrar o sujeito de novo, e por quê, como ele vai ficar sabendo que foi você, e o dinheiro, pense bem, mil marcos, e você recebe auxílio-desemprego e ainda tem dúvida, são mil marcos. “Mas será que é ele mesmo?” “Ora, venha, vamos entrar.”

Dentro, Konrad relata ao delegado de plantão tudo o que sabe nos mínimos detalhes, Moroskiewicz, Reinhold, Brandenburg –

como sabe de tudo isso, não diz. Como não possui documentos, ele e a namorada precisam ficar por lá a princípio. Depois – tudo está em ordem.

Quando Konrad vai a Brandenburg no sábado para visitar Reinhold e leva consigo toda sorte de encomendas da noiva de Reinhold e de Pums, lá está um jornal no vagão, um jornal velho, de quinta à noite, e na primeira página:

“Preso o assassino de Freienwalde. Na cadeia sob nome falso”. O trem trepida por baixo de Konrad, os trilhos solavancam, o trem trepida. De quando é o jornal, que jornal é esse, notícias locais, edição de quinta-feira à noite.

Foi pego. Transferido para Berlim. Quem fez isso fui eu.

O mulherio e o amor lhe trouxeram, ao Reinhold, infelicidade e felicidade a vida inteira, e assim também a desgraça no final. Para Berlim foi a transferência, comportou-se como um cão raivoso. Por pouco não o levaram para o mesmo estabelecimento onde seu antigo amigo Biberkopf cumpriu pena. Assim espera, quando ficou mais calmo em Moabit, o desenrolar de seu processo e o que virá daqueles lados, do Franz Biberkopf, que é

seu cúmplice ou mandante, mas nem ao menos se sabe ainda o que vai ser deste aqui.

Manicômio de Buch, bloco de segurança

No xadrez, no edifício pan-óptico da delegacia geral, suspeitam primeiro que Franz Biberkopf esteja armando algum truque, banca o doido porque sabe que sua cabeça está em jogo, mas depois o médico examina

o detento, levam-no ao hospital penitenciário em Moabit, lá também não se consegue arrancar palavra alguma dele, o homem aparentemente está de fato louco, fica deitado totalmente imóvel, só pisca um pouco os olhos. Depois de recusar alimento por dois dias, transportam-no para Buch, para o manicômio, bloco de segurança. Seja como for, isto está certo, pois o homem precisa ficar sob observação, de uma maneira ou de outra.

Primeiro meteram Franz na sala de observação, porque ficava deitado nu em pelo, e não se cobria, até a camisola arrancava do corpo, foi o único sinal de vida de Franz Biberkopf durante algumas semanas. Mantinha os olhos firmemente cerrados, jazia ali rígido e rejeitava qualquer alimento, de modo que precisaram

alimentá-lo com uma sonda semanas a fio, apenas leite e ovo com um pouco de conhaque. Com isso, o homem robusto foi minguando bastante, um único guarda conseguia carregá-lo com facilidade para a banheira, o que Franz apreciava muito, e na banheira costumava até balbuciar algumas palavras, abrir os olhos, suspirar e gemer, mas todos esses sons não faziam chegar a nenhuma compreensão.

O estabelecimento prisional de Buch localiza-se um pouco afastado da aldeia, o bloco de segurança fica além dos alojamentos de outros internos que apenas estão doentes, e não cometeram crime algum. O bloco de segurança fica numa área livre, em campo aberto e totalmente plano, o vento, a chuva, a neve, o frio, o dia e a noite, tudo isso pode rodear a casa com toda violência e com todo poder. Não há ruas para conter os elementos, só algumas poucas

árvores e arbustos, também alguns postes telegráficos, mas de resto existe apenas chuva e neve, vento, frio, dia e noite.

Vum, vum, o vento enche o peito, prende a respiração, depois assopra como um fole, cada sopro tão pesado quanto uma montanha, a montanha se aproxima, bam, brame contra a casa; brame o contrabaixo. Vum, vum, as árvores balançam, não

conseguem manter o ritmo, curvam-se à direita, ainda estão à esquerda, agora são vergadas. Pesos em precipitação, marteladas de ar, estalidos, rangidos, estouros, vum, vum, sou sua, venha, logo vamos chegar, vum, noite, noite.

Franz ouve o apelo. Vum, vum, não para, já podia parar. O guarda está junto a uma mesa e lê, posso vê-lo, ele não se deixa perturbar pelo bramido. Também já estou deitado aqui faz tempo. A caçada, a maldita caçada, eles me pegaram vapt-vupt, estou quebrado, o braço e as pernas, meu pescoço acabou- se, quebrado. Vum, vum, como isso tudo choraminga, estou deitado faz tempo, não vou levantar, Franz Biberkopf não vai mais levantar. E mesmo que sopra a trombeta do Juízo Final, Franz Biberkopf não vai levantar. Podem gritar o quanto quiserem, podem vir com a sonda, agora já me enfiam a sonda pelo nariz porque não quero abrir a boca, mas uma hora qualquer vou morrer de fome, o que podem fazer com seus remédios, podem fazer o que quiserem. Líquido, maldita coisa, já me livrei disso. Agora o guarda toma seu copo de cerveja, disso também me livrei.

—

Vum golpe, vum golpe, vum aríete, vum golpe contra o portão. Na fúria e na correria, no estrondo, no impulso, as forças da tempestade se reúnem e discutem, é noite, como fazer para que Franz desperte, não que queiram quebrar-lhe os membros, mas a casca é tão grossa e ele não ouve o que clamam, se estivesse mais perto delas lá fora, ele as sentiria e ouviria Mieke gritar. Então seu coração se abriria, sua consciência despertaria e ele se levantaria, seria bom, agora não se sabe o que fazer. Se alguém tem um machado e o impele para dentro da madeira dura, então até a árvore por mais velha que seja começa a gritar. Mas fazer de modo tão teso, crisar-se, retesar-se na desgraça, isto é a pior coisa no mundo. Não podemos fraquejar ou invadimos o bloco de segurança com o aríete, derrubamos as janelas ou suspendemos as claraboias; quando ele nos sentir, quando ouvir o grito, o grito de Mieke, vamos trazê-lo conosco, então ele vai viver e vai saber melhor o que há. Precisamos amedrontá-lo e assustá-lo, não deve ter sossego em sua cama, como lhe tiro o cobertor, como devo movê-lo até o chão, como faço desaparecer de cima da mesa o livro e a cerveja do guarda com um sopro, vum, vum, como derrubar-lhe o abajur, jogo a lâmpada ao chão, talvez isso provoque um curto circuito no bloco, talvez deflagre um incêndio, vum, vum, fogo no manicômio, fogo no bloco de segurança.

Franz tapa os ouvidos, se retesa. Em torno do bloco de segurança dia e noite se revezam, tempo claro, chuva.

—

Junto ao muro, uma jovem senhorita da aldeia conversa com um guarda: “Dá para perceber que chorei?”. “Não, só uma das bochechas está inchada.” “A cabeça inteira, a nuca, tudo. Sim.” Ela chora, pega um lenço da bolsinha, o rosto se contrai emburrado. “E no entanto não fiz nada de mais. Fui à padaria buscar alguma coisa, conheço a moça e pergunto o que anda fazendo, ela diz que vai hoje ao baile dos padeiros. Como ficar sempre em casa plantada nesse tempo ruim. E ela ainda tem uma entrada e quer me levar junto. Não custa um tostão. Muito gentil a moça, não?” “Muito mesmo.” “Mas o senhor devia ouvir meus pais, minha mãe. Não devo ir. Por que não, é um baile decente e também a gente quer se divertir um pouco, é o que se leva da vida. Não, você não sai, o tempo está muito ruim, e o pai está doente. Mas eu saio assim mesmo. E levei uma boa surra, é bonito isso?” Chora, esvai-se em lágrimas. “A nuca inteira dói. E agora você vai nos fazer o favor, diz minha mãe, e vai ficar aqui. É o cúmulo. Por que não devo sair, tenho vinte anos, saio aos sábados e domingos, diz minha mãe, ora, e se for na quinta-feira e aquela senhorita dispõe

de uma entrada.” “Se a senhorita quiser, posso lhe emprestar um lenço.” “Ah, já encharquei seis lenços de lágrimas; também estou resfriada, chorar o dia inteiro, o que devo dizer àquela moça, não posso ir até a padaria com esta bochecha. Só queria ir embora, gostaria também de espairecer, a história do Sepp, seu namorado. Agora lhe escrevi, acabou-se entre nós, ele não responde, agora acabou.” “Deixe-o para lá. Pode vê-lo toda quarta-feira na cidade com outra.” “Gosto muito dele. Por isso queria ir embora.”

—

Na cama de Franz, senta-se um velho com nariz de beberrão. “Homem, abra os olhos, a mim você pode ouvir. Também estou na mesma que você. Home, sweet home, sabe, doce lar, para mim isso é debaixo da terra. Se não estou em casa, quero ir para debaixo da terra. Os microcéfalos querem me transformar num troglodita, seres das cavernas, é nesta caverna que devo morar. Você sabe o que é um troglodita, somos nós, acordai, malditos desta terra que ainda sois vítimas da fome, caístes mortos na batalha, no amor sagrado pelo povo, sacrificastes tudo para o povo, vida, felicidade e liberdade. É o que somos,

homem. Em salões luxuosos, banqueteia-se o déspota, afogando a inquietação no vinho, no entanto, há muito uma mão escreve sinais ameaçadores sobre a mesa farta. Sou autodidata, o que aprendi, aprendi comigo mesmo, tudo na cadeia, fortaleza, agora me engaiolam aqui, declaram o povo incapacitado, sou para eles uma ameaça pública. Sim, é isso o que sou. Sou livre pensador, digo isso a você, você me vê sentado aqui, sou o homem mais calmo do mundo, mas se me provocam... Chegará um tempo e o povo despertará, poderoso, forte, livre, assim descansai, pois, irmãos, e grande foi vosso sacrifício por nós.

“Sabe, colega, abra os olhos para que eu perceba que está me ouvindo – está bem assim, mais não precisa, não vou denunciar você –, o que você fez, liquidou um dos tiranos, morte aos carrascos, vós, déspotas, lamentai. Sabe, você fica deitado e deitado e eu não consigo dormir a noite inteira, lá fora é só vum, vum, você ouve também, eles ainda vão derrubar a casa toda. Eles têm razão. Fiz os cálculos esta noite, quantas voltas o mundo dá em torno do sol num segundo, cálculos e mais cálculos, penso que são 28 e depois tenho a impressão de que minha velha está dormindo ao meu lado e então eu a acordo, ela diz: velho, não se assuste, foi só um sonho. A mim eles engaiolaram porque bebo, mas quando bebo fico furioso, furioso, mas só comigo mesmo, e então tenho de arrebentar tudo que estiver no caminho porque

não domino minha vontade. Vou um dia à Caixa por causa de minha aposentadoria, os grosseirões estão sentados na sala chupando as canetas e se dando ares de grandes senhores. Aí eu dou um pontapé na porta e dou meu recado, e eles: o que o senhor quer, afinal, quem é o senhor? Então dou um murro na mesa: nem quero falar com os senhores, mas com quem tenho a honra, sou Schlögel, quero a lista telefônica, exijo o chefe do governo. Daí fiz a sala inteira em pedaços e dois dos grosseirões viram o que é bom.”

—

Vum, golpe, vum, golpe, vum, aríete, vum, golpe contra o portão. Estrondo e marteladas, batidas e balanço. Quem é este sujeito ardiloso, Franz Biberkopf, um bocó, um coió, ele quer esperar até que um dia caia neve, e então, pensa ele, estaremos longe e não voltaremos mais. O que deve pensar, um cara desses não consegue pensar, não tem miolos na cuca, quer ficar aqui deitado, quer bancar o turrão. Vamos mostrar-lhe o que é bom, temos ossos de ferro, estrondo portão, atenção, arrombar portão, buraco no portão, rachadura no portão, cuidado, nada de portão, buraco oco, caverna, vum, vum, atenção, vum vum.

Um estalido, ocorre um estalido na tempestade, em meio ao resfolegar e

soprar, ressoa alto um estalido, uma mulher gira o pescoço sobre uma besta escarlata. Tem sete cabeças e dez chifres. Ela grasna e segura uma taça na mão, zomba, espreita Franz, faz um brinde às forças da tempestade: podem chiar, chiar, podem serenar, minhas senhoras, o homem não vale muito a pena, não é grande coisa o sujeito, só tem ainda um braço, e não há mais muita carne e gordura sobrando nele, logo estará gelado, já lhe colocam bolsas de água quente na cama e seu sangue também já está comigo, a ele só restou um pouquinho, não vai dar para se fazer de importante. Nada disso, digo, podem serenar, minhas senhoras.

Isso acontece diante dos olhos de Franz. A prostituta move as sete cabeças, grasna e cabeceia. A besta apoia as patas debaixo dela, balança a cabeça.

Frutose e injeções de cânfora, mas no fim outra pessoa se intromete

Franz Biberkopf luta com os médicos. Não consegue arrancar-lhes a sonda, não consegue arrancá-la do nariz, esfregam óleo na

borracha e a sonda escorrega-lhe pela garganta e faringe, e o leite com os ovos escorre-lhe

até o estômago. Mas quando termina a alimentação, Franz começa a ter náuseas e a vomitar. É cansativo e doloroso, mas dá para aguentar, mesmo que as mãos estejam atadas e não se possa meter o dedo na garganta. Logo vamos poder vomitar tudo o que quisermos, e vamos ver quem faz prevalecer sua vontade, eles ou eu, ou se ainda alguém vai querer me subjugar neste mundo maldito. Não estou aqui para servir de cobaia aos médicos e o que de fato se passa comigo, isso eles não sabem.

Franz então consegue seu intento, enfraquece cada vez mais. Fazem com ele todas as tentativas possíveis, tentam animá-lo, tomam-lhe o pulso, sentam-no na cama, deitam-no de novo, dão-lhe injeções de cafeína e cânfora, injetam-lhe frutose e sal de cozinha nas veias, discutem ao pé de sua cama as expectativas das lavagens intestinais, talvez se deva afinal dar-lhe oxigênio extra para respirar, não vai conseguir arrancar a máscara. Ele pensa, para que estes ilustres doutores se importam comigo. Em Berlim, morrem cem pessoas todos os dias e, se alguém está doente, nenhum médico quer fazer visita em domicílio, só em caso de o doente ter muito dinheiro. E agora vêm todos correndo, mas não vão ter sorte só porque querem me ajudar. Para eles sou hoje tão importante quanto fui ontem, talvez

eu seja interessante para eles e por isso ficam irritados comigo, não conseguem lidar comigo. E não querem aceitar isso, de jeito nenhum, morrer é contra as regras da casa por aqui, contra a disciplina da instituição. Se por acaso bato as botas, pode ser que eles

tenham de engolir as consequências, além disso, depois ainda vão me processar por causa da Mieke e sei lá mais o quê, para tanto, preciso primeiro ficar de pé direito, são os verdadeiros ajudantes de carrasco, nem mesmo carrascos são, ajudantes do carrasco, tangedores, e ainda por cima andam por aí de avental de doutor e nem se envergonham.

Um cochicho zombeteiro circula entre os internos da enfermaria depois da ronda dos médicos, e Franz permanece deitado lá como antes, e eles se esfalfaram com ele, sempre novas injeções, qualquer hora vão colocá-lo de ponta-cabeça, agora querem até fazer transfusões de sangue, mas onde arranjar sangue, ninguém por aqui é tão tolo assim para permitir que lhe tirem sangue, que deixem o pobre diabo em paz, a vontade do homem é seu reino celestial e o que alguém quer, quer e pronto. O bloco inteiro só pergunta que injeção nosso Franz vai receber hoje e riem todos pelas costas dos médicos, pois nada vai adiantar, eles não vão conseguir, é um rapaz durão, o mais duro que existe, vai mostrar a eles, ele sabe o que quer.

Os ilustres doutores vestem aventais brancos no ambulatório, são o senhor médico-chefe, o médico assistente, o médico voluntário, o estagiário da saúde, e todos dizem: é um estado de estupor. Os senhores mais jovens têm uma concepção especial sobre este estado: estão inclinados a considerar a doença de Franz Biberkopf como psicogênica, assim sendo, seu torpor tem a alma como ponto de partida, é um estado doentio de inibição e constrangimento que uma análise logo esclareceria, talvez como regressão a estágios primitivos da alma, se - o grande “se”, o lamentável “se”, uma pena, este “se” é um incômodo considerável - Franz Biberkopf falasse e se sentasse com os senhores à mesa de reuniões para juntos solucionarem o conflito. Os senhores mais jovens têm na figura de Franz Biberkopf o tratado político de Locarno diante dos olhos. Estes jovens senhores, os dois voluntários e o estagiário, vêm até Franz um de cada vez depois da ronda médica, pela manhã e à tarde, na pequena sala vigiada e gradeada, e tentam da melhor maneira possível entabular uma conversa com ele. Optam, por exemplo, pelo método de ignorar: conversam com ele como se ouvisse tudo, e isto está certo, como se pudessem convencê-lo, desse modo, a sair do isolamento e romper a barreira.

Como não dá muito certo, um voluntário insiste para que um aparelho de eletrochoques seja trazido do manicômio e que Franz Biberkopf seja submetido a choques, a princípio no tronco, e por fim que a corrente farádica seja aplicada na região do maxilar, no pescoço e na boca. Esta região deveria, em especial, ser estimulada e ativada.

Os médicos mais velhos são pessoas abertas, bem informadas, que gostam de esticar as pernas e passear até o bloco de segurança, eles permitem tudo. O senhor médico-chefe está no ambulatório sentado à mesa diante dos prontuários e documentos, o enfermeiro chefe os vai passando a ele pelo lado esquerdo, os dois jovens senhores, a jovem guarda, médico assistente e estagiário da saúde estão junto à janela de grades e jogam conversa fora. A lista de soporíferos foi checada, o novo enfermeiro apresentou-se e saiu da sala com o enfermeiro chefe, os senhores estão sozinhos, folheiam as atas do último congresso em Baden-Baden. O médico chefe: “Vocês ainda vão acabar acreditando que a paralisia é de fundo psicológico e que as espiroquetas são eventuais piolhos no cérebro. A alma, a alma, ó moderna caixa de sentimentos! Medicina nas asas da poesia”.

Os dois senhores silenciam e sorriem por dentro. A geração antiga fala muito, a partir de uma certa idade deposita-se calcário no

cérebro e não se aprende mais nada. O médico chefe solta baforadas, continua a assinar, diz:

“Vejam, eletricidade é muito bom, bem melhor do que o palavrório. No entanto, peguem uma corrente fraca, e de nada vai adiantar. Peguem então uma corrente forte, e vão ver o que acontece. Foi na guerra que ficamos sabendo disso, tratamento de corrente forte, Deus do céu. Não é permitido, tortura moderna.” Os jovens senhores tomam coragem e perguntam o que se deve fazer no caso Biberkopf: “Em primeiro lugar, é preciso chegar a um diagnóstico, e se possível ao correto. Além da alma inquestionável – conhecemos muito bem nosso Goethe e Chamisso e ainda outros, embora já faça algum tempo –, além disso, há também hemorragia nasal, calos e pernas quebradas. Estas devem ser tratadas como uma perna quebrada normal ou um calo o exigem. Com uma perna quebrada podem fazer o que quiserem, ela não vai curar com uma boa conversa, podem até tocar piano enquanto isso, não vai curar. Isto exige que se coloque uma tala e se ponham os ossos no lugar, então logo dá certo. Com um calo não é diferente. Exige pinceladas de algum líquido ou que se comprem botas mais confortáveis. É caro, mas apropriado”. A sabedoria do direito à aposentadoria, zero na categoria de conteúdo intelectual. “Então, o que se deve fazer neste caso Biberkopf, o que acha o senhor médico-chefe?” “Determinar a

diagnose correta. E esta, segundo meu diagnóstico há muito estabelecido, é estupor catatônico. Ou melhor, caso não se esconda por detrás disso um dado orgânico grosseiro, algo no cérebro, um tumor, algo no mesencéfalo, os senhores sabem o que aprendemos com a assim chamada encefalite letárgica, pelo menos nós, os mais velhos. Talvez venhamos a assistir a algo de sensacional na sala de autópsias, não seria a primeira vez.”

“Estupor catatônico?” Devia comprar para si um par de botas novas. “Sim, quando alguém fica prostrado assim em estado de torpor, com acessos de suor e vez por outra piscar de olhos, nos observa muitíssimo bem, mas não diz nada, tampouco se alimenta, isto nos parece catatonia. O senhor dissimulador ou um paciente psicogênico algum dia também irá cair em contradição. Morrer de fome, esse cara não vai deixar chegar a tanto.” “E que bem pode fazer àquele homem este diagnóstico, senhor médico-chefe? Não vai lhe servir para nada.” Agora vamos lhe aplicar um suadouro. O médico- chefe dá uma gargalhada, levanta-se; o médico-chefe aproxima-se da janela, bate no ombro do médico assistente: “Ora, em primeiro lugar, ele está sendo poupado por vocês dois, caro colega. Pelo menos depois ele vai poder dormir tranquilamente. Isso é uma vantagem para o sujeito. Não acredita que no fim das contas ele fique entediado com o que o senhor e o outro colega lhe ficam arengando? Sabe como sustentarei firmemente minha diagnose agora? Veja, agora descobri. O

sujeito já teria agarrado a oportunidade há muito, homem de Deus, se por acaso o problema com ele fosse a chamada alma. Quando um presidiário tão escolado assim vê que ali vêm chegando uns senhores tão jovens que naturalmente não sabem nada a meu respeito – peço desculpas, estamos entre nós –, eles querem me curar às custas de rezas, para um cara desses vocês são um prato cheio. É isso o que ele quer. E o que ele faz, o que deveria ter feito há muito? Veja, colega, se o rapaz tivesse inteligência e discernimento –”. Agora esse galo cego acredita ter finalmente encontrado um grãozinho de milho; como cacareja, cacareja. “Mas ele se sente inibido, senhor médico-chefe, trata-se em nossa opinião de um bloqueio, provocado, porém, por momentos psíquicos – perda de contato com a realidade após desilusões, fracassos, exigências infantis instintivas à realidade, tentativas frustradas de reativar o contato.” “Que bobagem, momentos psíquicos. Então ele haveria de ter outros momentos psíquicos. E pararia com o bloqueio e a inibição. Esses ele vai dar ao senhor de presente de Natal. Dentro de uma semana, ele vai se levantar com sua ajuda, Deus, que grande curandeiro é o senhor, seja louvada a nova terapia, deve mandar um telegrama de apreço a Freud em Viena, na semana seguinte o rapaz estará passeando no corredor graças a seu apoio, milagre, milagre, aleluia; e mais outra semana e ele vai estar bem familiarizado no pátio e, na seguinte, com sua ajuda benevolente, ele terá dado no pé pelas suas costas, aleluia.” “Não compreendo, precisaríamos

tentar, não creio, senhor médico-chefe.” [Sei tudo, você não sabe nada, cocoricó, sabemos tudo.] “Mas eu sim. O senhor ainda vai aprender. Isso vem com a experiência. Ora, nada de atormentar o sujeito, acredite em mim, não adianta nada.” [Vou até o bloco 9, estes fedelhos, é só deixar o bom Deus dispor, afinal, que horas são?]

—

Inconsciente e ausente está Franz Biberkopf, muito pálido, amarelento, com edemas nos tornozelos, edemas de fome, cheira a fome, a acetona adocicada, quem entra na sala logo percebe que aqui ocorre algo especial.

Um estágio mais profundo já atingiu a alma de Franz, sua consciência só por vezes está presente, só o compreendem os ratinhos cinzentos que moram em cima, no depósito, e os esquilos e as lebres silvestres que saltitam lá fora. Os camundongos ficam em sua toca, entre o bloco de segurança e o grande edifício central de Buch. Então algo rumoreja na alma de Franz e vagueia e procura e cicia e pergunta e é cego e retorna para o casulo que ainda está deitado na cama atrás do muro e respira.

Os camundongos convidam Franz a comer com eles e não ficar triste. O que o está deixando aflito. Descubrem que falar não é fácil para ele. Insistem com ele, acabe com isso. O ser humano é um animal feio, o inimigo de todos os inimigos, a criatura mais repugnante que existe na Terra, ainda pior do que os gatos.

Ele diz: não é bom habitar um corpo humano, preferiria acocorar-me debaixo da terra, correr pelos campos e comer o que encontrar, e vento sopra, e chuva cai, e frio vem e vai, é melhor do que viver num corpo humano.

Os camundongos correm, Franz é um ratinho do campo e cavouca junto com eles.

Está deitado no bloco de segurança, os médicos chegam e mantêm-lhe o corpo vivo, entretanto, ele está cada vez mais pálido. Eles mesmos afirmam que ele não vai mais aguentar. O que havia nele de animal, corre agora pelos campos.

Agora algo se esgueira para fora dele e tateia e procura e se liberta, algo que só sentira antes raramente e de maneira nebulosa. Aquilo sai nadando por cima das tocas dos ratos, fuça

pela grama, tateia pelo solo onde as plantas mantêm suas raízes e sementes escondidas. Alguma coisa fala com eles, conseguem compreender, é um assoprar para lá e para cá, um pulsar, é como se sementes caíssem sobre o solo, a alma de Franz manda suas sementes de volta. Porém é um tempo ruim, frio e gelado, quem sabe quantos vão brotar, mas há lugar nos campos, quantas sementes tem Franz dentro de si, todos os dias ele assopra para fora do bloco e espalha suas sementes.

A morte canta sua lenta, lenta canção

s forças da tempestade se acalmaram agora, uma outra canção teve início, todas elas a conhecem e conhecem quem a canta.

Quando ergue sua voz,

A sempre ficam quietas, inclusive aquelas que são as mais impetuosas da

Terra.

A morte começou sua lenta, lenta canção. Canta como se sofresse de gagueira, repete cada palavra; mal acaba de cantar um verso, repete o primeiro e recomeça. Canta como um serrote a rilhar. Muito lentamente começa, depois penetra fundo na carne,

guincha mais forte, mais agudo e mais alto, então esgota esse tom e descansa. Depois retrocede lenta, lentamente, e range, e seu tom se torna mais alto, mais firme, e ela penetra na carne.

Lentamente canta a morte.

“Chegou para mim a hora de aparecer diante de você porque as sementes já voam pela janela e você espana seu lençol como se não fosse mais deitar. Não sou uma simples ceifadora, não sou uma simples semeadora, tenho de estar aqui porque a mim compete preservar. Ó sim! Ó sim! Ó sim!”

Ó sim, é isso o que a morte canta ao fim de cada estrofe. E quando faz um movimento brusco, também repete Ó sim, porque lhe dá prazer. Mas aqueles que ouvem, fecham os olhos, não dá para suportar.

Lenta, lentamente canta a morte, a malévola Babilônia a escuta, as forças da tempestade também a ouvem.

“Aqui estou e tenho de registrar: quem aqui está deitado e renuncia a sua vida e a seu corpo é Franz Biberkopf. Onde quer que esteja, sabe para onde vai e o que quer.”

É, por certo, um lindo canto, mas será que Franz ouve, e o que significa: é a morte que canta? Assim impresso no livro ou lido em voz alta é como poesia, Schubert compôs canções semelhantes, a morte e a donzela, mas o que quer dizer isto aqui?

Quero somente dizer a mais pura verdade, a mais pura verdade, e esta verdade é a seguinte: Franz Biberkopf ouve a morte, esta morte, e a ouve cantar lentamente, soando como se sofresse de gagueira, sempre a repetir e como um serrote que penetra na madeira.

“Tenho de registrar aqui, Franz Biberkopf, estás deitado e queres vir ter comigo. Sim, tinhas razão, Franz, ao vires ter comigo. Como pode um homem crescer se não procura a morte? A morte verdadeira, a morte real. Assim te preservaste a vida inteira, preservar, preservar, eis a receosa aspiração do homem e assim permanece num mesmo ponto e assim não vai adiante.

“Quando Lüders te enganou, falei contigo pela primeira vez, tinhas bebido e

te – preservaste! Teu braço se estilhaçou, tua vida estava em perigo, Franz, admite, não pensaste um só minuto na morte, tudo te revelei, mas tu não me reconheceste e, quando me atinaste, fugiste de mim às carreiras, sempre mais furioso e horrorizado. Nunca passou por tua cabeça censurar-te por aquilo que fizeste. Tu te envolveste num espasmo de força e até agora o espasmo não se desfez e de nada adianta, tu mesmo o sentiste, de nada adianta, chega o momento em que nada adianta, a morte não entoa para ti uma canção amena, e não te envolve o pescoço com uma coleira que enforca. Sou a vida e a verdadeira força, finalmente, finalmente, não queres mais preservar-te.”

“O quê? O quê? O que pensas de mim, o que queres fazer comigo?”

“Sou a vida e a força mais verdadeira, minha força é mais poderosa do que a de canhões mais potentes, não vais poder habitar em parte alguma para ter sossego de mim. Queres experimentar-te, queres pôr-te à prova, a vida não pode valer a pena sem mim. Vem, aproxima-te de mim para que me vejas, Franz, vê como estás no fundo do abismo, quero mostrar-te uma

escada, ali encontras um novo olhar. Agora a subirás até mim, eu a seguro para ti, tens apenas um braço, mas agarra-te a ela com firmeza, tuas pernas pisam firmes, agarra-te, sobe, aproxima-te.”

“Não consigo ver escada alguma no escuro, onde a colocaste, tampouco posso subir com um braço só.”

“Tu não sobes com o braço, tu sobes com as pernas.” “Não consigo me segurar, não faz sentido o que exiges.”

“O que não queres é aproximar-te de mim. Então te darei luz e a encontrarás.”

A morte então pega seu braço direito escondido atrás das costas e percebe-se porque ela o escondera ali.

“Se não tens coragem de vir no escuro, acendo a luz para ti, rasteja até aqui.”

Então lampeja um machado pelos ares, lampeja, extingue-se.

“Rasteja, rasteja até aqui!”

E quando o machado brande, brande de cima para frente, por detrás de sua cabeça, e mais para frente num arco, num círculo que o braço descreve, o machado parece escapar dele. Mas logo ergue sua mão atrás da cabeça, ela brande novamente um machado. Lampeja, cai, guilhotina num semicírculo à frente pelo ar, desfere o golpe, desfere, mais um golpe a zunir, mais um a zunir, mais um.

Brande, abate, fende, brande, investe, fende, brande, abate, fende, brande abate fende, brande fende, brande fende.

E no lampejo da luz e enquanto brande e lampeja e fende, Franz rasteja e tateia a escada, grita, grita, Franz grita. E não rasteja de volta. Grita Franz. A morte está aí.

Franz grita.

Grita Franz, rasteja e grita.

Grita a noite toda. Pôs-se em marcha o Franz. Grita dia adentro.

Grita manhã adentro. Brande abate fende. Grita meio dia adentro.
Grita tarde adentro. Brande abate fende.

Brande, fende, fende, brande, brande fende, fende, fende. Brande,
fende.

Grita noite adentro, noite adentro. A madrugada chega. Grita
madrugada adentro, Franz madrugada adentro.

Seu corpo rasteja mais para frente. No cepo, pedaço a pedaço de
seu corpo é retalhado. Seu corpo rasteja automaticamente para
frente, precisa avançar arrastando-se, não consegue de outra
forma. O machado rodopia no ar. Lampeja e cai. Ele é feito em
pedaços, centímetro por centímetro. E para além, para além dos
centímetros, o corpo não está morto, ele rasteja para frente,
lentamente para frente, nada sucumbe, tudo continua a viver.

Os que passam lá fora por sua cama, param junto à cama e lhe
levantam as pálpebras para verificar se os reflexos estão
mantidos, tomam-lhe o pulso, que está por um fio, esses não
ouvem nada da gritaria. Veem apenas: Franz abriu a boca, e
acreditam que tem sede e, com cuidado, lhe introduzem algumas
gotas, que não vá vomitá-las, bom que ele não cerre mais os
dentes. Como é possível que um ser humano possa viver tanto
tempo.

“Sofro, sofro.”

“É bom que sofras. Não há nada melhor do que sofreres.” “Ah, não me deixe sofrer. Põe um fim a isso.”

“Não adianta pôr um fim. Já está chegando ao fim.” “Põe um fim. Está em tua mão.”

“Tenho apenas um machado na mão. Todo o resto está em tua mão.” “O que tenho eu na mão? Põe um fim.”

Agora a voz berra, e se transformou por completo.

A cólera desmedida, a cólera indômita, indômita e insana, toda a cólera desmedida e acelerada.

“Chegamos a esse ponto de eu estar aqui e falar assim contigo. De eu estar aqui como um verdugo e carrasco e ter de te esganar como um animal peçonhento que ataca. Chamei-te sem parar, tu me consideras uma vitrola, um gramofone que alguém liga por capricho, e então eu chamo e, quando estás farto, tu me desligas. Assim me tomas ou assim me tolhes. Mas ai se me tolheres, vês agora, a coisa é outra.”

“Mas o que fiz eu? Já não sofri o suficiente? Não conheço ninguém que passou o que passei, tão miserável, tão lastimável.”

“Tu nunca estiveste lá, sujeitinho de merda. Em minha vida toda não vi nenhum Franz Biberkopf. Quando te mandei Lüders, não abriste os olhos, dobraste como um canivete e depois te embebedaste, aguardente e mais aguardente, nada além de beber.”

“Queria ser decente, o cara me enganou.”

“Digo, tu não abriste os olhos, ó cão traiçoeiro! Amaldiçoas os malandros e a malandragem e nem olhas para as pessoas nem perguntas por que e como. Que tipo de juiz és tu para julgar as pessoas e nem olhos tens. Eras cego e ainda por cima atrevido, arrogante, o senhor Biberkopf do bairro bacana, e o mundo que se transforme naquilo que ele quer. A coisa é bem outra, meu rapaz, agora o percebes. O mundo não se importa contigo. Quando Reinhold te agarrou, atirou debaixo do carro, o braço te foi arrancado, nosso Franz Biberkopf nem se dobrou. Ainda sob as rodas, ele jura: quero ser forte. Não diz: vamos refletir, espremer os miolos – não, ele diz: quero ser forte. E não queres perceber que falo contigo. Mas agora me ouves.”

“Não perceber, por quê? O quê?”

“E, por fim, Mieke. – Franz, vergonha, vergonha, diz: vergonha, três vezes
vergonha!”

“Não posso. Nem sei por quê.”

“Três vezes vergonha. Ela veio até junto de ti, era encantadora, te protegia, ficava alegre contigo, e tu? Que valor tinha uma pessoa dessas para ti, uma pessoa como uma flor, e vais e contas vantagens sobre ela para Reinhold. E diante de ti o máximo de todos os sentimentos. Queres apenas ser forte. Ficas feliz que possas digladiar-te com Reinhold e que estás acima dele e vais até lá e o atijas com ela. Pensa se não és tu mesmo culpado por ela não estar viva. E nenhuma lágrima derramaste por ela, que morreu por ti, por quem mais.

“Só conversa fiada: ‘eu’ e ‘eu’ e a ‘injustiça que sofro’ e como sou nobre, fino, e não deixam mostrar-me como de fato sou. Diz vergonha, três vezes vergonha!”

“Mas não consigo.”

“Esta guerra perdeste agora, rapaz. Filho, estás liquidado. Podes esticar as botas. Podes ir para o lixo. Para mim estás riscado. Podes chorar e berrar o que quiseres. Que patife. Ele recebeu um coração e uma cabeça e olhos e orelhas e pensa, é bom se conseguir ser decente, o que significa ser decente para ele, e nada vê e nada ouve e vive às cabeçadas e nada percebe, pode-se fazer o que quiser.”

“O quê, o que se deve fazer?”

Rugido da morte: “Nada te direi, não me digas bobagens. Não tens cabeça, não tens ouvidos. Nem nasceste, homem, nem mesmo vieste ao mundo. Tu, aborto da natureza com ideias malucas. Com ideias atrevidas, sua eminência, o Papa Biberkopf, este ainda está por nascer para que percebamos como as coisas são. O mundo precisa de sujeitos diferentes de ti, mais espertos, menos atrevidos, que enxergam como as coisas são, não feitos de açúcar, mas de açúcar e sujeira e tudo misturado. Ó cara, para cá com teu coração a fim de que acabes de vez. Para que eu atire tudo à merda, onde deve estar. O focinho, com esse podes ficar”.

--

“Deixa-me, só mais um pouco. Deixa-me pensar. Mais um pouco, um pouquinho.”

“Dê cá seu coração, homem.” “Um pouquinho.”

“Vou pegá-lo eu mesma.”

“Um pouquinho.”

E agora Franz ouve a lenta canção da morte

Lampejar lampejo lampejo, o lampejar lampejar não cessa.

Fender, abater, fender, o fender abater fender cessa. É a segunda noite que Franz passou aos gritos. O abater fender cessa. Não grita mais. O lampejar cessa. Seus

olhos piscam. Está retesado na cama. Isto é um quarto, uma enfermaria, gente andando. Você não precisa cerrar os lábios. Eles lhe introduzem algo quente na boca. Nada a lampejar. Nada a fender. Paredes. Pouquinho, um pouquinho, o que mais. Fecha os olhos.

E quando Franz fecha os olhos, começa a fazer algo. Vocês não veem o que ele faz, vocês só pensam que está deitado e talvez logo esteja morto, não move um dedo sequer. Chama e anda e vagueia. Convoca tudo que lhe pertence. Sai pelas janelas até os campos, remexe a grama, rasteja para dentro das tocas dos camundongos: para fora, fora, o que há aqui, o que de mim está aqui dentro? E remexe a grama: para fora desta salada, para que a bobagem, nada faz sentido, preciso de vocês, não posso dar folga a ninguém, aqui comigo há o que fazer, ânimo, preciso de todo mundo.

Derramam-lhe caldo pela boca, engole, não vomita. Não quer, não tem vontade de vomitar.

—

Franz tem a palavra da morte na boca e ninguém há de arrancá-la dele, e ele a revira na boca, é uma pedra, uma pedra pedregosa, e nenhum alimento emana dela. Nesta situação, incontáveis pessoas morreram. Não houve mais avanço para elas. Não sabiam que só deveriam infligir mais uma única dor para

avançar, que só era necessário um pequeno passo para avançar, este passo, porém, não puderam dar. Não o sabiam, não aconteceu rápido, não suficientemente rápido, foi uma fraqueza, um espasmo de minutos, segundos, e já estavam do outro lado onde não mais se chamavam Karl, Wilhelm, Minna, Franziska – saciados, obscuramente saciados, enrubescidos na fúria e no torpor do desespero dormitaram rumo ao lado de lá. Não sabiam, precisavam apenas arder até a brancura, e teriam amolecido e tudo estaria novo.

Deixar vir – a madrugada, não importa quão negra seja e tão semelhante ao nada. Deixar vir a madrugada negra, os campos sobre os quais se deposita a geada endurecida, as avenidas congeladas. Deixar vir as solitárias casas de telhas das quais emana a luz avermelhada, deixar vir os caminhantes enregelados, os cocheiros sobre as carroças de verduras que se dirigem à cidade e os cavalinhos à frente. As grandes planícies, amplas, mudas, sobre as quais passam os trens suburbanos e os trens expressos e lançam na escuridão luz branca de um lado para o outro. Deixar vir as pessoas na estação, a menina despedindo-se dos pais, ela viaja com dois conhecidos mais velhos, cruzarão a grande superfície de água, já temos passagens, mas Deus do céu, uma menina tão pequena, ora, ela logo vai se adaptar por lá, é só ficar boazinha e tudo dará certo. Deixar vir e

acolher as cidades que ficam todas ao longo da linha, Breslau, Liegnitz, Sommerfeld, Guben, Frankfurt sobre o Oder, Berlim, o trem conduz de estação a estação, as cidades emergem nas estações, as cidades com suas ruas largas e estreitas. Berlim com a Schweidnitzer Strasse, com o grande anel da Kaiser-Wilhelm-Strasse, Kurfürstenstrasse, e por toda parte há moradias nas quais as pessoas se aquecem do frio, olham-se com carinho e sentam-se uma ao lado da outra, espeluncas e botecos onde alguém toca piano, ó bonequinha, um sucesso tão antigo como se nada houvesse de novo em 1928, como, por exemplo, “Madonna, és mais linda” ou “Ramona”.

Deixar vir – os automóveis, os táxis, você sabe, em quantos deles você andou, trepidava, você estava só ou havia um ou dois a seu lado, carro número 20.147.

—

Coloca-se um pão no forno.

O forno fica ao ar livre, junto a uma fazendola, atrás, um campo de cultivo, a coisa parece um pequeno amontoado de telhas. As

mulheres cortaram uma porção de lenha, juntaram gravetos, depositam tudo junto ao forno e vão metendo lá dentro. Agora, achega-se uma mulher atravessando o quintal com as grandes formas, a massa dentro delas. Um rapaz escancara a porta do forno, arde em brasa lá dentro, arde, arde, colossal, um calor, empurram as chapas com varas para dentro, o pão vai crescer, a água evaporar-se, a massa vai dourar.

Franz ergue-se um pouco. Engasgou, engoliu, espera, quase tudo que andava lá fora está junto dele outra vez. Estremece, o que disse a morte. Ele tem de saber o que a morte falou. A porta se abre. Agora vai acontecer. O teatro vai começar. Esse eu conheço, Lüders, por esse estava esperando.

E eles entram, aguardados com tremor. O que pode ter acontecido com Lüders, Franz faz sinal, pensava-se que ele estivesse com o fôlego curto por ter estado tanto tempo na horizontal, mas só quer soerguer-se e ficar mais

ereto. Pois agora eles vêm. Agora está sentado. Vamos lá.

E chegam um a um. Lüders, um pobre diabo, que homenzinho minúsculo. Vamos ver o que há com ele. Sobe a escada

carregando cadarços de sapato. Sim, era assim que a gente fazia. A gente apodrece em seus andrajos, ainda os trapos da guerra, cadarços Makko, madame, só queria perguntar se podia me dar uma xícara de café, o que houve com seu marido, deve ter morrido em combate; mete o chapéu na cabeça: pois bem, passe o troco para cá. Esse é Lüders, ele andava comigo. A mulher tem o rosto em brasa, uma das bochechas está branca como neve, fuça na carteira, esbraveja, essa ainda vai desabar. Ele remexe nos armários: porcaria de lata, preciso correr, se não ela ainda acaba gritando. No corredor, porta batida com força, escadas abaixo. Sim, consegui. Rouba, rouba muito. A mim entregam a carta, é dela, o que há comigo, um dia me cortaram as pernas, cortaram minhas pernas, por quê, não consigo levantar. O senhor quer um conhaque, Biberkopf, um caso de luto, hein, sim, por que por isso, por que me cortaram as pernas, não sei. Preciso perguntar a ele, preciso dirigir-lhe a palavra. Ouça, Lüders, bom dia, Lüders, como vai, não muito bem, eu também não, chegue mais perto, sente-se ali na cadeira, ora, não se vá, o que foi que lhe fiz de mal, não se vá.

Deixar vir. Deixar vir a noite negra, os carros, as avenidas congeladas, a despedida da menininha de seus pais, vai viajar com um homem e uma mulher e logo vai se adaptar por lá, é só ficar boazinha e tudo dará certo. Deixar vir.

Reinhold! Ah! Reinhold, ó diabo! Vagabundo, aí está você, o que quer aqui, quer se fazer de bacana para mim, não há água que faça você ficar limpo, malandro, assassino, criminoso da pesada, tire o cachimbo do focinho quando falar comigo. Bom que você tenha vindo, senti sua falta, venha, patife, ainda não agarraram você, está vestindo um casaco azul? Tome cuidado, ainda vai acabar na cadeia com esse casaco. “E você, o que é, Franz?” Eu, seu malandro? Não sou assassino, sabe quem você matou? “E quem me mostrou a garota, e quem não dava a mínima para a garota, e sou eu quem tem de ficar debaixo das cobertas, seu falastrão, quem foi então?” Nem por isso você tinha de matá-la. “E que diferença faz, por acaso você não a deixou torta de tanto bater, hein? E ainda tem aquela outra fulana enterrada na Landsberger Allee, essa também não foi parar sozinha no cemitério. Então, e agora? Agora você não diz nada! O que diz agora o senhor Franz Biberkopf, falastrão de ofício?” A mim você jogou debaixo do carro, deixou que meu braço fosse atropelado. “Ha ha ha, pode prender um braço de papelão aí. Se é assim tão palerma e se envolve comigo.” Palerma? “Ora, você nem percebe que é um palerma. Agora você está em Buch e faz de conta que é um cão raivoso e eu vou muito bem, obrigado, quem então é o palerma?”

E se vai, e o fogo infernal lampeja-lhe dos olhos e crescem-lhe chifres na cabeça e guincha: “Venha lutar boxe comigo, venha, mostre o que você é, Franzezinho, Franzezinho Biberkopf, Biberkopf- zinho, ah!”. E Franz comprime as pálpebras. Não devia ter aprontado nada com ele, não devia ter lutado com ele. Por que me meti com esse cara.

“Venha, Franzezinho, mostre quem você é, tem força?”

Não devia ter ido à luta. Ele me atiça, ainda me provoca, oh, é um malvado, não devia ter feito isso. Não dá para competir com esse cara, não devia ter feito isso.

“Força é o que você devia ter, Franzezinho.”

Não devia ter tido força, não contra esse cara. Percebo que estava errado. Tudo aquilo que fiz. Fora, fora com ele.

Ele não vai.

Fora, fora com –

Franz berra, retorce as mãos: preciso ver outra pessoa, ninguém aparece, por que ele fica parado?

“Bem sei, você não gosta de mim, não é agradável. Logo vai aparecer outra pessoa!”

Deixar vir. Deixar vir. As grandes planícies, amplas, mudas, as casas de telhas solitárias das quais emana luz avermelhada. As cidades situadas ao longo da linha, Frankfurt junto ao Oder, Guben, Sommerfeld, Liegnitz, Breslau, as cidades emergem nas estações, com suas ruas largas e estreitas. Deixar vir os carros de aluguel que circulam, os automóveis que deslizam e chispam.

E Reinhold vai indo, depois fica parado de novo e olha para Franz:

“E

então, quem é que pode mais, quem venceu, Franzezinho?”.

E Franz estremece: eu não venci, sei disso. Deixar vir.

Logo virá outra pessoa.

E Franz soergue-se um pouco mais, cerrou o punho.

Coloca-se um pão no forno, um forno enorme. O calor é colossal, o forno
crepita.

Ida! Agora ele se foi. Graças a Deus, Ida, que você veio. Aquele era o maior vagabundo que o mundo já viu. Ida, bom que você tenha vindo, ele me provocou e me atiçou, que você diz a isso, passei maus bocados, agora estou aqui, sabe onde é Buch, um hospício, para observação ou porque já estou louco. Ida, venha, não vire as costas. O que ela está fazendo? Está na cozinha. Sim, a garota está na cozinha. Está lidando com algo, talvez lavando louça. Mas por que ela dobra o corpo assim, dobra para o lado como se estivesse com mau jeito. Como se alguém a estivesse espancando num dos lados. Não bata, homem, é desumano, não faça isso, homem, deixe disso, deixe a moça, ó não, ó sim, quem está batendo nela, ela não consegue ficar de pé, fique reta, menina, vire-se, olhe para mim, quem está surrando você de maneira tão horrível?

“Você, Franz, você me matou a pancadas.”

Não, não, não fiz nada disso, foi provado em juízo, só foi violência corporal, não tive culpa. Não diga isso, Ida.

“Sim, você me matou a pancadas. Tome cuidado, Franz.”

Ele grita, não, não, comprime a mão, remete o braço diante dos olhos, mas ainda vê tudo.

Deixar vir. Deixar vir os caminhantes forasteiros, carregam sacos de batatas nas costas, um rapaz puxa um carrinho de mão atrás deles, suas orelhas estão geladas, dez graus abaixo de zero. Breslau com a Schweidnitzer Strasse, a Kaiser-Wilhelm-Strasse, a Kurfürstenstrasse.

E Franz geme: é muito melhor estar morto, quem aguenta isso, que venha alguém e me mate, não fiz aquilo, não sabia de nada. Choraminga, balbucia, falar, não consegue. O guarda compreende o que ele quer. Pergunta. O guarda lhe dá um gole de vinho tinto

quente; os dois outros doentes que estão na enfermaria insistem, ele tem de esquentar o vinho.

Ida continua a se contorcer. Não se contorça, Ida, fiquei preso em Tegel por isso, cumpri minha pena. Então ela não se contorce mais, senta-se, então pende a cabeça, vai ficando cada vez menor e mais preta. Lá está ela – no caixão e – não se move.

Os gemidos, os gemidos de Franz. Seus olhos. O guarda senta-se junto dele, segura-lhe a mão. Que alguém tire isso daqui, que alguém empurre o caixão daqui, não consigo levantar, não consigo.

E move a mão. Mas o caixão não se mexe. Ele não alcança. Então Franz

chora de desespero. E olha fixamente, fixamente em desespero. E, nas lágrimas e no desespero, o caixão desaparece. Mas Franz continua a chorar.

Mas por quê, minhas senhoras e senhores debruçados nesta leitura, por que Franz está chorando? Ele chora porque sofre e pelo que está passando e também por si mesmo. Por ter feito

tudo aquilo e por tudo ter acontecido exatamente daquela maneira, por isso Franz Biberkopf chora. Agora Franz Biberkopf chora por si mesmo.

—

Em plena hora do almoço no bloco, servem a comida, o carrinho de refeições é conduzido de volta à instituição do outro lado, empurrado por guardas da cozinha e dois doentes em estado menos grave.

Então, na hora do almoço, Mieze está junto dele. Tem um rosto bem calmo, suave. Está de vestido de passeio e usa um gorro justo que lhe cobre as orelhas e a testa. Mira Franz com um olhar direto, calmo e caloroso, do jeito que ele a conheceu, quando a encontrava vez por outra na rua ou no boteco. Quando ele pede que se aproxime, ela chega mais perto. Ele quer que ela lhe dê as mãos. Ela coloca as duas mãos na dele, a única. Veste luvas de couro. Tire as luvas. Ela as tira, estende-lhe as mãos. Venha até aqui, Mieze, não fique com esse ar distante e me dê um beijo. E ela calmamente chega bem perto, lança-lhe um olhar bem caloroso, muito caloroso, e o beija. Fique aqui, diz a ela, preciso de você, você tem de me ajudar. “Não posso, Franzezinho. Estou

morta, você bem sabe.” Fique aqui. “Gostaria muito, mas não posso.” E ela o beija outra vez. “Você sabe, Franz, Freienwalde. Você não está zangado comigo, está?”

E lá se vai. Franz se verga. Arregala os olhos, esbugalha os olhos. Não consegue vê-la. O que foi que fiz. Por que não a tenho mais. Se não a tivesse mostrado ao Reinhold, se não tivesse me metido com ele. O que foi que fiz. E agora.

Consegue extrair algum som de seu rosto terrivelmente crispado: ela tem de voltar outra vez. O guarda só entende “outra vez” e goteja algum vinho em sua boca aberta, seca. Franz tem de beber, o que mais lhe resta.

A massa fica no calor, a massa cresce, o fermento a faz crescer, formam-se bolhas, o pão ganha volume, doura.

A voz da morte, a voz da morte, a voz da morte:

De que adianta toda força, de que adianta toda a decência, ó sim, ó sim, olha para ela. Reconhece, arrepende-te.

Tudo o que Franz possui, lança-se por terra. Ele nada retém.

Aqui é preciso descrever o que é dor

Aqui é preciso descrever o que é dor e sofrimento. Como a dor arde e dilacera. Pois é a dor que foi se chegando. Muitos retrataram a dor em poemas. Os cemitérios presenciam a dor todos os dias.

Aqui é preciso narrar o que a dor provoca em Franz Biberkopf. Franz não oferece resistência, entrega-se, lança-se à dor como vítima. Deita-se na chama ardente para ser morto, aniquilado e reduzido a cinzas. É preciso festejar o que a dor faz com Franz Biberkopf. Aqui é preciso falar da aniquilação provocada pela dor. Romper, cortar, derrubar, desfazer, é o que faz.

Cada coisa tem seu tempo: esganar e curar, quebrar e construir, chorar e rir, queixar e dançar, procurar e perder, rasgar e fechar. É o tempo de esganar, queixar, procurar e rasgar.

Franz debate-se e espera pela morte, pela morte misericordiosa.

Pensa, a morte, a misericordiosa, terminante, agora está próxima. Treme quando se soergue outra vez ao anoitecer para recebê-la.

Pela segunda vez, chegam aqueles que à hora do almoço o tinham derrubado. Franz diz: que tudo siga seu curso, este sou eu, parte com vocês Franz Biberkopf, levem-me.

Com profundo estremecimento, recebe a imagem do lastimável Lüders. O malvado Reinhold arrasta os pés em sua direção. Com profundo estremecimento, recebe as palavras de Ida, o rosto de Mieze, é ela sim, agora tudo se cumpriu. Franz chora e chora, sou culpado, não sou um ser humano, sou um animal, um monstro.

Morreu então àquela hora da noite Franz Biberkopf, antigo operário do transporte, arrombador, cafetão, assassino. Um outro estava deitado na cama. O outro tem os mesmos documentos que Franz, parece-se com Franz, mas num outro mundo usa um novo nome.

Esta foi, pois, a derrocada do Franz Biberkopf que eu quis descrever, desde a sua saída da penitenciária de Tegel até seu fim no manicômio de Buch no inverno de 1928-1929.

Agora acrescento ainda um relato dos primeiros dias e horas do novo homem que porta os mesmos documentos daquele outro.

Partida da malévola prostituta, triunfo do grande sacrifício, tocador de tambor e arremessador de machados

A paisagem nua diante dos muros vermelhos da instituição, os campos estão cobertos de neve suja. Rufam os tambores e continuam a rufar. Perdeu a prostituta Babilônia, a morte é a vencedora e põe-na a correr com o rufar dos tambores.

A prostituta vocifera e alardeia e baba e grita: “O que tem aquele sujeito, o que ganhas com ele, o Franz Biberkopf, ponha esse seu queridinho num vidro de conserva”.

A morte continua seu tamborilar: “Não consigo ver o que tens em teu cálice, ó hiena. O homem Franz Biberkopf está aqui, eu o devastei por inteiro. Mas como é forte e bom, deve receber uma nova vida, sai do caminho, nós duas nada mais temos a dizer aqui”.

E como esperneia e continua a vociferar, a morte começa a se mexer, põe-se a caminho, seu imenso manto cinzento esvoaça, tornam-se visíveis cenas e paisagens que flutuavam em seu redor, e a envolvem dos pés ao peito. E gritos, disparos, escarcéu, triunfo e júbilo em torno da morte. Triunfo e júbilo. A besta sob a fêmea refuga, pinoteia.

O rio, o Beresina, legiões em marcha.

Ao longo do Beresina marcham as legiões, o frio glacial, o vento gelado. Vieram da França, o grande Napoleão as conduz. O vento sopra, a neve redemoinha, disparos zunem. Debatem-se sobre o gelo, atacam, tombam. E sempre o clamor: Viva o Imperador, viva o Imperador! O sacrifício, o sacrifício, é a morte!

Trepidação de trens, estrondo de canhões, estouro de granadas de mão, fogo cerrado, Chemin des Dames e Langemarck, pátria amada põe-te em sossego, pátria amada põe-te em sossego. As trincheiras soterradas, sepultados os soldados. A morte faz rodar seu manto, canta: ó sim, ó sim.

Marchar, marchar. Para a guerra com passo firme seguimos, conosco caminham cem tocadores de tambor, aurora, crepúsculo, tu nos ilumina rumo à morte precoce, cem tocadores, rataplã, rataplã, uns por vias retas, outros pelas tortas, rataplã, rataplã.

A morte faz rodar seu manto e canta: ó sim, ó sim.

Um forno arde, um forno arde, diante de um forno está uma mãe com sete filhos homens, atrás deles as lamúrias do povo, devem renegar o deus de seu

povo. Estão radiantes e em paz. Quereis renegar e submeter-vos? O primeiro diz não e sofre as torturas, o segundo diz não e sofre as torturas, o terceiro diz não e sofre as torturas, o quarto diz não e sofre as torturas, o quinto diz não e sofre as torturas, o sexto diz não e sofre as torturas, o sétimo diz não e sofre as torturas. A mãe

está ali e encoraja os filhos. Por fim, ela diz não e sofre as torturas.
A morte roda o manto e canta: ó sim, ó sim.

A fêmea das sete cabeças puxa a besta, a besta não se ergue.

Marchar, marchar, para a guerra seguimos, conosco caminham
cem tocadores de tambor, eles tamborilam e assobiam, rataplã,
rataplã, pelas vias retas vai um, o outro pelas tortas, um fica
parado, o outro cai, um continua a correr, o outro jaz mudo,
rataplã, rataplã.

Júbilo e gritos, marchar a seis e a dois e a três, marcha a
revolução francesa, marcha a revolução russa, marcham as
guerras dos camponeses, os anabatistas, seguem todos atrás da
morte, há um júbilo atrás dela, vão rumo à liberdade, seguem em
direção à liberdade, o velho mundo deve sucumbir, desperta, ó
brisa da manhã, rataplã, rataplã, a seis, a dois, a três, irmãos,
rumo ao sol, à liberdade, irmãos, rumo à luz, do passado escuro
reluz claro o futuro, marcar passo e direita e esquerda e esquerda
e direita, rataplã, rataplã.

A morte roda o manto e ri e fica radiante e canta: ó sim, ó sim.

A grande Babilônia finalmente consegue erguer a besta, esta se põe em movimento, galopa desenfreada pelos campos, afunda na neve. A grande Babilônia vira-se para trás, rugem em direção à morte radiante. Sob seus brados, a besta verga sobre os joelhos, a fêmea equilibra-se sobre o pescoço do animal. A morte fecha seu manto. Canta, radiante: ó sim, ó sim. O campo rumoreja: ó sim, ó sim.

Todo começo é difícil

Em Buch, tão logo o homem preso à cama e pálido de morte, que um dia foi Franz Biberkopf, começou a falar e a olhar em volta, os agentes policiais e os médicos o interrogaram longamente, os policiais, para apurar as acusações que pesam sobre ele, os médicos, por causa do diagnóstico. De parte dos agentes policiais, este homem ouviu que têm em seu poder um certo Reinhold que, antes em sua vida, em sua vida anterior, representou um papel importante. Falam de Brandenburg e se ele conhece também um tal Moroskiewicz e qual o paradeiro deste. Pede que lhe contem tudo repetidas vezes e mantêm-se muito quieto. Por um dia inteiro, deixaram-no totalmente em paz. Há uma ceifeira, de nome Morte. Esta então afia a

foice, que agora corta melhor. Cuida-te, florzinha azul.

Perante o comissário de polícia, presta seu depoimento no dia seguinte, nada tem a ver com o caso antigo de Freienwalde. Se o tal Reinhold alegar outra coisa, então – está mentindo. Espera-se que o homem pálido, encarquilhado, reconstitua seu álibi de então. Passam-se dias até que isso seja possível. Tudo se rebela dentro dele ao percorrer este caminho outra vez. Parece bloqueado. Gemendo, consegue reproduzir alguns dados. Geme, que o deixem em paz. Olha em torno de si, amedrontado como um cão. O velho Biberkopf desapareceu, o novo só faz dormir sem parar. Não incrimina este Reinhold com uma só palavra. Nós todos estamos sob o mesmo machado. Nós todos estamos sob o mesmo machado.

As informações conferem, coincidem com os depoimentos do benfeitor de Mieze e seu sobrinho. Os médicos chegam a uma visão mais clara. O diagnóstico de catatonia passa a um plano secundário. Foi um trauma psíquico, seguido de uma espécie de estado de obnubilação, o homem não tem uma vida familiar muito saudável, vê-se logo que tem uma ligação bem íntima com o álcool. Afinal, toda a discussão a respeito do diagnóstico se mostrou sem a mínima importância, com certeza o sujeito não

simulou nada, tinha um parafuso frouxo, nada que fosse herança de pais ruins, e isso é o principal. Então, agora, ponto final, basta, e ele vai ser acusado com base no parágrafo 51 pelo tiroteio no Alexanderquelle. Uma curiosidade, será que vamos pegá-lo de novo?

O homem cambaleante, a quem chamam pelo nome do falecido Biberkopf, não sabe, enquanto anda pelo bloco, ajudando às vezes a servir refeições, sem voltar a ser interrogado, ele não sabe que muita coisa ainda ronda por trás dele. Os policiais não largam o osso, querem descobrir o que houve com seu braço, onde o perdeu, onde esteve internado para tratamento. Informam-se na clínica de Magdeburg, são coisas passadas, mas os tiras se interessam por coisas passadas, mesmo que tenham acontecido vinte anos atrás. Mas não descobrem nada, estamos perto de um desfecho feliz, Herbert também é cafetão, os rapazes todos têm belas garotas, empurram tudo para cima delas, alegam que é daí que tiram todo o dinheiro. Mas nisso nenhum dos tiras acredita, talvez recebam dinheiro das meninas de vez em quando, mas no ínterim também se faz algum trabalho por conta própria. A respeito desse assunto, a rapaziada cala o bico.

A tempestade, também a tempestade passa ao largo do homem, desta vez, tudo deve lhe ser perdoado. Desta vez você ganhou uma passagem de volta, meu filho.

--

É o dia em que o libertam. A polícia não lhe deixa dúvidas, vai mandar segui-lo também lá fora. Do depósito, trazem aquilo que pertenceu ao antigo Franz, e ele recebe tudo em mãos, veste de novo suas roupas, no paletó ainda há sangue, um policial lhe dera uma pancada na cabeça com o cassetete, o braço postiço, não quero, a peruca também é do senhor, pode ficar com ela, para quando montarem uma peça de teatro, aqui temos teatro todos os dias, mas não usamos peruca, o formulário de dispensa o senhor tem em mãos, adeusinho, senhor enfermeiro chefe, ora, venha nos visitar qualquer dia, quando o tempo estiver bonito em Buch, vamos fazer isso, e muito obrigado, abro o portão para o senhor.

Isso, portanto, deixamos isso também para trás.

Pátria amada, põe-te em sossego, tenho os olhos abertos e não me meto

Pela segunda vez, Biberkopf deixa agora uma instituição na qual foi mantido preso, estamos no fim de nosso longo caminho e junto com Franz damos ainda um pequeno passo.

A primeira que deixou foi a penitenciária de Tegel. Amedrontado, ficou junto ao muro vermelho e quando se moveu dali e o 41 chegou e foi com ele para Berlim, as casas não paravam quietas, os telhados queriam cair sobre Franz, precisou andar muito e sentar-se até que tudo em seu redor sossegasse e ele ficasse forte o suficiente para ficar aqui e recomeçar.

Agora está sem forças. Não consegue mais ver o bloco de segurança. Mas, vejam só, quando desce na Stettiner Bahnhof, uma estação dos subúrbios, e avista diante dele o Baltikumhotel, nada – se – move. As casas ficam paradas, os telhados estão firmes, pode movimentar-se calmamente debaixo deles, não precisa procurar refúgio em pátios escuros. Sim, este homem – vamos chamá-lo Franz Karl Biberkopf para distingui-lo do primeiro, no batismo, Franz também recebeu o segundo nome, em homenagem ao avô, o pai de sua mãe –, este homem sobe agora devagar pela Invalidenstrasse, caminha pela Ackerstrasse em direção à Brunnenstrasse, passando pelo mercado público

amarelo, e observa calmamente as lojas e as casas e como as pessoas correm de um lado para o outro, quanto tempo faz que não via nada disso, agora estou aqui de novo. Agora Biberkopf está aqui outra vez. O Biberkopf de vocês está aqui outra vez.

Deixar vir, deixar vir as amplas planícies, as casas de telhas vermelhas nas

quais há luz acesa. Deixar vir os caminhantes enregelados que carregam sacos nas costas. É um reencontro, muito mais do que um reencontro.

Senta-se na Brunnenstrasse num boteco, pega um jornal. Será que aparece seu nome em algum lugar ou o de Mieze ou o de Herbert ou Reinhold? Para onde devo ir, para onde irei? Eva, quero ver Eva.

Ela não mora mais com Herbert. A senhoria abre a porta: Herbert foi parar na cadeia, os tiras reviraram todas as coisas dele, ele não voltou mais, as tralhas estão lá em cima esparramadas no chão, não sei se devem ser passadas nos cobres, vou perguntar. Franz encontra Eva a oeste da cidade, na casa de seu benfeitor. Ela o recebe. Recebe Franz Karl Biberkopf com prazer.

“Sim, Herbert foi preso, pegou dois anos de xilindró, faço por ele o que posso, também perguntaram muito por você, primeiro em Tegel, e como vai você, Franz?” “Estou indo bem, fui dispensado de Buch, deram uma licença de caça para mim.” “Li isso no jornal faz poucos dias.” “Cada coisa que inventam de pôr no jornal. Mas ainda estou fraco, Eva. Comida de cadeia é comida de cadeia.”

Eva percebe seu olhar, um olhar calmo, sombrio, indagador, esse nunca tinha percebido em Franz. Nada fala sobre si mesma, a ela também aconteceu algo que lhe diz respeito, mas ele está paralisado, ela procura um quarto para ele, ajuda-o, que não faça nada. Ele mesmo o diz, quando está sentado ali no quarto, e Eva faz menção de sair: não, agora não consigo fazer nada.

—

E o que pode fazer? Começa pouco a pouco a sair pelas ruas, vagueia por
Berlim.

Berlim, 52°31' de latitude norte, 13°25' de longitude leste, vinte estações de trens de longo percurso, 121 linhas suburbanas, 27

linhas circulares, catorze linhas metropolitanas, sete estações de manobras, bonde elétrico, metrô de superfície, ônibus, só existe uma cidade imperial, só existe uma Viena. Nostalgia feminina em três palavras, três palavras encerram em si toda a nostalgia das mulheres. Imaginem que uma firma nova-iorquina anuncia um novo cosmético que proporciona a uma retina amarelada o frescor daquela cor azulada que só a juventude possui. Pode-se obter a mais linda pupila, do azul profundo até um castanho aveludado com o uso de produtos que vêm em tubos. Para que gastar tanto dinheiro com a limpeza de casacos de pele.

Ele anda pela cidade. Há muitas coisas que podem deixar um homem com saúde, basta que o coração esteja saudável.

Primeiro a Alex. Ela ainda está aí. Não há nada para ver nela, fez um frio terrível o inverno todo, por isso não trabalharam e deixaram tudo como estava, a enorme escavadeira está agora na Georgenkirchplatz, lá despejam o entulho da loja Hahn, muitas vigas foram colocadas ali, talvez construam uma estação. De resto, muita coisa se passa na Alex, mas o principal é: ela ainda está aí. E as pessoas atravessam para todos os lados, uma sujeira tremenda, pois o magistrado de Berlim é tão refinado e humano que deixa toda neve se transformar devagarinho, aos poucos, em sujeira, que ninguém toque um dedo nela. Quando os carros passam, é bom pular para dentro da porta da casa mais próxima,

do contrário vai ganhar grátis um carregamento de lixo na cartola e se arriscar a receber uma queixa por desvio de propriedade pública. O velho Mokka-fix está fechado, na esquina há um local novo, chama-se México, sensação internacional: o chefe na vitrine junto ao grill, construção de troncos em estilo indígena, e colocaram um tapume em torno do Quartel Alexander, quem sabe o que há por lá, lojas estão vindo abaixo. E os elétricos estão apinhados, todos têm o que fazer, e o bilhete ainda custa vinte pfennigs, um quinto de um marco em dinheiro; se a gente quiser, pode também pagar trinta ou comprar um carro Ford. O metrô de superfície também circula, ali, nada de primeira classe ou segunda, só terceira, todos bem sentados em poltronas estofadas, caso não viajem de pé, o que também ocorre. Proibido descer por conta própria no meio do caminho com o veículo em movimento, multa de até

150 marcos; ninguém vai ousar descer, arrisca-se a tomar um choque elétrico. Admiração que um sapato provoca, se aplicar a graxa Agu. Solicita-se embarque e desembarque rápido, em caso de grande afluência, usar o corredor do meio.

Tudo isso são coisas bem bonitas que ajudam um homem a ficar de pé, caso sintá-se um pouco fraco, basta que o coração esteja saudável. Nada de ficar parado na porta. Ora, Franz Karl Biberkopf está bem de saúde, se fossem todos tão resistentes

quanto ele. Nem valeria a pena narrar uma história tão longa sobre um homem, se ele nem ao menos consegue se firmar nas pernas. E quando, certo dia, debaixo de uma chuva horrível, um vendedor ambulante de livros estava parado na rua, reclamando do lucro irrisório, o poeta Cäsar Flaischlen se aproximou do carrinho de livros. Ouviu os queixumes com toda calma, depois deu tapinhas nos ombros molhados do homem e disse: “Deixe os queixumes para lá, tenha o sol no coração”, assim ele o consolou e desapareceu. Este foi o ensejo para o famoso Poema ao Sol. É um sol desses, claro que não o mesmo, que Biberkopf também tem dentro de si, acompanhado de um copinho de aguardente e muito extrato de malte misturado à sopa, isto lentamente o põe em forma. Com estas linhas, permito-me também oferecer-lhe uma parcela de um excelente lote de Trabener

Würzgarten 1925, pelo preço vantajoso de noventa marcos por cinquenta garrafas, inclusive embalagem, frete a partir daqui, ou 1,60 marco por garrafa sem vasilhame e caixa, que aceito de volta pelo preço estipulado. Dijodyl para arteriosclerose. Biberkopf não tem arteriosclerose, só se sente fraco, fez um jejum violento em Buch, chegou bem perto de morrer de inanição, e é preciso de tempo até que alguém recupere o peso. Por essa razão também não precisa procurar um magnetopata, aonde Eva quer levá-lo, porque este a ajudou certa ocasião.

--

E quando Eva uma semana depois vai com ele visitar o túmulo de Mieze, tem bons motivos para se admirar e perceber como ele está melhorando. Nada de choro, só coloca um punhado de tulipas sobre o túmulo, acaricia a cruz e logo pega Eva pelo o braço e se vão.

Em frente, fica sentado com ela na confeitaria, come bolo Bienenstich [bolo picada de abelha, em português], em homenagem a Mieze, porque esta não se fartava de comê-lo, de fato é muito saboroso, mas não faz jus à fama. Pois então fizemos uma visita a nossa pequena Mieze, não se deve ir muito a cemitérios, pode-se pegar um resfriado por lá, quem sabe no ano que vem de novo, quando for o aniversário dela. Viu, Eva, não tenho necessidade, pode acreditar, de correr para visitar Mieze, para mim ela também está presente sem o cemitério, e também o Reinhold, sim, o Reinhold, desse não esqueço, mesmo que o braço cresça outra vez, desse não esqueço. Há coisas por aí, a gente seria um monte de trastes velhos e não um ser humano caso nos esquecêssemos delas. Assim fala Biberkopf com Eva e come Bienenstich.

Antes, Eva queria ser sua namorada, mas agora, agora, nem mesmo ela quer mais. A história de Mieze e depois o hospício foi tudo demais para ela, por mais que lhe queira bem. E o bebê que esperava dele também não deu certo, teve um aborto, teria sido tão bom, não era para acontecer, afinal de contas, foi melhor assim, principalmente agora que Herbert não está e seu benfeitor prefere mil vezes que ela não tenha bebê algum, pois ficou claro para o bom homem que o nenê poderia ser de outro, não se pode levar-lhe a mal.

Assim, ficam sentados tranquilamente, um ao lado do outro, pensando no que ficou para trás e no que vem pela frente, comem Bienenstich e bolo de chocolate com chantilly.

E marcar passo e direita e esquerda e direita e esquerda

Vemos o homem ainda durante o processo contra Reinhold e o funileiro M aliás, Oskar Fischer, por assassinato e, respectivamente, coautoria da pessoa de Emilie Parsunke, de Bernau, em 1o de setembro de 1928, em Freienwalde, nas cercanias de Berlim. Biberkopf não é acusado. O maneta desperta interesse geral, grande sensação, assassinato da

amante, a vida amorosa no submundo, sofreu grave transtorno psicológico após a morte dela, esteve sob suspeita de cumplicidade no crime, destino trágico.

Durante o julgamento, o homem de um só braço dá seu depoimento, o homem, conforme dizem os peritos, está totalmente recuperado e apto a depor: a falecida, ele a chama de Mieze, não mantinha um relacionamento com Reinhold, Reinhold e ele eram bons amigos, mas Reinhold sofria de terrível mania, desnaturada, por mulheres, e assim foi que aconteceu. Se Reinhold tinha tendências sadistas, não sabe. Supõe que Mieze tenha oferecido resistência a Reinhold em Freienwalde, e ele fez aquilo por pura raiva. Sabe algo a respeito da juventude dessa pessoa? Não, não a conhecia na época. Ele não lhe contou nada a respeito? Ele bebia? Sim, o caso é o seguinte: antes, ele não bebia, mas ultimamente começou a beber, quanto, não tem ideia, antigamente não aguentava nem um gole de cerveja, só limonada e café.

Não arrancam de Biberkopf mais nenhuma palavra sobre Reinhold. Nada a respeito do braço, nada sobre sua discussão, sobre sua briga, não devia tê-lo feito, não devia ter me metido

com ele. No público, encontram-se Eva e vários dos rapazes de Pums. Reinhold e Biberkopf se olham fixamente. Compaixão alguma sente o maneta por aquele sentado no banco dos réus entre os dois guardas e que está com a corda no pescoço, apenas uma curiosa afeição. Tive um camarada, melhor não pode haver. Preciso olhar para ele e tornar a olhar, nada é mais importante para mim do que olhar para você. O mundo é feito de açúcar e sujeira, posso olhar para você com toda calma e sem piscar, sei quem você é, encontro você aqui, rapaz, no banco dos réus, lá fora encontro você ainda mil vezes, mas nem por isso meu coração vai virar pedra.

Caso algo corra mal para ele durante o julgamento, Reinhold pretende desmascarar toda a indústria de Pums, quer armar-lhes uma cilada, caso o irrite, tem isso guardado no bolso do colete, principalmente para a eventualidade de Biberkopf querer se pavonear diante do juiz, este cachorro, por causa dele é que tudo aconteceu. Mas os rapazes de Pums estão sentados nos bancos destinados ao público, lá está Eva, lá estão alguns agentes da polícia, os tiras, já conhecemos. E vai se acalmando, hesita e pondera. A gente

depende dos amigos, qualquer dia a gente acaba por sair e, lá dentro, também precisamos deles, e não é de hoje que os tiras não gostam da gente. E também o Biberkopf se comporta muito

bem, curiosamente. Dizem que esteve em Buch. Gozado como o palerma mudou, olhar estranho, como se não conseguisse mexer os olhos, devem ter enferrujado lá em Buch, e fala tão devagar. Continua faltando um parafuso nele. Biberkopf sabe, quando Reinhold nada declara, que nada tem a agradecer ao sujeito.

Dez anos de prisão para Reinhold, homicídio cometido sob violenta emoção, álcool, caráter impulsivo, desamparo na juventude. Reinhold acata a pena.

No público, alguém grita durante o anúncio da sentença e depois soluça alto. É Eva, a lembrança de Mieze foi avassaladora. Ao ouvi-la, Biberkopf vira para trás no banco das testemunhas. Depois desmorona também e põe a mão na testa. Há uma ceifeira, de nome Morte, sou sua, encantadora, veio até junto de ti, protegeu-te, vergonha, três vezes vergonha.

A Biberkopf oferecem logo após o processo um emprego de auxiliar de porteiro numa fábrica de porte médio. Ele aceita. Mais não há a relatar aqui sobre sua vida.

—

Chegamos ao fim desta história. Tornou-se longa, mas precisava alongar-se e alongar-se cada vez mais, até atingir seu clímax, o ponto de inflexão, a partir do qual recai então a luz sobre o todo.

Percorremos uma alameda escura, nenhum lampião ardia a princípio, sabia-se apenas que o caminho era este, aos poucos, se torna clara e cada vez mais clara, por último, lá está o lampião pendurado e pode-se finalmente ler debaixo dele a placa da rua. Foi um processo de revelação muito peculiar. Franz Biberkopf não percorreu a rua como nós. Lançou-se nela às cegas, foi de encontro a árvores, e quanto mais corria, mais trombava nas árvores. Já estava escuro, quando esbarrava nelas, cerrava os olhos com força, horrorizado. E, quanto mais batia, mais horrorizado cerrava os olhos. Com a cabeça cheia de feridas, praticamente desprovido de sentidos, abriu os olhos. A luz do lampião brilhava clara sobre ele e era possível ler a placa.

Ao fim, lá está ele como auxiliar de porteiro de uma fábrica de porte médio. Já não está mais sozinho na Alexanderplatz. Há pessoas à direita e à esquerda dele, e diante dele algumas pessoas caminham, atrás dele caminham algumas pessoas.

Muita desgraça advém do fato de se caminhar sozinho. Quando há mais

pessoas, é bem diferente. É preciso acostumar-se a dar ouvidos a outrem, pois o que os outros dizem também me diz respeito.

Percebo então quem sou e o que sou capaz de empreender. Por toda parte ao meu redor, trava-se minha batalha, preciso ficar atento, antes de atinar com a coisa, já estou metido nela.

É auxiliar de porteiro numa fábrica. Afinal, o que é o destino? Um só é mais forte do que eu. Se somos dois, é bem mais difícil ser mais forte do que eu. Se somos dez, é ainda mais difícil. E se somos mil e um milhão, então é realmente muito difícil.

Mas também é mais agradável e melhor estar junto com outras pessoas. Então eu sinto e sei de tudo muito melhor. Um navio não fica bem firme sem uma grande âncora, e um ser humano não pode estar sozinho sem muitos outros. O que é verdadeiro e o que é falso, isso saberei melhor agora. Uma vez já caí na armadilha de uma palavra, tive de pagar um preço amargo, de novo isso não acontecerá ao Biberkopf. As palavras vêm de roldão por cima da gente, é preciso tomar cuidado para não ser atropelado. Com os ônibus, cuidadinho, senão viras picadinho. Tão cedo não acredito

em mais nada neste mundo. Pátria amada, põe-te em sossego, tenho os olhos abertos e não me meto.

Eles passam marchando por sua janela, com bandeiras e música e canto, Biberkopf olha friamente pela porta e passa bastante tempo tranquilamente em casa. Cale o bico e acerte o passo, marche junto conosco. Se querem que eu marche, vou ter de pagar depois com a cabeça por aquilo que outras pessoas inventaram. Por isso, calculo tudo primeiro e, se chegar a hora e for conveniente para mim, vou agir de acordo. Ao homem foi concedida a razão, ao invés disso, os bois formam uma agremiação.

Biberkopf faz seu trabalho como auxiliar de porteiro, registra os números, controla carros, verifica quem entra e quem sai.

Ficar desperto, ficar desperto, algo está ocorrendo no mundo. O mundo não é feito de açúcar. Se lançarem bombas de gás, vou morrer sufocado, não se sabe por que foram jogadas, mas isso não vem ao caso, haverá tempo para cuidar disso.

Se houver guerra e eles me convocarem e não souber por quê, e a guerra acontecer também sem mim, então terei culpa e será bem feito para mim. Ficar desperto, ficar desperto, não se está sozinho. O ar pode lançar granizo e chuva, não há como se defender contra isso, mas contra muitas outras coisas, é possível. Então não gritarei mais como antes: o destino, o destino. Não é preciso reverenciar isso como sendo o destino, é preciso olhar, tocar e destruir.

Ficar desperto, olhos abertos, atenção, mil pessoas devem estar juntas, quem não despertar será ridicularizado ou aniquilado.

O tambor rufa atrás dele. Marchar, marchar. Seguimos para a guerra com passo firme, caminham conosco cem tocadores de tambor, aurora, crepúsculo, tu nos ilumina rumo à morte precoce.

Biberkopf é um pequeno operário. Sabemos o que sabemos, tivemos de pagar caro por isso.

Rumo à liberdade, direto para a liberdade, o velho mundo precisa sucumbir, desperta, brisa da manhã.

E marcar passo e direita e esquerda e direita e esquerda, marchar, marchar, seguimos para a guerra, caminham conosco cem tocadores de tambor, eles tamborilam e assobiam, rataplã, rataplã, um vai por vias retas, o outro pelas tortas. Um fica parado, o outro cai, um continua a correr, o outro jaz mudo, rataplã, rataplã.

FIM

InfoLivros.org

